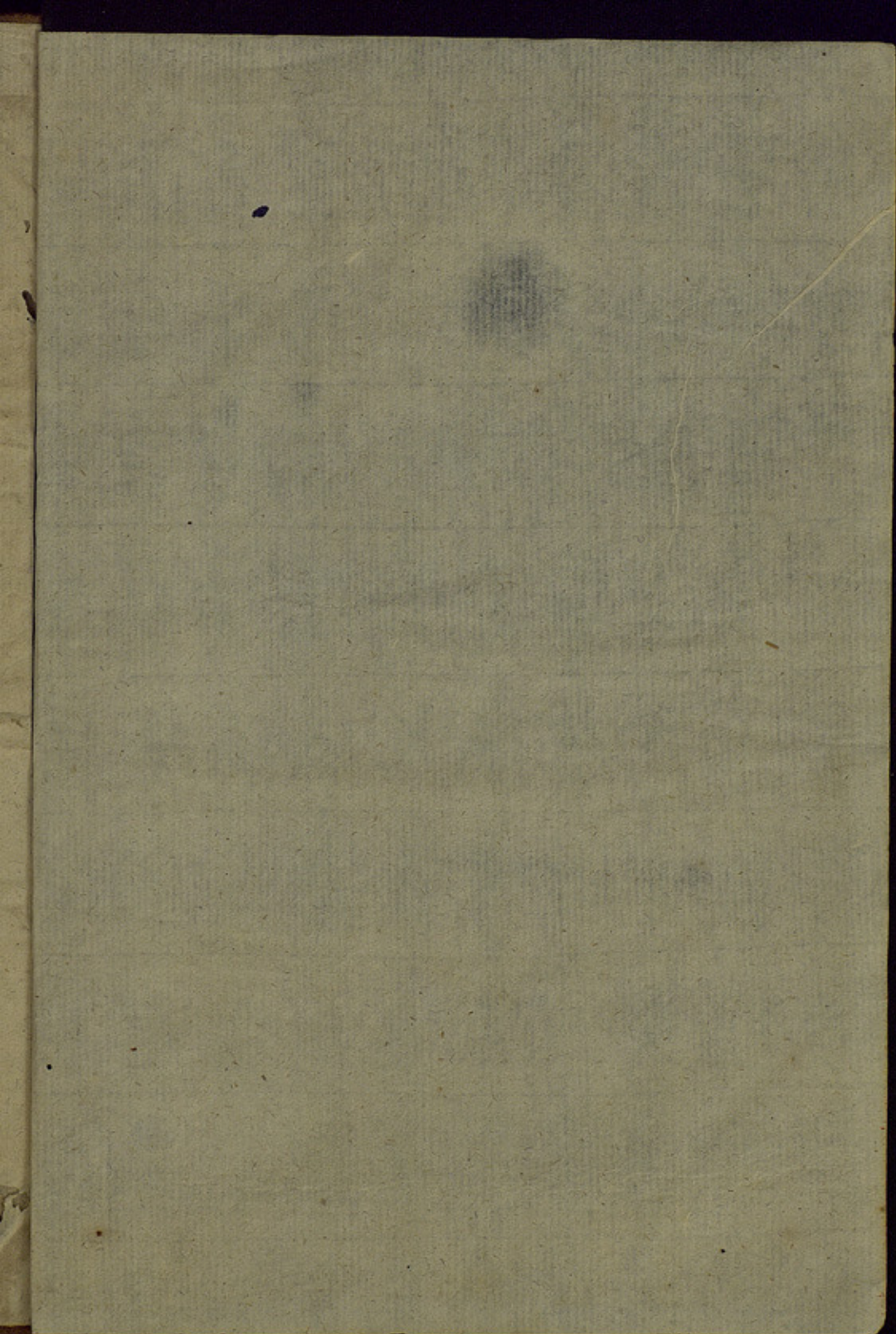




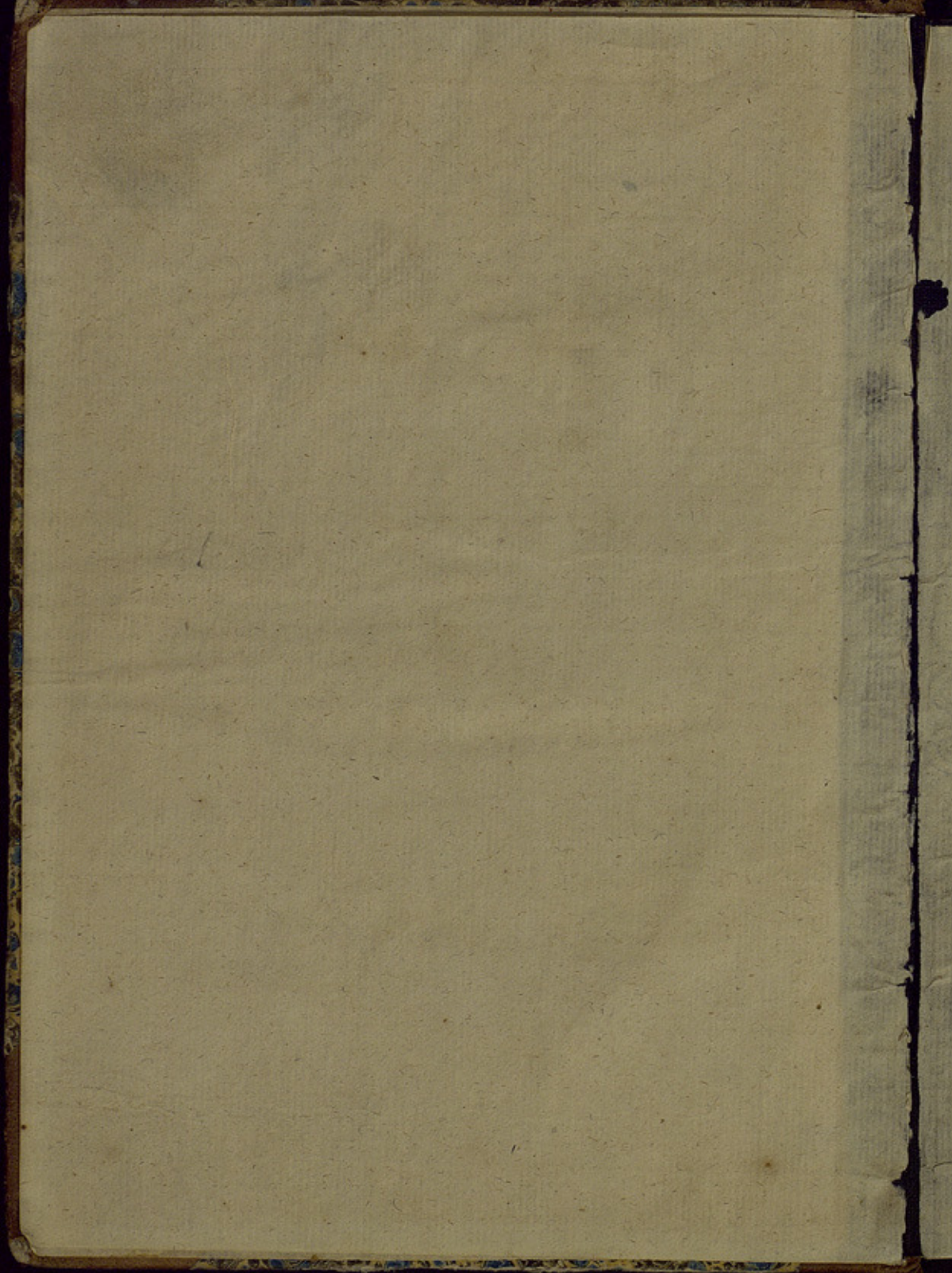


RP  
2  
1





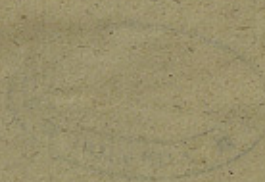




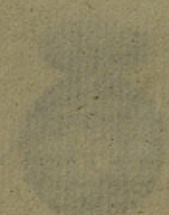


LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS



THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

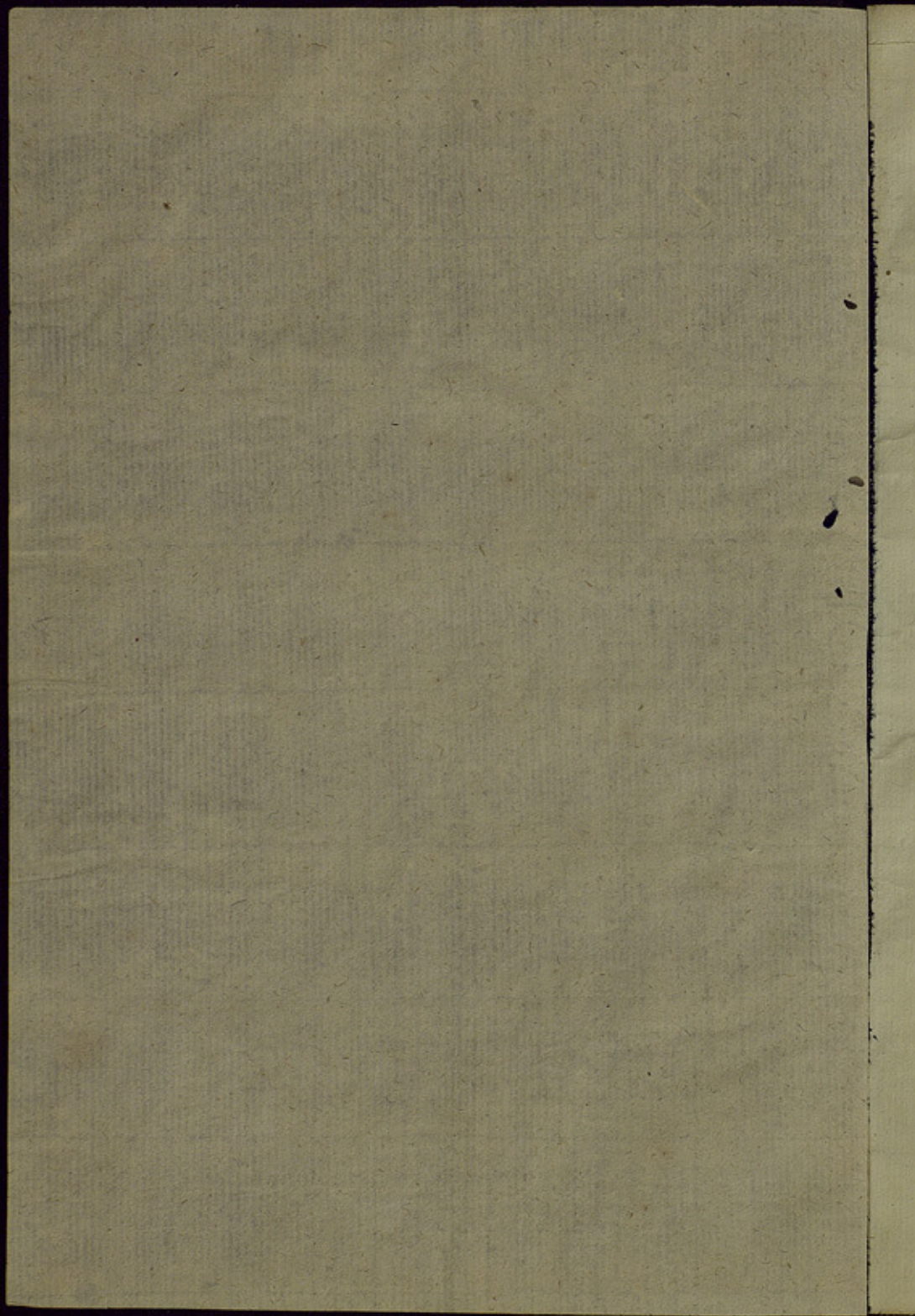


THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS







# JORNAL DE COIMBRA.



1813.



---

VOLUME IV.

---



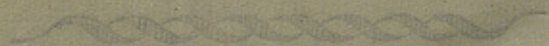
LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA.

---

*Com Licença.*



JORNAL DE COIMBRA.



1818.

VOLUME IV.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com o preço de



## JORNAL DE COIMBRA.

MAIO DE 1813.

Num. XVII.

*Sequimur probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

## ART. I.—

Das Taboas Bibliographicas que nos remetteo Antonio de Almeida, Médico do Real Partido de Penafiel, publicámos a primeira em o Num. XII. pag. 421; segue-se

2.<sup>a</sup> TABOA BIBLIOGRAPHICA

DO

SEculo XIX,

Anno de 1802.

EM THEOLOGIA, MORAL, E PRÁCTICAS RELIGIOSAS.

*Originaes.*

R Esposta á carta do Parocho de S. Jorge de Vargea sobre o voto de pobreza, e á carta crítica, que faz a sua apologia.



Práticas exhortatorias para soccorro dos moribundos, e o novo Ministro dos enfermos. Pelo Padre Bernardo José Pinto de Queiroz, da Ordem de S. Camillo.

Ministro de Jesus Christo no Tribunal da penitencia dirigido por Fr. Manoel de Azevedo, da Antiga Ordem dos Carmelitas. 10 Vol. 8.<sup>o</sup>

Exercício diario do Christão.

Methodo de ajudar os moribundos, no qual se contém tudo quanto diz respeito á assistencia, e administração dos Sacramentos necessários para aquella temivel hora.

Memorial da missão, ou meditações quotidianas para todos os dias da semana: obra util e necessaria a todo o catholico que quizer empregar o dia santamente.

Catecismo intitulado o fiel Christão na Igreja militante pelo Dom Abbade Francisco de Mattos Calado.

#### Traducções.

Horas da Semana Santa em Portuguez com estampas, que mostram os passos de Christo Nosso Senhor, accrescentadas com as meditações das lagrimas de Nossa Senhora, e orações para a confissão, e communhão.

Promptuario de Theologia moral de Larraga. Sexta edição correcta, emendada, e accrescentada com hum Dissertação sobre os Lugares Theologicos. 3 Vol. 8.<sup>o</sup>

O Evangelho em Triunfo, ou história de hum Philosopho desenganado. 4 Vol. de 8.<sup>o</sup>

#### EM MEDICINA E PHARMACIA.

##### Originæes.

Pharmacopéa Lisboneuse, ou colleção dos simplices, preparações e composições mais efficazes, e de maior uso; por Manoel Joaquim Henriques de Paiva. Segunda edição.

Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gotta escriptas em Latim com a traducção em frente pelo Dr. Francisco Tavares, Physico Mór do Reino.

#### Traducções.

Tratado completo de Anatomia de Mr. Sabatier. 6 Vol. 8.<sup>o</sup>

Compendio das enfermidades venereas pelo Dr. João Frederico Tritze, traduzido e accrescentado com notas por Mnoel Joaquim Henriques de Paiva.

Medicina doméstica, ou tratado de prevenir e curar as enfermida-



des, etc. de Guilherme Buchan, traduzido com várias notas, e observações concernentes ao clima de Portugal e do Brazil, etc. e hum appendice sobre os hospitaes navaes, etc. por M. J. H. de Paiva. 4 tomos. Segunda edição.

#### EM PHILOSOPHIA E CHYMICA.

##### *Originaes.*

Philosophia chymica, ou verdades fundamentaes de todas as Sciencias e Artes, Agricultura e Commercio, elementos da felicidade pública.

O Philosopho discursivo sobre a história da Philosophia, e principios physicos do composto natural. Obra dirigida á instrucção dos Philosophos Candidatos.

Noticia dos mappas sinopticos da Chymica para servirem de resumo ás lições dadas sobre esta Sciencia nas Escólas de Paris por Fourcroy, composta por Manoel Joaquim Henriques de Paiva.

#### EM HISTÓRIA E GEOGRAPHIA.

##### *Originaes.*

O memorial das instructivas palavras, e edificantes obras da veneravel Madre Marianna da Purificação, natural de Lisboa, Religiosa do Carmo no Convento da Esperança de Béja, onde ha pouco se descobrio legalmente o seu corpo inteiro havendo sido sepultado ha 107 annos. Por Fr. Miguel de Azevedo.

Revolução e estado actual da França. O 6.º tomo.

##### *Traducções.*

Relação circunstanciada da pompa funebre e solemne com que a 17 de Fevereiro foi encontrado á porta Flaminia, e conduzido á Basilica Vaticana o corpo de Pio VI. de saudosa memoria: traduzida com o Latim em frente.

O Philosopho Inglez, ou historia de Claveland filho de Cromwel. 8 folhetos.

O Viajante Universal. Os tomos 16.º até 19.º

História geral de Portugal por Mr. de la Clede. O tomo 16.º

#### EM GRAMMATICA.

##### *Originaes.*

Methodo novo, facil, e breve para os meninos aprenderem a ler o idioma Portuguez por huma só carta, e com huma só regra.



Instrucções sobre os exames dos mestres de primeiras letras, assim para os que pertenderem oppor-se ás Cadeiras vagas, como para os que querem ter Escólas públicas, ou ensinar por casas. *Magnum Lexicon Latinum, et Lusitanum &c.* da Congregação da 3.<sup>a</sup> Ordem.

EM POLITICA, AGRICULTURA, E COMMERCIO.

*Originaes.*

Discursos sobre varios objectos relativos á cultura, e melhoramento interno do Reino com 39 estampas, que demonstrão as suas verdades. Impressos por ordem do Principe Regente N. S. Exercício mercantil, que trata do valor das moedas, das medições, e do uso das decimaes, etc. O 2.<sup>o</sup> tomo. Lições breves e simples sobre o modo de fazer vinho, extrahidas das melhores obras, que a este respeito se tem publicado. Balanço geral do negocio com a formalidade dos livros auxiliares, e geraes. Obra indispensavel a todas as pessoas que se destinão ao Commercio. Novo tratado de diferentes modos de fazer vinhos os mais simples, e os melhores para que possam conservar-se com a arte de os melhorar, conservar, e restabelecer quando forem defeituosos.

*Tradueções.*

Guia de Negociantes, e de Guarda Livros. Trad. 2.<sup>a</sup> edição.

EM POESIA.

*Originaes.*

Egloga intitulada a guerra, e a paz da Europa. Por Antonio Joaquim de Carvalho. Drama á paz. Por Francisco Joaquim Bingre. Marília de Dirceu: poesias novamente impressas, e accrescentadas com algumas Lyras, que ainda se não tinham estampado. Poesias de Francisco Alvares Nobrega. O 3.<sup>o</sup> folheto. Noute da serração da velha. Obras Poeticas de Nicoláo Tolentino d' Almeida. 2 tomos de 8.<sup>o</sup> Jornada á Corte do Parnaso, ou medicina proveitosa para algumas enfermidades de que adoecem não poucos dos presumidos Poetas. Obras Poeticas de Francisco Manoel Gomes Malhão. 1. Vol. Jesualdo. — Tragedia. Episodio á morte de D. José Francisco da Costa.



Obras Poéticas relativas a diversos objectos.

VARIÉDADES.

*Originaes.*

Espreitador do mundo novo. Periodico mensal, por José Daniel Rodrigues.

Programma de hum Philosopho sobre a guerra e a paz da Europa. Novidades Litterarias Philosophicas, Scientificas, Poeticas, e mercantis. Periodico.

O piolho viajante, cujas viagens são divididas em mil e huma carapuça. 5 folhetos.

As Variedades. 20 cadernos.

*Traducções.*

Pensamentos sublimes de Massillon, por Mr. de la Porte. Trad. em Portuguez.

NOVELLAS.

*Originaes.*

Os tragicos successos dos infelizes amantes Toruncha, e Zeinira. Leituras uteis, e divertidas. 8 núm.

Anecdota sobre o quanto he perigoso contrafazer as vocações.

*Traducções.*

O sacrificio frustrado, ou felicidade no último lance. Traduzida do Inglez por huma Senhora.

Os sonhos dos homens acordados, ou os mil e hum serões. 15 folhetos.

Galatée: Novella pastoril traduzida por Manoel Maria Barbosa du Bocage.

Os amigos rivaes.

A mania do jogo.

Aventuras de D. Olimpia.

As mil e huma noites. 7 Vol. 8.<sup>o</sup>

Os Principes de Armenia.

Rogério e Victor. Traduzida por Bocage.



## ART. II.—

*Dissertação prévia sobre o merecimento de João de Barros, e sobre os Neoterismos, Arcaísmos, e Idiotismos da Língua Portuguesa. Por Antonio Pereira de Figueiredo.*

O titulo da Obra de Antonio Pereira d'onde ésta Dissertação foi tirada, he o seguinte :

“Espirito da Língua e Eloquencia Portuguesa, extrahido das Décadas do insigne Escriptor João de Barros, e reduzido a hum Diccionario Critico das suas palavras e frases mais especiaes, confirmadas ou illustradas juntamente com as de Fr. Bernardo de Brito, de Fr. Luiz de Sousa, do Padre Antonio Vieira. Seu Author . . . . o dedica e consagra ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Villa Nova da Cerveira, Secretario e Ministro d'Estado dos Negocios do Reino.”

Depois da Dedicatoria, que tem a data de 4 de Dezembro de 1777, segue-se a Dissertação prévia, que agora se imprime; depois d'ella vem o Diccionario, e ultimamente trez Catalogos hum de Brito, outro de Sousa, outro de Vieira.

Ainda que Pereira offerecesse ésta Obra á Impressão, he certo que não pôde conseguir vella publicada até ao anno de 1781; e então offereceo elle á Academia Real das Sciencias de Lisboa o corpo do Diccionario, que com effeito se imprimio no Tom. III. das Memorias de Litteratura.

Agora publicamos a Dissertação que precedia ao dito Diccionario, e que se não deve confundir com outra sobre o mesmo assumpto que Antonio Pereira offereceo á Academia das Sciencias, e que se imprimio no Tom. IV. das Memorias de Litteratura.



Não he cousa nova compôr hum Diccionario particular das palavras e frases d'hum Autor: e prouvéra a Deos que o que eu agora faço a João de Barros, o fizessem outros a Brito, Sousa, e Vieira, que são os quatro Escriptores, cujo merecimento está entre nós mais calificado, pelo muito que se esmerarão em fallar e escrever a sua Lingua. Com estes materiaes, e com as grandes achegas que podiamos tirar de Castanheda, dos Sermões de Diogo de Paiva, dos Commentarios d' Affonso d' Albuquerque o filho, da vida de S. Francisco Xavier do Padre Lucena, do Oriente conquistado do Padre Francisco de Sousa, da vida de D. João de Castro de Jacintho Freire, das Obras Juridicas de Manoel Rodrigues Leitão, das Asceticas do Padre Manoel Bernardes; e entre os Poetas de Luiz de Camões, Antonio Ferreira, Jorge de Monte-Maior, e Francisco Rodrigues Lobo; com todos estes se poderia formalizar hum Diccionario de Lingua.

Para supprir a esta falta, he que eu no fim d'este Diccionario darei tres Catalogos, não completos, mas só para servirem de desenho; hum de Brito, outro de Sousa, outro de Vieira, cada hum na forma que os achei nos Cadernos dos meus Apointamentos, para servirem de incentivo a quem com mais vagar quizer estende-los e augmenta-los.

E como grande parte das reflexões que vem n'este Diccionario, e nos Catalogos, são sôbre materias Orthographicas, he necessario consultar as Edições Originaes, a saber de Barros a primeira Decada, Lisboa 1552; a segunda, Lisboa 1553; a terceira, Lisboa 1563. De Fr. Luiz de Sousa, a Historia da Ordem de S. Domingos, Convento de Bemfica 1623. Vieira, Sermões 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> Tom. Lisboa 1679 e 1682. Pelo que pertence a Brito, huma pessoa douta, que me communicou varios Apointamentos sôbre elle, me disse os tinha tirado da Chronica de Cister, Lisboa 1620, da Monarchia Lusitana, Lisboa 1690.

Não he minha tenção reformar a Linguagem que aprendemos no berço; porque querer dar-lhe maior pulimento á vista dos adjutorios de que abunda, seria empreza louca. Mas seja-me licito perguntar: falla-se hoje com aquella propriedade e simplicidade que admiramos em Barros? Escreve-se com a gravidade de Sousa? Ora-se com aquella economia de discurso, que faz o caracter de Vieira? Escreve alguem Historia com a madureza dos Anciãos como Brito? Logo se loo verdadeiro estilo Portuguez he o que hoje reina entre nós, pouco ou nada souberão delle aquelles a quem a idade de nossos Avós respeitou como Mestres da Lingua.



A quatro cousas pois attendi n'este Diccionario: 1.<sup>a</sup> autorisar com exemplos de Barros muitos verbos e nomes de que outros até agora os não apontarão tão bons: 2.<sup>a</sup> descobrir a origem de muitos vocabulos, principalmente daquelles que conquistada pelos nossos a Asia aos Mouros, estão na quasi posse de Cidadãos: 3.<sup>a</sup> patentear os grandes thesouros de Eloquencia, que se achão nas excellentes translações de Barros; porquê a Eloquencia consiste na propriedade das palavras, e na belleza das figuras; para este fim li eu attentamente tres vezes cada huma das tres Dedicadas: 4.<sup>a</sup> desengañar os Leitores que preferir os termos Francezes aos nossos, he querer ser pobre entre a mesma abundancia.

Para cortar o subterfugio que podem fazer contra a imitação, prudente dos Escriptores antigos, será bom averiguar a intelligencia do dito de Horacio, *Si volet usus*, etc. concedo que o uso e costume he a regra de fallar; mas este uso e costume he o Consenso dos eruditos: *consuetudinem voco consensum Eruditorum*. Estes eruditos fallando das vozes facultativas pode-lo-hão ser os Mestres de cada huma dellas, mas fallando das vozes nacionaes não podem ser outros senão os Historiadores, Oradores, e Poetas Classicos: assim o entendeo Quintiliano; e assim devemos por consequente entender a respeito da Lingua e eloquencia Portuguesa.

Prova-se isto porque sendo necessario hum Arbitro a que se possa recorrer em toda a occasião, este não o pôde ser nenhum particular, porque o seu merecimento não está ainda decidido pelo geral consenso da Nação: logo só o podem ser os Escriptores Classicos.

Corrobora-se esta Prova, porque o mesmo que antigamente usavão os Romanos com a sua Lingua, se deve tambem usar com a nossa.

Ora he notorio que nas controversias que havia a respeito da Lingua Latina, recorrião os Romanos a seus antigos Mestres, como consta das Cartas de Cicero a Pomponio: e segundo o diverso grão de estima em que via que elles estavão, assim como chamava *Bonus Latinitatis Auctor* a Terencio, tambem chamava *Malus Latinitatis Auctor* a Pacuvio (1). He celebre a este respeito a controversia que houve entre Cicero e Pompeio, sobre se em huma Inscripção pública se havia de pôr — *Tertius Consul*, ou *Tertium Consul* — e não se podendo ajustar, resolverão por III. *Cos.* Vê-se mais, que decahindo a Lingua Latina por morte de Augusto, todos os que se applicavão a escrevella bem, seguão os Escriptores que tinham florecido cem e mais annos attaz; e estando ainda viva a mesma Lingua emitem

(\*) Ad Attic. L. 7. Ep. 3.



po: de Constantino, e de Theodosio, os Estudantes Christãos a  
aprendião nas Aulas do Occidente das Obras de Cicero, e de  
Virgilio, como consta de Santo Agostinho, e do nosso Paulo  
Orosio. Daqui vem tambem que Plinio, o moço louva nas  
suas Cartas a hum seu amigo de usar quando escrevia de palavras  
*senantia et antiqua*. E o Grammatico Rhemio Palenton (se me  
não engano no nome) disse huma vez a Tiberio, que aliás era  
douto na Lingua: *Tu Caesar, Civitatem hominibus dare potes,  
verbis non potes*. Não teve tanto valor o Grammatico Faviano,  
tratando da mesma materia com Hadriano. Cedro Favorino, o  
motejado de cobarde respondia: "Como quereis vós que eu re-  
sistisse a hum homem, que ainda que não tenha razão no que  
diz, tem de seu hum Exercito de trinta Legiões?"

Corrobora-se mais aquella doutrina porque a esta mesma in-  
telligencia estiverão sempre os Eruditos da sua respectiva Lingua,  
e dos nossos tempos. Quando a Academia das Bellas Letras em  
França compôz o Dictionario da Lingua em tempo de Luiz XIV.  
na Lista que formou das Obras que podião servir de modelo aos  
que a quizessem fallar bem, contou entre outras o *Decameron*,  
ou divertimento de dez dias de Margarida Rainha de Navarra,  
Irmã de Francisco I. Vauvozi confessa que as Obras de Boccacci,  
Escriptor do mesmo Seculo XVI., são de hum grandissimo socorro  
para a Lingua Toscana, de que elle o chama *Mestri*. Os Aca-  
demicos de Madrid em tempo de Filippe IV. declararão por textos  
da Lingua Castellhana muitos Autores Nacionaes, que haviam flor-  
recido em tempo de Filippe II. como Miguel de Cervantes, Fr.  
Luiz de Granada, e Santa Thereza. Em nossa idade disse em  
Lisboa hum Prégador de nome a palavra *encher gar*; foi-lhe isto  
censurado, até que chegou da Bahia huma remessa de novos  
Manuscriptos do Padre Vieira, onde se achava o mesmo verbo;  
admito-me que homens sábios o não tivessem lido na Historia  
de Fr. Luiz de Sousa, a quem Vieira seguia como Mestre e nor-  
ma.

Na Congregação me ensinarão aquelles Padres que se não  
devia dizer *conversa*, nem *milhora*, nem *recreo*, porque nos  
bons Autores se achava *conversação*, *milhora*, *recreação*.  
E lembrado estou que quando no anno de 54 trabalhava eu a  
Defensa do Novo Methodo, me dissuadia meu Mestre, que  
fôra de Theologia, o Padre José Clemente, de escrever *Lingua  
florente*, porque Sousa (1) disse *Reino florecante em paz*, e  
Vieira (2) *Florecente Vara*.

Concluimos pois que o uso e costume que faz regra de bem

(1) L. 1. Cap. 11.  
(2) Serm. de N. Senhora da Glória.



fallar qualquer Lingua, ainda das vivas; he o uso dos seus Autores Classicos, ou o dos que, antes de o chegarem a ser, regulão por elles o que fallão.

Entre os Escriptores porém da Lingua Portugueza, são especialmente recommendaveis os do Seculo de 500, que foi como a nossa idade aurea, e he Principe de todos Barros, que foi como o Marco Varrão dos Portuguezes. Nem d'aquí se segue o absurdo, que admittido o principio, não nos será nunca licito introduzir ha nossa Lingua palavra alguma nova, e que ao contrario podêmos usar de quantos vocabulos antigos se encontrão nos Escriptores do Seculo 16. Porque quanto ás palavras novas respondo, que como a materia de Linguas toda he arbitraria (pois como disse Quintiliano *observatio fecit artem*) o mesmo consenso dos Eruditos, que estabeleceo para regra das palavras Nacionaes o uso de certos Escriptores calificados para isso; esse mesmo permittio que quando nos Escriptores Classicos de huma Lingua se não achasse sufficiente cópia de palavras necessarias, se tomassem estas como emprestadas dos Escriptores Classicos de outra Lingua. Horacio aconselhava que fossem buscar as palavras á fonte Grega, *Græco si fonte cadant*: João de Barros aconselhava que as fossemos buscar á Latina, veja-se o Dialogo em louvor da nossa Linguagem, impresso na Collecção de varias Obras do Autor, feita pelos Monges da Cartucha 1785, pag. 223. A mesma regra da Duarte Nunes do Lião na sua *Origem da Lingua Portugueza*.

Segundo o conselho de Horacio foram muitos os vocabulos que os Romanos tirarão dos Gregos, mas não foram tambem poucos os que tomárão de outras Nações: Quintiliano os aponta. De Cicero consta que em seu tempo se começára a usar dos nomes, *beatitas*, *beatitudo*, *favor*, *urbanus*, *appietas*, *lentalitas*. Virgilio cre-se que foi o primeiro que disse, *malesuada* (AEn. 6. 276.) Tito Livio, *audaciter*. Marco Antonio, *piissimus*. Columella, *inclinissimus*. E depois da morte de Augusto até o Imperio dos Antoninos, he certo que a Lingua Latina se augmentou huma terça parte mais do que antes possuía, por industria de Seneca, dos dois Plinios, de Tacito, de Frontino, de Suetonio, de Quintiliano, de Gellio, e dos antigos Jurisconsultos, cujas Decisões temos hoje nas Pandectas. Entretanto confessava Quintiliano que ainda no seu tempo estava pobre a Lingua Latina: *Sermonis paupertate laboramus* (L. 8. Cap. 3.)

O mesmo que fizerão os Romanos, e o que aconselha Barros, o praticou nas suas Decadas, tomando da Lingua Latina *agro*, *avaricia*, *electo*, *rixoso*, *plaga*, *pugnar*, *patrizar*. Da Castelhana *padre*, *madre*, *perla*, *sombreiro*, *endeverçar*, *exalçameato*, e a formula *a la mar*. As quaes palavras



não devemos crer que fosse Barros o primeiro que as introduziu, mas já achou ou todas ou parte adoptadas pelos seus Maiores; como já o estava a palavra *guiza*, tomada da Lingua Toscana; donde também nos vierão, *arnez*, *orgulho*, etc.

Tambem Fr. Bernardo de Brito tomou da Lingua Latina, *potestade*, *presentissimo*, *libação*, *invite*, *sago*; da Castellhana, *accyro*, *rocio*, *rociar*, *denodadamente*.

O Padre Vieira tomou dos Latinos, *conspecto*, *cerviz*, *arcano*, etc.; dos Castelhanos, *buena dicha*, *brazonar*, etc. E creio que dos Italianos he que tomou o verbo *alfonar*, e o Adjectivo *bravo*, quando disse *brava maravilha*, no que o precedeo Fr. Bernardo de Brito, quando disse *braveza do templo*; e Sousa, *disgraciado*.

Quantas d'estas cousas se eu hoje as dissera ou escrevêra, seriam logo censuradas! E ellas são todas de quem as ouvimos. O caso he que ninguem por mais que leia, pôde ter lido tudo, nem ter presente tudo o que lêo. Por isso ninguem deve ser facil em censurar: se em algum Portuguez do nosso tempo encontrar *Gage* por pinhor, saiba que ainda que tomado da Lingua Franceza, he de Fr. Bernardo de Brito. Se encontrar *Trair* por entregar á traição, saiba que ainda que da mesma origem, he do Veneravel Padre Quental, que tanto sabia o que fallava, como o que fazia. Se encontrar *desnudar*, *incogitavel*, *eructar*, *illapso*, *propinquidade*, *prestamento*, *muchissimas cousas*: saiba que todos são do Padre Bernardes, que não cede aos outros senão em tempo.

Atégora fallámos das palavras, que os nossos tomáram ou da Lingua Latina, ou das outras cultas da Europa. E se fallarmos das que elles ha duzentos e sincoenta annos a esta parte trouxeram dos Mouros da India? Barros nos certifica que não forão poucas. Mas como todas yão notadas no corpo do Diccionario, para elle remetto os meus Leitores: e aqui só farei memoria de algumas novas, que Barros, e os que o succederão formáram das que já tinham naturalisadas, e que com termo Greco-Latino podemos chamar Neoterismos da nossa Lingua.

*Neoterismos da Lingua Portugueza.*

Taes reputo eu os seguintes verbos e nomes de João de Barros: *derrabar*, *desalagar*, *desemniastear*, *desenoiolar*, *embarbasar*, *embetesgar-se*, *enfardelar*, *engafeter*, *escudar*, *humildar-se*, *mercadejar*, *montear*, *ornamentar*, *compridão*, *fresquidão*, *levidão*, *negridão*.

Taes os seguintes de Fr. Bernardo de Brito: *achanar* por *aplanar*, *afermozentado*, *agrãdabilissimo*, *chaneza*, *desacobardar*,



desacordar, desaferrolhar, desamar, desapropositado, desazo, desocavalgar, sequidão, sobegidão, pilanaz. Taes os seguintes de Fr. Luiz de Sousa: ajudador, apostolar, arrostar, cabecear, desaforamento, desacentado, desasistido, desconmodidade, desindivíduo, desmezurado, lustrado, honraria, honrinha, realengo.

Taes os seguintes do Padre Antonio Vieira: attontado, barbatear, boquear, desbaptizar, desgarro, desigualar, despintar, despontar, desqueixar, desquerer, entapizado, semjustiça. O qual nome semjustiça formou Vieira á imitação do sensabor de Fr. Luiz de Sousa; de menasprego de Fr. Bernardo de Britto; e do que hoje dizemos todos semrazão.

Taes finalmente os tres seguintes do Padre Manoel Bernardes, chamejar, espêlhar-se, vermelhejar.

Porém entre tantas palavras novas, que os nossos Escriptores introduziram na Lingua Portuguesa á imitação dos antigos Romanos, humas tomadas da Lingua Latina, outras formadas das que já tinham; me lembra agora como razão de duvidar o célebre dito de Julio Cesar nos seus Livros da Analogia: *Novum atque insolens verbum devita tanquam scopolum*. Foge como de hum cachopo da palavra nova e desacostumada. Confirma-me na dúvida saber, que n'humas das suas *Filippicas* motejára Cicero a Marco Antonio por ter usado do novo superlativo *Piissimus*; e que o Imperador Tiberio, segundo nos informa Suetonio, primeiro que tomasse na bocca o nome Grego *monoplium*, pedira venia ao Senado, ante cuja presença orava. Pois se he licito introduzir na Lingua Latina palavras novas, ou tomadas da Grega, ou formadas das que já ha, que sentido pôde ter o dito de Cesar, que fundamenta a censura de Cicero, que razão o receio de Tiberio?

Em humas questões toda nova não posso responder senão o que as minhas fracas luzes me ajudão. Digo pois que todas as referidas autoridades se devem entender de sorte que o sentido d'ellas seja, que ho uso de palavras novas devemos proceder com muita cautela; não as usando senão em caso de necessidade, e ainda então com modestia, e tomando venia aos Leitores. E se a palavra for recebida, succeder-lhe-ha o mesmo que a outras, que já forão novas, e agora são correntes; quando não, será como nas modas, as quaes huma vez são bem recebidas, outra logo desprezadas pelos mesmos que talvez depois as admitem. Com effeito, o superlativo *piissimus* depois de censurado por Cicero a Marco Antonio, veio a ser recebido depois, como consta de Seneca, Q. Curcio, e C. Tacito. Das seguintes passagens de Cicero se vê a modestia com que elle usava de nomes novos: *Eum amorem, atque eum, ut hoc verbo utar, favorem in consilium advocabo.* — *Hominem non solum sapientem; verum etiam, ut aunc loquimar, urbanum.* — *Ista siue Beatitas siue Beatitudo dicenda est (utrumque omnino durum, sed usu molienda nobis vera sunt).*



He de saber que 150 annos antes de Cicero tinha já usado Terencio de *Urbanus* nos *Adelph. Act. 1 Scen. 1*. Cicero que aprendia d'elle, não o podia ignorar, e comtudo toma a salva que vimos. Estava logo Cicero na intelligencia que quando se tratava de escrever bem a *Lingua Latina*, a idade de Terencio era a sua. Por que como Terencio era em tempo de Cicero o arbitrio de fallar bem Latim, o mesmo era em tempo de Cicero fallar bem esta *Lingua*, que fallá-la como Terencio. Esta minha reflexão, que creio ser original na materia, he outra nova confirmação de que o uso, e costume dos Eruditos, em que Horacio e Quintiliano põem a regra de fallar bem, não he o de quaesquer Eruditos, mas o dos Escritores Classicos d'aquella *Lingua*, e dos que com elles se conformão.

Tornando á introdução de palavras novas, devemos nella seguir a modestia de Cicero; e se isto se deve observar a respeito das *Linguas Matrices*, o que diremos das estranhas? He certo que as palavras, que os Romanos adoptarão das *Linguas não Matrices*, comparadas com as que tirarão da Grega, são tão poucas, que todas juntas não fazem estas a trigessima parte d'aquellas. Entre nós he inegavel que n'estes ultimos 30 annos se tem adoptado da *Lingua Franceza* mais vocabulos, do que do tempo de Barros até o de Vieira se adoptarão da *Latina*.

Esta liberdade tem causado huma tal alteração ou corrupção na *Lingua Portuguesa*, que se reputa hoje Portuguez chacoco; tudo o que he do Seculo 500. De sorte que os Romanos no Seculo de 700 da fundação de Roma calificavão de bom Latim o que no Seculo 1500 da mesma fundação fallayão com Terencio todos os Classicos: nós no Seculo 700 da fundação do Reino, causa-nos nojo fallar o que no Seculo de 300 fallarão com Camões os Gamas, Almeidas, e Albuquerque. Em tempo de Trajano e dos Antoninos, todo o cuidado dos bons Romanos era imitar os antigos Mestres; hoje não satisfaz Sousa, nem Vieira, porque são muito Portuguezes. Já se não diz *exação*, mas *exacção*; não *agulha de marcar*, mas *bússola*: não *desenganar*, mas *desabuzar*; não *á redea solta*, mas *a toda a brida*. Valha-me Deos com tal espirito de innovar! Naturalisem-se muito embora estes termos, mas não se desnaturalisem aquelles.

Arcaismos da *Lingua Portuguesa*.  
 Vejamoslo que se deve dizer do uso das palavras antigas, que era a segunda parte da objecção. Os Grammaticos lhe chamão *Arcaismos*, e a regra mais prudente he a que nos ensinou Duarte Nunes na Obra cit. Cap. ult. onde diz: *Que quando quizermos*



usar de palavras antigas, tomemos d'ellas as mais novas, e das novas as mais antigas.

Digo pois que os Arcaísmos se podem dividir em duas classes, huma das palavras antiquadas, outra das antigas. Antiquadas são as que de Seculos se achão abrogadas, por exemplo: *sá* por *sua*, *hu* por *onde*, *lidino* por *legítimo*, *filhar* por *tomar*, etc. D'estas por via de regra ninguem deve usar, sob pena de incorrer na reprehensão que do Grammatico Favorino me lembra ter lido n'hum Autor antigo, ou Gallio, ou Macrobio. Era em tempo de Hadriano quando hum moço Romano se pôz a fallar com o Philosopho tudo palavras da primeira antiguidade, ao qual motejou Favorino, dizendo: "Marco Curio, Fabricio, e Coruncanio antiquissimos Cidadãos nossos, e os Horacios Tergeminos, que forão ainda mais antigos que elles, fallarão claramente e chãmente pelas palavras de sua idade, e não pelas dos Aruncanos, Sicanos, ou Pelasgos, que antes d'elles forão: e tu agora, como se fallasses com a mãe de Evandro, usas de linguagem que he mais de mil annos, para te não entenderem o que dizes: o que se era o que tu, homem nescio, pertendias, isso mesmo podias conseguir callando-te. Se te contentas dos antigos, usa dos costumes do seu tempo, porém as palavras sejam das d'agora."

De proposito disse por via de regra, por que ha casos em que licitamente se pôde usar d'estas palavras, os quaes apontão os Rhetóricos seguindo a Quintiliano. Este observa, e com elle Vossio, que o mesmo Virgilio não duvidou usar de algumas palavras, que já estavam fóra do uso, e isto para conciliar ao seu Poema aquella magestade e respeito, que consigo trazem as cousas antigas.

Temos exemplo no L. 1 da Eneid. — *Olli subridens hominum pater*, por *illi*. E L. 12, *Ego foedera fædo firma manu*, por *faciam*. *Dii te averruncent*, de que usou Cícero e Livio. Assim se podem considerar entre nós *Al não disse*, e *algo* d'onde vem Fidalgo: Proes e precalços que se dizem dos Offícios, porque *Prol* na Lingua primeva era o mesmo que favor, ajuda, segundo se cõhe do Nobiliário do Conde D. Pedro: o *Prol* faça de que ainda usou Barros pelo que hoje se diz, seja muito para bem.

Palavras antigas podemos chamar aquellas que desde o tempo de Barros até ao de Vieira (que foi o em que mais se cultivou o estudo da Lingua, se ficarão conservando entre nós ao menos nas Provincias, que tambem estas tem seu voto na materia. Taes são: *após*, *acatamento*, *desacatamento*, *desacato*, *desacatar*, *etaviar*, etc. E d'estas sem dúvida podemos usar, porque ainda que não sejam muito do gosto dos nossos cultos, basta para a nossa imitação ser bem fundada, que o fossem do de Barros, Brito, Vieira, ao qual se quer por tão famigerado e visinho aos nossos tempos, ninguem se envergonhará de seguir.

Esta doutrina milita ainda com maior força de razão a res-



peito d'outras palavras dos mesmos quatro Escriptores, que, se bem hoje estejam esquecidas entre nós, tem com tudo grande cognição e parentesco com outras, que em seu lugar usamos: por ex. nós dissemos: *embocar*, *encostar*, *encurtar*, *encurvar*; temos porém em Barros *abocar* e *acurvar*, em Britto *acostar*, em Vileira *acurtar*. ¿Porque nos havemos esquecer d'estes verbos?

Já quando os verbos são tão expressivos e engraçados na derivacão como *agricultar*, *ortar*, *escudar*, *ornamentar*, em Barros; *achunar* em Britto, ainda o nosso esquecimento he mais estranhavel.

¿Que direi de certas Orthographias que, sendo correntes entre os Mestres de Lingua não ha ainda cem annos, hoje se reputão erradas ou plebéas? Todos os quatro Escriptores dizem: *devação*, *estamago*, *calidade*, *calificar*, *fermoso*, *prantar*, *rembrante*, *infelice*: e hoje dirão que estas são já humas velhices insofriveis.

Não quero dizer que seja ruim Orthographia escrever *devação*, etc.; mas quero dizer, que visto terem ellas tão bons exemplares, não as censuremos em quem ainda hoje quizer assim fallar. E tambem que me sirvão estes exemplares de huma nova prova de que em materias de fallar e escrever não he regra certa o recurso á origem ou analogia das palavras entre si, e que quando se nos pedir a razão porque escrevemos d'este ou d'aquelle modo, a resposta mais concludente he dizer o *sic voluere priores*.

#### Idiotismos da Lingua Portugueza.

Depois de tratarmos dos Neoterismos ou Arcaísmos da Lingua Portugueza, segue-se dizer alguma cousa dos seus Idiotismos; que por esta palavra formada do nome *Idiota*, ou Grego ou Latino, julguei eu, que podia significar as palavras proprias do vulgo ignorante. E noto primeiramente, que huma cousa he estilo popular, outra estilo plebeo. O estilo popular em frase de Cicero he o estilo de toda a Nação, em quanto o nome de Povo comprehende todos os Estados d'ella, e este he o que devemos seguir, fallando e escrevendo popularmente, isto he, como falla e escreve toda a Nação bem disciplinada. O contrario he o que se chama estilo affectado e exotico.

Observo 2.<sup>o</sup> que o estilo popular não se oppõe ao estilo nobre, nem ainda ao sublime; porque o que constitue o estilo nobre e sublime he a propriedade das palavras, a clareza da dicção, a valentia das metaphoras, e outras figuras da translação e proporção, e ultimamente o peso das sentenças; e que todas estas virtudes se podem achar no estilo popular, mostrallo-ha por todo o discurso d'este Diccionario o estilo de João de Barros, que he



na Lingua Portuguesa, como foi na Latina, o de Julio Cesar, cujos Commentarios não acabava Cicero de louvar de huma simplicidade elevada, e de huma magestade como nativa. De sorte que o douto Alemão Begger em nossos dias, no seu Tratado *De naturali pulchritudine Orationis*, tomou a Cesar por exemplar do estilo sublime.

Ria-se já em tempo de Nero o célebre Satyrico Petronio Arbitro do estilo doce de alguns Romanos, que tudo o que dizião era muito enfeitado e assucarado: *melitos verborum globulos, verba sesamo et papavere condita*: como se disseramos em Portuguez, confeitos de mel, palavras de gergelim. Devião estas ser entre os Romanos das suas golodices mais estimadas.

Não está o bom estilo em fallar como não fallão os outros, está em fallar como todos fallão, quando fallão as palavras proprias da Lingua.

Noto 3.<sup>o</sup>: que as palavras não as faz populares ou plebeas a pessoa que as falla, mas a sua mesma qualidade. Huma he a plebe na Republica Civil, outra a plebe na Republica das Letras. *Entolhar, enxergar, enxotar, finar-se, maravilhar-se, matar-se* por amofinar-se, *tolher* por impedir ou prohibir, *topar, trepar, azo, desazo, azado, avelado, passante de trinta, passante de quarenta*: estas palavras digo, ainda que as tome na boca hum grumete, sempre são palavras populares dignas, ingenuas. Pelo contrario, *algures, nenhures, cenreira, corriqueiro, gualdido, rafado, falcatrúa*; ainda que quem as diga seja hum grande Theologo, hum grande Philosopho, sempre são plebeas, vis, baixas. Na mesma classe põe Duarte Nunes de Leão *adergar*, por acertar, *escasfeder*, *patronear*, *ralé*, *rascoa*, *trebelho*, e muitas outras no referido Tratado da Origem da Lingua Portuguesa Cap. XVII. que he *De alguns vocabulos que usão os plebeos e idiotas, que os homens polidos não devem usar*.

Porém neste mesmo lugar nos dá Duarte Nunes de Leão, ainda sem querer, huma nova confirmação do que tantas vezes temos repetido n'esta Dissertação: isto he, que em materia de Linguas a unica regra certa he a autoridade dos seus Escriptores provados e approvados, e não o juizo d'este, ou d'aquelloutro Professor, por mais sabio e grave que seja n'outro genero de Litteratura; porque no sobredito Cap. XVII. mette Duarte Nunes entre os vocabulos plebeos *escapular*, e *quebrantar*, que quarenta annos atraz erão correntes na penna de João de Barros: mette *atroar*, e *escarmentar*, que com o mesmo Barros usarão depois Sousa, e Vieira; mette *lindo*, e *ufano*, que quasi pelo mesmo tempo de Nunes agradava a Britto: mette *esmerar-se*, que tambem agradou muito a Sousa, e a Vieira: mette *definhar*, que tambem he de Vieira: mette finalmente *sagar*, que com todos os mesmos quatro Escriptores dizemos hoje todos sem neuhum reparo.



He de saber, que todas ou quasi todas aquellas palavras, que acima apontámos por exemplo das plebeas, forão antigamente Portuguezas como outras: mas como então era a infancia da Lingua, e os Seculos mais polidos as não julgáão dignas do uso commum da Nação; ficáão depois sendo reputadas por baixas, sórdidas, e de nenhuma conta. Os Entremezes de Gil Vicente, que forão escriptos em tempo d'El-Rei D. Manoel, algum tanto antes de João de Barros, e que taes quaes são o unico exemplar, que d'aquelle tempo temos do estilo Cómico, dão boa prova de que as mais das palavras, que hoje notámos no nosso vulgo são vindas a nós, e conservadas até agora desde aquelles Seculos da Lingua rude Portugueza; por que ali achámos entre outras *adergar*, *birra*, *fatiota*, *entonces*, *quejando*, *eu sam* em lugar de eu sou: para d'aqui conhecermos tambem d'onde veio o *samos* na primeira pessoa do plural, que ainda hoje ouvimos a tanta gente, não da infima plebe.

Concluo a minha Dissertação repetindo o mesmo por onde ella começou; que he, que na composição d'este Diccionario não foi minha tenção emendar nem reformar a Lingua. Falle e escreva cada hum como bem lhe parecer; com tanto que não leve a mal, que em materia, onde os mesmos preceitos todos são arbitrarios, não tenhamos todos huns mesmos sentimentos. E fique o meu Diccionario reputado, ou da minha parte por hum mera diversão dos Estudos Maiores, ou da parte dos Leitores por hum honesto entretenimento do ocio.

#### ART. VI. —

*Vida e Feitos do Exm. D. Fr. Caetano d'Annuniação Brandão, Religioso da Congregação da Terceira Ordem da Penitencia, Bispo do Pará, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas.*

Temos em nosso poder varios Escriptos do Exm. D. Caetano da Annuniação Brandão, que iremos publicando em o nosso Jornal, como poder ser. Nos quatro Num., que hão de fazer o IV. Vol. d'este Periodico, publicaremos o Diario de quatro Visitas Pastoraes, que elle fez, quando estava Bispo no Pará. No presente Num. publicámos a primeira d'aquellas quatro Visitas, fazendo-a preceder de hum Prólogo do seu A., e de hum epitome historico da sua vida.



*Epítome historico da vida do Exm. D. Fr. Caetano  
d' Annuniação Brandão.*

O Exm. D. Fr. Caetano d' Annuniação Brandão nasceu aos 11 de Setembro de 1740 no Lugar de Loureiro, Comarca da Feira, Bispado do Porto. Pouco se poderá averiguar de seus primeiros annos: as acções da infancia apenas se marcão e apontão nas pessoas de mais alta jerarchia. Foi Noviço, e professou a Terceira Ordem de S. Francisco no Collegio de S. Pedro de Coimbra em 28 de Novembro de 1759. No mesmo Collegio se applicou ás Sciencias proprias do seu estado; frequentou a Universidade, e n'ella recebeu o Gráo de Bacharel em Theologia.

Chamado ás Opposições das Cadeiras da Ordem pelo Provincial, que então era o famoso Cenaculo, que depois foi Confessor e Mestre do Principe D. José, Presidente da Meza Censoria, Bispo de Béja, e hoje Arcebispo d' Evora, sahio Professor de Theologia. Exemplar no desempenho das suas obrigações do Magisterio, elle exercia juntamente os penosos ministerios do pulpito e confissionario: a natureza porém succumbio ao péso de tantas fadigas; pelo que foi obrigado, para evitar a total ruina da sua saúde, a mudar-se para o seu Convento de Vianna d'Alemtéjo. Melhorando com a mudança continuou a trabalhar com a mesma, ou maior actividade; e parece que seu espirito se afervorava cada vez mais no zélo da salvação das almas. Logo que a Rainha N. S. Resolveo enviar Missionarios para a Africa, elle se offereceo para ser hum d'elles; mas o respeitavel Provincial, que então era Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento, representou a S. Magestade que a partida de tão benemerito Religioso se fazia mui sensivel e penosa a toda a sua Corporação: Fr. Caetano adorou os Juizos do Senhor, e desistio de toda a sua pertença. Falecendo poucos annos depois o Bispo do Pará D. Fr. João Evangelista, da Terceira Ordem, quiz a Soberana continuar á mesma Ordem as honras, e distincções, que sempre lhe fizeram seus Augustos Predecessores, e não satisfeita de haver nomeado para Bispo de Pekim ao Mestre e Doutor em Mathematica na Universidade de Coimbra, Fr. Alexandre de Gouvêa (\*), e de se achar o P. Mestre Fr. José Mainé, que era Religioso da mesma Ordem, Deputado da Bulla, da Me-

---

(\*) Foi o primeiro Regular, que em Coimbra se doutorou em Sciencias Naturaes. He Author de hum Cathecismo na Língua Chinezã, que em pouco tempo fez.



za Censoria, e Confessor do Senhor Rei D. Pedro, tendo por companheiro o P. Fr. Antonio Baptista Abrantes, hoje Confessor da Princeza N. S., S. M. promoveo, em Agosto de 1782, a Fr. Caetano, que residia no R. Collegio do Espirito Sancto d'Evora, a Bispo do Pará.

Foi Sagrado a 2 de Fevereiro de 1783, e embarcou logo para a sua Diocese; aonde suas Emprezas, suas Obras, Virtudes, Pastoraes, Diarios, e outros Escriptos Luminosos; a fundação e dotação de dous Hospitaes para homens e mulheres, e de hum Seminario, reparos de Templos, e suas alfaías, etc. o conceituárao de tal modo para com a Rainha N. S., que falecendo S. A. o Senhor D. Gaspar, Arcebispo de Braga, S. Magestade, querendo dar aquella Igreja hum Prelado, que renovasse a memoria dos Bartholomeus, Fructuosos, Geraldos, e outros illustres e Sanctos Pontífices, que honrâo aquella Cadeira Archiepiscopal, nomeou o Exm. D. Fr. Caetano d'Annuniação Brandão, por Aviso de 28 d'Abril de 1789; Arcebispo Primaz.

Transferido d'hum Igreja pobrissima para a mais nobre, e das mais ricas do Reino, o Exm. D. Fr. Caetano continuou a viver no seu particular como Religioso, e no Público abominou sempre o fausto, como alheio e improprio dos Successores dos Apostolos. Se não fossem tão respeitaveis e unanimes as testemunhas; senão houvesse tantas provas decisivas, ninguém se persuadiria da parcimonia, com que se tratava, e á sua indispensavel familia. A erecção do Seminario de S. Caetano, em que sustentava e educava mais de 100 Orfãos, a casa, que tinha para meninas, as grossas esmollas ao Hospital de Braga, o sustento de pobres invalidos, e outras muitas obras de piedade e utilidade pública, consummiao as rendas da Mitra. As visitas de todo o Arcebispado, a prégação da Divina Palavra, até de todo cançar, todos os seus trabalhos, são bem notorios; o temor da morte, com que os Medicos o ameaçavão senão relaxasse hum pouco dos effeitos do seu zelo, nunca o pôde alterar; só grave molestia, e tal que o tolhesse, o impedia; e apenas recobrava alguma força continuava, respondendo aos amigos e Professores que morreria no seu Officio: com effeito chegou a morte, e no breve intervallo de trez dias, actos de Religião, colloquios amorosos, actos de resignação, hum a fé viva e animada, mostráo que a morte dos Justos he sempre feliz e preciosa, elle poderia dizer que *havia trabalhado e peijado valerosamente, que lhe restava a Coroa de Justiça, que o Senhor tem preparado para os seus servos fieis.* — Morreo em Dezembro de 1805.



*Prólogo ao Diario das Visitas do Exm. D. Fr. Caetano  
d'Annuniação Brandão, Bispo do Pará, feito pelo mes-  
mo Prelado, sendo já Arcebispo de Braga.*

Antes de deixar o Reino para proseguirmos a sorte, que a Providencia nos tinha destinado no Grão Pará, algumas pessoas muito dignas da nossa íntima confiança e amizade, temendo que a longa distancia que hia a separar-nos corporalmente influísse para a frieza e distracção dos espiritos, e consequentemente para se alterar entre elles o mutuo commercio de súplicas contrahido desde muitos annos, nos pedirão quizessemos sustentar esta doce alliança, aproveitando todas as occasiões, e meios favoraveis para isso. Tal foi o primeiro intuito a que esta Relação deve a sua existencia. Pensámos que não podíamos dar ás pessoas nossas amigas hum testemunho menos equivoco da nossa cordialidade do que mostrando-lhes effectivamente que a sua lembrança longe de soffrer algum abalo entre os cuidados annexos ao Ministerio Pastoral, com elles se nutria, e mesmo era a que nos confortava no tempo em que nos viamos mais opprimidos d'elles; qual he sem contestação o tempo das visitas, e visitas de lugares embrenhados no fundo do Sertão d' America, onde nunca tinham chegado os influxos da presença do primeiro Pastor; estando por isso muito mais necessitados de cultura.

Accresce, que sendo aquellas pessoas, de reconhecida probidade, e muito zelo pela salvação das almas, com este penhor da nossa estima nos pareceo que se lhes administrava juntamente assás materia para as suas pias considerações tanto nas noticias de muitas misérias, e calamidades espirituaes, que soffre aquelle infeliz Povo, e de que vão semeados todos os Diarios; como nas Reflexões (\*) juntas no fim d'elles, que só com este sentido as trabalhámos; e por isso sem nos occuparmos muito das noções physicas, e de mera curiosidade, constará da sua leitura, que em tudo nos dirigimos sempre ao Moral.

Eis-aqui outro motivo que nos fezprehender este trabalho. Não costumão os Capitães Generaes d'aquelle, e talvez dos mais Estados Ultramarinos, estender as viagens a todos os luga-

---

(\*) Tambem possuímos estas Reflexões (são seis): mas não teremos talvez lugar para as imprimir antes do V. Vol., isto he, do Num. XXI. (*Redactores.*)



res pertencentes á sua administração : a excessiva distancia em que alguns d'elles ficão da Capital offerece difficuldades assás temerosas, que se não podem vencer sem muitos gastos (†), e ainda

(†) Quando fosse necessario produzir provas de que demandão enormes despesas as Viagens dos Capitães Generaes d'aquella Capitania, e de todas as mais, para corroborar a asserção d'aquelle respeitavel Prelado, bastaria dizer-se, que o Exm. Fernando da Costa Ataide Teive, porque fez muitas a diversos pontos d'aquelle Estado, e em particular ao Macapá por occasião da valente Fortaleza, que no tempo do seu Governo (foi desde 1763 até 1773), e debaixo da sua inspecção se construiu n'aquella Villa consummio o rendimento da sua Casa, e grandes sôldos, e contrahio além d'isso huma divida á Companhia, hoje extincta, do Grão Pará e Maranhão de 48:750\$000 reis, que o anno passado acabou de pagar-se por consignaçoão ; e mais de 8:000\$000 reis a dous seus amigos, que igualmente estão pagos.

He verdade, que o Exm. Fernando da Costa estragou por aquelle modo a sua Casa, e deixou seus filhos em algum apêto ; mas estes e aquelle tem a glória de que seus Serviços forão de muita importancia e utilidade pública. He energico e fiel o Retrato que do Exm. F. da C. de proposito fez Antonio José Landi, Academico Clementino no Instituto das Sciencias de Bolonha, Architecto ao Serviço de Portugal, nas poucas palavras seguintes :

*Sibi malus.*

*Alienis bonus.*

*Gloria temporibus.*

Sua Magestade conheceo tanto o Serviço do Exm. F. da C., que á sua chegada a Lisboa o despachou Governador da Praça de Almeida, e das Armas da Provincia da Beira, que foi até ao anno de 1792 : Encarregado do Governo das Armas da Provincia do Alentejo desde aquelle anno até 1805. Morreo finalmente em Janeiro de 1807, Tenente General, Conselheiro de Guerra, Grão Cruz da Ordem de S. Thiago da Espada, etc.

A Familia do Exm. Fernando da Costa he conhecida pelo appellido de *Mequinez*, que vem do seguinte facto :

Gaspar da Costa de Ataide, General do Mar no Reinado do Senhor D. Pedro II., sendo mandado sahir de Guarda Cósta, encontrou-se no alto mar com huma Esquadra Moura, deu-lhe caça, e ella acoutando-se na Barra de Fez elle a seguio, entrou no Porto deu huma banda d'artilharia, virou de bôrdo deu outra, e tornou a sahir. Encontrou-se segunda vez depois, tornou a dar-lhe caça ; os Mouros fugirão, e entrãrão em *Mequinez*, aonde elle



sem hum animo intrépido, e aturada fadiga. D'aqui vem que illudidos com as falsas informações de pessoas, que tem interesse mais que tudo em desfigurar os objectos, acabão muitas vezes o seu Governo sem formar huma justa idéa das verdadeiras necessidades do Estado para lhe applicarem o remedio conveniente.

Julgámos pois que huma Relação imparcial, e bem circumstanciada dos Lugares, e da sua população, progresso, ou atrazamento da agricultura, negocio das canoas, abusos enormes que se costumão praticar a este respeito, e de outros muitos objectos apontados nos Diarios; julgámos, digo, que huma tal descripção tendo a fortuna de chegar ás mãos d'algum dos Governadores não poderia deixar de vir a ser proficua áquelle Estado, attrahindo-lhe sábias providencias, que estanquem, ou pelo menos diminúão em alguma parte a somma de tantos males, de que são victima infelicissima principalmente os pobres Indios. E com effeito temos motivo para dizer, que fomos enganados n'este pensamento, por quanto achando-nos depois na Corte hum Fidalgo, nomeado para General da Capitania do Pará, quiz ler esta Relação; e da sua leitura sabemos, tirára bastantes estímulos para arrancar alguns abusos, e promover vantagens assás consideraveis no tempo do seu Governo. Poderámos ainda ajuntar hum grande soccorro de pannos e ferramentas, e outras providencias, que o Gentio do Serião do Rio Negro alcançou da Soberana; para o que não influirão pouco estas noticias participadas por nós ao Ministro de Estrado dos Negocios Ultramarinos, no designio de facilitar a conversão d'aquelles barbaros.

tambem entrou, queimou parte da Esquadra inimiga no Pôrto, impoz huma contribuição, fez acclamar o nome Portuguez, e sahio. — Do que resultou ficar conhecida esta Familia por *Mequinez*.

He curiosa a seguinte anecdotia do mesmo General Gaspar da Costa:

Sendo elle mandado sahir em outra occasião de Guarda Cós-ta, representou que a Capitanea fazia ágoa; mas a Mestrança da Ribeira das Nãos informou do contrário a El-Rei, que pugnava pelo bom estado da Náo. O General pediu a El-Rei que mandasse a Mestrança para bórdo para de commum acôrdo com elle examinareem o estado do Navio; logo que a Mestrança esteve a bórdo, mandou o General levantar ferro, e á sahida da Barra começou a Náo a fazer muitas polegadas d'ágoa; então mandou elle para o serviço das bombas a Mestrança (que nesse tempo andava de Capa e Volta), e só depois de muitas rogativas he que virou de rumo, e tornou a entrar no Pôrto de Lisboa: dirigindo-se immediatamente ao Palacio da Corte Real, assegurou a El-Rei que a Mestrança informaria a Sua Magestade do estado do Navio.

(Redactores.)



Finalmente encarregado do Governo espirital de huma Diocese tão vasta no seu terreno como a do Pará, que abrange algumas quinhentas legoas de diametro, persuadimo-nos que n'este compendio de noticias, adquiridas por nós mesmos pessoalmente, achariamos hum grande recurso para o feliz exito da nossa administração: tendo assim quasi diante dos olhos hum mappa das cousas mais notaveis do Bispado, por onde nos regulassemos com o possivel acerto no exercicio das funcções Pastoraes. E foi esta ainda huma terceira razão, que nos moveo a pôr em escriptura as observações das mencionadas Visitas.

Não diremos nada do estilo da obra, senão que he o nosso proprio e genial, quero dizer, simples, corrente, sem affectação, nem mais ornato do que aquelle, que sahe naturalmente com a concepção das idéas: por cujo motivo debalde pertenderá alguém descobrir aqui periodos magnificos, imagens brilhantes, ou outras quaesquer bellezas da eloquência; além de ser tudo isto acima do nosso genio rasteiro, não era muito propria, para facilitar essas graças encantadoras a huma vida sempre occupada, como a que costumavamos proseguir nas visitas da America: acontecendo muitas vezes não acharmos outro tempo para escrever estas especies senão aquelle, que a natureza fatigada estava reclamando invencivelmente para o descanso do somno. De huma cousa sómente podêmos segurar aos Leitores (a mais recommendavel sem dúvida em semelhantes escriptos), e he que não devem ter receio que deliberadamente faltassemos á verdade; pois sempre nos esmerámos em referir os factos com ingenuidade, e candura, seguindo a impressão que elles fazião no nosso espirito. Muitas vezes, pôde ser, teremos soffrido engano n'estas relações, mas não receámos que se diga, e menos, que se próve que em alguma d'ellas fosse o nosso intento enganar. E assim com este testemunho fiel da nossa consciencia nos despedimos dos Leitores. Bem advertido que presentemente não desejámos outros, senão os alumnos do Seminario de S. Caetano (\*). Tendo sido sempre

---

(\*) Ha em Braga dous Seminarios, hum antigo, intitulado de S. Pedro (he o Archiepiscopal), outro de S. Caetano, que foi instituido pelo Exm. Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão. O Instituto d'este Seminario he huma boa Educação Christã e liberal de meninos orphãos, para cada hum dos quaes se escolhe a profissão, ou modo de vida, que parece mais do seu genio. Sabem d'ali para a Vida Ecclesiastica, Medicina, Cirurgia, Officios mechanicos, etc. O mesmo Prelado creou, em beneficio d'aquelles orphãos, até huma Cadeira de Anatomia, Cirurgia Prática, etc.: e d'ali sahirão bons Cirurgiões.

Ha em Braga hum Estabelecimento de Caridade chamado *Micho*,



em vida os filhos da nossa predilecção, a nossa Coroa, e a nossa alegria, parece justo que na morte sejam também com preferencia os herdeiros, e depositarios do unico bem proprio que nos resta

tão antigo que mal se póde liquidar a sua origem. Todos os dias pela manhã cedo se distribue no Paço Archiepiscopal aos pobres, que a esse fim concorrem, grande quantidade de pães de milho. Ha hum Clerigo, assistente mesmo no Paço, encarregdo da administração d'esta esmola, isto he, do Micho (1): e no mesmo Pa-

(1) No Mosteiro dos Religiosos de S. Bernardo de Alcobaca dá-se todos os dias huma semelhante esmola, com o mesmo nome. A estes respeito temos as seguintes informações:

“Por tradição dos Póvos dos Coutos d' Alcobaca consta terem obrigação os Padres do Mosteiro de dar hum moio de pão cozido de esmola cada dia, a que chamão Micho, o qual he composto de milho, trigo, centeio, e cevada, que não he desagradavel no sabor; esta esmola está presentemente reduzida de quatro a seis alqueires, ou pela diminuição dos póvos, ou pela diminuição das rendas do mesmo Mosteiro conforme a confissão dos Padres, e sabe-se ser muito maior antigamente a porção que se repartia por cada individuo, assim como era muito maior a porção do mesmo pão que tinham os Religiosos no seu Refeitório, cujo tamanho se acha lavrado em pedra no mesmo Refeitório para servir de nórma ao tamanho que devia ter o pão pertencente ao Religioso, que também diminuiu muito, ficando em menos da quarta parte: igualmente costumavão dar botica e cama aos doentes dos Coutos, que apresentavão Certidões dos Medicos assignadas pelos Parochos; e presentemente só dão botica fazendo petição ao Padre Geral.”

“Além d'estas esmolas que os Religiosos de Alcobaca dão aos póvos, elles tem obrigação como Padroeiros do Convento dos Religiosos Arrabidos fundado por cima da Chaqueda na Freguezia de Evora, que tem por titular S. Maria Magdalena, tem obrigação, digo, de lhe pagar por ordinaria vinte seis mil e oitocentos reis em dinheiro na renda do Julgado: duas arrobas e meia de cera em pão na renda d'Evora: quatro cantaros d'azeite na renda de Santa Catharina: meia arroba de vacca cada semana, excepto Advento e Quaresma, em que costumavão dar huma esmola de peixe secco: dezaseis pães cada semana, que em outro tempo erão de mais de arratel: huma borracha de vinho de quatro canadas para Missas, reduzida agora a duas canadas, o que tudo fórma a ordinaria do Padroado instituido pelo Cardeal Rei quando Commendatario da Real Abbadia; no qual tempo fundou o Convento da Magdalena para os Religiosos Arrabidos a quem muito venerava, assim como os seus Reaes Predecessores, e o quiz fundar naquell-



sobre a terra, quero dizer, dos nossos pensamentos consignados n'este, e n'outros manuscriptos.

Pelo que confiámos muito que todos os meninos do dito Se-

ço he o seu celeiro. Algumas Igrejas do Arcebispado são obrigadas a pagar á Exm.<sup>a</sup> Mitra para o celeiro do Micho varias Pensões em

le sitio em que estava já hum Ermida dedicada a S. Maria Magdalena de quem o mesmo Real Commendatario era especial devoto, e a festejava annualmente mandando prégar na Solemnidade hum Religioso de S. Bernardo, ainda antes da fundação do Convento Arrabido, e por isso até hoje se conserva o costume de ser o Prégador da Festa da mesma Titular hum Religioso do Mosteiro de S. Bernardo, assim como se conserva a antiguidade de se offerecer ao Prégador hum abobora carneira e hum manjerição, offerta propria da pobreza restricta d'aquelles Religiosos, e que bem denota a Santa Sinceridade d'aquelles tempos.

“Extincta porém a Commenda d'Alcobaça, e obtendo os Religiosos do Real Mosteiro Bullas Pontificias para elegerem Abbades triennaes, pois os tinham vitalícios e sujeitos a Claraval, e constituido o Abbade d'Alcobaça Geral Reformador da Congregação d'este Reino, veio a ficar, por esta mudança, o Convento da Magdalena sem Padroeiro, e consequentemente os Religiosos Arrabidos sem a ordinaria estabelecida pelo Real Commendatario, seu Fundador.”

“Porém a requerimento do Provincial dos Padres Arrabidos foi servido o Senhor Rei D. João IV. de gloriosa memoria mandar por hum Carta Regia dirigida ao Abbade Geral, que visto ter sido o Real Commendatario o Senhor Cardeal D. Henrique fundador do Convento da Magdalena, e ter-lhe estabelecido a ordinaria dos bens d'aquelle Mosteiro, se annexasse á Abbadia o padroado do Convento dos Padres Arrabidos com a pensão d'aquelle ordinaria, que os mesmos Padres recebião em quanto Commenda.”

“Receberão os Religiosos do Real Mosteiro as Regias Determinações com todo o respeito e devoção por ser muita a que consagravão aos Reformados filhos de S. Francisco do Convento da Magdalena, e accrescentarão ao Padroado varias esmolos, que se augmentarão á medida de sua devota piedade para com os mesmos Religiosos, sendo entre muitas bem distincta aquella com que se offerecerão para o curativo dos seus enfermos, dando-lhes casa e tudo o necessario, menos a roupa, a qual esmola e outras mais continuarão sem interrupção até Dezembro de 1807, em que cessarão todas, tanto esmolos como a ordinaria.”

“Recorreo então á Poderosa Piedade do Principe Regente N. S. o Ministro Provincial dos Padres Arrabidos Fr. Luiz de S. Tho-



minário, assim presentes, como futuros, reconhecendo esta singular estima de que nos são devedores, se empenhem como á porfia em pedir a Deos por quem tanto assim os distinguio sem

pão, vinho, e outros generos; impostas não só na Dizimaria, mas tambem em todos os mais fructos dos mesmos Benefícios, tanto Passaes, como dos Fóros, e de todos os mais rendimentos (2). Eis-aqui muito em resumo a idéa do *Micho* de Braga.

mas, sendo Guardião do Convento da Magdalena o Padre Fr. José d' Annunciação, e expondo a gravissima necessidade em que se achava o Convento pela falta da sua respectiva ordinaria, devendo além da inclemencia dos tempos e diminuição das esmolas sustentar mais alguns Religiosos, que a elle se tinham recolhido, obrigados a sair de Mafra pela invasão dos Francezes: foi servido S. A. R. mandar por Aviso de 3 de Novembro de 1809, datado no Palácio de S. Cruz junto ao Rio de Janeiro, que o D. Abbade Geral Esmoler Mór continuasse a pagar não só a ordinaria e mais esmolas do costume, mas até mesmo que pagasse as que se tivessem vencido, incluindo-se nesta Real Ordem expressamente a mesma esmola do curativo e enterro dos Religiosos, vindo a ficar para o D. Abbade d'aquelle Real Mosteiro rigorosa obrigação não só a ordinaria do Padroado, mas até mesmo o que d' antes era gratuita esmola.,,

*Cópia do Aviso.*

Sendo presente ao Principe Regente N. S. o requerimento incluso do Ministro Provincial da Provincia de S. Maria d' Arrabida, em que se queixa da falta de pagamento da ordinaria, e de outros artigos desde que Sua Alteza Real se retirou para a Corte do Rio de Janeiro, que V. S. he obrigado a contribuir como Padroeiro do Convento de S. Maria Magdalena da dita Provincia, he o mesmo Senhor Servido Ordenar que V. S. mande satisfazer aos ditos Religiosos tudo o que se estiver devendo da dita ordinaria, curativo, enterro dos Religiosos, e de outra qualquer esmola que se lhes costuma dar, e que para o diante se for vencendo, em cuja posse elles se achão por mais de duzentos annos. Deos guarde a V. S. Palácio de Santa Cruz em 3 de Novembro de 1809.

*Conde d' Aguiar.*

Senhor D. Abbade Geral da Congregação de S. Bernardo, Esmoler Mór.

(2) Pela Portaria do Governo d'estes Reinos em data de 10 de Abril de 1811, de todos os Benefícios ecclesiasticos se deve pagar o Terço para despezas do Estado. Propoz-se pois, se o Terço do



mais interesse que o desejo de contribuir, por meio de huma feliz educação, para que depois de terem desempenhado o glorioso titulo de membros do Estado e da Igreja cheguem finalmente a gozar a posse dos bens eternos.

Alguns rapazes, atidos ao Micho, não trabalham, não cuidão no seu estabelecimento; e as consequências são terríveis. Com a erecção do Seminario de S. Caetano diminuiu muito o número dos rapazes, que concorrião ao Micho; e pôde applicar-se parte d'este para rendimento do mesmo Seminario; para o qual o Exm. Instituidor solicitou e conseguiu algumas outras pensões; comprou e deu-lhe huma boa Quinta e Casas na Cidade; e tudo isto depois de ter edificado desde os alicerces o edificio do Seminario junto ao Paço Archiepiscopal, com quem communica por hum arco que cruza a rua de S. Antonio.

Nos arrabaldes de Braga ha hum antigo Convento de Religiosas, intitulado de S. Domingos da Tamanca, aonde o Exm. D. Fr. Caetano sustentava, e educava muitas meninas pobres; comprou por esse motivo, e deu ao Convento grande extensão de terreno, que augmentou muito a cerca do Convento, em que tambem fez obras despendiosas. Ainda hoje ali se fazem maravilhosas obras de mão, principalmente rendas, que ás vezes se não distinguem das boas de França.

A despeza do Hospital de Braga he sempre maior que a receita: recorria-se mui frequentemente ao Exm. Arcebispo, que tudo remediava.

O Seminario de S. Caetano tem Botica; d'ella sahião por esmola os remedios necessarios aos doentes pobres.

Em huma palavra, pessoas veneraveis pela sua piedade não sabem d'onde o Exm. D. Fr. Caetano Brandão podesse haver tanto dinheiro, quanto encaminhava pelas suas mãos a obras de caridade, beneficencia, piedade, etc. (*Redactores.*)

*Micho*, que pertence áquella Contribuição, deve ser á custa do mesmo Micho, ou dos Beneficiados, que pagavão as Pensões; pagando n'este ultimo caso o Beneficiado o Terço de todo o seu Beneficio, e pagando para o Micho a Pensão, como se tal Terço não tivesse pagado: isto he, perguntou-se se a Exm.<sup>a</sup> Mitra tem Direito para obrigar os sobreditos RR. PP. a satisfazer por inteiro a mencionada collecta do Micho; e se estes tem fundamento juridico para se negarem á sua solução. Por huma e outra parte tem havido grandes arrasoados: nós temos á vista huma bem feita collecção dos seus Extractos por hum Doutor, Oppositor ás Cadeiras da Universidade de Coimbra, com o seu voto. Ignorámos se esta questão se resolveo já. Pôde ser que em algum dos nossos Num. seguintes publiquemos aquella collecção.



*Vide pag 19 e seguintes*

DIARIO DAS VISITAS PASTORAES

DO

EX.<sup>mo</sup> D. FR. CAETANO BRANDÃO

NO SEU BISPOADO DO PARA.

1.<sup>a</sup> Visita no anno de 1784.

1. Saímos do Porto da Cidade pelas onze da noute no dia 2 de Julho, e nos dirigimos ao Rio de Carnapijô, a huma Fazenda do Beneficiado Custodio Pacheco Madureira, onde chegámos ao raiar da manhã: ahi fomos recebidos com toda a ostentação; esmerando-se o dito Padre, e seu cunhado em obsequiar-nos, para o que tinham convidado varios sujeitos da Cidade, Sacerdotes, e outras pessoas de bem. Houve Oração na Capella, que foi recitada por hum Seminarista sobrinho do Padre Pacheco, muito bem trabalhada. Disse Missa, préguei ao Evangelho, e chrismei de tarde. — A Capella está lindissima, bello prospecto, espaçosa, e muito açada. A situação das casas he das mais apraziveis; tudo conspira a fazer aquelle lugar agradável. Tem hum engenho de moer cana, com seus alambiques d'agoa ardente: tem algum gado vaccum, e boas terras para arrozaes; e cana.

2. Embarcámos á noutinha, e nos dirigimos á Povoação de Barcarena, deixando á mão esquerda huma Fazenda de Manoel Alves Bandeira, bem collocada, vasta, e fecunda; porém muito mal tratada. Chegámos a Barcarena das 8 para as 9 da noute, e fomos recebidos pelo Ajudante Jeronimo Manoel de Carvalho com grandeza, e com a mesma em todo o sentido nos tratou no dia; do mesmo mez, que foi o tempo que nos demorámos naquelle lugar. — He pequeno: consta de Indios e alguns poucos moradores brancos; está entranhado no mato, sem mais vista, que a do pequeno Rio, de que he banhado: he terreno apto para producção de maniba, cacão, laranja, etc.; mas a falta de braços dá occasião á sua esterilidade. Logo que cheguei, muito de noute, chamei á Igreja a gente da Povoação, e os dispuz para se confessarem todos no outro dia; o que fizeram com bastante decencia que me causou hum gosto inexplicavel. Préguei de manhã e de tarde:

*Parece ser copiado do ms. n.º 189 da  
Bibliotheca da Universidade de Coimbra*



chrismeí quasi todas as pessoas; porque nunca ali tinha chegado Bispo algum. Entre os chrismados foi hum homem, que tinha 125 annos de idade, em bella disposição, alto do corpo, grosso, poucas rugas na cara; era Indio: disse-me, que sempre lograra boa saude, e nunca tivera molestia de consequencia. Tambem ali chrismeí huma menina India de 13 annos, anã; mostrava ter 5 annos; corpo perfeito, só os dedos das mãos grossos e curtos.

3. A's dez para as onze da noute do mesmo dia 5 partimos para *Villa do Conde*, onde aportámos pelas nove horas do outro dia de manhã. — He povoação de Indios, terá 300 almas, muito bem educadas nos mysterios da Religião, o que se deve á incansavel diligencia do Padre João de Góes, Vigario da mesma Povoação. A situação do lugar he das mais bellas, sobranceira a huma vasta bahia do *Marejô*, muito abundante de peixe: as casas se achão bastantemente damificadas: a Igreja he hum bom edificio, obra dos Padres Jesuitas, e está decentemente ornada, posto que com algumas ruinas. Huma grande parte dos moradores se confessarão, e commungarão. Fallei ao Povo varias vezes em dia e meio que estive no lugar. Chrismeí quasi tudo, porque só huma vez ali se tinha visto Prelado, e passva já de 20 annos. Não achei desordens mais grosseiras naquelle Povo. Muitos dos mesmos Indios tinham costume de frequentar os Sacramentos. Causou-me grande gosto, e juntamente ternura ver a innocente simplicidade, com que as Indias me vinhão offerer galinhas, pintainhos, farinha, pacovas, e outros fructos da terra; e muito mais me admirei, quando soube, que sentião vivamente o não se lhes aceitar as suas offertas. Visitei a muitos nas suas casas, e mostravão grande jubilo com esta honra. Observei, que são todos desmazelados no alinhio das suas habitações: quasi todas são da mesma fórma, sem excluir as dos Principaes e Magnates. O terreno he fecundo em maniba, e apto para cacáo, e café; mas ha falta d'este genero, por não haver gente para o cultivarem e tambem por causa da inercia, e ociosidade dos moradores.

4. No dia 6 pelas onze horas da noute arrancámos a ancora, e nos dirigimos a huma Povoação visinha chamada *Béja*. Estava o Rio cresco; chegámos de madrugada ao Pôrto, onde esperámos pelo dia com alguma inquietação das Canoas por causa da braveza das ondas. A's 8 horas saltámos em terra; e como o Pôrto era desabrigado, e ficavão os vasos muito expostos a perigo, dei ordem a fazer-se tudo seguidamente, e com pressa. Visitei a Igreja, préguei, e chrismeí; o que durou até ao meio dia, e então me recolhi á Canôa para proseguir viagem. — A *Villa* he pequena; consta de 300 almas, quasi todos Indios: está bem situada: poucas casas, e essas cobertas de palha, conforme o costume geral dos Indios sem excepção da Igreja; mas postas em muito boa ordem á frente de hum terreiro limpo e desabafado. O caminho



desd' o mesmo terreiro até á praia estava ornado de arcos de murta simplicés, mas agradaveis. A Igreja he pequena, arruinada em muitas partes, pobrissima de tudo; não se pôde ver sem mágoa: estando ouvindo Missa, lembreime do Presepio de Belém, parecendo-me, que Jesus Chaisto não experimentára lá maior desamparo. Com tudo os Indios mostravão estar instruidos sufficientemente nas verdades da nossa Religião; fructo do zêlo do Vigario, Sacerdote de muita probidade. Não achei escandalos maiores nesta Povoação. O terreno produz as mesmas cousas, que o de Villa do Conde, e tambem, como elle, se acha esteril por falta de braços. Todos os Indios e Indias nos acompanháão até á praia, e se não retiráão, em quanto não chegámos ás Canôas, dando-nos demonstraões de jubilo até mesmo nos acenarem com os lenços; o que me encheo de bem ternura.

Logo ao meio dia partimos, encaminhando-nos á *Villa de Albaisté*, aonde chegámos pelas quatro da tarde, ajudados de hum vento favoravel, gosando da vista deliciosissima, que offerece aquelle Rio, não muito largo, com as margens todas cobertas de hum arvoredado elevado, viçoso, e aromatico. Desembacámos ás 5 horas, e logo procedi á visita da Igreja; préguei ao Povo, dispondo-o para se confessarem no outro dia; o que fizeram hum grande parte com o fim de lucrarem as graças do Jubileo, e de receberem o Sacramento do Chrisma. Fallei ao Povo de manhã; e de tarde chrismeí, e tornei a fallar ao Povo. Despachei alguns requerimentos; e do modo possivel conclui a visita da Freguezia de sorte que ás 8 horas para as 9 da noute nos recolhemos ás Canôas, para continuar a derrota. — A Igreja he pequena, mas bonita, e tem seu alinho. Os moradores são quasi todos brancos, ou mestiços em numero de mil e tantas almas, porém espalhados pelas suas rôças, e cacoães?, de maneira que poucas casas se vem junto da Igreja, e essas de palha e muito feias. Alguns escandalos públicos encontrei; porém combatidos fortemente pela actividade do Parocho, que trabalha pelos desarreigar. Descobri falta de instrucção nos Misterios da Religião, a qual se deve attribuir á grande difficuldade, que ali ha, para frequentar o Cathecismo público por conta das distancia, e ser necessario navegar Rios perigosos para chegarem á Igreja. — O terreno he hum dos mais férteis do Estado; produz cacão, café, arrôz, maniba, etc., tudo em muita abundancia. Actualmente não se acha ali Lavrador de mais grosso cabedal por falta de escravos, que rocem; mas como todos trabalhão, e a terra lhes paga o seu suor abundantemente, creio, que em dez, ou doze annos virá a ser o negocio d'esta Villa muito avultado; e mais seria, e em menos tempo, se a Sobe-rana dêsse providencia, para se repartir pelos Lavradores hum certo número d'escravos, ou Indios.

Das onze para a meia noute do dia 8 de Julho sahi-



mos d'aquelle Pôrto, pondo a prôa na *Villa do Macapá*, a principal Colonia que temos na *Guiana Meridional*: ao nascer do Sol estavam fóra do *Rio Tocomanduba* na entrada da bahia do *Marajó*, a qual proseguimos todo o dia 9, sem observarmos cousa mais notavel; sómente proximo á noute, porque faltou o vento, e a maré era contrária, aportando as canôas a huma parte da margem, sahimos a terra. Era lugar deliciosissimo, terreno arenoso, coberto de differentes arvores mui viçosas, e algumas cheias de flores summamente agradaveis. Havia junto ao rio hum barro fino e muito limpo, de que se podéra formar a mais bella louça. Trouxerão-me os Indios certos talos de palmitos de huma arvore chamada *Assaim* muito tenros e miñosos de que mandei fazer hum esperegado para a ceia, a cousa mais excellente, que tenho provado d'este genero; e porque se achão muitas d'estas arvores por aquelles lugares, dei ordem para se fazer mais vezes o tal guisado. Fomos proseguindo toda a noute, e de manhã chegámos ao sitio do Capitão Agostinho Tenorio. Sahindo á terra ás sete horas da manhã, disse Missa; confessámos eu, e meus companheiros (prática observada em todas as partes), chrismei, préguei; em que gastámos até á huma hora: jantámos em casa do mesmo Capitão, que nos tratou com toda a decencia; e ás trez para as quatro nos embarcámos. O lugar tem sua amenidade por causa do grande rio, que o lava; mas as casas são pouco vistosas assim por fóra como por dentro. A Capella he pequena; de asseio ordinario. Tem engenho de moer cana, e de agoa ardente. O terreno por ser alagadiço não dá senão cana, e arrôz.

7. Em menos de duas horas chegámos ao Sitio do Mestre de Campos Pedro Furtado; e logo saltámos em terra, sendo recebidos pelo dito Mestre de Campos, e seu Genro, e mais Familia com grande jubilo, por serem pessoas de muita honra e probidade. Nada mais fizemos n'esse dia; porém no outro (11 de Julho) logo pela manhã entrámos a confessar eu, e meus Companheiros, juntamente com o Vigario da Freguezia; porque só a Familia da casa constava de mais de outenta almas, além das pessoas de fóra. Chrismei, préguei; e nisto nos entretivemos até á huma hora da tarde. Tivemos hum jantar de mimo e accio, o qual completo, tornámos ás canôas pelas tres horas, e proseguimos a viagem. — O sitio he ameno; cahe sôbre huma bahia conhecida pelo nome do mesmo Mestre de Campo. Casas grandes, e mostram antiguidade. A Capella he espaçosa; porém ao modo antigo: ornato commum. Serve-se a Deos n'aquella casa, e cuida-se na instrucção dos escravos. O Pai de Familias he hum homem de mais de 80 annos, veneravel na pessoa, e nos costumes. Contou-me, que seu Pai (que morrêra ainda mais velho) praticára huma virtude sólida até á extrema velhice, levantando-se sempre na profunda noute para a sua Oração, em que gastava duas horas: huma caridade ar-



dente com o próximo, especialmente enfermos; de sorte que a sua casa era o hospital commun d'aquellas circumvisinhanças: elle mesmo applicava os remedios, do que tinha grande conhecimento bebido nos livros, e na experiencia: ainda hoje se observão vestigios d'esta caridade em algumas pessoas da Familia. Achei aqui huma alma com a consciencia muito pura, e de huma conformidade rara entre os grandes trabalhos, que padece. Ha engenho de moer cana de assucar, e de agoa ardente. O terreno produz em abundancia cana, maniba, fructas das mais saborosas, que tenho gostado no Pará, especialmente ananazes e laranjas. A vacca não differe da do Reino no gosto.

8. Pelas trez horas da tarde do dia 11 soltámos a véla, e em todo o tempo até ao outro dia não se offereceo mais nada digno de memoria, exceptuando a vista do quadro agradável, que fórmao constantemente as margens d'aquelles rios, povoadas de arvoredos sempre viçosos e floridos em todo o anno. No dia 12 entrámos no *Rio Paará*, hum dos mais bellos, por não ser muito largo, e dar lugar a gozar-se de perto da vista dos seus frondosos arvoredos, quasi até passar por baixo dos ramos das arvores. Todos os sentidos aqui achão encantos, que os transportão: hum cheiro aromatico perfuma o ar; lindas aves se vem saltar de huns ramos para outros cantando suavemente; vêm-se a cada passo sobressahir por entre as verdes folhas diferentes ramalhetes de flores; aqui cavas profundas formadas pelas correntezas das agoas; lá raizes descarnadas descendo das ribanceiras até o leito do Rio; variedade de arbustos viçosos, e odoríferos; huma relva muito verde, que no paiz chamão *capim*; em algumas partes louras arêas, ou terras de diversas côres; pequenas ribeiras chamadas *Igarápés*, que lá do centro dos matos vem desagoar no Rio: tudo fórma a mais agradável perspectiva.

9. Junto ao meio dia aportámos a hum pequeno lugar nomeado os *Breves*: consta de alguns moradores pardos, e Indios; não tem Igreja, nem Capella, e distão da Freguezia, que he a Villa de *Melgaço*, hum dia de viagem; por cujo motivo se achão muito ignorantes na Doutrina. Perguntando a hum grande numero de mulheres, e de meninos, quem era a Mãe de Nosso Senhor J. C., e como se chamava, não me souberão responder. Prêguei, e ensinei o que pude em tão breve tempo; recommendei a hum homem mais intelligente, que fizesse instrucção aos meninos, para o que lhe dei alguns livros. Chrismei, visitei-os nas suas casas, estimulando-os ao trabalho corporal, e ao da sua salvagão; e ás cinco horas da tarde os deixámos. — Que precioso torrão! Tudo produz com muita abundancia, e facilidade: o arrôz, o cacão, o algodão, o café, o tabaco, a maniba, o orucú, fructo de certa arvore, de que se faz huma tinta encarnada muito fina, que tem grande valor na Europa. Ha tambem aqui abundancia de peixe, e



de carnes do mato. As mulheres fazem diferentes vasos de barro sem o soccorro da roda, como bacias, panellas, chocolateiras, etc. que não são inferiores aos dos melhores Olleiros da Europa. As casas são de palha, tecto, e paredes. A natureza lhes offerece ás mãos cheias os seus fructos; o que dá occasião a passarem a vida pela maior parte em hum torpe ocio.

10. Em toda aquella tarde, e noute continuámos o Rio *Paoá-rú*; e no dia 13 entrámos n'outro chamado *Jaburú*, deixando á mão direita o Rio *Cuné* do mesmo diametro. N'este Rio se vê sempre continuada a mesma cadeia de bellezas, que no precedente. Observa-se com tudo huma differença bem pasmosa; e he esta, que ou a maré encha ou vaze, sempre as canoas encontrão a mesma difficuldade, quando navegão para a parte do *Amazonas*, e ainda maior na enchente: phenomeno que se não pôde attribuir, senão á collisão das ágoas procedida do encontro de duas enchentes. Antes das sete horas da manhã do dia 14 chegámos á boca do referido Rio *Jaburú*, e ali esperámos a maré favoravel. Partimos; e em todo o dia não houve cousa notavel; só tivemos muita chuva, e nos vimos ameaçados d'huma horrôrosa trovoadá, que felizmente se dissipou. Na madrugada do dia 15 nos achámos prestes para passar a temerosa bahia denominada *Vieira*; o que fizemos desde as cinco e meia até ás sete: e não obstante estarem as agoas soccegadas, jogárão fortemente as canoas, e derão horribéis balanços por causa das correntezas, que sempre ali fazem grande impressão; concorrendo além disto termos o vento de prôa.

11. Sahimos em fim, e continuámos a viagem por hum *Igarapé*, ou *Euro*, chamado do *Salvador*, que fórma a perspectiva de huma frondosa alamêda, ouvindo-se de huma, e d'outra parte do Rio cantos de diversas aves, e gritos de papagaios, e aráras, etc. No tempo que a gente descansava, esperando juntamente maré, saltei á terra com alguns companheiros. Era huma ilha alagadiça, povoada de mato immenso, mas não muito cerrado, de sorte que deo lugar a penetrarmos hum bôni espaço. Vimos grossas arvores cahidas em terra pela furia dos ventos. Não havião silvas, como as da Europa; porém muitos arbustos, e ainda arvores, estavam cheios de espinhos agudissimos, que fazem ás vezes a passagem inaccessible. Enxergámos rastos de manadas de pórcos bravos, de pácas, cutias, e outras caças semelhantes. Ali admirei a facilidade, com que os Indios esgotarão (*Igapuia*) hum pequeno ribeiro, para colherem o peixe, que levava. Tendo sahido d'aquelle sitio, era quasi noute, eis que cahe sobre nós, e nos cerca de todos os lados huma furiosa trovoadá de lúris relampagos tão vivos, e amuadados, e tal estampido, que enchia o animo de horror: foi Deos servido, que se desfez em ágoa, e não nos causou damno. Pelas sete horas da noute salvámos a bahia chamada *Vieirinha* sem maior abalo; e navegando toda a noute, chegámos pelas cinco da manhã



ao lugar da *Espera*, para atravessarmos a grande bahia do *Macapá*.

12. N'este lugar nos demorámos todo o dia 16 á espreita de occasião favorável: em cujo tempo nos anteagráo trez trovoadas, que roncando de longe se desvanecerão. Aqui sahí á terra, e me enchi de espanto, e de horror, vendo a desmarcada grandeza dos páos arrojados pela corrente para huma ponta que ali faz aquella ilha; erão vigas altíssimas, e de grossura pasmosa: medi huma, que não era das maiores, tinha 15 palmos de grosso; e estava o chão juncado d'ellas; algumas já carcomidas e desfeitas com o tempo: sube depois que huma tinha 33 palmos de circumferencia. Tambem aqui foi a primeira vez que nos assaltou a praga do *maruim*, especie de mosquito branco, e extremamente pequeno, que mal se enxerga; porém faz bem o seu officio. Pelas onze horas da noute começámos a atravessar a bahia do *Macapá*; o que cínhamos conseguido ás quatro horas da manhã: são oito legoas de mar, que assim se póde chamar a fôz espantosa, que ali fórma o grande Rio das *Amazonas*: n'ella se encontrão diversas correntezas, que fazem saltar as canôas como péllas; e não obstante termos vento norte, e maré benigna, não faltou susto particularmente junto á terra.

13. No dia 17 pela manhã fomos salvados pela Fortaleza com vinte e huma peças d'artilharia. Logo o Commandante da Praça, juntamente com o Vigario da Villa nos veio conduzir para a terra em hum bello escalér toldado de seda encarnada; onde nos esperava grande multidão de Povo. D'ali fui levado debaixo do Pallio á Igreja, e como vi muito Povo junto, posto que estava tresnoutado, e hum pouco doente, préguei, e de tarde outra vez, com mais extensão. He esta a primeira vez, que os moradores vem Prelado na sua terra; por isso se empenhão em darem as mais vivas demonstrações, até chegarem muitos a chorar de gosto. Tenho esperança de que a minha Visita produzirá aqui fructos de benção. No dia 18 logo pela manhã fui para a Igreja, préguei ao Povo, depois de dizer Missa, e fazer a Visita da mesma Igreja; e juntamente com os meus companheiros me sentei no Confessionario até depois do meio dia. De tarde voltei á Igreja; fiz Cathedismo aos meninos, e tornei a prégar ao Povo, demorando-me em tudo isto até perto das oito horas. Era hum espectáculo bem digno do Ceo o ardor e ancia, com que todos concorrião a ouvir a palavra de Deos: enchia-se o Templo até á porta: parecião-me aquellas almas como as plantas de hum jardim, quando depois de grande sêcca recebem alguma chuva abundante, que quasi resuscitação, e sensivelmente se vêm crescer, e pular. Esquecia-me advertir, que n'este dia pela manhã se me fez em nome da Camara, e Povo huma breve, mas eloquente falla, obra do Padre Mestre Fr. João da Veiga, Religioso Mercenario. — Dia 19. — Toda



a manhã gastei no Confessionario : de tarde chrismei, e préguei; o que durou por mais de trez horas, e sempre com o mesmo concurso de Povo. — Dia 20. — Da mesma sorte de manhã confissões, de tarde chrisma, e Práctica ao Povo; no que gastei mais de quatro horas. — Dia 21. — De manhã chrisma; de tarde visitei a Villa, indo por todas as casas d'ella, e tambem pedindo a alguns dos moradores esmola para o Hospital dos pobres: foi então, que conheci o amor, que devia a este Povo: vi chorar muitas lagrimas de gosto; huns se deitavão aos meus pés; outros se abraçavão comigo estreitamente; e todos dando muitas graças a Deos por verem o seu Prelado a primeira vez na sua Villa, e dentro das suas casas. A esmola do Hospital passou de 2500 rs. — Dia 22. — Choveo muito pela manhã: apenas houve tempo para chrismar algumas pessoas, e fazer algumas correcções aos culpados na visita: de tarde fui ver a Fortaleza, despachei requerimentos, admoestei alguns culpados; dei Prima Tonsura a dous meninos, para servirem a Igreja, conclui com huma Práctica ao Povo, que se estendeu até depois das oito horas da noute. No dia 23 pelas seis horas da manhã acompanhado de hum grande concurso de Povo, entre mil demonstrações de ternura e saudade, repetindo-se a mesma salva d'artilharia, nos embarcámos nas canoas.

14. Conta a Villa do Macapá 1:800 almas: todos brancos, excepto os escravos: a policia, o brio, o asseio dos moradores não differe nada dos da Cidade do Pará: em todo o tempo em que aqui nos demorámos, sempre se encheo a Igreja duas vezes no dia de hum luzido concurso, mostrando todos a mais viva ancia, por ouvir as verdades da nossa Religião. Achei algumas desordens nos costumes; porém dei graças a Deos por ver que tinham huma barreira invencivel na doce união que reinava entre o Vigario, e o Commandante da Praça, ambos sujeitos de muita Religião, e probidade. Não tem mais Templos que a Igreja Matriz: está asseada, ornamentos de seda de todas as côres, e varios em bom uso; cinco calices de prata dourada; huma Imagem do Senhor dos Passos muito devota. A Villa está bem situada, e he lavada dos ventos; mas apesar d'isto faz aqui grande estrago o terrivel mal das sezões; julga-se, que a causa são os lodos e inmundicias, que o Amazonas espalha por toda aquella côsta. Tem huma Fortaleza regular, segura, e espaçosa ao gosto moderno (\*),

(\*) Temos á vista, e talvez que publiquemos em algum dos nossos Num. seguintes Plantas da Fortaleza de S. José no Macapá, e tambem do Palacio dos Capitães Generaes, Quartel da tropa, Hospital Militar, Não Belem na Cidade do Pará; o que tudo se fez nos annos, que decorrerão desde 1763 até 1773, em que o Exm. Fernando da Costa Ataide Teive governou o Pará, Maranhão, Rio Negro, e Piahy.



que custou ao Senhor Rei D. José *trez milhões*; porém acha-se mui falta de gente capaz de a defender. As produções em que mais abunda o terreno são arrôz e algodão: ha-tambem alguma cana, cacão, e muita planta de anil, de que se não faz uso por falta de braços. Os habitantes tem degenerado hum pouco da

Com as Plantas ha varias cousas em elogio do Exm. Fernando da Costa, e entre ellas, pintada huma grande Rosa, em cujas folhas está escripto = FERNANDO DA COSTA =; e em botões de Rosa collocados competentemente = ATAIDE TEIVE = tudo pela forma seguinte:

A	AT	SO	CA	DO	DA	CO	STA	A
T	TS	OC	AD	OD	OD	AC	OST	T
S	OC	AD	OD	ND	OD	AC	OS	S
O	CA	DO	DN	AN	DO	DA	CO	O
C	AD	OD	DN	AN	DO	DA	CO	C
A	DO	DN	AN	NR	NA	NO	DA	A
D	DO	DN	AN	NR	ER	NA	NO	D
O	DN	AN	NR	E	F	ER	NA	O
D	DO	DN	AN	NR	ER	NA	NO	D
A	DO	DN	AN	NR	NA	NO	DA	A
C	AD	OD	DN	AN	AND	OD	AC	C
O	CA	DO	DN	AN	AND	OD	AC	O
S	OC	AD	OD	ND	OD	AC	OS	S
T	TS	OC	AD	OD	OD	AC	OST	T
A	AT	SO	CA	DO	DA	CO	STA	A

Por baixo do ramo de Rosas ha a seguinte Quadra d' explicação:

D'esta Rosa o laberintho curioso

Se queres conhecer, busca seu centro,

D'elle as extremidades; porque dentro

Claramente vereis o Heroe famoso.



actividade de seus Pais, que erão pela maior parte Ilhéos muito laboriosos: com tudo trabalha-se aqui mais, do que em muitas partes do Estado; as mulheres principalmente em fiar, e tecer algodão: por isso não reina muito a pobreza, e o vício.

15. Embarcados no dia 23 das sete para as oito horas, principiámos a subir a costa pela parte septentrional do *Amazonas*, em cujas margens se offerecem alguns canaviaes, e hum terreno apto ao que parece, para uteis producções. Hum pouco arriba está huma Fazenda do Cirurgião Mór Julião Alvares, que quizemos ver. Está bem situada; tem engenho de moer cana, e de agoa ardente, e se prepara outro de fazer assucar. Ali chrismei alguns escravos que não tinham ido á Villa dispondo-os primeiro do modo possível. Passado hum pequeno espaço entrámos no rio *Anauitapucú*, dirigindo-nos á *Villa Nova vista da Madre de Deos*, situada na margem oriental do mesmo rio, sete legoas por elle acima. Ao anoutecer démos fundo, esperando a enchente: aqui nos vimos accommettidos de huma nuvem de *carapaná*, que he certa especie de mosquitos grandes e pernudos, que fazem huma musica desagradavel aos ouvidos, e inquietão fortemente com as suas ferradelas: ao escrever isto estou cercado d'elles; toda a costa do *Amazonas* he infestada da dita praga, especialmente nos lugares visinhos ao mato, e onde não faz vento. Tambem estes dias nos tem mortificado muito outra especie de insectos chamados *meuius*, são huns bichinhos invisiveis, que se introduzém pelas meias, e se prégão nas pernas, causando hum comichão intoleravel; porém sente-se alivio lavando as pernas com agoa ardente de cana.

16. No outro dia 24 pela manhã chegámos á mencionada Villa. Logo saltámos em terra. Préguei ao Povo, e meus companheiros confessarão algumas pessoas. Visitei a Igreja: de tarde, chrismei, préguei, dei as correções necessarias; no que gastei até ás nove horas da noite. — Dia 25. — Logo de manhã disse Missa, chrismei algumas pessoas, que restavão; visitei algumas casas; e ás oito horas nos recolhemos ás canoas para seguir viagem. — A Villa he de brancos; constou ao principio de 300 fôgos; pela maior parte pessoas tiradas da casa da estopa, e Soldados estrangeiros, e outros culpados, e tambem de alguns Ilhéos: hoje apenas se contão vinte e tantos fôgos; tudo o mais tem desertado para differentes lugares. Está situada alterosamente sobre o Rio; tem bellas campinas para gado vaccum; a sua producção ordinaria he arroz; carece de farinhas; o peixe he preciso buscalo á boca do Rio algumas legoas distante; he infestada de differentes pragas: *meuius*, *moruim*, *carapaná*, *morugoca*, e de certas *cavas*, ou vespras muito grandes, que povoão todas as casas dos moradores. As duas noites que passámos naquelle Porto e Rio, forão trabalhosissimas a toda a comitiva; ninguem pôde dormir com a inquietação da praga. Que objecto tristissimo he aos olhos da Reli-



gião o lugar, que serve actualmente de Igreja! Finja-se na imaginação huma pocilga das mais desabrigadas, feias, e immundas; talvez ainda, se não apprehenderá o ponto de lastima, onde chega este lugar: são huns poucos de torrões póstos ao alto; mal cobertos de palha, esboracados e fendidos por mil partes, por onde entra o vento, e chuva, como em campo aberto, sem alinho de casta alguma: não se viu maior desamparo! Cahio-me o coração em terra, quando entrei dentro: sem esperar mais entreguei ao Padre Vigario quatro moedas, e o que pude alcançar de alguns poucos moradores, que fazia a conta de 780 rs. para que reparasse logo não aquella Igreja, que estava incapaz de qualquer concerto, mas outra menos má, que se achava incompleta, de sorte que podesse servir á celebração dos Divinos Officios. Actualmente não ha escandalos n'esta Povoação, effeito da harmonia entre o Commandante, e o Vigario, ambos de sã consciencia, supposto que o zêlo d'este passe ás vezes a ser demasiado e indiscreto.

17. Em todo o dia 25 tornámos a navegar pelo mesmo Rio Anaurápuá até ao Amazonas: d'ali subindo pela costa espaço de quatro legoas pouco mais ou menos, chegámos á boca do Rio Mutuacá, donde vencida legoa e meia avistámos a Villa de Mazagão. Erão oito horas da manhã do dia 26, quando sahimos á terra. Estava esperandó no Pôrto hum luzido concurso juntamente com hum pequeno corpo de tropa militar, e auxiliar. Recitada huma breve Oração, fui levado debaixo do Pallio, no qual pegavam seis Cavalheiros vestidos dos seus mantos. Logo visitei a Igreja, préguei ao Povo; ao meio dia tornei a prégar a Missa da Festa da Senhora S. Anna. De tarde chrismei, e préguei com mais vagar, recolhendo-me á canôa perto das nove horas. No outro dia pela manhã fui logo para a Igreja, disse Missa, confessei, e juntamente meus companheiros; chrismei, préguei, e despachados alguns requerimentos sahimos d'aquelle Pôrto ás duas horas da tarde. Mais tempo faria tenção de me demorar n'esta Villa, por sêr de Brancos, e muito civilizados; porém escandalisou-me fortemente a descortesia, com que se houverão com o Santissimo Sacramento exposto ao tempo da Missa da Festa, não se achando na Igreja mais do que trez mulheres e duzia e meia de homens, pouco mais ou menos. Para dar alguma demonstração do meu sentimento, mandei logo no primeiro dia de tarde recolher ás canôas tudo o que estava em terra, com resolução de partir sem fazer mais nada; porém movido das supplicas dos principaes, e mais que tudo do escrúpulo da minha consciencia, ponderando que nunca ali tinha vindo Prelado, nem viria tão cedo, e que por isso morrerião muitas pessoas sem o Sacramento do Chrisma, resolvi-me a ficar até ao outro dia sómente; e nas prácticas lles fiz as mais fortes, e severas invectivas, reprehendendo altamente a sua pouca fé.



18. Os moradores d'esta Villa são os mesmos da Praça de *Maxagão* na Africa, para onde vierão, depois d'esta se largar ao Rei de *Marrocos*. Ao principio foi muito povoada, constando de mais 1800 pessoas; hoje sómente 900 entrando os escravos, que sobem ao número quatrocentos e tantos: os mais tem sahido para a Cidade do *Pará*, e para o Reino, e outros morrido, por ser terra mui sujeita ao mal de sezões. Ao tempo que n'ella me achei, todas as casas tinham dous, trez, e mais enfermos. A gente he civilisada, como a da Corte, e tem inclinação á piedade, pôsto que de ordinario seja ferida do cantágio da soberba. A Igreja he hum bom Templo; está asseada, tem muitos ornamentos, e alguns ricos, banquetta de prata nobilissima, etc. O Vigario he exemplar, virtuoso, e activo. As producções mais proprias do terreno são algodão, e arrôz; porém ha muita preguiça, ou talvez incapacidade da parte dos moradores para aquelle genero de trabalho, visto serem creados com as armas nas mãos, como era preciso para resistirem aos frequentes ataques dos Mouros. Aqui soube, que não havia muito tempo, huma cobra d'agoa havia arrebatado hum menino de 8 annos, que estava junto ao porto, e nunca mais appareceu; apesar das diligencias que se fizeram: julgou-se que o tinha engolido, pois era bicho monstruoso, segundo declararão algumas pessoas, que a virão de longe.

19. Dia 27. — Sahindo do Porto de *Maxagão* pelas duas horas da tarde, voltámos sobre o mesmo rumo a demandar á Povoação de *S. Anna de Cajari*. Em todo o resto d'aquelle dia, e noite não se offereceo mais nada de ponderação. — Dia 28. — Fomos proseguindo a costa; e logo de manhã encontrámos muitos páos, alguns de demasiada grandeza, que vinhão arrastados pela corrente. Considere-se, qual deve ser a furia, e braveza d'este rio, que arranca pela raiz madeiros tão espantosos, e não só os desarreiga, mas arrebatá-os, como se fosse huma palha. He preciso navegar com muito sentido para livrar as canoas de taes encontros, que são perigosissimos. Até aqui ainda não vimos o *Amazonas* na sua largura, por estar retalhado de muitas ilhas, que formão diferentes canaes; e he providencia grande, que facilita a navegação; de outra sorte far-se-hia impossivel a vasos sem quilha, como são todas as canoas, de que se usa n'este Estado, formadas assim para vencerem os páos, que encontrão debaixo d'agoa, como já nos aconteceu humia vez. Mas sendo o Rio povoado de ilhas, tem as canoas abrigo, a que se acolhão, logo que ameação as trovoadas, as quaes são aqui frequentes e temerosas: já temos tido muitas; porém não he o meu intento referir senão as mais carregadas, e medonhas. De tarde navegando bem junto á margem, e em maré vasia, tive occasião de examinar os estragos horribes, que o *Amazonas* faz por toda aquella costa: sem exaggeração, não ha palmo de terra em muitas partes, que não esteja



alastrado de troncos d'árvores, e de differentes madeiros de extrema grandeza, parte arrancados ali mesmo, parte trazidos de longe pela corrente. O espirito se enche de horror considerando a força, que he necessaria para produzir taes effeitos. Pelas dez horas da noute entrámos no Rio *Cajari*, que he bastantemente comprido, e, como todos os mais, acompanhado de huma e outra margem de frescos arvoredos, que deleitão a vista. Confesso, que muitas vezes dilatando a vista por aquellas situações tão aprasiáveis, bem desejei a pureza, e innocencia das almas justas para poder, á sua imitação, subir por estes degrãos ás maiores alturas do Ceo, contemplar a amenidade d'aquelles jardins formados pela mão do Creador para eterno recreio dos escolhidos. Ah que se a terra, lugar de desterro, e captiveiro, assim está semeada de tantas bellezas, que será o Ceo? O Ceo, onde Deos ostenta a profusão das suas maravilhas, para coroar a fidelidade dos que o amão! Eis-aqui como se explica, quem as observou ocularmente. "*Nec oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit, quae praeparavit Deus timentibus se.*"

20. Pelas dez horas e meia do outro dia 29, chegámos á Povoação de *S. Anna de Cajari*. Logo vimos vir descendo para a praia os Indios, e Indias, formados em duas alas, precedidos do Vigario, e Director: desembarcados, na mesma fórma nos forão conduzindo para a Igreja, cantando a Saudação Angelica em tom muito devoto, que me enternecio a alma. Então mesmo visitei a Igreja, e fiz ao povo huma pequena falla. De tarde fui abençoar todas as casas da Povoação, do que os Indios se mostravão muito satisfeitos. Depois disto juntos todos na Igreja, fiz Cathecismo aos meninos e meninas, e vi, que tinham a instrucção sufficiente. Dispuz o povo, para no outro dia se confessarem; e como soube, que alguns me não entendião, ordenei, que outro Sacerdote lhes fallasse na propria lingua, e a este inspirava o que lhes havia de dizer. No outro dia de manhã disse Missa; confessei algumas pessoas, e da mesma sorte meus Companheiros, e o Vigario. Chrismei quasi tudo, pois ali nunca tinha chegado Bispo; fallei ao povo, e fiz algumas averiguações necessarias: de tarde tornei a Chrismar. Ajustei seis casamentos, dispondo tudo para no outro dia se pôrem os banhos na Igreja, evitando-se d'esta maneira algumas desordens, que havião. Dei as correcções precisas, e despedindo-me de todos, nos recolhermos ás canoas pelas seis horas da tarde, acompanhados do povo, entre os mesmos canticos na fórma da entrada, e outras saudosas demonstrações, que me fizeram saltar as lagrimas, e a alguns da comitiva. — He lugar pequeno: terá 200 pessoas, Indios, e nem essas se achão todas na Povoação, por andarem alguns homens no Real Serviço. Só tem a vista do rio, para o qual olha, não alterosamente, o mais, que a cinge, he tudo mato, posto que bem perto tenha nobilissimas campinas pro-



prias para a criação de gado vaccum, de que ha hum fraco principio, cem cabeças pertencentes á Igreja. Esta he pequena, e muito pobre, mas achava-se caída e limpa, com huma Imagem de S. Anna mui perfeita. Os Indios adultos não tinham toda a instrucção, que eu desejava, por negligencia de alguns Vigarios passados, e ainda do presente, do qual soube, que só poucos dias antes da minha chegada começára a exercer esta obrigação com a devida efficacia.

21. N'esta Povoação encontrei huma India de cem annos e mais de idade, da criação do lugar, que jazia em huma profunda e total ignorancia, não só da Doutrina, mas de todos os conhecimentos relativos á Religião, e era baptisada. Mandeí examinar por alguns intelligentes da lingua se sabia as Pessoas da Santissima Trindade? Nada. Quantos Deoses havia? Nada. Fiz-lhe eu mesmo alguns signaes, erguendo os olhos, e as mãos ao Ceo: ria-se. Informei-me com as pessoas de casa (estava com hum neto casado) responderão-me que era ladina (assim chamão aos mais espertos) porém que nunca lhe tinham enxergado vestigios de Religião. Isto causa espanto, e dá motivo a suspender hum pouco o juizo sobre a opinião do Atheismo especulativo, hoje combatida pelos melhores Theologos. Se no seio de huma Povoação, e de huma familia Christã, educada ao bafo de Ministros Ecclesiasticos, e rodeada de superiores luzes, se acha hum espirito tão cego; que será no fundo dos matos, onde faltão todos estes subsidios? A experiencia de muitos, que de lá descem, dá forças á dúvida: ouço contar, qua alguns não differem dos troncos, e dos rochedos, pelo que respeita ao conhecimento da Divindade. No Livro dos obitos li, que havia algum tempo que tinha morrido huma India de duzentos annos de idade. A terra he bem soccorrida de peixe, e de carnes do mato; produz maniba, arrôz, algodão: ha pouco, que se descobrio perto do lugar cravo em abundancia de que os Indios fazem carregação para a Cidade do Pará. São muito perseguidos da praga do *carapaná*, a qual nos atormentou fortemente em a noute, que dormimos n'aquelle Porto: porém disserão-me, que não dura senão seis mezes no anno, e que desaparece tudo no dia 4 de Outubro. Tambem ali causão huma mortificação insofrivel as *cávas*, ou vespras; tudo está minado d'ellas; Igreja, e casas dos moradores, até nas canoas não podiamos ver-nos livres: são enxames, que cobrem o ar. Fizerão aqui os Indios as mesmas offertas de balaies de farinha, de galinhas, tartarugas, etc. com abundancia, e com a costumada singeleza, á que eu correspondia ternamente brindando-os com sal, veronicas, bentinhos, e outras cousas de que ia prevenido.

22. Pelas seis da tarde embarcámos, como fica dito, e tornando a navegar o mesmo rio, perto da meia noute chegámos ao *Amazonas*. Ao raiar do outro dia (31) proseguimos a costa com a



proa no lugar do *Fragoso*. Em toda a manhã, e tarde não houve mais que notar, do que a continuada cadeia dos estragos, que aquelle grande rio vai fazendo por todas as suas margens; estragos de que só pôde fazer huma justa idéa quem os observa: tão espantosos são, e fóra de toda a marca! No outro dia (1.º de Agosto) pelas dez horas da manhã entrámos na boca do *Rio Jari* em demanda do referido lugar. Este rio tem a sua origem não muito apartada das fontes do *Yapoço*: balisa, que se declarou no tratado da paz de Utreck para servir de termo aos dominios Portuguezes. Junto das suas margens ha em abundancia salsa, cravo, e outros generos, de que fazem negocio não só os Indios da povoação de *Fragoso*, mas de outros lugares vizinhos. Pelas trez horas da tarde avistámos o lugar, e logo depois sahimos á terra, onde nos esperava todo o Povo com o seu Vigario, e Director. Conduzirão-nos para a Igreja cantando a Ave-Maria, e ali fiz tudo o que fica declarado na Igreja do *Cajari*, repetindo á noute a prática ao Povo, Oração mental (Exercício que deixo recommendado em todas as Villas e Aldéas), e outros obsequios costumados ao Santissimo Sacramento, e a Nossa Senhora. No outro dia pela manhã (2 de Agosto) confissões, práctica, e chrisma: de tarde práctica, e algumas correcções. Pelas cinco horas nos recolhemos ás canôas accompanhados de todos, e partimos logo descendo outra vez ao *Rio Amazonas* com a proa na Villa d'Arraiolos.

23. *Fragoso* he Povoação mui pequena não tem mais do que cento e cincoenta almas. Os homens quasi todos andavão no negocio da salsa: só achámos as mulheres e meninos. Está situada sobre o rio, que faz ali huma especie de bahia, e não deixa de ter vista agradável. Tem fartura de peixe, e de carnes do mato, boas rôças para farinha, cacáo, e algodão: n'huma palavra, se houvesse gente, e laboriosa, o terreno he abundante em produções as mais estimadas; porém são poucos, e desses huma grande parte espalhados pelas casas dos brancos com portarias, e outros sem emulação, sem estimulos de honra, e ainda sem aquella sêde natural a todos os homens de adquirir: vivem no ocio contentes com que a terra, e agoa lhes estão como mettendo pelos olhos. A Igreja he huma pequena choça ou cabana, ameaçando ruina nas suas paredes. Mandeí-a medir por curiosidade: tem na maior elevação do frontespicio duas braças e meia d'alto, e das bandas pouco mais de braça; largura trez e meia; comprimento outo e meia; entrando a Sacristia, que está por detraz do altar mór. Tal he o Palacio do Rei da Eternidade n'aquella Povoação! Com tudo estava caiadinha, e o tecto reparado novamente com nova palha; o que se deve ás diligencias do Vigario, que tem probidade, e zelo. Os meninos sabem a doutrina; mas em algumas pessoas velhas observei muita ignorancia.... o gôsto de ver e tratar hum Indio casado de virtude sólida, huma escrupulosa, e



exacta observancia dos Divinos Mandamentos, summo horror ao peccado, presença de Deos quasi contínua, e taes disposições interiores, que me enchi de consolação espiritual, acabando-me de convencer, que em toda a parte tem Deos os seus escolhidos, e que nada he capaz de lhos arrancar das mãos. Visitei a todos; fui chrismar trez doentes nas suas casas. As Indias me fizeram as costumadas offertas, que eu lhes agradecia olhando não tanto ao seu valor, como á singeleza, ternura, e sensibilidade de que as acompanhavão. Pelas dez horas da noute, chegámos ao Rio *Amazonas*, e proseguimos a costa.

24. Pelas nove para as dez da noute entrámos outra vez no *Amazonas*; e n'essa noute, e dia seguinte (3 de Agosto) e ainda parte da outra noute até ás onze horas costeámos pela sua margem sem observar cousa notavel, excepto alguns rebates de *carapaná*, e de certa mosca chamada *mutuca*, cuja ferradela causa hum grande ardor. Então chegámos á boca do Rio *Aramucú*, em cuja margem oriental distante cinco legoas está a Villa de *Arraiolos*. He hum dos rios mais bellos, que temos encontrado; agoas claras e frias; terminando de huma e outra parte de arvores viçosas, e algumas muito floridas, as quaes por causa da estreiteza do rio fazem continuada sombra aos navegantes, e de intervallo em intervallo alargando-se abrem caminho aos olhos para se alargarem pelas alegres, e ferteis campinas, de que vai sempre acompanhado. Que espectáculo diliciosissimo! Porém que perda! Campos tão bellos sem cultura; pastos os mais diliciosos, e nem só humma rez se alcança com a vista. Mágoa grande he vêr as Cidades (ainda a do *Pará*) cheias de gente ociosa, que com o seu trabalho, e industria podião tirar d'estes lugares, e outros semelhantes suas produções para o bem do genero humano; porém a molleza, o ocio, a torpe preguiça damnão tudo. Tambem d'este rio se descobrem varios outeiros não calvos, mas vestidos de frescas, e copadas arvores, alguns bem perto do rio; muitos lagos, varzeas; e hum terreno em tudo semelhante aos melhores do Reino; vista que não deixa de ser agradável, e saudosa aos que de lá tem vindo.

25. Erão onze horas do dia 4, quando chegámos ao porto da Villa d'*Arraiolos*. Logo sahimos para a terra, e nos encaminhámos para a Igreja, cuja visita ficou feita antes de jantar. Pelas quatro horas voltei á Igreja; fallei ao Povo; fiz cathecismo aos meninos alegrando-me muito de os achar tão bem instruidos nas verdades da nossa Religião (erão por todos entre machos, e fêmeas alguns quarenta). A' noute tornei a fallar ao povo; houve Oração mental, e outros obsequios a Nossa Senhora cantados. No outro dia pela manhã confissões até o jantar: de tarde chrismei, e fallei ao povo; visitei as casas da Povoação; e dispostas outras cousas necessarias nos recolhemos ás canoas. — A Villa está col-



locada sobre hum outeiro, cujas raizes lava o rio; tem dous terreiros, ou praças, mas hum particularmente muito espaçoso, e limpo; consta de duzentas e cincoenta pessoas, Indios. Disserão-me o Director e o Parocho, que são agrestes, e duros de indole, e pouco laboriosos; mas eu descobri alguns motivos para suspeitar, que estas indisposições nascião talvez do modo indiscreto com que erão levados por aquelles que os região tanto no temporal, como no espiritual. A Igreja he grande; coberta de telha; tem trez altares, e o asseio conveniente. Não se póde negar, que o Parocho he cuidadoso n'esta parte, e no ensino da doutrina; provera a Deos, que assim fosse no mais! Mudei-o para a Villa de Almeirim, depois de lhe dar huma correcção severissima. Na visita que fiz das casas, encontrei duas velhas de mais de cem annos d'idade, laborando n'huma prodigiosa ignorancia dos Misterios da Religião; o que era causa de nunca se confessarem, sendo a infelicidade não haver Sacerdote, ainda dos mais instruidos na lingua Tapuia, que as podesse entender, por fallarem sómente a do matto de todo desconhecida; com tudo por alguns indícios vim a conhecer, que não era tamanha a sua cegueira, como a da outra, que fica apontada no §. 21, pois reconhecião hum Deos Creador dos Ceos: dei algumas providencias para serem instruidas do modo possível. Aqui tive tambem a consolação de achar huma alma (era Indio e casado) que me edificou summamente pela sólida piedade que praticava; tinha grande horror ao peccado, e hum apego invencivel á Lei do Senhor. O terreno he proprio para a criação de gado; mas não havia mais do que vinte ou trinta cabeças. Disserão-me, que o rio he falto de peixe, e que por isso padecião os Indios suas necessidades.

26. Na madrugada do dia 6 chegámos á Villa d'Espósende distante d'Arraiolos trez legoas e meia, para onde se vai por hum pequeno rio chamado *Toeré* ramo do *Amazonas*, muito difficiloso por causa dos repetidos cotovelos que faz, que não custou pouco á minha canôa, por ser maior. Logo nos dirigimos á Igreja accompanhados do Vigario, Director, e varias pessoas da Villa. Visitei a Igreja, fiz practica ao Povo, e o cathecismo aos meninos, que me derão gosto com as suas respostas, fructo do zelo incansavel do Vigario o Padre Fr. Antonio da Nazareth, Religioso exemplar. De tarde chrismei os meninos, e dispuz os adultos para se confessarem n'esta noute e no outro dia, a fim de receberem os effeitos saudaveis do Sacramento da Confirmação. A' noute depois de huma pequena falla confessámos algumas pessoas, e da mesma sorte no outro dia de manhã. Acabado isto, chrismei, préguei, dei volta por toda a Villa abençoando as casas; e immediatamente depois de jantar partimos. — Esta Povoação consta de 200 almas, Indios: está situada na fralda de huma pequena serra sobranceira ao rio; tem vistas muito agradaveis de campinas, outeiros, e arvoredos; en-



canta os Nacionaes da Europa. A Igreja, posto que coberta de palha, não he má, e está asseadinha com suas pinturas, algumas laminas, e ornamentos sufficientes. Os Indios mostram mais docilidade, e inclinação ás cousas de Deos, que os de *Arraiolos*, e são tambem muito mais laboriosos, particularmente pelo que respeita ao negocio da salsa, que he o capital. O Rio tem peixe; e paixão aqui melhor. Havendo aqui campinas admiraveis, não se contão senão 17 cabeças de gado vaccum, o que se deve attribuir ao desmazelo geral, que reina em todos os Indios. Satisfeitos com huma tenue passagem, não cuidão em mais nada, e menos em providencias do futuro. Assás sahi daqui saudoso, e enternecido; nunca se riscará da minha lembrança o que presenciei na minha despedida. Veio a Villa em péso acompanhar-me até ao rio, quasi todas as mulheres com as suas offertas de galinhas, farinha, fructas, etc., e dali se não apartarão, em quanto virão as canoas, dando ao mesmo tempo as maiores demonstraões de ternura. Quero contar trez offertas, provas mais claras do amor singelo. Trouxerão-me dous pintainhos, ainda com pello nascidos de trez ou quatro dias, e hum novelinho d' algodão, que não pesava mais de huma onça; isto dado com tanta ancia e bondade, que me fez chorar, e alguns da comitiva. Confesso ingenuamente, que estimei mais incomparavelmente aquelles trez dons, ou a disposição das almas, que mos fazião, do que se fosse ouro. Lembrei-me da offerta, que fez a viuva do Templo, offerta limitadissima, mas que mereceo os maiores elogios da boca do Salvador. Nesta Povoação, e já em *Arraiolos* começarão a sentir-se doentes algumas pessoas da minha familia, e eu tambem: porém julgo não será cousa de consequencia.

27. Chegámos á bôca do Rio pelas onze horas da noute; e na madrugada do dia oito proseguimos a Costa, demandando a Villa d' *Almeirim*. Todas as margens do *Amazonas* naquella parte estavam alcatifadas de huma herba ou feno muito verde, que alegrava os olhos. Pelas dez para as onze tivemos hum vento favoravel de que andavamos sequiosos: em fim erão oito para as nove da noute, quando aportámos na Villa d' *Almeirim*, acompanhados do Commandante e Vigario, que nos tinham hido esperar hum bom espaço. Não sahimos á terra por ser tarde; o que fizemos no outro dia, nove, pela manhã. Feita a Visita da Igreja, confessou-se alguma gente; préguei ao povo; e fiz Cathecismo aos meninos que não estavam tão instruidos, como nas duas Freguezias antecedentes; mas não era falta do Vigario, sim dos pais que os levavam consigo para as Roças. De tarde Chrismei os meninos, e algumas pessoas, que se tinham confessado; préguei, fui visitar todas as casas da povoação. De noute fizeram-se alguns obsequios a Deos e á Senhora, e tornei a fallar ao povo. No outro dia cedo disse Missa; confessarão-se varias pes-



soas; Chrismei; e dispuz algumas cousas necessarias, e despedidos nos recolhemos ás canoas das nove para as dez, soltando as vélas immediatamente. — A Villa está n'hum elevação sôbre o *Amazonas*, e muito bem situada; as casas todas n'hum terreiro limpo; tem seu Castello, porém dismantelado, e quasi em ruínas, sem genero algum de defensão. A Igreja he hum bom edificio de pedra e cal, coberto de telha, com tres altares; porém acha-se na maior consternação: chorou-me a alma de a vêr negra, como hum carvão, da parte de fóra; hum dos lados ameaçando evidente ruína com as grandes bréchas e tortura, que apparecem. Da mesma sorte a Capella Mór, de que já se não serve, e a Sacristia. Esta tinha bons ornamentos, e varios; mas estava quasi tudo esfarrapado, e perdido, e mandei queimar huma grande parte. Em fim enchi-me aqui de bastante amargura com estas e outras cousas desagradaveis; porque vêr tantas lastimas, e sem lhe poder applicar remedio, não sei que haja conjunctura mais violenta para quem conserva ainda alguns vestigios de Fé, e de humanidade, fiz as possiveis recommendações ao Commandante para acudir com algum reparo, em quanto não dava parte a Sua Magestade. As mulheres, quasi as unicas que estavam na Villa, por se acharem os homens no negocio, mostram ser doces, e tractaveis: sempre me acompanhárão todas as vezes que me recolhia á canoa, cantando a Saudação Angelica, e na despedida concorrêrão a maior parte a brindar-me com seus balaões de farinha, pintainhos, e diversas fructas da terra. Muito gostei de hum encontro, que tive quando fiz as Visitas das casas. Huma India muito velha, que teria perto de cem annos, vem toda risonha, e alegre, abraça-me apertando-se comigo estreitamente, e dizendo certas palavras demonstrativas de jubilo, que eu não entendi: estava nua da cintura para cima (modo ordinario, com que andão todas, excepto na Igreja e outras occasiões de concurso, que então vestem camiza lavada, saia de chita, cabello atado, hum bentinho ao pescoço, e he todo o seu enfeite). A nossa boa velha ficou saltando de vêr o Bispo na sua choça, e que a tratava tão carinhosamente. Os Habitantes são todos Indios: o seu número sóbe a perto de trezentas almas: tem abundancia de peixe: boas farinhas: carnes do mato: muito cacáo produzido sem cultura: salsa parrilha: cravo: breu: que os Indios vão buscar subindo pelo Rio *Pané* em grande distancia. He terra munto infestada da praga do *carapaná*.

28. Sahindo da Villa no dia dez pelas nove horas da manhã, fomos costeando a margem do *Amazonas* com a vista nos montes elevadissimos, que em pouca distancia pela terra dentro formão a dilatada Cadêa, ou Cordilheira de *Guayana*; seguida de Oeste a Leste até ás visinhanças do Rio *Orinoco*. Neste dia vimos descer pelo Rio madeiros formidaveis. E tambem começá-



mos a vér o *Amazonas* desabafado de Ilhas em toda a sua largura: he hum pedaço de Oceano. Em partes mal se devisa a margem contraria; huma correnteza pasmosa, e as ondas grossas, e empoladas, como as do mar; não faltarão pulos nas canoas. Temos nos visto muito perseguidos da praga, especialmente ao principio da noute, e de madrugada; não ha resistir-lhe; até chegam a penetrar vestia, e camiza: mas o seu tiro mais ordinario he ás pernas, mãos, e cara. Nada porém me afflige tanto, como vér as molestias, que principiando na Villa de *Arraiolos* tem lavrado fortemente pela comitiva: estão prostrados alguns doze de sezões, e de febres, e outros entrão a queixar-se, e isto com tão pouca commodidade para se curarem. Seja Deos louvado. Eu tambem tenho sentido alguma indisposição, mas de pé sempre. A causa de tantas doenças julgo ser as immundicias, que a correnteza arremessa para esta Costa Septemtrional, e tardarem os ventos geraes. Dia 11 proseguimos a mesma detrota em demanda da Villa d'Outeiro. Pelas nove horas da manhã começarão a favorecer-nos os ventos geraes. Que lindos quadros offerece este Rio nas differentes Ilhas, de que está povoado! Tão frescas de arvoredos, e de campinas sempre vigosas, que he hum enleio dos olhos! Mas são terras apauladas, e alagadiças, que não servem para a cultura, e por isso se achão desertas. Em todo este dia até á huma hora da tarde, que foi quando chegámos ao lugar d'Outeiro, não se offereceo cousa digna da memoria.

29. Aportámos á mencionada Povoação; e por me achar bastantemente enfermo, não sahi da canoa, senão tarde: assim mesmo com febre, e grande oppressão de cabeça subi a ladeira, que he muito comprida, ingrime, e arenosa; visitei a Igreja, e préguei ao povo: mas recolhi me logo á casa da residencia, e me deitei na cama por não estar para mais nada. No outro dia (13) apenas pude chrismar a gente, que estava disposta, e fazer-lhe algumas breves fallas; depois do que dei ordem a partirmos para *Monte-Alegre*, por ser lugar mais commodo. As molestias vão adiante em toda a comitiva; a cada hora estão cahindo; e parece ramo de epidemia. Deos seja louvado para sempre! — O Lugar está collocado em huma grande eminencia, quadra-lhe o nome, pois faz a corôa de hum oiteiro elevadissimo. As casas estão postas em hum terreno muito limpo, e todas caiadas. A Igreja he pequena, pouco maior que a de *Fragoso*, pobre, mas limpa, e não está de todo mal de ornamentos. Tem para cima de trezentas almas: os meninos, e resto do povo não tem toda a instrucção necessaria. Ha alguns escandalos. Não se pôde comprehender o que aqui soffre esta pobre gente por causa da praga! Toda a nossa comitiva não pôz olhos naquella noute: só achavão refrigerio passeando pela praia, e enxotando com as mãos: mettião-se pela boca, ouvidos, e narizes; e são de tal



qualidade, que me disserão, que até chegavão a penetrar capotes de panno: a mim me trespassarão muitas vezes os calções, e cercoilas: he a chamada *Muragoca*, que tem hum ferrão mui comprido: quem padeceo mais, forão os doentes. Dizem que ha munto se não vio tal inundaçãõ, como este anno: o que attribuem ás grandes invernadas que tem havido.

30. No dia quatorze á noute chegámos ao porto de *Monte-Alegre*, e logo, como nos foi possível, por estarmos quasi todos prostrados da molestia, nos recolhemos á Villa. Erão 18, ou 20 Indios, os que tinham cahido, e a minha Familia toda, excepto hum familiar, e hum creado. Quando cheguei a *Monte-Alegre*, vinha já munto doente; porém hum dia depois atacarão-me as sezões. Com tal força, que estive em perigo, principalmente em dois dias, chegando a delirar, e a dar outros signaes funestos; em fim com quinas, purgantes, e outros remedios passarão, mas fiquei prostradissimo de maneira, que he hoje o dia 28, e mal posso fazer este apontamento. Já nos morreo hum Indio: o mulato Antonio está gravemente enfermo: alguns vão-se achando melhores: outros continuão a soffrer. Este inesperado incidente, e tambem vêr, que a minha canõa, pela sua grandeza, e feitiço, he pouco apta para resistir ás correntezas, tem dado occasião a eu mudar de designio, que trazia de visitar a Capitania do *Rio Negro*, e por esta vez me limitarei unicamente á Capitania do *Pará*, a qual faço tenção de proseguir, logo que me achar restabelecido, e a minha Familia. — Dia 13. — Continuo a experimentar melhoras; porém alguns da minha Familia tem recahido, e estão em perigo: entre elles o mulato Antonio, e o Padre Francisco José de Moraes. Morreo outro Indio. Temos experimentado grande humanidade, e carinho nos moradores d'esta Villa, avantajando-se muito o R. Vigario, e hum morador branco chamado Manoel Ribeiro, o qual de dia e de noute nos assistio com huma actividade pasmosa no que considero hum effeito singular da Divina Providencia, pois se achavão prostrados os mais habéis da familia. Tambem reputo por hum lance benigno da Divina Providencia achar-se aqui hum Sacerdote, e hum Secular de muita experiencia e assás conhecimento de Medicina, que não tem contribuido pouco ao alivio, que começámos a sentir. Neste mesmo dia foi Deos servido levar para si a alma do mulato Antonio, criado que eu muito estimava pela sua fidelidade, e alem disso pelo ter trazido do Reino com grande recommendação de seu pai: teve huma morte feliz, confessando-se varias vezes, e fazendo diversos actos de Religião até ao ultimo suspiro: mas não pôde tomar o Senhor Sacramentado por causa dos vomitos, e soluços, que o atacarão ultimamente com muita força. Por intervallo da minha melhora tenho chrisnado trez vezes; porém só huma vez fallei ao Povo por estar ainda muito fraco.



31. He para ver a boa educação, com que se achão os moradores d'esta Villa! São mil e tantas almas, quasi tudo Indios; e mostrão tal Religião e probidade, que me consolára muito se assim visse as Povoações de brancos, e ainda a mesma Capital do Estado: frequentes na Igreja; vendo-se cheia pela manhã á Missa, e á noute para a Corôa de Nossa Senhora, e outros obsequios Religiosos: observando sempre hum profundo silencio; e as mulheres, e os meninos com as mãos erguidas. Em todas as casas dos moradores communmente se ouve resar o Rosario, e cantar os louvores de Deos á noute, e de madrugada de hum modo terno, que excita devoção. Os meninos que chegão ao numero de 150 entre machos e femeas, são continuos na Doutrina, e se achão bem instruidos nella: até mostrão huma composição, e modestia pouco ordinaria naquella idade, e ainda menos entre os Indios. N'humra palavra, esta Povoação distingue-se de todas, e lhe convém o titulo, que vulgarmente se lhe applica = Côte do Certão = titulo bem merecido não só pelo que fica dito, mas ainda pelo asseio, e civilidade da maior parte dos moradores no vestido, no tracto, e no regulamento das casas. São muito laboriosos, assim homens, como mulheres; agentes em o negocio da salsa, e cravo, cacoas, roças de maniba, e em diferentes officios; estas em fiar algodão, costura, fazer rédes, e pintar *cuias*; o que fazem com tal graça, e delicadeza, como se não vê em outra qualquer parte do Estado. A Igreja he hum bom edificio, com assás espaço; trez altaras asseados; muita luz; ornato competente, em fim com a deceneia; que convém aos objectos sagrados, o que se deve em grande parte ao zelo do Parocho, sujeito muito habil, e exemplar: he toda rodeada de huma varanda, muito desabafada. Honra-se aqui a Senhora Santa Anna com especial fervor e todo o povo lhe consagra hum grande affecto: devoção promovida pelas deligencias do Vigario.

32. Está situada esta Villa sobre hum alto monte, do qual se descortina por todas as partes variedade de objectos summamente apraziveis, que fazem, com que lhe caia bem o nome de Monte Alegre: porém o que sobre tudo mais recreia, he ver o dilatado campo ao longo do *Amazonas*, recortado por diferentes lagos, e arvoredos, que fórma a vista de huma enfiada de Quintas dispostas na mais bella ordem. Tiverão já os moradores grande quantidade de gado vacuum: porém contarão-me que em pouco tempo morrêra todo atanasado dos morcegos; praga ordinaria nestes paizes, e que não só prejudicão os animaes, mas tambem a gente. No mais profundo do somno mordem insensivelmente; e lhe chupão o sangue, que podem; depois ficando a veia aberta, ha grande perigo de se esvaír todo o corpo, como tem accotecião do várias vezes. — Dia 1.º de Setembro. — Chrismei, e fallei ao Povo tambem. Entre os chrismadados foi hum Indio, que teria cem



annos em boa disposição. Além d'este achão-se aqui mais trez, que supposto não saibão dizer a sua idade, julga-se por algumas confrontações, que excedem muito o referido número d'annos, e todos com o corpo são, agil, e de robustez bem pouco ordinária nas pessoas de 70 annos. Ha mais huma Índia velhissima, da qual contão os mencionados Indjos, que era já mulher feita, quando elles em pequenos frequentavão o cathedismo; mas esta já não tem vigor para se suster em pé, e se acha prostrada na rede.

33. Dia 6 de Setembro. — Depois de hum pequeno abalo nos progressos da minha melhora, vou continuando, posto que mui vagatosamente: por esta causa, e pelas recaídas de alguns da familia, nos temos demorado na Villa de *Monte Alegre*. Neste intervallo tenho chrisnado duas vezes. — Dia 8. — Repetirão-me as sezões: tomei hum vomitorio que logo as suspendeo, porèm deixando-me muito derrubado, e incapaz de continuar a viagem. — Dia 13. — Chrismei com assás trabalho por causa da nimia fraqueza; mas era muita a gente que estava por chrismar, não tendo chegado ali Bispo havia mais de 20 annos. — Dia 17. — Chrismei: como vi que se não adiantava a minha melhora, o corpo abraçava em fogo, cheio de huma amargura interior, e sempre com a mesma debilidade, resolvi tomar humas sangrias, que me forão proficuas: em fim desenganado, que não podia proseguir a derrota, com a atadura no pé embarquei-me na tarde do dia 24, com demanda da Cidade, deixando ficar naquella Villa o Padre Francisco José de Moraes por estar gravemente doente.

34. Não he facil referir o que devi ao Povo de *Monte Alegre*, especialmente na despedida: parece que com os corações me querião dar tudo o que possuião. Acompanharão-me todos, homens, e mulheres, até ao porto, não obstante ficar este distante da Villa, cantando ao mesmo tempo os louvores de Deos em tom suavissimo; e d'ali se não apartarão; em quanto vião as canoas. Vi muitos rostos banhados em lagrimas, e eu tambem os accompanhei nos mesmos movimentos de ternura, e saudade. Entre os peixes que ali admirei foi hum chamado *peixe boi*: disserão-me que era dos pequenos, e com tudo, seria da grandeza de hum novilho de anno: só tem o focinho semelhante ao boi, em nada mais se parece com elle: junto ao pescoco vêm-se-lhe dous braços pequenos; e a cauda, o resto tudo he carne, e muito succosa: tem banhas, como porco, e d'ellas se extrahe grande cópia de azeite, que contribue á fatura do Estado; assim como a da carne, a qual he conforme á do porco, especialmente ensacada: são linguigas do Reino. Este animal pare os filhos, e os cria aos peitos; sustenta-se unicamente de feno, ou erva, que nasce nas margens dos rios, o que dá occasião a dúvida se he licito usar d'elle aos dias de abstinencia; mas o costume geralmente estabe-



lecidô aplana toda a difficuldade. Segurão-me que ha' no Estado peixes boís, que deitão até 25, e 30 potes de azeite. No Porto d'esta Ilha tem a nossa equipação matado varios Jacarés: he a fera mais voraz e temerosa dos rios do Estado, julga-se ser o crocodillo do Nilo, de que a historia faz huma pintura tão medonha. Por não ter visto ainda senão alguns pequenos, reservo para outra vez a sua descripção.

35. Sahindo como fica dito, de *Monte Alegre* no dia 24 tivemos logo aquella noute hum pouco trabalhosa por causa de algumas trovoadas, que se levantirão, e fizerão pulos extraordinarios nas canoas. — Dia 27. — Pelas quatro horas da manhã atravessámos o *Amazonas* na parte fronteira á *Villa d'Almeirim*. Estava vento fresco, e o mar cavado: jogirão muito as canoas. D'ali entrámos no *Rio Aquiqui*, buscando a *Villa de Porto de Móz*. He rio muito agradável, semelhante ao de *Arraiolos*, as margens acompanhadas de campinas, e arvoredós viçosos; porém mais comprido, e bas-tantemente infestado da praga do *carapaná*. Erão oito horas e meia da tarde quando chegámos ao *Rio Xingú*, e ahi cahio sobre nós huma trovoadade de vento das mais horrorosas, que temos experimentado, a qual depois d'algum espaço desfechou em huma grande pancada d'agoa, e não nos fez damno.

36. Na madrugada do dia 28 chegámos á *Villa de Porto de Móz*. Logo que amanheceo sahi fóra, e como pude disse Missa; o que não tinha feito havia muito tempo. Chrismei os meninos, falei ao Povo, despachei alguns requerimentos, e visitando algumas casas mais visinhas ao porto, me recolhi á canoa; e logo depois ao jantar proseguimos a viagem. — A *Villa* pequena he, não chega a ter 200 moradores, pela maior parte Indios. Tem hum porto desafogado, limpo, e muito agradável. As casas todas sobre a praia, e humas trez ou quatro menos más pôsto que cobertas de palha. A Igreja está muito nua e desmantelada, e necessitada de grande concerto para se pôr com a decencia devida: mostrarão-me humna pouca de telha destinada para ella; porém falta madeira, e operarios; e como se não dão as providencias necessarias, em pouco tempo esta, e outras muitas do Estado virão a desfazer-se em ruinas, ficando então os pobres moradores privados até d'este recurso espirital. O Vigário he hum veneravel Sacerdote; os meninos instruidos sufficientemente nas verdades da nossa Religião. He terra sadia, para o que não contribue pouco ter boa agoa, que he a mesma do *Rio*, muito clara, fria, e gostosa.

37. Na madrugada do dia 29 estavamos em *Villarinho*, pequena Povoação composta de Indios, e de alguns moradores brancos. Apenas estive capaz de chrismar os meninos, e aquelles adultos, que se poderão confessar: porém julgo que Deos quiz positivamente que eu fosse ali para arrancar hum escandalo público das mais graves, e funestas consequencias. — A Igreja não he de



todo insufficiente; porém grita por reparos; e está despida de todo o asseio proprio á Magestade de quem nella habita. Pelas duas e meia da tarde do mesmo dia aportámos no lugar de *Casrazado*. He tambem pequeno, e consta só de Indios: nelle não achámos senão as mulheres, e os meninos; por andarem os Indios no serviço da Rainha; ou não sei de quem: está situado n'hum plano alto sobre o rio, olhando para differentes Ilhas, que lhe ficão fronteiras. A Igreja he como a de *Villarinho*; excepto achar-se mais desprovida de paramentos. Sempre me lembrarei de huma chamada vestimenta rôxa, que servia actualmente: era d'algodão grosso da terra, tinto ali mesmo de huma côr fusca semelhante á dos manteos, de que usão as Serranas; a isto porém acodi, assim como em outras Igrejas; por levar provimento de algumas Casulas destinadas para aquelle fim. Fallei ao Povo, e chrismei só os meninos, por não haver tempo de se confessarem os adultos. Todas as mulheres me acompanharão até o embarque cantando a Saudação Angelica, e achei muita graça nas Indias, que vendo-nos prestes a sahir do Porto desatárão a correr pela ladeira acima a buscar as suas offertas, apparecendo logo humas com galinhas, outras com balaos de farinha, fructos, etc. descendo apressadamente para nos apanharem: algumas chegarão tarde.

38. Dia 30. — Aportámos ainda muito cedo na Fortaleza de S. Antonio de *Gurupá* logo ao amanhecer nos veio conduzir para terra o Commandante. Ali junto de hum bello arco se me fez humma pequena falla. Depois d'isto debaixo do Pallio me encaminhei á Igreja acompanhado de todas as pessoas de bem d'aquella Villa, e da Tropa Auxiliar. Préguei ao Povo, e chrismei alguns meninos. De tarde o mesmo; e dadas algumas providencias necessarias, nos recolhemos ás canôas já de noute para proseguirmos viagem na proxima madrugada. — O número das pessoas brancas não excede a 300: tem de mais alguns Indios. He terra pobre; talvez por falta de espiritos nos moradores; pois se trabalhassem podião ter abundancia de arrôz. Disse-me o Commandante, que hum d'elles estimulado dos seus repetidos avisos mettêra mãos á obra o anno proximo; e logo colhêra 300 alqueires. Com tudo tem desculpa por lhes faltarem escravos, ou Indios para o trabalho. A Igreja he muito boa, e está asseada, pôsto que falta de ornamentos. Imagens perfeitas; o Senhor com decencia; bons caixões na Sacristia: sómente o sino era indignissimo, humma caldeirinha rota. Chamei os moradores, fintarão-se: e tudo fica disposto para se mandar fazer sino novo. A Fortaleza teve bons principios; mas está incompleta, e desarmada de tudo; só se vêem paredes. Tiverão aqui os Padres Capuchos hum Hospicio menos máo, o qual se acha hoje reduzido a quatro paredes informes.

39. No dia 3 de Outubro amanhecemos no Porto da Villa de *Melgaço*, que he alegre, e mui espaçoso. Nesta Villa nos demorámos



outo dias por causa das molestias, que se exasperarão em alguns da familia, e tambem em mim: apenas pude em todo este tempo chrismar por algumas vezes, e dizer algumas palavras ao Povo. — A Povoação he muito numerosa: contão se mais de 2:000 almas; a maior parte Indios. Estão mal disciplinados nas verdades da Religião, por viverem quasi sempre no mato, apesar dos gritos do Parocho: acontece muitas vezes trazerem os pais seus filhos para se baptizarem, tendo elles já quto, e mais annos de idade. Pondere-se, que misérias de ignorancias, que monstros de maldades, que feras bravas de vícios terá o inimigo postos como de sua mão no fundo de tanto matos espessos, e impenetraveis. Contou-me o Vigario, que algumas vezes lhe acontece, sendo chamado para administrar o Sacramento da Penitencia embrenhar-se pelo mato dentro hum grande espaço com os pés nús, por serem terras alagadigas, d'onde sahe todo espinhado, e ferido: mas isto succede poucas vezes, pois de ordinario morrem como brutos, sem chamarem Padre. Esta desgraçada estupidez a respeito da salvação he hum mal geral, e transcendente nas Povoações de Indios de todo o Estado; mal que os pobres Prelados vêm, e lastimão, mas inutilmente por não lhe poderem applicar remedio. As casas da Povoação não tem differença de pocilgas, tudo informe, irregular, e desmantelado. A Igreja porém he boa, e está com asseio, e com postura sufficiente: da mesma sorte as casas da residencia do Director, e Vigario; julgo que o Estado não tem outras melhores: foi Hospicio dos Ex-Jesuitas.

40. No fim de outo dias, deixando outras Povoações, por me sentir inhabil para as visitar, mandei dirigir as canoas para a Villa de *Cametta*, distante da Cidade trez dias de viagem; a fim de prover á minha saude, e da familia, onde chegámos no dia 14 á noute. Nesta Villa nos demorámos perto de dous mezes. Passados os primeiros quinze dias, começando a experimentar algum alivio, entrei com as instrucções ao Povo, que prosegui até de lá sahír; e creio, que fez algum fructo, porque houverão muitas confissões geraes, e emendas de vidas estragadas. Chrismou-se immenso Povo: porque além de não ter ido ali Prelado havia muitos annos, he Villa populosissima: consta para cima de 6:000 almas. Altos juizos de Deos! Embarçou-me os passos com a molestia, talvez só a fim de ali me demorar tanto tempo: o que não succederia, se proseguisse a visita, como desejava.

Fim da 1.<sup>a</sup> Visita.



## ART. IV. —

## O DE PINDARICA

AO

GENERAL SILVEIRA,

POR

JOSÉ PINTO REBELLO DE CARVALHO.

*Oh Lysia gloriosa**A florear as Quinas triunfantes**Brotem do teu regaço**Cem Heroes a Silveira semelhantes.*

Elpino.

ESTRÓPHE.

Eu que das Musas no Sagrado Monte

Aos meus Pegasos sólto as redeas d'ouro,

E d'immurchavel louro

Orno aos Heroes a magestosa fronte:

Eu culpado seria, ó Patria cara,

D'ingrato, e inerte, se na Eburnea Lyra

Aos Astros não mandára

O, que hoje te honra, Heroe, e o mundo admira.

ANTÍSTROPHE.

Mas o Celeste Genio, que audaz guia

Do Peomesso caudal nas ondas bellas

Minhas soberbas vellas,

Da ingratição o monstro em mim não cria:

As azas bate, ó Musa, e da Memoria

Ao Templo eleva meu sonoro canto,

De Lysia eterna glória

Encherá Gallia d'amargoso pranto.



## E' P O D O.

Bem que, ó Grande Silveira, illustre Fama  
 Leve teu nome já de gente em gente,  
 Hoje do Pindo a luminosa flamma  
 O fará mais, e mais resplandecente:  
 Que as, que Dirce não rega, amenas flores  
 Murchão do tempo os barbaros rigores.

## ESTRÓPHE.

De cem Mavorcios Louros coroado  
 Da Asia o devastador prostrada a via,  
 E soberbo corria  
 Sempre triunfante da victoria ao lado;  
 Mas quando tantos Reinos fero abate,  
 Dos Evos teme o imperioso Sceptro,  
 E do Meonio vate  
 Sómente anheia o sonoro plectro.

## ANTÍSTROPHE.

Não he pois não debalde que me inspira  
 O Nume de Hypocrene o sacro alento;  
 No Ethereo firmamento  
 Ornará novos astros minha Lyra;  
 E d'Elpino seguindo a ardua carreira,  
 Farão meus hymnos, que inda o Mundo veja  
 Alexandre em Sylveira,  
 Sem á dita d'Achilles ter inveja.

## E' P O D O.

Porém que estrada mais gloriosa trilha  
 O Grande Heroe, que eu canto, portentoso!  
 Entre funesta turba elle não brilha  
 Para assolar o Mundo desditoso:  
 Mas pela Patria audaz cingindo a espada  
 Tomou de libertalla a empreza ousada.



## ESTRÓPHE.

Embora raio ignovomo da guerra  
De cem victorias colha ufano a palma,  
E para a feroz alma  
Ache victima pouca a larga terra:  
Eu não lhe negarei genio sublime,  
Porém quebrar em fêrvida campanha  
Jugo, que a Patria opprime,  
He, Trasiblo immortal, maior façanha.

## ANTÍSTROPHE.

D' Epartha bellicosa a mão tyranna  
Que de Grecia o dominio pertendia,  
Orgulhosa opprimia  
D' Atica a Princeza Soberana,  
Quando o famoso Heroe com magoa vendo  
Da consternada Patria a injuria feia  
Do captiveiro horrendo  
Tenta salvalla, e rompe a atroz cadeia.

## E P O D O.

Não de immensas Falanges rodeado  
Entre o seio creadas da fereza,  
Mas de seu grande genio acompanhado  
Os hombros mette á portentosa empreza,  
E oh quanta o braço seu alta victoria  
Fez resoar nos Campos da Memoria!

## ESTRÓPHE.

Não d' outra sorte, ó Musa, o Grão Silveira  
A seu valor colheo brilhante c'roa  
Quando intrépido vóa  
A trilhar dos Heroes a alta carreira:  
Elle de cem Legiões na horrenda frente  
Não vai faltar em sangue a sede avara,  
Mas com seu peito ingente  
A liberdade fôrja á Patria cara.



## ANTÍSTROPHE.

Victima da perfidia, e da fereza  
 A magestosa Elysia suspirava,  
 E as faces lhe toldava  
 A tenebrosa nuvem da tristeza:  
 Da abominavel Gallia enorme furia  
 O seio lhe rasgava, e pertendia  
 Cobrir de eterna injuria  
 O que a fronte aureo Louro lhe cingia.

## E' P O D O.

Entre o silencio então da Eternidade  
 De Viriato a sombra portentosa  
 Suspirou de pudor, e de saudade  
 Vendo da Patria a sorte lamentosa;  
 Mas qual se lhe excitou inveja nobre  
 Quando Silveira p'ra vingar descobre!

## ESTRÓPHE.

Porém voemos, Lyra, ao Patrio Douro  
 Aonde o invicto Heroe já nos espera,  
 Pela asulada esféra  
 Intrépida desprega as azas de ouro:  
 Que singular objecto d'alta gloria  
 Quando Loison cruel de medo cheio  
 Lhe concede a Victoria  
 Sem ver do torvo Marte o aspecto feio.

## ANTÍSTROPHE.

Qual relampago brilha scintillante  
 Preságo de ruínas e de mortes,  
 Foi nas Francas Cohortes  
 O Nome illustre do Varão prestante;  
 Já se retira o barbaro Reicida  
 Coberto de ignominia, e de desdouro  
 E na infame fugida  
 Lhe pinta o susto em cada passo o Douro.



## E P O D O.

D'Hypocrene porém se ainda aspira  
 Ao possante baixel aura suave  
 A proa volve, harmoniosa Lyra,  
 Onde o Tamega corre ufano e grave;  
 Ali verás da guerra entre os horrores  
 Cobrir seu nome de immortaes louvores.

## ESTRÓPHE.

Qual foi á Grecia sôbre os Campos Phrigios  
 Do forte Heitor a dextra procellosa  
 Em estragos famosa  
 Obrando pela Patria mil prodigios:  
 Tal entre as iras do cruel Mavôrte  
 Do milagroso Heroe a espada ardente  
 Vibrando immensa morte  
 Tingio do Gallo sangue a azul corrente.

## ANTÍSTROPHE.

De Jove irado horrisona tormenta  
 Mil raios dardejando sôbre Flegra  
 Tão horrida, tão negra  
 Os pallidos mortaes não amedrenta,  
 Como por cem canhões bramando a guerra  
 De Amarante entre as barbaras ruinas  
 Enche de horror a terra  
 Intentando ecclipsar as Lusas Quinas.

## E P O D O.

Porém qual firme sobro, que rebate  
 D'Africo procelloso a furia insana,  
 Entre o negro furor do atroz combate  
 Era do insigne Heroe a alma sob'rana:  
 Tu, Tamega veloz, de assombro cheio  
 Sahiste a olhallo do ceruleo seio.



## ESTRÓPHE.

Celeste Musa, que da inveja ardente  
 Jámais temes os barbaros furores,  
 De Dirce novas flores  
 Colhe para adornar-lhe a invicta frente;  
 A seus nobres Laureis a Lusa Terra  
 Não ministra sómente verde rama,  
 Que a turbulenta guerra  
 Em clima estranho a nova palma o chama.

## ANTÍSTROPHE.

Depois que o Luso Exercito, e Britanno  
 Tinha a Sout o vão impeto humilhado,  
 E de Lysia afastado  
 De Bellona o flagello desh humano  
 Na, que cem louros ao Guerreiro invicto  
 Colhido tinha, marcial campanha;  
 Vai em duro conflicto  
 Os Póvos soccorrer da oppressa Hespanha.

## E P O D O.

Ali de saber cheio, e de constancia  
 Nova a seu nome colhe immortal fama,  
 Domando ao Gallo a tumida arrogancia  
 Com que em Sanábria victorioso brama:  
 Mas, qual os ares viva luz discorre,  
 Para novos troféos seu Genio corre.

## ESTRÓPHE.

De mil revézes irritada França  
 Tramava ainda na feroz idéa  
 A Lysia impia cadéa,  
 E de cem Legiões no ardor descança:  
 De Massena cruel a negra furia  
 Voa, porém em vão, para domalla,  
 Que ao Sena eterna injuria  
 Vem de nobres triunfos adornalla.



## ANTÍSTROPHE.

Então do illustre Heroe o braço forte  
 Oh quanta á Patria deo perenne glória  
 E famosa Victoria  
 Ganhou da espada ao fulminante corte;  
 Em vão seus Esquadrões de agudas lanças  
 Arma Gardane para a atroz batalha;  
 Que as bellas esperanças  
 Rotas, qual fumo, vê, que o vento espallia.

## APOSTROPHE.

Porém onde a meus bravos corredores  
 Sólto as douradas redêas, se em Permissão  
 Colhido tenho assás virentes flores  
 Para esmaltar a palma, que hoje reço?  
 Descança, ó Musa, em meu furor ingrato  
 Assás do Grande Heroe tens já cantado.

Os Póvos soccorrei da opprimida Hespanha.

## APOSTROPHE.

All de saber cheio, e de sensibilidade  
 Nova a seu nome colhe triumphal hymno  
 Donde ao Gallo a tremida arvore  
 Com que era decorada victoriosa palma  
 Mas, qual os meus vivos discorde  
 Para novos troços seu Gálio corre.

## APOSTROPHE.

De mil torções inculca França  
 Trunfos ainda na lúxua idea  
 A Iria impia cede  
 E de cem leões no toro fere  
 De hircos cruéis a testa imbr  
 Los, porcos, e cães, para cunha  
 Que no seu estro fúria  
 Vem de copias infindas recria.



ART. V.—

## FEVEREIRO DE 1813.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro), e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dia do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			Pol.	linh.	4.º de linh.	gr.	4.º de gr.	gr.	4.º de gr.		
1	m. 8		27	11	3	5	3	82		SE.	s. n. v.
	t. 4		27	10	2	7	2	78			
2	m. 8		27	9	2	6		83	2	E.	
	t. 3		27	9		8		78			
3	m. 8		27	10	3	6		84		ESE.	s. n.
	t. 5		27	11	2	8	1	76			
4	m. 7		27	11	2	6	1	83	2	ENE.	
	12		28		3	8		79	2		
	t. 5		28		2	8	3	74			
5	m. 8		28		2	6	2	83	2	SSE.	
	t. 4	15	28			8		81		NO.	
6	m. 8		28			6	2	85	2	SSE.	c. nev.
	12		28			8		83			c.
	t. 4		27	11	3	7	3	84			
7	m. 8		28	1	1	7	2	86	2	S.	
	12		28	2		8		86			m. n.
	t. 5		28	2		7	2	88			a. n.
8	m. 8		28	2		7		89	2	SE.	s. n.
	10	30	28	2	1	8	1	88		SO.	
	t. 3		28	2		9		86	2	O.	
	4	15	28	2		9	1	87	3		
9	m. 8		28	2		8		89	3	SE.	c. nev.
	12		28	1	2	9		89			s. n.
	t. 5	30	28	1	1	9		91			a. n.
10	m. 8		28		2	8		93			c.
	t. 1		28		2	9	3	91	2		
	5		27	11	2	9	2	90			a. n.
11	m. 7		27	10	2	8		92	2		c.
	t. 4		27	9	2	11		90			c. v.
12	m. 8		27	8	1	9	2	93		S.	m. n. v.



Dias do mez	Hor.	Win	Barometro			Termo- metro.		Hygrometro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Po	inh	to de lin	gr.	to. de gr.	gr.	to. de gr.		
	12		27	7	3	10	1	95		S.	c. ch.
	t. 4	15	27	6	2	10		96			
	6	30	27	7		10		97		SO.	m. n.
13	m. 7	30	27	8	2	9	2	96			c.
	12		27	10	2	10	2	92		OSO.	m. n.
	t. 4		27	10	1	10		93			
14	m. 12		27	10		10		93	2		
	t. 5		27	9		10	2	97	2		c. ch.
15	m. 8		27	10		9	2	96		O.	m. n. ch.
	t. 4		27	11	2	10	2	88	2		a. n.
16	m. 8		27	11	2	10		92		SE.	c.
	12		28		2	10	3	94			
	t. 5	15	28		1	10	1	94			
17	m. 8		28		2	10	1	94	2	SO.	c. ch.
	12		28		3	11	1	97	2	SSO.	c.
	t. 5		28		2	10	2	97	2	SO.	
18	m. 8		28		2	10	2	95	2	S.	
	t. 4		28		1	11	1	93	2		m. n.
19	m. 8		27	11		10		96			s. n.
	11	15	27	11	2	10	3	94	2		c.
	t. 3		27	11		11		92	2		m. n.
	5		27	11	1	11	1	95			c.
20	m. 8		28		2	10	2	95			a. n.
	12		28	1		11	3	92	2		p. n.
	t. 2		28		2	12		92		SO.	
21	m. 12		28			11	2	90		SE.	s. n.
	t. 4		28			10	2	90			
	5		27	11	2	11	2	92			
22	m. 8		27	11	1	11	2	92			c.
	10	30	27	11	1	11	1	92	2		c. ch.
	t. 5		27	11	2	11	2	94		S.	
23	m. 8		28			11	2	94	2	SE.	
	11		28		2	11	2	95			
	t. 3		28		2	11	3	93			c.
	5		28		3	11	3	93	2		
24	m. 8		28	1	1	11	2	93		NO.	
	12		28	1	2	12		91			
	t. 5		28	1	1	11	3	88			a. n.
25	m. 8		28	1	2	11		89		E.	s. n.



Dia do mez	Hor.	Min	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrometro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr	4. tos de gr.		
26	t. 3		28	1	1	12	1	83	2	ENE.	a. n.
	4	15	28	1	1	12		83			
	m. 8		28	1	2	11	2	89	2	SE.	s. n.
	12		28	2		12	1	89		S.	
27	t. 3		28	1	3	12	2	88			
	5		28	1	3	12	1	90			
	m. 8		28	2		11	3	93		NE.	a. nev.
	10	30	28	2	1	12	1	91			a. n.
28	t. 3		28	2		11	2	88	2	NO.	s. n.
	5		28	1	3	11		89			a. n.
	m. 10		28	1	3	11		88	2		s. n.
	12		28	1	3	12	1	82			s. n. v.
	t. 6	45	28	1	3	11		69	2		

*Explicação do Mappa.*

O *Thermómetro* he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem a immediata superior.

*Anemómetro.* — N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. — N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

*Estado do Ceo.* — a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. — t. = trovoadas. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou número, em que estiver o substantivo seguinte.



**Barómetro.** — A maxima subida do Mercurio neste mez foi de 28 pol.  $2\frac{1}{4}$  lin. no dia 8 ás 10 hor. 30 m. Vento SO., e no dia 27 á mesma hora. A minima de 27 pol. 6 $\frac{1}{2}$  lin. no dia 12, ás 4 $\frac{1}{2}$  hor. da tarde.

**Thermómetro.** — A maxima temperatura da atmospherá neste mez foi de 12 $\frac{1}{2}$  gr. no dia 26 ás 3 hor. da tarde. A minima de 5 $\frac{3}{4}$  gr. no dia 1 ás 8 hor. da manhã. Vento SE. /

Fizerão-se observações thermométricas ao Sol em todos os dias, em que elle esteve descoberto. A maxima temperatura foi de 18 $\frac{1}{2}$  gr. no dia 20 ás 10 $\frac{1}{2}$  hor. da manhã. A minima de 14 $\frac{1}{2}$  no dia 1 ás mesmas hor.

**Hygrómetro.** — A maxima humidade da atmospherá foi neste mez de 97 $\frac{1}{2}$  gr. no dia 14 ás 5 hor. da tarde. Como tambem no dia 17 ao meio dia, e 5 hor. da tarde. Vento SSO. naquella hor., e nesta SO. A minima de 69 $\frac{1}{2}$  gr. no dia 28 ás 6 hor. da tarde.

**Anemómetro.** — Os ventos que mais reinárão neste mez forão S., SO., SE., SSO., SSE., E., ESE.: no dia 2 soprou de manhã e de tarde o vento E.

A Evaporação á sombra foi de 6 lin.

**Pluviómetro.** — A quantidade de chuva que se pôde conhecer neste instrumento foi de 7 pol.

FEVEREIRO, 1813.

#### Observações Geraes em todo o mez.

Dias.

- 1.<sup>o</sup> — Muito vento pelas 5 $\frac{1}{2}$  da manhã.
- 6 — Chuva miuda em muito pouca quantidade pela manhã: de tarde pelas 2 $\frac{1}{2}$  o mesmo por espaço de 5 para 6 m.: ás 5 $\frac{1}{2}$  continuou até ás 9 $\frac{1}{2}$  sempre muito miuda.
- 11 — Chuva em gotas miudas, pelas 6 $\frac{3}{4}$  da tarde, por espaço de 9 para 10 m.
- 12 — Chuva ás 9 hor. da manhã miuda: ás 10 o mesmo, com pouca differença, até ás 11 $\frac{1}{2}$ ; veio aos 3 para 1 da tarde já em maior quantidade: ás 2 $\frac{1}{2}$  veio outra vez miuda; ás 3 $\frac{1}{2}$  grossa por espaço de 6 m.; ás 5 o mesmo.







Fevereiro de 1813.

## MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS.

feitas na Villa de Mont'Alegre (as do Thermómetro,  
e Anemómetro) em todo o mez.

(Dia do mez	Hor.	Min.	Thermó- metro.		Anemó- metro.	Estado do Cco.	
			gr.	10s de gr.			
1	m.8	5	0-3		EN.	s. n.	v. forte. geada.
	t.10	8	1			—	—
2	t.10	30	0-2			—	—
3	m.10	15	2	2		—	v. fortissimo.
	t.10	45	0-2			—	geada.
5	t.6	15	3			—	—
6	m.10	15	2	2		c. n.	e nev.
7	m.9	15	2	3		a. n.	—
	t.6	25	2			—	—
8	m.9	1	2			s. n.	geada grande.
	t.10	45	4		SO.	a. n.	—
10	t.5	35	6		E.	—	—
11	m.9	15	3	3		c. n.	—
12	t.4	35	6	2	SO.	—	nev. ch. v.
13	m.9	35	5	2		a. n.	—
14	m.9	45	6	1		—	a. nev. v. ch.
	t.6	6	2			c. n.	ch. v. a. nev.
16	t.5	50	5	3		—	a. v. ch.
17	m.10	45	7	3		—	v. a. ch.
18	m.10	30	8			—	a. nev.
	t.11	6	2			a. n.	—
21	m.10	15	8	2		—	sol.
23	t.1	10	7	2		—	—
24	m.10	15	5	3		—	sol.
	t.5	35	6		N.	s. n.	—
25	m.8	35	6			—	—
28	m.7	40	3	3	NN.	—	—



## Observações Thermométricas, feitas em Rendufe.

Fevereiro de 1813.

Dias	Hor.	gr.	to de gr.	Dia	Hor.	gr.	to de gr.	Dias	Hor.	gr.	to de gr.
1	m. 7	6	1		t. 7	9	1		t. 11	10	2
	12	9	2		10	9	1	15	m. 7	9	3
	t. 3	10	3	9	m. 7	8	3		t. 1	11	
	5	10			11	8	3		3	11	1
	7	9	2		t. 3	9	2		8	10	1
	11	9			5	9	2		11	10	1
2	m. 7	5	3		6	9	2	16	m. 8	10	2
	11	8	1		12	9	2		t. 1	10	3
	t. 8	8	3	10	m. 7	9	1		8	10	3
	10	8	2		10	10	2		11	11	1
3	m. 5	7			t. 7	10	2	17	m. 7	11	1
	t. 3	11	3		11	10			10	11	1
	7	9	3	11	m. 8	9			t. 5	11	2
	11	8	2		11	10	1		9	11	3
4	t. 7	8	3		t. 3	11	3		11	11	3
	10	7	2		8	10	3	18	m. 7	11	1
5	m. 7	4	1		11	10	3		t. 4	11	2
	12	8	2	12	m. 7	10	2		10	11	2
	t. 5	9	2		10	10	2	19	m. 7	11	1
	7	8	3		t. 2	10	2		12	11	2
	11	7	1		5	10	2		t. 5	11	2
6	m. 7	6	1		9	10	3		11	11	3
	12	7	2		11	10	3	20	m. 7	11	1
	t. 2	7	2	13	m. 7	10			t. 6	11	3
	6	7	3		12	10	3		10	11	4
	10	8			t. 3	11		21	m. 7	11	1
7	m. 7	7	3		5	10	3		11	13	
	t. 7	9	2		8	10			t. 1	14	1
	10	8	2		11	10			8	13	3
	11	8		14	m. 7	10	1		10	13	3
8	m. 7	5	3		t. 1	10	2	22	m. 7	12	3
	m. 12	9			3	10	2		t. 4	12	3
	t. 5	9	3		8	10	3		10	11	3



Dia	Hor.	gr.	to de gr.	Dia	Hor.	gr.	to de gr.	Dias	Hor.	gr.	to de gr.
23	m. 8	12	1	25	m. 7	9	1	27	m. 7	11	2
	t. 4	12	2		t. 1	12	1		12	12	3
	7	12			2	12	3		t. 3	13	1
	11	12			7	11	3		8	12	
24	m. 6	11	2		11	11	1		11	11	3
	11	12		26	m. 7	10		28	m. 6	10	3
	t. 2	12	3		t. 3	14			t. 2	13	3
	7	11	3		9	12	3		8	12	1
	10	11			11	12	1		11	11	1

## ART. VI.—

Em o Num. XXIII. do Investigador Portuguez em Inglaterra ha duas peças publicadas já em o nosso Jornal; he huma a Memoria sobre a Cidade de Aveiro impressa, em o Num. VIII. pag. 22; e outra hum Hymno ao Sol, Num. IX. pag. 191.

A Memoria acha-se transcripta fielmente do nosso Jornal; mas o Hymno cremos, que se imprimio no Investigador á vista do impresso pelo Author, como nós fizemos.

O Investigador, pag. 326, declara o Author do Hymno, e a quem elle se dedicou; nós tudo isto occultámos, e he necessario dar a razão.

Nós recebemos d'hum amigo nosso aquelle Hymno para o fazer reimprimir: consultámos a este respeito o Author, o qual nos assegurou, que seria muito contra sua vontade, que elle se reimprimisse, declarando-se o seu nome. Não o declaramos.

Recebemos pelo Correio hum Ms. em 8.<sup>o</sup> de 208 paginas, e assignado por M. J. V.; do qual são principalmente objecto os Num. VII., VIII., e XIII. do nosso Jornal, relativamente ás Memorias de Henrique Xavier Baeta, e Valentim Sedano Bento de Mello. A Obra divide-se em trez partes: no Ms., que recebemos,



ha duas sómente ; promette-se com brevidade a terceira, para a qual se trazem entre mãos várias experiências, que precisão tempo para se concluírem bem.

Este Ms. contém muitas cousas boas ; mas para publicar-se carece que se retoque em alguns pontos, que aliás não são doutrina : mas nós ignorámos perfeitamente quem he seu A. ; e muitos outros bons Escritos temos recebido nas mesmas circunstâncias. Em o nosso Prospecto (Num. I. ; pag. ii.) dizemos nós *se ellas (as Obras que se nos remetterem) não agradarem aos Rectores em tudo, ou em parte, estas se corresponderão com o A. até, ou se resolver que a peça se imprima, ou se lhe tornar a enviar. O A. pôde usar na Peça, e correspondência, do seu proprio nome, ou de hum supposto, declarando a segunda circumstancia, a fim de que tal Peça se imprima anónima.*

Rogámos ao A. do Ms. assignado com as letras M. J. V., e a todas as pessoas, que nós fizerem favor de outro qualquer Escripto, que hajão de conformar-se com aquella recommendação.

#### ART. VII.

Collecção d' Estatutos, Leis, e Alvarás, relativos a Medicina, Cirurgia, etc. remetida por Antonio d' Almeida, Medico de Penafiel.

(Continuada do Num. XV. pag. 283.)

#### CORTES DE 1535.

##### Capitulo 131.

Item pedem a vossa alteza que mande que se examinem todos os fisicos e solorgiães, que no reyno quizerem curar daqui por diante no estudo da vossa cidade de Lixboa: e dali leuê certidam pera o fisico moor e solorgiã moor lhes passar suas cartas porque se fazem muytas erradas com perigos das vidas não alhãdo o que nisso vay ao pouo se não a seu bem particular que he leuar hũ marco de prata.

#### Resposta.

Isto se não pode prouer na maneyra que pedis: porque na em que se agora faz esta bem ordenado: e entendendo ordenar nisso como se ainda faça melhor.



## Cap. 172.

Item pedem a vossa alteza que mande aprêder de fisica co-  
renta ou cinquenta estudantes christãos velhos que pera isso te-  
nhã habelidade : porque esta çiença não anda agora senão em  
christãos novos dando vossa alteza esperança na dita ordenaçam  
de os honrrar e lhes fazer merce : porque disto se seguiram muy-  
tos proveitos : e muyto repouso a seus reynos e senhórios.

## Resposta.

Eu ordeno em coynbra hús estudos em que se lera medeci-  
na e poderam aprender os que quiserem.

## Cap. 176. 177.

E pedem a vossa alteza que não aja hi boticairos christãos  
nouveos : porque sendo delles tantos fisicos he grande inconueniente  
e dano pera o pouo. E que as reçeytas sejam em lingoagê por se  
cuitarem os enganos que se acha que se nisso fazem.

E porque despoys de deos a vida dos homês estaa nos boti-  
cairos : e por experiêcia se vee quã prejudicial cousa he christãos  
nouveos : o serem : por a razam que com os fisicos que també o sam  
tê e pola calidade do officio de boticairo em que estaa mais êbu-  
gado o mal que podê fazer : e mais aparelhado o azo pera isso. E  
mais dizendo publicamente que os christãos velhos sam seus inimi-  
gos Pedem a vossa alteza aja por bem e seu serviço e repouso de  
sua repubrica : que nenhuũ christão nouo de qualquer calidade que  
seja possa ser boticairo : e que os que o agora sam busqué outro  
modo de viuer : porque se a isto não prouer sera azo de os seus  
naturaes hirem buscar terras onde viuam mais seguramête. E afir-  
mou-se na consulta desta capitulaçam : e vinha declarado por apô-  
tamento nos capitulos de campo mayor : que era voz e fama que  
hũ mestre fernão fisico morador que foy na dita vila de Câpo  
mayor fora queimado em lharena : e diz-se morrer judeu. E ao  
tempo que morreo com o tormento que lhe deram se diz confes-  
sar ter mortos certos homês da dita vila cõ purgas que lhe dera.  
E he fama e presumpçã que tudo o que os fisicos mandam lançar  
nas purgas o fazem : o que he em prejuizo dos christãos velhos.

## Resposta.

Os boticairos não podem poer botica sem serem examinados  
pelo meu fisico moor : que não passa cartas senão aos que acia au-  
tos e suficiêntes pera isso segundo forma de seu regimento : e não  
he inconueniente serem christãos nouveos : porque de muitos tenho



enformação que sam boos homens. e quando algũ fazer o que não deue sera castigado como for justiça: porque não he razam que sejam privados os boos dos officios: porque viuê por culpa dalgũ que por ventura ysa mal de seu ofúcio. E quanto a receytarem os fisicos em lingagem: parece que se seguiram disso muitos inconvenientes: e por isso o ey por escusado.

#### ART. VIII.—

*Carta sôbre a utilidade da Agoa das Caldas da Rainha nas molestias venereas, dirigida por Valentim Sedano Bento de Mello, Médico do Hospital Real da dita Villa, aos Redactores.*

Em 31 de Janeiro de 1813.

He bem obvio a todos, que a Agoa das Caldas passa por hum dos excellentes remedios, que a Natureza nos offerece, e que grande número de doentes, ou aborrecidos de hum continuado uso de remedios pharmaceuticos sem vantagem, ou mandados por Professores, depois destes verem a inutilidade dos seus indicados, achão nella, se não a cura dos seus padecimentos chónicos, pelo menos o lenitivo dos terriveis symptomas, que os incommodão; na verdade dous annos de serviço neste Hospital me tem feito vêr que aqui apparecem as maiores anomalias morbosas.

Achão-se vagamente recommendadas as agoas thermaes pelos diversos Prácticos em grande número d'affecções chónicas, e d'estas apparecem aqui muitos exemplares; ha porém outras, que por hum erro transcendente aqui não apparecem, ou pelo menos raras vezes; posto que os resultados tenham sido vantajosos; e a final apresentam-se todos os annos muitos exemplos d'affecções chónicas, que posto não haver exemplo, não digo de melhoramento, mas nem mesmo de alivio, tem em seu abôno a rotina desde hum tempo immemorial.

Taes são quasi todas as *Convulsões* dos musculos voluntarios, ou *tremor*, ainda quando este reconhece por causa primitiva affecção rheumatica, não omittindo o *tremor senil*, que parece augmentar de instante a instante não só com o uso d'estas Agoas em bebida, mas até mesmo respirando-se o ar impregado do seu



gaz. Dentro e fóra do Hospital tem sido constante esta observação, e notada ha muitos annos. Na *rachite* não tenho igualmente obtido resultado algum favoravel, muito embora eu tenha admittido ao uso d'este remedio, por trez annos successivos, crianças de diversa idade.

He tambem para lamentar que tendo-se adiantado tanto a analyse das agoas mineraes, e determinado por hum serie infinita de factos a sua virtude em geral, e mesmo em particular, pelo que respeita a muitas molestias, taes como a *gota*, o *rheumatismo*, a *paralysis*, a *dispepsia*, etc., etc. não se tenha estendido, por hum analogia bem fundada, a outras muitas especies de molestias, e determinado com exacção o seu resultado.

Eu estou certo de que todos os Professores além de terem noções exactas da natureza da Agoa das Caldas, e mesmo das suas applicações particulares, terão estudado dos proprios doentes, que para aqui mandão o fructo, ou inutilidade das mesmas: mas he para sentir, que muitos d'estes cheguem ao uso d'ellas em circumstancias de não lhes poderem servir de proveito algum; antes pelo contrario de agravarem o seu padecer. Tal foi hum doente conculso, mandado na conducta da Misericordia de Lisboa no anno de 1811, ao qual augmentava diariamente o seu padecimento, e por isso fiz suspender o uso da agoa hydrosulphurada, e dar-lhe hum quarto fóra das Enfermarias do Hospital: teimando porém elle no anno seguinte, e apezar de lhe trazer eu á lembrança o máo effeito, que elle mesmo tinha notado no anno antecedente, não querendo deixar de entrar no Hospital, pois que vinha habilitado pelo seu bilhete, morreo desgraçadamente.

Este facto bem contraria a opinião de muitos, que dizem ser a Agoa das Caldas hum medicamento quasi indifferente, e de cujo uso se não póde seguir perjuizo, quando se não siga utilidade! Póde duvidar alguém de que este remedio cura affecções chronicas graves, ou pelo menos que põe ansa aos seus progressos? E hum remedio quasi indifferente póde produzir tão grandes phenomenos? Muitos outros casos ha, que testemunhão as suas más consequencias. De 4 casos de *ascite*, que se me tem aqui apresentado, e que parecião originados de torpores de figado, e obstrucções, todos tem sido desgraçados: he verdade, que o gaz he hum grande excitante n'estes casos, porém o cumulo de liquidos, o estado de maceração em que considero as visceras, a compressão, que as agoas fazem sobre ellas, são outros tantos obstaculos a vencer, e o gaz, visto que tem de ser dado no seu vehiculo, talvez por isso vai augmentar aquelles obstaculos. Os *edemas*, todas as vezes que não são procedidos de vicio rheumatico ou arthritico, me tem apresentado iguaes resultados. Muito peiores effeitos tenho observado nas *dyspneas* em consequencia de congestões bronchiaes, ou de hum *hydrothorax* já declarado. — No anno de 1812 hum Pro-



fessor mandou de Lisboa ás Caldas huma Senhora suppondo que a debilidade de todo o systema gástrico dava origem a huma tosse sécca, que ella padecia; o seu estado me pôz em dúvida sobre a administração do remedio, porém o destino com que vinha, e a esperança a fizeram querer tentallo. Dous dias do uso da agoa em pequenissimas doses agravarão de tal maneira a tosse, a dyspnéa, e outros symptomas, que abertamente lhe disse que devia retirar-se: o meu Companheiro o Dr. Antonio da Silva Ferreira foi chamado a meus rogos, e foi de igual voto, capitulando como eu, senão hum *hydrothorax* decidido, hum estado primitivo d'elle. D'isto mesmo mandámos informar o Professor seu assistente em Lisboa, onde depois a doente teve alguns alivios, usando dos remedios proprios; mas a final o mesmo Professor me informou de se ter confirmado o nosso diagnostico, pois a doente veio a morrer *hydrothoracica*. Eu me confesso mui agradecido pelo bom acolhimento que mereceo ao dito Professor a minha conta médica, em que lhe participava os motivos, que me obrigavão a fazer voltar para Lisboa a dita Senhora. — Eu poderei communicar aos Senhores Red. muitos outros casos, não pouco frequentes, que servem para comprovar que muitas affecções chronicas contra-indicão semelhante remedio; e que pelo contrário outras ha, que, ainda que raras vezes se apresentão, tem a seu favor não só a indicação médica, mas tambem o feliz exito da applicação da agoa: huma Taboa synoptica, onde, classificadas as affecções, se veja de hum golpe de vista o numero de casos de cada huma, e a diversidade dos seus resultados, principalmente dentro do Hospital, he o trabalho, que tenho premeditado, e que deverá ter principio no anno proximo. Sendo porém constante axioma não dever o homem emprender trabalhos grandes, sem primeiramente medir as suas forças em cousas pequenas, eis o motivo porque me abalanço a apresentar aos Senhores Redactores esta Memoria, com que intento mostrar ao Público, e mesmo a alguns Professores, que o *virus syphilitico* ou se considere a sua infecção geral ou local, tenha ou não sido administrado já o Mercurio, não só não contraindica o uso do gaz hydrogenio sulphurado, mas até este he capaz de corrigir os máos effeitos d'aquelle, e de ajudar a sua acção, e com especialidade nos casos de infecção geral patenteada pelas dores, gommæ, intumescencias de cabeças d'ossos, e outros symptomas concomitantes, a que vulgarmente dão o nome de *rheumatismo venereo*, *dôres osteocopas venereas* = d'*Austrac*. Tom. 1.<sup>o</sup> pag. 316.

Julgo superfluo relatar aqui os symptomas, que caracterisão a infecção venerea universal, assás variaveis tanto pelo modo, como pela ordem, com que se succedem: devo porém lembrar que varias vezes me tem occorrido doentes, nos quaes, pela anomalia dos seus symptomas, se tem julgado existir semelhante *virus*, administrado variamente o Mercurio, e arruinado a constituição a



ponto de não tornarem mais os doentes a seu estado de saúde antiga; esquecendo se da actividade, e energia d'hum tal medicamento e da prudencia, que deve acompanhar o seu uso, não havendo aliás razões fortes para hum tal diagnostico; de maneira que entre 17 doentes d'esta classe vindos a Caldas nos annos de 1811, e 1812 de que tenho tratado, em seis d'elles eu fiquei indeciso se o estado cachetico e marasmado em hums, e em outros rheumatico, e diversos outros symptomas, que se associavão a hum semelhante estado, erão fillos da irritação produzida pelo estímulo do Mercurio, pela natureza dos preparados, de que tinham usado, etc. ou pelo *virus*, pois que muitos d'elles não o tinham jamais padecido, pelo menos localmente, pôsto que tivessem dado causas, e algumas vezes remotamente: porém ainda que as *dôres osteocopas* fixas, pelo ordinario, no meio dos ossos compridos das extremidades sem alteração alguma nas partes, que os cobrem, com exacerbações nocturnas, que trazem apòz si longas vigílias, e que remittem pela manhã, e são acompanhadas de frequência, e celeridade de pulso, sejão ou produzidas pela presença do *virus venereo*, ou effeitos, que este deixou depois de destruido, ou finalmente effeitos do mesmo Mercurio tomado em maior quantidade, eu tenho concluido ser util em todas estas circumstancias a applicação do gaz hydrogenio sulphurado, já em bebida, já em banhos; e alem de mostrar a observação os seus bons effeitos, a razão vem em seu apòio.

Hum Official do Exercito Britanico, que tinha padecido quasi todos os symptomas do *virus venereo* localmente, passou a soffrêllo universalmente, e depois de ter passado por hum rigoroso tratamento mercurial, e mui variado, segundo a relação, que me deo, se apresentou nas Caldas no mez de Março de 1811 com humma quasi perfeita immobildade das extremidades superiores e inferiores, *gommas*, humma *úlcer*a no osso frontal com *carie*, e outras fistulosas na parte interna do braço, *dôres osteocopas*, com exacerbações nocturnas, e crueis vigílias, anorexia, febre, e magreza: elle passou ao uso da agoa com leite pela manhã, e simples de tarde, desde a dôse de humma libra, que foi augmentada gradualmente até quatro no espaço de 20 dias: passados os quaes a mobilidade cresceo, as dôres mitigárão-se, o somno e o appetite restituirão-se, e por conseguinte o seu estado de magreza diminuia consideravelmente, não tendo tomado outro medicamento senão algumas pilulas d'opio em algumas noites interpoladas: neste estado eu o fiz entrar em uso de banhos, e pilulas compostas de 4 gr. d'extracto de gualaco, e 1 gr. de mercurio doce, de que fez uso por 15 dias até ao numero de outro por dia, principiando por trez: os banhos forão de quarto de hora, que augmentarão até meia hora, tomou 12, principiando desde logo a sentir maior mobilidade, e vigor, desaparecendo muitas das *gommas*, diminuindo



outras, e tomando as *úlceras* hum melhor aspecto, em cujo estado se retirou por ter finda a sua licença.

Julgo que este exemplo, ainda que insufficiente para tirar hum corollario geral, não deixa de comprovar que o *virus venereo* não sómente não contra-indica o uso do gaz *hydrogenio sulphurado*, mas que este he hum preparativo e coadjuvante do *Mercurio*; não se podendo aliás dar huma razão sufficiente de como huma das preparações mais brandas, e em pouco tempo, fez desaparecer tão violentos symptomas, mitigando outros, tendo até ali sido infructuosas tantas, e tão variadas preparações de *Mercurio*.

Tenho além d'isto observado que muitos doentes, apesar de passarem pelo tratamento mercurial o mais bem dirigido, se me tem aqui apresentado com febre continua, prostração de forças em geral, e reputados em hum estado não só de *cachexia*, porém mesmo de *marasmo*, constituindo a chamada *tabes venerea*; e, como já referi, tenho ficado indeciso, se hum tal estado se deve reputar effeito do *virus venereo*, que não tem podido ser debellado, ou do tratamento mercurial, porque tem passado; porém o certo he, que o uso da agoa com leite lhes tem sido mui proficuo, e acompanhado do *Mercurio* tem restabelecido dous quasi perfeitamente.

J. G. de Runa, de 30 annos de idade, constituição delicada, tinha soffrido diversas affecções locais venereas; em huma viagem a *Macão* appareceo-lhe de novo hum *canero*, pelo que o Cirurgião do navio julgou conveniente pôllo no uso do *mercurio*. Desde a época em que embarcou em Lisboa até que ali chegou de volta da viagem soffreo diversos tratamentos mercuriaes no mar, no *Rio de Janeiro*, e na *China*, tomando cal negra de *Moscate* sublimado corrosivo em pilulas, e fricções, *mercurio doce*, etc. porém o certo he que elle depois de diversas alternativas de melhoramento em todo este tempo chegou a Lisboa, e por conselho de outro Cirurgião fez novamente uso de unções de pomada mercurial. O doente chegou a hum estado de perfeita *cachexia*, immobidade, dores articulares ao mais leve movimento, *gommas* na tibia, cubito, ossos parietaes e frontal, fastio summo, magreza, exacerbações nocturnas das dores, frequencia e celeridade do pulso, indicios todos de huma *tabes venerea* ou melhor lhe chamaria eu *mercurial*. Tónicos de toda a qualidade, leites com cosimentos de lenhos, banhos quentes de tina, forão pôstos em pratica por Conselho de Professores, mas infructuosamente: a final aconselharão-lhe Caldas, e o doente apresentou-se aqui no estado seguinte: dores articulares e ao longo dos ossos compridos com exacerbações ao mais leve movimento, tumefacção do joelho direito, *gommas* de diversa grandeza em ambas as tibias, huma mais notavel no osso frontal, *exostose* consideravel e assas extensa no ter-



ço inferior do cubito, fastio, nimia salivacão, pulso pequeno, tenso, e frequente, prostração de forças extraordinaria. Agoa *hydrosulphurada*, e leite, na quantidade de duas libras por dia foi o unico remedio, de que usou por 15 dias successivos, com huma dieta nutriende e mulcebre. A frequencia e tensão do pulso diminuiu, o appetite desenvolveo-se, e as dôres abrandarão. Neste estado, alem das duas libras da agoa em bebida, passou a tomar, em dias alternados banhos de hum quarto de hora, crescendo até meia hora, e augmentando a bebida da agoa até trez libras. Ao 6.º banho tuihão desaparecido as pequenas *gommas*, e a do osso frontal diminuia consideravelmente. Neste tempo prescrevi-lhe trez pilulas por dia compostas de 5 grãos de gomma guaiaco e  $\frac{1}{4}$  de gr. de extracto thebaico: foi continuando com o uso dos banhos, que tomou até 16, tempo em que a *exostose* do braço se exacerbou, e sobre a qual fiz a applicação de quatro sanguiugas, e depois fricções todos os dias com pomada mercurial: a *exostose* diminuiu muito. Suspendi então os banhos por causa do nimio suor, que lhe promovião, e receitei huma infusão de quina com algumas gotas de Elixir guaiacino volatil. Retirou-se depois o doente para o seu Paiz, onde sei que tem soffrido pequenos incommodos, mas que em geral a sua constituição está summamente melhorada.

A. S. da Villa de Torres Novas, homem forte, idade 28 annos, depois de ter padecido huma *blenorrhéa* e dous *canceros* muito mal tratados por se entregar ao capricho de curandeiros, que sem methodo lhe applicarão por longo tempo mercurio em pilulas e fricções, cicatrizados os *canceros*, entrou de soffrer dôres mui acerbas nas extremidades, e huma *exostose* de grande extensão no meio do cubito, pelo que passava as noites muito inquieto. Cansado já de soffrer, veio para as Caldas, e me propoz que, se eu não achasse indicado o uso d'este remedio, partiria para o Hospital Real de S. José de Lisboa. Prescrevi-lhe a agoa *hydrosulphurada* com leite de manhã, e com hum cosimento de salsa parrilha de tarde, e dieta nutriende e mulcebre. Este tratamento continuado por 15 dias não produziu beneficio algum, e a *exostose* tornou-se mais dolorosa e vermelha. Fiz applicar sobre ella sanguiugas, e depois fricções com linimento volatil; o ventre foi sempre conservado em liberdade, e o opio já em pilulas, já em emulção foi sempre administrado á noite, porém o seu effeito foi nullo, apezar de dous e trez grãos por noite. Entrou no uso dos banhos, e de pilulas compostas de 4 grãos de extracto de salsa parrilha,  $\frac{1}{2}$  grão de submuriato de mercurio, e  $\frac{1}{4}$  grão de extracto thebaico, para tomar 3 e 4 por dia com agoa *hydrosulphurada*, e o cosimento salsado acima dito. O estado irritativo foi cedendo de dia em dia, as dôres abrandando, as noites mais suaves, a *exostose* mais diminuida, e depois de 17 banhos o doente retirou-se para a sua Patria, e sei que as melhoras continuarão, e que hoje passa excellentemente.



Nas conductas militares costumão apparecer d'estes exemplos, e julgo que em semelhantes individuos o reputar-se (não sem razão) presente hum semelhante *virus*, tem feito que o mercurio produza muitas vezes máos resultados: muitos tem chegado immoveis, e só com uso do gaz tem adquirido andarem perfeitamente; e procurados sobre o tratamento, que tinham tido, confessão terem tomado mercurio em pilulas e em fricções.

Muitos outros factos d'esta natureza poderia eu referir em apoio do meu pensar, pois o campo he vasto: lembra-me a proposito fazer menção de hum Officio que o Exm. Marechal Beresford dirigio ao Provedor e Administrador d'este Hospital, perguntando se havia algum methodo particular para o tratamento do mal venereo, quando este Hospital teve exercicio militar no anno de 1809, vendo talvez a facilidade e promptidão com que era aqui curada semelhante enfermidade. Eu a este tempo não existia ainda aqui, porém o meu benemerito Companheiro o Dr. Antonio da Silva Ferreira me communicou este facto, e a sua resposta, em que dizia não ter empregado methodo algum diverso, e que a agoa das Caldas em banho e bebida he quem tornava a acção do mercurio mais suave e proveitosa.

Dizei o meu modo de pensar sobre a explicação d'este phenomeno. Penso que todos os Prácticos concordão em que o gaz *hydrogenio sulphurado*, principal contento da agoa das Caldas, ou bem attendamos á sua natureza, ou aos seus effeitos, he hum estimulante da natureza dos diffusivos, que não só pela quantidade, em que ella o contém, como pelo vehiculo e grão de calórico, que lhe he inherente, convém ás constituições mais delicadas ou por idiosincresia, ou por molestia; e como tal se applica nas affecções chronicas, onde não só predomina a debilidade geral, porém mesmo de algum órgão, ou systema parcial, e contra a qual de balde se tem feito uso dos tónicos estimulantes mais decantados; vindo por consequencia a ser aconselhado este remedio hum muito grande número de vezes só em ultima instancia; e o pécór he, quando já não póde ser util; principalmente na presença de vicio organico. Se por outra parte consideramos os seus effeitos em particular, vemos a sua acção exercer-se sobre o systema exhalante cutâneo; systema este, sobre o qual o *virus venereo*, com especialidade na infecção geral, costuma patentear muitos dos seus symptomas: não menos obra este gaz sobre o systema lymphatico, donde se deve deduzir a sua virtude incidente ou attenuante, e em huma palavra o seu effeito desobstruente: o estado pustoloso ou papuloso, que apparece, não raras vezes, nos que usão da agoa, e que jámais tinham padecido affecção cutânea alguma, denotado debaixo do nome de *psudnaeia thermal* por Frank, os bons effeitos do mesmo gaz em muitas affecções cutâneas, o cheiro particular da transpiração, indicão bem a sua acção sobre os referidos systemas.



Entrando por outra parte a considerar os effeitos do mercurio, qualquer que seja o modo d'elle extinguir, expellir, ou neutralisar o *virus venereo*, sabemos que elle he hum estimulante principalmente do systema lymphatico, e que elle igualmente obra sobre o systema cutáneo, e como tal recommendado nas affecções, em que a debilidade dos absorventes predomina. Além d'isto a observação attesta, que para evitar e embaraçar os mais effeitos do uso do mercurio, os brandos diaphoreticos, e ao mesmo tempo calmantes do estado irritativo, que ou por constituição, ou effeito do proprio mercurio, costuma succeder, são muito convenientes; donde infiro, que se o mercurio he indicado para debellar o *virus venereo*, o uso do gaz *hydrogenio sulphurado* tambem não he contra-indicado; mas antes, pelo contrario, he, e deve ser de summo proveito, de qualquer dos modos, porque costuma ser applicado.

Tendo tratado aqui, já dentro, já fóra do Hospital, a molestia venerea debaixo das suas diversas fórmãs, e mais vezes da denominada *rheumatismo venereo*, não só tenho achado util e vantajoso, como já mostrei, o uso da agoa em bebida, e banhos, mas tenho deduzido, que o mercurio administrado juntamente parece redobrar a sua virtude; e até mesmo isempto d'aquelles inconvenientes, que, apesar de toda a vigilancia, não pôde o Práctico obviar. Eu não sei se isto se deve attribuir ao estímulo do gaz sobre o systema exhalante, em consequencia do que as funcções da exhalação não são perturbadas, produzindo os effeitos dos chamados diaphoreticos e depurantes; assim como os banhos quentes, que, alem da prática actual, homens recommendaveis dizem dever acompanhar o uso do mercurio; ou a novas combinações em que podem entrar os oxydos mercuriaes com gaz *hydrogenio sulphurado*: posso porém asseverar que não só os mesmos preparados mercuriaes que até ali não tinham produzido effeito algum, e que, pelo contrario, muitas vezes só parecião ter agravado o mal; tem sido seguidos dos mais bellos resultados, mas tambem que em affecções d'entranhas, tendo usado dos preparados mercuriaes externa e internamente, ainda mesmo em grandes doses, e continuando o seu uso por longos dias, não tenho observado os effeitos da salivacão, que muitas vezes me tinham impedido prolongar o seu uso em outras circumstancias, nem mesmo as dores torminosas, nem as diarrhéas, se bem que estas são muitas vezes produzidas pela mesma agoa, principalmente nos doentes de temperamento irritavel.

Em conhiço que muitos Professores me criticarão de enunciar, como nova, huma cousa, que entre elles passa por hum facto mui sabido; porém em resposta posso dizer-lhes, que não só entre o vulgo, porém mesmo d'entre os Professores muitos pensão que o *virus venereo* contra-indica o uso d'este remedio; co-



mo tenho deduzido até pelo receio com que fallão muitos doentes, que, pôsto mandados por outras molestias, soffrêrão em outro tempo semelhante infecção. A classe das doenças lymphaticas, e com especialidade as *escrophulas*, nas quaes o mercurio he indicado como hum dos grandes irritantes d'este systema, me tem feito ver por duas vezes as grandes vantagens, que se podem tirar já da agoa thermal simplesmente, já unida ao uso do mercurio; e desejo ter occasiões, em que o possa verificar mais vezes. Alguns *dartros*, resistentes ao uso do mercurio, tem sido aqui, senão curados, pelo menos mitigados. Não tem succedido porém assim a trez leprosos, que aqui tem apparecido no 2.<sup>o</sup> periodo; talvez que se elles apparecessem no primeiro, em que, por serem brandos os seus symptomas, apenas os doentes lhes prestão attenção, teria sido mais proficuo o resultado; sendo bem certo, que huma das antiguidades sobre a história medicinal d'estas agoas, he o virem doentes de molestia de pelle banhar-se a este sitio, ainda antes da instituição primitiva d'este Hospital; e o construir-se na sua sempre memoravel reedificação hum banho particular para os leprosos.

Tem-me occorrido algumas vezes casos, em que me tem lembrado, que o mercurio, ou bem seja pela sua má preparação (quero dizer por elle não estar sufficientemente oxydado) ou mesmo porque elle tenha sido desoxydado dentro do systema (segundo *Allion*), existindo dentro dos vasos ou glandulas na forma metallica, pôde ser oxydado pela decomposição do gaz *hydrogenio sulphurado*, e d'esta maneira servir como d'hum antidoto aos effeitos máos, que nestes casos pôde produzir o mercurio pela sua forma metallica; passando por huma verdade quasi incontestavel que neste estado elle he destituido de toda a virtude medicamentosa. As experiencias, a que tenho procedido, me tem feito ver, que elle he perfeitamente oxydado pelo dito gaz, e fórma o oxydo negro sulphurado; e até, para tirar alguma dúvida, tenho pôsto quantidades iguaes d'este metal em iguaes porções d'agoa natural e thermal, e em tempos iguaes tenho achado inalterado o que tinha pôsto na agoa pura, e pelo contrário oxydado em toda a superficie, e tomado huma cor negra, o lançado na agoa thermal: o submuriato de mercurio, o muriato sobre-oxygenado, o nitrato, e o precipitado branco, tratados pela agoa formão hum precipitado negro. Será pois a alteração do mercurio pelo gaz *hydrogenio sulphurado* a causa de parecer a sua acção mais energica, e mesmo isentados seus tão notaveis inconvenientes? Não posso dizer cousa alguma a este respeito, só sim affirmar o que tenho proposto relativamente ao seu uso, como hum dos factos, que tenho observado mais constantemente.



## ART. IX.—

Nós projectavamos publicar no presente Num. as quatro seguintes Memorias:

- 1.<sup>a</sup> *Sobre a Navegação do Têjo.*
- 2.<sup>a</sup> *Sobre o melhoramento das Lesivias.*
- 3.<sup>a</sup> *Discurso do Sr. Maximo de Pina sobre se poder navegar o Rio Nabão, feito em o anno de 1600.*
- 4.<sup>a</sup> *Sobre o Rio Lis.*

Em o Num. XXV. pag. 20 do Investigador Portuguez em Inglaterra achámos annunciadas as duas ultimas; publicámos agora as primeiras duas sómente, e publicaremos tambem as outras se entre as do Investigador, e as nossas houver alguma differença.

As desgraças de Portugal tem sido em nossos dias extraordinarias; mas mui extraordinaria tem igualmente sido a energia, que a Nação Portuguesa tem a todos os respeitos desenvolvido. Eis-aqui mais huma vez demonstrado que a industria dos homens cresce ordinariamente na razão das suas necessidades.

Os Rios que banhão as differentes Provincias do Reino, tem attrahido a attenção do Governo, como hum objecto, que tanto influe na Agricultura por amor das régas, que tanto facilita os transportes e as communicações, e tantas portas abre á commodidade, e até ao luxo.

A immortal obra da Barra de Aveiro, em que por vezes temos fallado, levou os Rios Vouga, Agueda, e Cértima, a circumstancias de se poderem tirar d'elles grandes vantagens; e consta-nos que do Governo se tem recebido (1) Ordens, para que taes Rios se tornem navegaveis. — A navegação do Têjo está sendo, quanto as actuaes circumstancias permittem, objecto de Providen-

---

(1) Fernando Affonso Giraldes Barba de Menezes, Desembargador Ordinario da Casa da Supplicação de Lisboa, encarregado da Superintendencia da Barra de Aveiro, e Luiz Gomes de Carvalho, Tenente Coronel do Real Corpo dos Engenheiros, Director das Obras da mesma Barra, são os encarregados, cada hum no que lhe toca, dos trabalhos sobre Vouga, Agueda, e Cértima.

Solicitámos, obtivemos, temos em nosso poder ha ja mezes, e brevemente publicaremos huma Memoria, pelo dito Tenente



cias do Governo (1) — e assim mesmo a grande e mui util obra de hum Canal de Communicação entre Setubal e Lisboa (2). — As

Coronel Luiz Gomes de Carvalho, que se compõe de cinco partes — a 1.<sup>a</sup> he huma historia resumida mas documentada desde o util principio dos trabalhos sôbre a abertura da Barra de Aveiro, em Janeiro de 1802 até a apresentação dos Planos a S. A. R. em Junho do mesmo anno, e Régia Approvação em Julho seguinte — 2.<sup>a</sup> Descripção tambem documentada dos principaes trabalhos, e mais notaveis difficuldades, que se encontrão e como se vencêrão desde o principio da Obra em 1802 até fins de 1803, em que o A. deixou de ter companheiro naquella Commissão — 3.<sup>a</sup> Descripção dos trabalhos, e difficuldades vencidas desde o fim do anno de 1803 até a epocha sempre memoravel da effectiva abertura da nova Barra, no dia 3 de Abril de 1808 — 4.<sup>a</sup> Descripção dos immediatos e importantes effeitos da Nova Barra na prompta restauração das Marinhas, Campos de Vouga, saude pública, etc.: Descripção de trabalhos feitos, e mudanças accontecidas nas Obras, na Barra, e no Rio desde 1808 até agora — 5.<sup>a</sup> Idéa geral do que ainda resta a fazer para ampliar e perpetuar as já obtidas vantagens da nova Barra; e do mais que respeita áquelle bello Pôrto de mar.

(1) Anastacio Joaquim Rodrigues, Tenente Coronel do Real Corpo d'Engenheiros, Lente da Academia Real de Fortificação, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, depois de ter examinado o Téjo desde Abrantes até Hespanha, foi, pela Portaria de 24 de Abril de 1813, encarregado de cortar os embarços da navegação, e abrir caminho para a Sirga.

Pela Portaria do Governo d'estes Reinos do 1.<sup>o</sup> de Abril de 1812, o Sargento Mór Engenheiro Hydraulico José Terezio Michelotti, foi incumbido de regular, dirigir, e vigiar as obras, concertos, e reparos em todos os valados do Téjo: mandando-se-lhe cuidar nas obras de conservação, e reparo ordinario, valados, portas, e rodas de modo tal, que se evite qualquer inundação, que atruise tão importante ramo de subsistencia pública: dando-se pela mesma Portaria muitas outras providencias tendentes a segurar os meios e a ordem em trabalhos de tanta consideração.

(2) Em 7 de Junho de 1811 expedio S. A. R. Ordens relativas á formação de hum Canal entre Setubal e Lisboa. O dito Michelotti foi mandado verificar a possibilidade da Obra, com vistas de que o Canal servisse de Fosso Militar; se navegasse com segurança e sem interrupção; se esgotassem os muitos pântanos e lagoas, que no sitio se encontrão, etc.

Michelotti auxiliado do Capitão do Real Corpo d'Engenheiros Luiz Maximo (hoje defunto), e do Primeiro Tenente d'Artilheria An-



Obras do Mondego, de tanta importancia, assim para a Navegação, como para defender os campos d'Alvêrcas, Quebradas, etc. continuação (1). — A Barra de Vianna, sôbre a qual e paiz adjacente esperámos publicar brevemente huma obra (2) de penna mui

tonio João Ferreira, examinou, e informou em 22 de Fevereiro do anno passado, da possibilidade da obra com todas as requeridas circumstancias.

Em o Num. XXIV. do Investigador Portuguez em Inglaterra ha huma cópia do Perfil entre a fôz do projectado canal no Rio Maratêca ao Sul, e a fôz no Têjo ao Norte na boca do Rio das Enguias — outro Perfil do canal para se verem as proporções, que deve ter mesmo nas grandes alturas da excavação — Planta dos sitios, valles, e linha central do canal de navegação entre Setubal e Lisboa, o qual communica os dous Rios navegaveis Maratêca e Têjo. — Tudo desenhado por Ordem do Exm. Principal Sousa, por Antonio José da Silveira.

Ouçõ agora tambem lamentar a perda de hum projecto, Ms., do Tenente General Guilherme Luiz Antonio Valleré sôbre abrir communicacão entre os Rios Têjo e Guadiana, que se for possivel, e as nossas circumstancias o permittirem, não faltará quem faça reviver.

(1) No anno de 1807 mandou-se que as Obras do Mondego, paradas havia nove annos, continuassem. O Desembargador José Bonifacio de Andrada e Silva, Lente Cathedratico da Faculdade de Philosophia na Universidade, foi então nomeado Superintendente em lugar do Desembargador José de Magalhães Catello-Branco. O mesmo Lente foi tambem então nomeado Director das obras hydraulicas, que tinha sido Estevão Cabral. Reunio-se então á dita Superintendencia a Provedoria dos Marachões. Ordenou-se que o Superintendente fizesse dirigir as Vallas ao fim geral do Encanamento, etc.

No anno de 1808 suspendêrão-se as obras do Mondego, porque o inimigo esgotou os cofres da sua consignação; que nos primeiros tempos da nossa gloriosa Restauração tambem se applicou á Defeza pública. O Góvêrno d'estes Reinos tem ultimamente ordenado que se dê o legitimo destino aos dinheiros consignados para as obras do Mondego; e já tem começado algumas para reparo dos campos.

(2) Temos em nosso poder huma = Memoria sôbre a Villa de Vianna do Minho = distribuida em quatro Capítulos: a saber 1.º Serâ Vianna do Minho a antiga Eritonia? qual a epocha da sua fundação? — 2.º Commercio da Villa de Vianna do Minho. — 3.º Barra da Villa. — 4.º Rio Lima, Marinhas.

Conservámos tambem huma Carta, anonima, que se nos diri-



habil, faz de particular consideração o Rio Lima, de cujo melhoramento, assim como do Cávado, se trata (1). — Tem-se em vista importantissimos trabalhos sobre o Rio Lis (2). — Em os Rios Nabão, Tua, e Maratêca (3) falla-se muito: he d'esperar que d'elles se tirem algumas vantagens. — Ouvimos a pessoa bem respeitavel, e a cujo alcance se achão bastantes recursos, que ha lembrança d'emprehender que, por via d'eclusas e talvez sem ellas, o Mondego se faça navegavel até Celorico, o Alva e o Dão até para cima de Cõja e de S. Comba.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa tem assumpto fixo de Premio para todos os annos:

“Hum Plano de Canal para aproveitar as agoas de algum Rio de Portugal na régua dos Campos: com todas as nivelagões e calculos necessarios para que a Academia os possa verificar.”

Estes e muitos outros factos mostram que o Govêrno e a Nação, na presença mesmo de extraordinarias despezas indispensaveis e trabalhos de toda a ordem, está prestando grande attenção aos Rios que retalhão Portugal.

Nem os Portuguezes fazem, n'esta qualidade de obras de tanta utilidade pública, mais que executar as ordens, e imitar os desvelos do Grande Príncipe que nos Rege. Por Carta Régia de 5 de Setembro de 1811 para o Governador e Capitão General de Go-

gio datada em Vianna do Minho a 31 de Março do anno corrente a contradizer o que se tinha publicado em o nosso Num. X. pag. 249 §. C. Agradecemos esta Carta, mas parece-nos desnecessario publicalla á vista daquella Memoria. Se o Anonimo achar inexactas as noticias da Memoria, que faremos por publicar em o Num. XVIII. far-nos-ha muito favor se notar as inexactidões, que sendo verdadeiras promettemos publicar.

(1) Por carta Régia de 19 de Fevereiro de 1805, Antonio Fernando Pereira Pinto de Araujo e Azevedo foi nomeado para a Inspecção das Estradas da Provincia do Minho, para fazer alinhar e construir canaes de régua e de transporte; semear arvoredos proprios do terreno nos areas da Costa do mar, que progressivamente vão submergindo as terras.

(2) O Tenente Coronel Luiz Gomes de Carvalho foi agora mandado examinar o Rio Lis com vistas não só de fazello navegavel, mas de construir-se na sua embocadura no mar hum Mólhe, que facilite a carregação das embarcações.

(3) Os Majores do Real Corpo d'Engenheiros, Marino Miguel Franzini, e José Maria das Neves Costa, estão levantando a Planta, do Rio Maratêca, e parte d'aquella pequena península da parte do Sul.



ayaz, entre muitas e mui uteis providencias sobre varios objectos, dão-se tambem sobre a Navegação dos Rios *Tocantins*, *Maranhão*, etc. — A Navegação do Rio de Belmonte e a nova estrada aberta pela sua margem, vão sendo mui frequentadas. No mez de Outubro subio para Minas Novas o Capitão José da Silva Maris, e desceo para Mugiquicaba o Capitão José Pacheco Rolim conduzindo hum grande comboy de cargas de algodão. Aquella Navegação cada dia se torna mais segura, facil, e cômoda. — Seria demasiado extenso, pôsto que já sejam bem lisonjeiros os seus resultados, numerar todas as Providencias dadas por S. A. R. sobre o nosso objecto.

As medidas para a Navegação de diferentes Rios tomadas pelo Governador de Mato Grosso, e de que já se fez menção em o Num. XI. pag. 78 do nosso Jornal, e inimmensos outros factos mostram que o objecto Navegação de Rios está por toda a parte merecendo a maior attenção e desvelo.

---

ART. X.—

*Memoria sobre a Navegação do Têjo. Por \*\*\**

D. José Antonio Banqueri (Religioso, que foi da Ordem Terceira) em huma das notas do seu Discurso Preliminar á Obra, que *Abu Zacaria Jahia* (1) Arabe, natural de Sevilha, escreveu sobre a Agricultura de Hespanha, refere hum Discurso de D. Fran-

---

(1) D. José Antonio Banqueri estudou em Portugal, e no Convento de Jesus em Lisboa. Forão seus Mestres o P. Fr. Antonio Baptista, actual Confessor da Princeza N. S., e o P. M. Fr. João de Sousa, que morreo ha pouco mais de hum anno; achando-se entre os seus Livros (que se recolherão, e se conservão na Livraria do mesmo Convento de Jesus, magnifica em Livros e em edificio, como obra do estabelecimento do Exm. D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas boas, actual Arcebispo de Evora), achando-se, digo, entre os Livros do P. M. Sousa, a obra de que se trata, e que o Mestre tinha recebido de seu Discipulo, o qual a imprimio em Hespanhol e em Madrid no anno de 1802. (*Redactores.*)



cisco Saavedra (1), que contém a Memoria seguinte relativa ao Têjo.

(1) Neste Discurso, Ms., feito no anno de 1796 queixando-se o A. do abandono, em que quasi geralmente se tem deixado os Rios, diz: "Que já algumas Nações tinham rodeado o Mundo, explorado os mares mais remotos, fundado colonias na extremidade da terra, e feito temivel sua Bandeira em ambos os hemisferios, quando todavia não tinham em sua propria casa hum caminho firme, nem hum canal navegavel, que dêsse circulação ás suas producções; sendo-lhes mais facil desfructar o luxo do Mogol e do Perú, que soccorrer a necessidade de huma Provincia faminta com a abundancia de outra Provincia não mui distante.,,

São da última importancia aquellas breves reflexões de D. Francisco de Saavedra. Quem se destinasse a viajar em paizes estrangeiros, deveria aprender primeiro quanto na sua Patria se lhe podesse bem ensinar relativamente aos objectos das suas viagens; deveria ser de huma grande e provada probidade; deveria viajar e examinar primeiro o seu paiz, etc. Só assim o viajante não daria má idéa da sua Patria, e tiraria para esta as maiores vantagens das suas viagens.

Concebida n'aquelle espirito he a Carta Régia de 4 de Dezembro de 1799 ao Exm. Bispo Conde Reformador Reitor, a qual he verdadeiramente o Regulamento do Observatorio Real da Universidade de Coimbra, e que relativamente a viagens se fez transcendente a todas as Sciencias Prácticas da Natureza que na mesma Universidade se ensinão. Vem a proposito, e são como se segue, os ultimos dous paragrafos da dita Carta Régia.

"Logo que houver hum Ajudante perfeitamente instruido na Theorica, e bem desembaraçado na Práctica das Observações, e de comportamento tal, que com credito da Universidade possa apparecer nos Paizes Estrangeiros, mandar-se-ha visitar os Observatorios, onde a Arte de Observar estiver na maior perfeição, para tomar conhecimento do modo, com que nelles se practica, da qualidade dos seus instrumentos, e de tudo o mais que convier; deixando estabelecidas correspondencias para se fazerem as Observações da Universidade de acôrdo com as dos ditos Observatorios. Para tudo o que se lhe darão Instrucções circunstanciadas por escrito . . . ,,

"E porque na progressão rápida, que ora tem o adiantamento dos conhecimentos nesta parte, dentro de pouco tempo apparecem em diferentes partes novos e felizes esforços da industria e sagacidade dos Astronomos; de dez em dez annos se fará huma Missão semelhante. E isto que tenho disposto a respeito da As-



Tendo o Imperador Carlos V. em 1529 emprehendido o projecto de se fazerem navegaveis os quatro Rios Ebro, Guadalquivir, Douro, e Têjo, se valeo para este fim de alguns Engenheiros, cuja obra continuou pelos tempos de Filippe II., IV., e V. Carlos III., havendo formado huma Companhia presidida por Dom Agostinho Badin, lhe encarregou esta obra, mas como se levantassem algumas discordias proprias de semelhantes associações, fez estabelecer em Madrid huma Junta confiando a sua Direcção a Dom Romão Pinateli: e deixando os successos relativos aos dous primeiros Rios; passámos a ver os do Têjo, e Douro.

O Têjo nasce no meio da Peninsula, e atravessa as duas terças partes de seu diametro: nenhum Rio dá maiores vantagens em sua navegação, e em nenhum se praticarão esforços mais efficazes, nem mais felizes para fazer-se navegavel. A lastima he que este beneficio se perdeu mui pouco depois de conseguido; e presentemente existem algumas noticias incompletas, e pouco communs da maneira, com que se obteve a sua utilidade.

Ao mesmo tempo que Filippe II. se jurava Rei de Portugal nas Cortes de Thomar, encarregou ao seu Engenheiro João Baptista Antoneli, homem célebre d'aquelle tempo, para que habilitasse a navegação do Têjo, em virtude de haver o mesmo Antoneli apresentado naquellas Côrtes hum plano para fazer navega-

*tronomia Práctica igualmente se executará relativamente a todas as outras Sciencias Prácticas estabelecidas na mesma Universidade, nos tempos e circumstancias, que mais opportunas forem, como hum dos meios mais proprios e mais efficazes para animar e promover o adiantamento d'ellas.*

Em consequencia d'aquelle Estabelecimento, forão nomeados para viajar os seguintes Naturalistas:

O Dr. Manoel Pedro de Mello, Quinto Lente Cathedratico na Faculdade de Mathematica, para ter exercicio, quando poder recolher-se a Portugal, na Cadeira de Hydraulica. Existe em Paris. — Dr. João Antonio Monteiro, Lente Cathedratico na Faculdade de Philosophia, com exercicio, que já teve antes de partir, na Cadeira de Docimastica. Acha-se em Paris. — O Dr. Paulino de Nola Oliveira e Sousa, Lente Substituto da Faculdade de Philosophia. Em Paris. — O Dr. Sebastião Navarro de Andrade, Demonstrador de Chymica na Faculdade de Philosophia. Acha-se na Côte do Rio de Janeiro, aonde se recolheo de suas viagens. — Dr. Vicente Navarro de Andrade, Oppositor ás Cadeiras de Medicina. Acha-se da mesma sorte na Côte do Rio de Janeiro. — O Dr. Heliodoro Jacintho de Araujo Carneiro, sendo Oppositor na Faculdade de Medicina, foi mandado viajar pelo interior do Reino; e foi depois mandado para os Paizes Estrangeiros. Acha-se em Londres.

(Redact.)



veis todos os Rios de Hespanha até ao mais interior das Províncias; isto aconteceu em 1581, e nos principios do anno de 1582 já navegou Antoneli em hum Chalupa desde Lisboa até Toledo (1), e seguiu a mesma Navegação a Aranjuez, e entrando no Rio Xarama, e depois em Manzanares, passou embarcado por diante de Madrid com admiração dos seus moradores, e chegou até á Ponte do Pardo: depois retrocedendo pelos mesmos Rios voltou a Lisboa felizmente onde chegou aos trez mezes da sua partida. Nos quatro annos seguintes se compozêrão varios passos difficeis do mesmo Téjo, e no de 1587 se construírão seis barcas grandes em Toledo, que no anno seguinte de 1588 navegáráo d'ali a Lisboa com quantidade de trigo, gastando 15 dias para chegarem á

(1) Já na *Manarchia Lusitana* se lê: He grande parte d'este Rio (Téjo) navegavel; e em nossos dias se foi por elle acima até á Cidade de Toledo em barcos de meã grandeza, o primeiro dos quaes eu vi na propria Cidade.

Já Faria e Sousa na sua Europa Portugueza, diz: "Los rios mas famosos son el Tajo, ufano com dexar atras la mas illustre Ciudad de Castilla, e la mas insigne d'Europa, que son Toledo e Lisboa, para entrar en el Oceano, e abrir la entrada a todas las riquezas mas estimables de la Asia, y de la America, es navegable en parte grande, nuestros Padres vieron subir embarcaciones desde Lisboa asta Toledo."

Se pois Fr. Bernardo de Brito vio navegar o Téjo até Toledo; se Faria e Sousa confessa que já seus antepassados virão o mesmo; se João Baptista Antoneli fez e vio navegar o Téjo até para cima de Madrid; porque será que em tão pouco tempo a navegação d'este memoravel Rio diminuiu de maneira que exige grandes trabalhos de Abrantes até Villa velha, e quasi invenciveis no estado actual das cousas de Villa velha até Malpique?

Era d'esperar, e a observação o confirma que todos os Rios vão ganhando cada vez maior quantidade de arêa por duas razões: 1.<sup>a</sup> descendo para elles a terra das margens e montes visinhos, principalmente se se não prende com a competente vegetação, e mais ainda se se cultivão: 2.<sup>a</sup> não só não se promovendo a rapidez da corrente, mas retardando-se com caneiros, tarrafas, pesqueiras, açudes, azenhas, etc., que nos Rios se construírão, e que quando sejam de utilidade, he pequena, he nada á vista do público prejuizo que causa o entupimento dos Rios (de que nenhum particular póde assenhorear-se), e consequente falta, ou mesmo diminuição de Navegação.

Estes objectos são de hum extensão e importancia immensa; e tanto bastava para que o Govérno os tomasse, como os factos mostram que tem tomado, em sua providente consideração.



dita Cidade. Antonelli assistio á sua partida, porém não chegou a ver a sua volta por haver fallecido em 15 de Março d'aquelle anno.

Pouco tempo depois se fez outra viagem com 500 fangas de trigo, que teve hum prospero successo, e desde então não se sabe as resultas, nem onde parão as medidas para a continuação de hum empreza tão proveitosa, e tão felizmente começada. He de crer, que padecio grandes contrariedades da parte dos que tinham açudes, e moinhos no Têjo; he todavia certo que havendo proposto o Rei nas Cortes de Madrid em 1583 a importancia de estabelecer esta navegação, todas as Cidades do Reino se offerecerão a esta Obra excepto Toledo, que, sendo a que a devia promover com maior afinco, fez hum obstinada resistencia, e opposição, a que se pozesse em practica. As noticias d'estes factos estarão em esquecimento se os não houvera conservado em suas obras inéditas, Estevão Garibai, que foi testemunha occular de todos elles.

Estes são os projectos principaes, que se lião formado em Hespanha no decurso de 3 séculos á cerca da navegação de suas Províncias por meio dos Rios de maior nome. Outros muito meenos notaveis se propozerão ao Góvêrno para facilitar a navegação, e na practica teve esta obra successos varios; e aqui só farei menção dos que coincidem ao ponto de que tratamos. No Plano d'Antonelli de fazer navegal o Têjo entrava como parte mui essencial a navegação dos Rios Xarama, e Manzanares. Conto este grande homem havia formado o Plano Geral da navegação do interior do Reino, estava persuadido que estes Rios, que nascem no meio da Hespanha, e regão a mais preciosa parte d'ella, devião formar o centro do seu projecto, e ser o ponto de reunião das mais communicações. Em 1756 se formou hum Junta com o titulo = Navegação do Têjo = seu objecto era construir hum Canal, que principiase desde a Ponte do Pardo no Rio Manzanares até á sua entrada no Xarama, continuasse dali até Valdominguete donde devia começar a navegação do Têjo, e chegar á raia de Portugal.

Tambem offerecia esta Junta fazer navegal o Rio Guadiela até Bolarque, e obteve faculdade para dar communicação á Guadiela, e ao Têjo com o Rio Xucar estabelecendo-se a navegação até ao Mediterraneo por Callera no Reino de Valencia; projecto este que se dirigia nada menos, que fazer communicavel o Mediterraneo com o Oceano pelo centro da Peninsula; não teve effeito.

Em 1770 se obrigou D. Pedro Martinengo, etc. a fazer hum Canal navegal no Rio Manzanares desde a Ponte de Toledo até o Xarama, e conduzir a navegação pelas Ribeiras do mesmo Xarama, e de Honares ao Têjo; porém apenas se executou parte do Canal de Manzanares.



*Em quanto ao Douro.*

Com a morte de Antoneli se deixou tambem de se fazer navegavel o Douro. Em 1752 se projectou abrir hum Canal em Castilla para se receberem as varias ramificações do Douro, cujo Canal devia correr desde Segovia, e Espinar, por espaço de quarenta e seis legoas, até ao Povo de Olia distante legoa e meia de Reinosa, e pouco mais de nove donde o Rio de Suances principia a ser navegavel. A lentitude com que progressou esta obra não correspondeo á sua importancia pois que firmava o anel, que ligava o centro da Nação com as suas extremidades.

## ART. XIV.

*Observações sôbre as Lizirias, e a necessidade de seguir hum methodo para o seu melhoramento.*

As Lizirias, e margens do Têjo são compostas de tres qualidades de terrenos: a primeira se compõe de terras que forão salgadas, e presentemente estão adoçadas; a segunda de terras medianamente salgadas; e a terceira de terras absolutamente salgadas, e estas são as que estão mais proximas ao mar, e estiverão muitos tempos, cobertas de agoas salgadas das marés. Tratemos primeiramente das cheias do Rio Têjo, e Rios que desagoão n'elle, e depois trataremos das cheias da barra de Lisboa, occasionadas pelas marés, sendo estas o maior inimigo das Lizirias.

As cheias do Rio Têjo, e Rios que desagoão n'elle, sobindo a grandes alturas muito acima da superficie das Lizirias, e margens do Têjo, não se podem, nem se devem tapar, de sorte que não entrem estas cheias dentro das Lizirias; dous beneficios se seguem de serem as Lizirias alagadas pelas cheias do Têjo; o 1.º porque o nateiro que depositão, fazem as terras mais fecundas, e as adoção, com tanto que depois de depositarem os seus sedimentos, com brevidade se esgotem; o 2.º porque estes nateiros, e sedimentos vão levantando insensivelmente a superficie das mesmas Lizirias, e deste modo se vão igualando com as marés salgadas, que tanto as prejudicão.

As terras que digo da primeira, e segunda qualidade, que são as adoçadas, e medianamente salgadas, se costumão semear depois das cheias terem passado por ellas, e se não devem absolutamente tapar, e sómente se devem abrir com vallas, e sarge-tas necessarias para esgotarem as agoas com promptidão.



As terras que são absolutamente salgadas precisam ser mais cobertas pelas agoas do Têjo para se adoçarem, e levantarem: porém como estas cheias do Têjo vem em diferentes tempos, e se costumão semear temporás, devem ser tapadas, para se não perder o trabalho e sementes; e porque estas cheias sóbem a maior altura pelo motivo de lhes apertarem seus canaes, até servindo-se de seus leitos, para fazerem corredouros, que tapão pelo interesse de suas produções, chegando as agoas assim opprimidas a romperem pelas Lizirias com grande estrago, e prejuizo.

He preciso estabelecer nos Rios alveos capazes de darem sahidas com promptidão ás suas agoas, e para este fim he necessario demarcar com marcos grandes de pedra estes leitos, ou alveos do Têjo, para que dentro destes limites ninguem possa ter dominio; e por estes marcos se alinharem seus valados, e haver huma inspecção vigilante, que faça limpar estes alveos, a fim de se profundarem, e não arruinarem as Lizirias.

Tambem he necessario para este fim tornar-se a abrir o antigo Rio das Lizirias, chamado Agulhão, que se dirigia pelo meio das Lizirias, de Nascente a Poente, pelo qual se esgotavão grande parte das cheias do Têjo, e por elle se esgotarem as agoas de huma, e outra parte deste Rio, fazendo-se-lhe portas nos lugares precisos.

O outro Rio que entra pelo Valle de Gravulho, e por elle tambem esgotão as cheias do Têjo, entrando n'elle as agoas da grande Ribeira de Benavente de Camora, e Paul de Lavouras, metendo-se no mar proxima a Alcoxete; este Rio tem adquirido tantas voltas, que o fazem impossivel de esgotar suas agoas com promptidão, arruinando por isto as mesmas Lizirias, e he preciso que a sua corrente se aproxime a linha recta para por este modo se profundar em beneficio das ditas Lizirias, e da Navegação.

Trataremos agora das grandes cheias das marés que entrão pela Barra de Lisboa, e sóbem nas agoas vivas, e equinoxios, acima da superficie da maior parte das Lizirias, causando-lhes graves prejuizos, entrando nas terras, salgando-as, e destruindo as Searas donde chegão; e estas são o maior inimigo das mesmas Lizirias, o que se deve absolutamente evitar, fazendo-as tapar com vallados sufficientes, até a altura das cheias das agoas salgadas.

Tambem he preciso abrirem-se pozos n'estas Lizirias onde se conhecer que ha nascimento de agoa doce, com seus tanques, para beberem os gados que padecem em tempo de verão grandes securas, bebendo as agoas salgadas das arruelas, tudo em prejuizo dos Lavradores, e Lavouras.

He de igual precisão fazerem-se n'estas Lizirias alguns Cães para se embarcar, e desembarcar a toda a hora, redundando isto na maior utilidade dos Lavradores.



## ART. XII. — Communicado:

## LITTERATURA CÔMICA NACIONAL.

Na vida humana nada ha mais amplo e extenso, do que o campo que dá lugar a observações Cômicas. São estas tantas e tão multiplicadas, que muito exceedem em número as verdadeiramente grandes, nobres e majestosas.

Não entra nos limites de nosso proposito espraiaarmo-nos sobre a natureza do Cômico, para d'elle darmos huma definição geral que resista á prova da mais severa critica. Contentar-nos-emos pois com dizer só a certa classe de leitores (porque aos mais d'estes terá já hum sentimento íntimo inspirado a noção que d'elle devem formar) que, pelo termo de Cômico, entendemos tudo aquillo que se desvia do que, segundo as regras da boa razão, era de esperar dos objectos de que se trata, e que mais ou menos nos excita a riso.

A este fim porém pertence, mais que tudo, o merecimento de tratar esta riquissima materia, com proveito e recreio da Sociedade. Demanda elle tanto genio, quanto requerem as mais Artes. Cicero conhecia já que para isso tinha a Natureza de prodigalisar talentos de proposito: porém desejava sempre hum systema d'esta Arte. *Cujus utinam artem aliquam haberemus; sed domina Natura est.* De Orat. Lib. II. — He este talento tão raro, que com muita parcimonia o dá a Natureza. Grandes conhecedores tem reputado por mais difficil escrever huma Novella como a de Gil Braz, do que traçar muitas das chamadas Epopéas, e Collecções de Odes; grandes pintores tem encontrado môres difficuldades em copiar exactamente certas caricaturas, lançadas por algum rapaz em huma parede com huns poucos de traços á ventura, do que em imitar por cópia os primores de sua Arte. Daqui vem o ter-se reputado a habilidade de compor cômicamente, por não desmerecedora de ser tratada como parte das Bellas Artes, e classificada entre seus diversos ramos. D'isto trata Cicero de Officiis, Lib. I. *Duplex omnino est (diz elle) jocandi genus, illiberale, petulans, flagitiosum, obscœnum; alterum elegans, urbanum, ingeniosum, facetum.* Matheus Delio, Escripior Alemão, até commetteo de escrever huma arte de gracejar, e compoz hum opusculo de *Arte Jocandi*, que se acha no 2.º Tomo da Collecção intitulada *Di-*



*liciae Poetarum Germanorum*; porém diz hum dos maiores Mestres das Bellas Artes e Sciencias d'aquella Nação (Unzer): *Desgraçado d'aquelle que julga que ali he que poderá aprender huma Arte tal!*

Competindo por tanto a agudeza de hum espirito natural e não mui obvio, e a penetração enfreada pelo discernimento até mesmo a este genero de composição, de modo que agrade ao Povo; vemos que todas as Nações, em que se tem abalisado Escriptores taes, os tem engrandecido sempre, sendo o seu nome exaltado a par de seus primeiros Poetas, e referido em Catalogos que se encontram em todos os Escriptores de História Litteraria, como, por exemplo, em Heumann, Morhoff, Meusel, etc. e até se estampou com especialidade huma obra de Floegel, sobre a *Litteratura Cômica*.

Tanto baste para justificar nosso intento de consagrar humas poucas folhas á recensão das obras de hum bem conhecido e bem aceito Escripitor Cômico, que sem duvida se pôde lisongear da justiça com que o tratará hum dia a imparcial posteridade. Seu genio tem hum caracter que lhe he peculiar; elle se tem mostrado sempre, e ainda mesmo em seus escriptos juveniz, dotado de inestimavel talento, que nunca jamais degenerou em maldição sua propria, ou de algum de seus leitores. Sem resvalar em seus passos, nunca mostra nem levemente a menor ousadia de se erguer acima dos limites do estilo mediocre, no meio da sociedade civil: pelo contrario, não se permite expressão alguma cuja plena significação e energia sejam só intelligiveis á plebe. Sua jovialidade e desfastio nunca deslustrão idéas sublimes e elevadas, por termos chulos, baixos e ascosos. He seu estilo constantemente o confidente de huma sociedade, bem que prazenteira, sempre modesta e comedida. Nunca interrompem seus ditos, por graciosos que sejam, declamações affectadas, ou opprobrios grosseiros contra tudo o que he honesto e decoroso, nunca se encontram em seus escriptos inesperadas obscenidades, e em summa, em todos elles apparece sempre hum fim moral, e nunca envenenado furor de altercação e disputa.

De quanto dito fica, facil he de perceber que tratámos de José Daniel Rodrigues da Costa. He este natural de Leiria, patria do insigne Poeta Francisco Rodrigues Lobo. Contando apenas dous annos de idade, foi trazido a Lisboa. Por fallecimento de seu pai, que vivia de negocio, ficou em poder de humas virtuosas e honradas senhoras de avançada idade e de vida mui exemplar, que cuidarão desveladas em sua educação, e a quem depois valeo agradecer em suas precisões, como elle melhor o indica nas suas *Rimas*.

Do estudo das primeiras letras passou ao da Latinidade, e em idade de desanove annos, por falta dos necessarios meios, não



proseguio nas Aulas superiores; e cuidou em buscar asilo para sua subsistencia no patrocínio do Desembargador Antonio Joaquim de Piná Manique, que lhe conferio a administração das quatro portas da Cidade e Ramo de Belém, que occupa ha 35 annos, e, por serviços ali feitos, obteve a merecê de huma Tença, juntamente com hum Officio de Tabellião de Notas em Portalegre de que he Proprietario.

Por morte de seu Patrono, se mostrou elle em suas Rimas saudoso e grato á sua memoria. De idade de 31 annos entrou no estado de casado; e tendo a Patente de Ajudante das Ordenanças de Alemquer, obteve a de Capitão da Legião do Paço da Rainha, e depois a de Sargento Mór, Posto em que hoje se acha, com 36 annos de idade.

Do fructo de sua applicação se póde ajuizar pelo seguinte Catalogo de suas Obras, que ainda esperamos ver augmentado com novas producções.

*Catalogo das Obras impressas de José Daniel Rodrigues da Costa.*

Rimas, 1.<sup>o</sup> tomo, em 1795. }  
Ditas, 2.<sup>o</sup> tomo, em 1797. } Reimpressas em 1800.  
Theatro Cómico, dito anno }

Almocreve de Petas, 1.<sup>o</sup> tomo, em 1798.  
Dito ——— 2.<sup>o</sup> tomo, em 1799.  
Comboi de mentiras, em 1801.

Espreitador do Mundo Novo, em 1802. — Em que vem as seis partes dos Opíós que forão soltas reimpressas outo vezes.

Parco da Carreira dos Tólos, dito anno.  
Jogo dos Dotes, dito anno.  
Hospital do Mundo, em 1805.  
Camera Optica, em 1807.

Do mesmo Author se imprimirão avulsos os Folhetos seguintes:

Espelho dos Jogadores, em 1798. — Reimpresso trez vezes.  
Quadras Alegres aos annos do Serenissimo Senhor D. Pedro Carlos, em 1804.  
Quintilhas ao mesmo Senhor, em 1805.  
Ditas ao mesmo assumpto, em 1806.



- Quadras Alegres ao mesmo, em 1807.  
 Protecção á Franceza 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Parte, em 1808.  
 Partidista contra Partidistas, em 1809.  
 Resposta á Proclamação, que em Hespanha fez o General  
 Francez Augereau, em 1809.  
 Cantigas Patrioticas, em 1810.  
 Surriada a Massena 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Parte, em 1811.  
 Conversação Nocturna das Esquinas do Rocio de Lisboa, em  
 1812.  
 Carta de Parabens com hum Dialogo dos dous Generaes Fran-  
 cezes Filippin, e Bertier, dito anno.  
 Encontro na Eternidade dos dous Generaes Francezes Mar-  
 mont, e Bonnet, dito anno.  
 Silva ao Memoravel Lord Wellington, em 1813.  
 Testamento Engenhoso do Dom Quixote da França ao partir  
 para a Russia, dito anno.

#### ART. XIII.—

A fim de que se facilitem todos os recursos sobre a Sciencia de Curar, e continuando o objecto começado na pag. 396 do Num. XVI. do Jornal de Coimbra, publicão-se as Relações nominaes dos Subdelegados dos Delegados Geraes do Physico, e Cirurgião Mór do Reino.

Temos em nosso poder e publicámos agora trez Relações; duas de Medicina, e huma de Cirurgia.

#### MEDICINA.

*Physico Mór do Reino* — Manoel Vieira da Silva, residente na Corte do Rio de Janeiro.

*Delegado Geral do dito Physico Mór nas Províncias do Sul de Portugal* — José Pereira da Cruz, residente em Lisboa.

*Delegado Geral do mesmo Physico Mór nas Províncias do Norte de Portugal* — Custodio Luiz de Miranda, residente na Cidade do Porto.

*Comarcas. — Subdelegados nas Provínc. do Sul. — Residencias.*

Alcobaça — João Francisco Crespo — Alcobaça.

Algarve — João Nunes Gago — Tavira.

Aviz — Mathias José d' Oliveira Galvão Fonseca — Estremoz.

Béja — José Maria Bustamante — Alvito.



Crato — Francisco Ignacio de Moraes — Pedrógão grande.  
 Elvas — Nuno da Costa Bravo Bocarro — Elvas.  
 Evora — Mathias José de Oliveira Galvão e Fonseca — Extremoz.  
 Leiria — Antonio Anastacio de Sousa — Pombal.  
 Ourém — Joaquim Rodrigues dos Santos Viegas — e Serra — Chamusca.  
 Ourique — Manoel Vasques Arredondo — S. Thiago de Cacém.  
 Portalegre — João Pedro Roxo — Portalegre.  
 Santarém — José Feliz Baima — Santarém.  
 Thomar — Joaquim Rodrigues dos Santos Viegas — e Serra — Chamusca.  
 Villa Viçosa — Antonio José dos Santos — Monte mór o noyo.

*Subdelegados nas Provincias do Norte.*

Aveiro — Manoel Gonçalves Madail.  
 Coimbra — Dr. Antonio Joaquim de Campos.  
 Valensa } Antonio Joaquim de Campos.  
 Vianna }

Brevemente concluiremos esta Relação de Subdelegados, em cujo arranjo se trabalha incessantemente.

CIRURGIA.

*Cirurgião Mór do Reino* — José Corrêa Picango, residente no Rio de Janeiro.

*Delegado Geral* do dito Cirurgião Mór nas Provincias do Sul de Portugal — Antonio Pedro da Silva, residente em Lisboa.

*Delegado Geral* do mesmo Cirurgião Mór nas Provincias do Norte — Joaquim José Rodrigues, residente na Cidade do Porto.

*Comarcas. — Subdelegados nas Provincias do Norte.*

Coimbra — Bacharel José Joaquim de Castro Bacelar, residente em Cernache dos alhos.

Evora — João Jacintho de Mira.

Guarda — Manoel Antonio Affonso.

Lagos — Bacharel José Francisco de Carvalho.

Leiria — Manoel de Oliveira Simões.

Pinhel — José Pires dos Santos.

Santarém — João Evangelista de Contreiras.

Trancoso — José Pires dos Santos.

Villa Viçosa — Francisco Ignacio de Mira.

Viseu — Manoel Joaquim da Fonseca.

As de mais Comarcas das Provincias do Sul não estão providas por ora.



## ART. XIV.—

*Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

Compõe-se, no mez de Maio, de hum Director, hum Secretario, e mais ; Membros :

Director. — Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

Secretario. — Bernardino Antonio Gomes.

Membros. { Francisco de Mello Franco.  
José Feliciano de Castilho.  
José Maria Soares.  
José Pinheiro de Freitas Soares.  
Wenceslão Anselmo Soares.

## ART. XV.—

*Pela Directoria Geral dos Estudos e Escolas d'estes Reinos, e seus Senhorios, estão a Concurso de 60 dias, que começãrão nos que vão declarados, as seguintes Cadeiras.*

Perante o Commissario do Alentejo e Reino dos Algarves as Cadeiras de Latim de Serpa, e a de Monsarás, com exercicio nos Reguengos : 16 de Julho.

Perante o Provedor de Leiria, as Escolas de Alpedriz, Alvorinha, Atouguia, Maiorga, Villa d'Evora : 15 dito.

Perante o Provedor d'Elvas, a Escola de Barbacena : 17 dito.

Perante o Provedor da Guarda, a Escola de Oliveira do Hospital : 19 dito.

Perante o Provedor de Lamego, a Escola da Villa de Sande : 19 dito.

*Luiz da Costa e Almeida.*



## ART. XVI.—

*Prospecto al Periódico titulado el Amigo del Pueblo.*

(*Omittimos hum Discurso sobre Periódicos, e o annúncio dos lugares Hespanhoes, designados para Subscripções, por onde começa, e acaba o Prospecto do Periódico de Badajoz; o resto he como se segue.*)

He aquí el objeto principal de este Periódico, en el que sobre las reflexiones y el analisis de nuestro nuevo sistema de gobierno, se dará una idea de todas las órdenes y decretos con un Comentario que demuestre su utilidad, y enseñe su aplicacion.

La litteratura, tan descuidada entre nosotros desde que trueña el mortífero cañon, formará parte de este papel, y los rasgos de las bellas letras, los anuncios y extractos de obras nuevas nacionales, y de las extranjeras que podamos adquirir, los descubrimientos é invenciones, formarán un artículo de amenidades literarias, que sino es constante, será por lo menos muy frecuente.

La economía rural tendrá tambien un lugar distinguido, para ayudar en algun modo la laboriosidad del pueblo extremeño, y hacerle mas utiles y productivas sus fatigas.

Como ha terminado la Gazeta de órden del Gobierno, y la curiosidad á cerca de los acaecimientos de que pende la tranquilidad comun, y la gloria de los estandartes nacionales, es inherente á todo hombre que no vive para sí solo, se publicará un boletín de noticias, lo mas exácto que sea posible, y acompañará suelto á los números del Periódico.

Todo ciudadano podrá dirigir-nos sus ideas y sentimientos, que publicaremos, siempre que vengan escritos con decoro, francos de porte, y firmados por su autor, cuyo nombre se callará quando lo prevenga así.

De tiempo en tiempo se publicarán estados comparativos de las ventajas ó desventajas económicas, militares y políticas de la Provincia, de la Nacion, y alguna vez de toda la Europa.

Las determinaciones y reglamentos del Gobierno Superior político, y del ramo de Rentas Nacionales, serán anunciadas y analizadas tambien.

La dignidad, la moderacion y el decoro han de ser el distintivo de este Periódico, donde se cumplirá exáctamente quanto se



ofrece, empezando su publication desde el 3 de Agosto. Constar de un pliego cada número, ademas de los boletines quando los hubiere, y se publicará todos los martes y vienes.

Los números sueltos se venderán á 10 quartos (sin aumentar el precio quando haya boletines de noticias) en la Plazuela de la Soledad numero 10.

Se admitten subscripciones á 28 reales por trimestre en Lisboa D. Alejandro Bayé, del Comercio.

#### ART. XVII.—

*O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, etc., do Rio de Janeiro*: publica-se mensalmente naquella Corte desde o principio do anno corrente. Cada Num. he hum folheto em 8.<sup>o</sup> — Temos á vista os trez Num. I. de 128 pp., II. de 115 pp. e duas Estampas, IV. de 110 pp. e huma estampa. — O preço de cada folheto avulso he em Lisboa (na Loja de Paulo Martin e Filhos, N.<sup>o</sup> 6 defronte do Chafariz do Lorêto) como no Rio de Janeiro 800 rs.; a Subscripção por semestre 4:000 rs. — O Folheto Num. III. ainda não chegou a Lisboa; talvez que viesse em o Navio Oceano, aprisionado pelos Francezes.

Sobre os motivos que resolvêrão o Redactor a emprender esta obra se explica elle assim na pag. iv. da Introducção. “Convencido de que apodrecião no esquecimento Obras assás recommendaveis, e noticias de sóbra interessantes, sem que huma mão habil colligisse e ordenasse aquelles dispersos membros, e formasse hum todo digno da attenção pública, doendo-me de que não acordasse a emulação á vista de tantos modellos das Nações Cultas, como se a posição physica retardasse a luz a chegar ao nosso horisonte; cego á insufficiencia de minhas forças, mas despertado ao brado da Patria, eu não hesitei hum momento em emprender aquillo, que todos os Litteratos, primeiro que eu, havião pensado, e de que infelizmente abrião mão, atterrados com os embarços, que circumstancias melindrosas tornavão quasi insuperaveis. Era preciso hum homem, que não tendo que arriscar hum nome conseguido á custa de preciosas descobertas, ou de Obras de mão de Mestre, tivesse em pouca monta, assim applausos, como censuras; que expondo-se, como parapeito, aos tiros da maledicencia, salvasse os Sabios Escriptores, que cooperassem com as suas luzes para o sey desempenho. Este homem appareceu.... Pensem inaduradamente que todas as cousas humanas começam por hem pequenas, e chegam depois a hum estado de grandeza e d’es-



plendor. Da pequena semente se gera huma copada arvore, se mão déstra a réga, e Deos lhe dá o incremento. ,,

Dar-se-ha muito boa idéa do Plano da Obra, publicando, como vamos a fazer, o *Indice das Materias*, de que se compõem os trez Num., que temos á vista.

*Indice do Num. I.* — Memoria sobre o emprêgo do assucar combinado com a polvora. — Novo modo de refinar o assucar. — Memoria sobre a cultura do algodoeiro. — Memoria sobre a plantação e fabrico do urucú. — Methodo que se seguiu no trabalho Hydrographico da Planta do Porto do Rio de Janeiro, no anno de 1810. — Proposta da Camara do Rio de Janeiro sobre as doenças endémicas, e epidémicas, e meios de remediallas. — Resposta do Dr. Manoel Joaquim Marreiros. — Ode á Partida de S. A. R. de Portugal para o Brazil, por B. . . — Ode do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos. — Resposta de Francisco de Porja Garção Stöckler. — Ode de Diniz a Affonso de Albuquerque. — Epigramma do mesmo A. — Lyra inédita de Gonsaga. — Maximas, pensamentos, e reflexões moraes por hum Brasileiro. — Questão Grammatical sobre as syllabas, por S. P. F. — Extracto da viagem, que fez ao Sertão de Benguela o Bach. Joaquim José da Silva. — Cálculo sobre a perda do dinheiro do Reino por Alexandre de Gusmão: e algumas outras noticias politicas.

*Indice do Num. II.* — Entre os sólidos de igual superficie, achar o que tem o maximo volume, por José Saturnino da Costa Pereira. — Extracto de duas Cartas de Mr. Scheweiger a J. C. Delamethrie, sobre o Galvanismo. — Methodo imaginado, e praticado no Laboratorio Chymico do Exm. Antonio de Araujo de Azevedo, na Cidade do Rio de Janeiro para a extracção do oleo de mamona. — Noções sobre a cultura e fabrico do anil, e analyse d'esta materia colorante, e do pastel, publicadas por B. — Memoria sobre o algodoeiro, continuada do Num. I. — Resposta que deo o Dr. Bernardino Antonio Gomes ao Programma da Camara do Rio de Janeiro, que vem no Num. I. — Maximas, pensamentos, etc. de hum Brasileiro. — Continuação da Viagem ao Sertão de Benguela. — Memoria sobre hum Alambique existente no Laboratorio do Exm. Antonio de Araujo, que contém as invenções mais modernas praticadas na Escocia, e ao qual se fizerão algumas addições para a sua perfeição, por G. M. — Alguma Poesia; Noticias politicas; e observações meteorológicas.

*Indice do Num. IV.* — Memoria, sobre Grammatica Philosophica, de S. P. F. — Prática d'Alexandre de Gusmão, entrando na Academia Real de História Portugueza. — Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas. — Noticia á cêrca de varios carros de transporte. — Poesia, Noticias politicas, Commercio, Observações meteorológicas, etc.



## ART. XVIII.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Catalogo de algumas das Obras impressas na Régia Officina Typographica de Lisboa, e outras, no mez de Maio de 1813.*

Diccionario da Lingua Portugueza, recopilado dos Vocabularios impressos até agora, e nesta segunda Edição novamente emendado, e muito accrescentado; por Antonio de Moraes Silva: 2 tom. in fol. Vende-se na Loja de Borel Borel, e Companhia. Preço 9:600 rs. Encadernado.

Neste Diccionario não só se fizeram muitas emendas e accrescentamentos á vista dos nossos Classicos, mas se explicáram palavras, que só se achão em Documentos manuscritos; e se lhe ajuntou hum Epitome da Grammatica Portugueza.

Discurso Juridico; Historico, e Critico sobre os Direitos Dominicães, e prôvas d'elles nestes Reinos em favor da Coroa, seus Donatarios, e outros mais Senhorios particulares: juntamente correcção fundamental das theses de hum papel sedicioso, que grassa manuscripto com este titulo = Advertencias de hum Curioso em favor dos Lavradores, que forem vexados, e opprimidos com titulos falsos, e tombos nullos, ou com pertenções alem dos titulos legitimos. Por Manoel de Almeida e Sousa. Em 4.<sup>o</sup> pp. 215.

Manual d' Appellações e Aggravos, ou Deducção Systematica dos principios mais sólidos e necessarios, relativos á sua materia, fundamentada nas Leis d'este Reino: por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto, Bacharel habilitado para os lugares de Lettras.

Esta obra se acha em hum só tomo em 4.<sup>o</sup>, mas dividida a sua materia em 4 partes; expondo-se na 1.<sup>a</sup> a origem e progresso das Appellações e Aggravos: na 2.<sup>a</sup> o Direito e Prática das Appellações e Aggravos ordinarios: na 3.<sup>a</sup> o Direito e Pra-



tica dos Aggavos nas suas trez differentes especies; e finalmente na 4.<sup>a</sup> os Tribunaes e Juizes, para quem se pôde appealar, e de quem.

- O Viajante Universal, ou noticia do mundo antigo e moderno; obra recopilada e traduzida dos melhores viajantes. Em 8.<sup>o</sup> 48 tomos. Preço 23:040 reis. Vendem-se os tomos separadamente a 480 rs. cada hum.

Sentença proferida a favor da Memoria do Dr. José Ignacio da Rocha Peniz, Lente da Universidade.

- A. Tecnologia do Dr. Beckmann, para servir de preludio ao Dictionario de Artes e Officios, como resumo dos seus respectivos Tratados: publicada por Gregorio José de Seixas, Bacharel Formado em Medicina, e na Faculdade de Philosophia, Demonstrador de Pharmacia, e de Docimastica, Redactor do mesmo Dictionario. Em 8.<sup>o</sup> pp. 86. Preço 240 rs.

Compilação das Ordens do Dia do Quartel General do Exercito Portuguez, concernentes á Organisação, Disciplina, e Economia Militares, na campanha de 1812. Em 8.<sup>o</sup> pp. 350.

- Relação abreviada dos factos mais recommendaveis da Revolução de Campo maior em 1808. Pelo M. R. P. M. Fr. João Mariano de Nossa Senhora do Carmo Fonseca, da Provincia dos Algarves... dado á luz por Francisco Cesario Rodrigues Moacho. Em 8.<sup>o</sup> pp. 104.

Poesias d'Elpino Duriense. Em 4.<sup>o</sup>, 2 vol. — o 1.<sup>o</sup> tem pp. 385; 2.<sup>o</sup> tem pp. 345. Preço em brochura 2:100 rs.

Ad magnum Lord Wellington Epigrammata... Josephus Coelius de Lemos. Em 8.<sup>o</sup> pp. 15.

Verdadeiras inéditas Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. — Tom. IV., e o 1.<sup>o</sup> das suas Obras Posthumas. — Em 8.<sup>o</sup> pp. 234.

Odes do Dr. Francisco José da Costa, Alundo Filomeno. Em 4.<sup>o</sup> pp. 19.

Trez Odes á Gloriosa Restauração da Liberdade Portugueza; pelo Dr. Francisco José da Costa, Médico que foi na Ville de Santarém.



Continuação da Relação dos factos praticados pela Commissão dos  
Commerciantes de Vinhos, em Londres, Correspondentes da  
Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro,  
no Porto. — Traslada da do original Inglez. Em 4.<sup>o</sup> pp. 30.

Breve Tratado sobre o uso e abuso das Virtudes, e Revelações,  
e cousas sobrenaturaes: e do poder do demonio, e da Natureza  
em ordem a fazer illusões. Em 8.<sup>o</sup> pp. 133.

Instrucção para enxertia dos Zambugeiros. Em 12.<sup>o</sup> pp. 21. Pre-  
ço 50 rs.

Livro para assistir ao Santo Sacrificio da Missa com o Canon da  
mesma em Portuguez: os Psalmos Penitenciaes; e Orações e  
Devoções, etc. Em 12.<sup>o</sup> pp. 188.

Novena ao Santissimo Sacramento, para qualquer se dispôr a ce-  
lebrar, ou a Instituição do mesmo Sacramento no dia 24 de  
Março, ou, etc. Em 16.<sup>o</sup> pp. 122. Preço 80 rs.

Na Casa da Gazeta vende-se o novo Atlas geographico de Portu-  
gal e Hespanha, dividido em Cartas em tamanho muito por-  
tátil.

Carta Geographica do Imperio de Alemanha: ella abrange o Rei-  
no de Prussia, a Polonia, a Saxonia, a Baviera, e todos os  
pontos, onde actualmente se achão os Exercitos Russos e Fran-  
cezes: he além d' isto enriquecida com todas as estradas, mon-  
tanhas, rios, etc. Preço 720 rs.

#### *Periódicos de Portugal.*

*De todos os dias.* = Gazeta de Lisboa. — Mercurio Lusitano.  
— Diario Lisbonense.

*Dois vezes por semana.* = Telegrapho Portuguez. — Gazeta  
de Agricultura e Commércio.

*Uma vez por semana.* = Semanario d' Instrucção e Re-  
M creio.

*Ensaios.* = Jornal de Coimbra.



## JORNAL DE COIMBRA.

JUNHO DE 1813.

Num. XVIII.

*Sequitur probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli**sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

ART. I.—

DIARIO DAS VISITAS PASTORAES

DO

EX.<sup>mo</sup> D. FR. CAETANO BRANDÃO

NO SEU BISPADO DO PARÁ.

2.<sup>a</sup> Visita no anno de 1784.

(Continuado do Num. antecedente.)

§. 1. No dia 14 de Outubro pelas oito horas da noite embarcamos no porto da Cidade, e logo partimos, dirigindo-nos ao lugar de Bemfica. A noite foi hum pouco custosa, por termos o vento contrário; e a mim principalmente me fez algum embargo, pelo descostume; e a vozeria dos Indios fêmeiros, que de continuo se estimulam, e divertem com hums gritos desentoados,

1786?

ponteiro?



\* situação das mais bellas, toda retalhada de rios estreitos, e mansos, e coberta de viçosos arvoredos.

§. 2. Pelas sete da manhã do dia 15 chegámos ao referido lugar; e vimos logo o Povo acompanhado do Director, e Vigario, que nos veio conduzir do porto até á Igreja. Disse Missa, visitei a Igreja, préguei, e pozemo-nos a confessar. Fôrão muitas as pessoas que se chegarão ao Sacramento da Penitência, porque havia cópia de Sacerdotes, que tinham vindo acompanhar-me da Cidade até áquelle lugar. Parece-me, que não deixou de se fazer algum fructo: e eu tive grande gôsto de huma confissão, que ouvi. De tarde préguei outra vez, chrismei, visitei os Indios nas suas casas, dei as providencias necessarias para se atalhar hum escandalo, que havia; e recolhendo-me á Canoa, já escuro, partimos logo.

Bemfica he lugar pequeno: terá 200 almas; a maior parte Indios: está quasi embrenhado no mato, sem maior desafôgo, que o do pequeno Rio, que lhe fica contiguo: as casas, ou para melhor dizer, as palhoças, em que vivem, estão á frente de hum terreiro menos máo. A Igreja achava-se reparada de novo, muito alegre, e com seu aceio; o que se deve em grande parte ao Vigario, que tem zêlo, e probidade, e cuida nas obrigações de Parocho. Entre as mais promove o santo exercicio da oração, fazendo-a todos os dias na Igreja á prima noite, e não falta ás prácticas dos Domingos, e dias Santos, conforme as ordens, que tenho dado para toda a Diocese: conserva muita harmonia com o Director, que he tambem sугeito amigo da Religião. Na visita, que fiz das casas, achei alguns meninos, que se não tinham chrisinado: perguntei a causa: responderão-me os pais, que não tinham que me dar. He costume entre elles n'esta occasião brindarem o Bispo com as suas potavas (assim chamão os limitados presentes de fructas, e outras cousas semelhantes) clamei, que logo fossem para a Igreja para receberem o Sacramento; que a melhor potava, que queria d'elles, era a sua salvação. Fôrão, e os dei-xei chrisinados. Na última práctica, que fiz, conclui pedindo ao meu amado Povo, que me encommendassem a Deos nosso Senhor, que eu os levava todos no meu coração: ouvi então huma voz surda, e muito maviosa = sim, nós o faremos = o que me enteneceo o coração.

§. 3. Dia 16. Pelas seis e meia da manhã atravessámos huma nesga da Bahia do Sol, que tem seu perigo; mas estava bonança; não houve motivo de susto. Pelas dez para as onze avistámos o lugar de *Penha Longa*. Logo que chegámos, sahi a terra, e me dirigi á Igreja acompanhado do Vigario, e de hum pequeno número de Indios, que me estava esperando. Ali depois de visitar a Igreja, disse-lhes algumas palavras; perguntei Doutrina, e



chrismei alguns meninos; porque os adultos estavam chrisimados pelo meu antecessor, que tinha vindo por aqui, havia dōze annos.

Este lugar he muy pequeno: não tem mais do que 14 Casaes de Indios, e alguns mulatos, ou mamelucos: os homens andavão no serviço, e só me achei com humas dōze, ou quinze mulheres. A Igreja he das mais lindas, que tenho visto fóra da Cidade, espaçosa, alegre, toda pintada de novo; e o mais he, que pela mão do Vigário. Este Sacerdote sizudo, grave, e veneravel na pessoa, muito aceedo, sem exceder os limites da modestia, cuidando nas obrigações Parochiaes, junta a tudo isto a bella qualidade de Pintor, a qual emprega em aformozear todas as Igrejas, onde se acha Parrochiando. Estas duas de Penha Longa, e Porto-Salvo, que lhe estão actualmenre recommendadas, tem-nas posto no maior aceio, e me dizem, que a última ainda está melhor: deitei-lhe mil benções. De tarde fui visitar as casas da Povoação, que não tinham differença de pocilgas, senão talvez em serem mais immundas, e desabrigadas. O que admira he vêr o desapêgo que esta gente conserva para tudo: quatro páos levantados ao ar, cingidos, e cobertos d' algumas folhas d' árvores; hum a rede para dormir, hum a panella, hum a corda estendida, onde pendurão esses poucos farrapos, de que usão: e estão contentes. Algumas vezes tenho dito a meus companheiros, que se existe ainda algum resto da simplicidade da vida dos primeiros homens, he nestes Paizes. Perguntei-lhes, se não temião os ladrões: rirão-se. E com effeito soube, que não se vem entre elles semelhantes violencias, e quasi que guardão vida commum: qualquer Indio, que chegue de fóra, posto que seja desconhecido, he logo admittido á meza, e tratado com a mesma singeleza, como se fosse domestico. Não ha zelos entre elles, excepto nas occasiões das beberreiras, em que são turbulentissimos, e cheção ás vezes aos maiores excessos de feridas, e mortes. O que ha n'hum dia, come-se logo, não se guarda para o outro; por isso de ordinario passão miseravelmente, ao menos os d' estes Lugares. Perguntei ás mulheres, que tinham comido naquelle dia? E que havião de cear? Dissêrão = Tieuara = he farinha de pão molhada em água fria. Mas querem antes isto na liberdade das suas Povoações, do que a abundancia, que podem ter, no serviço dos Brancos. Lástima he não animarem hum a vida tão simples, e tão proxima á virtude: porêm observei, que em ponto de Religião tem a mesma indifferença, e desmazelo, que no mais. Depois das visitas das casas, fomos todos para a Igreja; cantámos os louvores de Deos, chrismei algumas pessoas, o que restavão; fiz-lhes algumas recommendações a respeito da eternidade; e despedindo-me, embarquei bem pouco agradável. Ao amanhecer estavamos n' hum

*Esta linha deriva de a 1.ª da pag. 106*



quei, e partimos para Porto-Salvo já de noite. Achei muita graça nas Indias, que acompanhando-nos até o porto, ali ficárao cantando a Ave-Maria algum tempo depois de irmos já pelo rio: consolei-me muito com isto. A's nove horas da noite aportámos no lugar de Porto-Salvo, e ali esperámos pela manhã.

§. 4. Dia 17. Logo que amanheceo, fui para a Igreja, disse Missa, visitei a mesma Igreja, fallei ao Povo: depois de hum pequeno intervallo sentei-me no Confessionario com meu companheiro, o Conego Manoel Ramos, unico Sacerdote, que levei comigo n'esta visita. Poucas pessoas se confessárao, pelo terem já feito, conforme o aviso, que tinha dado a todos os Parochos dos lugares, por onde dirigia a visita; mas sahi contente do Confessionario. Prêguei, chrismei, e acabou-se o acto pelos canticos dos louvores de Deos. Fui abençoar as casas dos Indios, e me recolhi á Canôa era meio dia.

Tem esta Povoação perto de 200 almas, tudo Indios: a maior parte dos homens estava fóra; as mulheres porém, e os meninos achei-os todos. O Lugar está situado n'humia pequena elevação, fronteira a hum bello, e espaçoso rio; mas as casas da mesma feição, que as do Lugar precedente, tirando humas poucas com mais algum alinho. Huma vi eu, em que morava hum casal, com trez filhas já mulheres, de célebre feitio: só tinha palha até ao meio dos páos, e d'ahi para cima ar livre, de sorte que quem passava pela rua, não lhe era preciso erguer muito a cabeça para registar tudo o que hia na casa. Infira-se daqui, qual he a lhaneza, por não dizer estupidez, e insensibilidade que reina nesta casta de gente. Hum lance, que tive aqui, confirma isto mesmo. Entro por hum casa; apparece-me hum mulher nua da cintura para cima, e não era velha: cuidava eu, que envorgalhada correria a vestir camisa: nada menos; assim mesmo poz-se a fallar comigo muito desafogadamente, como se eu fosse da casa. Sahi pasmado de vêr a força do costume, que até chegaria extinguir o pejo tão natural ao sexo feminino. A Igreja está lindissima: he o enleio dos cuidados, e das delicias do Vigario, que fica referido; mas eu achei alguma coisa de mais nobre na de Penha Longa, ao menos pelo que respeita á arêa, e ao prospecto, e ainda mesmo aos rasgos das pinturas. Em fim são duas Igrejas propriamente de Freiras, onde não transpira senão limpeza, e aceio. Que direi de hum corredor contiguo, onde o mesmo Sacerdote costuma rezar, com os passos do Senhor, e outras pinturas tão bellas! A mesma casa, onde assiste, parece hum Sanctuario; não vi sujeito mais curioso! Além d'isto a sua devoção a Nossa Senhora he por extremo. Disse-me, que tudo faz com o intuito de ter a Virgem Santissima propicia na hora da morte. Apenas embarcados, desferrámos d'aquelle porto; e por que erão aguas vivas, occasião favoravel para passarmos huns



seccos, ou esteiras; que em outra conjunctura são invadiáveis, especialmente ás Canôas da grandeza da minha, saltámos a Villa de Vigia, deixando-a para a volta, e nos dirigimos á de Cintra, a última que fica d'este lado.

§. 3. Dia 18. De madrugada tivemos grande trabalho em passar hum sêcco chamado Tabatinga entre a Vigia, e Odivellas, por ser muito estreito, e enramado; custou a arrancar para fóra a Canôa, e teve seu estrago. Pelas nove da manhã chegámos ao Lugar de Odivellas, onde me estava esperando o Povo com o Vigario, e Director. Encaminhárão-nos á Igreja, e ali préguei logo hum bom espaço, fiz a Doutrina aos meninos, que me consolárão a alma com as bellas respostas, que dêrão, mostrando ter hum perfeito conhecimento das verdades da nossa Santa Religião. Além disto cantárão os louvores de Deos por diferentes modos, e alguns bem engraçados; no que se distinguirão muito duas meninas, que tinham lindíssimas vozes, e estavam bem ensaiadas pelo Vigario, Sacerdote já idoso, de muito zêlo, e probidade. Estando-as ouvindo, lembrei-me, que não podião deixar de ser summamente agradaveis a Deos os Louvores sahidos da boca d'aquelles innocentes, em hum Paiz, poucos annos antes coberto das trévas do Paganismo, e ainda agora infestado de tantos vícios, e superstições dos máos Catholicos. De tarde repeti a instrução ao Povo, chrismei, e visitadas as casas da Povoação, deixámos aquelle porto, quasi noite com o designio de tornar ali na volta.

Este lugar he pequeno, mas agradável, por estar sôbre hum rio muito vistoso: as casas pôsto que de palha, e desalinhadas, olhão todas para hum terreiro espaçoso, e limpo, e tem sua regularidade. A Igreja he pequenina, mas bonita; acha-se porém algum tanto nua. Como vi o meu Santo com Encarnação apagada, dei ordem para se remetter para a Cidade, e ser encarnado novamente á minha custa. Ha aqui, e em todos os Lugares da Vigia para baixo, abundancia de peixe, e da melhor qualidade, como he o Camarim, que tem hum gôsto especialissimo: procede isto de estarem as Povoações sôbre o Oceano; e serem os Rios de agua salgada. O número das almas excede pouco a hum cento; a maior parte mulheres; porque os homens (contou-me o Director) mandados para o Serviço do Rei, e dos Particulares por lá ficão communmente, sem se embarçarem com as mulheres: tal he o apêgo que lhes tem! Disse-me o mesmo Director, que tornando, ás vezes depois de muitos annos, nem as mulheres se lhes queixão, nem procurão os motivos de tão longa demora, nem os lugares, por onde andarão; mas, como se tal não fosse, continuão a viver unidos, como d'antes. Pôde haver maior insensibilidade!

Todos estes Rios são deleitosissimos por causa dos arvoredos, de que vão cingidos, e acompanhados: arvoredos muito al-



tos, sempre frescos, e vigorosos em todo o anno: por detraz d'elles estão varios Cafézaes, Cacoaes, Arrozaes, e outras plantações. Verdadeiramente se pôde dizer, que o estado do Pará he huma situação disposta pela natureza com todas as commodidades para vir a ser o Jardim mais bello do mundo; sómente se precisa de braços para pôr em movimento os ressortes da mesma natureza, e tirar os obstaculos ás producções: porém esta he a grande falta, que se lastima, e cada dia mais; porque os Brancos, que vem do Reino, sejão da mais baixa ordem, e que lá na Europa costumão ganhar a vida varrendo as ruas, e acarretando potes, apenas desembarcão, revestem, não sei que sentimentos d'elevação: não disse bem: ficão logo feridos do contágio geral do Paiz, que he huma especie de dissolução, de preguiça, e desmazelo, que arruina tudo, não só pelo que respeita aos costumes, mas aos mesmos interesses temporaes: huma taverna, huma loja de fitas, andar de huns lugares para outros vendendo quatro quinquilharias, he a sua occupação mais ordinaria, e mais querida; e d'aqui nasce o empregarem-se logo no abysmo dos vícios, particularmente dá incontinencia, e borracheira; vícios que lhes minão as bazes da saude, e os fazem por fim odiosos aos olhos de Deos, e dos homens. Os Indios porém, que são os mais proprios para o trabalho, tanto por serem Nacionaes, como por parecerem formados sómente para os exercicios laboriosos do corpo, vão cada dia n' huma diminuição pasmosa: contribuindo para isto differentes causas, das quaes a principal he a inobservancia do Directorio, quero dizer, do complexo admiravel de Leis, disposto por ordem Régia, para o Govérno das Povoações, de que se faz pouco uso. Fica só hum recurso aos Lavradores, que são os escravos: mas sendo carissimos, de sorte que só quem tem 200,000 rs., ou pouco menos, ha de ter hum, e ainda assim com summa difficuldade pela falta de quem os conduza a este porto; vêm-se os habeis Lavradores só com os desejos de cultivar a terra; e o Estado, o Reino, a Europa toda privados das mais ricas, e excellentes producções da Natureza.

§. 6. Dia 19. Fomos proseguindo em direitura á Villa de Cintra, deixando Villa Nova d'ElRei para a volta. Até aqui chegou meu Antecessor: daqui para baixo não me consta, que passasse Prelado, mais do que hum vai em quarenta annos. E com effeito ha passagens impertinentissimas; varios furos de hum rio para outros, que em maré vazia ficão sem agua, chamados por isto secco: he perciso a cada passo estar esperando pela enchente: depois como são demasiadamente estreitos, e o arvoredo muito espesso, e cerrado, achão as Canôas, principalmente sendo grandes, contínuos embaraços. Mas tudo vence a paciencia! Quanto maiores obstaculos salta o pastor por trazer ao rebanho a ovelha desgarrada, e perdida no mato! Temos visto por estes Rios aves



as mais lindas : entre ellas humas de côr encarnada , e tão viva , que são o enleio dos olhos : mostram o tamanho de Frangainhas. Tambem observei huns peixinhos de notavel singularidade : tirão-se d'agua ; entrão a empollar desmarcadamente pela parte do ventre , que he de côr branca , e alixada : ficão como huma bexiga , bem cheia de ar ; e se se deitão assim n'agua , pãrão na superficie , sem poderem descer , em quanto se lhes não rompe a pelle.

§. 7. Dia 20. Continuámos a derrota em demanda da Villa de Cintra , encontrando sempre as mesmas , ou maiores difficuldades pelo que respeita aos seccos , dos quaes alguns são cheios de tanta multiplicidade de cotovelos , e tão enlaçados de ramos d'árvores , que parece maravilha passar por elles Canôas ; sem serem muito pequenas ; porém com o favor de Deos as nossas passáráo , posto que vagarosamente , e com assáz trabalho dos Indios. Das nove horas até o meio dia , em que atravessámos a *Bahia da Marapanim* , tivemos algum susto ; he hum braço do Oceano mettido pela terra. Estava o vento forte , e contrário , o mar muito cavado : em chegando ao meio da Bahia , saltava a Canôa , como se fosse huma pella , e nada nos adiantavamos ; em fim levantou-se a véla , retrocedemos algum espaço , e bolinando escapámos felizmente d'aquelle perigo. Aqui mesmo navegando junto á praia , tive occasião de vér hum quadro , que me encantou o espirito. Estavão aquellas margens alcatifadas de huma relva muito verde , e mimosa , semelhante ao linho quando está em flor : por entre ella passeavão grande número de aves de diversas côres : humas brancas como neve ; outras azuis ; porém a maior parte encarnadas de hum vivo , que se não acha nas côres artificiaes : não vi cousa mais linda ! Tambem andavão misturadas outras de côr trigueira , e arroxada , e me seguráráo , que erão filhas das encarnadas , e que só depois de serem grandes , vestião a côr dos pais ; e que quanto mais antigas mais refina a vermelhidão das pennas. A noite foi hum pouco trabalhosa com os grandes balanços , que dêrão as Canôas por causa da correnteza das aguas , e do vento , que era fresco , não obstante estarmos a hum lado da Bahia de *Maracanã* (outro braço de Oceano) esperando occasião favoravel para entrarmos n'ella.

§. 8. Chegámos finalmente á Villa de Cintra ao raiar do Sol ; e logo sem mais demora saltei em terra , e fui direito á Igreja , disse Missa , préguei : e passado algum tempo tornei a fazer practica ao Povo. De tarde pelas quatro horas fomos á Igreja , cantámos os louvôres de Deos , e de Nossa Senhora , fiz o Cathecismo aos meninos , que achei algum tanto atrasados na Doutrina , não por falta do Vigario , que he diligente na sua obrigação , mas por culpa dos pais , que os levão comsigo para o mato , sem ser possivel conseguir d'elles trazellos ao Cathecismo. Conclui com huma practica ao Povo , que durou até depois da noite.



Dia 22. Apenas amanheceo, fui para a Igreja, disse Missa; confessei algumas pessoas, e préguei. Pelas quatro horas da tarde conferei o Sacramento da Confirmação, e rematei com hum largá instrucção ao Povo, que se estendeo até ás oito horas da noite.

Dia 23. Pela manhã fiz algumas averiguações sôbre os vícios, e escandalos, que reinavão no lugar, e corrigi os culpados, dando outras providencias, que julguei necessarias para a sua emenda. Confessei algumas pessoas, e fiz humá pequena práticá ao Povo. De tarde visitei algumas casas da povoação: chrismei, e me despedi dos moradores com humá brevissima falla, por não poder mais, tendo ficado desde o dia precedente muito rouco, e muito cansado do peito. Erão oito horas da noite, quando concluimos; e logo embarcámos, voltando outra vez pelo mesmo rumo em direitura a Villa Nova d'ElRei.

Cintra foi Villa muito populosa: hoje está falta de gente, não obstante contarem-se ainda mil, e tantas almas, quasi tudo Indios: porém estes embrenhados pelos matos, poucas vezes apparecem na Villa. Alguns tem fugido para o Estado do Maranhão; outros se espalhão por differentes Lugares visinhos, a fim de escaparem ao serviço, em que são empregados pelos Governadores. Ao tempo que cheguei, estava a Villa quasi deserta; porém fôrão concorrendo, e tive o gôsto de vér a Igreja cheia. Esta se acha no estado mais lastimoso, que se póde imaginar, peor sem comparação do que hum palheiro: parte coberta de humá má palha, que se levantava com o vento, e parte núa; de sorte que he perciso ao Sacerdote, quando celebra, estar com muito sentido, para que a Sagrada Hostia não vá pelos ares. Confesso que fiquei fóra de mim a primeira vez que vi tal desamparo: voltei-me contra o Director, e Principal, e publicamente os argui com toda a vehemencia, clamando, que nem o Governador, nem a Soberana sabião, e muito menos querião, que as cousas Sagradas se tratassem com tamanha indecencia: ameacei com interdicto; mas promettérão, que logo se cuidava no reparo das ruinas mais consideraveis: e eu vou advertido para instar com o General, que ordene se faça outra Igreja de novo, por estar aquella indignissima em todo o sentido. O pavimento de terra solta; os altares nús; alguns retabulos esfarrapados, que mandei se queimassem; e até a fechadura, e chave da Sacristia erão de pão: não ha lástima semelhante! Que direi das casas da Povoação? São ainda mais irregulares, mais desabrigadas, feias, e immundas, que as dos Lugares precedentes. Não sei a que se devo attribuir ésta desordem; pois a Villa tem braços, tem abundancia de peixe, tem muitas, e boas terras para roças de maniba, arroz, café, cet., e além d'isso cal, que se faz ali, e muita pedra. Os costumes, particularmente no que toca á incontinençia, estão na



maior dissolução; he o vicio dominante em todo o estado, mas aqui reina como em parte nenhuma. Bem necessitava de estar nesta Villa mais alguns dias; porém foi preciso apressar-me, para vencer os seccos, em quanto duravão as aguas vivas; e por isso tambem chrismei ali algumas pessoas de *Santarém*, hum pequeno lugar, que fica mais adiante, e que me constou, não estar menos derrotado, e a Igreja com pouca differença da de *Cintra*. Pelo que pertence á situação d'esta Villa he admiravel, so-branceira a hum Rio muito espaçoso, chamado Maracanã; goza de ar puro, e sadio.

§. 9. Dia 24. Proseguindo a volta para Villa Nova, encontramos maiores difficuldades nos seccos, que a primeira vez; e além disso a perseguição do Moruim muito mais intoleravel. He hum especie de mosquito quasi invisivel, não costuma zunir, mas ferra, e inquieta muito, especialmente de noite: assás nos mortificou, em quanto atravessámos os seccos. Neste dia chrismei na Canôa mesmo alguns meninos, filhos dos moradores, que assistião por aquelles sitios, attendendo á distancia, em que ficavão das suas Parochias; que na verdade he desmarcada, e tem passagens difficultosas. Vinha em nossa companhia, recolhendo-se para a sua roça hum morador branco com mulher, e filhas, gente honrada, e virtuosa: convidei-os para jantar comigo; aceitarão; mas o que me admirou, foi ver, que do mesmo modo que estavam na sua Canôa, passarão para a minha; isto he, as mulheres em camiza decotada, e hum saia de chita, mais nada: não vi maior lhaneza! Porém como fica advertido, o costume geral parece, que tem apagado a fealdade d'estas, e d'outras maiores indecencias. He para notar o modo, com que os Indios ferem fogo; hoje o observei: pegão em dous páos de certa qualidade; rolão hum sobre o outro, á maneira de quem faz chocolate; e logo começa a sahir fumo, e cahir cinza, que apanhão em algum trapo secco, e de improvisio entra a arder.

§. 10. Dia 25. Custou-nos muito a passar hum estreito, ou secco; e a praga do Moruim estava desesperada. Pelas onze da manhã chegámos á Villa Nova d'ElRei. Logo sahi a terra, e só visitei a Igreja. De tarde fiz Cathecismo aos meninos, que estavam muito faltos; tudo por culpa dos pais, que a pezar dos gritos do Parocho (Sacerdote exemplar, e zeloso) os não mandão á Doutrina. Conclui com huma practica ao Povo, que durou até á noite.

Dia 26. Disse Missa; fiz algumas correções particulares; confessei, e préguei ao Povo. De tarde dei huma volta á Villa; chrismei, e finalizei com huma longa practica. Erão nove horas e meia da noite, quando embarcámos, e immediatamente sahimos d'aquelle Porto.

Esta Villa com todas as mais que tenho corrido, depois que



sahi da Cidade, foi dos Padres Jesuitas. Constatou-me, que no seu tempo florescia muito, particularmente Villa Nova; onde elles tinham o grosso das manufacturas, pannos d' algodão, telha, cal, e peixe; no que empregavão hum grande número de Indios, pertencentes ao seu serviço, que formavão a Povoação, e Povoação muito avultada: ainda hoje apparecem vestigios da sua grandeza, e da bella Ollaria só resta o forno com algumas ruínas, e hum pedaço de telhado; mas em que já se não trabalha; tudo por negligencia dos Directores, que occupados dos seus interesses pessoais, desprezão os do commum. O mesmo he a respeito das casas da Villa; deixando-as cahir, não cuidarão mais em levantá-las: e d'aqui procede achar-se a Villa deserta, porque não tendo os pobres Indios, onde se recolher, fogem para o mato, e lá vivem nas suas rocinhas, sem apparecerem na Igreja, se não muito raras vezes, e por isso ignorantes dos mysterios, e dos preceitos da Religião, e cheios de monstros de maldades: no livro dos assentos dos obitos vi, que a maior parte morrem pelos matos, como brutos, sem buscarem os soccorros da Igreja; e certamente não nasce isto do Parocho, que seguindo fica advertido, he zeloso, e bem clama. Disse-me elle, que vão as cousas da Religião em tal decadencia, que não sabe, em que isto ha de parar, nem de que meios já se ha de servir, para atalhar tamanha desordem, e mais tem experiencia de 29 annos, que tanto ha que parochia aquella Igreja. Consolei-o, e do modo possível estimulei o seu zelo, para que não desmaiasse nesta empreza, dembrando-lhe, que o prémio não ha de ser medido pelo fructo, mas pelo trabalho. Tem a Freguezia algumas 600 almas entre Brancos, e Indios, e Mamelucos (assim chamão no Paiz os filhos da India, e Branco), porém nem a sexta parte concorre a Villa com a minha chegada; e isto não tendo motivo algum de desculpa, pois souberão, que eu tinha passado para Cintra, e brevemente voltava aquelle lugar. Desgostei-me muito com esta descortezia, e insensibilidade, particularmente da parte dos Brancos, que são os peiores, e de costumes mais depravados. Acastellão-se nos matos, atolados no lodo da incontinencia, e da avareza; não ha quem os arranque para fóra; que he a maior pena que tenho, de não me ouvirem, nem aos seus Parochos; porque assim julgo entupidos os canaes, por onde as luzes do Ceo se costumão ordinariamente communicar aos peccadores. Aqui só a violencia, e severidade das penas temporaes póde fazer alguma cousa: porém isto he alheio do meu Ministerio. A Igreja já foi boa, e muito espaçosa; hoje está reduzida á ametade, e essa com assaz ruina, que a não se lhe acudir com alguns espeques, em breve tempo cahe por terra, como já cahio hum pedaço junto á Cimalha, ficando hum desmarcado buraco de diametro de hum portal, por onde entra a chuva, o vento, e as aves; o que os



Directores vêm todos os instantes, sem lhe darem remedio; com tudo tem os ornamentos percisos, e esses muito asseadinhos, o que se deve ao cuidado do Parocho. A Villa está sobre hum pequeno Rio; e lie a vista que tem; porque o mais tudo, que se descobre com os olhos, he mato, posto que fresco, e agradável. Ha aqui peixe em abundancia, e bom terreno para roças de farinha, arroz, e café.

§. 11. Dia 27. Pelo meio dia chegámos ao Lugar d'Odivellas; e porque foi preciso esperar maré, ali nos demorámos até o outro dia. De tarde sahi a terra, fomos para a Igreja cantar os louvores de Deos, e me regalei de tornar a ouvir os meninos, achando-lhes cada vez maior graça. Depois d'isto fiz huma larga practica ao Povo, que se estendeo até perto das nove horas da noite.

Dia 28. Disse Missa; chrismei algumas pessoas, que restavão da mesma Povoação, e outras que concorrêrão de fóra; préguei; e sendo dez horas da manhã partimos para a Villa da Vigia, onde chegámos depois das cinco da tarde, e neste dia se não fez mais do que ouvir cantar aos meninos os louvores de Deos, que o fizerão lindissimamente.

§. 12. Dia 29. Celebrado o Santo Sacrificio da Missa, concorreo a Camara, e grande parte do Povo ao lugar da minha aposentadoria: ali me receberam debaixo do Palio; e junto ao bello ateo destinado para este fim hum dos Membros do Senado me fez huma breve, mas eloquente falla, depois do que nos encaminhámos á Igreja Matriz, onde, ouvida a Missa do Espirito Santo, se fez a Procissão, e Visita da Igreja, e disse sómente algumas palavras ao Povo, por estar com indisposição para maior excesso. De tarde houve grande concurso na Igreja, sabimos todos pelas ruas, cantando o terço de Nossa Senhora; e me agradei muito da modestia, sizerdeza, e devoção, com que geralmente se fez este acto. Ao recolher da Procissão préguei hum bom espaço: era perto das oito horas, quando acabámos.

§. 13. Dia 30. Logo de manhã celebrado o Santo Sacrificio da Missa, me sentei no Confissionario com mais quatro Sacerdotes, e houve muito que fazer. Depois da Communhão geral, fiz huma practica ao Povo sobre o incomparavel beneficio, que acabavão de receber da mão do seu Deos, o que se concluiu pelo meio dia. As quatro horas da tarde fui para a Igreja; examinei os meninos da Doutrina, que achei sufficientemente instruidos; e todo o mais tempo até ás sete horas gastei em explicar ás minhas ovelhas as disposições necessarias para receber a graça do Sacramento da Penitencia.

§. 14. Dia 31. Ouvi Missa, e fui para o Confissionario até ás onze horas. Então dispuz o Povo, para receberem a Sagrada Eucharistia, e depois lhes expliquei, como devião render as gra-



ças a Nosso Senhor, e o mais que o mesmo Senhor foi servido inspirar-me. Depois de jantar concorreo muito Povo na Igreja Matriz, como no dia antecedente; cantarão-se os louvores de Deos, e fiz huma longa practica, que se estendeo até ás mesmas horas d'hontem. Em todos estes dias, acabada a practica, veio o Povo, tanto homens como mulheres, acompanhar-me até ás casas da minha residencia, que ficavão distantes da Igreja hum bom espaço, cantando todos os louvores de Nossa Senhora, e em chegando á minha porta, ouvia-se hum grito universal = Viva N. S. JESUS CHRISTO, viva a VIRGEN MARIA, viva o nosso Pastor = vozes são estas, que enchem o meu coração de ternura: ainda que por outra parte me desgosto de ver a injustiça, com que se mistura com tão Augustos, e Veneraveis Nomes o da creatura mais ruim, e indigna do mundo; mas he preciso ceder á piedade e singeleza do Povo.

§. 15. Dia 1.<sup>o</sup> de Novembro. Pela manhã celebrei o Santo Sacrificio da Missa, e fiz o mesmo que no dia precedente. De tarde pelas quatro horas sentei-me a chrismar, e continuei até á noite. Então subio ao Pulpito hum Religioso das Mercês, Presidente do Hospicio da mesma Villa, bom Missionario, e fez hum admiravel Sermão, em que persuadio o horror ao peccado, de que gostei muito. Estava a Igreja, que he grande, chã de Povo, e pela moção que houve neste, creio se fez algum fructo. Depois do Sermão fomos todos acompanhar o Santo Crucifixo até á Igreja das Mercês, cantando os louvores de Deos, e ali fiz huma breve practica ao Povo, recolhendo-me a casa pelas nove da noite.

§. 16. No 2.<sup>o</sup> dia cahi prostrado com huma grande febre, por cujo motivo em todo o tempo que me demorei n'esta Villa, que foi até ao dia 6 pela manhã, não pude fazer mais nada, do que chrismar as pessoas, que restavão, e dar algumas providencias necessarias. Tambem ordenei de Prima Tonsura a dois moços para o Serviço da Igreja.

Esta Villa foi muito consideravel no tempo dos Padres Jesuítas: tinham aqui hum Collegio, em que instruíão a mocidade, e formavão grande número de Ministros Ecclesiasticos, de que ainda restão alguns, que servem na Cathedral do Pará, e em diversas Parochias da Diocese. A Villa era então populosa, acaada, e rica; hoje está deserta, chã de mato, e essas casas, que tem (exceptuando humas poucas) além de se acharem mui desfiguradas, ameação evidente ruina. Os moradores communmente são pobres, mas conservão ainda signaes dos sentimentos antigos de Nobreza. Fizerão-me huma entrada com toda a urbanidade, e decencia, e do mesmo modo me tratarão em quanto ali me detive; e no tempo da minha molestia dêrão as maiores demonstrações do seu sentimento, concorrendo ás Igrejas a fazerem pre-



ces ao Senhor pela minha saúde. Serve de Matriz o Templo, que foi dos Padres Jesuitas, grande, e magestoso, porém algum tanto n'ú, e arruinado; tem boa Sacristia, excellentes caixões, muitos ornamentos, e alguns ricos, perfeitas imagens, especialmente hum Crucifixo, que está na Sacristia. Além d'esta Igreja ha outra, que se acha incompleta, a qual, se se acabasse, seria muito boa, e mais commoda ao Povo, por estar no meio da Villa. Tem mais duas Igrejas, huma pertencente aos Padres Mercenarios; outra aos do Carmo Calçados, com seus Hospícios; porém tanto estes, como aquellas se achão mui damnificadas, e só conservão dois Religiosos. Achei aqui a gente inclinada á piedade, e se não houvesse tanta falta de operarios zelosos, a terra daria muito, e bom trigo, porém o = omnes, quæ sua sunt, quaerunt = do Apostolo tem muitos seguidores por toda a parte, e aqui talvez mais. Ha n'esta Villa huma mulher casada (he pessoa de bem, filha de hum Marechal de Campo, na qual descobri as virtudes mais sólidas, principalmente a caridade, e amor dos desprezos. As suas delicias são tratar dos pobres enfermos: a huns leva para sua casa, e os serve com incrível paciência, e humildade; a outros manda socorros, e vai ella mesma consollalos nas suas miserias: tem dado ordem geral aos seus escravos, que sendo chamados por algum pobre, para lhe buscar água, ou outra qualquer cousa precisa, acudão logo, preferindo esta diligencia a todas as mais. Vive em hum total desprezo de si propria sem distincção das mulheres da mais vil sorte, a pizar dos reparos, e críticas dos seus.

§. 17. Dia 6. Deixei a Villa da Vigia pelas oito horas da manhã, e me dirigi a huma pequena Ermida distante duas horas de viagem, até onde me acompanharão várias pessoas de bem. Ali chrismei. A Capelinha he mui pequena, e coberta de palha; mas está acçada, e talvez mais do que deve ser, com mil registos, e paineis sem aquella fôrma, que inspira o bom gosto. Receberão-me com *Te Deum Laudamus* de musica, sendo os Cantores o Pai, dono do sitio, a Mãe com trez filhas, e hum filho, que o fizerão bellamente: também cantarão outras Lettras Latinas, Portuguezas, e Hespanholas, em que lhe achei muita graça; e he de advertir, que são pessoas, que trabalham no campo, e nenhum musico de profissão: he gente muito dada á piedade. De tarde desembarquei no Lugar de *Porto-Salvo*, concorreo á Igreja muito Povo; cantarão-se os Louvores de Deos, e chrismei ainda maior número de gente, do que a primeira vez, quando por aqui tinha passado. Sahi já de noite, e nos encaminhamos á Villa de *Collares*, onde chegámos no dia 7 pela manhã, sendo-nos perciso caminhar a pé huma legoa, para escaparmos á furia do porto, que he perigosissimo, e não podera ali demorar-se os vasos. N'este dia não fiz mais do que ouvir cantar os Louvores de Deos



aos meninos, e meninas, de que me agradei muito; como das respostas, que dêão ao Cathecismo, em que mostrão ter sufficiente instrucção. Conclui com huma prática ao Povo, ponderando-lhe a summa importancia do negocio da salvação, etc.; e tive signaes de que fiz algum fructo.

Dia 8. Celebrado o Santo Sacrificio da Missa, houverão muitas confissões, tendo concorrido varios Sacerdotes Confessores: fallei ao Povo por duas vezes; chrismei, e fiz algumas averiguações relativas aos escandalos, que reinayão no Lugar. De tarde chrismei; e despedindo-me com huma prática ao Povo, voltámos ás Canoas, para na madrugada seguinte passarmos a grande, e perigosa travessia, que medea entre Collares, e a Ilha de Marajó.

A Villa de Collares he pequena: constará de 200 almas, a maior parte Indios. Está situada sobre o mar n'uma planicie mui desafogada, e alegre. As casas, posto que cobertas de palha, achavão-se caídas de fresco, e mui vistosas por fóra. A Igreja tem alguma ruina no frontispicio; porém no mais estava com seu alinho, e tem os ornamentos sufficientes. O Parocho, que he hum Religioso de Santo Antonio, olha para ella com zelo, e cuida na instrucção do Povo. Devi muita attenção ao Commandante, o qual mostrou tambem christandade confessando-se, e hum seu Irmão Cadete, e outros Soldados, que estão destacados n'aquelle presidio.

§. 18. Dia 9. Pelas duas horas depois da meia noite começámos a atravessar a formidavel Bahia, que fica referida, e pelas oito para as nove da manhã chegámos ao porto da Villa de Soure. Tivemos huma passagem breve sim, porém trabalhoza, por estar o vento nimamente fresco, e o mar cavado. Como esta travessia tem algumas sete correntezas, em cada huma d'ellas saltavão as Canoas pelos ares; mas especialmente na primeira, em que foi grande o susto, entrou muita agua dentro da minha; tudo quanto levava na Camara, andou em redemoiinho, enjoei muito, porém o mais fôrão os arrancos seccos, sem poder vomitar. Quando cheguei ao porto, levava a roupa toda alagada em suor por causa da afflicção: bem desculpei os meus Antecessores, por não terem visitado esta parte da Diocese. Confesso, que nem na Bahia de Macapá, que tambem he temerosa, nem em todo o Amazonas, nem no mar, quando passei para a America, vi as ondas tão crespas e empolladas: parecia, que cada momento nos engolião; porém está passado este susto. Logo na mesma manhã, ainda que atordoado da cabeça, fui á Igreja, visitei-a, e fizemos a Procissão de Defuntos. De tarde cantarão os meninos os Louvores de Deos, responderão admiravelmente ás perguntas da Doutrina, e fiz ao Povo huma prática, que durou mais de hora, ponderando-lhes o incomparavel beneficio da Redem-



ção, e quanto devião ser agradecidos; e que o melhor modo para isso era arrependem-se das suas culpas, confessarem-se, e porem-se bem com Deos.

§. 19. Dia 10. Fui mais tarde para a Igreja por estar com o peito cerrado, relíquia que me ficou da tormenta passada; porém assim mesmo fiz duas fallas ao Povo, huma antes da Sagrada Communhão, e outra depois; tendo-se confessado muitas pessoas com varios Sacerdotes, que concorrêrão a visitar-me. De tarde chrismei muita gente; porém apenas pude dizer algumas poucas palavras. Fui depois mesmo a pé a hum pequeno Lugar que fica visinho, chamado *Mondim*, acompanhando-me grande número de Povo; e os meninos, e meninas diante cantando a Ave Maria, que me encherão de satisfação. Ambas estas Povoações estão sujeitas a hum Parocho, e a hum Director, que actualmente são pessoas de bem, vivem muito unidos, e contribuem reciprocamente á utilidade especial das mesmas com louvavel zelo. As casas de Soure estão cobertas de telha; e tanto estas, como as de Mondim, se achão caiadinhos, e com seu azeite. As Igrejas são menos más, sem maior ornato, mas limpas, e tem as alfaias, e ornamentos perciosos; excepto o Sino de Soure, que está quebrado, e não presta para nada: mas seguráram-me, que logo o mandavão fundir. Estas duas Povoações apenas contarão 300 Indios; porém tem varios moradores brancos, que com os escravos fazem grande número: são muito fartas de peixe, e de carne de vacca da melhor, que ha em todo o Estado. Nas costas de Mondim está o Pesqueiro Real; d'onde sahe grande cópia de Tainhas, que contribue á subsistencia da Cidade, e de muitos Lugares da Capitania: comemolas frescas assadas, e são como as boas do Reino.

§. 20. Dia 11. Augmentou-se-me muito a cerração do peito: por esta causa não sahi da Canôa; e sendo oito horas da manhã fomos subindo pelo Rio chamado *Igarapé Grande*, em demanda de algumas Capellas, que se achão sitas na sua margem. Era huma hora depois do meio dia, quando chegámos á primeira, que he dos Padres Mercenarios. Está feita ao gosto moderno, e a Capellinha Mór principalmente com muita graça: he dedicada ao glorioso S. Lourenço. Ali chrismei parte dos escravos, e me recolhi logo á Canôa, por me não dar o defluxo lugar a mais. Esta fazenda he huma das boas, que os Padres das Mercês tem na Ilha do Marajó, não só pelo grande número de gado vaccum, de que se compõe, mas por serem as rezes mais gordas, e de carne mais gostosa, que as das outras partes. Assistia n'ella hum Religioso muito honrado, e de grande probidade, o qual me obsequiou com a maior attenção. N' esta mesma noite partimos para outra Fazenda do Capitão José Francisco Fernandes Gavinho hum pouco mais acima, onde nos achámos ao amanhecer do dia se-



guinte. Em todo o espaço desde a Villa de Soure fui sempre acompanhado do Inspector Geral da Ilha, Florentino da Silveira Frade, de seu genro o Capitão Jeronimo Ribeiro Guimarães, e do Padre Ex-Vigario Provincial do Carmo Fr. Caetano José Macario, e do Capitão Mór Pedro Fernandes Gavinho, e d'outras pessoas de bem.

§. 21. Dia 12. Confessárão-se várias pessoas: chrismej, e fiz practica ao Povo. De tarde fomos de cavallo a outra fazenda, que fica legoa e meia para cima, que he do Capitão Mór Pedro Fernandes Gavinho, onde nos demorámos até ao outro dia. Aqui tambem se confessárão muitas pessoas: chrismej, e préguei; e pelas quatro horas da tarde embarcámos, voltando outra vez para a Villa de Soure. A primeira Capella he pequena, de compostura ordinaria: venera-se n'ella o glorioso Santo Antonio. A segunda he hum Oratorio, consagrado a Nossa Senhora das Dores: está bonitinho, e com decencia; a Imagem da Senhora he mui devota. Deixei quarenta dias de indulgencia a todos os que diante d'ella rezarem sete P. N., e sete A. M. — Todas estas Fazendas tem grande número de gado vaccum, e cavallar. Só a do Capitão José Francisco consta de algumas dez mil cabeças de gado. Que vastas, e preciosas campinas! Na tarde, em que fui a cavallo, gostei infinitamente de vér aquellas dilatadas planicies bem semelhantes ás do Além-Téjo: só com a differença de serem mais frescas, por causa dos rios, de que vão retalhadas, e das arvores sempre viçosas, que a Natureza parece de proposito tem espalhado por differentes lugares das campinas, para refrigerio dos animaes, que sem este recurso não poderião resistir aos ardentos calóres do Sol.

§. 22. Dia 14 de Novembro. Pelas nove horas da manhã aportámos na Villa de Soure. Encaminhei-me logo á Igreja, assisti a hum baptizado, e fui padrinho do menino, que era filho do Director. Chrismej muita gente, que se tinha confessado no intervallo da minha digressão; e préguei ao Povo. De tarde visitei algumas casas dos Indios, e vi que tinham mais regularidade, e compostura que as dos outros Lugares. Em todo o tempo que estive na Villa, sempre me acompanhárão os meninos, e meninas cantando a Ave Maria do Bispo (chamão assim a huma fórma d'Ave Maria, que trouxe de Lisboa, que he a mesma de que usão os meninos de hum Seminario d'aquella Côte, e se acha hoje espalhada por todo o Estado do Pará; e communmente sou recebido nas Povoações com este Cantico, de que gosto por extremo). Na mesma tarde partimos para a Villa de Salvaterra, que fica da outra parte do rio, fronteira a Soure, mais sobre o mar. Saltando em terra, fomos conduzidos á Igreja por entre huma bella arcada com porta de ramos de murta, simples, porém muito agradável, indo adiante os meninos, e meninas cantando a



Ave Maria do Bispo visitei a Igreja, e fez-se a Procissão de Defunctos, e nada mais.

§. 23. Dia 15. Muitas pessoas se confessarão, e commungarão: chrismei, e préguei. Depois do meio dia continuarão as confissões. Fiz o Cathecismo aos meninos, que achei muito bem instruidos na Doutrina Christã. Tornei a prégar, e a chrismar; e pelas nove da noite parti acavallo para a Villa de Monforte, tres leguas distante de Salvaterra costa arriba, acompanhado de varios sujeitos, que me quizerão obsequiar.

Salvaterra he hum pequena Villa, que consta de 200 almas, Indios pela maior parte. Tem vista muito agradável, por estar sobranceira ao mar: as casas ainda que cobertas de palha, tem sua compostura, e estavam caídas: he muito abastada de peixe. A Igreja está boa; coberta de telha, espaçosa, limpa, e ornada sufficientemente. As casas do Vigario, e Director tambem estão cobertas de telha, e são menos más. Todas estas Villas, e as mais da Ilha estiverão sujeitas n'outro tempo aos Padres Capuchos, que as governavão no Espiritual, e Temporal. Aqui tive o gosto de ver pela primeira vez hum latada bem semelhante ás do Reino: era do Director, o qual tinha conservado de proposito os cachos pendentes das parreiras, para eu os ver. Estavão sasonados, e mui formosos, e no gosto pouco differencavão dos bons do Reino.

§. 24. Dia 16. Pela hum hora depois da meia noite chegámos á Villa de Monforte, e gastámos tanto tempo, por não fazer luar, e o caminho ter algumas passagens difficeis, por conta das pedras brutas, de que estavão juncadas. Disse-me o Commandante da Ilha, que a noite roubava aos nossos olhos hum dos mais bellos quadros, que offerece este caninhão. D'aquí o mar n'hum prodigiosa extensão; d'ali os vastos e alvos areaes; para outra parte altissimas ribanceiras, que as aguas tem minado; rochedos escarpados; espeços, e vígãos arvoredos; campinas dilatadas. Em chegando á Villa concorreo muito Povo á Igreja; mas por ser tarde, não fizemos mais do que cantar os Louvores de Deos, e mandei, que se recolhessem ás suas casas. De manhã confessarão-se muitas pessoas, e commungarão, e só pude fazer a Procissão de Defuntos, e a Visita da Igreja, por me achar bastante moido, e doente. De tarde fui dar hum passeio pelo campo, acompanhado de varias pessoas, e dos meninos, e meninas formados em duas fileiras com as mãos erguidas cantando a Ave Maria. Recolhendo-nos á Igreja houve Oração mental, e concluímos com alguns canticos dos Louvores de Deos, insistindo em promover este modo de culto, principalmente nas Povoações de Indios, por observar, que he o mais proprio para elevar a Deos os seus espiritos grosseiros, e pesados: que na verdade causa espanto a indifferença, com que quasi todos olhão



para os objectos da Religião: e não se vê o sim em pontos de creança val o mesmo. Pois nos costumes! He a maior lastima, que se pôde imaginar: os vícios da incontinencia, e da borracheria estão tão arraigados entre elles, que parece lhes são naturaes: asseverão geralmente todos os Parrochos, que por mais diligencia que fação, não lhes descobrem emenda nesta parte: só se cohibem, quando falta a occasião; e o mais he que nada os pôde conter, porque de censuras não fazem caso algum; e por isso se lhes não impõem aos gritos, e instruções Parrochiaes: são insensíveis: restava a coacção extraordinaria, mas este meio he illegitimo, contrario ao uso de bons Seculos; e não serve senão para fazer hypócritas: Huma só cousa mostra a experiencia que produz algum effeito n'estas almas, he o bom exemplo particularmente dos Ecclesiasticos, amoldão-se muito ao que vem reluzir nas suas acções; julgando pelo instincto natural, e com assas desculpa, que sendo seus Mestres, e Conductores não o devem ser menos pelas obras, que pelas palavras.

§. 25. Dia 17. Houverão muitas confissões de manhã; préguei ao Povo. De tarde conferi o Sacramento do Chrisma: e porque foi grande o numero de pessoas, que se chrismarão, e eu me achava hum pouco indisposto, não pude fazer mais nada: só mandei hum Sacerdote, que fizesse huma breve instrucção aos Indios na sua propria Lingua; e concluiu-se o dia com a Oração mental, e com os Canticos Divinos, practica ordinaria, que tenho mandado estabelecer em todos os Lugares d'esta Diocese.

§. 26. Dia 18. Continuarão as confissões: fiz o Cathecismo aos meninos, que responderão bellamente; chrismei, e instrui o Povo com huma dilatada practica, reprehendendo particularmente os dois vícios dominantes da incontinencia, e da bebedice. De tarde parti para a Villa de Monsaráz distante huma legua de Monforte, acompanhando-me todo o Povo até á praia, com o costumeado Cantico da Ave Maria. Em Monsaráz fui recebido com grande jubilo de todos: houve Oração mental á noite, e practica, e os Canticos ordinarios.

Monforte he huma das melhores Villas de Indios, que tem o Estado, tanto pela sua situação desafogada, e airosa, como pelo numero das casas postas em muito boa ordem; pela fartura de peixe; e ainda pela maior sagacidade, e policia dos Indios. As mulheres trajão com maior decencia, e já quasi todas se vêm vestidas com os seus coletes, bafús de chita. Contou-me o Parrocho que algumas vezes as tem visto, tirarem os coletes logo que sahem fóra da porta da Igreja, pelos não poderem supportar: tanta he a força do costume, em que estavam, de andarem só com a camisa. Consta a Povoação de 400 Indios; porém a maior parte dos homens andavão no serviço, e só me achei (como nos outros Lugares) com as mulheres e meninos. A Igreja he hum



dos melhores Templos, que tenho encontrado fóra da Capital, com tres Altares bem asseados, bellas pinturas, huma nobre Banqueta no Altar-Mór, castiões de prata, alampada, e cruz processional da mesma, excellente pyxide, muitos ornamentos, e alguns ricos. Porém o que mais me deu a attenção, foi huma Imagem da Senhora das Dores de róca, que ali se venera: não vi rosto mais perfeito, nem mais natural: foi trabalhada em Italia, e trazida de lá mesmo por hum Ecclesiastico de Lisboa. Chrisei aqui alguns velhos de 80, 90, e mais annos, e chrisi a 27. Dia 19. Celebrado o Santo Sacrifício da Missa, fizemos a procissão de Defuntos, e a visita da Igreja. Confessou-se muito Povo, por terem concorrido muitos Sacerdotes, e a todos estes Lugares. Depois disto préguei, e com assas vehemencia, ponderando a cegueira do peccador, que vive tão descuidado do negocio importantissimo da salvação. De tarde tornei a prégar, insistindo no mesmo assumpto da manhã, no que gastei hum bom espaço. Chrisei, e terminou-se o acto com os Canticos dos Louvores de Deos: erão oito horas. Cantarão hoje os meninos o Tantum Ergo: a elevação da hostia, no qual achei muita graça, por que etão vozes lindissimas, e profetião bem o Latim, não obstante serem todos filhos de Indios.

28. Dia 20. Pela manhã fui visitar huma pequena Povoação, chamada Condeixa, distante huma legoa de Monsaraz: apenas contará 30 almas, e destas só estavam no Lugar os meninos, e algumas mulheres, os mais andavaõ no serviço que em portarias. A Povoação está sumida no mato, sem outra vista, que a de hum pequeno rio, que passa junto d'ella. A Igreja he mui pequena, mas bonitinha, coberta de telha, lindas pinturas, imagens perfectas, especialmente a da Senhora da Conceição: achava-se acabada de pouco: o que tudo se deve ao zelo incançavel do Vigario actual, que he o mesmo de Monsaraz. Tinhaõ os Indios feito huma Arcada de murta de tres ordens de columnas, por onde me conduzirão á Igreja, que estava muito engraçada: ouvi Missa, e voltei a Monsaraz. Por quanto os Indios se tinham ido crismar áquella Villa reparei em humas Indias, que chegáõ, quando eu estava em Condeixa: vinhaõ lavadas de fresco: soube que tinham passado o rio a nado, pegando na roupa com huma mão, e com a outra nadando: e me disserão, que assim fazem ordinariamente, e que he costume de todas nadarem, como os homens. De huma me contou o Commandante de Macapá, que passara d'aquella Villa á de Chaves (algumas oito léguas de distancia) turbulentiissima sobre hum pão, e ainda com hum menino nos braços, chegando huma, e outra a salvamento sem experimentar d'anno. Na tarde do mesmo dia deppis de visitar algumas casas da Povoação, fallei ao Povo, e chrisei ainda muiba gente.



que restava, concluindo-se tudo com Canticos de Louvores de Deos.

Esta Villa consta de 400 e tantas pessoas entre Indios, e Brancos, e Mamelucos: a maior parte existe pelos seus sitios em grande distancia da Villa, onde muitos apparecem raras vezes. Está situada em hum bello terreiro sobre o mar: porém as casas por serem muito açoitadas da chuva, e dos ventos, estão negras, e disformes no exterior, e o interior quasi da mesma forma. He abastada de peixe. As Indias mostram a mesma ardileza, que as de Monforte, e trajão com igual asseio. A Igreja he o melhor Templo, que tenho encontrado depois que sahi da Cidade, fiquei pullando de gosto, quando entrei n'ella; muito fresca, e alegre, bella área, nobres pinturas, imagens perfeitas, bons caixões na Sacristia, muita limpeza, e asseio por tudo: só lhe faltão as peças de prata, que tem a de Monforte; porém no mais leva-lhe muita vantagem. As casas da residencia do Vigario tambem são boas, muito lavadas do ar, e vistosas: duas varandas, e accommodações sufficientes. Não ha escandalos mais notáveis, por que o Vigario os combate fortissimamente, mas o vicio da borracheira tem aqui grande dominio: bem o reprehendi nas práticas, que fiz ao Povo. Chrismei huma velha de alguns cem annos.

§. 29. Dia 21. Partimos pelas seis horas da manhã para huma Fazenda dos Padres Carmelitas calçados denominada Camará, onde chegámos pelas onze do dia, tendo deixado as Canôas grandes na boca do rio, por irmos n'outras mais ligeiras, e capazes de vencer os obstaculos que se encontrão nos ramos das arvores, que quasi toldão algumas partes do mesmo rio. Este rio he muito plácido, e agradável; sempre acompanhado de hum fresco arvoredo, divisando-se de quando em quando por algumas abertas campinas mui deliciosas, onde pastão differentes magotes de gado vaccum, e cavallar. Tambem se achão junto da margem alguns sitios de moradores. Fomos recebidos pelo Padre Ex-Vigario Provincial Fr. Caetano José Macáreo, e outros Religiosos, que tinham concorrido para este fim com muita urbanidade, e attenção, não consentindo por modo algum, que voltassemos no mesmo dia, como eu desejava, que por isso reservei a administração do chrisma para o dia seguinte, e n'este não fizemos mais que a oração mental ánoite, e cantar os Divinos Louvores.

§. 30. Dia 22. Confessarão-se algumas pessoas: chrismei grande parte dos escravos, e outra gente que concorreo; préguei, e logo depois de jantar voltámos pelo mesmo rio a demandar as Canôas grandes, as quaes avistámos pelas seis da tarde. Então partimos para huma Fazenda da Sé, que não fica longe.

A Fazenda dos Padres Carmelitas he menos má: conta para cima de 8000 cabeças de gado vaccum, e algum cavallar: tem boas campinas; as casas são cobertas de telha, porém ordinarias.



A Capella he mui pequena, estreita demasiadamente, e baixinha, o ornato commum. Havia n' aquelle sitio infinidade d' Araras, e Papagaios; erão nuvens que cobrião o ar. Tambem me fez alguma espece ver os Córvos tão domesticos, que mesmo ao pé das portas se juntavão montes d' elles, e misturados com os cães, e porcos, como se fosse tudo da mesma ordem.

§. 31. Dia 23. Estavamos ao amanhecer no porto da Fazenda da Sé. Desembarcando fomos por terra ver a Fazenda do novo Hospital dos pobres, que se está erigindo na Cidade: os mais acavallo, e eu em rede, por me achar indisposto para cavalgar. Em todo o caminho não me fartei de admirar as bellezas da natureza, sementeas por aquellas vastas campinas. Aves de diferentes cores, e tamanho: plantas floridas, que parecião ramalhetes: a terra juncada de feno, que no Paiz chamão *Capim*: muito verde, com diversos matizes de flores azues, encarnadas, e brancas. Tinha chovido de noite: estava a manhã fresca; tudo contribuiu a fazer aquella digressão agradável. Ainda mais me encantei, quando vi os bons princípios que leva a mencionada Fazenda do Hospital: casas de telha com bella arrumação; o gado vaccum ao presente para cima de 400 cabeças, mas a que se vão juntar muitas mais, que dêrão de esmola alguns Lavradores, muito manso, gordo, e anafado, com excellentes pastos, e abundancia d' água: confio no Senhor, que em breve tempo engrossará esta Fazenda, e podera suprir muita parte das despesas do Hospital. Fica distante da Fazenda da Sé légoa e meia. Voltámos mesmo de manhã a ésta, onde se jantou; e por não termos maré favoravel nos demorámos ali até ás dés horas da noite. De tarde chrismeí, e fiz hum breve practica ao Povo. A Fazenda da Cathedral consta de algumas 5000 cabeças de gado vaccum, e muito cavallar; mas não a achei beneficiada, como era justo, por negligencia do Feitor, e outras causas, que allegou: dêrão-se algumas providencias. As casas não são más, e cobertas de telha.

§. 32. Dia 24. Erão onze horas, quando chegámos á boca do rio *Arari*, a hum Fazenda que tem n' aquelle Lugar os Padres Mercenarios. Logo saltámos em terra, onde nos estava esperando o Padre Mercenario Fr. João da Veiga da mesma Ordem, e outro Religioso, com os escravos da Fazenda postos em duas fileiras; e assim nos dirigirão á Capella cantando a Ave Maria. Por chegarmos mortificados com o desaçoço da noite, procedido dos balanços das Canôas, e da praga do Murujim, não se fez n' este dia mais do que o costumado exercicio da noite. Consta ésta Fazenda de roças de arroz, maniba, e câna: tem engenho d' água ardente, e hum bella Ollaria. Presentemente se está fazendo hum magnifico engenho para assucar, que concluido, não haverá talvez outro no Estado, que o iguale na grandeza, ordem, e segurança das Officinas: he d' água. A Capella está feita ao modo



antigo, asseada; mas sem cousa notavel. As casas são boas, com vista desafogada para a grande Bahia, que lhes fica fronteira. Também aqui vimos as Latadas de patreiras, semelhantes ás do Reino; porém não tinham uvas.

§. 33. Dia 25. Varias pessoas se confessarão: préguei, e chrismei: depois cantámos os Louvores Divinos, gostando muito de ouvir duas pretinhas, que fazião huma admiravel consonancia de primeira, e segunda voz. Fomos aqui hospedados com muita urbanidade, e decencia. Pelas cinco horas da tarde embarcámos, e fomos subindo pelo rio *Arari*, o maior de todos os que cõrtão esta grande Ilha, em cujas margens se offerecem diferentes sitios de moradores com seus engenhos d'ágoa ardente, etc. He rio muito vistoso, porém sem maior abundancia de peixe.

§. 34. Dia 26. Amanhecemos no porto da Freguezia de N. S. da Conceição da Cachoeira. Logo nos encaminhámos á Igreja, e feita a visita da mesma, e procissão de Defuntos, préguei ao Povo. Confessámos algumas pessoas, e eu tive assás consolação com huma confissão, que ouvi. Depois de jantar chrismei, préguei com mais extensão, e vehemencia, e concluindo com os Canticos costumados dos Louvores de Deos, proseguimos a viagem, subindo pelo rio com designio de voltar á mesma Igreja.

Esta Freguezia he de Brancos: consta de 1500 almas, que se achão espalhadas por diferentes Lugares em grande distancia da Parochia: e se não fossem as Fazendas dos Padres Mercenários, onde existem Sacerdotes, ficaria a maior parte sem Missa. Com tudo não me constou, que havia escandalos mais estrondosos; por quanto o Parocho os combate com força; excepto o vicio da bebedeira, e o desgraçado costume de comer carne nos dias prohibidos. He huma prevaricação quasi geral de todo o Estado, mas com maior excesso d'essa Ilha, onde a abundancia, e barateza da carne dá motivo a mil pretextos para se usar d'ella communmente. Dizem, que custa sustentar as familias com peixe, como se a Lei sómente se devesse observar, quando he facil, e não quando requeir alguma violencia; ou como se J. C. quando estabeleceo a Religião, não asseverasse logo, que o Reino do Ceo padece força, e que só os que a fazem á natureza, o chegão a arrebatár. Assásmente tenho trabalhado por persuadir esta verdade. A Igreja he pequena: mas está asseada com suas pinturas menos mas, boas alcatifas, e ornamentos sufficientes, e em bom uso. Fomos aqui hospedados com muita decencia, e grandeza: obsequio devido ao Marechal de Campo Custodio Barbosa Martins.

§. 35. Dia 27. Tendo sahido da Cachoeira pelas dês horas da noite precedente, chegámos á grande Fazenda dos Padres Mercenários pelas seis da manhã. Recebeo-nos o Padre que ali assistia, acompanhado de outros Religiosos da Senhora do Carmo, e da Escravatura, que formava grande número, e nos conduzirão á Ca-



pella por entre huma bella Arcada de murta, olvendo-se ao mesmo tempo o estâmpido de varios tiros. Cantou-se o *Tê Deum*, e os escravos e escravas cantarão o *Bemdita sejaes* e outras modas com tanta graça, e doçura, que não pude suster as lagrimas. Por ficar muito cansado do dia antecedente, não fiz n'este mais nada: houve oração á noite, e me conxolei em ouvir cantar os Louvores de Deos, e da Senhora. Hoje matarão os escravos hum Jacaré a tiro de bala, e o trouxêrão para eu vêr. He a fera a mais cruel, e voraz dos rios do Estado, mas este disse-me, que era novo, e com tudo tinha duas varas e meia de comprimento: o costado negro, de pelle dura, tecida pelo feitio de conchas; o ventre alvo com algumas malhas pretas, e tão riço, como huma táboa: a cabeça he o mesmo ferro, não entra com ella o chumbo; e a bala sómente pelo toutiço, e pelos ouvidos; cuspe os golpes de machado, como o penhasco; a boca rasgada demasiadamente; a d'este ainda que pequeno tinha dous palmos de comprido; aberta, he hum algapão, deixando apparecer nas guelias hum sumidouro espaçoso, e profundo; dentes grandes, e pontudos; a lingua pegada á parte inferior da boca, que por isso dizem alguns, que a não tem: a cauda por modo de colubrina, e as pestanas de que vai acompanhada, agudas, como fio de navalha. Na figura exterior parece-se com o Lagarto: he mui sensível nos olhos. Contou-me hum Indio, que accommettido em certa occasião por huma d'estas feras, e já com o joelho atravessado nos seus dentes, só com elle tocar com os dedos nos olhos, se virá livre d'ella, ainda que mal ferido. Quando querem fazer preza, a primeira diligencia he acoutalla com a cauda, e com a mesma a conduzem á boca: devorão toda a carne, e tambem a gente, quando a achão descuidada, especialmente sendo meninos; correm á praia, e os arrebatão; mas não accommettem no fundo da água; e por isso os Indios, quando se vêm perseguidos d'elles, mergulhando lhes escapão facilmente. Ha muita abundancia d'estes bichos por todos os rios do Marajó; mas aqui mais que em outra parte: temos visto varios, e de differente grandeza mesmo da varanda das casas d'onde assistiamos.

§. 36. Dia 28. Confessadas algumas pessoas; chrismeí, e fiz practica ao Povo. De tarde fomos divertir ao campo, vendo amançar alguns cavallos: á noite fez-se o costumado exercicio da Oração mental, e dos Canticos dos Louvores de Deos. Estando de manhã dando graças depois de Missa, cantarão os escravos o *Bemdita sejaes* com tanta união, e doçura, que me enternecerão a alma; e sempre experimentei este effeito todas as vezes que os ouvi em dous dias, que ali me demorei. Na mesma noite me recolhi á Canôa, para seguir viagem na madrugada seguinte.



Esta Fazenda he a maior que tem os Padres das Mercês, e de toda a Ilha do Marajó: boas casas de sobrado com huma excellente varanda sobre o rio: rancho dos escravos bem regulado; sufficiente hospedaria: tudo coberto de telha, e situado em huma vasta planicie, quanto os olhos podem alcançar; e como tinha chovido, estavam aquellas campinas todas alcatifadas de hum verde tão agradável, que encantavão a vista: bem me lembrei do Além-Téjo, quando os trigos estão nascidos de poucos dias. Tem a Fazenda mais de 150 escravos entre machos, e fêmeas; o gado vaccum chega a perto de 30000 cabeças, e grande numero de cavallar. A carne he boa, e comida aqui, não cede a melhor do Reino. Tambem muito queijo, que não he máo; porém não chega ao do Além-Téjo, talvez pelo não saberem trabalhar: por que o leite he admiravel. Fomos tratados com mimo, e grandeza.

§. 37. Dia 29. Pelas cinco horas começámos a descer pelo rio; e como era de dia, tive occasião de observar as bellezas que offerece nas suas margens: não vi cousa mai agradável, e encantadora; parece que vai a gente atravessando por entre duas enfadadas de pomates os mais frescos, e viçosos do Reino, com a differença das arvores serem infructíferas; e então de intervallo em intervallo grandes abertas, por onde a vista se espraia pelas vastissimas, e verdes campinas, de que o rio vai sempre acompanhado. Vem-se tambem diversas especies d'aves, muito lindas, e engraçadas, e alguns animaes silvestres, que servem de divertimento aos que tem genio para a caça. O primeiro lugar, onde desembarcámos, foi huma Fazenda logo abaixo, que he do Capitão Antonio Fernandes de Carvalho. N'ella não achei cousa notavel. As casas são terreas, e mui velhas, tem huma Capella pequena, e destituída de todo o alinho, e compostura, com duas Imagens indignissimas; huma de N. S., que nas feições, e no vestido representava huma India do Paiz; e outra de S. José, que era propriamente a figura de hum Ermitão, já velho, e caduco. Hei de dar ordem, para que se tirem d'aquelle lugar.

Continuando a descer pelo mesmo rio, chegámos pelo meio dia a outra Fazenda do nosso Hospital dos Pobres, doação dos Padres Mercenarios, onde jañtámos. He pequena, e só tem humas 500 cabeças de gado vaccum: casas bonitinhas, com hum bello copiar em roda; e sua Capellinha dedicada ao glorioso Director da Igreja S. Jeronimo, ainda incompleta; a qual benzi, e n'ella fiz celebrar a primeira vez o Sacrificio da Missa. Está situada esta Fazenda junto ao rio em huma espacosa campina, muito amena, e agradável; mas os pastos não são dos melhores, e por essa causa padecem as rezes seu detrimento no Inverno, ficando várias atoladas no lodo, sem poderem surgir, e ahi morrem. Hoje me trouxerão os Indios grande quantidade d'ovos de



Jacaré. São volumosos muito mais que os das grandes Pirúas, alvos, mas não tão finos, e levigados, como os ordinarios: mandei quebrar huns poucos, e tinham já as crias formadas, que deixavão vêr assásmente a enormidade, e horror, de que a natureza dotou esta fêra. Também trouxêrão huma Capiuara, que tinha morto o Cabo da minha Canôa; parecia hum Porco, excepto na cabeça, e focinho, que avultão ao de coelho; algum tanto mais compridos, e grosseiros: não tinha cauda. Serião oito horas da tarde, quando chegámos ao porto da Igreja da *Cachoeira*.

§. 38. Dia 30. Sendo manhã fomos para a Igreja, e celebrado o Sacrificio da Missa, nós sentámos no confissionario. Tinha concorrido muito Povo, e éramos cinco confessores. Prêguei, e chrismei. De tarde confessarão-se ainda algumas pessoas: chrismei, prêguei, fiz varias correcções, pedi esmolas para o Hospital dos pobres; e dadas outras providencias nos recolhemos ás Canôas para fazermos viagem no dia seguinte.

§. 39. Dia 1.<sup>o</sup> de Dezembro. Continuámos a descer pelo rio até o sitio do Inspector, e Commandante da Ilha, Florentino da Silveira Frade, onde jantámos, sendo tratados pelo mesmo Commandante com todo o carinho, urbanidade, e grandeza. A este sujeito, e ao seu genro o Capitão Jeronimo Ribeiro Guimarães, tenho devido os maiores obsequios; pois, desde que entrei na Ilha do *Marajó* até o presente dia, nunca se apartarão do meu lado, dando-me mil testemunhos da sua religião, e civilidade; e como o primeiro tem huma consumada experiencia de toda a Ilha, servio-me muito para eu adquirir alguns conhecimentos uteis, pelo que respeita ao temporal, e espirital da mesma: he pessoa de reconhecida probidade. O seu sitio está bem sobre o rio, casas ordinarias; hum bello engenho d'ágoa ardente, com fazendas de gado vaccum, e cavallar. Pela huma hora depois do meio dia nos despedimos de tão amavel companhia; e proseguimos demandando o Lugar de *Ponte de Pedra*, o último da Ilha, caminhando côsta arriba.

§. 40. Dia 2. Erão nove horas da manhã; quando aportámos ao referido Lugar, depois de bem acontados das ondas, que estavam assásmente embravecidas: logo fomos direitos á Igreja acompanhados do Povo com seu Vigario, e Director. Fez-se o costume; depois d'isso prêguei. De tarde fui a pé visitar outro Lugar, em distancia de meia légua, chamado *Villar*, que apenas terá 40 almas. Está situado sobre a Bahia, com vista mui desafiçada, e ar purissimo; as casas cobertas de palha, e tambem a Igreja; porém limpinha; humas, e outra, á frente de hum terceiro menos máo. Este passeio he agradável, por ser parte por huma campina mui amena, assombrada de diversas arvores fructíferas; parte por cima da Praia com a vista na immensa Fahia, que vai lavando toda a Côsta.



Recolhemo-nos á *Ponte de Pedra* já de noute; e logo fomos para a Igreja, onde concorreo o Povo: fiz-lhe huma prática, explicando-lhe o modo, com que devião orar a Deos, para conseguirem o despacho das suas súplicas: rezámos o Terço da Senhora, e cantámos os Louvores de Deos. N' esta tarde já se confessarão algumas pessoas, dispondo-se para o Sacramento do Chrisma, que amanhã hei de administrar.

§. 41. Dia 3. Toda a manhã confessámos; préguei, e chrismei; o que durou até á huma hora depois do meio dia. De tarde voltámos ao Confessionario, d'onde não sahimos, senão de noute; e ainda assim não pudémos desembaraçar-nos para embarcar no outro dia, por ter concorrido muita gente não só da Freguezia, mas de fóra. Fiz prática ao Povo; rezou-se o Terço; e cantados os Divinos Louvores, recolhi-me á casa da minha residencia pelas outo e meia da tarde. Entre os motivos de desgosto, que acho por estes Lugares, vendo os estragos que causão os dous vicios referidos, principalmente na misera gente dos Indios, a profunda ignorancia dos Mystérios da nossa Religião; os abusos, e superstições gentilicas, a que este Povo tem hum afêrro invencível; tenho tambem encontrado outros d'alegria, admirando a amavel Providencia do Senhor, que no meio de tantas desordens conserve algumas almas entre os mesmos Indios, que pelas divizas exteriores, e sensiveis, mostrão ser do número dos seus recolhidos; almas penetradas do Santo temor de Deos, que aborrecem o peccado, e respeitão sincera, e cordialmente as obrigações do Christianismo. Foi hoje hum dos dias, em que tive ésta consolação. Bem me tenho lembrado por estas viagens d'huma passagem de Santo Agostinho, que deve abater, e confundir toda a presumpção dos Sábios = "Insurgunt indocti, et rapiunt coelum; et nos cum nostris doctrinis sine corde, ecce ubi volutamur in carne, et sanguine!", = Tambem me vou enganando cada vez mais, de como são úteis, e necessarias as visitas pessoas dos Bispos ás suas ovelhas: os Parochos esmerão-se no desempenho das suas obrigações; os máos ou se convertem, ou pelo menos se cohibem nos seus escandalos, e violencias: os bons firmão-se nos santos propositos; reparão-se as Igrejas, aformozeão-se os Altares, e até os Póvos recebem hum grande júbilo, não sei se attrahidos por huma especie de magnetismo espirital, que reina entre as ovelhas, e o Pastor; ou para dizer melhor, movidos do instincto geral do Christianismo. O certo he, que estes effeitos são visiveis: e nós Lugares, como estes, onde nunca chegou Prelado, ainda mais: o que me confirma assásmente na resolução, em que estou, de frequentar as visitas, ainda que seja á custa dos maiores incommodos, e perigos.

§. 42. Dia 4. Confessarão-se ainda muitas pessoas, que restavão: préguei, e chrismei. De tarde fui abençoar as casas da Po-



voação. Fez-se o exercicio costumado da noute; e conclui com huma practica ao Povo, recapitulando as verdades, que lhe tinha annuciado nos tres dias, e citando-os para o Tribunal Divino, onde as mesmas palavras, ou lhes servirão de flores, para lhes tecer a corôa, se se aproveitassem; ou de setas agudissimas, que lhes atravessariam o coração, se fizessem pouco caso d'ellas. Confio, que algum fructo produzirá aqui a palavra de Deos, do que tive bons indícios.

Este Lugar não he muito grande: só consta de 200 Indios, e de alguns moradores Brancos, e Mamelucos. Está situado, como o de Villar, sobre a Bahia, formando a reponta toda juncada de pedras na margem, d'onde talvez tira a sua denominação. As casas, pôsto que de palha, estão caídas, e por dentro não são das peiores: olhão todas para hum bello terreiro limpo, e desassombrado. A Igreja tambem he coberta de palha, porém airosa, por dentro com suas pinturas menos más, feitas pelo Director, que tem ésta habilidade, e gosta de a consagrar á decencia dos Lugares Santos; vai fazendo o mesmo na de Villar, que se achava na última deploração. Achei aqui huma falta consideravel de Doutrina Christã, ainda mesmo em alguns adultos, o que não procede do Vigario, que velho, e cansado, he mui cuidadoso das suas obrigações, mas do desmazelo dos Indios em acodir ás instrucções Parochiaes: bem reprehendi publicamente ésta odiosa negligencia. Tambem aqui fervem em cachão os dois vicios dominantes d'êsta raça, principalmente o da borracheira, em que soube erão comprehendidos não só os homens, senão tambem grande parte das mulheres. Fazem ésta bebida da mesma farinha de pão corrompida, e azedada, e obra n'elles os mesmos, ou maiores excessos, que o vinho, e a água ardente: chamão-lhe *Pajuarú*. Contarão-me, que he tão grande a paixão universalmente em todos por aquella bebida, que plantão as rôças só para este fim, e que antes querem passar sem comer, do que sem ella: he o mimo mais estimado dos seus banquetes; convidão-se reciprocamente por qualquer leve motivo: apresentam-se ás talhas cheas, e em quanto durão, não cessão os bailes, os tóques, e alaridos; de sorte que gastão nisto muitos dias, e noutes, e sahem d'ali esvaziados, e desfigurados, então he que succedem as desgraças de facadas, e mortes. Sendo tão pouco delicados em pontos de honra, e de cortezia, n'aquelles lanças fataes tudo são ciumes, tudo queixas, lembrando-se das mais leves injúrias, que tem recebido: porém, acabada a effervescencia, a mesma harmonia, e união, que antes. Logo desde o berço inspirão as mãis a seus filhos ésta desgraçada paixão, fazendo-lhes tragar o veneno a pequenas gotas: muito tenho clamado contra ésta desordem.

Está concluida a Visita das Povoações da Ilha grande de Joan-



nes, ou o *Marajó*, exceptuando duas pequenas, que ficão na contracosta, em huma notavel, e perigosa distancia, as quaes deixo presentemente, por se avizinhar a Festa do Gloriosissimo Nascimento de J. C., em que desejo assistir na Cidade: mas restando ainda alguns dias, resolvo-me a dar hum giro pela Villa de *Cametá*, a parte mais consideravel da minha Diocese depois da Cidade; onde ha muito que fazer, e tambem por escapar á fúria do mais alto da Bahia.

§. 43. Dia 5. Sahindo de *Ponte de Pedra* pelas cinco horas da manhã, fomos costeando a Ilha, em que achámos algum embaraço por conta das correntezas, e o vento ser hum pouco escasso, com tudo de tarde nos favoreceo mais alguma cousa. Ao pôr do Sol tivemos huma horrorosa trovoadá; porém foi maior a caranca, do que o perigo: espalhou-se logo. N'este mesmo sitio recebi huma carta do meu Vigario Geral do *Rio Negro*, em que me dava a alegre noticia de se achar já com bons princípios naquella Capitania a util Confraria da Caridade que novamente tenho estabelecido na Capital, e procuro estender por toda a Diocese. Enviou-me huma Medalha, insignia dos Irmãos, lavrada mesmo em *Rio Negro*, que está feita com toda a delicadeza, e energia.

§. 44. Dia 6. Viemos amanhecer em pouca distancia da Villa de *Cametá* junto a huma Fazenda do meu Seminário: fui vèlla; tem alguns trinta e tantos escravos, a maior parte crianças, incapazes para o trabalho; boas terras para café, cacáo, arróz, e maniba; porém como até agora andou arrendada, achava-se n'hum total atrazamento, e só rendia cem mil réis. Este anno tomou-a a si o Senhorio; tenho esperauça, que dará mais alguma utilidade. Pela tarde chegámos a hum Lugar pouco acima de *Cametá*, chamado *Azevedo*, composto de Indios em número 500. Visitei a Igreja, que he pequena, mas acabada de proximo, e lindissima, casa propria de quem n'ella habita: ainda que a maior parte das despezas correo por conta da Fazenda Real; contribuiu muito o zêlo do Vigario, e do Director, que ambos se tem esmerado no edificio. Não me demorei mais n'aquelle Lugar, por ficar contiguo a *Cametá*, d'onde he facil provér, o que for preciso. Parti para a Villa acompanhado das pessoas principaes d'ella, que ali me forão esperar, e fui aposentar-me no Hospicio dos Padres Mercenarios, concorrendo entre o mais Povo grande número de meninos, lembrados do agazalho, que lhes fiz o anno precedente, e que costume por toda a parte, parecendo-me, que não está mal a hum Bispo seguir o exemplo do Salvador, o qual tanto se costumava regalar com o trato d'estas almas innocentes. Levei-os á Igreja dos Padres, e logo á Matriz, onde cantámos os Louvores do Santissimo Sacramento, e da Virgem Nossa Senhora, e he o que se fez n'este dia.



§. 45. Dia 7. N' elle não fiz mais do que receber visitas das pessoas, que me obsequiavam, e também inquirir dos vícios, e escandalos, que havia na terra: pois como o Povo he muito, e gente branca, pela maior parte degradados, onde semelhante ca-libre, que mudando de clima, em nada mudão de condição, e de costumes; e além disso embrenhados nas Fazendas, que tem pelos matos, sem virem ás Parochias, senão nas maiores Festivi-dades do anno, e por consequencia destituídos de luzes, e temor de Deos; julguei, que não faltarião monstros de maldades, que he perciso pelo menos afugentar para as covas, por não inficio-narem o mundo com seu halito venenoso, e pestifero: e com effeito vejo, que me não engano. Ai meu Deos que nos soffreis! O vício, principalmente o da incontinençia caminha sem máscar-a; soberbo, e desaforado, não ha nada que lhe resista; sezmelhan-te a hum diluvio universal, tudo alaga, destroe, e confunde, e nem os outeiros mais elevados, que parecem tocar com a cabeça no Ceo, escapão á sua fúria: Domine, quando respicies? Deus virtutum convertere, respice de coelo, et vide, et visita vineam istam. A' noite concorreo o Povo, e fizeram-se os obsequios cos-tumados a Deos Nosso Senhor.

§. 46. Dia 8. Pela manhã fez-se a procissão dos Defuntos, e a visita da Igreja. Depois, como vi junto muito Povo, fiz huma larga practica, e com assás vehemencia, servindo-me de funda-mento humas palavras, que tinha lido a noute antecedente no Profeta Isaias, e que me parecerão propriissimas para instruir duas sortes de pessoas, de que se compunha o Auditorio, justos, e peccadores. = Dicite justo, quoniam bene, quoniam fructum ad inventionum suarum comedet, vae impio in malum: retributio enim manuum ejus fiet ei. = Disse-lhes, que era o recado que Deos mandava a huns, e outros; e lho expliquei, como pude. De tar-de fui com todo o Povo em procissão pelas ruas a cantar o Ter-ço de Nossa Senhora: costume muito louvavel, que achei esta-belecido em todos os Lugares do Bispado; e se faz este obsequio público nos Domingos, e Dias Santos; o que procuro arraigar, quanto me he possivel, sabendo as benções, e graças especiaes, que o Senhor tem prometido á Oração pública, e quanto esta practica foi estimada sempre na Igreja desde o seu principio. No fim préguei, expondo a efficacia da devoção da Senhora, e as condições, que requer para nos ser util. A' noute o obsequio or-dinario.

§. 47. Dia 9. Sentei-me no Confessionario até ao meio dia, d'onde sahi bem convencido da verdade de hum pensamento, que ha muito tempo revolve no meu espirito, ou talvez desde o dia, em que fui promovido Episcopado. He este: parecer-me, que não ha nada em que hum Bispo se deve esmerar tanto, co-mo no desempenho d'estas duas obrigações, prégar, e confessar,



que eu reputo pela flôr, e mimo de todas as mais. A benção, que Deos tem ligado ao exercício dos referidos deveres he muito visível para se desconhecer; basta considerar as mudanças de vidas, que se obrão por estes meios; o que he tão difficil de conseguir pelas penas pecuniarias, e outros arbitrios semelhantes, que ensina a experiencia da meia idade. Aqui estou agora palpando com as mãos a efficacia de ambos os remedios. O anno passado tirei a Devassa n' esta Villa, e conformando-me com as disposições de Direito, condemnei os culpados a penas pecuniarias, e a prisão. Tambem préguei, e confessei muito, por que tive aqui hum demora prolongada, por causa da minha molestia. O que agora vou observando, he, que os penitenciados do anno precedente achão-se envoltos no mesmo lodo da culpa; em quanto aos outros, que se convertêrão ouvindo a palavra de Deos, e se confessarão, tem perseverado n' hum vida séria, e christã; ou ao menos se cahirão em algumas fragilidades, achão no coração hum sensibilidade, e hum temor, que os traz inquietos, em quanto não desafogão a sua tribulação aos pés de algum Confessor: effeito singularissimo da Graça de Deos, e claro sinal, de que o mesmo Senhor ainda os não tem desamparados da sua mão. Eu bem sei, que estes fructos sensiveis da palavra de Deos são raros, o que não deve admirar, depois de virmos no Evangelho, que só a quarta parte da semente Divina cahio em boa terra, e chegou a dar fructo: porém ao menos consta, que he o meio legitimo instituido por J. C. para converter os peccadores; por não fallar agora dos outros effeitos da Divina palavra, como por exemplo alegrar, fortalecer, e afervorar as almas justas, ao mesmo tempo que o das penas coactivas descoberto muitos seculos depois do nascimento do Christianismo, mostra a experiencia que se algumas vezes encobre, e desfarça o peccado; quasi nunca arranca o seu affecto do fundo do coração. Tomára, que os Bispos se persuadissem d' esta grande verdade, e que acabassem de comprehender, que pelos mesmos principios, por onde se estabeleceo a Igreja, quer J. C. que ella se conserve, e ainda se augmente até não haver mais do que hum rebanho, e hum Pastor. Depois do meio dia fui com a Irmandade da Caridade pedir esmola para os pobres enfermos, cheio de gôsto, e satisfação, por vêr o bom pé, que aqui vai tomando esta Santa Confraria. A' noute fez-se a devoção costumada, que n' esta Villa he por differente modo. Como ao principio da noute ha oração na Matriz, a que eu não assisto; sendo nove horas da noute vou para o Côro do Hospicio com a minha Família; abre-se a porta da Igreja; concorre o Povo; e ali rezamos a Corôa de N. Senhora, e cantamos os Louvores de Deos.

§. 48. Dia 10. Logo depois da Missa fiz ao Povo hum breve practica, inspirando-lhe o respeito devido á Lei, que prescreve a



observancia dos Domingos, e dias Festivos, e o modo como os devião sanctificar dignamente: outra relaxação muito usual n'estes Paizes, que tira a raiz da avareza (achaque velho, e dominante em todos os que passam da Europa ao Ultramar) contribuindo não pouco as prolongadas distancias, em que vivem ordinariamente das suas Parochias. De tarde perguntei a Doutrina aos meninos, e os achei bastantemente atrasados, tanto por culpa dos Pais, que não cuidão no seu ensino, como tambem do Vigario, que me constou ser negligente n'esta obrigação: sobre as respostas do Cathecismo formei huma larga practica, que se dilatou até perto das oito horas. Expliquei o Mysterio da Redempção, fiz ver que J. C. tinha preparado o remedio efficacissimo para a salvação do mundo, e que o offerecia liberalmente a todos; mas requeria da nossa parte certas condições, as quaes não sendo postas, injustamente lhe attribuiriamos a inefficacia do remedio; assim como sem razão nos queixariamos do Medico, ou do seu remedio, quando tomassemos este, sem fazer os preparos, e as disposições indicadas pelo Professor. D'aqui me levantei contra os peccadores, arguindo-os da injustiça, com que querião, que Deos para os salvar, transtornasse a adoravel economia das suas Leis, e dos seus Decretos. Pelas nove horas fizemos o exercicio do costume.

§. 49. Dia 11. Fui para o Confessionario com outros Sacerdotes, onde me demorei até perto do meio dia: então fiz hum breve discurso ás pessoas, que estavam para Commungar, ponderando a excellencia d'aquelle Mysterio: como se devião preparar para receber a J. C., e dar-lhe as devidas graças. Confesso, que senti o meu coração banhar-se todo de alegria, vendo a devoção, e ternura, e ainda as lagrimas, com que alguns estavam dispostos para chegar á Divina Mesa: com a cabeça em terra desejei render mil acções de graças ao Omnipotente, por conservar n'esta Villa hum bom número de almas, que o procurão servir em espirito e verdade, almas de oração, de mortificação interior, e de huma sensibilidade de consciencia, que me fez admirar. Como o officio de Pastor não consiste só em arrancar do mato as ovelhas errantes, mas tambem em apascentar as humildes, e sujeitas nas ferteis campinas, para que se conservem gordas; nunca perdi occasião de fallar a estas almas, consolando-as, fortalecendo-as, dirigindo-as, como o Senhor me inspirava, e isto tanto mais gostosamente, quanto via, que a doutrina do anno preterito tinha pegado em seus corações. Tratei aqui pessoas (huma principalmente donzella, que mostrava 50 annos) de taes disposições para a virtude, que se estivessem n'hum Convento com os recursos, que ali tem as Religiosas, seriam prodigios de Santidade. Eis-aqui os espectaculos, que no dia do Juizo Deos ha de pôr diante dos olhos de suas Esposas, e com que ha de confundir a muitas, que



soltas dos embaraços do mundo, e recolhidas no Sagrado azilo dos Mosteiros, com tantos espeques para soste'r a sua fragilidade, com tantos meios para se adiantarem na perfeição; alagadas, para o dizer assim, dos chuveiros da Divina Misericórdia, que por toda a parte estão correndo sobre aquelles santos retiros, tudo fazem inútil pelas suas infidelidades. Justissimamente as arguirá o Senhor, quasi como lá em outro tempo a certas Cidades: Ai de vós, ingratas Esposas! que se eu tratasse com tantos mimos, e dêsse todos estes meios de Salvação a ésta, e aquella, que lá do meio do reboliço do mundo, e de mil perigos funestos á virtude tanto suspiravam pelo doce repouso da Religião, sem dúvida a minha graça obraria n'ellas os mais estupendos prodigios = Verumtamen remissius erit eis = De tarde fiz algumas correcções aos culpados na Visita; fui pedir humas esmolas para o Hospital dos Pobres, os meninos adiante cantando a Saudação Angelica; e concluiu-se o dia conforme o costume.

§. 50. Dia 12. Confissões pela manhã, como no dia antecedente. De tarde chrisma, e practica, que se estendeo até ás sete horas. Tambem dei Prima Tonsura a hum menino para o Serviço da Igreja.

§. 51. Dia 13. Confessei até perto do meio dia: então me despedi com hum breve falla. Jantámos, e partimos immediatamente acompanhados das principaes pessoas até o embarque.

*Cametá* he Villa muito populosa, e a mais grossa do Estado; tem para cima de 6000 almas, todos brancos, excepto os escravos; porém raras são as pessoas, que assistem na Villa; tudo se acha espalhado por differentes Ilhas circumvisinhas, vivendo nas suas roças, e cacoães; e só concorrem á Parochia na Semana Santa, e outras festividades maiores. O principal ramo de negocio d'esta Villa he o do cacão, que produz aqui admiravelmente, e em poucos annos tem enriquecido varios moradores, que estão opulentos: tambem algum café, algodão, azeite, e farinha sufficiente. A pezar d'isto não falta pobreza: o que se deve attribuir á ociosidade, e negligencia em que muitos passam a vida, porque a terra recompensa bem o trabalho, e sem muito custo. A Villa pôsto que situada sobre a margem de hum rio espaçoso, e bello, he em si pouco agradável, por ter a maior parte das casas cobertas de palha, e despidas de todo o aliho, assim por fóra, como por dentro; com tudo já se vém algumas de telha, e ao estilo moderno. A Igreja he grande, e não tem ruim planta; porém ameaça ruina no frontispicio, e nas bandas: e se lhe não acodirem brevemente, dá comsigo em terra: está nua, e com muita falta de ornamentos, e outras alfaias, exceptuando o Pálio, que o tem magnifico, e ainda novo; custou em Lisboa 600,000 rs., esmola de hum morador. Ha mais outra Igreja



do Convento dos Padres Mercenarios menos má, porém despida de ornamentos. No Hospício não se achão mais que dous Religiosos; hum d'elles he o Commendador, a quem devi as maiores attensões pelo agazalho que me fez, tanto este anno, como no passado. Tem mais a Villa huma Capellinha de hum particular, que he mui pequena, e soturna, e não offerece cousa notavel. Ainda que achei muitos escandalos; e o Povo geralmente esquecido das obrigações do Christianismo; com tudo soube, que havia bastantes almas dadas á piedade, e que muitas mais serião, se os Sacerdotes, que ali assistem, tivessem zêlo, e luz, porém são drogas muito raras n'este Paiz; ao menos juntas não se achão com facilidade na casa de hum negociante.

§. 52. Pela tardinha do mesmo dia 13 chegámos a casa do Mestre de Campo João de Moraes Bettencourt: e por elle, e por toda a sua Familia fui recebido com muito agrado, e obsequiado com igual decencia, e urbanidade. He casa de muita honra, e exemplar virtude; frequenta-se n'ella o Santo exercicio da Oração Mental, e a prática dos Sacramentos; vive-se com recolhimento, e muita união, não obstante ser Familia tão numerosa, que só as pessoas que se sentão á meza para jantar, passão de 30, entre as quaes contão-se 17 mulheres, a saber, filhas, netas, e outras parentas. O número total de que se compõe a Familia excede a 300 almas. Tem boas casas, huma vasta, e completa ollaria, engenho de assucar, grandê número de cacaoes, mas presentemente não sei que haja dinheiro. A Capella he feita ao modo antigo, e pequena, mas asseada. Cantarão-se aqui os obsequios Divinos com a maior perfeição, vozes lindissimas, e muitas, estilo nobre; tinhão luzes de solfa inspiradas por hum sujeito da mesma casa, o filho mais velho, e que a governa, moço, prendado, muito habil na dita faculdade, e no toque de diversos instrumentos. Gostei muito de ouvir cantar ao som do Bandolim o Bemdita Sejaes, por cinco differentes modos, todos engraçadissimos: huma mulata de 50 annos sobresahia incomparavelmente.

§. 53. Dia 14. Tendo-se confessado algumas pessoas, chrismei, e fiz huma breve exhortação, por estar alguma cousa indisposto. Pelas nove horas me despedi, e embarcámos; e n'este dia não se offereceo cousa mais notavel, á excepção de huma espantosa trovoadá pelo meio da tarde, e outra já de noite acompanhada de chuva grossa, que nos inquietou assás.

§. 54. Dia 15. Passámos de manhã por diversas Capellas de particulares, huma d'ellas do Alferes Philippe Corrêa de Sá: he a cousa mais linda, completa, e asseada, que tenho visto não só no Pará, mas também no Reino, fallando de Capellas de Particulares: está feita modernamente, risco d'hum Architecto Estrangeiro, que veio dirigido para as Demarcações Régias. Em tudo



transluz o mimo, até nas Alfaias, e ornamentos: he dedicada á Nossa Senhora de Nazaré. Também aqui se está concluindo hum bello engenho d'água para fazer assucar: máquina de que muito me agradei. Pela tardinha aportámos junto á Igreja de Santa Anna do Igarapémerim; onde nos demorámos somente até á madrugada do outro dia pela percisão que tinha de me recolher á Cidade. Esta he huma das Freguezias chamadas Rios; por estarem desertas, e se acharem os moradores espalhados por diferentes Lugares, alguns bem apartados da Parochia. A Igreja pôsto que pequena, não he das mais feas, e desengaçadas: o retabolo da Capella-Mór pintado de novo, e com gosto; boas imagens, ornamentos sufficientes. Tem para cima de 800 almas.

§. 55. Erão cinco horas da manhã, quando sahimos do referido Porto; e até ás cinco da tarde, que foi quando chegámos ao da Igreja do Espirito Santo do Rio Mojú, não se offereceo cousa digna de memoria. Logo saltámos em terra, e nos encaminhámos á Igreja, que por se lhe estar fazendo Frontispicio novo, achei hum pouco desfigurada, e suja: com tudo concluida a obra, ficará perfeita. A' noite concorrendo as pessoas que estavam no Lugar (estavão poucas, por ser tambem Igreja de Rio) fiz-lhe huma prática; e se terminou a acção com os canticos dos Louvores de Deos.

§. 56. Dia 17. Celebrado o incruento Sacrificio da Missa, nos sentámos no Confessionario (era Domingo concorreo algum Povo) onde nos demorámos até perto do meio dia. Então dispuz os que se havião de chrismar com huma exhortação: chrismei; e conclui com huma prática, em que procurei firmar os justos nos seus bons propósitos, e mover os peccadores á penitencia das culpas. Passava de huma hora depois do meio dia, quando sahimos da Igreja, e immediatamente deixámos aquelle Porto. Algum tanto vim desgostoso desta Freguezia, assim como da precedente (e o mesmo me aconteceu o anno passado) por ver tamanho desmazelo, e insensibilidade nos moradores para as cousas da Religião: que sendo este Rio hum dos mais povoados de gente branca, e limpa (tem algumas 1500 almas), nem a décima parte concorreo á Igreja, e mais era Domingo, e estava o Bispo no Lugar. Eu bem sei, que alguns tem desculpa, por terem os sitios em distancia de dous, tres, e mais dias; porém outros não tem desculpa nenhuma, pois os tem mais perto, e são talvez os que se prezão de Policia, e Nobreza; isto he achaque irremediavel, e só Deos com a sua Omnipotencia o póde curar. Considerem-se os vicios, e horrores, que se crearão por Lugares tão remotos, e inacessiveis ao tracto dos Ministros de Deos. Aqui fere outra vez a alma, como espinho agudissimo, a dolorosa reflexão, que já fica apontada. Como se hão de converter estes peccadores, tendo estancadas todas as fontes da Divina Misericordia? Por



isso de ordinario morrem, como vivem, isto he, na mesma estupidéz, e indolencia, sem buscarem Sacerdote, nem outros soccorros, que J. C. deixou para aquella hora. Pois os miseraveis escravos? Muitos Senhores ha, que fazem tanto caso d'elles, como se fossem cães; como trabalhem, he o que importa; da sua salvação, nada cuidão absolutamente, conservão-nos ás vezes toda a vida sem Baptismo, e se são Baptizados, sem confissão, pelo descuido de lhe ensinarem a Doutrina; e assim os deixão morrer com a maior deshumanidade, que se póde imaginar. Sei de alguns que nem hum Missa mandárão dizer pelo pobre escravo, que talvez consumio todas as suas forças em os enriquecer. Não fallo agora na barbaridade, com que muitos os castigão; e isto não por offensas de Deos, que no seu conceito são faltas ligeiras, (o se he escravo que apparece com o ventre crescido muitas vezes se estima), mas por temporalidades insignificantes: Tenho visto escravos aleijados de mãos, e pés, outros com as costas, e lugares inferiores feitos em retalhos, effeito de castigos, que custa a comprehender, haja na humanidade monstros de crueza, que tal cheguem a praticar. Porém que ha de ser? Falta o temor de Deos, e sem ésta barreira, já se sabe, que não ha precipícios, onde o coração do homem se não despenhe infelizmente. Todo este Rio he mui rico por causa das amudadas Fazendas, e bellissimas propriedades, que tem junto ás suas margens, e todas vai logrando com a vista, quem passa pelo Rio: só Capellas particulares, que não visitei, pelo ter feito o anno passado, e agora levar pressa, são sete, ou oito, e algumas muito boas.

§. 57. Dia 18. Estavamos ao raiar da manhã no porto da Fazenda da Viuva do Mestre de Campo Pedro de Sequeira: recebo-nos ésta Senhora com todo o alvoroço, e alegria, e me fez as mais vigorosas instancias para que ficasse ali até á noite para sua consolação. He Senhora de muita probidade, e das mais urbanas, e respeitaveis, que tenho visto no Pará. Mas não pude condescender com a sua vontade. Acabada a Missa, em cujo tempo me regalei de ouvir cantar as filhas, e outras pessoas de casa o *Tantum Ergo*, e diferentes Lettras Sagradas com bellissima harmonia, que me pareceo estar ouvindo as Freiras no seu Choro; embarcámos, e nos dirigimos a hum Fazenda do novo Hospital dos pobres, que fica contigua á Cidade. He esmóla, que derão de proximo áquelle estabelecimento; e ainda que se acha presentemente desmantelada, e em ruinas, tem as melhores disposições, para vir a ser Fazenda rendosa, e muito util ao Hospital por conta da bella Ollaria, que n'ella existe, e além d'isto poderem-se ali conservar as creações indispensaveis para o uso dos enfermos. Tem Capella menos má, e casas sufficientes. Aqui matárão os Indios hum famosa Cobra; tinha treze palmos de comprimento, e hum e meio de grossura, de côr fusca com diferentes



malhas: era bicho medonho: e com tudo dissêrão-me os práticos da terra, que era ainda pequena, porquanto as grandes d'esta mesma qualidade tinham hum volume incomparavelmente maior. Toda a valentia conservão na cauda: quando arremetem, fixão a ponta em algum lugar do corpo da preza, e então se vão enroscando, e apertando com tamanha fôrça, até matar, e mesmo até quasi moer os ossos do que apanhão, ainda que seja hum boi: depois d'isto he que entrão a comer: tem tragado assim muita gente. Eis-aqui o modo, com que hum Indio em certa occasião se livrou d'este perigo. Vendo-se atacado do monstro, e que começava a cingir-se-lhe pelo corpo, tira de huma faca, applica-a áquelle lugar com o fio voltado para fóra, com tal ventura, que a cobra, apertando-o, se partio em duas ametades.

Pela tardinha desembarquei na Cidade, e tornei a vêr ésta mais nobre, e amada porção do meu rebanho, de que havia dous mezes, e quatro dias andava ausente. Fiz logo caminho para casa do Governador, e d'ahi, antes de me desempoar, fui vêr as obras do novo Hospital dos pobres, que achei assás adiantadas; e o edificio proximo a concluir-se inteiramente. Em fim recolhi-me a casa mais são, e vigoroso, do que tinha sahido. Por tudo sejam dadas infinitas graças a Nosso Senhor J. C. que com o Padre e Espirito Santo vive, e reina por todos os Seculos dos Seculos. Amen.

(Fim da segunda Visita.)



## ART. II.—

## MEMORIA sobre a Villa de Viana do Minho.

POR

FR. MANOEL DO BOM JESUS.

Religioso da Província da Conceição de Portugal, da Ordem de  
 S. Francisco; Leitor de Theologia Dogmatica no Convento  
 de Santo Antonio de Viana do Minho.

## CAPITULO I.

Será Viana do Minho a antiga Britonia? E qual a época  
 da sua fundação?

§. 1. O Doutor Fr. Bernardo de Brito, cuja authoridade respeito na relação de bastantes factos, sustenta ser Viana do Minho a antiga Britonia (1), florentissima não só em tempo dos Romanos e Godos, mas ainda depois da expulsão dos Mouros; e sua opinião he seguida por Cardoso (2), que allega para a estabelecer as seguintes palavras do erudito Vaseo (3), que de mais prôvão teve Bispo = Britolensis Civitas est in Portugalia interamni prope Vianam (4), quæ dicitur de Caminha, quæ Fracharensem agnovit Metropolitanum Episcopum, etc. =; os sentimentos porém d'hum e outro são desmentidos pelo P. M. Flores (5), o qual defende ter Britonia o seu assento junto a Mondonhedo na Galiza, onde hoje existe a Freguezia de Santa Maria de Bretonha. Contra elle se levantou em nossos dias hum

(1) Monarch. Lusit. tom. 2. pag. 515.

(2) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 24.

(3) João Vaseo, Flamengo, Lente na Universidade de Salamanca, no seu Chron. cap. 20.

(4) Brito, no lugar supra citado, diz claramente que Britonia existio no mesmo sitio da antiga Viana; não sei com que fundamento.

(5) Hespanha Sagrada, tom. 19. trat. 58. cap. 1. pag. 1. até 9.



Chronista Regular (1), que decidido pela primeira opinião, adduzio argumentos multiplicados em favor de Viana, para lhe segurar o nome, e dignidade; e com mais furor, mas pouco melhor fortuna, o Author do Dialogo = Estrangeiros no Lima = querendo levar á evidencia o que Flores nega, cita muitos Historiadores Hespanhoes, e seus testemunhos (2), assim como Escritores antigos e Nacionaes com as suas razões (3). Mas que se tem apurado para contrastar dignamente a segunda opinião? Que resultado, o d'este choque litterario? Apresentão-me estes Authores hum laberinto, em que receio entrar com temor de me perder, inda que guiado por seus principios: n'este ponto, como em outros de grande antiguidade, apenas resta confusão; a ignorancia, ou desprezo da Arte critica, a paixão, ou espirito de partido, fizeram passar aos nossos dias factos, que não tem sólidos fundamentos; e entre elles alguns, que parecem sonhos, imaginação. Muitas vezes "por desgraça, mas não com tamanho perigo", observámos Novadores, como na Religião, em a História e Philosophia.

§. 2. Também não he empresa leve fixar a época da fundação de Viana do Minho, pois occorrem testemunhos oppostos, que se não podem conciliar a respeito de seus fundadores; e nem todos se colligão sobre a sua primitiva localidade. Examinemos com miudeza: querem huns que fosse fundada 296 annos antes da vinda de Christo pelos Gallos Celtas, e em hum alto monte para o Norte, onde hoje se vê a Ermida de Santa Luzia, de que se mostram ainda ruínas de edificios e casas nobres (4), os quaes lhe impozerão o nome, que conserva, em memoria de Viana de França no Delfinado (5), sua Patria: querem outros seja Viana do Minho a antiquissima = Calpe = fundada por Diomedes, filho de Tydeo, Rei de Etolia na Grecia (6). Tudo porém des-

(1) Fr. Pedro de Jesus Maria José, na Chron. da Prov. da Conceição, tom. 1. l. 3. c. 1. e 2.

(2) Morales; Fr. Jeronim. Roman na Hister. de Braga; Padilha na Hister. Ecclesiast. da Hesp. tom. 2. pag. 86.; e Garibay, diligente Historiador Hespanhol tom. 1. pag. 301.

(3) Resende, Antig. de Portug.; Brito, Monarch. Lusit. em varios lug.; Argote, Memorias de Braga tom. 2.; e outros, que talvez o copiarão como os primeiros de Brito; devendo ter o mesmo crédito, que elle, em semelhante relação.

(4) Carvalho Corog. tom. 1. pag. 129.; parece ser da mesma opinião Fr. Luiz de Sousa, na Vid. de D. Fr. Barth. dos Mart. tom. 1. pag. 175. onde cita Resende L. 2. pag. 77. de antiq. Lusitan.

(5) Hoje Departamento do Isara; Geographia de Guthrie.

(6) F. Rufo, natural de Talavera, cujos escritos se con-



canga em hypotheses, tradições incertas, que não merecem portanto o menor exame.

§. 3. Não se duvide contudo da antiguidade de Viana; ella já subsistia antes do Reinado do Senhor D. Affonso III., como consta do seguinte documento (1) "In Xpi nomine & eius gratia; quoniam debilis est hominum memoria, inventum fuit scripturae remedium, ut facta mortalium firma fieret, et ad posterum eorum testimonio servarentur, hinc est quod ego Alfonsus dei gratia Rex Portugaliae, & Comes Boloñ. una cum vxore mea Regina Dona Beatrice Illustris Regis Castellae & Legion. filia, volo facere populū in loco, qui dicitur atrium (2) in fose Limia, cui populo de novo impono nomen Viana, etc. facta Carta vymarianis xviii iunii Rege mandante E. m. cc. (r. vj. 33. (3). Aqui

servão no Escorial em letra Góthica; Caetano de Sousa Brandão, que no seu = Jardim Politico = diz "In ripa Lethes Diomedes condidit Urbem; Nomine Calpem, nunc pulchra Viana tenet", de cujo testemunho, analogo inteiramente ao de F. Rufo, que por isso omittiti, se collige ter sido a antiga Viana, onde hoje está a presente, passando daqui para o alto em que, segundo a Tradição, existio para viverem mais seguros das continuas refréguas com os inimigos, seus opulentos habitadores.

(1) Foral grande da Camara de Viana do Minho, tom. unico, folh. 69. vs.

(2) Atrium, segundo Calepin. era hum lugar, em que se pagavão espórtulas, e que nós de presente chamamos Alfandega; ficava junto á foz do Rio Lima.

(3) Em huma grande lápida, que formosea bastante o frontispicio da casa da Camara desta Villa, se vê gravado com letras d'ouro o seguinte letreiro, extrahido do Foral grande "Ego Alfonsus III. de Portugalia Rex, & Bolonia Comes dñi & concedo vobis habitatoribus de Viana quantum habeo, & iure habere debeo in ipsa Villa, & suo termino, & quod nobiles stent pro Infantionibus in toto meo Regno; do etiam, ut non habeatis alium Dominum, nisi me Regem, & uxorem meam, & filios meos iure hereditatis in perpetuum, &c. Facta Rege mandante XVIII. Julii era MCCLXVI., ora nesta Inscriptão occorrem erros gravissimos, que he preciso emendar; no que respeita ao mez, foi engano escrever-se 18. de Julho, quando do mesmo Foral consta que são 18. de Junho; mas no exarar e abfir das letras da era houve hum descuido, que se não póde soffrer; pois ainda que sejam as mesmas, que se achão no Foral, não se escreveo o X como nelle está, notado com plica por cima. Esta falta, que parece levissima, faz tão notavel differença, que lhe tiram não menos que trinta annos, e se fica lendo a era de 1266, que he o anno de Christo de 1228, o qual não podia verificar-se no Reinado do Senhor D. Affonso III., que no referido anno



temos a imposição do antigo nome á nova Viana (1), e a concessão de grandes foros e privilegios. Se antes do Reinado do Senhor D. Affonso III. Viana foi Cidade Episcopal, como, com outros, quer Carvalho na sua Corographia, na qual diz que o fora até o anno de 610 tempo em que se unio ao Bispado de Tuy, não he facil de provar de maneira que satisfaça os apaixonados da verdade; he certo sim que no anno de 1461. reinando o Senhor D. Affonso V., e tendo as chaves da Igreja Pio II., Viana fazia parte do Bispado de Tuy, e se demonstra com evidencia por hum Breve (2) passado pelo dito Papa em favor de todos os moradores, contra quem Fernando Arcebispo de Braga tinha fulminado excommunhão, e declarado interditas suas Igrejas; depois do que, (3) passou a incorporar-se no Arcebispoado Primaz, do qual actualmente faz huma porção a mais importante.

ainda não tinha sido aclamado Rei de Portugal, começando a reinar muito depois por deposição de seu Irmão o Senhor D. Sancho II. no anno de 1246. ou de 1247. como querem alguns. Tudo se concorda, acrescentando ao X da era sobredita a plica, ou accento, que tem a Carta Foral; pois assim notado significa quarenta, segundo graves Authores, entre os quaes se distingue o eruditissimo Academico Leitão Ferreira no Catal. dos Bisp. de Coimbr., e Blut. Vocabul. lit. x. pag. 608. Deste modo fica dissolvida toda a dúbida, que póde causar aos menos noticiosos, que dêrem a era da Lápida, porque tomando-se o x por quarenta se lê 1296, e do anno de Christo 1258 em cujo anno se podia realisar tudo o de que se faz menção no Lettreiro.

(1) Nova, pela nova fundação.  
(2) Foi passado em Roma no anno do Senhor de mil quatrocentos sessenta e hum pelo Santissimo Padre Pio II., no terceiro anno do seu Pontificado, á instancia dos moradores de Viana; e forão executores d'elle o Abbade de Santo Tyrso, e o Prior de Grijó, com o Arcediago do Porto. Foral grande fol. 122. vs.

(3) Desamparando a sua Cathedral os Conegos de Tuy no tempo do notavel scisma d' Avinhão, para escaparem ás desordens que elle costuma produzir, e mesmo por motivos de consciencia, recolherão-se a Portugal, a Valença do Minho, Villa que pertencia ao seu Bispado no Espiritual, mas que reconhecia, com o resto de Portugal, o verdadeiro Pontífice, e não o falso, como a Hespanha. Esta resolução foi patrocinada pelo nosso Rei o Senhor D. João I., que não levava a bem exercitassem jurisdicção no seu Reino Bispos, que não fossem Nacionaes. Em Valença pois formavão os ditos Conegos hum novo Capitulo, em que rezavão em Communidade, recebendo o rendimento das terras, que elles e seu Bispo tinham em Portugal, porque tudo o mais lhes



§. 4. Ninguém creia, que para ésta Villa ser tão distincta, concorreu sómente o Senhor D. Affonso III., liberalisando-lhe graças com bom animo, e profusão; porque seus Successores, herdando as mesmas qualidades, lhe fizeram sentir proporcionaes effeitos. Não permitem os marcos, com que me tenho circumscripção, especificar as isenções e mercês, com que a hon-

tinha sido sequestrado. Depois de varias Censuras do Bispo de Tuy, que justamente erão desprezadas, mas não deixavão de incommodallos, Eugenio IV. os socegou, desannexando esta Comarca "a que pertencia Viana,, do Bispado de Tuy, por supplica, que lhe fez o Senhor Infante D. Pedro Governador d'estes Reinos na menoridade de seu Sobrinho o Senhor D. Affonso V. Erão governados por hum Administrador, que elegião; e sendo-o D. João Garcia Manrique, Arcebispo de S. Tiago, retirado da sua Igreja por motivos talvez do Scisma, se deo fórma, e ordem á Collegiada de Santo Estevão. Assim se fôrão governando os ditos Conegos independentes d'outro Prelado, ficando ésta Comarca como territorio de nenhum Bispado "tal, qual o a Prelasia de Thomar, e outros isentos,, até que o Senhor D. Affonso V. em 1472. a incorporou no Bispado de Ceuta, por concessão do Papa Xisto IV. Este mesmo Pontifice determinou no anno de 1475. que este Bispado fosse suffraganeo a Braga, para atalhar as muitas appellações, que do Bispo de Ceuta se entrepunhão em Roma "aonde aquella Igreja era immediatamente sujeita,, dos seus subditos nesta Comarca, que governava por hum Vigario Geral; o que assim se praticou por quarenta annos; até que, sendo Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, solicitou trocar por ésta Comarca humas terras, que tinha seu Arcebisopado, junto ao Guadiana "Olivença, Campo Maior, etc., bastante incómodas para as Visitas e recursos, e tendo-se ajustado com o Bispo de Ceuta Fr. Henrique, Religioso Menor, que encontrava os mesmos inconvenientes, se executou sem demora a pertencção. Não faltou o Beneplacito do Senhor D. Manoel, e fazendo-se a supplica ao Papa Leão X., benignamente a concedeo por Bulla de 25. de Junho de 1513. No mesmo anno se tomou posse das cedidas terras em 5. d'Agosto em nome do dito Arcebispo de Braga, ficando desde então pertencendo a este Arcebisopado o dominio espirital da Villa de Valença, e de toda a sua Comarca.

As terras, que ficarão ao Bispo de Ceuta, fôrão depois tiradas para o Bispado de Elvas, erigido por S. Pio V. em 9 de Julho de 1570. por instancia do Senhor Rei D. Sebastião. = D. Rodrigo da Cunha Hist. Eccles. de Brag. part. 2.: Benedictina Lusitana tom. 2. trat. 1. cap. 7.: Sandoval, Igreja de Tuy, pag. 172., Deve disfarçar-se a extensão desta Nota, attendendo ao seu interesse, e com muita particularidade á Igreja Bracharense; tambem não he óbvia.



rário, distinguirão; he assás o dizer que, depois do seu Fundador (1) lhe doar todos os bens, que n'ella possuia, depois de ter isentado seus moradores da dizima e portagem, reservando para si, e seguintes Monarchas em reconhecimento de Vassallagem a quantia de 10100. maravidis vellos, pagos pelas tērcas, esta quantia foi por outros Senhores Reis reduzida a 10; sua Camara decorada com os titulos, e jurisdicção de Capitão e Alcaide-Mór, além d'outras prerogativas. De muito tem que se louvar esta Villa! Fica ao cuidado dos Estrangeiros, que desconhecem a rivalidade, o ciúme, admirar a honra da correspondencia de seus habitadores a tão desusadas Graças, ainda nos mais criticos tempos; passando nós a contemplar o particular esmero da natureza, e da arte na sua belleza. Viana está situada perto do Oceano Atlântico, na margem direita do delicioso Lima, e em dilatada planicie (2); ornão-na muitos edificios públicos, e magestosos, como caza de Misericordia, Hospital, Quartéis para Tropa, Castello na Barra segundo a moderna Architectura Militar, hum Fortim perto da foz do Rio, huma insigne Collegiada com seus Conegos, oito Conventos d'individuos d'ambos os sexos (3), além d'hum Recolhimento; he cabeça do Govêrno Militar da Provincia do Minho "afóra o que d'ella pertence ao Partido do Porto,, tem huma população immensa (4), e hum Commércio, que tem tido suas vicissitudes, mas foi, e he agora respeitavel: eis o objecto do

## CAPITULO II.

### *Commércio da Villa de Viana do Minho.*

§. 1. Se antes do Reinado do Senhor D. Affonso III. esta Villa entreteve Commércio maritimo de consideração na Península, ou fóra d'ella, he muito duvidoso; apparecem alguns testemunhos da sua existencia, mas são obscuros e vagos, não determinando os Póvos com que era entretido; he melhor portan-

(1) Faltta-se da última fundação pelo Senhor D. Affonso III., Conde de Bolonha, etc.

(2) Esta Villa, segundo o nosso Lima, está na latit. de 41 gr. e 44 m.; e na longit. de 9 gr. e 52 m.: a Encyclopedia porém tom. 35 pag. 347 a colloca na longit. de 8 gr. e 45 m.; e na latit. de 41. gr. e 30. m.

(3) Não he habitado pelos Conegos Regulares de Santo Agostinho o Mosteiro, que tinham n'esta Villa, desde a sua extinção em 1771. por Breve do Papa Clemente XIV., expedido á instancia do Senhor Rei D. José I.

(4) Já foi maior do que he actualmente; e tambem já foi menor; tratarei ainda deste objecto em outra occasião.



to, a meu vêr, omittillos, que arrisعالlos a hum prudente critico, que com hum golpe d'ólho descobrirá a sua futilidade (1): não se deve com tudo negar, ou pôr em problema, algum trá-fego de peixe, inda que de pouca monta, e em huma pequena esfêra, sendo a maior parte consumido no próprio Paiz, e seus arredôres. Nos dias do Senhor D. Affonso III., a nova Viana enriquecida com as suas Graças e Privilegios principiava com todo o enthusiasmo, de que seus habitantes são dotados, hum Commércio interior, que he a base do exterior; era porém necessaria huma Feira para lhe dar mais actividade. O Filho do Senhor D. Affonso III., Diniz, o Sábio, o Lavrador, Pai da Patria, lha concedeo por Carta Régia passada em Lisboa aos 11 de Março de 1324, de quinze em quinze dias, e franca (2). He huma liberdade dada ao seu Commércio. Esta Feira attrahindo só os Mercadores Reinícolas, e d'estes ordinariamente os Comarcãos, facilitava a circulação das especies; e o dinheiro, não passando senão d'hum vizinho para outro vizinho, não produzia o menor inconveniente aos Vianeses, e Póvos que com elles commerciavão (3).

§. 2. No Reinado dos Successores do Senhor D. Diniz, até o do Senhor D. Affonso V., o Commércio de Viana pouco variou; no tempo mesmo d'este Monarcha ella não via o bello e extenso horisonte, que lhe estava preparado; o astro, que lhe annunciava dias affortunados, inda não despedia "por distante", sôbre este Paiz seus influxos. São irrefragavel prova as representações feitas nas Côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1456;

(1) Eu não me atrevo a negar a existencia de Commércio, e talvez consideravel no tempo dos Romanos, Suevos, e Godos; mas encontro huma tal confusão nos testemunhos, que offerecem, que julguei mais acertado omittillos; o contrário seria perder tempo e papel, e apurar demais a paciencia do Leitor.

(2) Estabeleceo-se esta Feira nas Sextas-Feiras de quinze em quinze dias, sendo confirmada depois pelo Senhor D. Affonso V., e outros Reis. Hoje não he comparavel com a Feira annual, chamada = d'Agonia = no mez d'Agosto, a qual he mais geral, e populosa.

(3) Não succede o mesmo nas grandes Feiras, v.g. na de Leipsic, Francfort, etc. onde concorrem chusmas de Negociantes Estrangeiros; pois que o cálculo do dinheiro empregado na compra das mercadorias estranhas, excede o da venda das produções do Paiz, e indústria. D'esta reflexão segue-se a de Bielfeld = que se não devem estabelecer grandes Feiras, a não ser em lugares a que os Artifices do Paiz, e os Proprietarios das terras possam conduzir commodamente "e em quantidade", as produções de sua indústria, e as de seu terreno.



pelos Procuradores d'esta Villa Fernão M<sup>z</sup>, e João Paes; entre outras cousas dicirão elles ao Rei "em 1459,, que a Villa era povoada de Pescadores e Mareantes, cuja vivenda era no mar (1). He tambem prôva d'igual vulto e pèzo a permissão do mesmo Senhor D. Affonso V. em 1468 aos moradores d'esta Villa para andarem em bestas muares, por não poderem manter outras bestas (2); permissão que lhe confirmou por Carta passada em Evora aos 16 de Fevereiro de 1470 (3). Do Reinado dos Senhores D. Manoel, e D. João III. não se lembrou de certo Carvalho, quando dice (4) que Viana chegou a ter mais de cem navios proprios, que navegavão a diversas partes; pois que o estado, a fortuna de seu Commércio, não tinha mudado. Tinha sido dobrado o Cabo pelo immortal Vasco da Gama em 20 de Novembro de 1497.; tinha sido abordada Calicut, tres mil legoas de Lisboa, em 20 de Maio de 1498 (5); tinha sido descoberta por Pedro Alvares Cabral a 24 d'Abril de 1500. a terra, que primeiro se chamou de Santa Cruz, e hoje Brazil; estava aberta a estrada das Indias Orientaes e Occidentaes (6), mas a oc-

(1) Foral grande da Camara de Viana a folh. 55. vs.

(2) Provisão passada em Torres Védras em 28 de Junho do referido anno, Foral gr. a fol. 53.

(3) "Em quanto ao que diseis, que a vivenda e governança desse lugar, he principalmente per pescaria que per outra cousa, por não ter passiguos em que se mantenhão bestas, e outras alimarias, perque os homens vivessem e com ellas trautassem, nem isso mesmo podeis ahy manter por ser terra fraca outras bestas senão muares para em ellas andarem, perque todo o ter e fazendas dos moradores dahy são náos, navios, barcos, e armas assi para nosso serviço, como para renda de nossos direitos, e que porém nos pediaes por mercê, que vos dessemos lugar para andardes em bestas muares, como démos aos do Porto, por ahy não ser terra para poder criar nem manter cavallôs, e todas vossas fazendas serem navios e armas para uosso serviço. A este capitollo respondemos que nos praz. "Foral gr. folh. 44. vs.

Nôta — O lugar superior onde se falla em náos e navios, deve entender-se de caravellas apenas, porque aquelles vasos, nem no tempo do Senhor D. Manoel existião; sem elles se dobrou o Cabo da Boa Esperança, e descobrio a India.

(4) Corog. tom 1. pag. 190.

(5) Pereira, Compendio das épocas, pag. 304.

(6) O nosso Brazil não foi povoado e dividido em Capitánias, senão em tempo do Senhor D. João III., Pereira no lugar citado.



cupação dos Vianezes consistia na Pescaria, ainda no anno de 1532. (1).

§. 3. Chegou porém a época, em que Viana apresentou hum Commércio de consideração. Inda no Reinado do Senhor D. João III. ella vio partir do seu porto, e do d' Aveiro cem Caravellas (2), para a pescaria do Bacalhao da Terra-Nova (3); e seu tráfego continuou a ser tal, que o Senhor D. Sebastião, na Carta de 26 de Março de 1563, em que faz = Notavel = ésta Villa, entre as causas que aponta he hum a seguinte: "haver-do respeito a ser a dita Villa porto de mar, e de grande trato,, (4). He hum verdade de que dá testemunho hum insigne Historiador do Seculo XVII. (5) n' ésta fórma,, Viana, Villa das mais insignes deste Reino; terra cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e commercio por huma parte com as Conquistas de Portugal, Ilhas e terras novas do Brazil; por outra com França e Frandes, Inglaterra e Alemanha, donde e para onde recebia de ordinario muitos generos de mercadorias, e despedia outros: para os quaes tratos trazião os moradores no mar grande número de náos e caravellas (6) com grossas despezas, a que respondião iguaes retornos e proveitos, que tinham a Villa florentissima, e em estado de hum nova Lisboa: "continuando em outra parte (7) deste modo,, fôrão grandes os interesses que tirou da navegação e mercancia, correndo com seus navios a todas as Provincias do Norte, e ás Ilhas e Conquistas de Portugal. Mas nenhum commercio lhes tem montado tanto como o das terras novas do Brazil, que vai em tamanho crescimento, que no tempo que isto escreviamos (8) trazião no mar setenta navios

(1) Provisão passada em Setubal pelo Senhor D. João III. aos 21. de Junho: Foral gr. folh. 54. vs. e 55.

(2) A que nesse tempo chamavão náos sendo maiores; e navios sendo menores.

(3) Pimentel Art. de navegar, pag. 376.

(4) Foral gr. folh. 155. vs.

Nota — Em todos os instrumentos Públicos e Judiciaes se uza, desde o Reinado do Senhor D. Sebastião, do augusto titulo = Notavel. =

(5) Fr. Luiz de Sousa na Vid. de D. Fr. Barthol. dos Mart. tom. 1. l. 1. cap. 23. pag. 159. Edição de 1763 em 8.<sup>o</sup> pequeno, descrevendo o estado de Viana no anno de 1760, antes do Arcebispo partir para o Concilio de Trento, na menoridade do Senhor D. Sebastião.

(6) Faça-se sobre isto reflexão.

(7) Tom. 1. l. 1. c. 26. pag. 178. e seguintes.

(8) Anno de 1619.



de toda a sorte (1), com que a terra está massiça de riqueza, porque se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armadores e marinhagem, tudo da mesma terra. E não parecerá isto muito a quem souber, que havendo oitenta barcas de pescadores naturaes, cincoenta annos atrás (2), que se contentavão com o pão de cada dia ganhado com pouco suor nas pescarias de perto, e ao longo da côsta; hoje não ha nenhuma, deixando todos animosamente a pobreza das redes e a segurança das praias pelas esperanças e perigos do alto: e fica sendo grangeria para os lugares vizinhos pobres, que acodem a prover o Povo; como tambem o fazem todas as Nações do Norte, trazendo-lhe grande cópia de mercadorias de toda a sorte, e muito pão á conta do tetôrno, que levão da grossura dos açucares do Brazil, que não ha esgotallos, segundo os muitos que cada dia entrão pela Barra. Não se pôde produzir hum elogio mais brilhante! e que, não sendo sua lingua lisongeira?

§. 4. No meu poder existe hum antigo Documento manuscrito (3), que justifica o elogio feito ao commercio desta Villa; d'elle constão as frequentes exportações dos açucares e outros generos coloniaes (4) para Dunquerque, Ruão, Callais de França, Amsterdão, Hamburgo, e Veneza (5); e de fazendas secas, cobre, ferro, pano de linho, pipas, cordas, ferragens, etc. para o Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco. Por este Documento se vê que no tempo dos Filippes o Commercio continuava a ser consideravel; mas nos dias mesmo destes intrusos elle foi decrescendo, até ficar quasi paradisado. Causas deste phenomeno triste são humas certas, conjecturas outras. Entre as certas, quem não vê 1.º, a nossa America revoltada, e parte della no poder dos Holandezes, sem os Negociantes d'esta Praça poderem contar com as respectivas produções daquella vasta Região? 2.º As guerras, percisas em hum tempo tal, que sempre enervão o Commercio, por varios e conhecidos motivos? 3.º os impostos avultados sobre as embarcações no tempo dos illegitimos dominadores, que azedá-

(1) Torne a fazer-se sobre isto reflexão.

(2) Deita ao anno de 1569; e segundo este mesmo Historiador já em 1560 Viana era florentissima; e em 1563 a fez = Notavel = o Senhor D. Sebastião, pelo seu grande trato!!!

(3) Livro das carregações de Gaspar Caminha Rêgo, do qual só pude apurar "por encontrallo lacerado, e com falta de folhas,, algumas carregações dos annos de 1621 - 22 - e 23.

(4) Em tanta quantidade, que exigião grandes vasos; maiores que caravellas.

(5) Tambem hia huma porção grande para Madrid, em cargas frequentes.



rão os animos dos Vianezes (1)? 4.º Deixarém os nobres de exercitar a mercancia, o que elles fazião (2) ao uso de Veneza e Genova contra o costume das mais terras de Portugal, que louvando-os não os seguem; invejando a felicidade e bons successos do trato, não sabem imitar a industria (3)? 5.º As emigrações feitas naquelle tempo pela mocidade empregada em o Commercio, para a nossa America principalmente, vindo raras vezes a fazer figura fóra da sua Patria, a que diminuirão o Commercio por seu desamparo? Conjecturaes serão talvez em mais crescido numero: póde ser que o Commercio, este Nume tutelar das Nações "segundo Filangieri", fosse insultado pela má fé, pelos monopolios, pelos fallimentos voluntarios e ardilozos, outros tantos Sacrilegios legais, que as Leis devião prevenir, ou castigar.

§. 5. Aquellas das referidas causas, que depois desta época persistirão, ficarão produzindo proporcionalmente o mesmo effeito! via-se no Reinado do Senhor D. João IV., e seus filhos os Senhores D. Affonso VI. e D. Pedro II., e ainda em parte do Reinado do Senhor D. João V., o Commercio d'esta Villa amortecido; as guerras, as emigrações, e mais não sei que! erão o motivo d'esta desgraça: desgraça transcendente, em que Viana não foi só quinhoeira! Tiradas, desvanecidas humas causas, diminuidas outras, o Commercio sahio como d'uma lethargia, renasceo das proprias cinzas, apparecendo com hum grande vigor e bizarrria.

(1) Sugeito de bastante erudição me assegurou ter lido em Documentos da Camara, que querendo livrar-se esta Praça de certo imposto grave sobre as suas Embarcações, pertextata tinha poucas, cincoenta apenas!... Julgava-se decahido o Commercio... que prova de quam grande foi, e de quão abatido está ainda em os nossos dias!

(2) Fr. Luiz de Sousa, supra folh, 181.

(3) Montesquieu no espirito das Leis, tom. 3. l. 20. c. 21., fallando do Commercio da Nobreza em huma Monarquia diz "Il est contre l'esprit du Commerce, que la Noblesse le fasse dans la Monarchie. = Cela seroit pernicieux aux villes, disent les Empereurs Honorius & Theodose, & ôteroit entre les marchands & les plébeins la facilite d'acheter & de vendre = Il est contre l'esprit de la monarchie que la Noblesse y fasse le commerce. L'usage qui a permis en Angleterre le commerce à la Noblesse, est une des choses qui ont le plus contribué à y affoiblir le gouvernement monarchique." Ninguem deve concluir dos principios deste grande Politico, que o Negociante está obrigado a persistir sempre em o Negocio; isto conviria sómente aos Estados Despoticos, onde ninguem póde nem deve ter emulação. O Negociante não tem meio mais seguro de sahir de sua profissão, que exercitando-a bem, e com honra.



Graças ao Immortal José I., que pelo seu Ministro, o grande Pombal, fez que o nosso Reino, melhorando em todos os ramos, que produzem a pública felicidade, tornasse a ser hum anel brilhante na cadeia das Nações! A Navegação para o Brazil novamente principiou, sem que fossem roubados os necessarios braços á Agricultura, ás antigas Fábricas, e ás por elle creadas. O commercio com o Norte se avantajou de sorte, que esta Praça offerecia huma perspectiva encantadora. Se a emulação se deixou ver, se apparecerão rivaes que invejarão seus progressos (1), ella al fim triumphou. Em 1770 entráram no seu porto (2) muitos transportes Inglezes, Holandezes, Portuguezes, e alguns mesmo d'esta Villa com bacalhao, arroz, trigo, manteiga, sal, fazenda secca, ferro, camelões, etc.; sahindo desd'aquelle, até mais proximo tempo, para a Bahia e Rio de Janeiro 33 vasos de grande lote, além de maior número para os portos do Norte (3). Assim continuou até á invasão dos Francezes commandados por Junot em 1807. Epoca de tristeza e horror! o Commercio padecio bastante, chegou a escurecer-se, mas seu eclipse não foi permanente. Toque-se o seu estado actual no meio da guerra e suas consequências; apontem-se igualmente alguns meios do o melhorar.

§. 6. Para se fazer, senão hum juizo certo, aproximado ao menos de qualquer Commercio, não he desarresado o cálculo das importações e exportações; uze-se pois d'este cálculo, d'esta medida, individuando o Commercio d'esta Praça (4). As importações são o canal principal, por onde as riquezas estrangeiras "ou naturaes, ou de industria,, entrão n'este porto: as exportações, o meio de dar sahida ao superfluo do Paiz que communica com o porto, ou por troca, ou por dinheiro: vejamos se aquellas excedem a estas, empregando a possivel individuação. Da Terra Nova entrão annualmente n'este porto de 3000 a 4000 quintaes de bacalhao; arroz e açucar, páos campeche e vermelho, cacáo, café e especies, agoardente, algodão, couros em cabelo do nosso Brazil; ferro da Suecia; linho da Russia; chá da India; fazenda secca, manteiga, ferragens da Inglaterra; trigo e azeite da Grecia; gado vaccum da Galiza (5), generos, huns indispensaveis tanto ao pobre como ao rico, outros só percisos a certa classe de Cidadãos, por isso que são de luxo, e não da primeira necessidade;

(1) Quando tratar da Barra, desenvolverei esta idéa.

(2) Como consta do Livro respectivo da Alfandega desta Villa, que consultei.

(3) Mais abaixo se virá no conhecimento das suas cargas.

(4) Do resultado se póde concluir a riqueza, ou a pobreza do Paiz, que communica com o porto respectivo.

(5) Por causa da Guerra vem em vasos Inglezes as produções todas do Norte.



eis as importações ordinarias, que fazem sem dúvida huma grande somma. As exportações porém não fazem muito pequeno vulto; em duas Galéras, que seguem caminho do Rio de Janeiro, huma de lote de 500 pipas, outra de 400 ditas; em hum Brigue e hunta Escuna, que seguem o da Bahia (1); em muitos Hiates, Escunas, Lanchas, e barcos grandes, que andão na carreira do Norte, frequentão a maior parte dos portos da Hespanha, e todos os do nosso Reino; o commercio d'esta Villa exporta consideravel quantidade de vinhos da Ribeira Lima, Milho (2), Madeiras de construcção, pano de linho, ferragens, e chapéus de Guimarães e Braga; vinagre, centeio, feijão, laranja, limão, cebola, alhos, presuntos de Melgaço, salmões, rendas de linha, e outros generos; para Lisboa, Setubal, Peniche, Algarve, e mais portos do Reino; para Cadiz, Gibraltar, Corunha, e portos desembaracados do inimigo (3) em a Hespanha; e até para as Ilhas, e Brazil. (4).

§. 7. Ora destas exportações, que actualmente se fazem, se colhe o quanto he florescente o commercio d'esta Praça na Regencia do nosso amado Principe; se não tem chegado ao lustre primitivo, attribua se á Guerra presente, que dura ha tantos annos; ella tem impedido que venhão immediatamente, como vinhão, de Stockolmo e outros portos da Suécia de 6 a 8 navios carregados de ferro e aço, por conta dos Negociantes d'esta Villa, levando em retórno outras mercadorias; de S. Petersbourg e Riga cargas de linhos cânamos e de fiar, cabos, amarras, lonas, breus, etc. (5), levando vinhos, fruta, amendoa, cortiça, para seu Imperio, Hamburgo, Hollanda, etc. (6). A Guerra expõe a serem preza do inimigo os vasos das importações e exportações; a pesar da vigilancia dos cruzeiros, os corsarios tem feito e fazem bastantes prezas. A guerra, fazendo segurar as embarcações ás vezes por muito mais que o ordinario, faz chegar ao maior excesso o prego das fazendas, que por isso tem menos venda; ou diminue o numero das importações e exportações, para evitar qualquer

(1) Está quasi preparada outra escuna para seguir o mesmo rumo.

(2) Tem havido annos de se exportarem de 20 a 40 pipas de vinho, e de 1500 a 2000 alqueires de Milho.

(3) No momento em que isto escrevemos não estão livres de Francezes alguns portos d'Hespanha.

(4) Individuei mais o destino das exportações.

(5) Como vinhão no Reinado mesmo da Senhora D. Maria I.

(6) Antes da Russia nos fechar os portos, entretinha com ella o commercio d'esta Praça huma communicacão seguida, havendo anno de irem e voltarem cinco e seis navios; he natural succeda o mesmo agora que estamos em amizade.



dos perigos. A guerra tira aos empregados no commercio a residência precisa; o dinheiro debaixo de varios, mas justos pretextos; a liberdade em fim, porque occupa seus braços na defesa da Patria (1).

§. 8. Terminado porém este flagello da humanidade, dique que impede o salto e progressos das Sciencias; que tolhe a Agricultura; que embarça que circule livremente o commercio; fazendo decrester o existente com sensibilidade; evitadas as emigrações nocivas sempre, e com preferencia em gente d'este trato; promovida a industria, privilegiando-se e premiando-se os fabricantes (2); exercitada a pesca com mais actividade; ramo de commercio, que desempenhado com perfeição pelos Professores d'esta arte pôde interessallos, e juntamente aos compradores, minorando a nossa dependencia n'hum artigo quasi da primeira necessidade; o commercio d'esta Villa pôde não só reproduzir os seus primeiros dias de felicidade, mas ainda fazer affixar huma época separada, singular, distincta (3). Tenho dado huma idéa do estado do commercio d'esta Praça; tenho indicado alguns meios de se tornar mais florescente o actual; he preciso tratar da Barra do Rio Lima, e do que tiver relação com este objecto no

(1) Os Negociantes Nobres (segundo o que diz Cícero de Offic. lib. 1. Mercatura, si parva est, sordida putanda; si magna et copiosa, multa undique apportans, non est vituperanda), a quem as nossas Ordenaç. liv. 1. tit. 90. §. 2. distinguem Negociantes matriculados, servem huns d'Officiaes nas Ordenações, servem outros nas Milicias; e demais he capaz o seu patriotismo, ou em si proprios, ou na pessoa de seus filhos e caixeiros.

(2) Aqui ha duas Fabricas de sóla de atados, estabelecidas huma em 1770, outra em 1782, privilegiadas de pagar direitos pelo privilegio geral concedido ás Fabricas do Reino pelo Senhor D. José I.: ha mais huma Fabrica de touça fina na margem esquerda do Lima, ao pé do rio, e defronte da Villa, creada em 1774, que tem sahida para varias partes do Reino, e para a Gália, e Brazil.

(3) Para conseguir este fim he necessario tambem que cesse a rivalidade muito ordinaria nos alumnos d'esta corporação; que se dem huns aos outros mutuamente as mãos para interesses reciprocos; que se evite com escrupulo tudo quanto pôde tornallos suspeitos aos olhos do publico; so assim os julgara bem a opinião.



## CAPITULO III.

1.º a 2.º Successo algum. **CAPITULO II.** Fôrta d'ella vassal de  
grande fôrta: o marinho porém se pratica na barra do Rio Pongo  
em 2.º João da fôrta com os navios: e na barra do Rio  
Lagoa por este ser baixo, communmente se chama de barra-manheira

01(1) Serve de Lazareto, onde costuma fazer-se a quarentena.

(2) Eu escrevo em julho de 1813.

08 (3) Não pude apurar a época d'êste phenomeno; e se em o  
produzir obrou só a natureza, ou ésta com alguma operação de  
Hydraulica.

—(4)—Chamo fôz ao espago médio entre hum Fortim em que está o Registo da Barra communicavel com a Villa por hum cães e a ponta do Cabedelo, de margem a margem 80 braças, pouco profunda actualmente na baixa-mar, excepto no ancoradouro da esquerda do rio.

50 (3) He por mal informado, que o Doutor Constantino Botelho de Lacerda Lobo diz na sua preciosa Memoria sobre as Pescarias de Portugal, = Jorn. de Coimb. Num. X. pag. 250. = "a Barra de Viana esta tão entupida, que só fóra d'ella se podem carregar as catavellas e hiates,, pois o contrario tem sido e he presentemente observado. Podendo recorrer ao intruzo Góvêrno de Bihpps Iste II. em Portugal, em cujo tempo podia contradizer a sobredita asserção pôr Documentos que tenho á vista, limito-me ao anno de 1770, em que n'este porto entrãrão carregadas, se-



§. 2. Succede algumas vezes o aligeirar fóra d'ella vasos de grande lote; o mesmo porém se pratica na Barra do Rio Douro em S. João da Fóz com os maiores navios; e na Barra do Rio Lima, por este ser baixo, commummente se obra d'esta maneira por huma cautella prudencial. Com a mesma se devem evitar os obstaculos que a Barra offerece na sua entrada e progressos, que são os seguintes: logo ao entrar da parte do mar huma lágea ao S.; e hum penedo ao NE. da dita lágea chamado "ladrão"; logo huma pedra que chamão "Potão dos pólvos"; depois outra N. e S. com o Bugio (1); e ultimamente outra lágea, a cujo N. e S. se póde passar.

§. 3. A 2.<sup>a</sup> Barra com o nome de Portas Castellão, tem hum só caminho; sua profundidade he igual á da 1.<sup>a</sup>, sendo identicas as suas alterações e differenças; sua largura he sufficiente para entrar huma embarcação maior que hiate ou caravella; he de pedra; tem alguns penedos, mas que não illudem hum habil Piloto. A 3.<sup>a</sup> Barra, que se chama Portas, tem hum só caminho; he inferior á 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> em profundidade e largura, tanto que por ella só póde entrar huma embarcação a que bastem 18 palmos d'ágoa, que apenas tem nas marés vivas; he tambem de pedra e a menos uzada.

§. 4. Vencidos os impedimentos que apontei, as causas que difficultão ou estorvão a entrada das embarcações n'este pórto são 1.<sup>a</sup> não terem na occasião do refluxo hum vento favoravel, e as Barras a necessaria profundidade; 2.<sup>a</sup> quando havendo tempestades o mar he grande nas Barras, e nestas se encontrão as ágoas do Rio em grandes cheias, com a maré a descer; 3.<sup>a</sup> os ventos NE. e L. sendo fortes; mas neste caso e nos superiores, a não ser o vento fortissimo, podem entrar a reboque a ser perciso. As névoas inda que espessas não prejudicão, porque as Barras são

gundo os assentos da Alfandega 13 Bergantins, 4 escunas, 1 galera, e 1 corveta: e desd'o anno de 1774 até 1813 tem sahido carregadas d'este pórto para a Bahia e Rio (não fallo aqui em muitas embarcações de grandes lótes entradas e saídas, mas Estrangeiras) 1 corveta de 320 pipas, 12 de 300, 1 de 400, 1 galera de 600, 9 de 500, 7 de 400, 1 de 350, 1 bergantim de 300, e 1 escuna de 300; estes mesmos vasos tem igualmente entrado por varias vezes carregados, e sem preceder ha tempo immemoravel obra alguma de Hydraulica; a que se mandou emprehender por Carta Régia de 19 de Fevereiro de 1805 debaixo da inspecção do Commendador Abbade de Lobrigos, como foi interrompida quasi no seu principio, não produziu o effeito dezejado, como ainda mostrarei, fallando do Rio Lima.

(1) Marco piramidal, que na fóz termina as Barras.



curtas, e por isso visíveis. As sahidas são embarcadas principalmente pelos ventos S., SO. e O., sendo fortes (1).

§. 5. São dignas de attenção as excellencias d'estas Barras sobre muitas outras, tanto dentro como fóra da Provincia. Eu não pertendo comparallas a todos os respeito com as Barras do Sadão, Têjo, Vouga presentemente, e Douro; mas defendo a sua superioridade ás Barras do Mondego, Ave, Cávado, e Minho, pelas seguintes razões; 1.<sup>a</sup> a brevidade das Barras que não apresentam obstaculo, que se não vença sem custo, e recompensão, bém a falta de fundos, comparadas com as primeiras, excedendo muito as segundas que nem são tão curtas, nem tão profundas; 2.<sup>a</sup> vindo qualquer embarcação demandar as Barras, e não podendo reger véla pelo demasiado mar que o vento ONO. levanta, sendo-lhe impossivel n'estas circumstancias entrar sem perigo na fóz do Rio, póde tomar a Ria de Vigo; particularidade ésta em que as Barras de Viana excedem a do Pôrto mesmo, porque ali, *cæteris paribus*, será certo o naufragio; 3.<sup>a</sup> excedem tambem outras Barras, e a mesma do Pôrto, porque ainda n'esta com quaesquer ágoas do monte huma lancha de pescaria não poderá entrar; e tem havido occasiões de durarem as ágoas 40 a 50 dias; quando nas Barras de Viana nunca se conhecêrão por maior espaço que o de 3 ou 4 dias, sendo sua corrente neste tempo assaz moderada: eis porque muitas embarcações de lote de 300 pipas para baixo, não tendo podido entrar na Barra do Rio Douro, onde se destinavão, tem entrado em Viana, e achado abrigo dos temporaes (2).

§. 6. A' vista d'estas e das antecedentes vantagens, que desde antigos tempos goza ésta Praça, não sei porque em 1752 estava ainda prohibida a navegação para os portos do Brazil, com o falso fundamento de que para entrarem as mesmas caravellas era preciso aliviallas; isto então como agora parecia hum sopho... desatinada emulação! productora de effeitos eversivos do commercio, ella existio, ella foi vista! Ha factos que o decidem, pois

(1) A 1.<sup>a</sup> das 3 Barras, que he a principal, era muito possivel melhorar-se, desmoronando huma grande corôa d'areia (outro impedimento reservado para ésta nota) que estendendo-se do Cabedelo para o mar, a faz estreitar a ponto de não poderem subir por ella duas embarcações a par sendo grandes; para ésta obra, que depende da do encanamento, existem dinheiros, e quotidianamente se vão apurando do imposto que a Praça do commercio d'esta Villa se impoz, e estabeleceo sobre certos generos, não desembolçando o Estado a menor parceilla pecuniaria.

(2) He hum facto de que tenho feito bastantes participações aos Senhores Redactores do Jornal de Coimbra, nas minhas relações mensaes.



esta prohibição não era de muitos annos; tendo ouvido dizer ao Negociantes quasi todos, e entre elles a hum da probidade e co-nhecidas lizes de commercio (1), que conheço ainda filios e filhas de Capitães que tinham navegado para o Brazil; e sem que as Barras melhorassem; já se dice que em 1770 entrão grandes embarcações neste porto; e desde 1774 se abriu sem recurso su-pêrior esta navegação, que tem continuado como já mostrei. Ora quando navios de tão superior podêrão entrar e sair carregados como não poderião entrar e sair caravellas vasos burgueses e pro-prios mais que tudo para as Costas? Desatada emulação ainda hum vez! e que ella tem quando sustentat este paradoxo para diminuir o commercio d'esta Praça em varias épocas; se prova até por Documentos (2). Resta fallar no Rio Lima e nas Marinhãs

(1) João Rodrigues Lima. (2) Entre elles basta referir hum; extrahido do Real gran-de alho 123 na maneira seguinte. "D. Manoel por Graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem Mar em Africa, Príncipe de Castella, de Lyão, de Aragão, de Gesilia, e de Granada, etc. Senhor de Guyné, a quantos esta nossa carta virem fazeis saber, que nas Cortes que hora fazeis em esta nossa Cidade de Lisboa nos fardes appresentados pelo Procurador da Villa de Viana de Linha certos apontamentos, entre os quaes vossa hum, em que deizão, que elles recebão de pouco tempo para qua grande aggravo, e oppressão em serem constangidos em hirem carreguar seus panos, que carreguão pera as nossas lhas á nossa Cidade do Porto; no que recebão muyta perda, por hirem embarcar tão longe, o que nunca fora de costume; mas que an-tes d'antigamente sempre carreguão os dittos panos no Rio da ditta Villa de Viana, onde está nossa Alfandega, e nosso Sello assi, e tam perfeitamente como na ditta Cidade do Porto; oppe-dindo-nos por merce que os tirassemos de tal oppressão, e lhe concedessemos que carreguassem no ditto rio, onde sempre foi uzança, da qual coiza a nós praz por algumas justas causas, que nós a isto moverão, E porem mandamos a João Roiz de Sá Fi-dalgão de nossa Casa, e nosso Veador da Fazenda em a ditta nossa Cidade do Porto, que daqui em diante leixe aos moradores da ditta Villa de Viana de Linha carreguar os dittos panos no dit-to rio, pagando hy nossos direitos como são obrigados, e o que assy compreeza sem nenhuma duvida, sem embargo que a ello po-nha. Dada em pa ditta Cidade de Lisboa aos 14 de Fevereiro de 1498."

Nota. Não faça duvida ter eu dito que, no Reino do Se-nhor D. Manoel e ainda do Senhor D. João III, o commercio dos vinhos consistia na Pedra e no Faleiro, e não trato, como o principal, não excluindo outro menor.



as elle adjacentes; e por occasião d'estas, tratarei das Marinhãs dos Rios Coura e Minho, apresentando, de todas, hum Mappa, que se destina a fazellas conhecer.

## CAPITULO IV

**Rio Lima**

§. 1.º O monumento mais antigo, que encontrei; do estado do Rio Lima data do anno de 1436, tempo em que reinava o Senhor D. Affonso V. n'uma Carta, passada pelo dito Rei nas Cortes celebradas em Lisboa, se lê hum Capitulo apresentado por João Roiz Procurador da Villa de Viana, Ponte de Lima, e Villa de Conde, em que elle requerendo que se não embarguem os barcos de pescar para o Serviço do Rei, v.g. levar pão a Ceuta, etc., nos informa do estado do Rio nesse tempo e no anterior (1); podendo d'elle concluir que o Rio antes daquella época era mais profundo na foz, e dava sahida a embarcações maiores que caravelas (2); e que n'aquelles dias o Rio só permitia sahida a navos deste lote. Em 1619, apezar dos elógios que o insigne Fr. Luiz de Sousa da Ordem dos Prêgadores prodigaliza a esta Villa e seu Commercio, ainda representa o Rio pouco profundo (3).

(1) Senhores moradores da vossa Villa de Viana e de Ponte de Lima, e de Villa do Conde, fazemos saber a Vossa Senhoria, que a vivenda, porque se mais mantém, e governão este lugares, e comarcas dellas assi he por obra de pescaria, da qual a V. Senhoria recebe gran proveito nas vossas dizimas de eizas, e a maior parte dos redditos pescados se carreguão para levante, e por os rios destes lugares serem pequenos, e ahi não poderem navegar naqs grandes, como em outro tempo solia fazer, hora pouco tempo ha que compensarão de fazer caravellas grandes para levarem os dittos pescados, e mercadorias da ditta marca por duas razões, i.<sup>a</sup> por demandarem pouca agoa, a 2.<sup>a</sup> por serem ligeiras, e escaparem dos Cosairos, e quando estão no tempo da carregação, e para levarem as dittas mercadorias, são embarguados por vossos Officiaes, humas para coiros, e outras coizas, e outras para levar pão a Septa etc. Foi grande f. 10; 1522. O. (1)



Mas em 1752, 1770, e desde aqui até ao encanamento sempre hêndido pela Carta Régia de 1805, o Rio conservava mais fundos. Bem poderá ser que fosse em virtude d'alguma obra feita em seu beneficio antes de 1752 até 1774 (1), porque a de 1805 (como foi principiada na esquerda do Rio, no cães chamado o Cabedelo, em mais distancia do álveo, e não se concluiu pela invasão dos Francezes em 1807) tanto não fez bem ao Rio, que lhe tirou alguns fundos que antes tinha (2).

§. 2.º Assim mesmo perto do Pelourinho, da parte da Villa, existe presentemente hum ancoradouro para embarcações descarregadas até o lote de 300 pipas do O. V da mesma parte, ha hum praia fechada d'hum lado por hum lingoeira que entra pelo rio, e d'outro por outra, formando ambas hum imperfeito dique, naonde as embarcações até o lote de 150 pipas encahão carregadas de sal e d'outros generos e peçados, sem que recebam prejuizo algum, tanto no tascó como na carga, por ser hum fundo molle; abrigoando-as hum das lingoeiras da corrente das águas na vazante; e outra da mesma corrente na enchente; e das vagas do mar que os ventos O. e OSO. levantão e impellem pela boca do rio: ao O. alfin, e tambem da parte da Villa, junto a hum cães denominado do Castello, as embarcações de tanto lote e pontal, quanto admittão as Barras, principalmente a grande na sua entrada, podem ficar fundeadas, sem jámais tocar no fundo: mas neste sitio só estarão seguras com boa amarração e no tempo do Verão; porque este ancoradouro fica muito exposto aos ventos do mar; que ali fazem grande impressão por não ter abrigo algum (3).

§. 3.º O principal ancoradouro porém em comprimento e profundidade, onde dão fundo as maiores embarcações que entrão

(1) Várias vezes se tem bulido com o cães da parte da Villa e do Cabedelo; como porém para endireitar o rio, se alargava, desaparecião os fundos certos, apparecendo aqui e ali fundos fortuitos, por não serem as obras muito bem imaginadas.

(2) Esta obra se fosse acabada podia melhorar o rio, e utilizar a Barra d'arêia; visto que as duas de pedra não estão sujeitas tanto á arciação.

(3) O Castello, de que aqui se falla, fundado pelo Senhor D. Affonso III. reedificado pelo Senhor D. Manoel, reformado pelo Visconde de Villa Nova de Cerveira D. Diogo de Lima, e aperfeiçoado em 1654. pelo Senhor D. João IV. he de boa architectura; costuma estar munido de artilharia de muitos e grossos calibres; tem armazens, Officinas, casa de Governo, casa d'armas, e outras mais; tem relógio, Capela; tem hum largo fosso em torno; e hum grande e dilatada explanada; pôde dizer-se hum dos melhores do Reino.



n'este pórto, fica á esquerda do rio, onde chamão o Cabedelo; sua extensão, apezar d'imperfeito (1), he de mais de 50 braças; sua profundidade he na baixa-mar de 18 palmos, crescendo na preamar na razão das marés; sua largura permite tres embarcações parallelas, hum a vez que sejão de diversas toneladas, e ficando as maiores mais proximas ao ancoradouro; sua segurança he grande, porque está a coberto de todos os ventos á excepção do NE. que lhe dá pela prôa; a correnteza das agoas o não faz perigoso (2); sua direcção he de SE. a NO.; e sua posição, em quanto á descarga, exige irem os barcos da parte da Villa, a que elle está opposto, carregar a fazenda (3), e conduzilla de S. a N. Ha outros ancoradouros da parte direita do rio, pois que em todo o comprimento da Villa se vê, e admira hum cães bem feito e seguro, onde se ancorão embarcações de menor volume e pézo, descarregando-se mesmo, ou carregando-se perto de muitos armazens.

#### Marinhas.

§. 4. Antes de tratar das Marinhas sitas nas margens do Rio Lima, julgo a proposito explicar a correnteza das agoas (4); ella he no refluxo de 4 milhas, e no fluxo de 3 apenas, isto nas marés vivas. Sua direcção he ésta: no refluxo até meia maré, correm as agoas quasi de L. a O.; e de meia maré por diante até á baixa mar, correm de NE. a SO.; he causa d'esta differença descobrir hum cães incompleto, e arruinado pelo tempo que vem pegar com o Bugio desde a terra firme, o qual servindo de dique ás agoas, lhes faz tomar a segunda direcção para a 1.<sup>a</sup> Barra com maior impeto, que para a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>. Isto posto, a Táboa seguinte mostrará as Marinhas da Provincia (5): e no fim as observações porão em claro dia seu estado actual, e possivel melhoramento.

(1) Não cessarei de repetir, que ésta obra deve ser acabada, para evitar os perjuizos, que resultão da sua arcação diária e successiva.

(2) Se tem havido desastres, attribuião-se ou a descuidos, ou á falsa confiança nas poucas e fracas amarras, que he necessario dobrar nos grandes temporaes, e cheias extraordinárias.

(3) Ou levalla de N. a S.

(4) Nas marés ordinárias sobem hum légoa; e nas maiores quasi duas.

(5) No Jornal de Coimbra N. IX. pag. 167. faltão as marinhas d'esta Provincia em hum Mappa, que se remetteo aos Senhores Redactores; ésta supri eu, depois da sua approvação.



TABOA SOBRE AS MARINHAS DE VIANA E CAMINHA  
OBSERVADAS NO ANNO DE 1813.

		Lugares das Marinhas.	N.º das Mari- nhas.	Culti- vadas.	Incul- tas.	moios de sal, q. re- gularm. produz em cada an. anno.	Obreiros, q. se occupão por dia, nos mezes em q. se trabalha nas Marinhas.
Margens do Rio Lima.	Direita.	Papanata.	1.	1.	...	107.	3.
		Portozello.	2.	2.	...	52.	4.
		S.ª Mart.	1.	1.	...	34.	3.
	Esq.	Darque.	1.	...	1.	...	...
Rio Mi- nho.		Coura.	1.	1.	...	25.	6.
Rio Cou- ra.		Corgo.	2.	1.	1.	20.	5.
Total ---			8.	6.	2.	238.	21.

OBSERVAÇÕES SOBRE ESTA TABOA.

**Papanata.** — Esta Marinha, que pertence ao Commendador Abbade de Lobrigos, está bem cultivada; pôde esperar-se do seu zelo e industria a perfeição, de que ella he ainda susceptivel.

**Portozello.** — A primeira d'estas Marinhas, commum ás Religiosas Benedictinas do Mosteiro de Santa Anna (1) d'esta Villa, e aos filhos de D. João Corrêa, está muito arruinada, do que resulta ser tão ordinaria a sua producção: a segunda só per-

(1) A parte que pertencia ao Mosteiro de Santa Anna, passou a 2.º possuidor, Francisco Antonio d'Araújo, o qual a tem pôsto na melhor cultura; pôde vir a ser a melhor d'esta Ribeira.



tence a Casa de D. João Correia, poderia produzir tanto como a de Papanata, se com ella se tivesse igual curiosidade.

*Freguezia de Santa Martha.* — Tres são os possuidores d'esta Marinha a saber, o Doutor José Lourenço da Freguezia de Perre, João Soares da Freguezia de Santa Martha, os quaes tem huma terça parte; e Luiz Xavier Escrivão da Correição de Viana, que tem duas terças partes: seu producto porém he muito pouco pela sua negligencia.

*Darque.* — Esta Marinha, pertencente a João de Sá Barrêto, esteve por muito tempo em total ruina: o anno passado principiou a reedificar-se, por isso não posso calcular o seu producto.

*Coura.* — Esta Marinha no Lugar de Coura, e margem esquerda do Rio Minho junto a Caminha tem, segundo fui informado, 134 talhos; e no seu serviço se empregão des d'Abril até ao fim de Setembro 6 homens; parece-me deveria produzir maior somma de meios; arescendo para o meu reparo ter ella entre todas as da Provincia huma decidida celebridade; pertence a Casa de Barbeita, e a D. Antonio d'Amorim da Cidade do Porto.

*Corgo.* — Na margem esquerda do Rio Goura, e na sua embocadura em o Rio Minho, existem estas duas Marinhas: huma he inculca, e pertence ao Doutor Francisco Xavier da Silva Coelho; a outra a José Roiz d'Oliveira, e a Fernando Leite Pita, que he a que produz a quantia referida.

N. B. Se houvesse universalmente zelo, excusar-se-hião neste Paiz tantas importações de sal, podendo este género até exportar-se depois do interior consumo.

Note-se mais.

Em a Nota (3) do §. 3. do cap. 1. deve advertir-se, que o erro do mez se acha já emendado, pois lê XVIII. Junii; o erro porém da era ainda persiste, e he o mais notavel, porque de peiores consequências.

Nota ao §. 7. do cap. 2. De Stockolmo acabão de chegar em Julho de 1813. tres bergantins de ferro com duas viagens, a 1.<sup>a</sup> a Londres, a 2.<sup>a</sup> a esta Praça.

Viana do Minho 12. de Julho de 1813.



## ART. III.—

MARÇO DE 1813.

MAPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro), e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — A explicação do Mappa irá no fim.

Dias do mez	Hor.	Min	Barómetro.			Thermómetro.			Hygrómetro.			Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	4. <sup>tos</sup> de lin.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.		
1	m. 10		28	2	1	11	3	80	2			SE.	s. n.
	12		28	2	3	11	2	80					s. n. v.
	t. 3	30	28	2	2	12		73					
	5	30	28	2	2	11	1	74					
2	m. 10		28	3		11		85					s. n.
	12		28	3	1	11	2	80					
	t. 3		28	4		11	2	82	2			NO.	
	5		28	3	3	10	3	87					
4	m. 8		28	2	2	11		87				E.	
	t. 5		28	1	3	12	3	79				N.	a. n. v.
	6		28	1	2	12	1	85					
	5		28	1		11	2	85				E.	s. n.
	t. 4		28	1		13	1	73				NE.	s. n. v.
	5		28	1		12	2	69					
6	m. 8		28	2		10	2	84				SE.	s. n.
	t. 12		28	2	2	12		79					
	t. 3		28	2	1	12	3	75				S.	
7	m. 10	30	28	2		11	2	82					
	t. 4		28	1		13		74					s. n. v.
8	m. 8		28	1		11	2	85				NE.	s. n.
	11		28	1	2	12	2	80					
	t. 4	15	28		3	13	3	75				N.	s. n. v.
	m. 8		28		2	12		85				SE.	s. n.
	12		28		1	13		75					
	t. 5		28			12	3	82					a. n.
10	m. 8		27	11	2	11	2	85				NNO.	c.
	t. 3		27	10	3	12		80				NO.	m. n. v.
	6	15	27	10	2	10	1	87	2				a. n. v.
11	m. 8		27	9		10	3	84	2			NNO.	p. n.
	t. 2		27	8	2	12	1	80	2			NO.	m. n. v.



Dias do mez.	Hor.	Min	Barômetro			Thermo- metro.		Hygrô- metro		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	4. <sup>to</sup> de lin.	gr.	4. <sup>to</sup> de gr	gr.	4. <sup>to</sup> de gr.		
12	6		27	8	2	11	2	85		NO.	s. n. v.
	m. 10		27	9		11		78		N.	a. n.
	t. 2		27	8	2	10	3	65	2	NE.	a. n. v.
13	6		27	8	3	9	1	63	2		
	m. 8		27	11	2	8	3	77	2		s. n. v.
	t. 3		27	11	3	9	3	69	2	N.	a. n. v.
14	6		27	11	3	8	2	72	2		s. n. v.
	m. 10	30	28		2	9	2	78	2	ENE.	a. n. v.
	12		28	1	2	10		74	2		s. n. v.
15	t. 2	30	28	1		9	3	72		N.	s. n.
	m. 8		28		2	9	1	80		ENE.	a. n.
	t. 4		27	11	3	11		73			s. n. v.
16	m. 8		27	11		9	1	82		ESE.	s. n.
	t. 3		27	9	3	11	3	83			a. n. v.
	6		27	9	2	10	1	85		NO.	a. n.
17	m. 8		27	9	2	10		83	2	E.	s. n.
	12		27	9	2	11	2	74	2		
	t. 4		27	9	2	11	3	78		ONO.	
18	m. 8		27	9	1	10	1	83		NO.	a. nev.
	t. 3		27	9		12		80	2		a. n.
	m. 8		27	8	2	10	2	84		OSO.	a. nev.
19	t. 3	15	27	8	2	12	1	80	2	NO.	m. n.
	m. 8		27	9	2	10	3	85	2	O.	a. n.
	t. 1	30	27	9	3	12		81			c.
20	5		27	10	1	11		84	2	NNO.	m. n.
	m. 8	30	27	11	2	10	2	85	2	SE.	s. n.
	11	45	27	11	3	12		80		SO.	a. n.
22	m. 8		27	11	3	11	1	86		SE.	c.
	10	30	28			11	2	90	2		c. v.
	12		28		2	12		81			m. n. v.
23	t. 4		28		2	11	3	80	2		a. n. v.
	5	30	28		3	10	2	83		N.	s. n.
	m. 8		28	1	3	9	2	80	2	NNE.	a. n. v.
24	10	30	28	2		10	2	76		NE.	
	t. 4		28		3	11	2	69	2		p. n. v.
	m. 8		28	1		9	2	77	2		s. n. v.
25	t. 1	15	28	1	1	12		71			
	6		28	1	1	11		78			
	m. 10	20	28	1		11		79			



Dia do mês.	Hor.	Min	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	4. <sup>tos</sup> de lin.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.		
26	t. 4		28		1	12	2	76		NE.	p. n.
	m. 8		28		2	10	2	76		E	s. n. v.
	12		28	1		13		70			
27	t. 4		28		2	13	3	66	2	NNE.	a. n. v.
	m. 8		28		3	11	2	74			p. n. v.
	t. 1		28			12	2	67			
28	4		27	11		12	3	69	2		a. n. v.
	n. 10		27	11	3	12	1	73			s. n. v.
	t. 3		27	11		14		68			a. n.
29	6	30	27	10	3	12	2	70			p. n.
	m. 8		27	10	3	11	1	73	2	NE.	s. n. v.
	10	30	27	10	3	13		72	2	ENE.	a. n. v.
30	t. 5		27	10		13	2	74		ESE.	p. n.
	6		27	10		13		75			a. n. v.
	m. 8		27	9		12	2	75	2	E.	p. n. v.
31	t. 4		27	8	2	15		68		NE.	a. n.
	m. 7	30	27	8	1	13		76		ESE.	
	12		27	8	2	15	2	69			p. n. v.

*Explicação do Mappa.*

O *Thermómetro* he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

*Anemómetro.* — N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-sueste, etc. — N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

*Estado do Céo.* — a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. — t. = trovoadas. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o substantivo seguinte.



MARÇO, 1813.

*Corollarios, e Notas.*

*Barómetro.* — A maxima subida do Mercurio foi neste mez de 28 pol. 4 lin. no dia 3 ás 3 hor. da tarde. Vento NO. A minima de 27 pol. 8½ lin. no dia 31, ás 7½ da manhã. Vento ESE.

Nos dias 17 e 19 não variou este Instrumento; porque neste dia esteve sempre em 27 pol. 8½ lin., e naquella em 27 pol. 9½ lin.; nos mais dias variou mais ou menos.

*Thermómetro.* — A maxima temperatura da atmosphaera foi de 15½ gr. no dia 31 ao meio dia. A minima de 8½ gr. no dia 13 ás 6 hor. da tarde. Em todos os dias variou este Instrumento, ora mais ora menos.

Fizerão-se observações com o Thermómetro ao Sol em todos os dias, em que elle esteve descoberto. A maxima subida foi de 25½ gr. no dia 31 ás 10½ hor., e a minima de 21 gr. nos dias 19, 27, á mesmas hor.

*Hygrometro.* — A maxima humidade foi de 90½ gr. no dia 22 ás 10½ hor. A minima de 63½ gr. no dia 12 ás 6 hor. da tarde. Em todos os dias variou este Instrumento; mas he muito notavel a do dia 21; por que ás 10½ hor. da manhã chegou a 90½ gr., e ás 4 da tarde voltou para 80½ gr.

Nos dias 3 e 4 houve nevoa cerrada; neste até ás 7, e naquella até ás 8 da manhã. O mesmo meteoro se observou nos dias 18, 19, 20 até ás 8½ hor. da manhã no primeiro destes trez dias, no segundo até ás 9¾, e no terceiro até ás 10¼ da manhã.

*Pluvímetro.* — Choveo nos dias 10, 22, e 29 de manhã. A quantidade de chuva determinada por este instrumento foi de 16½ lin.

*Evaporação á sombra* foi de 13 lin.

*Anemómetro.* — Os ventos Nortes forão aquelles, que mais reinarão neste mez; em alguns dias tambem soprarão os ventos E., S., SE.



Março de 1813.

## MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS

feitas na Villa de Mont'Alegre (as do Thermómetro, e Anemómetro) em todo o mez.

Dia do mez.	Hor.	Min.	Thermómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			gr.	4.º de		
1	m. 10	30	0	2	NE.	s. n. sol.
3	t. 5	25	6	2		s. n. sol. v.
4	n. 17	10	6	2		s. n. v. sol.
	t. 6		7			s. n. v.
5	m. 9	45	6	1		s. n. sol.
6	t. 8	10	8			s. n.
7	n. 10	30	7	2		s. n. sol.
10	t. 3	30	7			c. n. v. graniso.
11	t. 1	5	7			a. n. v.
		7	15	4		
12	m. 9	10	1	3		sol. v. forte.
18	t. 6		7	2		a. n. sol.
		10	5	4		a. n.
19	m. 8	32	4			s. n. sol.
	t. 6	30	7			s. n.
20	m. 11	35	7		NNO.	c. n.
	t. 7		6	2		s. n.
21	m. 9	20	6	2		s. n.
	t. 11		7	2	SO.	c. n.
22	m. 10	55	3		N.	s. n.
24	m. 7	45	3	3		s. n.
25	m. 8	15	5		NE.	s. n.
26	m. 10	30	7			a. n.
27	t. 8	30	3	1		a. n. v. forte.
28	t. 5	45	8			a. n. v. fortissimo.
29	m. 7	25	3	2		s. n. sol.
	t. 10	45	5	2		s. n. v. forte.
30	m. 11		9	2		s. n. v. forte.
31	m. 7	30	6	2		a. n. v.
	t. 11	5	4	2	SO.	s. n. v.



Março de 1813.

Observações Thermométricas, feitas em Rendufe.

Dias	Hor.	gr.	4. tos de gr.	Dias	Hor.	gr.	4. tos de gr.	Dias	Hor.	gr.	4. tos de gr.
1	m.6	9	2	t. 4	14			t. 3	13	3	
	t. 3	14		12	m.7	10	3	22	m.7	12	3
2	m.7	7	2	t. 4	11	3		t. 3	13	3	
	t. 3	13		11	9	2	23	m.6	9	1	
3	m.7	8	1	13	m.7	8		t. 4	12	1	
	t. 4	13	2	t. 4	11		24	m.6	8	2	
4	m.7	10	1	14	m.6	7		t. 2	13		
	t. 5	14	2	t. 3	11	1	25	m.6	8	2	
5	m.6	11	1	15	m.7	9		t. 3	13	3	
	t. 4	15	1	t. 4	13	1	26	m.6	11		
6	m.7	11	1	16	m.6	10	1	t. 4	15		
	t. 5	16		t. 3	14		27	m.6	12		
7	m.6	10		17	m.7	9	3	t. 3	15		
	t. 8	14	2	t. 4	14		28	m.6	12		
8	m.7	10	1	18	m.6	10	1	t. 3	15	3	
	t. 4	16		t. 3	13	3	29	m.7	12	2	
9	m.7	10		19	m.6	9	2	t. 3	16	1	
	t. 4	15	3	t. 2	14	1	30	m.6	13	1	
10	m.7	10	2	20	m.9	11	2	t. 3	17	0	
	t. 4	13		t. 4	13	2	31	m.7	12	1	
11	m.7	11		21	m.6	8	2	t. 2	17		

N. B. O Thermómetro he o de Reaumur.



Março de 1813.

Observações Thermométricas feitas  
em Vianna do Minho.

Por F. M. B. J.

Dias.	Hor.	Min.	grãos.	Dias.	Hor.	Min.	grãos.	Dias.	Hor.	Min.	grãos.
1	12		60	9	2		60½	17	12		57
	10		49		10		53		10		53
2	9		52	10	12		58	18	12		58½
	12		56		10		49		8		55½
3	12		54½	11	12		58	19	12		59
	8		52		10		50		10		52½
4	9		56	12	9		54	20	12		58½
	7		59		10		41		10		53
5	12		59½	13	9		51	21	9		57
	10		56½		10		42		3		55
6				14	9		48	22	9		59
	3		60½		10		49		10		48
7	9		54½	15	9		51	23	9		56
	5		58		7		55		10		54
8	9		58	16	12		57	24	9		54
	7		61¾		10		53		6		58



Dias.	Hor.	Min.	grãos	Dias	Ho.	Mín	grãos	Dias.	Hor.	Min.	grãos
25	9		54 $\frac{3}{4}$	28	10		57	30	9		63 $\frac{3}{4}$
	3		59		5		62		2		67
26	12		59		9		61		12		65
	8		61 $\frac{1}{4}$	29	9		63	31	10		63
27	9		57								
	4		60								

N. B. — O Thermómetro he o de Caprani e Burney. — A linha média horisontal de cada dia separa a manhã da tarde.

#### Corollarios e Notas.

A maxima temperatura da atmosphera foi de 67 gr. no dia 30 ás 2 horas da tarde. A minima de 41 gr. no dia 12 ás 10 hor. da noite.

No dia 22 foi notavel a mudança de temperatura da atmosphera no curto espaço de huma hora; por quanto ás 7 hor. da tarde estava o Thermómetro a 57 gr.; e ás 8 hor. estava a 50 gr. Em todo o mez foi este o unico dia de tão rápida e consideravel mudança.

Em todos os dias do mez variou este instrumento ora mais ora menos; todavia foi notavel a constancia da temperatura atmosphérica no dia 23 desde as 9 hor. da manhã até ás 10 hor. da noite, em que passou de 56 gr. para 54 $\frac{1}{2}$  gr.

A maxima temperatura diaria sempre foi de tarde, e a minima de manhã em todos os 7 dias desde 24 até 30. O contrario succedeo na maior parte dos outros dias de todo o mez.

Os ventos tem sido N. e NE. A 30 houve ar de trovoad.



*Observações meteorológicas de Caetano da Cunha Coutinho,  
Medico do Partido de S. Cruz de Cima Tamega.*

Neste mez (Março) começou de noute a haver vento, e de dia tempo sereno, e Sol picante d'entre nuvens; no dia 3 appareceo ás 8 horas da noute ao Sul huma Aurora Boreal, que durou até ás 10 horas e meia: ficou desde este dia o tempo mais quente, e a atmospherá menos pezada; ou porque o calor dessipasse as humidades do ar, ou porque os ventos nortes, que tem continuado, as evaporassem. Tem havido muito pouca chuva, e pouco intenso frio. A 26 pelas duas horas da tarde principiou hum vento tão forte, como se não tinha visto ha muito tempo; porém a sua duração impetuosa foi de noute, e durou mais forte 24 horas, e continuou trez dias, sempre ao principio da noute. A constituição d'esta estação, e os ventos geraes de noute, quando tudo estava recolhido e livre da sua impressão, tem, a meu vér, contribuido muito para a falta d'epidemias.

Em Elvas desde 15 de Fevereiro a 15 de Março foi a maior subida do Mercurio no Thermómetro (Farinheit) 60 gr., a menor 50. O vento foi naquella Praça entre N. e E. e soprou com extraordinaria vehemencia.

Em Niza desde 20 a 31 de Março, a maior subida do Mercurio no Thermómetro 61½, menor 39½. Naquelle paiz foi muito irregular o tempo desde 10 até 31 do mesmo mez; alternando-se frequentemente o calor com o frio por causa dos ventos N., NE., NO., em que houve muita variação. — Felizmente não grassou a febre catarrhal, ou outras, que tal irregularidade costuma produzir.



**ART. IV.** — *Memoria sobre os pesos, de que se faz uso no nosso Commercio.*

POR

*Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

*Lente de Physica Experimental na Universidade de Coimbra.*

Os pesos, que vejo entre nós, causão grave detrimento ao Commercio, ou pela materia, de que são feitos, ou pela pouca exactidão, que elles tem. Eis-aqui as duas partes, em que divido a minha Memoria.

**PRIMEIRA PARTE.**

*Da má escolha da materia, de que são feitos os pesos.*

§. I. No contracto da compra e venda das differentes mercadorias, que girão no nosso Commercio depois de se ajustar o preço entre o comprador e vendedor, este deve dar aquelle hum mercadoria, que tenha hum massa igual, ou que absolutamente pese tanto como o peso, com o qual se equilibra.

§. II. O peso absoluto, ou massa da mercadoria póde deixar de ser igual á do peso equilibrado com ella, ou porque entre o volume d'este, e d'aquella não ha igualdade (como adiante direi) ou por negligência d'aquelles que fazem, e afferem os pesos.

§. III. Os pesos de ferro, ainda que as balanças ordinarias tenham a percisa exactidão, com tudo pela grande desproporção do seu volume podem causar detrimento no Commercio das mercadorias mui volumosas, e de hum pequena gravidade especifica, como são a seda, o algodão, lã, linho, etc.

§. IV. O peso absoluto das mercadorias não se póde conhecer exactamente; porque he impossivel pesarem-se em hum perfeito vazio: póde-se com tudo determinar o seu comparativo, isto he, fazer que os pesos absolutos do peso e mercadoria sejam senão iguaes, proxivamente iguaes (\*).

(\*) Como o peso dos corpos he proporcional á massa, para haver n'elles peso igual, tambem a sua massa ha de ser igual. Não



§. V. Como pois hum sólido mergulhado em qualquer fluido perde tanto do seu peso, quanto pesa hum igual volume do mesmo fluido; he evidente que para haver huma perfeita igualdade entre a massa da mercadoria, e a do peso, he preciso que tanto este, como aquella fação deslocar hum igual volume d'ar.

§. VI. Se porém acontecer que a deslocação do ar não seja igual, hum dos corpos perderá mais, outro menos, e não haverá igualdade entre a massa da mercadoria, e a do peso, ainda que entre ambas haja hum perfeito equilibrio; esta differença não será muito sensível nas mercadorias de huma maior gravidade especifica, mas não he para desprezar n'aquellas que tem hum volume mui desproporcionado com a do peso.

§. VII. Para dar huma prova mais clara d'esta verdade, basta sómente reflectir que o volume de huma arroba de ferro, sendo de 114 polegadas cubicas (\*), mergulhado no ar desloca hum igual volume deste fluido, e perde tanto quanto elle pesa. Huma arroba de algodão, depois de comprimido quanto convém (†), tem de

póde haver huma perfeita igualdade de massa entre corpos de differente densidade, senão sendo os volumes na razão inversa das densidades. Esta exactidão não tem lugar senão fazendo o equilibrio em hum perfeito vazio, e não no ar livre; porque como perdem mergulhados n'este fluido partes desiguaes do seu peso, o resto não póde ser igual; e se apparece equilibrio não he exactamente de massas iguaes; porque não faz parte d'elle o que perdem mergulhados: e como o corpo de maior volume perde mais que o peso que com elle se equilibra, excederá aquelle a este em massa: esta differença será tanto mais consideravel, quanto maior fór a desproporção do volume dos corpos, que se equilibra: se porém o volume fór igual, e n'elles houver equilibrio póstos em huma balança ordinaria, que seja exacta, tambem as suas massas são iguaes; e he igual o que perdem mergulhados no ar: havendo porém esta igualdade entre a mercadoria, e o peso, não terão detrimento algum tanto as pessoas que comprão, como as que vendem: e supposto esta exactidão seja impossivel no equilibrio de corpos mui volumosos, com tudo cumpre que haja a maior aproximação, que fór possivel.

(\*) Pesa trinta e seis outavas huma polegada cubica de ferro. Com este dado se acha que o volume de huma arroba de ferro he de 114 polegadas cubicas.

(†) Não convem comprimir muito o algodão; porque o roçado das fibras lhe diminue muito a sua resistencia.



volume 20:669½ polegadas cubicas, e perde do seu peso hum quantidade igual áquella, que pesa hum igual volume d'ar (1).

§. VIII. Ainda que hum arroba d'algodão desloca hum volume d'ar de 20:669½ polegadas cubicas, com tudo não perde tanto, quanto pesa esta massa; porque está equilibrado com hum peso de ferro, que desloca 114 polegadas cubicas d'ar, e por isso diminuindo este d'aquelle volume, ficão 20:555½ polegadas cubicas d'ar. Perde pois hum arroba d'algodão tanto quanto pesão 20:555½ polegadas cubicas d'ar (2), as quaes por hum calculo mui favoravel pesão mais que hum arratel; mas supponho que seja sómente este peso, e que o preço medio do algodão he de 480: então terá de perda o vendedor em cada quintal 1920, quantia esta, que não he para desprezar (3).

§. IX. O volume de hum arroba de seda he de 8:480 polegadas cubicas, pouco mais ou menos, e como o de hum de ferro he de 114, diminuindo este d'aquelle ficão 8:366. Perde pois hum arroba de seda mergulhada no ar tanto, quanto he o peso de 8:366 polegadas cubicas d'aquelle fluido, que por hum calculo mui favoravel excede a meio arratel; mas supponho que seja este peso: assim os Criadores do bicho da seda, vendendo o arratel a 3:200, tem de perda em cada quintal 6:400 (4).

(1) Reduzi hum arratel d'algodão a hum fôrma cylindrica, e depois de comprimido quanto convém, e achado o seu volume, determinei qual deveria ser o de hum arroba. Não usei da fórmula  $V = P$ ; porque esta tem principalmente lugar, quando o corpo tem hum figura irregular.

(2) Hum pé cubico d'ar pesa hum onça, tres oitavas, e tres grãos. (Brisson, Compendio de Physica publicado em 1789 tom. 2.º pag. 93). Com este dado se pôde calcular o peso de 20:555½ polegadas cubicas do fluido atmospherico, se não fôr exacta ao menos aproximadamente.

(3) Segundo as informações, que me derão em Lisboa no anno de 1805, o preço infimo do algodão tinha sido de 360 reis, e o maximo de 600, por isso arbitrei o medio de 480. Em Fevereiro do anno de 1805 exportarão os Inglezes do Porto de Lisboa para Londres trinta mil saccas d'algodão: cada hum pesava quatro arrobas; e então foi vendido o arratel a 600 reis. Naquelle tempo havia ser a perda dos nossos Portuguezes cousa de setenta e dous contos de reis pelo uso que então fizeram dos pesos de ferro.

(4) Pelo meu amigo o Senhor Conselheiro José Antonio de Sá, Conservador da Real Companhia para as fições, e torcidos de seda, me foi dada a Relação da seda da colheita do anno de



§. IX. Hum arratell de seda, preta vendia-se em Lisboa (segundo as informações, que me derão em 1805) a 7:000 rs. e das outras cores a 7:200: sendo ella pesada com pesos de ferro, he o detrimento do vendedor em cada quintal de 14:000 e 14:400; e será maior tanto para quem compra, como para quem vende, se os pesos não forem exactos, como he mui frequente entre nós.

§. XI. Póde-se mostrar pelo mesmo principio que o detrimento, que se segue da venda da seda e algodão, quando são pesados com pesos de ferro, ha tambem na lã e outras mercadorias volumosas, sendo maior ou menor conforme for o seu valor, e desproporção, que houver entre o seu volume, e os pesos, que com ellas se equilibraão.

§. XII. D'estas permissas necessariamente se conclue que o uso dos pesos de ferro causa grave damno no Commercio, que se faz de mercadorias mui volumosas; porque não ha huma perfeita igualdade nas massas, que se equilibraão, como convém para se dar a cada hum o que he seu.

§. XIII. Para que haja huma perfeita igualdade nas massas, que se equilibraão he necessario que tanto o peso como a mercadoria lancem fora hum igual volume d'ar; porque então mergulhados neste fluido perdem ambos huma igual parte do seu peso.

§. XIV. Não se pôde conseguir este fim, quando se equilibraão

1804 nas Comarcas abaixo declaradas remettida á Conservatoria pelos Corregedores, e Inspectores respectivos.

Comarcas.	arrat.	Comarcas.	arrat.
Mónçorvo ———	20:155	Trancoso ———	13:404
Bragança ———	20:155	Linhares ———	11:128
Villa-Real ———	2:450	Crato ———	23
Miranda ———	4:428	Vizeu ———	186
Thomar e Abrantes ———	236	Lamego ———	8:512

Quando recebi esta Relação ainda não tinha chegado a conta da Comarca de Lamego; mas esperava-se que dobrasse nesta Comarca a colheita, assim como aconteceu nas outras. He pois a somma total das referidas parcellas de 70:677 arrateis, ou 2:208 arrobadas. Em cada arroba de seda dão os criadores de mais aos compradores meio arratell; logo tiverão de perda na referida somma 3:533:866, a qual sómente procede do que ella perde mergulhada no ar: e será muito maior se os pesos não forem exactos.



mercadorias mui volumosas com pesos de ferro ou latão; logo a estas substancias se devem substituir outras, que se aproximem, o mais que fôr possível, ao volume das mercadorias, e que d'ellas se formem os pesos competentes.

§. XV. Entre as pedras, e substancias metallicas não me lembro de alguma, que possa servir para o referido fim; por serem estes corpos de hum grande peso especifico, e deslocarem hum pequeno volume d'ar relativamente ao que deslocão a seda, e o algodão. Logo para o Commercio destas, e outras quaesquer mercadorias mui volumosas, julgo ser conveniente que os pesos sejam feitos de madeira pouco pesada (1) ou cortiça; não porque estes corpos tenham hum volume perfeitamente igual aos das ditas mercadorias; mas porque se aproximão o mais que he possível.

§. XVI. Os pesos de madeira (2) devem sómente ter lugar no Commercio dos corpos mui volumosos; porque nas mercadorias, em que o seu volume não he tão desproporcionado com o dos pesos metallicos, pôde continuar o uso d'estes: ainda que me persuado, que se deverião preferir os de pedra aos de ferro, que são aquelles, que principalmente estão em voga no nosso Commercio.

§. XVII. Entre os metaes o ferro he o péor, que podia lembrar para d'elle se fazerem os pesos; porque sendo hum dos corpos mais combustiveis, ou dos que tem maior affinidade com o oxygenio, he progressiva a sua alteração procedida da acção, que tem sobre aquelle metal o ar, e agoa, que existe na atmosphaera.

§. XVIII. Apenas se fazem os pesos de ferro passado pouco tempo são logo cobertos de hum oxydo do mesmo metal (3), e

(1) Digo madeira pouco pesada, porque temos muitas, principalmente no Brazil, que tem hum peso especifico maior do que o da agoa.

(2) Os pesos feitos de madeira facilmente podem ser falsificados diminuindo-lhes parte da sua massa; porém eu supponho a boa fé no Commercio mantida por sábias Leis. O mesmo dólo pôde haver nos de ferro. Tem a madeira o inconveniente de ser hum corpo hygrometico attrahindo a humidade da atmosphaera; mas evita-se sendo invernisada. A cortiça porém não absorve tanto a humidade.

(3) Chamão vulgarmente ferrugem ao oxydo de ferro. He verdade que o oxygenio augmenta o peso do ferro; porém o oxydo d'esta substancia, tendo huma pequena coherencia com as particulas metallicas, que ainda não estão oxydadas, separa-se facilmente d'el-



perdem a sua exactidão, que nunca mais tornão a adquirir; antes cada vez he melhor, se este mal não he remediado por alguma Providencia pública.

§. XIX. O ferro pois, ou outra qualquer substancia metallica muito combustivel, não servem para d'ellas se fazerem pesos, que hajão de ter uso no Commercio das mercadorias muito volumosas, e outras quaesquer: logo cumpre escolher metaes, que tenham a menor combustibilidade possível: os pesos que d'ellas se formão tem algumas vantagens: 1.<sup>a</sup> não são alterados pelos agentes da atmosphera: 2.<sup>a</sup> he facil o seu carreto: 3.<sup>a</sup> dos metaes se podem fazer pesos pequenos desde huma onça até hum centesimo de grão.

§. XX. Como se devem preferir as substancias metallicas menos combustiveis, entre estas se devem contar a prata, o ouro, e a platina; porém a raridade, e o grande peso especifico d'estes metaes, os torna inuteis para d'elles se fazerem pesos de hum uso commum no Commercio.

§. XXI. Entre as substancias metallicas mais usuaes, he o latão aquelle corpo que se póde escolher (1) para se formarem pesos do uso ordinario, e com preferencia ao ferro; porque aquelle como mais volumoso desloca huma maior quantidade d'ar; aproxima-se mais ao volume da mercadoria, e he muito menos combustivel que o ferro, e tambem se podem fazer de latão pesos grandes e pequenos até qualquer fracção de hum grão.

§. XXII. São mui attendiveis estas razões pelas quaes se deve preferir ao ferro o latão para d'elle se formarem pesos do uso or-

las, e cahindo a primeira camada do oxydo se forma outra: e d'este modo se vai lentamente diminuindo a massa dos pesos: tem pois o vulgo desculpa em dizer que a ferrugem consome o ferro.

(1) Ha substancias metallicas, que ligadas com outras fazem o misto de hum volume menor, que a somma dos dous volumes; ha porém outras, em que succede o contrario. (Cours de Physique Experimentale et Mathematique par Pierre Van Musschenbroek traduit par Mr. Sigaud de la Fende tom. 1.<sup>o</sup> p. 241) cumpre lançar mão d'estas para fazer os pesos com tanto que a esta qualidade se ajunte a de serem pouco combustiveis. Se apparecer huma substancia metallica, que satisfaça a estas condições melhor que o latão devera ter esta a preferencia, e se for tal, que a mudança de temperatura altere pouco o seu volume haverá ainda nos pesos huma maior exactidão. Os que forem feitos de madeira alem das vantagens já referidas tem mais esta.



dinario no Commercio das mercadorias pouco volumosas; porém permittindo as circumstancias, seria melhor que fossem antes feitos de pedra (1) do que de latão: 1.º conservão sempre a sua exactidão; porque as pedras sendo incombustiveis não soffrem alteração alguma dos agentes da atmosphera: 2.º tendo hum densidade menor que as substancias metallicas he maior o seu volume, e se aproxima ao da maior parte das mercadorias de modico valor: 3.º fazem-se com hum modica despeza.

§. XXIII. Como o volume do peso senão fôr igual ao da mercadoria deve ao menos aproximar-se o mais que fôr possível, segue-se que para pesar o ouro e a prata devem-se antes fazer pesos de chumbo, do que de ferro ou latão; porque o chumbo supposto tenha hum gravidade especifica maior que a prata, e menor que o ouro, com tudo he o corpo, que mais se aproxima na densidade a dos referidos metaes.

§. XXIV. Do que tenho exposto se conclue que no nosso Commercio podem ter uso os pesos de madeira, pedra, latão, e chumbo segundo o permittirem as circumstancias, e a natureza das mercadorias, porém nunca os de ferro pelos inconvenientes, que tenho dito.

§. XXV. As nossas Leis Patrias no Liv. 1.º tit. 18 §. 36 determinão que os Padrões dos pesos sejam de metal; mas nada dizem sobre a natureza d'elle. E como os conhecimentos Physicos e Chymicos estavam naquelle tempo muito atrazados, não se podia fazer escolha das substancias convenientes para a formação dos pesos accommodados ao differente volume das mercadorias.

(1) He verdade que de pedra não se podem fazer pesos pequenos como de hum grão, e d'aqui para baixo: he tambem difficil o carreto d'elles para differentes lugares; porém estes inconvenientes não bastão para absolutamente se rejeitar o uso dos pesos de pedra: he sem dúbida que d'esta substancia não se podem facilmente fazer pesos pequenos; mas commodamente se formão pesos maiores desde hum arratel até hum quintal, que devem ser preferidos aos de latão, quando não tem de ser carretados para differentes lugares.

Na Provincia de Trás os Montes tenho observado muitos pesos feitos de granito; mas sómente servem para usos domesticos de algumas familias pobres: nunca vi que com elles se pesassem as mercadorias, que lá girão no Commercio; porque a isto resistem as Leis geraes e municipaes d'este Reino.



§. XXVI. A fôrma porem que a nossa Ordenação manda dar aos Padrões dos pesos he admiravel (1), e tem algumas vantagens: 1.<sup>a</sup> sendo reduzidos a hum maior volume desloca hum maior quantidade d'ar; e se aproximão a igualdade da massa das mercadorias pouco volumosas, e de modico valor: 2.<sup>a</sup> a peça maior, que he hum caixa com sua coberta, contendo dentro de si outros pesos menores os defende do immediato contacto do ar: elles então oxydão-se menos, e conservão por mais tempo a sua exactidão.

§. XXVII. Quando as circumstancias, e natureza das mercadorias permittirem que se faça uso dos pesos de metal; cumpre que este seja antes de latão, ou de outro qualquer metal, com as qualidades referidas na nota do §. 21, e não de ferro, e que todos elles tenham o maior volume, que for possível, e a fôrma que determina a nossa Ordenação para os Padrões dos ditos pesos.

## SEGUNDA PARTE.

*Da pouca exactidão, que tem os pesos, de que se faz uso no nosso Commercio.*

§. XXVIII. Os pesos ou seão feitos de madeira, pedra, ou substancias metallicas, quando são iguaes, deve haver nellés hum perfeita igualdade de massa. O Artifice, que fizer muitos de arratel, muitos de meio, etc. sempre deve ter em vista este principio, de maneira que o peso de hum quintal pôsto na bacia de hu-

(1) "Em as Cidades, e Villas dos nossos Reinos e Senhorios que forem de quatrocentos visinhos, e d'ahi para cima terão os Padrões de metal seguintes, convém saber: hum quintal que pése cento e vinte oito arrateis de dezaseis onças o arratel, e tem em si dezaseis peças, convém a saber: a maior peça, que he a caixa com a sua coberta do mesmo metal, que pesa meio quintal. Item outra peça de arroba. Item outra peça de meia arroba. Item outra de quarta, que pesa oito arrateis. Item outra peça de outava, que pesa quatro arrateis. Item outra peça, que pesa hum arratel. Item outra peça, que pesa meio arratel, que he hum marco, que são oito onças. Item outra peça, que pesa quartô de arratel, que he meio marco, que são quatro onças. Item outra peça, que pesa duas onças, que he outava de arratel. Item outra, que pesa meia onça. Item outra, que pesa hum outava. Item duas peças de meia outava cada humas."



ma balança deve equilibrar-se exactamente com cento e vinte ou-  
to arrateis de dezaseis onças póstos na bacia opposta.

§. XXIX. Não ha ordinariamente esta exactidão nos pesos de  
que se faz uso no nosso Commercio: he mui difficultoso encontrar  
dous arrateis de ferro ou de latão, que tenham huma perfeita igual-  
dade na sua massa, ainda que tenham a mesma idade, e sejam ex-  
pósto ás mesmas causas da oxygenação. Muitas vezes tambem ac-  
contece que qualquer peso grande não se equilibra exactamente  
com a somma de outros mais pequenos, que devem ter huma  
massa igual a este (1).

§. XXX. Os pesos, que devem ter massa igual, podem ser falsi-  
ficados muitas vezes por negligencia dos Artistas, que os fazem,  
que devendo ter presente huma balança exacta, e decidirem-se  
por hum perfeito equilibrio, contentão-se ordinariamente com o  
pouco mais ou menos, e não se embaraço com pequenas diffe-  
renças.

§. XXXI. Póde tambem concorrer para a falsificação dos pesos  
o descuido dos Aferidores, os quaes ordinariamente não os con-  
ferem com o padrão, equilibrando-os em huma balança exacta;  
mas se contentão sómente em lhes fazer huma marca (2).

§. XXXII. Alem da negligencia dos Artistas, que fazem os pe-  
sos, descuido e ignorancia dos Aferidores, podem tambem ser fal-  
sificados pelo dolo dos compradores e vendedores; porque alguns  
procurão deste modo engrossar o seu patrimonio á custa dos bens  
alheios; porem este mal público sabiamente he acutelado pelas  
Leis Geraes e Municipaes d'estes Reinos (3).

(1) No mez de Junho do anno de 1806 equilibrei em huma  
balança exacta pesos maiores e menores, que tinham sido expós-  
tos ás mesmas causas de oxygenação, e feitos no mesmo tempo,  
e não observei exactidão, tanto nestes, como naquelles.

(2) Os pesos, que servem de Padrões não podem conservar  
sempre a sua exactidão, sendo feitos de ferro, por ser esta huma  
substancia metallica, que exposta ao ar se oxyda facilmente: he ver-  
dade que se póde evitar este inconveniente sendo dourados depois  
de feitos; mas não ficão exactos, porque tem de mais o peso da  
douradura. Cumpré pois que os Padrões metallicos, que servirem  
para as mercadorias pouco volumosas, e de módico valor se fação  
de hum metal pouco combustivel, e com a maior exactidão pos-  
sivel, o que tambem deve ter lugar nos pesos de chumbo para o  
ouro e prata.

(3) As nossas Leis Patrias no Liv. 1.º §§. 18, 31, 33 im-



## Corollarios.

- 1.º As mercadorias devem pesar tanto como os pesos, que com ellas se equilibraõ.
- 2.º Não póde haver exactidão senão quando a mercadoria, e o pêso, são corpos de huma igual gravidade especifica; porque então mergulhados no ar tanto perde hum como o outro.
- 3.º As mercadorias mui volumosas, como a seda e algodão, não devem ser pesadas com pesos de metal muito principalmente quando o Commercio dellas se faz em grande; porque então dá o vendedor da sua fazenda ao comprador, alem do devido pêso, o que ella perde de mais mergulhada no ar.
- 4.º O volume dos pesos, com que se pesão mercadorias meo volumosas, quando não seja igual ao destas, cumpre que ao me-nos se aproxime o mais que fôr possível.
- 5.º Os pesos feitos de cortiça e madeira posta em estado de não attrahir a humidade da atmospherã julgo que podem servir para pesar a seda, o algodão, por terem volumes, que mais se approximão ao daquelles corpos.
- 6.º Até me lembra que para pesar estas mercadorias se podião fazer pesos de lã, ou algodão mettido em saccos de panno de linho grosso, e determinar com exactidão o pêso de huma arroba, e d'ahi para cima: então pouco ou nenhum detrimento teria o Negociante, que vende em grosso esta qualidade de fazendas; porque tanto estas como seus pesos des-loção iguaes volumes d'ar.

põem penas aquelles, aonde se acharem os pesos falsificados. “E se na arroba fôr achado de erro hum arratel pague de pena duzentos e outenta reis: e por erro de meio arratel na arroba pague cento e quarenta reis, e d'ahi para baixo soldo a libra. Se no marco de prata fôr achado erro de meia onça pague naquelle em cujo poder fôr achado quinhentos e sessenta reis. E por erro de quarto d'onça pague duzentos e outenta reis. E por erro de meia outava d'onça pague setenta reis, e d'ahi para baixo a esse respeito. E nos pesos d'ouro se fôr pêso de cruzado, e se fôr nelle achado erro d'hum grão, pague aquelle, em cujo poder fôr achado, cento e quarenta reis, e por erro de dous grãos pague duzentos e setenta reis, e d'ahi para cima a esse respeito. E se fôr pêso de qualquer outra moeda de ouro, e se fôr erro de hum grão, pague setenta reis; e por erro de dous grãos cento e quarenta reis, e d'ahi para cima a esse respeito: e de grão para baixo não deve haver pena nos pesos de ouro.”



- 7.º No Commercio de mercadorias pouco volumosas podem ter lugar os pesos metallicos; mas nunca os de ferro; porque em consequencia de ser este muito combustivel cobrem-se logo de ferrugem e perdem a sua exactidão.
- 8.º Entre os corpos metallicos julgo que se pôde escolher o latão ou outro qualquer metal, que tenha hum volume maior que a somma dos volumes, que entrão na sua mistura, com tanto que seja pouco combustivel, e tambem que o calórico lhe faça pouca alteração.
- 9.º Podem-se fazer de pedra pesos maiores como de arroba, e d'ahi para cima: serão de muita utilidade para pesar em balanças ordinarias grandes massas, a saber: peças d'artilheria, sinos, anchoras de navios, etc.
- 10.º Para pesar o ouro e a prata cumpre fazer uso dos pesos de chumbo; porque se aproxima muito na densidade á daquelles metaes.
- 11.º Conveni evitar a ignorancia dos Artistas, que fazem os pesos, e o descuido dos Aferidores, que os marcão; porque tanto estes como aquelles mesmo obrando de boa fé, os falsificão.
- 12.º Pelas nossas Leis Patrias sabiamente são castigados os que por dolo falsificão os pesos.

**ART. V.**

Jacob Bernardo Haas, Artista e Machinista de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, estabelecido com hum Fábrika de Instrumentos Mathematicos e Meteorologicos na Cordoaria, á Junqueira, tem a honra de remetter aos Srs. Redactores do Jornal de Coimbra, hum Lista dos ditos Instrumentos, que fazendo-se pública em todo o Portugal, faça conhecer ao mesmo tempo, que he desnecessario recorrer aos paizes estrangeiros para haver instrumentos, que por menor preço, sem tanto risco, e até mais proprios e accommodados ao nosso Paiz (com especialidade os Meteorologicos), se podem comprar no Reino; tudo isto sem prejuizo da perfeição, que nestes instrumentos se deve desejar, e na qual este Artista não teme a concorrência dos mais perfeitos, que vem de Inglaterra, accrescentando, que elle se encarrega de qualquer encomenda, que sobre esta materia lhe seja feita, obrigando-se outrosim a executar qualquer additamento ou melhoria, que lhe seja indicada em algum dos instrumentos, que elle fabrica.



*Lista dos Instrumentos.*

*Barómetros*, que fabrica de tres qualidades, a saber, para Sala, para o uso da Marinha, e para medir as diferentes alturas das montanhas não só de humas a respeito de outras mas de cada humas a respeito do nivel do mar. Os Barómetros de cada humas destas especies, desempenhando igualmente o seu fim, varião com tudo de preço em razão do seu maior ou menor ornato e vista: os de Sala de 190000 até 960000, os de Marinha de 38000 para cima: os que mais propriamente servem para medir as alturas acompanhados de dous Thermómetros são, os melhores, a 450000.

*Thermómetros* accommodados a diferentes usos, a saber, para determinar a temperatura da atmospheria, para as diferentes applicações, que delles se podem fazer em Cirurgia, para graduar o calor da agoa para banhos: seus preços são de 20000 até 80000.

*Hygrómetros* grandes e pequenos, com que se determina o grão de humidade da atmospheria de 90000 até 120000.

*Arcómetros* ou *Pésa-liquores*, os quaes alem do uso ordinario que tem de determinar a gravidade especifica dos diversos liquidos, tambem os fabrica de modo que com elles se possa determinar a gravidade especifica dos sólidos; de 90000 até 140000.

*Balanças hydrostaticas* com pêsos exactos, proprias a graduar o equilibrio dos liquidos, construidas segundo os melhores principios, e consideravelmente melhoradas por J. B. Haas de 280000 até 1000000.

Grande variedade de *Quadrantes Solares* ou *Relogios de Sol* novamente inventados e portateis, mostrando as horas aproximadas até minuto, sem necessidade de Agulha ou de Linha Meridiana: outrosim Relogios de Sol horizontaes, verticaes proprios para Jardins ou Quintas, construidos para a Latitude de Lisboa, ou para outro qualquer lugar, de que se conhece a Latitude, ensinando-se o modo de os acertar e fixar em seus lugares; preço de 190000 para cima.

Ditos que servem para o Norte e para o Sul, de 240000 para cima.

*Pluviómetro* de tal modo construido, que mostra não só a quantidade de agoa que choveo, mas a hora e força com que cho-



veo. Este Artista tem em sua casa hum que fizera para S. A. R. em 1803, e que custou 150 moedas. He invenção original.

*Tira-fogo*, também original, tão pouco volumoso, que se accomoda na algibeira do colete. Póde até servir a quem está a cavallo, pregando-o em alguma árvore. Os melhores são a 60000 rs., e d'ahi para baixo até 40800 rs.

*Oculos de Theatro* a 60400 rs.

N'esta mesma Fábrica se constroê toda a qualidade de Máquinas tanto Státicas como Hydraulicas, bem como as que tem uso na Engenharia. D'estas mesmas se fazem modelos em pequeno, e até segundo o desejo de quem as encommendar, e o risco que se apresentar. Sendo preciso, também se fazem os planos ou riscos, segundo a idéa e invenção de quem os propozer, obrigando-se o Artista ao segredo, que convêm em taes materias.

Constroem-se também *Máquinas pneumáticas*, *Máquinas eléctricas*, *Instrumentos Astronómicos*, *Escalas* de toda a especie; tudo com a maior perfeição.

— Advirta-se que os preços acima mencionados são todos em metal. —



ART. V.—

Na *Gazeta de Agricultura e Comércio de Portugal* publica-se hum Listra de todas as Embarcações, que entram e sahem no Pôrto de Lisboa: no *Jornal de Coimbra* haverá d'aqui em diante, provavelmente em todos os Números, semelhantes Relações de todos os outros Pôrto do Reino (nos primeiros mezes alguns faltarão).

D'estas Relações constarão diferentes objectos e pela ordem seguinte. = Dia do mez: qualidade, e nome da Embarcação: Nação a que pertence: Porto d'onde veio: carga que trouxe e para quem: dias de viagem que teve (nas Entradas): Porto para onde vai, carga que leva, e para quem (nas Sahidas).

Seria curiosa, e de algum interesse, a publicação d'este serviço desde o principio do anno corrente, mas occuparia no *Journal* demasiado espaço; começár-se-hia pelas Listas do mez de Maio; visto que he o de Junho o *Número* em que agora se trabalha; e continuar-se-hia regularmente nos mezes seguintes.

No princípio de cada huma das Listas constará o nome do Governador, que a remetteo.

*Espôsende. — Governador, o Coronel José Maria de Araujo Bacelar.*

*Entrarão.*

Maio 1.º Lancha, Bom Jesus e Almas, Portug., Mestre Caetano Gomes, do Porto, em Lastro: 1 dia de viagem.

18. Hiate, Inveja, Port., Mestre Joaquim Bernardo, de Viana, com pedra de cal por conta de Agostinho João. — Hiate, Bom Conceito, Port., Mestre João José Mesquita, de Setubal, com sal por conta de Antonio Caetano: 8 dias de viag.

19. Lancha, Menino Deus, Port., Mestre Manoel Pinto de Sousa, de Galliza, com sardinha por conta do Mestre: 2 dias.

*Sahírão.*

1. Hiate, Bom Conceito, Port., Mestre João José, para Setubal, em Lastro.

5. Lancha, Bom Jesus e Almas, Port., Mestre José Joaquim Mendes, para Galliza, com taboado por conta do Mestre.



12. Lancha, S. Antonio e N. S. da Soledade, Mestre Manoel José Moreira, para Galliza, por conta do Mestre.

24. Hiate, Bom Conceito, Port., Mestre João José Mesquita, para Setubal, com taboado por conta de Antonio Caetano Gonçalves Marques.

*Figueira. — Governador, o Tenente Coronel João Pedro da Maia e Mello Brandão. Entrarão.*

2. Transporte, N.º 187, Inglez, de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez.

4. Transporte, marca F. E., Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — Pataixó, Visconde de Talaveira, Port., de S. Miguel, com 150 moios de milho a Tiburcio Machado: 20 dias de viagem.

7. Escuna, A Voadora, Port., de S. Miguel, com 95 moios de milho a João Malheiros: 7 dias de viag.

11. Hiate, Senhora do Carmo e Almas, Port., de Lisboa, com 40 barricas de farinha, 40 de arroz, e 100 dito, ao Mestre. — Bateira, Senhora da Paz, Port., de Lisboa, com 40 barricas de farinha, 20 barris de manteiga, 60 barricas de arroz, 30 costaes de linho, a Carlos Lima: 3 dias.

12. Hiate, S. Antonio e Almas, Port., de Lisboa, com 47 barricas de farinha, 30 de arroz, 33 de carne, e 20 fardos para o Hospital Militar de Coimbra: 3 dias.

13. Chalupa, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez.

14. Transporte, N.º 274, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — Transporte, N.º 285, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — Transporte, marca C. V., Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez.

17. Escuna, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez.

18. Hiate, Assumpção, Port., do Porto, em Lastro: 1 dia. — Hiate, S. Trocato, Port., do Porto, com carga para a Praça: 1 dia.

19. Lancha, Boa Nova, Port., de Caminha, com 500 alqueires de milho, a Jacintho de Lemos: 2 dias. — Hiate, Senhora das Neves, Port., do Porto, com fazenda da Praça: 1 dia.

20. Hiate, Paquete da Villa, Port., do Porto, em lastro: 1 dia.

22. Rasca, Senhora das Necessidades, Port., do Porto, arri-



bada: 4 dias. — Hiate, Senhora d' Agonia, Port., de Caminha, com 1600 alqueires de milho a Francisco Xavier: 2 dias.

24. Bergantim, Atlante, Port., do Pôrto, em lastro: 2 dias.

25. S. Antonio Vencedor, Port., de Viana, em lastro: 2 dias.

26. Rasca, Conceição e Almas, Port., de Peniche, com sardinha ao Mestre: 3 dias. — Rasca, Senhora do Carmo, Port., de Peniche, com sardinha ao Mestre: 2 dias.

30. Rasca, Senhora da Conceição, Port., da Ericeira, com cavalla ao Mestre: 3 dias.

31. Almas Senhor Jesus de Peniche, Port., de Peniche, com cavalla ao Mestre: 3 dias. — Rasca, Senhora das Necessidades, Port., de Peniche, com sardinha ao Mestre: 3 dias. — Hiate, Luz Divina, Port., de Lisboa, com cevada e farinha ao Commissario Portuguez: 5 dias. — Chalupa, Ingleza, de Liverpool, com louça, cerveja, e carvão, a Roje, e Companhia: 10 dias.

#### Sahirão.

1. Hiate, Senhor Jesus dos Afflictos, Portuguez, para o Pôrto, com 4 barcos de pedra ao Mestre. — Hiate, Estrella Brilhante, Port., para o Pôrto, com pedra de cal ao Mestre. — Transporte, N.º 338, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, K, Ing., em lastro ao Commissario Inglez.

5. Hiate, Inveja, Port., para Espósende, com 4 barcos de pedra ao Mestre. — Bergantim, Santo Antonio e Almas, Hespanhol, para as Asturias, com sal ao Capitão. — Bergantim, Senhora da Caridade, Hesp., para as Asturias, com sal ao Capitão. — Hiate, S. Antonio Vencedor, Port., para Viana, com 40 moios de sal ao Mestre.

10. Hiate, Primavera, Port., para Viana, com sal ao Mestre. — Rasca, Conceição, Port., para o Pôrto, com 1700 alqueires de azeite, e 30 moios de trigo ao Mestre. — Transporte, N.º 258, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, N.º 167, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Bergantim, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Chalupa, Ing., para Lisboa, em lastro. — Transporte, N.º 181, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Escuna, Ing., para Lisboa, em lastro.

17. Hiate, Senhora da Graça, Port., para Lisboa, com 150 duzias de taboado ao Mestre. — Hiate, Senhor Jesus dos Afflictos, Port., para Lisboa, com 30 duzias de barrotes, e 98 duzias de taboas ao Mestre. — Escuna, Thetis, Port., para St. Miguel, com 4 barcos de pedra de cal ao Capitão. — Hiate, Bons Amigos, Port., para o Pôrto, com 4 pipas de aguardente, 47 pedras de mól, e 4 caixas de vidros ao Capitão. — Escuna, Lebre, Port., para Lisboa, com a carga com que entrou arribada. — Bateira, Senhora da Paz,



Port., para S. Martinho, em lastro. — Escuna, Conceição Margarida, Port., para Lisboa, com 286 duzias de madeira ao Mestre. — Hiate, Augusto, Port., para Lisboa, com 40 duzias de taboas, e 20 de barrotés ao Mestre. — Transporte, marca N.º X., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, B. G., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, N.º 327, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, W., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, G. E., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, S., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez.

18. Hiate de S. A. R., Senhora do Resgate, Port., para Lisboa, com madeira para o Estado.

19. Escuna, Senhora da Graça, Port., para Lisboa, com 204 duzias de taboado ao Mestre. — Hiate, Senhora das Neves, Port., para Lisboa, com 160 duzias de taboado ao Mestre. — Chalupa, Ing., para Lisboa, em lastro.

20. Transporte, S. T., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez.

26. Rasca, Senhora das Necessidades, Port., para S. Martinho, com 1600 alqueires de milho ao Mestre. — Transporte, N.º 221, Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, C. O., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez. — Transporte, I. J., Ing., para Lisboa, em lastro ao Commissario Inglez.

27. Hiate, Estrella Brillhante, Port., para New-York, em lastro.

28. Hiate, Senhora das Dores, Port., para Lisboa, com 133 barris de alcatrão, e 78 de breo ao Mestre. — Hiate, S. Antonio e Almas, Port., para o Pôrto, com pedra, e 100 barricas de farinha ao Mestre. — Hiate, Assumpção, Port., para o Pôrto, com 75 moios de sal ao Mestre.

29. Bergantim, Sol Resplandecente, Port., para o Rio de Janeiro, com 185 pipas de vinho, e 6 caixões de paça de uva. — Escuna, Activa, Port., para Lisboa, com 160 duzias de madeira ao Mestre. — Hiate, São Trocato, Port., para o Pôrto, com 75 moios de sal ao Mestre.

*Lagos. — Governador, o Coronel Henrique Pereira da Cunha Almeida Corte Real.*

*Entrarão.*

7. Cahique, Velente Maior, Hespanhol, da Feguerita, com pipas vasiaas, por conta do Mestre, para Aum: 2 dias de viagem.



23. Cahique, Francisco da Silva, Hesp., de Aiamonte, idem, 3 dias. — Cahique, José Agostinho, idem, idem: 4 dias. — Cahique, Agostinho Reberte, idem, idem: 3 dias. — Cahique, Francisco Portilis, idem, idem: 3 dias. — Cahique, Francisco Martin, idem, idem: 30 dias. — Cahique, Antonio Camello, idem, em lastro: 1 dia.

*Sahirão.* —

22. Cahique, Velente Maior, Hesp., de Lagos, carregado de atum salgado, para Catalunha, por conta do Mestre, idem: 30 dias. — Cahique, Jeronimo José, Port., de Lagos, com 300 arrobas de atum salgado, por conta do Mestre, para a Feuerela. — Rasca, João Antunes, Port., de Lagos, com 70 duzias d'ovos, e 1 milheiro de limões, por conta do Mestre, para Cadiz.

*Peniche.* —

*Governador Interino, o Major Garcia Manoel.*

*Durão Padua.* —

*Entrarão.* —

17. Rasca, Senhora da Conceição e Almas, Port., de Aveiro, com 22 moios de sal, do dono: 2 dias (de viagem).

23. Rasca, A Conceição, Port., do Porto, com 40 moios de trigo, do dono: 2½ dias de viag. — Rasca, Senhora das Necessidades, Port., do Porto, com 100 duzias de madeira do dono: 2½ dias.

24. Rasca, S. Antonio e Almas, Port., da Ericeira, com 14 moios de trigo: 2 dias.

27. Rasca, Senhora das Necessidades, Port., da Figueira, com 2500 alqueires de milho: 20 dias.

28. Barco, S. Antonio e Almas, Port., de Lisboa, com farinha para a Feitoria d'esta Praça: 2 dias. — Rasca, Senhora d'Ajuda, Port., do Algarve, com peixe, 3 dias.

31. Barco, N. S. do Rozario, Port., de Lisboa, com esteiras e mantas para a Praça: 2 dias.

*Sahidas.* —

11. Rasca, Senhora das Necessidades, Port., da Ericeira, em lastro, para a Ericeira.

14. Rasca, Senhora da Boa Viagem e Santa Anna, Port., para Peniche, em lastro. — Rasca, S. Antonio e Almas, Port., para



Peniche, com sal para pescarias — Rasca, S. Antonio e Almas, Port., para Peniche, em lastro.

23. Rasca, Senhora do Carmo, Port., para a Ericeira, com peixe para a Figueira.

23. Rasca, S. Antonio e Almas, Port., para Peniche, com moios de trigo.

24. Rasca, A Conceição, Port., do Porto, com 40 moios de trigo, para a Ericeira.

26. Rasca, Senhora das Necessidades, Port., do Porto, com moios de madeira, para a Ericeira.

29. Rasca, Senhora da Ajuda, Port., do Algarve, com peixe para o Norte.

Portimão — Governador e Coronel Francisco José de Moura.

Barco de coberta, Santa Anna e bem casados, Mestre Manoel Alves, visinho de Ferragudo, Portuguez, de Cadiz, com 400

barricas de farinha, 36 fanecas razas de milho, para a Ilha da Madeira, 3 dias de viagem. — Cahique destroncado, S. Antonio e Almas, Mestre Policarpo José, visinho de Ferragudo, Port., de Sevilha, em lastro, por conta do Mestre: 10 dias.

Barco de coberta, Boa União, Mestre José Francisco Bogiganga, visinho de Ferragudo, Port., de Cadiz, 100 moios de milho por conta do Sr. Borgez Inglez: 3 dias.

Barco de coberta, Providencia, Mestre Manoel José Benites, visinho de Ferragudo, Port., de Lisboa, encomendas para varios Mercadores d'esta Villa: 3 dias.

Barco de coberta, N. S. da Piedade, Mestre Manoel José do Carmo, visinho de Fâro, Port., de Fâro, com 10 pipas de azeite, e varias encomendas por conta de João Tavares Ferreira: 4 dias.

Barco de coberta, N. S. do Livramento, Mestre José Martins Morgado, visinho de Olhão, Port., de Lisboa, com encomendas para varios Mercadores d'esta Villa: 2 dias.

Barco de coberta, Divina Providencia, Mestre Manoel Vicente, visinho de Portimão, Port., de Fâro, em lastro por conta do Mestre: 1 dia.

Cahique de coberta, N. S. da Conceição, Mestre Manoel Viegas, visinho de Olhão, Port., de Olhão, em lastro por conta do Mestre: 1 dia. — Cahique destroncado, Santo Antonio e Almas, Mestre Joaquim Gonçalves, visinho de Ferragudo, Port., de Cadiz, em lastro por conta do Mestre: 5 dias.

Rasca de coberta, Santo Antonio e Almas, Mestre Manoel



Gonçalves, visinho de Ferragudo, Port., de Cadiz, em lastro por conta do Mestre: 3 dias.

30. Hiate de coberta, N. S. da Guia, Mestre Francisco José dos Santos Lopes, visinho de Portimão, Port., de Villa Real de S. Antonio, com 3 moios de milho, 2 pipas de aguardente, 70 arrobas de ferro por conta do Mestre: 4 dias.

#### Sahião.

12. Barco de coberta, S. Anna e Bem Casados, Mestre Manoel Alves, visinho de Ferragudo, Port., para a Ilha da Madeira, com a mesma carga com que entrou. — Navio de coberta, Activo, Capitão Jorge Pombo, visinho de Yarmouth, Ing., para Londres, com cortiça por conta de Duarte Machado, Genros e Companhia.

13. Hiate de coberta, N. S. das Neves e S. Francisco, Mestre Domingos da Rosa, visinho de Ferragudo, Port., para Laraxe, com 10 moios de sal por conta do Mestre. — Hiate de coberta, Boa União, Mestre José Francisco Rogiganga, visinho de Ferragudo, Port., para a Ilha da Madeira, com a mesma carga com que entrou de milho.

13. Cahique destroncado, S. Antonio e Almas, Mestre Joaquim Alves, visinho de Ferragudo, Port., para Cadiz, com 6000 ovos, 50 galinhas por conta do Mestre. — Cahique destroncado, S. Antonio e Almas, Mestre Jeronimo José, visinho de Tavira, Port., para Villa Real de S. Antonio, com 150 arcos de pipa, 30 morrilhos, 12 coseiras, a Valentim da dita Villa Real.

16. Rasca de coberta, S. Antonio e Almas, Mestre Manoel Gonçalves, visinho de Ferragudo, Port., para Cadiz, com 5000 ovos, 80 galinhas por conta do Mestre.

19. Hiate de coberta, N. S. da Guia, Mestre Francisco José dos Santos Lopes, visinho de Portimão, Port., para Villa Real de S. Antonio, com 500 páos de castanho, 300 lavajos, 300 aduelas de pipa, 110 varas por conta de Antonio Galapez. — Cahique de coberta, N. S. do Livramento, Mestre José Martins Morgado, visinho de Olhão, Port., para Fâro, em lastro por conta do Mestre.

20. Cahique de coberta, Sr. Jesus de Alvôr e S. Antonio e Almas, Mestre Antonio Gonçalves, visinho de Portimão, Port., para Tavira, com 15 moios de sal, 425 páos de castanho por conta do Mestre.

22. Barco de coberta, N. S. da Piedade, Mestre Manoel do Carmo, visinho de Fâro, Port., para o Pôrto, com 16 moios de sal, 743 capaxos, 300 golpelhas, varas por conta de Antonio Joaquim Judice da Mexolceira da Carregação.

28. Hiate de coberta, Providência, Mestre Manoel José Bentes, visinho de Ferragudo, Port., para Tavira, com 52 moios de sal por conta do Capitão Mór Gregorio Nunes Duarte Machado.



29. Cahique de coberta, Divina Providencia, Mestre Antonio Martins, visinho de Ferragudo, Port., para Gibraltar, em lastro por conta do Mestre.

*Pôrto. — S. João da Foz. — O Capitão Commandante do Castello da dita Francisco José Rezende de Vasconcellos.*

*Entrarão.*

2. Hyate, S. José, Port., da Ilha de S. Miguel, com milho ao Búl: 17 dias de viagem.

3. Hyate, Senhora dos Aflictos, Port., da Figueira, com pedra para cal a Manoel Pinto: 3 dias de viag. — 5 Bergantins, Transportes, Inglezes, no serviço de S. M. B.: 3 dias.

4. Bergantim, Tejo, Port., do Maranhão, com arrôz a Manoel Antonio da Costa: 58 dias. — Bergantim, Delfina, Port., de Filadelfia, com milho, trigo, arrôz, e farinha a José Carvalho Giraldes: 63 dias.

12. 3 Bergantins, Transportes, Inglezes, no serviço de S. M. B.: 63 dias. — Rasca, Conceição, Port., da Figueira, com trigo, e azeite a Bernardino Lopes: 3 dias. — 1 Bergantim, Transporte, Port., ao Commissario Inglez: 3 dias. — Escuna, Flor de Portugal, Port., de Lisboa, com bacalhão, arrôz, e assucar a Custodio José Martins: 2 dias. — Hyate, Port., de S. A. R.: 2 dias. — Bergantim, Voltaire, Inglez, da Terra Nova, com bacalhão ao Nume: 31 dias. — Bergantim, Trant, Port., de Charlestown, com arrôz e milho a Antonio Maia: 53 dias. — Escuna, Emilia, Port., de Lisboa, com centeio e farinha ao Galoe: 7 dias.

13. 3 Bergantins, Transportes, Inglezes, no serviço de S. M. B.: 7 dias. — Hyate, Santo Antonio Portuguez, Port., de Lisboa, com arrôz e assucar a Germano Vicente Ferreira: 4 dias. — Hyate, Boa-União, Port., de Lisboa, com fardamento, assucar, e arrôz a Vicente José de Carvalho: 3 dias. — Bergantim, Paquete de Vianna, Port., de Lisboa, com centeio, assucar, e arrôz a Antonio da Silva Monteiro: 4 dias.

17. Bergantim, Oliveira, Port., de Santos, com assucar, e arrôz a Thomás da Rócha: 82 dias. — Hyate, Port., de S. A. R.: 82 dias. — 6 Bergantins, Transportes, Inglezes, no serviço de S. M. B.: 82 dias. — Bergantim, Andorinha do Norte, Port., do Maranhão, com assucar e arrôz a Antonio José Coelho: 57 dias. — Bergantim, Dianna, Inglez, da Terra-Nova, com bacalhão ao Nume: 27 dias. — Bergantim, Maria, Inglez, de Portsmouth, com fazenda e queijo ao Tindele: 25 dias. — Bergantim, Vinno, Inglez, de Portsmouth, com carvão a João Ry: 25 dias. — Hyate, Conceição, e Almas, Port., de Lisboa, com mantimento para o



exército: 3 dias. — Chalupa, Hat, Inglez, de Portsmouth, com aduela, e linho a Wanzeler: 25 dias. — Bergantim, Genet, Inglez, de Portsmouth, com carvão ao Wanzeler: 25 dias. — Bergantim, Anna, Inglez, de Portsmouth, com linho e fazenda a Joaquim Ferreira: 25 dias. — Bergantim, Esmela, Inglez, de Portsmouth, com fazenda a Guilherme Rocha: 25 dias. — Hyate, Senhora da Guia, Port., de Lisboa, com arroz e assucar a João José: 3 dias. — Bergantim, Ambelê, Americano, de Boston, com milho ao Rupe: 38 dias. — Bergantim, João, Inglez, de Portsmouth, com ferro e trigo ao Tindele: 25 dias. — Rasca, Santa Anna, Port., de Vianna, com milho a José de Mello: 1 dia. — Hyate, Senhora da Misericórdia, Port., de Lisboa, com polvora: 8 dias. — Bergantim, Appence, Sueco, de Stockholm, com ferro e aço ao Copeque: 24 dias. — Hyate, Restaurador, Port., de Setubal, com sal a Sebastião José Contente: 5 dias.

18. Galéra, Dous Amigos, Port., do Maranhão, com assucar, arroz, e couros a Matheus José de Sousa: 58 dias. — Bergantim, Transporte, Inglez, no serviço de S. M. B.: 58 dias. — Hyate, Senhora da Piedade, Port., de Vianna, com milho e assucar a Caetano José da Silva: 2 dias. — Lancha, Santo Antonio, Gallega, de Marim, com sardinha a João Ferreira: 2 dias. — Lancha, Senhora da Lapa, Port., de Vianna, com sardinha a João Fernandes: 1 dia. — Lancha, Bom Jesus, Port., de Vigo, com sardinha a Manoel André: 2 dias. — Hyate, Bom Jesus, Port., de Lisboa, com carne, farinha, e arroz para o Assento: 10 dias.

19. Rasca, Conceição e Almas, Port., de Caminha, com milho a Domingos Carlos: 2 dias. — Rasca, Santa Anna, Port., de S. Martinho, com trigo e azeite a Antonio da Motta: 4 dias. — Pinaça, Senhora do Carmo, Gallega, de Marim, com sardinha a Theodoro da Rua: 2 dias. — Galéra, Vaules, Inglez, da Terra-Nova, com bacalhão ao Noble: 19 dias. — Bergantim, Tamerlão, Port., da Bahia, com assucar, farinha, milho, e agoa-ardente a Manoel Carneiro: 8 dias. — Hyate, Boa Esperança, Port., de Caminha, com milho a Francisco José Pereira: 1 dia.

20. Bergantim, Loreto, Port., de Santos, com assucar, arroz, e agoa-ardente a Silva Netto: 159 dias. — Hyate, Senhora da Panta, Port., de Vianna, com milho a Joaquim José da Silva: 1 dia. — Bergantim, Casporte, Inglez, da Terra-Nova, com bacalhão ao Nume: 29 dias. — Bergantim, Porlo Paquete, Inglez, da Terra-Nova, com bacalhão ao Noble: 20 dias. — Lancha, Senhora do Carmo, Gallega, de Marim, com sardinha a Pedro da Cunha: 2 dias. — Lancha, Senhora do Rosario, Gallega, da Cadeira, com trigo, centeio, e milho a Vicente Fernandes: 2 dias. — Lancha, Santo Antonio, Gallega, de Arouge, com milho a Filipe Fernandes: 2 dias. — Lancha, Pelingrina, Gallega, de Arouge, com milho a Ignacio Fernandes: 2 dias.



22. Lancha, S. Martinho, Gallega, de Marim, com milho e trigo a Romão Aguecis: 3 dias.

23. Hyate, Boa Harmonia, Port., da Figueira, com pedra para cal a João Monteiro: 7 dias. — Bergantim, Raio do Sol, Americano, de Corck, com farinha e biscoito ao Nume: 8 dias. — Lancha, S. Francisco, Gallega, de Aronce, com milho e trigo a Francisco de Cores: 3 dias.

24. Lancha, Bom Jesus, Port., de Vianna, com milho a Caetano Gomes: 1 dia. — Bergantim, Nestor, Inglez, de Portsmouth, com carvão a João Luiz de Magalhães: 22 dias.

25. Bergantim, Bom Fim, Port., de Pernambuco, com assucar, algodão, e couros a Thomas da Rocha: 68 dias. — Lancha, S. Pedro, Gallega, de Camarinhas, com trigo a Luiz Caetano: 3 dias.

27. Bergantim, Aviso do Rio, Port., do Maranhão, com arroz e algodão a Matheus José de Freitas: 50 dias.

28. Navio, Olinda Pernambucana, Port., de Pernambuco, com assucar, algodão, e agoa-ardente a Domingos José Antunes: 53 dias.

29. Rasca, S. Sebastião, Port., de Caminha, com milho a José Luiz: 3 dias. — Navio, Bizarria, Port., da Bahia, com assucar, arroz, e agoa-ardente a João Pinto Soares: 86 dias. — Queixo, Senhora da Vergonha, Gallego, de Ribadeo, em lastro a Joaquim Fernandes: 6 dias. — Lancha, S. José, Gallega, de Vianna, com milho a Francisco de Lemos: 2 dias.

30. Hyate, Bom Fim, Port., de Lisboa, com assucar, papel, e sabão a Manoel Izólas: 16 dias. — Bergantim, Britão, Inglez, de Corck, com farinha e ferro a Guilherme Rocha: 8 dias. — Hyate, S. Bento, Port., de Vianna, com milho e agoa-ardente a João Rodrigues: 2 dias. — Lancha, Senhora do Rosario, Gallega, da Ponte-Vedra, com milho a Antonio Torres: 2 dias. — Escuna, Nance, Inglez, de Corck, com fazenda e ferro a José Sanches: 8 dias. — Escuna, Darte, Inglez, de Corck, com fazenda ao Soares: 8 dias. — Gallera, Providencia, Sueca, de Corck, com ferro, manteiga, e prezuntos, ao Rupe.

31. Hyate, Ascensão, Port., da Figueira, com sal e farinha a Antonio José Rodrigues: 4 dias. — Hyate, Santo Antonio e Almas, Port., da Figueira, com farinha e pedra para cal a Claudio José: 4 dias. — Hyate, Triunfo, Port., de Lisboa, com sevada para o Assento: 21 dias. — Hyate, S. Torcato, Port., da Figueira, com sal, e pedra para cal a João Antonio Lopes: 3 dias. — Hyate, Senhora das Neves, Port., da Figueira, com pedra para cal a Antonio José Pereira: 3 dias. — Hyate, Sacramento, Port., de Setubal, com sal a José Antonio Ratto: 6 dias.



*Torre de Outão da Barra de Setúbal. — O Major Commandante,  
Vicente Ferreira de Saldanha.*

*Desde 16 até 31 de Maio.*

*Entrarão.*

16. Navio, Estrella brilhante, Port., de Lisboa, em lastro: 2 dias de viagem. — Coineira, Senhora d'Atalaia, Port., de Lisboa, com cevada para as Tropas: 2 dias. — Barco, Senhora dos Martires, Port., de Lisboa, em lastro: 2 dias. — Barco, S. Antonio e Almas, Port., de Lisboa, em lastro: 2 dias. — Hiate, Port., de Lisboa, com mantimento para as tropas Inglezas: 2 dias. — Barco, Senhora dos Martires, Port., de Lisboa, em lastro: 2 dias.

17. Navio, John, Ing., de Inglaterra, em lastro: 12 dias. — Navio, Margaritha, Russiano, de Londres, em lastro: 28 dias. — Barco, Bem posto, Port., do Porto, em lastro: 2 dias. — Barco, Senhor do Bom Fim, Port., de Espósende, em lastro: 3 dias. — Hiate, Senhora da Boa Viagem, Port., do Porto, com madeira: 3 dias.

19. Barco, Ramalhete, Port., de Caminha, em lastro: 3 dias. — Barco, Augusto Cesar, Port., da Figueira, com madeira: 2 dias. — Hiate, Paz Geral, Port., do Porto, em lastro: 3 dias.

20. Barco, Boa Paz, Port., de Viana, em lastro: 2 dias.

21. Hiate, Senhora da Conceição, Port., de Galliza, em lastro: 3 dias. — Hiate, Princeza, Port., de Galliza, em lastro: 3 dias.

23. Hiate, Cristador, Port., de Lisboa, com barricas de farinha: 2 dias. — Caixa marin, S. Antonio e Almas, Hesp., Muros de Galiza, em lastro: 3 dias. — Navio, Senhora do Rosario, Hesp., de Galiza, em lastro: 2 dias. — Barco, Senhora das Barracas, Port., de Lisboa, com pedra de cantaria: 1 dia. — Navio, Senhora da Penna, Port., do Porto, em lastro: 3 dias.

24. Hiate, Restaurador, Port., do Porto, em lastro: 4 dias.

25. Hiate, Flor da murta, Port., de Galliza, em lastro: 5 dias. — Hiate, Senhor do Bom Fim, Port., de Galliza, em lastro: 3 dias. — Barco, Dilligente, Port., de Espósende, em lastro: 2 dias. — Navio, Cala Jonne, Ing., do Porto, em lastro: 2 dias. — Navio, Senhora do Carmo, Hesp., de Villa Gracia: em lastro: 3 dias.

26. Navio, Gram Turco, Americano, de Lisboa, em lastro: 1 dia.

27. Barco, Senhora dos Martires, Port., de Lisboa, com mercia: 1 dia.



**Tavira.** — Governador, Belchior da Costa Corrêa Rebello. —  
Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Lagos, com 10

*Entradas.* Mestre do Monte, Port., de Gibraltar, com 21

13. Cahique, S. João, Ing., veio arribado, com carga de tabaco.

10. Cahique, Senhor do Bomfim, Port., de Gibraltar, com 24 volumes de roupas para sellar, por conta do Mestre: 2 dias de viagem. — Cahique, S. Antonio e Almas, Hesp., de Figuerita, com 18 pipas vazias para contratador: 1 dia.

13. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Faro, com 300 arrobas de arroz, 5 moios de cevada, 10 barricas de farinha, e 10 de carne para o Assento d'esta Praça: 1 dia.

14. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Sevilha, em lastro: 12 dias. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Villa Real, com 14 barricas de farinha, e 2 costaes de bacalhão, para o Assento: 1 dia. — Hiate, Senhora do Livramento, Port., de Gibraltar, com hum porção de chumbo, 10 pipas vazias, 4 volumes de fazendas Inglezas para sellar, e varias encomendas de passageiro: 2 dias.

15. Hiate, Tres Amigos, Port., de Gibraltar, com 800 fangas de trigo, 8 barricas de farinha para mercadores, e 12 volumes de fazendas para sellar: 13 dias.

16. Hiate, Senhora da Conceição, Port., de Lisboa, com 195 volumes constação de assucar, arroz, manteiga, alfazema, e farinha de pão para mercadores: 4 dias.

18. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Gibraltar, com 15 volumes de fazendas para sellar, por conta do Mestre: 3 dias.

— Cahique, Conceição e Almas, Port., de Sevilha, em lastro: 3 dias.

20. Cahique, Conceição e Almas, Port., de Villa Real, com 42 meias pipas vazias para baldear em hum embarcação Hespanhola: 1 dia. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., da Figueira, em lastro: 1 dia.

21. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Villa Nova, com 7 moios de sal, por conta do Mestre: 2 dias. — Cahique, Senhor Jesus de Alvôr, Port., de Villa Nova, com 3 moios de sal, e madeira de castanho para particular: 2 dias. — Cahique, Conceição e Almas, Port., de Lagos, com 300 arrobas de atum salgado por conta do Mestre: 1 dia.

22. Cahique, Conceição e Almas, Port., de Villa Nova, com 200 arrobas de atum salgado por conta do Mestre: 1 dia. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Gibraltar, com 31 volumes de fazendas para sellar, e 180 fangas de trigos: 4 dias.



23. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Villa Nova, com madeira de castanho para particular: 1 dia. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Lágos, com 150 atuns, por conta do Mestre: 1 dia. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Lágos, com 10 atuns, por conta do Mestre: 1 dia.

24. Cahique, Senhora da Guia, Port., de Gibraltar, com 21 volumes de fazendas para sellar na Alfandega, por conta do Mestre: 3 dias. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Cadiz, em lastro: 2 dias. — Cahique, Fortuna, Hesp., de Cadiz, em lastro: 2 dias.

25. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Lágos, com atum por conta do Mestre: 1 dia. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Fozuão, com laranjas por conta do Mestre: 3 dias.

26. Cahique, Conceição e Almas, Port., de Lisboa, com sap, pipas vazias, e encomendas para Lojas: 3 dias.

27. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Gibraltar, com 2 moios de trigo, e 20 alqueires de farinha, por conta do Mestre: 4 dias. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Faro, com assucar, e roupas de algodão para vender: 1 dia.

28. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., de Sevilha, em lastro: 2 dias.

#### Sahirão.

29. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Mértola, com 11 fardos de fazendas Inglezas, 2 barris de datelles, e 2 gorpelhas de fio, por conta de Judios. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Villa Nova, com 60 saccas de alfarrobas por conta do Mestre.

30. Cahique, Conceição e Almas, Port., para Gibraltar, com 130 saccas de alfarrobas por conta do Mestre. — Cahique, S. Anna, Ing., veio arribado, com carga de tabaco. — Cahique, S. João, Ing., para o Porto, com carga por vir arribado. — Cahique, Conceição e Almas, Port., para Sevilha, com a mobilia, e familia do Consul Portuguez.

31. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Aiamonte, com mobilia de hum familia Hespanhola.

32. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Faro, com 4 pedras de moinhos, por conta do Mestre.

33. Cahique, Senhora dos Mártires, Port., para Lisboa, com 130 saccas de alfarrobas, 4 pipas de azeite, 100 feixes de canas, e varias encomendas para mercadores.

34. Cahique, Senhor do Bom fim, Port., para Faro, com 23 volumes de fazendas Inglezas, por conta do Mestre.

35. Cahique, S. José e Almas, Port., para Algeciras, com 140 saccas de alfarrobas, por conta do Mestre. — Cahique, Senhora do Carmo, Port., para Algeciras, com 40 saccas de favas, 30 mi-



lhedros de ameijoas, e 30 galinhas, por conta do Mestre. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Cadiz, com 400 ovos, 250 milheiros de ameijoas, por conta do Mestre.

14. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Tutuão, em lastro.

15. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Cadiz, com 600 ovos, e 8 galinhas, por conta do Mestre.

16. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Aldéa da Dolete, com 4 pedras de moinhos, por conta do Mestre.

19. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Cadiz, em lastro. — Hiate, Senhora da Conceição, Port., para Fâro, em lastro.

21. Cahique, As Almas, Port., para Gibraltar, com 60 pipas de atum, por conta do Mestre. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Villa Nova, em lastro.

24. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Cadiz, com 300 arrobas de atum, por conta do Mestre.

25. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Sevilla, com 600 arrobas de atum, por conta do Mestre. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Sevilla, com 500 arrobas de atum, por conta do Mestre.

26. Cahique, Conceição e Almas, Port., para Gibraltar, com 200 saccos de alfarrobas, por conta do Mestre. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Cadiz, com 50 saccos de alfarrobas, 50 galinhas, 5 feixes de canas, e 50 bassouras, por conta do Mestre.

27. Conceição e Sacramento, Port., para Sevilla, com 600 arrobas de atum, por conta do Mestre. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Cadiz, com 1:500 ovos, e 15 galinhas.

28. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Sevilla, com 400 arrobas de atum, por conta do Mestre.

29. Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Fâro, em lastro. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Alcoutim, com pedras para moinhos, por conta do Mestre. — Cahique, S. Antonio e Almas, Port., para Fâro, com esparto para conduzir para Lisboa, por conta do Mestre.

—

30. Viana do Minho. — Governador, Francisco Antonio d'Araujo d'Azevedo.

—

Entrarão.

2. Hiate, Estrella brilhante, Port., da Figueira, com pedras de cal para vender: 2 dias de viagem.



13. Bergantim, Aurora, Port., da Bahia, com 200 caixas de assucar, arroz, azeite, e aguardente para Pedro Rodrigues Lima: 69 dias.

6. Hiate, Inveja, Port., da Figueira, hia para Espósende, arribou aqui com carga de pedra para cal: 2 dias. — Hiate, S. Antonio Vencedor, Port., da Figueira, com cal em pó para Manoel Antonio Alves Viana: 2 dias.

11. Hiate, Senhor da Pauta, Port., do Porto, em lastro: 2 dias. — Hiate, Diligente, Port., do Porto, em lastro de carvão: 2 dias.

12. Hiate, S. Antonio e Almas, Port., do Porto, com 4 canastras de queijos, e 5 baloins de linho: 2 dias. — Hiate, Senhor do Socorro, Port., da Figueira, com pedra para cal: 3 dias.

15. Hiate, Bom Jesus de Fam, Port., de Lisboa, hia para o Porto, arribou aqui com mantimentos para a tropa: 5 dias.

17. Lancha, Senhora da Piedade e Almas, Port., de Lisboa, com 8 quintaes de bacalhão, 6 saccas de arroz, e encomendas: 5 dias.

20. Hiate, Fama de Viana, Port., tinha sahido para Caminha a 18, e arribou a 20, com assucar, arroz, peças de cabo, azeite, e manteiga: 2 dias. — Lancha S. Barbara, Hesp., de Galliza, para o Porto, arribou aqui com 300 ferradas de milho: 2 dias.

21. Lancha, Bom Jesus e Almas, Port., de Galliza, com 25 alqueires de milho, e 40 ditos de trigo: 2 dias.

24. Lancha, Senhora do Portal e S. Campio, Hesp., de Galliza, com 600 alqueires de trigo para vender: 2 dias.

25. Lancha, S. José e Anjo da Guarda, Hesp., de Galliza, hia para o Porto, arribou aqui com 200 alqueires de milho: 2 dias.

27. Hiate, S. José, Senhora das Dores, Port., da Corunha, com 20 gigos de cerveja, louça, e vidros para José Antonio da Silva: 2 dias.

29. Lancha, Sr. dos Passos, Port., de Galliza, com 30 quintaes de biscoito, para vender: 2 dias. — Hiate, Inveja, Port., de Espósende, hia para Caminha, arribou aqui em lastro: 2 dias. — Hiate, Fama de Viana, Port., sahio hontem para Caminha, e arribou hoje com assucar, arróz, etc.: 1 dia. — Lancha, Jesus Maria José, Port., da Corunha, com biscoito para vender: 3 dias.

31. Lancha, Senhora da Graça, Port., de Vigo, com 10 barricas de graxa, 44 gigos de queijos, 14 ditos de louça para José de Moura: 3 dias.

#### Sahirão.

2. Barco, Fortuna, Port., para Galliza, com laranja doce. — Lancha, Senhora do Carmo, Hesp., para Galliza, em lastro.

7. Lancha, Sr. dos Passos, Port., para a Corunha, com laranja dosse.



8. Hiate, S. José e Senhora das Dores, Port., para a Corunha, com 20 barricas, e 100 de arroz.
16. Hiate, S. Fortunato, Port., para Caminha, em lastro.
17. Rasca, S. Anna e Nazareth, Port., para o Porto, com 10 caixas de assucar e 500 alqueires de milho. — Hiate, Estrella brilhante, Port., para Caminha, em lastro.
18. Hiate, Bom Jesus de Fam, Port., para o Porto, com a mesma carga de mantimentos com que entrou arribado. — Hiate, Fama de Viana, Port., para Caminha, com 17 caixas de assucar, 8 barricas de arroz, 16 peças de cabo, azeite, e manteiga.
19. Hiate, Boa paz, Port., para Caminha, com carga de sal.
20. Hiate, Senhor da Pauta, Port., para o Porto, com 2550 alqueires de milho, e 43 arrobas de cação.
24. Lancha, Bom Jesus e Almas, Port., para o Porto, com a mesma carga de milho e trigo com que entrou arribada. — Hiate, S. Antonio Vencedor, Port., para a Figueira em lastro.
25. Hiate, Inveja, Port., para Espôsende, com a mesma carga de sal, com que entrou arribado.
27. Lancha, Senhora da Graça, Port., para Caminha, em lastro. — Lancha, S. Barbara, Hesp., para a Corunha, com 12 quintaes de ferro, e 16 de asso.
28. Hiate, Fama de Viana, Port., para Caminha, com a mesma carga de assucar e arroz, etc. com que arribou.
29. Lancha, S. José e Anjo da Guarda, Port., para o Porto, com a mesma carga de milho com que arribou. — Hiate, S. Bento, Port., para o Porto, com 1000 alqueires de milho, e 59 pipas de aguardente.

**Villa do Conde. — Governador, Philippe de Vasconcellos.**

**Cardoso de Menezes.**

**Entradação.**

16. Hiate, Sem segundo, Port., de Setubal, com 80 moios de sal a vender; 6 dias de viagem.
19. Carreteira, S. Antonio e Almas, Port., de Marim de Galiza, com duzentos alqueires de trigo, e 60 de milho grosso a vender: 1 dia.
20. Hiate, Espirito Santo, Port., da Cidade do Porto, em lastro: 1 dia.
24. Lancha de pescaria, Port., da Cidade do Porto, com hum pipas de agoa ardente, e outra de sahil para vender: 1 dia.

**Sahirão.**

7. Carreteira, S. Antonio e Almas, Galega, para Galiza, em



lastro. — Carreteira, Senhora da Piedade, Port., para Caminha, com taboado de pinho bravo a vender.

19. Hiate, Espirito Santo e Almas, Port., para Espósende, em lastro.

25. Hiate, Sem segundo, Port., para Setubal, com 60 duzias de taboado de pinho da terra, 8 casqueiras, e 2 latas do mesmo pinho.

26. Carreteira, Bom Jesus e Almas, Port., para Galiza, com 100 alqueires de sal a vender.

[Villa-Real de S. Antonio. — Governador, o Tenente Coronel Antonio José de Vasconcellos da Silva.

Entrarão.

10. Cahique, S. Antonio e Almas, Hesp., de Rotta, em lastro: 3 dias de viage.

15. Cahique, S. Antonio e Almas, Hesp., de Cadiz, em lastro: 2 dias.

19. Cahique, Hesp., Porto de S. Maria, em lastro: 1 dia.

24. Cahique, Hesp., Porto de S. Maria, em lastro: 2 dias.

25. Cahique, Sr. dos Passos, Hesp., em lastro: 1 dia.

Sahirão.

4. Cahique, S. José e Almas, Hesp., para Cadiz, com 70 milheiros de sardinha, por conta do Mestre.

5. Cahique, Santos Martires, Hesp., para Sevilla, com 70 milheiros de sardinha, por conta do Mestre.

7. Cahique, S. Antonio e Almas, Hesp., para Cadiz, com 70 milheiros de sardinha, por conta do Mestre. — Cahique, S. Caetano, Hesp., para Cadiz, com 60 milheiros de sardinha, por conta do Mestre. — Cahique, S. José, Hesp., para Cadiz, com 40 milheiros de sardinha, por conta do Mestre.

9. Cahique, S. Antonio e Almas, Hesp., para Sevilla, com 40 milheiros de sardinha, por conta do Mestre.

12. Cahique, S. Antonio e Almas, Hesp., para Figuerita, em lastro.

17. Escuna, Boa União, Hesp., para Galliza, com 40 pipas de vinho, e 20 de aguardente, por conta de José Sollé.

— Sahil para vender: 1 dia.

7. Carreteira, S. Antonio e Almas, Galiza, para Galiza, com



## ART. VI.—

*Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em Junho.*

Director. — José Maria Soares.

Secretario. — Francisco de Mello Franco.

Bernardino Antonio Gomes.

Membros. — Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

José Feliciano de Castilho.

José Pinheiro de Freitas Soares.

Wenceslão Anselmo Soares.

## ART. VII.—

*Pela Directoria Geral dos Estudos e Escolas d'estes Reinos, e seus Senhorios, estão a Concurso de 60 dias, que começarão nos que vão declarados (são de Agosto) as seguintes Escolas:*

Ferreira de Aves, substituição, começou a 2 de Agosto perante o Provedor de Vizeu.

Alcoentre, Almostér, Assentís, Aveiras de cima, Chamusca, E'rra, Golegã, Lamarosa, Lugar das virtudes, Mugem, Pontével, S. Pedro d'Arrifana, Val da Figueira, perante o Provedor de Santarém, e Commissario da Corte e Provincia da Estremadura, começou a 3.

Redinha, perante o Provedor de Leiria, começou a 3 dito.

Marialva, perante o Provedor de Lamégo e Corregedor de Trancoso, começou a 16.

Penédon, perante o Provedor de Lamégo, começou a 20 dito.

Villa de S. Catharina, e Alcobaça, perante o Provedor de Leiria, começou a 20.

Loures, perante o dito Commissario, começou a 25.

Alcácer, Alcôchete, Azeitão, Camora, Cezimbra, Coína, Torção, perante o dito Commissario, e dito Provedor de Santarém, começou a 25.

Ranhados, Ribafeita, Vizeu, perante o Provedor de Vizeu, começou a 25.

Abambres, e Val de Telhas, perante o Provedor de Montorvo, começou a 25.



## ART. VIII.—

A Gazeta de Saúde (Françesa), a respeito da População de Paris no anno de 1812, parece que tem o seguinte:

Em tempo de paz, almas	649:412
guerra	573:784
Diferença	75:628
Nascidos do sexo femenino	9:343
masculino	10:244
Somma	19:587

Fallecidos do sexo femenino	16:220
masculino	9:913

Somma 26:133

D'estes foram 67 de mortes repentinas — 150 suicídios — 47 velhos de 90 a 95 annos — 6 de 95 a 100 — 256 de bexigas (no anno de 1811 tinham morrido de esta molestia 418: a differença deve-se á Vaccina).

Excesso dos fallecidos aos nascidos 6:546

O número dos fallecidos no anno de 1811 foi 16:760

Differença 3:373

L I S B O A:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença.



# JORNAL DE COIMBRA.

JULHO DE 1813.

Num. XIX.

*Sequitur probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli  
sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

## ART. I.—

*Extracto da Conta, dada por José Antonio Banasol, Médico do  
Partido da Cidade de Elvas, e relativa ao mez, que decorreo  
desde 15 de Janeiro até 15 de Fevereiro de 1813.*

**E** Ste Médico participa que no referido tempo as molestias fo-  
rão em menor número; de melhor caracter (à reserva dos caque-  
ticos a quem os grandes estragos terminarão a vida), e que não apre-  
sentarão circumstancias dignas de particular nota. Termina esta Con-  
ta com algumas idéas geraes theoricas e práticas sobre proprieda-  
des do systema absorvente, e sobre a vantagem, que d'estas se pó-  
de tirar fazendo a applicação dos medicamentos externamente. An-  
nunciação-se, como provas, algumas observações feitas pelo dito  
Médico; taes forão intermittentes, e rebeldes diarrhéas tratadas  
com a applicação exterior da tinctura de quina, alcalino volatil, e  
camphora; admiraveis effeitos da tinctura de valeriana volatil nos  
typhos; e da pomada mercurial nas obstrucções das visceras abdo-



minas. Por ultimo o dito Professor apresenta as seguintes theses relativas ao systema absorvente :

- 1.<sup>a</sup> Que as molestias privativamente suas são da peor qualidade.
- 2.<sup>a</sup> Que elle tem sempre a maior parte mesmo em as essenciaes dos outros systemas orgânicos, nervoso, musculoso, dermoide, mixto (inclusivamente o vascular vermelho e negro) componentes da economia animal, considerando a vida interna e externamente.
- 3.<sup>a</sup> Que particularidades do systema absorvente obrigão muitas vezes a lançar mão de hum contraindicado ; v. g. usando-se da sangria em typhos, diarrhéas prostrahidas, etc.; donde elle deduz a distincção que he mui necessario fazer-se entre Medicina de molestias e Medicina de individuos, pois que as circumstancias particulâres d'estes tornão indicado muitas vezes o que he geralmente contraindicado na molestia.
- 4.<sup>a</sup> Que a grande lei de *sympathias e consensos* he toda filha de semelhança d'estructura dos sobreditos systemas orgânicos distinctos huns dos outros por huma vida particular.

(He para desejar que este Professor queira desenvolver, como promette, a doutrina, sôbre que annuncia as quatro theses, e mencionar os factos e observações proprias, que lhe tem confirmado aquellas proposições. O objecto he curioso, e mais que tudo he interessante a sua applicação á prática da Medicina externa, que sendo sempre menos incommoda ao doente, he algumas vezes a unica de que o Médico pôde lançar mão. Muitas idéas e observações sôbre esta materia se encontram espalhadas pelas Obras de Medicina; e mui particular attenção lhe tem prestado já alguns Observadores de crédito, mostrando com factos hum mais extenso uso, que pôde fazer-se, dos medicamentos applicados pela via da absorpção cutânea. Além dos escriptos de Brera, Chiarenti, etc. esta parte da Medicina prática acha-se actualmente enriquecida com as muitas observações, proprias e alheas, publicadas por Mr. Chrestien no seu *Methodo iatroleptico* novamente accrescentado, e reimpresso em 1811 em Paris.)

---

Extracto da Conta, pertencente ao mez de Janeiro de 1813, dada por João Pedro Alexandrino Caminha, Médico do Partido das Villas de Benevente e Camôra Corrêa, Provedoria de Setubal.

Esta Conta he dividida em 3 partes. Na 1.<sup>a</sup> dá-se huma breve descripção topographica das duas Villas : na 2.<sup>a</sup> descrevem-se as molestias endemicas : na 3.<sup>a</sup> são referidas as enfermidades, que mais reinárão no mez de Janeiro.



Parte 1.<sup>a</sup> — *Benevente*, Villa situada ao Sul do *Téjo*, a nove legoas da Capital, he huma povoação de mais de 600 fôgos assentada sobre huma pequena eminencia, entre a qual e o *Téjo* medeia huma planicie ou varzea de mais de huma legoa. O *Téjo*, que deveria fazer a riqueza e abundancia d'estes Póvos, he pelo contrario no tempo presente hum manancial não só de causas de molestias, mas tambem do pouco ou nenhum fructo dos assíduos trabalhos e fadigas ruraes, tudo originado da má direcção que as agoas levão no seu curso para o *Téjo*; porque o Rio de *Cruche*, a que chamão *Surraia*, ou *Zurraia*, que passa ao Norte de *Benevente*, e recebe quasi todas as agoas d'esta parte do *Alemtéjo* mais proxima, vem depositallas naquella grande varzea espraiaando-as de tal fórma que não só torna inuteis os trabalhos do campo, mas ainda formando lagôas, pântanos, e paúes, estabelece nos tempos quentes, pela demora das agoas, hum fôco de molestias endemicas. A posição porém d'esta Villa he tal, que de todos os lados fica exposta á livre corrente dos ventos, os quaes além de consumirem parte da humidade, a que este terreno he tão sujeito, purificação tambem a atmospheria dos miasmas elevados dos pântanos. O terreno arenoso d'esta Povoação pela parte de Leste e Sul não concorre pouco para facilitar a evaporação da humidade, que demorada até ao estio não faria pequeno damno, além d'outros, que mal se podem evitar.

*Gamora Corrêa* fica quasi na mesma parallela ao Sul de *Benevente* em distancia de huma legoa. Esta Villa de quasi 300 fôgos he cercada, principalmente ao Norte, Nordeste e Leste, de imensos pinhaes, que algum tanto impedem a corrente d'aquelles ventos; por isso eu supponho a atmospheria d'esta Villa menos pura, e mais sujeita a humidades, que hum vento secco e livre podia absorver e conduzir a partes mais elevadas. Accresce tambem o ser a Villa cercada de huma ribeira, a que os naturaes chamão *Ribeira da Cunha*, a qual em tempo de cheias inunda as vizinhanças da Villa, deixando pégos e lagôas, cujas agoas estagnadas se conservão por muito tempo com enorme prejuizo da saude dos habitantes. O que fica referido junto á minha observação diaria, em que noto mais doengas proporcionalmente na Villa de *Gamora*, me faz concluir que esta he mais doentia, e sua atmospheria menos pura que a de *Benevente*.

Parte 2.<sup>a</sup> — O A. nesta parte, depois de fazer huma breve narraçao das molestias, que costumão grassar nos paizes pantanosos, servindo-se do que a este respeito observarão e referem *Zimmerman*, *Pringle*, *Lancisio*, etc. considera estas duas Villas em circumstancias hum pouco analogas á *Flandres*, *Suissa*, *Hungria*, *Barbante Hollandez*, etc., e por isso sujeitas ás mesmas molestias em geral ainda que menos graves por faltarem algumas causas, que naquelles paizes muitas vezes lhes imprimem hum caracter pes-



tilento, e mais mortífero. Passa depois a descrever as principaes molestias endémicas d'estas Villas, e vem a ser *febres intermittentes*, *remittentes*, e mesmo *continuas*, as quaes são quasi sempre de natureza *biliosa*, e exigem no principio o uso dos emeticos e laxantes, por cuja falta as intermittentes passam muitas vezes a *remittentes*, e a estas sobreveem *colera-morbus*, *diarrhéas*, *dysenterías*, etc. As *intermittentes*, além de se apresentarem com diversos typos, tomão muitas vezes o caracter de perniciosas convulsivas, soporosas, cardialgias, etc.; e como he de costume, pela repetição dos accessos, e frequentes recaídas trazem apóz si muitas affecções crónicas, taes como obstrucções abdominaes, hydropesias, diarrhéas, lienterías, etc. molestias, que por isso são mui vulgares nestas Villas.

Parte 3.<sup>a</sup> — O A. primeiro descreve a constituição atmosphérica do outomno passado e as molestias que então grassarão mais. "O outomno foi assás doce e amavel; aos seus dias decedidamente quentes seguirão-se noutes algum tanto frias e humidas, entretanto o frio, e chuvas não forão muito fortes. No meio de Dezembro houve chuvas abundantes, que inundarão estes campos, e no fim do mez o frio foi mais intenso, e por ultimo voltarão as chuvas, ainda que menos copiosas. Dominarão os ventos Nordestes e Sues: e grassarão as *intermittentes* e *remittentes*, cujo caracter fica já mencionado. Com os frios começou a epidemia de fluxões *catarrhosas* e *rheumaticas*, já complicando-se com as sobreditas febres, já apresentando-se separadamente."

No mez de Janeiro a constituição atmospherica foi marcada pela alternativa de dias frios e chuvosos, segundo sopravão ventos de Nordeste ou de Leste e Sul; aquelle porém foi mais constante. Forão por tanro mais frequentes as *flegmasias* do que as *febres*. O caracter, e marcha d'estas molestias, e o seu tratamento não subministrarão circumstancias dignas de particular commemoração.

Extracto da Conta de José Manoel Chaves, Médico do Partido de Grandola, Provedoria de Setubal, datada em 9 de Dezembro de 1812.

Depois de referir as obras que tem publicado, e alguns dos objectos que nellas tratou, emprehende fallar da Cicuta (*Conium maculatum*).

As molestias, em que achou mui util o seu uso são; rheumatismo crónico, gôta, lepra, todas as queixas cutâneas, como herpes, tinha, impigem, morfea, pustulas; obstrucções de baixo-



ventre, ictericia, sciirro, pódores venereas, inflammações chronicas de palpebras, fluxo alvo, escrofulas, cancro, e algumas outras.

Achou contraindicada a Cicuta nas inflammações e mesmo na diathese inflammatoria.

A fórma que lhe pareceo mais proveitosa para administrar a Cicuta era o extracto feito pelo processo de Stork, e em pilulas em numero de duas de manhã, e duas de tarde de 4 grãos cada huma, que alguma vez lhe succedeo augmentar até dar 12 de manhã, e 12 de tarde, continuando-as até concluir 3 ou 4 onças.

Achou mui proveitoso o uso de leite na quantidade de meio quartilho pouco mais ou menos sobre as pilulas da Cicuta; e de algum purgante de 15 em 15 dias, se a Cicuta não fazia de purgante, como muitas vezes acontecia.

*Extracto da Descripção topographica da Villa de Monchique, Reino do Algarve; por Manoel Gascon, Medico.*

Esta Villa de Monchique está formada ao pé de huma elevada montanha entre o Poente e Norte, a qual se estende mais para a parte do Poente, e pela parte do Norte finda logo, ou ao menos vai em diminuição consideravel; por cuja causa a Villa he mais combatida do dito vento.

Pela parte do meio-dia tem outra elevada montanha pouco distante e inferior; formando estas hum barranco de Poente a Oriente.

Outras pequenas (respectivé) montanhas ha, que circundão esta Villa; cujas alturas, por serem inferiores, não se noméão.

Das ditas nascem diferentes fontes de boa agoa para o uso commum, e para fertilisar as hortas e pomares d'espinho e caroço, de que abunda este paiz; tambem se achão diferentes fontes ferreas e sulphureas, mais ou menos quentes: entre estas se contão as chamadas *Caldas de Monchique*. Abunda em castanhas, limões, laranjas, e madeira de Castanheiro.

Colhe-se milho, feijões, ervilhas, améxas, e pêros; maçãs de varias figuras e especies: algum azeite, nozes e vinho; algumas hortaliças, ainda que serodias: trigo e cevada pouco.

Seus moradores se sustentão dos ditos fructos no seu tempo; e seus principaes alimentos (geralmente) em todo o anno são legumes, papas de milho, castanhas, e côves. Não abunda em carnes.



Nesta Villa não ha Casa d'Expósitos; por tanto estes se crião nas particulares da Villa, e montes.

*Extracto da Conta de Hippolito Urbano Nobre, Medico do Partido da Villa d'Alcacer do Sal, Provedoria de Setubal, datada em 21 de Janeiro.*

H. U. Nobre depois de discorrer sobre a utilidade, que a Nação Portugueza pôde tirar das Contas mensaes dos Medicos e Cirurgiões de todo o Reino, ordenadas pela Portaria do Góvêrno em data de 24 d' Outubro passado, e Aviso da Secretaria d' Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha do 1.º de Dezembro; depois de prevenir que se não espere nas suas Contas grande variedade de molestias, porque os fôgos daquella Villa não excederão talvez a 300: depois de tudo isto diz:

“Ha aqui de propriedade em todas as estações as intermitentes; no local d'esta povoação não se conhece, nem goza o vento Norte; porque por este lado está dominando a Villa hum monte extraordinario, onde está edificado hum Convento de Freiras, e hum arruinado Castello; na falda d'este monte está construida a Villa, e pelo Sul está o rio Sado, que muitos annos costuma visitar a Villa com suas cheias, e então he quando aqui costuma haver mais molestias: he este rio n'este ponto de huma agoa bastantê lodosa em todo o anno; por isso que as suas margens são tudo lódo, e nada arêa: na vasante da maré no tempo do estio chega a ser insupportavel o cheiro, que o calor d'ali faz elevar na evaporação: está bêm visto que tudo isto são causas mais que sufficientes para haver aqui sempre huma frouxidão em todos os individuos d'ambos os sexos; e até nos proprios animaes, que se crião nos campos, que rega este rio. Accresce mais que pelo lado do Sul estão os grandes charcos d' agoas estagnadas, onde se faz grande sementeira d' arrôz, cujos miasmas influem bastante para a frouxidão dos habitantes d'aqui; por isso não admira que haja em Alcacer muitas sezões. São estas, como disse, proprias de todas as quadras, porém no estio, casas de outo pessoas seis tem sezões, se as não tem as outo. A cura d'esta molestia he em todas as quadras sempre a mesma.”



Conta de Nicoláo Moral, Médico em Lagos, no Reino do Algarve, pertencente ao mez de Janeiro

*Hieme vero pleuritides, et peripneumoniae, letargi, gravedines, raucedines, tusses, dolores pectoris, et laterum, atque lumborum, capitis dolores, vertigines, et apoplexia. (Hippocraticis sectione tertia aforismor. Sentent. Vigesima tertia.)*

As enfermidades de huma estação, sendo febris, são regularmente ocasionadas pelas forças da atmosphaera da estação, ou estações antecedentes: e sendo inflammatorias, quando não sejam produzidas por aquellas causas, ao menos são modificadas por ellas, com tal que tenha sido de longa duração, e excessivo o estado da atmosphaera na estação antecedente. Por este motivo, quando Hippocrates nos descrevia as molestias epidemicas, não dava antes hum conhecimento exacto das estações anteriores, dando-nos a entender por este modo a causa d'aquellas enfermidades.

Principia o anno de 1813, e continuão as molestias, expostas no Texto Hippocratico, que tinham começado aos principios de Novembro, em cuja época entra todos os annos o inverno medico; e a mais das ditas enfermidades apparecem ophthalmias, inflammações de gengivas, já suppuratorias, que formão a verdadeira *parulis*, já sem supuração, porém não são tão molles, e fungosas, como no escorbuto; dores de dentes e ouvidos; herpes humidos, e seccos; pustulas, e pequenos tumores por todo o corpo; affectos arthriticos; e nas crianças de peito febres, com convulsões mortaes. Agora apparecem bexigas naturaes, porém benignas, ao menos todas as que tenho visto.

Estas enfermidades, excepto as cutaneas, não tem sido muito numerosas, e em geral tem sido benignas, porém dilatadas, e renitentes aos remedios; em particular a arthrite, as ophthalmias, e as molestias cutaneas. Todas tem participado da diatese inflammatoria, porém em hum gráo remisso, de modo que exigião pouca extracção de sangue; mas ésta se fazia necessaria, em especial, nas pleuresias, nas pulmonias, ophthalmias, e grandes inflammações da boca.

Não podêmos culpar por causa d'estas enfermidades vicio algum sensivel da atmosphaera, porque em todo o mez de Novembro gozamos de huma estação muito temperada, sem sentir hum dia de frio: porém não nos podêmos escusar de reconhecer, por causa d'estes males, o vicio do ar, que produziu estes effeitos geraes, para os quaes não encontrámos huma causa particular, e propria do paiz de que os poderemos derivar. Desde a Primavera



até o ultimo mez do anno passado não houve a mais leve chuva n'esta Cidade, situada quasi aos trinta e sete grãos de latitude septentrional: o calor foi excessivo, e produziu suores abundantissimos; e por meio de esta excreção tão augmentada, ficou o corpo humano privado d'aquelles humores tenues, suaves, innocentes, que facilitão a circulação, e favorecem as secreções moderadas: restou por tanto hum sangue espesso, com pouco soro; e este carregado de particulas salinas, proprio para produzir as molestias cutaneas, arthrite, e ophthalmias, e capaz de modificar as outras enfermidades internas, ocasionando tosse muito secca, poucos esputos, e estes viciados.

Sempre as estações seccas são mais saudaveis, que as humidas, e este he, talvez, o motivo porque n'esta Cidade, e contornos, se tem gozado boa saúde, ha hum anno. Por esta mesma razão as enfermidades d'este Inverno tem sido benignas, e tanto, que não merecem descrever-se, porque nada ha na sua historia, ou descripção, que possa concorrer para o adiantamento da Medicina, nem ainda para accumular observações, das quaes, em algum tempo se possa formar hum Canon certo, n'esta sciencia saudavel.

Com tudo se deve notar huma cousa, e esta he a suppuração dos tumores arthriticos, ou gotosos, que em geral se julga que nunca suppurão. Eu a tenho observado oito, ou nove vezes no decurso de vinte e oito annos, e se verifica agora n'huma criada do Sargento-Mór Manoel José Machado: He de sessenta annos de idade, e arthritica, ha muitos annos. Formou-se-lhe huma nodosa rosada, no dedo polegar da mão esquerda, com inflammção: esta se estendeo ao carpo, metacarpo, e metade do antebraço. Aos tres dias tinha inflammiado monstruosamente, e adquirido huma dureza, semelhante á escirrosa, com dores agudissimas, e huma côr rocha denegrida: n'este estado se formáão as flictenas, semelhantes ás gangrenosas; e sem mostrar undulação ao tacto, nem outros symptomas de suppuração breve, excepto o pulso, frios, e febres que a indicavão; rompe o tumor, e continúa cada dia a abrir por mais pontos suppuratorios, que formáão dilatadas cavernas, de donde corria abundancia de soro icoroso; até que no fim apparece materia purulenta branca, que conduz as chagas a cicatrisação.

As enfermidades mencionadas, como benignas, não tem precisado de hum curativo apparatuso. Duas sangrias bastavão ás mais graves, e com estas se minorava a diatese inflammatoria: os brandos demulcentes humedecião, abrandavão a fibra, e dispunhão a Natureza para hum suor, que regularmente se verificava no dia sete, e em alguns no dia onze. Em aquelles em que a falta de esputos, ou suppressão d'elles fazião temer hum derramamento na cavidade do peito, era necessario o vesicatorio, e satisfazia completamente.



*Observação sobre hama prenhez terminada pela putrefacção do feto; por Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Médico do Hospital Militar de Abrantes.*

Maria dos Santos, natural da Codeceira, Termo da Certã, Comarca do Crato, de 32 annos de idade, viuva (1), casou segunda vez com Francisco de Bôrja Souto d'aquella Villa, e depois de alguns mezes se achou pejada. Logo no principio da prenhez sentio hum tumor deprimido jntto á virilha esquerda, que de dia em dia se augmentava. No segundo, terceiro, e quarto mez foi crescendo, mas com dores tão fortes, que dizia se-lhe-ras-gavão as entranhas; e crescendo com elle as dores foi accommettida de convulsões, e no fim d'estas de syncôpes, que pareceo muitas vezes ficar morta. Assim foi continuando até aos sete mezes, em que desaparecêrão as dores, e os movimentos do feto (2). Tendo sido sangrada no tempo em que era atacada de convulsões, desatando-se a ligadura, ficou quasi exaurida de sangue, accidente que custou a remediar, e a miseravel ficou por muito tempo em hum estado que promettia a morte a cada momento. O ventre se elevou depois dos sete mezes em excesso, e até ao outavo mez lhe cahirão as unhas dos pés e mãos, o cabello, e a epidérme de todo o corpo. A febre era continua, com o caracter de héctica. Continuou a elevação do ventre até aos treze mezes, sem haver signal de parto. O embigo estava tão dilatado, que parecia proximo a romper-se. Acconselhei então, que fui consultado pela primeira vez, que se fizesse a abertura do embigo (3), a qual ouvidos outros votos, se praticou, sendo já decimo quarto mez depois que se julgou ter concebido.

Abrio-se o ventre no embigo com huma lanceta, e sahirão com impeto sessenta libras de hum liquido escuro, ichoroso, e de

(1) Esta mulher só teve huma filha do primeiro marido, e esta nasceu aos sete mezes de prenhez; ella mesma diz ter ouvido a sua mãe, que tambem nascêra dos sete mezes.

(2) A doente diz, que quando cessarão as dores no tumor, que tinha na virilha, começou a sentir movimentos muito violentos do feto sobre o estômago, mas de pouca duração.

(3) Eu persuadi-me que tinha havido huma concepção extra-uterina; havia votos de que a molestia era huma hydropesia, e por isso convierão na abertura.



hum cheiro cadaveroso (4). Continuou esta evacuação por muito tempo, julgando-se lançar por dia meia-libra de liquido, mas cada vez mais claro, e sem o antigo cheiro (5): e assim foi vivendo julgando-se cada vez melhor, até que se fechou a incisão. Passados alguns dias, tornou a inflamar-se o embigo, e vindo á supuração foi aberto de novo, sahio então hum osso, que era metade da maxilla inferior do feto: tornou a cicatrizar-se, e depois veio nova inflamação e supuração, sahindo mais quatorze ossos successivamente no espaço de hum mez (6). Cicatrisou-se a ferida, e nenhum osso mais appareceu, excepto hum que sahio por hum abscesso no perinéu, depois de estar fechado o embigo, e tendo passado já hum anno. Desde então gosa boa saúde, e nunca mais concebeo.

P. S. — Forão presentes a esta doença o Dr. Francisco de Oliveira Souto, Sogro da doente, Médico. O Dr. Antonio Simões da Silva, Médico. O Dr. Luiz Nunes Pimenta da Silva, Médico: e José Antonio, e José Pinto, Cirurgiões.

*Observações sobre o uso do fructo do Castanheiro da India, Æsculus Hippo-Castanum, Linn: Pelo mesmo Francisco Xavier de Almeida Pimenta.*

No anno de 1802 tive occasião de dar o fructo do Castanheiro da India a varios doentes, que padecião terças. Resolvi-me a usar d'elle triturado com a agoa em fórma d'emulsão.

Hum doente de idade de 20 annos padecia terças havia 8 dias;

(4) Diz o Cirurgião que fez a abertura, que seriam somente trinta libras: a doente sentia dentro em si depois d'esta evacuação grandes dores e picadas, que lhe fazião a mesma impressão, que lhe causaria huma quantidade d'ossos aguçados, e sem o liquido em que d'antes nadavão.

(5) Hum phenomeno célebre que apparecia quando o Cirurgião lhe injectava certo remedio, em que entrava tinctura de mirra, era que no mesmo momento em que a injeção entrava, começava a doente a sentir no paladar o gosto, e cheiro da mirra, salivando muito, e com o mesmo gosto na saliva.

(6) Os ossos não tem figura, á excepção do primeiro, por onde se conheço: entretanto pela grandeza dos que parecem ser costellas, não podia o feto ter mais de sete mezes.



tomou metade de huma castanha no dia da intermissão; teve algumas náuseas, e vomitos, e huma pequena dejecção alvina de bile: o paroxysmo não faltou; repeti o remedio, houve poucos vomitos, e pequenas dejecções; o paroxysmo faltou no seguinte dia.

Hum sujeito de idade de 30 annos, constituição athlética, foi accommettido de tercás. Tomou duas castanhas da mesma fórma; teve violentos vomitos, e huma excessiva diarrhéa; mandei-lhe dar huma emulsão opiada, que socegou ésta desordem; o doente não sentio mais paroxysmo, nem recahio.

Outro doente de idade de 30 annos, e de huma constituição mais debil, que padecia tercás, tomou huma castanha da mesma fórma no dia de apyrexia. Foi excessiva a descarga biliosa tanto por vômito, como inferiormente. Prescrevi-lhe a emulsão opiada, que fez parar o vômito, e diarrhéa; e o doente ficou livre de febre, e não recahio.

Desejava que os meus Collegas observassem os seus effeitos nas molestias do bofe, em que se dá a calumba, a aquina, e a polygala; e talvez se possa preferir a éstas em alguns casos, pois o nome lhe foi dado por curar algumas molestias d' ésta entranha nos cavallos.

15 de Abril de 1813.

---

*Extracto da Conta pertencente ao mez de Janeiro de 1813, dada por Manoel Tavares de Macedo, Médico do Partido da Camara de Torres-Védras, Provedoria da mesma Villa.*

Este Professor começa a sua Conta confessando a necessidade de fazer huma descripção topographica do districto da sua prática para melhor conhecimento das causas, e natureza das molestias; e promette empregar-se neste trabalho em occasião que lhe seja mais favoravel: declara não haver naquella Villa Casa de Expósitos; e sendo da mesma natureza as molestias que houve no Hospital, e nas Povoações, passa a tratar de todas simultaneamente da maneira seguinte:

*Qualidades das molestias.*

“Poucas são as molestias, que tem havido nestes sitios nos dous mezes do presente anno; mas tenho tratado 1.º d' algumas febres gástricas, quasi todas com predominio de bile, e éstas mesmas são pela maior parte acompanhadas de huma affecção catarrhosa, e mui poucas vezes de dor pleurítica — 2.º de febres in-



*térmittentes* ordinariamente terças, algumas quartãs, e outras com irregularidade de typo, e ésta molestia grassa mais nas pessoas menos abastadas — 3.<sup>o</sup> de dous ataques de *paralysis*; e 4.<sup>o</sup> de *molestias chônicas*.,,

#### Causas.

“Persuado-me que a causa geral das febres *biliosas*, que tem havido, além da predisposição dos sugeitos, são os máos alimentos, principalmente o milho, a que chamão de fóra, que estes Povos vão buscar a Lisboa, ou a Villa-Franca de Xira, o qual frequentemente he mal são (ainda que a maior parte do que tenho visto este anno, não he máo) porém assim mesmo se consomem neste Termo muitos centos de moios, tanto porque o que se cria no paiz não he em quantidade sufficiente, como por ser o de fóra mais barato. — Em quanto á complicação catarrhosa, que quasi constantemente vem associada a éstas febres, julgo ser causa mais que sufficiente o rigor dos grandes frios, que n'este inverno temos experimentado, sendo a ésta mesma complicação sujeita a classe mais indigente, por isso que a sua necessidade os obriga a expor-se mais ao ar frio e humido, a maior parte das vezes mal cobertos, e mal alimentados, faltando-lhe tambem a maior quantidade de bebidas espirituosas, que tinham em outros annos mais abundantes, e de que então abusavão pelo excesso, e tornavão em veneno, o que podia ser hum excellente preservativo de muitas molestias.,”

“As febres *intermittentes* tem n'estas terras muitas e diversas causas, mas a mais geral he sem dúvida a situação de huma parte das povoações, e até mesmo d'êsta Villa; porque são postas em valles pantanosos, e nas faldas de montes, que embaração as correntes do ar, tão necessarias para o purificar: n'êsta ordem estão por exemplo dous lugares, que distão d'êsta Villa pouco mais de meia legoa chamados hum o *Paul*, o outro *Fontegrada*: n'estas duas aldeas, que não são muito pequenas, todos os annos ha grandissima quantidade d'estas febres, principalmente no principio do verão, tempo, em que começam a seccar-se as muitas agoas estagnadas, que o rio *Sizandro* deixa nas suas visinhanças, quando trasborda, o que succede, quando tem havido qualquer pequena porção de chuva, por estar o alveo do rio muito entulhado, e ésta causa se torna mais nociva, por ser a posição d'estes lugares e cazaes visinhos na falda de hum monte todo coberto de pinhaes, que os abriga das bandas do Norte, e Nor-Oeste, impedindo que sejão ventilados. — No Outono costumão, como dice, os habitantes daquelles sitios padecer tambem muitas d'estas mesmas febres, accrescendo ás causas já mencionadas o abuso das fructas verdes, e das bebidas mal fermentadas, a irregularidade do tempo, etc. — He n'estas aldeas, e em outras semelhantemente situadas,



que se tem conservado alguns doentes de febres intermitentes, que as padecem desde o Outono todos com mais ou menos obstrucções nas visceras abdominaes, e até alguns se vem com hábito verdadeiramente cachético, inchados, etc. tudo por accreditarem mais em remedios, a que chamão cazeiros, que muitas vezes são até capazes de matar, e principalmente por fugirem á despeza das Boticas, e terem por desprezo entrarem no Hospital, o qual n'esta Villa he muito bem regulado, e optimamente provido de roupas, e de tudo quanto póde ser util aos enfermos. „

*Methodo curativo das molestias que mais grassarão.*

“As febres *biliosas*, e *bilioso-lymphaticas*, que não vem acompanhadas de symptomas inflammatorios, tem sido em geral curadas dispondo no primeiro e segundo dia (quando assim he necessario) a materia saburrosa, para ser eliminada superior ou inferiormente, segundo a indicação o pede; depois de feitas as evacuações necessarias, muitas vezes desaparece de todo a molestia; mas se vai por diante se faz uso dos remedios quinados, ou simples, ou combinados, e preparados com outros ingredientes de diversas qualidades, segundo as complicações, que se encontrão; mas n'estes dous mezes tem sido estas febres muito benignas, de fôrma que rarissimas vezes tem sido necessario fazer uso de muitos remedios.

“Não acontece o mesmo, quando ellas vem acompanhadas de hum affecção catarrhosa, o que n'estes dous mezes tem sido ordinario, como he proprio da estação, em que estamos: se o catarrho he inflammatorio, ou se reluz hum dór pleuritica, o tratamento d'estas molestias tem sido a sangria logo no principio, repetida, ou não, segundo se julga conveniente, dispondo ao mesmo tempo a saburra, e diluindo com algum remedio proprio para isto, como por exemplo a mistura salina simples feita em hum cosimento ou infusão accommodada ás circumstancias da molestia, e natureza do doente, sua idade, sexo, etc. Depois de feitas as evacuações necessarias, succede não poucas vezes, que os doentes se achão bons, tomando sómente alguns dos chamados peitoraes, aos quaes, se he necessario, se ajunta mais algum remedio. — Porém tambem acontece que, removida a complicação inflammatoria resta hum febre remittente, que se trata como tal, quando he simples, e com exito feliz. „

“As febres *intermittentes* tem sido tratadas com attenção ás causas, que apetei. Quando ellas são de poucos dias, e não são complicadas com outras molestias, são facéis de ceder aos remedios quinados, fazendo-se primeiro algumas evacuações, quando se julgão a proposito. — Porém se ellas são antigas, tem d'ordinario occasionado obstrucções em todas, ou em grande parte das glan-



dulas do baixo-ventre, e então combina-se a quina com os extractos das plantas chicoriaceas, com o de marrôes, com alguma porção de gomas resinas, os sabões, o ferro já em fôrma metálica, já na salina; em substância ou em dissolução, e para o dar d'êsta última fôrma prefiro communmente as agoas ferreas, de que temos n'êstas visinhanças várias fontes. Tambem não he demasiadamente raro, que depois do uso bem dirigido dos remedios acima ditos continuem as sezões, e neste caso tenho visto constantemente bom fructo da applicação dos banhos do mar, ou para melhor dizer do choque das ondas, com os quaes desaparecem os paroxysmos febris, vigorisão-se os doentes, e ainda quando tem sido sujeitos a sezões nao as tornão a padecer sem alguma grande causa.

“Os dous *Paralyticos*, que vi no mez de Janeiro, tiveram por causa occasional o exporem-se a hum frio vehemente, estando quentes em demasia; porque hum delles andando a lavrar em hum dia frigidissimo e ventoso, quando acabou o seu trabalho, estando muito quente pela fadiga e esforços que tinha feito, se pôz a descansar em hum lugar alto, onde corria muito vento, e foi logo então accommettido d'êsta molestia, ficando lêso de todo o lado direito, com *tortura oris*, aphónico, e sem tino algum. Fui chamado logo, mandei que o mettessem na cama, e o agasalhassem bem, e lhe fizessem esfregações por todo aquelle lado, e por toda a espinha dorsal com espirito de vinho, a que mandei ajuntar alguma tinctura de cantharidas, e logo depois que lhe fizessem fricções sêccas com huma baeta defumada em alfazema e almêcega; tanto humas como outras mandei continuar algumas vezes por dia, augmentando gradualmente as substancias estimulantes: ordenei que immediatamente se lhe desse huma bebida morna, que restabelecesse a transpiração. Como não havia signaes de turgencia nos vasos sanguineos, não sangrei; pozerão-se-lhe sinapismos, e causticos volantes, porque eu conhecia o doente, e sabia que não se lhe devia fazer evacuação alguma: passados dous dias começou o homem a ter conhecimento, e a fallar, e em tres semanas para quatro se restabeleceu, tendo usado tambem d' humas pilulas compostas de extracto d'arnica, dito de valeriana, e de guaiaco, a que juntei huma muito pequena porção de flores de zinco, e presentemente se acha perfeitamente bom á excepção de sentir huma especie de formigueiro (como elle s' explica) por todo aquelle lado, mas anda, falla, e trabalha; esquecia-me dizer que elle teve muita constipação de ventre, e por isso foi necessario dar-lhe mézinhos de cosimento de tabaco de folha, e electuario de senne, e isto com o fim de lhe soltar o ventre, e de dar acção aos intestinos.

“Outro homem *Paralytico*, de que acima fallei, he rico, e tem meza lauta, era muito dado á caça, e se tinha deixado d'este



exercício, ainda que d'alguma fôrma se exercitava, mas não tanto, nem com tanta violencia, porque era somente passeando. Este enfermo tem 54 annos; he bem constituido, grosso, corado, e medianamente gordo, muito sujeito desde rapaz a ter evacuações de sangue pelo nariz, e mesmo poucos dias antes de ser accommettido d'esta molestia, tinha tido esta evacuação. Na occasião, em que foi atacado, estava-se lavando com agoa quente, e chegou a huma janella n'esta mesma acção, fazendo vento muito frio, e logo teve huma paralytia na face do lado direito, ficando com a *tortura oris*; e custava muito a entender o que elle dizia, quando fallava: este foi logo sangrado, quanto pareceo bastante; tomou tambem evacuantes alvins da classe dos chamados antiphlogisticos; depois de feitas estas evacuações passou-se ao uso dos remedios capazes de chamar aquella parte a acção nervosa, e com effeito está melhor, mas ainda conserva tal ou qual defeito na bocca, que penso se dissipará com os remedios, que lhe tenho prescripto, entre os quaes são os banhos das Caldas, em o tempo seio-capaz.

Termina esta Conta enumerando o seu A. as principaes molestias *chronicas* que ha naquelles sitios; e vem a ser *hydropestias*, e *lepras* de todas as especies. O muito que resta saber ainda sobre a natureza, tratamento, etc. da lepra; os males que podem seguir-se da propagação d'este terrivel mal, como o A. bem pondera, são sobejos motivos para que se espere que os Facultativos, a quem semelhantes casos são mais obvios, communicuem as suas observações e juizo medico sobre esta molestia, pois só d'este modo se poderá aperfeiçoar esta parte da Medicina, e d'ahi deduzir as providencias, que o bem da humanidade, e a segurança da saude pública exigem de quem cura.

Torres-Védras 14 de Fevereiro de 1813.

---

Breve Relação das molestias, que costumão grassar em Villa-Franca de Xira, e Povos, suas causas, e tratamento; e das que particularmente grassarão no mez de Janeiro do presente anno, dada por Antonio Jacintho Vidal, Medico das Camaras das ditas Villas, Provedoria de Torres-Védras.

Villa-Franca de Xira está situada n' huma planicie na margem direita do Têjo a cinco legoas da Capital deste Reino: ella he dominada por montes ao Norte, os quaes immediatamente se elevão, principalmente pelo denominado Monte Gordo, no qual, pe-



la sua grande altura, está collocado hum Telégraphio : ao Sul he ésta Villa banhada pelo Téjo, que, nas suas grandes enchentes, inunda huma pequena parte da sua Povoação : ao Nascente he terminada pela Estrada Real, que conduz a Leiria, e por algumas quintas, e pomares : ao Poente pela estrada, que dirige a Lisboa, e por terras de pão.

Tinha ésta Povoação, antes da invasão do Exército Francez, commandado por Massena, 1:400 fôgos, e 5:500 almas, comprehendendo o seu pequeno Termo, o qual se não estende a mais de meia legoa para a parte do Norte : agora, sendo a que pela sua situação, e mais circumstancias muito depressa se restabeleceo, terá 1:100 fôgos, e 4:000 almas.

O Commércio e a Lavoura são os dous ramos de indústriã, em que geralmente se occupão todas as classes do Povo, cada hum proporcionalmente á sua condição.

O grande Porto de mar, o melhor de todo o Riba-Téjo, a sua situação média na parte mais navegavel do Téjo, e que he inundada pelas marés, offerece a ésta Villa as maiores vantagens, que se deduzem da facil importação e exportação de todos os generos, e effeitos, sustentando por isso grandes relações commerciaes com huma grande parte da Provincia da Extremadura, comprehendendo particularmente as Comarcas de Torres-Védras, Riba-Téjo, Alemquer, Alcobaça, e Leiria.

O grande giro de gente, e transportes, que estragão as calçadas continuamente, a planície das ruas sem aqueductos ou escoadouros, que arrastem a terra, e as immundicias para o Téjo, e o pouco cuidado em as limpar, são circumstancias, que tornão ésta Villa muito immunda, e lamacenta no inverno, e de muita poeira no verão.

As agoas, de que ainda não fiz a analyse, são geralmente consideradas muito más, ainda mesmo por tradição : com effeito, o seu sabor he ingrato, e o seu peso muito grande, naturalmente pela muita terra, que tem em dissolução, e ás vezes, no tempo do inverno, em suspensão.

A Agricultura, que em fazendas he mui pouco significante, he consideravel em lavoura : as grandes lavouras, que os moradores d' ésta terra fazem nos immensos campos da margem esquerda do Téjo, que lhe fica fronteira, são o manancial da sua riqueza, assim como tambem o são das muitas, e mui graves molestias, a que os individuos empregados nos laboriosos trabalhos, que se exigem para semelhantes lavouras, são sujeitos.

As molestias agudissimas de todas as estações quasi sempre recahem nos homens chamados trabalhadores de Liziria.

No tempo do inverno expostos a todo o rigor do tempo, quasi sem abrigo, pouco auxiliados de liquores fermentados e espirituosos, respirando huma atmosphaera muito humida, mergulhados quasi



sempre em agoa, e em lodo (principalmente os chamados valadores), bebendo agoas barrentas, etc., estes homens padecem graves peripneumonias, typhos, etc., sendo principalmente depois das enchentes, que se exigem os seus mais assíduos cuidados.

O tempo das ceifas, que são feitas quando o Sol he mais ardente, e escalda com os seus raios quasi prependiculars o nosso sólo, sacrifica a immensas molestias não só os trabalhadores d'êsta terra, mas tambem os immensos homens, que ambicionando os grandes jornaes, concorrem de todas as partes.

Aqui se gerão muitos focos de contágios, que vão grassar ás vezes a grandes distancias d'êsta Villa. Quando eu exercitava a minha Faculdade na Villa d' Arruda, observei que as graves molestias, ou fossem febres intermittentes, remittentes, ou typhos, do tempo do estio erão trazidas ordinariamente dos escaldados campos das Lizirias de Villa-Franca.

Os Proprietarios, e os muitos empregados nos Almojarifados, a quem os seus interesses, e as partilhas obrigão a passar ás Lizirias, e ahi demorarem-se, igualmente estão sujeitos ás mesmas molestias.

As febres intermittentes e remittentes são tão frequentes n'este paiz que a poucas pessoas perdoão: em todas as estações, principalmente no estio e outomno, ellas são o flagello d'êsta Povoação, que devastão lentamente, induzindo-lhe obstrucções, hydropesias, e outras affecções chônicas, a que finalmente succumbem; ainda mesmo porque éstas complicações engravescem as outras molestias accidentaes, que por isso se tornão mais mortíferas.

Não obstante he a classe inferior do Povo, que mais particularmente está sujeita a éstas consequencias: sem meios sufficientes para bem se curarem, e tornando aos seus penosos trabalhos mal convallescidos, elles padecem frequentes recalidas de febres intermittentes, com quem finalmente se familiarisão abandonando todos os meios de cura, ou sómente procurando remedios particulares, e misteriosos. As pessoas mais abonadas e civilisadas, reconhecendo na quina, e suas preparações o poderoso especifico para a sua molestia, mais facilmente se sujeitão a hum tratamento activo, com que se obtem com muita facilidade a suspensão dos accessos.

O uso da agoa ingleza, e da quina em pó he tão familiar, e as suas doses, e quantidades tão conhecidas, que poucas vezes he chamado Facultativo para o caso de simples febres intermittentes, e algumas vezes remittentes. O uso dos vomitorios he quasi geralmente abandonado pela classe mais sensata, reconhecendo, por observação, pouca vantagem n'hum preparativo, que não lhe dispensando logo depois a quina, ou as suas preparações em grandes



dóres, he não fez mais do que aproximar-he, e augmentar-he o accesso.

Com effeito as febres intermitentes e remittentes, que grassão em toda esta margem do Têjo no tempo do estio, não são de natureza biliosa, e apenas algumas poderão pertencer á 2.<sup>a</sup> ordem meningo-gástrica de Pinel. O torpor da pelle, e das visceras abdominaes he quasi sempre augmentado com o uso dos evacuantes, e os accessos, que se seguem á sua applicação, são ordinariamente maiores. Apenas se exige n'alguns casos de febres remittentes contemporisar ao principio com alguns brandos amargos combinados com o ruibarbo, ou alguns saes neutros, passando logo ao uso da quina. O uso dos epispásticos, removendo o torpor da pelle, e associadamente o das visceras abdominaes, he muito coadjuvante para a cura d'estas febres intermitentes, e remittentes do estio.

No tempo do outomno, em que semelhantes febres ainda continuão a grassar com grande força, os vomitorios são então mais indicados, e muito principalmente no tempo do inverno. São óbvias as razões, que se concilião com esta prática, sendo então muito maiores as congestões abdominaes, e muito grande a disposição para a sthenia, ou molestias irritativas.

Desd' o anno de 1811 que n'esta terra não tem grassado epidemia, ou contágio algum. As molestias que mais geralmente apparecêrão no mez de Janeiro d'este anno, forão as da quadra ou estação, particularmente as pneumonias: alguns doentes tem sido sacrificados pelas peripneumonias, pleurizes, etc.; porém os catarrhos forão geralmente curados.

A gravidade d'estas molestias tem recaído em pessoas pobres, ou grosseiras, os quaes só procurarão auxilios médicos no quarto ou quinto dia de molestia, tempo em que, tendo transcendido a inflammiação a huma parte maior do pulmão, e tendo-se mais augmentado a congestão, se torna a sua cura muito difficulosa, e quasi impossivel.

A sangria, que teria n'alguns dos ditos casos, todo o lugar no principio d'estas molestias, foi geralmente por mim rejeitada em semelhante periodo de molestia, em que eu principiei a tratar taes doentes: forão tentados infructuosamente os antimonias, scilla, polygala, gomma ammoniaco, os vesicatorios, etc.

A maior parte dos doentes fallecidos d'estas molestias forão do Hospital d'esta terra, os quaes não passarão de quatro, aonde tambem se curarão alguns, que a tempo procurarão os auxilios médicos.

He escusado fazer a descripção d'esta molestia, que atacaria dore dos por mim tratados, sendo os seus symptomas nos seus differentes periodos conformes ás discripções dos Authores em geral.



Hum Cirurgião habil d'êsta terra me informa que estas molestias são aqui muito fataes nos mezes de Janeiro, e Fevereiro, seja qual fôr o seu tratamento, o qual, segundo elle, era muito variado ha annos pelo Médico meu antecessor (aliás habil); porém eu inclino-me a crêr que a sua fatalidade se deve attribuir á circunstancia por mim já indicada.

A pequena Villa de Póvos, aonde apenas houve duzentos fôgos, comprehendendo o seu Termo, está situada na estrada real a hum quarto de legoa ao Nascente de Villa-Franca; ella fica separada da margem do Têjo por grandes fazendas de pomares; unico recurso d'alguns moradores d'êsta terra: a grande fábrica de curtimentos de sóla, e a cultura dos ditos pomares, attrahem ainda aqui alguma Povoação, que aliás se teria já reduzido a hum pequeno lugar. Montes muito elevados a dominão, ameaçando cahir sobre ella da parte do Norte.

Parce que aqui nasceo o germe das febres intermitentes, nenhum individuo aqui residente por algum tempo se poderá gabar de as não ter padecido. He tradição que êsta circunstancia, e a falta de cães, que foi entulhado pela arêa, tem sido a causa da diminuição da Povoação d'êsta Villa, aonde ha Juiz de Fóra, e aonde he a residencia do Corregedor da Comarca de Ribá-Têjo.

Villa-Franca de Xira 10 de Fevereiro de 1813.

---

*Discurso sobre a causa da Epidemia, acontecida na Praça de Peniche, no anno de 1809, e parte de 1810, e das Febres da mesma classe, que apparecem todos os annos: por Paulino da Rocha, primeiro Cirurgião do Hospital Militar da mesma Praça.*

Peniche está situada 12 legoas ao Norte de Lisboa sobre a costa. Esta povoação fórma huma Península, tendo sómente huma pequena porção de terra, ou praia da parte do Nascente, que pela occasião de marés grandes, ou agoas vivas, fica inteiramente inundada, tornando-se por este motivo em huma completa Ilha. No tempo, em que o inimigo ameaçava Portugal, construiu-se da parte de terra hum grande fôso, de sorte que nas marés grandes, a agoa entrava facil, e abundantemente, e d'este modo ficava a Praça cercada de mar em toda a sua circumferencia.

Peniche, além deste fôso, tem várias aberturas que penetrao para o interior da Península (e suas praias são de pequeno



espaço): estas aberturas são denominadas vulgarmente da maneira seguinte; *O Portinho de Revés*, aonde principia o fôssô da parte do Sul, pouco distante d'este lugar, a *Praia das Cabanas*, o *Carreiro contiguo ao alto da Vella*, ao Noroeste os *Cortições*, e *Pôrto d'Arcia*, e ao Norte ha outro *Pôrto d'Arcia*: acontece constantemente todos os annos, desde o primeiro de Setembro, até ao fim de Novembro, o deitar o mar grande quantidade de Limo, que entra pelas differentes aberturas, e muito principalmente quando se trabalhava em abrir o fôssô (tempo em que grassou a Epidemia); e como a força das agoas era dirigida para este lugar, o Limo entrava igualmente em grande abundancia, deixando de ir para terra como antecedentemente ia; este Limo he tirado todos os annos pelos Lavradores, que o aproveitam, assim como tudo o mais que o mar lança, para estercarem as suas terras, mas no tempo em que grassou a Epidemia, achava-se junta infinita quantidade de Limo nos lugares já ditos, por que n'este anno não foi tirado pelos Lavradores conforme costumão, por andarem empregados nas differentes Obras da Fortificação, assim como a maior parte dos habitantes. Este Limo depois de apodrecer deita hum fetido terrível, e pestilente, bem semelhante ao cheiro que exhalão os animaes mortos, expostos ao rigor do tempo. Eu já tinha observado nos annos antecedentes, o haver sempre n'este tempo carbunculos; he certo que o dito Limo he bem aproveitado pelos Lavradores, mas deitando-o á superficie das terras, fica igualmente sujeito á mesma corrupção, e os habitantes expostos ás suas exalações.

Por tanto, depois da Epidemia, tenho analysado miudamente todas as molestias, que tem havido, para conhecer exactamente a sua origem; bem me tenho inteirado da história Epidémica n'aquelle tempo, pois tenho o Partido da Corporação Maritima, e assistido a todas as molestias pertencentes ao Ramo de Medicina, em razão de fallecer naquelle tempo o Médico do Partido, e tenho verificado o que no tempo da Epidemia já presumia, e desconfiava, por que tenho observado que as Febres e molestias, que houve depois da Epidemia, são da mesma classe, e qualidade das que grassarão no tempo d'ella.

Estas molestias ou Febres principião com dores de cabeça, a lingua muito saburrosa no principio, e grande mollêza no corpo, passados poucos dias apparecem petechias, e abatimento de pulso; e muitos, quando se queixavão, já trazião das ditas petechias, ainda que pequenas, que augmentão á proporção do progresso da molestia, quando se não atalhão cuidadosamente com os diffusivos, e antifebris.

N'estes dous annos tenho tratado effectivamente estas mesmas Febres no tempo já dito; e particularmente faço menção de hum Lavrador, que indo em 1812 carregar o Limo que tinha



junto, e o qual estava na força da putrefacção, ali mesmo foi accommettido da dita Febre; de fôrma que veio para a cama, e no dia seguinte lhe apparecêrão as petechias da mesma maneira; este homem esteve em grande perigo de vida, e pela história da sua molestia vim no claro, e perfeito conhecimento da causa primaria da Epidemia, acontecida em 1809, e parte de 1810; e para isto concorreo muito a entrada da immensa gente miseravel, que n'esse tempo aqui se refugiou dos insultos e oppressões do inimigo. A analyse porém, que tenho feito sôbre este objecto, não me deixa duvidar, de que a causa essencial sempre foi a grande abundancia de Limo corrupto, que havia em diferentes lugares da Praça, onde ainda hoje existe, em menos quantidade, mas não deixando todavia de ser muito damnoso, e prejudicial á saude dos habitantes, por que o vento de qualquer parte, que esteja, faz com que estes vapôres pestilentes sejam dirigidos ao interior da Praça. As pessoas que emigrarão para esta Praça em o dito tempo, assim como os individuos do Recrutamento Geral do Exército, que aqui se achavão, forão com particularidade os que padecêrão mais, em razão de lhes serem desconhecidos estes ares e clima.

Peniche não tem dentro de si arvoredos algum, para que os gazes mephiticos, e filhos da corrupção sejam absorvidos, e por consequencia erão e são empregados nos habitantes; sómente ha poucas, e pequenas Pereiras pelas Vinhas, e a experiencia tem mostrado, que nem crescem, nem produzem quasi nada, por causa dos ventos mandarem as espumas salgadas para dentro da Peninsula.

Ha novamente dentro d'êsta Praça tres lugares pantanosos de agoa salgada, que nas marés grandes fica estagnada n'estes sitios, e vem a ser os seguintes; O *Borraçal*, á entrada da Praça ao Nascente, e dous proximos á Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, situados ao Nascente; tenho por certo, que a não se cuidar com todo o desvello em tirar as agoas corruptas, que existem nos ditos lugares, e fazer com que não possam entrar mais, deve esperar-se a terrivel Epidemia. Parece-me convir que a menor porção de Limo, que apparecer, seja sem demora tirada para as fazendas, e os Proprietarios d'ellas obrigados a cubrillo logo com muita terra, a fim de passar o tempo da putrefacção, debaixo da mesma terra; por este meio talvez terminem as molestias d'êsta classe, assim como os Carbunculos, que tanto apparecem no referido tempo.

Peniche he sem dúvida muito saudavel, por que a não serem as molestias já ditas originadas pelos referidos motivos, não se conhecem outras, á excepção de algumas de pelle, como sarna, etc., motivadas pelo largo uso de cavalla salgada, e pela falta de limpeza nas pessoas indigentes, de maneira que sendo a



a Febre intermittente, tão usual em Portugal, em Peniche he quasi desconhecida; e aquellas pessoas, que padecem éstas molestias, e são de fóra da Praça, vindo para aqui, curão-se facilmente, o que não conseguem nos seus domicilios, fazendo grande uso de remedios.

Tenho analysado escrupulosamente tudo quanto julgo ser do meu dever, e obrigação; e com effeito vim no conhecimento verdadeiro, de que dos motivos expostos provinhão éstas molestias no tempo já referido.

Tenho igualmente principiado a analysar as agoas doces d'és- ta Praça, e para o futuro mostrarei a sua qualidade.

*Peniche 9 de Fevereiro de 1813.*

*Extracto da Conta, pertencente ao mez de Janeiro, dada por Theotónio Pinto da Cunha, Médico do Partido de O'var, Provedoria de Aveiro.*

O'var he huma Villa da Provincia da Beira, situada a meia legoa do mar, e a 5 legoas das Cidades de Aveiro e Porto, entre as quaes está collocada. E'sta Villa tem o comprimento de hum quarto de legoa de Norte a Sul, e de menos da terça parte de Nascente a Poente: he plana, suas ruas largas, e sempre muito limpas. O terreno he arenoso, porém apezar d'isto he fertil á custa da indústria dos póvos. Por todo o comprimento da Villa ao Nascente corre hum pequeno rio, que entrando no meio d'és- ta, une-se a outro, que o corta em angulo recto, e ambos unidos na direcção exposta, vão lançar suas agoas na grande Ria de Aveiro. Tem algumas fontes de boas e abundantes agoas. Não ha pântanos ou charcos, que prejudiquem a saude dos póvos.

O clima he temperado. Além d'ouros ventos o Sul e Norte são mui constantes; o segundo mais, e de verão mitiga muito o calor, que em outras terras se faz sentir ardentissimo.

E'sta Villa he muito povoada, pois com os seus suburbios, que farão a terça parte do todo, conta acima de 3,500 fogos, que abrigão mais de 20,000 habitantes, dos quaes a terça parte será de menor idade. Hum terço d'és- ta povoação occupa-se na péscia do mar ou do rio, quando aquelle a não permite. O estado physico dos habitantes he bello: são pela maior parte altos, membrudos, proporcionados, robustos, de boas côres, laboriosos, e soffrem grandes trabalhos, a que são habituados desde crianças, bem como ao frio e calor; alguns vivem longos annos e com robustez.



Ha dous modos principaes de vida nos habitantes de Ovar, a que se deve attender em quanto podem figurar como causas de molestias: o 1.<sup>o</sup> he o da pesca: o 2.<sup>o</sup> o officio de fazer louça. — O officio da pesca he muito laborioso e penoso: exige muito animo para se atreverem a sulcar as ondas em hum pequeno barco, e governallo muitas vezes debaixo de temporal; depois do que segue-se o grande trabalho no aproveitamento da pesca, que se faz á custa de muitas forças. Os pescadores são obrigados de inverno a ir meia legoa ao mar duas horas antes do dia, expostos á maior força do frio, á humidade do ar, e molhando todo o corpo com as ondas: pelo contrario de verão soffrem sem o menor abrigo o intenso calor do Sol. Como a pesca he muito contingente, por isso quando o mar a não permite, os pescadores vivem em indigencia, empregão-se em trabalhos superiores ás suas forças, e usão de máos alimentos; do que tudo nascem muitos males e molestias. O trabalho dos Oleiros não deixa de ser penoso, e mais ainda de inverno, sendo obrigados a estar mal vestidos, com as pernas nuas, e as mãos sempre molhadas.

A falta, e má qualidade de alimento, indigestões por debilidade do estômago, a mudança repentina de frio para calor, e *vice versa*, a irregularidade das estações, e o excessivo trabalho são as causas mais frequentes e provaveis das molestias a que estão sujeitos os moradores d'êsta Villa.

As molestias, que mais grassarão no mez de Janeiro, serão febres intermittentes, remittentes, da mesma indole das intermittentes, catarrhaes, e diarrhéas. A marcha, e tratamento d'êstas molestias não apresentou circumstancias dignas de particular nota.

---

Extracto da Conta, pertencente ao mez de Janeiro, dada por Joaquim Pereira de Sousa, Cirurgião de Villa-Alva, Provedoria de Béja.

Não tendo occorrido no mez de Janeiro caso algum Cirurgico digno de especial nota, para o que muito concorre a pequenez da povoação, este Facultativo, querendo mostrar quanto deseja cumprir com as Regias Determinações, propõe-se a tratar de algumas affecções mui vulgares n'êsta Villa, mas de que o povo ordinariamente se não trata julgando-as ou de pouca entidade, ou talvez incapazes de admittir cura alguma radical ou palliativa: taes são as *hernias verdadeiras*, *úlceras chronicas das pernas*, *hydroceles*, *sarcóceles*, *ophthalmias*, *enfartos das glandulas lymphaticas*, *hemorrhoidas*, *estomacáceas*, ou *inflammções atónicas*,



e escorbúticas das gengivas, várias erupções de pelle, incluindo a tinha, etc. — N'êsta Conta de Janeiro trata das *hernias verdadeiras*, e das *úlceras crônicas das pernas*; sobre os quaes objectos diz o seguinte.

“Chamo *hernia verdadeira* a todo o tumor formado por alguma viscera, ou parte d'ella, deslocada, e passada a travez de alguma abertura. Dividem-se as *hernias verdadeiras* em generos, que derivão seus nomes da região do corpo, onde se formão; por exemplo, *inguinal*, a que apparece na região inguinal, ou virilha; *crural*, a que se forma por baixo da arcada crural; *umbilical*, a do embigo; *ventraes*, as que apparecem em algum ponto das paredes do ventre, etc. Dividem-se ainda estes generos em especies, segundo as partes encerradas no tumor; por exemplo, *enteroceles*, quando a *hernia* he formada por huma porção do canal intestinal; *epiplocele*, sendo feita por porção de epiploon; *entero-epiplocele*, a que he formada por hum e outro órgão, etc. éstas tres especies do genero *inguinal*, são as que mais frequentemente se apresentam aqui, e por isso não fallarei de outras.”

“Para a formação de huma *hernia inguinal*, he necessario o concurso de duas causas, predisponente, e excitante; a primeira he sempre a relaxação do mesentério e epiploon, e a segunda a diminuição rápida da cavidade do abdomen por qualquer causa, como tossir, espirrar, cantar, saltar, levantar grandes pesos, etc.”

“O Povo de *Villa-Alva*, empregado pela maior parte na cultura das vinhas de que subsiste, não podendo poupar-se a violentos esforços, tem n'elles sufficiente causa excitante de *hernias*, tendo adquirido a predisponente com a idade, e abuso de bebidas espirituosas, a que excessivamente se entrega.”

“Os intestinos, no estado de relaxação, comprimidos em todos os pontos circumferentes da cavidade, pela contracção simultanea dos musculos abdominaes, procurão, como órgãos fluctuantes, escapar-se por aquellas partes que lhes offerecem menor resistencia, taes são ordinariamente os anneis inguinaes, umbilical, etc., cujas aberturas participando das mesmas causas debilitantes, cedem promptamente, e deixão passar as partes, que as forção. He então que a molestia se apresenta na fórma de hum tumor redondo, flexivel, sem mudança de cor na pelle, que na virilha toma o nome de *bubonocèle* ou *hernia incompleta*. A sua apparição, algumas vezes acompanhada de dôr, vômitos, etc., surprehende por alguns momentos o enfermo, até que informado de que tem huma quebradura (como vulgarmente se diz) desterra todo o susto, e raras vezes procura meios de a remediar.”

“As causas, continuando a obrar, augmentão a enfermidade, e a tornão ás vezes perigosa, e mesmo mortal; eis o tempo de se chamar em soccorro o Cirurgião; porém, quasi sempre



sem fructo; huma nova porção de intestino, impellida por hum novo esforço contra o anel inguinal, póde soffrer certo gráo de suffocação capaz de produzir huma especie de *enterite*, de que ainda não vi escapar enfermo. Outras vezes, a porção de intestino, que occupa o anel, adquire com o tempo certo gráo de apêrto, que tornando impraticavel o trázito das materias feaes, estas se accumulão no sacco herniario, e causão huma especie de extrangulação astaz arriscada. Quando porém nada disto acontece, as partes contidas no dito sacco descem, passado algum tempo, ao escroto, e formão a *hernia completa*, ou *escrotal*; que, vindo a ganhar adherencias, fica incapaz de redução. „

„ Tenho dado a história de huma enfermidade, que aqui ataca a terça parte dos Habitantes de sexo masculino na declinação da idade, sem soffrer o menor curativo, excepto a applicação de algum emplastro adstringente no principio; e a das fundas incapazes, por mal feitas, de se opporem á nova sahida das partes; propriedade, que só acho nas elasticas, mas que por caras e distantes difficilmente aqui se obtem. „

„ Não tenho noticia de que a presente molestia se tenha curado alguma vez radicalmente, salvo na infancia, em que muitas vezes basta huma simples, ajustada, e permanente ligadura. Ouço porém a todas as pessoas da Povoação grandes elogios de huma especie de cardo, que conhecem pelo nome de *cardazol*; a favor do qual citão hum grande número de factos, que o fazem digno de huma exacta observação; fico desejando occasiões, em que possa experimentar os encarecidos effeitos de hum remedio tão facil, em molestia de tão difficil cura. Qual seria a minha satisfação, se tivesse a fortuna de fazer hum serviço tão util á Arte, e á Humanidade! „

„ Quanto ao curativo methodico no estado de *hernia incompleta*, não conheço outro, além da *taxis* coberta, e a applicação da funda elastica. Nada confio nos emplastros, ou outros quaisquer meios sempre inefficazes. No caso de suffocação inflammatoria tem lugar o methodo antislogistico local e constitucional. Na suffocação espasmodica, utiliza o uso dos laxantes combinados gradativamente com os antispasmodicos; localmente, os emollientes com os ligeiros tónicos, etc. Não fallarei da *taxis* descoberta, nem da *herniotomia* na *hernia encarcerada*; operações, a que jámais se sujeita o doente, e que por isso só tem lugar nos Hospitales. Quanto ás *hernias escrotaes*, e com adherencias, devem paliar-se com dieta nutritiva e humectante, conservando sempre a lubricidade do ventre por cristeis emollientes, brandos laxantes, etc., e localmente hum suspensorio. „

„ Não tendo mais que dizer de huma molestia, a que nunca assisto, passo a tratar daquellas *úlceras chônicas*, que atacam as pernas, e de que ha hum número não inferior ao das hernias, bem como igual desprezo no seu curativo. „ D



"Eu divido pois as úlceras em *simples*, e *constitucionaes*; as primeiras, são aquellas que não sendo produzidas ou entretidas por affecção geral, salva a debilidade da constituição, tirão o seu caracter do estado do sólido atacado; estas são aqui as mais frequentes, assim como também o são nos velhos, e cacoquymios, mórmente nos que percisão ter por muito tempo as pernas em humia posição vertical.,,

"Esta molestia começa ordinariamente por humia ferida mal curada, humia erisipéla despresada ou suppurada, por humia erupção da pelle excoriada pelo coçar, etc. A solução de continuidade com secreção de pus a estabelece; a debilidade do sólido atacado a entretém; e o desprezo do enfermo a conduz ao estado de incuravel.,,

"He muito provavel, que a occupação nos trabalhos do campo, principalmente nos pobres, cuja indigencia lhes não permite a sufficiente nutrição; os grandes frios que no inverno devem atacar-lhes partes de menos vida, pouco abrigadas, e cansadas de baixo de hum grande e continuo pézo, e o excessivo abuso dos licôres espirituosos, possam dar-se por causas predisponentes das úlceras das pernas. Os vazos d'estes membros, perdendo humia grande parte das suas propriedades vitaes, em consequencia d'esta serie de causas debilitantes, deixão accumular os seus respectivos fluidos, e mórmente aquelles que devem subir contra o seu pézo. Devo ajuntar, que em partes tão remotas do centro he sempre o movimento circulatorio mais frôxo. N'estas circumstancias, vemos que para a formação da úlcera só falta a acção de humia pequena causa excitante; tal como humia ligeira erosão de epiderme, humia leve flogose, humia pequena ferida, etc., que sendo seguida da inflammacção suppurativa, não tarda a apresentar hum caracter de atonia, e estabelecer o estado chronico, e quasi sempre incuravel das úlceras sobreditas. Não obstante o enfermo continúa o seu modo de vida como no estado de saúde, sem regimen, ou curativo algum, á excepção da applicação local do primeiro unguento, que lembra, ou lhe aconselhaõ. A continúa secreção do pus entra passado tempo na ordem das funcções necessarias, e estabelecido pela natureza o equilibrio dos sólidos com os fluidos na presença d'esta evacuação diaria, jámais poderá suspender-se, sem a fracção d'aquelle, e por conseguinte sem a perturbação das funcções. A repugnancia porém, que os doentes tem a curar-se methodicamente, não me escusa de referir o curativo adoptado pelos melhores Prácticos modernos.,,

"Deve pois começar o curativo das *úlceras simples das pernas* pelo repouso em humia situação horizontal, e regimen conveniente. Estes meios da hygiene são tão interessantes, que bastão muitas vezes para diminuir consideravelmente a molestia.,,



Na presença de symptomas gástricos convém os emeticos; precedidos, e seguidos dos diluentes laxantes, e acidulados, mormente se a *úlçera* está inflammada; a que se deverá ajuntar a applicação local das cataplasmas emollientes, e brandos digestivos.

Quando a *úlçera* apresenta signaes de debilidade da fibra, exige os digestivos animados, e os banhos de cozimentos deterisivos, taes como o cozimento vinhoso das plantas amargas, o de quina, escordio com sal ammoniaco, o das plantas aromaticas, etc. No caso de grande sordicie tenho visto bons effeitos da cataplasma americana, applicada immediatamente á superficie ulcerada, 2 ou 3 vezes por dia.

Quando com a *úlçera* existe huma debilidade constitucional, como se observa sempre nos velhos, valetudinarios, he preciso unir ao tratamento tónico local o geral; os amargos tem sido de grande utilidade, e especialmente a quina, em vinho; em extracto, e em substancia, segundo parece mais conveniente. He igualmente necessaria a dieta nutritiva, em que entre o uso de bom vinho. Os curativos devem ser repetidos segundo a abundancia do pús; e sempre acautelando a *úlçera* da impressão do ar.

Não acho expressões que bastem a mostrar a utilidade da ligadura nas *úlceras atônicas*; ella he o tónico de que se tem tirado melhor fructo, applicando-a, com hum moderado grão de apêrto, em fôrma espiral, desde o metatarso até á parte superior da perna; ella se pôde fazer com huma tira de pano de linho puído, e cortada a fio direito, sem bainha nem ourêla: a melhor porém, he a formada de baetilha de lã fina; o doente deve usalla ainda quando tenha conseguido a cicatrização da *úlçera*, para evitar a sua recalhida, que tão frequentemente vem.

Se a cicatrização se obtem em *úlçera*, que tenha mais de hum anno, he preciso precaver a desordem, que a suppressão da sua evacuação pôde produzir: substituindo ésta com outra methodica, isto he como hum cauterio na parte inferior e interna da côxa, ou na superior interna da perna, tomando de mezes a mezes algum purgante, e ainda durante a *úlçera*, o que contribue muito para a sua cicatrização. Estas evacuações methodicas, podem tornar-se, passado o tempo que parecer conveniente, desnecessarias; e supprimem-se, alongando os intervallos dos purgantes, e diminuindo gradualmente o grão, ou bolinha de cera, que entretem o cauterio.

Se a *úlçera* porém he assaz inveterada, o Cirurgião deve usar d'estes meios de precaução, com todo o desvello, e vigilancia; e ao menor accidente, que sobrevenha, restabelecer as ditas evacuações em todo o seu vigor; e em tal caso o doente será obrigado a soffrellas toda a vida, para evitar a molestia, ou as



funestas consequencias, que muitas vezes se seguem á sua radical cura. Tenho exposto com a brevidade, que pede huma relação, a história, e curativo das duas mais frequentes enfermidades cirurgicas; irei successivamente fallando das que restão, mencionadas no princípio deste escripto.

*Extracto da Conta pertencente ao mez de Janeiro, dada por José Francisco da Costa Herrera, Cirurgião dos Partidos de Odemira, Provedoria do Algarve.*

A Villa de Odemira está situada em hum lugar baixo, cercada ao Norte, Este, e Sul por huma serra, continuacão da *Serra Morena*, e ao Oeste por hum grande areal, que se vai banhar no Oceano: as agoas das chuvas, que vem dos montes, atravessão a planicie, e a cem passos da Villa entrão em hum rio: o areal, que tem 6 legoas de N. a S. e mais de 3 de E. a O., dá mui pequeno escudouro ás agoas da chuva, e por isso se formão nelle immensos pantanos, origem de *febres intermitentes*, endémicas n'este paiz, e que grassão em todas as estações do anno.

Refere este Cirurgião que no estio forão mui frequentes as *dysenterias*, e os *carbunculos*; e fallando particularmente d'esta última molestia, suppõe que ella passára por contagio das rezes, que morrerão de *anthrax*, para os homens, que as esfolarão, e salgárão a carne. — O seu methodo de curar os carbunculos consiste em fazer escarificações sôbre a pustula, tocalla duas ou tres vezes com Agoa forte a que se juntasse 3 grãos de sublimado por outava, cobrir com fios sêccos, e sôbre tudo panos molhados em aguardente camphorada. Passadas 24 horas repete o mesmo tratamento, e o mesmo faz por mais tres ou quatro dias, tempo a quê apparece ordinariamente a linha de separação entre as partes sãs e gangrenadas; usa então de algum digestivo sôbre a pustula, e depois d'esta ter cahido, trata a chaga, como simples: durante o uso d'estes remedios prescreve ao doente para uso interno hum cosimento de escabiosa e cardo sancto: algumas vezes tem achado conveniente a sangria no princípio da molestia.



*Extracto da Conta, pertencente ao mez de Janeiro, dada por Gaspar Lopes da Trindade, Médico dos Partidos da Villa do Torrão, Provedoria de Béja.*

O Torrão do Alentejo he huma pequena Villa, de 300 fôgos, situada a Oeste d'êsta Provincia distando pelo Norte 7 legoas de Monte Mór o novo, por Leste 19 de Elvas, e pelo Sul 20 do Reino do Algarve, está assentada na margem esquerda do Xarama, rio mais fragoso que pantanoso, o qual vai lançar as suas agoas no Sadão, que, depois de banhar as praias da famosa Setubal, desemboca no Oceano Atlantico. Os campos do Torrão produzem bom pão, optimo azeite, e excellentes pastos: tem, além de outros, hum manancial de muito boa agoa. O clima he temperado, e como em tôrno d'êsta Villa não ha pântanos, ella não he sujeita a molestias endemicas procedidas d'êsta causa: os habitantes, que geralmente são pobres, são mais ordinariamente incommodados por molestias causadas por alimentos de difficil digestão, e pelas vicissitudes da atmospheria, a que de continuo se expõem.

Ha nesta Villa dous Conventos, ambos da Ordem de S. Francisco, hum de Frades, e outro de Freiras. — Tem hum Hospital da Misericordia: he pequeno, tem poucas rendas, e nelle são tratadas só molestias agudas; os doentes chónicos passam com humagaia para os Hospitales maiores visinhos. — A cadeia he pouco frequentada, e os prêsos tem ahi pouca demora, pois sendo de consideração passam para outras. — Os Expósitos são criados e curados, não á custa da Misericordia, mas sim das rendas da siza: não ha asylo público, onde estejam; mas costumão ser curados em casa das Amas.

As molestias, que este Professor tratou no mez de Janeiro, forão: humafebre gástrica; humafebre intermittente terçã; humacolera-morbus; humascite por obstrucção de baço depois de 15 mezes de sezões; humaperipneumonia; e humatosse violenta: as quaes molestias não apresentarão circumstancias notaveis.

*Extracto da Conta pertencente ao mez de Janeiro de 1813, dada por Francisco Bento Pedreira de Brito, Cirurgião encarregado dos Partidos de Medicina e Cirurgia de Villa Nova da Cerveira, Provedoria de Vianna.*

O principal objecto d'êsta Conta he a descripção de huma epidemia verminosa, que ali tem grassado ha mezes entre as cri-



anças e alguns adultos. O symptoma, que mais sobresahe aos outros, he humta tosse ferina com expectoração de alguma lymphá muito pegajosa: pela violencia da tosse sobrevem hemorragias pela boca, nariz, cuvidos, ou mesmo pelos pontos lacrimaes, em alguns por mais de humta d'estas partes; em muitos formão-se grandes echimoses na córnea opaca, e em alguns os olhos fazem-se prominentes, e leucophlegmáticos. Além d'estes symptomas, são frequentes outros indicativos de vermes, ha febre, fastio, etc. — Fóra de proposito tomavão alguns doentes, ou por seu moto proprio ou por conselho, remedios mucilaginosos peitoraes: os symptomas agravavão-se, a leucophlegmacia sobrevinha, e muitos doentes morrêrão. — O sobredito Cirurgião tendo capitulado a tosse verminosa, servio-se dos anthelminthicos, e com elles, combinados e preparados de diversos modos, conseguiu, se não o terminar promptamente a molestia, ao menos, fazella menos duravel, e conservar a vida dos seus doentes, pois não lhe morreo hum só. Os seguintes remedios forão os principaes de que se servio. — Hum vomitorio de cipó. — Mercurio triturado com assucar, a que ajuntava coralina de Corcega, e escamonéa. — Hortelá pimenta fervida com leite, e adoçada. — Ethiope mineral com extracto de quina. — Xaropes de chicorea comp. e de Meconio com calomelanos, e raiz de lirio de Florença. — Além d'estes, ou outros semelhantes remedios para uso interno, servio-se, principalmente para os de menor idade, de clysteres de leite com çumo de folhas de pecegueiro: banhos ao ventre e dórso de aguardente com azebre em pó, ou de çumo de tasneira com vinagre, e de cataplasmas da mesma tasneira ligeiramente fervida em vinagre. — Com estes remedios os doentes lançavão pelo anus, boca, e nariz, muitos vermes *ascarides* e *lombricoides*.

*Conta de Francisco Gomes da Mota, Médico em Lagos,  
no Reino do Algarve, pertencente a Janeiro.*

Lagos, *Lacohriga* antiga, Patria dos dous illustres Magistrados Manoel da Costa Ferreira, e seu irmão Lazaro da Silva Ferreira, e humta das Cidades maritimas do Algarve, está sob hum clima bello, e temperado, situada em terra argilaceo-arenosa, tem oito mil habitantes, e he muito abundante em peixe, vinho, e figo.

O Povo d'aquella Cidade usa pouco ou nada d'hervas, hortaliças, e legumes; e se sustenta communmente de peixe fresco e salgado: papas feitas de milho grossamente muido. — Em ge-



ral elle faz mais uso dos mãos do que dos bons alimentos, e he sobremaneira deleixado na limpeza dos seus vestidos, dos seus corpos, e das suas casas, que d'ordinario são terreas: do que lhe resulta adquirir huma compleição de humores tão acre, e escorbútica, que qualquer simples picada, ou arranhadura basta para lhe excitar inflamações, e suppurações terríveis.

As úlceras carcinomatosas nas pernas da gente mesquinha são frequentissimas; ignoro se aquellas podem ser curadas, seria cousa importantissima tentar essa empreza; mas ali não ha estabelecimento algum público, aonde fossem admittidos os taes enfermos que pela sua pobreza e sordidez, a que já estão habituados, illudem todos os esforços, e fôrça, que a arte possa fazer para lhes ser util.

A parte d'aquelle Povo, que trabalha no campo, e ainda que pobre e miseravel he o arrimo da agricultura, tem os seus humores menos acres pelo uso que faz dos vegetaes em algum tempo do anno, principalmente durante a colheita do figo, na qual nutre, engorda, e cobra forças e vigor, sendo certo que então pouco, ou nada mais come do que figos. Com hum punhado de figos seccos, e hum bocado de pão passa dias inteiros o operario manejando a enxada, e o alvião. Cevão-se no mesmo tempo os porcos não lhe dando senão figos. D'aqui se segue que o figo he huma excellente substancia alimentosa. Elle dá pela distillação quantidade de alcoól.

A situação d'aquelle Cidade he boa e salubre. Não deve obstar a isso hum sitio entre ella e o mar chamado a ribeira, aonde todos os annos desde Maio até Setembro he costume antiquissimo desembarcar, vender, e preparar a infinidade de peixe de diversas sortes, sobre tudo d'atúm. Faz-se ésta preparação separando do peixe as cabeças, espinhas, barbatanas, entranhas, e olhos. O peixe se mette em salmoura, e os seus esqueletos por serem partes desprezíveis, e por evitar despesas ali ficavão apinhoados á descripção do tempo, ou até que o mar soberbo e intumescido as viesse engolir. No entretanto a fermentação pútrida as ia decompondo, e formando o gaz hydrogenio phosphorado: quando ella chegava ao seu auge, os habitantes da dita Cidade erão constrangidos a fechar as janellas das casas para ver se assim moderavão a ingrata impressão que nelles fazia.

Na minha opinião, d'ali procedeo a febre epidemica, que houve na mesma Cidade em 1809, e que repetio em 1810, da qual muitas pessoas cahirão doentes, sendo eu huma dellas, e outra Joaquim Antonio Vieira Belford, meritissimo Juiz de Fôra da mencionada Cidade. A dita febre começava a grassar em Agosto, e cessava no principio do inverno subsequente: ella era acompanhada dos symptomas que se seguem: pulso frequente, mais frôxo do que forte, calor moderado, prostração de forças, perturbação no



sensorio commum, algumas vezes delirio, oppressão, ou sensação dolorosa na região epigástrica, fastio, lingua branca, nausea, e as evacuações superiores e inferiores biliosas. Taes erão os caracteres geraes d'aquella febre: todavia ella tomou em alguns individuos a fórma de Typho verdadeiro, e petechial, como aconteceu n'humas das familias illustres da referida Cidade.

Sobre a dita opinião se fundou aquelle sabio, e humanissimo Magistrado nas providencias, que deu, e ainda continúa a dar, para extirpar aquella febre, para prevenir o seu regresso. Consistem essas providencias em haver Lanchas promptas, e destinadas para receberem aquellas reliquias do peixe, e irem lançallas no mar largo.

Em quanto reinava a dita febre, sentião as crianças diarrhéas, dysenterias, e outras affecções mais, que me não era possivel reduzir á classe das doenças proprias d'aquella idade. Encarregado por aquelle benemerito Magistrado de curar os Expósitos da dita Cidade tive mil occasiões de fixar o meu juizo sobre a fonte d'onde dimanavão as ditas enfermidades observando que tanto os doentes d'ellas, como as amas que os trazião nos braços para eu os medicar, vinhão atolados em immundicia, e cheiravão ao atum tão desagradavelmente, que me custava a soffrêllos. As ditas amas costumavão n'aquelle tempo alimentar-se de algumas partes do dito peixe menos boas, as quaes sem serem digeridas se communicavão ao leite das mesmas amas, e causavão aquellas enfermidades. Do que sendo advertido o referido Magistrado ajuntou novas medidas áquellas, que já tinha tomado a respeito da conservação da saude e vida dos Expósitos.

Muito menos deve obstar á boa e saudavel situação da dita Cidade hum paúl, que está distante d'ella meia milha para a banda do Norte, o qual he sem dúvida alguma o fóco de doenças gravissimas, taes como terças malignas, e peripneumonias. Os miseros camponezes, que vivem nas visinhanças do dito pântano, e respirão os miasmas que d'elle se levantão infestos á especie humana, experimentão terças, e dysenterias todos os annos no estio, e no inverno estão tão expostos á influencia maligna das fluxões, que quando éstas predominão, d'ordinario lhes são funestas. Ouço dizer, que poucos d'aquelles infelizes ali completão cincoenta annos. Elles tem o semblante macilento e verde-negro, a conjunctiva opaca variegada de alguns raios amarellos, e o ventre grosso, duro, e volumoso.

Em todas as Povoações visinhas de pântanos, e alagões as constituições physicas geralmente são as mesmas, e as enfermidades, que ali predominão, semelhantes. A Cidade de Silves, e a Villa d'Alagão, ambas no Algarve, podem subministrar provas exuberantes a esta asserção.

Seria cousa summamente facil converter aquelle paúl, de inu-



til, e doentio em hum campo saudavel, fecundo, e abundante em toda a sorte de producções. Para se conseguir isso não era necessario nada mais do que abrir as vallas, e sargentas com o fim de dar escuante ás agoas vertentes, que ali se ajuntão, e ficão estagnadas durante a primavera. Se o senhor d'aquelle charco pestilencial quizesse fazer esta obra á sua custa, chegaria a interessar cento por hum, e mais que tudo isso a gloria de concorrer para a conservação da vida dos seus semelhantes; quando não, podia permittir que hum certo número de Lavradores, dividindo entre si o trabalho, fizessem a dita obra sob condições justas e racionaveis.

O mez de Janeiro foi hum dos mais saudaveis, que tem havido na dita Cidade. Não seria assumpto fóra do nosso proposito, examinar n'este lugar a causa d'isso, ou em geral achar a razão da salubridade, que reina n'hum tempo, e da malignidade, que reina n'outro; porém como essa indagação me levaria muito longe, notarei de passagem que a saude, que gosou aquella Cidade no dito mez, foi em parte devida á boa indole do anno proximo passado, e em parte a que as mudanças das estações, que precederão a esta, em que nos achámos, forão feitas sem que houvessem fortes, subitaneas, e extraordinarias revoluções na temperatura da atmospherá.

Consta das minhas Observações Thermométricas que a temperatura da atmospherá no 1.º d'aquelle mez foi de 9º e  $\frac{1}{2}$  no Thermómetro de Reaumur, ou de 57º no de Fahraneit, e no ultimo do mesmo mez foi de 3º  $\frac{1}{2}$  e de 45º. No maior número dos dias intermedios do dito mez a temperatura da atmospherá, ou a variação dos Thermómetros para mais ou para menos, era na razão de hum para dous, ou de hum para dous e meio.

*Enfermidades observadas por mim n'aquelle mez.*

*Médicas da quadra.*

- |                                   |                |
|-----------------------------------|----------------|
| 1.º Catarrhos simples - - - - }   | em quantidade. |
| 2.º Ophthalmias catarrhosas - - } |                |

*Observação.*

Fui chamado para ver hum homem de quarenta annos de idade, cego do olho esquerdo, e privado da vista do olho direito por huma violenta ophthalmia, que tinha havia cincoenta dias. Achei o doente mettido n'huma casa escurissima, gemendo e queixando-se das dores, que sentia no dito olho, e igualmente de huma hemícranea, que quasi todos os dias depois do Sol posto vinha agra-



var o padecer d'aquelle miseravel. A dita hemicranca correspondia tambem ao lado direito da cabeça. Passando a examinar o estado d'aquella ophtalmia descobri a conjunctiva grandemente inflammada, e huma nuvem branca e densa, que cobria a superficie interna da córnea transparente, e impedia que os raios da luz fossem ferir a retina. Da historia, que aquelle doente me fez da sua enfermidade, vim no conhecimento de todos os remedios de que elle até aquelle tempo tinha usado, os quaes tinham sido sangrias geraes e particulares, purgantes, dous vesicatorios na nuca, e varios collirios. Quanto á cegueira do olho esquerdo, esta provinha das bexigas, que teve sendo criança.

Confesso que fiquei tão confuso e embaraçado com o caso, que via diante de mim, que não sabia que fizesse, e finalmente tendo feito algumas perguntas ao dito doente tocantes ao seu modo de vida, costumes, habitos, e verduras da mocidade, me despedi, promettendo de tornar no seguinte dia. Voltei com effeito levando na cabeça a idéa da arteriotomia, e do sedenho. Resolvido a começar por este, e fazendo pôr o doente em posição conveniente á operação, olho, e vejo huma grossa cicatriz de traz do pavilhão da orelha direita sobre o rochedo, e perguntando eu ao mesmo enfermo pela causa da dita cicatriz, me respondeo, dizendo, que n'outro tempo elle tivera ali huma chaga, a qual humas vezes por si se abria, e outras vezes por si se fechava, e que quando acontecia fechar-se, lhe sobrevinha huma inflammção ao olho direito, e que quando se tornava a abrir desaparecia de todo a dita inflammção. Lançando mão d'esta descoberta mudei de remedio, e passei logo a destruir a mesma cicatriz a fim de renovar aquella chaga antiga. Para isso me servi do nitrato de prata, cuja applicação repeti tantas vezes quantas me parecerão necessarias para completar a cura da dita ophtalmia. Tres dias depois da applicação d'aquelle remedio o meu doente começou a experimentar alivios; no dia dez já podia olhar para os objectos, e vèllos, e presentemente está de todo convallescido das mencionadas ophtalmia, e hemicrania.

3 Esquinencia produzida pela inflammção das parótidas, vulgo papeira.

Era trivial nas crianças, e moços até á idade de quatorze annos. Curava-se com dieta, sudoríferos, e fomentações oleosas.

4 Cinco peripneumonias falsas curadas felizmente.

Não ha remedio algum geral contra esta perniciosa enfermidade. Na constituição epidemica de peripneumonias falsas, que grassão n'aquella Cidade em 1811, fui obrigado a inventar, para assim dizer, tantos methodos curativos particulares, e distinctos, quantos erão os enfermos peripneumónicos, que eu medicava. Ho



verdade que a indicação geral era sempre a mesma; porém os meios de a preencher variavam tanto, quanto huma peripneumonia differia da outra sua semelhante na razão do seu estado, força, actividade, e gravidade dos seus symptomas, e na razão da idade, forças, e temperamento do doente. Por conseguinte a hums sangrava, a outros vomitava: a estes exhibia antimoniazes em dose pequena, áquelles os peitoraes adoçantes, os diaforeticos com o alcali volatil, ou ammoniac: e nos casos gravissimos a casca peruviana, os vesicatorios, e os mais antisepticos. Sobre o lugar da dôr os tópicos erão semelhantemente variados. Em conclusão seja-me permittido pavonear-me accrescentando que na dita epidemia tive o prazer de salvar a vida a todos aquelles que a confiãrão de mim, ao mesmo tempo que na minha vizinhança a mortandade era espantosa por causa do uso immoderado que se fazia da sangria, applicando-a sem discernimento, e sem ter respeito ao grão, e symptomas da doença, e ás forças e temperamento do enfermo.

Aquella therapeutica sanguinosa era fundada sobre a hypothese de que todas as fluxões acompanhadas de pyrexia, dôr, tosse, e dyspnêa, erão pleurizes ou peripneumonias verdadeiras, causadas pela diathese inflammatoria, que affectava a pleura, ou o parenchyma dos pulmões.

Falsa e desgraçadamente se pensava d'esse modo. O character d'aquella epidemia era tão franco e singello, quanto em outras da mesma natureza elle he caviloso e dissimulado: 1.º porque no tempo, em que grassavão aquellas peripneumonias escuras, reinavão tambem os catarrhos: 2.º porque a gente idosa, debil, e fraca estava incomparavelmente mais exposta ás ditas doenças do que a môça, forte, e vigorosa: 3.º porque em muitos casos os caracteres da peripneumonia erão complicados com symptomas evidentemente gástricos, e para serem curadas exigião os mesmos remedios que as febres gástricas: 4.º porque muitos doentes antes de se lhes manifestar a peripneumonia luctavão por algum tempo com os catarrhos: 5.º e ultimo, porque os signaes que accompanhão a dyathese inflammatoria verdadeira apparecião rarissimamente.

#### *Médicas contagiosas.*

Bexigas geralmente benignas.

#### *Cirurgicas.*

Huma fractura simples completa do femur direito em hum homem trabalhador de quarenta annos de idade, acabada de curar n'aquelle mez sem ficar defeito algum. A causa d'aquella fractura foi huma queda, que o dito homem deo de huma grande altura. Curou-se pelo methodo ordinario.



uma fractura complicada do cubito e radio; em uma mehinha de oito annos de idade, causada por uma queda, e curada pelo methodo ordinario.

Dois bubões venereos nas inguas, resolvidos e curados pelas fricções mercuriaes feitas sobre as extremidades inferiores.

Hum abcesso medonho no interfeminio. Continúa a cura.

## ART. II.—

### DIARIO DAS VISITAS PASTORAES

DO

EX.<sup>mo</sup> D. FR. CAETANO BRANDÃO

NO SEU BISPAO DO PARÁ.

3.<sup>a</sup> Visita no anno de 1787.

(Continuação da pag. 140.)

§. 1. Dia 18 de Outubro. — Pelas onze horas da noite embarcámos no Porto da Cidade, dirigindo-nos ás Povoações, que se achão no Continente entre a Cidade do Pará e do Maranhão. Fomos logo proseguindo o rio Guajará, o mais grosso e espaçoso de todos os que cortão o referido Continente.

§. 2. Dia 19. — Era meio dia, quando chegámos a uma Fazenda, chamada *Mocajuba*. Sahimos a terra; visitel a Capella, que está soffrivel, e tem bons paramentos. Recollidos logo ás Canoas, continuámos a viagem. A' noutinha convidado por hum Religioso de Nossa Snr.<sup>a</sup> do Carmo, que administrava uma Fazenda da mesma Religião, fui ver a Capella, e as casas, onde me demorei só até ás dez horas, reservando para a volta a chrisma da gente. Chama-se a *Fazenda de Ternambuco*. Alem d'isto tem os ditos Padres duas mais em pouca distancia subindo o mesmo rio Guajará, as quaes passámos de noite.

§. 3. Dia 20. — Pela manhã vimos uma pequena ilha chamada da *Pororoca*, nome impôsto pelos Indios, e val o mesmo que mar arrebatado. He hum dos phenomenos mais espantosos, e verdadeiramente enleio para a Philosophia. Começa a formar-se nas horas da opposição, ou conjuncção da Lua. Vê-se logo uma pequena intumescencia nas águas: d'ahi instantaneamente se levantão



tres, e ás vezes quatro sérras d'ágoa de desmarcada altura, seguidas humas ás outras, correndo com incrível velocidade, e fazendo tal estampido, que se ouve de muito longe. Fica a maré completamente preamar nas partes por onde passa. Chegando a paragens fundas desaparece o phenomeno, mas torna logo a re-bentar nos baixos, e continúa a bramir com o mesmo estrondo. He irresistivel, e fatal a qualquer embarcação, que apanha diante; e ainda os mais grossos madeiros cedem á sua força: mas isto se entende nos lugares baixos, que nos altos não ha tanto perigo. Não sei a que se possa attribuir este pasmoso effeito, senão á diversa configuração dos canaes, e dos fundos. Talvez que junto d'esta pequena ilha se ache algum estreito, onde a correnteza encontre algum baixo, que juntamente com o ímpeto do refluxo lhe disputem a passagem, concorrendo a particular situação do fundo, e por isso d'aqui tinha principio o referido phenomeno. Quando passámos erão agoas mortas, e pouco se fazia sensivel.

§. 4. Dia 25. — Pela tardinha chegámos á Villa de Bragança, ou Caieté; e querendo proseguir a viagem até o Gurupy, último Termo da Diocese, para a parte que confina com o Maranhão, achámos que era tempo improprio para a navegação d'aquelles rios, e que não os podíamos passar sem perigo evidente da vida. Finalmente com assás desgosto deixei de visitar aquellas ovelhinhas, que supposto erão poucas, e Indios, conheço que tem direito aos influxos do meu zelo, como todas as mais; ficão reservadas para outra occasião.

Fomos recebidos com todo o alvoroço pelo Commandante da Villa o Mestre de Campo Lourenço Furtado de Vasconcellos, e pelos moradores, que concorrêrão todos alegremente a receber a benção do seu Pastor; e por entre huma bella arcada de murta me conduzirão á Igreja. Achei muita graça n'hum letreiro, que vi sobre hum arco, por onde fui conduzido: erão estas as palavras = Veni pater pauperum = Gostei, por ser o titulo mais proprio, que convém a hum Bispo, assim eu o soubesse desempenhar.

§. 5. Dia 26. — Feitas as acções costumadas, préguei hum bom espaço ao Povo, que enchia a Igreja até á porta; e cuido que se fará aqui algum fructo, pois he gente inclinada á piedade, e me esperavão com muita ancia, não tendo visto a face do Pastor passava de 25 annos. De tarde por estar hum pouco indisposto, fui passear ao campo.

Dia 27. — Toda a manhã estive no Confissionario, e dous Sacerdotes mais: perto do meio-dia dispuz os que commungavão com huma breve practica. A tarde préguei, e conferi o Sacramento do Chrisma.

Dia 28. — Confessei toda a manhã; de tarde confessei e préguei.

Dia 29. — De manhã chrismei, e fiz practica ao Povo: de tar-



de não fiz nada, por estar indisposto. Em todos os mais dias, que estive n'esta Villa, sempre foi o mesmo. No dia 2 de Novembro pelas nove horas da noite partimos em demanda da Villa d'Ourém.

Caieté ou Bragança he huma das melhores Villas do Estado; bem situada ao longo de hum rio mui espaçoso, e abundante de peixe. Consta de 1:600 almas, alguns Indios, porém a maior parte brancos. Recebi de todo o Povo grandes demonstrações de amor e alegria.

§. 6.º Dia 4 de Novembro cheguei á Villa d'Ourém. Logo de tarde fiz prática ao Povo.

Dia 5.º — Pela manhã confessei e préguei: de tarde chrismei e préguei. Até aqui foi escrito sobre os lugares: do mais direi alguma coisa que me lembrar.

N'esta Villa d'Ourém me demorei quatro dias, praticando o mesmo, que costume em todos os lugares, e parece-me que se fez algum fructo. He gente branca, filhos de Iibéos pela maior parte, que forão mandados povoar aquella terra, e a antecedente. Não deixão de ter inclinação á piedade. De huma coisa gostei muito, e foi saber, que todas as pessoas da Villa homens e molheres, concorrem á Oração, que o Parocho faz na Igreja á prima noite. Cuidêi que praticavão isto, em quanto eu ali assistia; porém seguráram-me, que era costume inalteravel. Todos contribuirão com a sua esmola para o Hospital dos pobres. A Igreja era pequena, e tinha algumas ruínas: presentemente estão os moradores fazendo outra de novo.

§. 7.º Dia 6.º Descendo pelo rio Guamá, depois de ter visitado algumas Capellas de particulares, e n'huma d'ellas administrado o Sacramento da Confirmação, chegámos á Igreja de S. Miguel da Cachoeira, sita no mesmo rio. Ali nos demorámos quatro dias, occupando-nos no costumado exercicio.

São moradores brancos, pela maior parte ricos, muito honrados, e Christãos. Todos concorrêrão com as suas familias e escravatura, e se chrisinou muita gente. Não achei aqui muito que reprehender. A Igreja he pequena, de asseio ordinário.

§. 8.º D'aqui mesmo fui em canoá pequena no dia 13 visitar outra Freguezia situada no rio Yrituia, não muito distante, que tambem se compõe de moradores brancos, e como os achei todos juntos na Igreja esperando por mim, fiz-lhes huma longa prática, e chrismei; concluindo tudo no mesmo dia.

§. 9.º Voltando á Igreja da Cachoeira concluí a visita: e no dia 14 nos dirigimos á Freguezia de S. Domingos, sita bem no meio dos dous rios Capim, e Guamá. Concorreo logo o Povo, que he o mais numeroso de todas as Freguezias d'estes rios; e brancos, á excepção dos escravos; por isso conclui tudo em dous dias. Não vi cousa mais indigna, do que a chóça, que estava set-



vindo de Igreja. Como a *Paroróca* faz ali hum impulso vehem-  
tissimo, achava-se quasi toda em ruinas, e só restava hum bocado  
com disposição para se poderem celebrar Offícios Divinos. Graças  
a Deos, que inspirou a hum Ecclesiastico abonado, assistente na-  
quella Freguezia, a resolução de fazer Igreja nova, a qual já esta-  
va em bom adiantamento, e fica hum dos melhores Templos do  
Estado. He cego e paralytico o Sacerdote de que fallo; porém as-  
sim mesmo maneja grossas fazendas, como hum numerosa escrava-  
tura; e me consta que faz muitos bens á pobreza d'aquelles  
rios; tem boas luzes, e genio para a eloquencia: recitou-me na  
entrada hum fallá latina com bello artificio. Aqui tive occasião  
de observar o espantoso phenomeno do *Paroróca*, e os estragos,  
que costuma fazer por toda aquella vasta e dilatada bahia. Causa  
horror, ver as serras d'ágoa, que levanta ao Ceo; a força, com que  
escava as ribanceiras, formando tres e quatro redemoinhos violentis-  
simos, com que parece desfazer em miuda palha quanto se lhe  
põe diante: ouve-se hum estrondo, que mette medo, e bem semel-  
lhante ao do Oceano na Costa mais desabrida; nenhuma embarca-  
ção, por mais forte, e segura que seja, lhe resiste; muitas tem  
submergido, e despedaçado; mas escapa-se bem nas esperas para  
isso destinadas, advertidos os remeiros pelo ronco da correnteza,  
que sóa ao longe.

§. 10. Deixámos esta Freguezia, e subindo pelo rio *Capim*,  
fomos demandar a de *S. Bento*, quasi nas cabeceiras do mesmo rio,  
tres dias de viagem desde o seu encontro com as ágoas do *Gua-  
má*. He Povoação de Indios muito pequena: só achámos algumas  
poucas mulheres, e tres ou quatro homens, por andarem os ou-  
tros no serviço. Celebrado o Sacrificio da Missa, chrismei, e dei  
algumas providencias para se atallar hum grande escandalo, que  
havia na Povoação; voltando no mesmo dia em demanda da Fre-  
guezia de *S. Anna*, sobre o mesmo rio, descendo para a sua boca.  
Já disse, que a Freguezia de *S. Bento* he muito pequena, não che-  
ga a contar cem pessoas, mas bonitinha, e abundante de peixe e  
carne de mato. Tem hum pequena Capella, e quanto basta para  
o numero da gente; e estava limpa. Que bello rio he este do *Ca-  
pim*! mui desabafado e alegre; ágoas claras e frias; povoado de  
diferentes moradores. A muitos d'elles fui visitar nas suas casas,  
e pedir esmola para os pobres enfermos, que não deixarão de con-  
tribuir conforme as suas posses; só hum me tratou brutalmente:  
era rico, tinha a casa cheia de saccas d'algodão, arròz, etc. pedi-  
lhe alguma cousa para o Hospital dos pobres; respondeo-me sec-  
camente que tinha muitos filhos. E que differente modo achei nos  
pobrezinhos! Apenas sahia a palavra da boca, corrião logo ás ga-  
linhas, ou ao que estava mais prompto, e com rosto risorho mo-  
vinhão apresentar. E isto tenho experimentado muitas vezes depois  
que entrei no desigño de erigir aquelle Estabelecimento. De or-



dinario acho mais liberalidade nas pessoas de hum mediocré fortuna, que nos ricos; o que serve de me convencer cada vez mais da verdade d'aquella ameaça, que o Evangelho faz contra estes ultimos.

§. 11. Na Freguezia de *S. Anna* não me demorei senão dous dias, por concorrer o Povo á Igreja com muita diligencia. Fez-se o costumado. Tambem he Freguezia de brancos; e como tem hum Parocho muito exemplar, e cuidadoso das suas obrigações, não achei aqui muito que corrigir. A Igreja está boa e asseada: o que se deve attribuir ás diligencias do Vigario, que n'isto he incançavel.

§. 12. D'aqui descendo até á bôca do mesmo rio, entrei segunda vez na Igreja de *S. Domingos*: chrismei algumas pessoas, que restavão, e partimos logo para o rio chamado *Bujario*. Antes de entrarmos n'elle, nos vierão esperar os principaes moradores, que nos receberão com muita alegria, e nos conduzirão até á casa da nossa residencia. Ali nos demorámos tres dias; e porque me achava hum pouco indisposto, só pude chrismar, e apenas fiz algumas advertencias particulares.

São moradores brancos, muito honrados, e unidos em tão grande paz e concordia, que por isso intitulei aquelle rio = *Rio da bella concordia* = nome que lhe ficou; e de então para cá he do que se servem os moradores mesmo em papeis. Achei muita graça a hum d'elles, que disse: "Pois o Bispo muda os nomes na Chrisma ás creaturas racionais, e não o poderá mudar a hum rio? Ha de ser d'aqui em diante o *Rio da bella concordia*." A todos dei muito obsequio, e liberalmente contribuirão para as despezas do Hospital. A Igreja he mui pequena, de ordinario asseio. Agora entrão os Freguezes a olhar para ella com maior zêlo, depois que os incitei a estabelecerem na mesma a *Confraria de S. Anna*, Padroeira da mesma Igreja. Como tinham adoecido os dous familiares, e eu tambem me achava algum tanto indisposto; dei ordem para nos recolhermos á Cidade, depois de termos visitado algumas Capellas de particularés, que ficavão no caminho.

Fim da 3.<sup>a</sup> Visita.



## ART. III.—

*Carta de Joaquim Carvalho, Doutor em Theologia, pela Universidade de Coimbra, e Prior da Veneranda, aos Redactores.*

Quando VV. no Art. IX. do Num. XI. do seu Jornal, dando huma relação de todas as Obras Typographicas do immortal Portuguez Joaquim Machado de Castro, fazem honrosa menção do seu = *Discurso sobre as utilidades do Desenho.* =, tiverão certamente por alvo, como sempre o tem em todos os ramos d'esta sua tarefa, acreditar a Nação, apregoar o assignalado merecimento d'aquelle grande Genio, despertar os outros a imitallo, espalhar luzes, e apontar a Fonte Nacional, onde pôde beber-se a mais apurada doutrina sobre as Divinas Artes, que dão vida ao bronze, e sentimentos ao marmôre. He porém para lamentar que achando-se extincta, como VV. reconhecem a pag. 350, a Edição d'aquella Obra, de que se imprimirão poucos exemplares, e só para se distribuirem gratuitamente, mui poucos possam tirar fructos tão preciosos d'aquella lição. Quizera eu por isso ao menos que VV. inserissem no seu Periodico algumas das Notas, que o mesmo Machado fez áquelle *Discurso*; para que chegando ellas por este modo ás mãos de todos, se generalize, e propague cada vez mais entre nós, como cumpre, o aprêço, e amor das Bellas Artes do Desenho, Escultura, etc., e se convenção profundamente da sua *Importancia*, e da sua *Nobreza* aquelles mesmos (já que por desgraça nossa ainda os ha) que as põem de nivel com os officios Mecanicos, já por não terem, como era necessario, o tacto fino para conhecer o seu valor, e já por não saberem a Alta Protecção, que em todos os tempos lhes tem prestado os mais célebres Sábios, Grandes, Soberanos, e Príncipes do mundo. As Notas, que remetto, extrahidas do mencionado *Discurso*, são as que entre todas ellas me parecerão mais proprias, e amoldadas ao fim. Os meus votos nada valem, em quanto VV. se não dignarem approvallos com o acérto costumado. Sou, etc.



*Notas do Discurso sobre as utilidades do Desenho.*

*Por Joaquim Machado de Castro.*

Sem protecção ninguem espere progressos em estabelecimento algum, seja nas Sciencias, na Milicia, nas Artes, etc. Diz Muratori (Primi Disegni della Repubblica Litteraria pag. 44.) que a esperança do prémio he a nutridora dos engenhos, he o mais poderoso estímulo das famosas empresas. Nas honras, nos Empregos Públicos, na glória, no acrescentamento das commodidades da vida, da fortuna, e em outras cousas se pôde considerar este prémio. Bem moderna he a feliz revolução, que fez em toda a França a efficacia, com que o grande Colbert protegia o merecimento em todas as classes. E em todo o mundo se vio sempre que nos tempos de poderosos, e efficazes Protectores, he que apparecerão mais homens dignos da immortalidade. A Natureza em todos os homens he a mesma.

Como hão de os Professores de Artes tão difficeis querer consumir-se em tão laboriosos estudos n'aquelle Estado, em que se virem confundidos com a plebe, e submergidos na indigencia? Alguns Espiritos superficiaes, possuidos d'hum generosidade cheia de affectação, dizem que as almas Nobres são desinteressadas. Mas se meditarem bem, e despirem todo o amor proprio, não acharão em si esse desinteresse. O mencionado Muratori (nas suas *Reflessioni sopra il Buon-Gusto Part. II. pag. 19.*) diz que todos os homens por diversos modos tendem ao interesse.

Hum Sábio Patricio nosso, amante do Desenho, conhecendo esta verdade, por ser tamanho Philosopho como Jurisconsulto, diz = Houverão Apelles, Rafeis, Buonarrrotas, Tieianos, Rubens, Düreros, Brandinelles, e outros varões insignes nos seus seculos... porque tiverão Alexandres, Summos Pontifices Leões, Pios, Duques de Florença, Carlos V., Filippes, etc. José Gomes da Cruz Carta Apologética, e Analytica pela ingenuidade da Pintura pag. 47. E da falta de protecção he consequencia infallivel a falta de instrucção: bem o mostra Alciato no seu Emblema 119.

Os naturaes de Gnido possuíão hum estátua de Venus, feita por Praxiteles, a qual lhes quiz comprar o Rei Nicomêdes, offerecendo-lhes por ella pagar todas as dividas da Cidade. Plin. lib. 36. Os Gnidenses, negando a Nicomêdes a estátua, lhe responderão que por aquelle marmore erão célebres no Mundo. Carducho. Dialogos de la Pintura: Dialog. 6. pag. 97. citando Farciañota Lib. 15. E Plinio em o principio do Liv. 36. diz que os habitantes de Chio por baixo d'hum estátua pozerão alguns versos que dizião: não ser a sua Ilha sómente illustre pelos excellentes Varões, que produzia, mas tambem pelas Obras dos Escul-



tores, Filhos, e Discipulos de *Anthermo*. D'onde se vê que ha muitos seculos dão honra e glória as bellas Obras d'estas Artes, não só aos Authores que as produzem; mas até aos mesmos Povos que as conservão.

Quantos, e quantos olhão para os vossos filhos como para qualquer homem fabril, etc. Não pensão assim as pessoas de bom juizo, e instrucção. Mostrar a Nobreza das Artes do Desenho tem sido várias vezes assumpto de pennas muito doudas, tractando o ponto juridicamente. O Doutor João de Butron, Professor de ambos os Direitos em Madrid 1626 deo ao Público *Discurso Apologético, en que se defiende la ingenuidad del Arte de la Pintura*. Em Lisboa o Doutor José Gomes da Cruz escreveu a rôgo do Pintor André Gonçalves *Carta Apologética, e Analytica pela ingenuidade da Pintura*: impressa n'esta Cidade em 1752. Outros muitos, como se pôde vêr em *Carducho*, e *Palomino*, tem sido Chronistas, e Defensores d'estas Artes, das quaes fallando-se em huma he o mesmo que fallar em todas, vista a sua identidade, e estar ainda por decidir qual d'ellas he mais nobre, e mais difficil. N'esta Cidade ainda se conserva em poder de alguns Professores, trasladada em pública fórma, huma Sentença, que no Reinado do Senhor Rei D. Pedro II. proferio o Desembargo do Paço contra o Senado a favor da Nobreza da Esculptura. As distinctas circunstâncias, que exigem estas Artes, as fazem dignas de estimação sem taxa; e por esta causa aquelles conspícuos Ministros assim julgarão. Isto mesmo tem induzido tantos Sábios Principes a honrarem com tanta vantagem, e a enriquecerem com tanta profusão os bons Professores, de quem se servirão, de cuja multidão de exemplos transcreverei alguns para confirmar estas verdades.

Não fallando no que referem *Plinio*, *Eliano*, e outros, sôbre a estimação, que os Gregos, e Romanos fizeram de tão bellas Artes, e dos seus Professores; logo que ellas principiárão a levantar-se das ruínas, em que as sepultára a barbaridade, igualmente principiárão os Poderosos a distinguir os seus Artistas. Logo em *Giotto* (hum dos primeiros restauradores d'ellas) se vio brilhar a estimação, e protecção, enchendo-o de honras, e riquezas.

\* *André de Piza*, Escultor, Pintor, e Architecto, occupou em Florença Lugares dos mais honrosos na Magistratura.

\* O Papa *Eugenio IV.* encheo de honras, e riquezas a *Bruneleschi*, Escultor, e Architecto; e em Florença o fizeram Magistrado.

\* *Miguel Angelo Buonarroti* nasceo Cavalheiro; e como já n'esse tempo os Florentinos olhavão para as Artes com os olhos abertos, não lhe impedirão seus Pais applicar-se a ser Artista; em cujos exercicios conseguiu muito maiores honras, e proveitos do que alcançaria só pelo seu nobre nascimento. Elle chegou a hu-



ma grande, e geral reputação na Pintura, Esculptura, e Architectura; e o merecimento, que teve n'estas Artes, lhe conciliou as mais distinctas honras. A primeira foi (sendo elle ainda muito mancebo) que hum de seus proprios Principes (*Lourenço de Médicis*) quiz ter o moço *Buonaroti* em seu Palacio, onde lhe destinou hum aposento distincto; deo-lhe a sua meza; e n'ella melhor lugar que a seus proprios filhos: assignou-lhe hum decente ordenado, que o generoso mancebo cedeo a beneficio de seu Pai: e n'este tempo ainda o Artista não contava mais que 16 annos de sua idade. Os referidos prémios forão o fructo de huma só pequena obra de marmore, que fez para o mencionado Príncipe.

O Papa *Julio II.*, pela pintura da Capella Sixtina, o cummulo de honras e riquezas. Foi estimadissimo dos Papas *Leão X.*, *Clemente VII.*, *Paulo III.*, e *Paulo IV.*, dos Duques de *Ferrara*, e de *Urbino*. *Julio III.* na presença de doze Cardeaes fez sentar o Artista junto a si. Os Principes da Casa *Médicis* não cedêrão a ninguém na estimação, que fizeram d'elle. *Cosme I.*, indo a Roma, o fez cobrir na sua presença. *Octavio de Médicis* quiz que o Artista fosse Padrinho d'hum de seus filhos. *Francisco I.* Rei de França fez grandes instancias pelo ter em sua Corte, *Carlos V.*, vendo este Artista, levantou-se, e dice-lhe = *Imperadores podem-se vêr, mas hum vosso igual não.*

Este grande homem falleceo em Roma, e o Papa quiz que se enterrasse na Igreja de S. Pedro: mas o Grande Duque de Florença *Cosme I.* fez que furtivamente se transferisse o Corpo a Florença; e ali foi sepultado na Igreja de S. Lourenço, onde se não enterrão senão os Gran-Duques, e sua Familia. Fizerão-se-lhe Exequias tão distinctas, que até n'esse dia se suspenderão os trabalhos públicos, como se fosse dia Santo.

\* *João Lourenço Bernini*, chamado commummente o *Cavalheiro Bernini*, pelo ser da Ordem de Christo, foi muito aceito ao Papa Gregorio XV., que lhe conferio pensões consideraveis por alguns bustos da sua Familia, que *Bernini* lhe executára em bronze e marmore: e o creou Cavalleiro da dita Ordem.

O Cardeal *Mafeo Barbarini*, Protector d'este Artista, chegando a ser Papa, com o nome de Urbano VIII., mandou chamar *Bernini*, e lhe dice: *Vós sois feliz em vêr o Cardeal Mafeo Barbarini elevado ao Pontificado: mas elle repata a sua felicidade maior que a vossa, por viver Bernini em seu Reinado.*

Completando *Bernini* o Baldaquino da Igreja de S. Pedro, quiz o referido Santo Padre premiallo: perguntou a hum de seus Cortezaos, que lhe parecia se dêsse de prémio ao Artista? E como o mesquinho ignorante respondesse que huma cadêa de ouro do valor de quinhentos ducados (pouco mais de dous mil cruzados) Está bem (lhe tornou o Papa) a cadêa será para vós, e o ouro para *Bernini*. Fez dar ao Artista vinte mil cruzados; augmentou-



lhe as pensões consideravelmente, deo a hum de seus irmãos hum Canonicato em S. João de Laterano, e a outro hum Benefício em S. Pedro.

*Carlos I.*, Rei d'Inglaterra, quiz hum busto do seu retrato, feito por *Bernini*: em prêmio lhe mandou hum anel avaliado em 600 escudos (doze mil cruzados), e dice ao mensageiro do presente: *Ide corôar a mão do Escultor, que fez tão bello busto.* E o anel ia acompanhado de várias joias mais, de avultado preço.

O Cardeal *Mazarini* sollicitou com efficacia que este Artista entrasse no Serviço de ElRei de França, offerecendo-lhe de Ordenado 1200 escudos Romanos (vinte e quatro mil cruzados). Porém o Papa não consentio dizendo que *Bernini* fôra feito para Roma, assim como aquella Cidade para elle.

O mesmo *Urbano VIII.* estimou tanto este Professor, que chegou a ir vizitallo a sua casa, acompanhado com deseseis Cardeaes, não obstante advertir-lhe o seu Mestre de ceremonias, que semelhante familiaridade era contrária á Magestade Papal. O Papa *Alexandre VII.* tambem o vizitou duas vezes em sua casa; e *Clemente IX.* fez o mesmo.

*Luiz XIV.* desejando que *Bernini* assistisse aos principios de hum Palacio, para que este Artista lhe dêra os desenhos, de cuja perfeição o Rei estava gostoso em extremo, escreveu ao Papa com o maior empenho pedindo-lhe que consentisse que *Bernini* chegasse a Paris; e ao Professor escreveu outra carta, summamente honrosa, convidando-o para isto, e dando-lhe por conductor na viagem seu proprio Primo o Duque de Crequi, o qual tendo se já despedido de Sua Santidade para partir para França, como recebeu esta Ordem do Rei, tornou a buscar o Papa: foi com o fausto de grande cerimonia para pedir-lhe solemnemente esta graça; e obtida, foi com a mesma pompa a casa do Artista entregar-lhe a carta do seu Soberano, e tratar com elle da partida. A esta viagem de *Bernini* (diz o Historiador), se podia dar o nome de *marcha triumphal*. O Gran-Duque de Toscana lhe mandou fazer huma entrada pública em Florença. Em Turin recebeu o Artista as mesmas honras. O Nuncio Apostolico, então residente em Paris ao tempo da sua chegada, sahio a recebêllo fóra da Cidade, e o conduzio á presenca do Rei.

Agenerosidade, com que *Bernini* se portou a respeito dos desenhos de *Mr. Perrault*, foi causa de que em França não fizesse cousa alguma em Architectura, fim principal, para que ali fôra conduzido. Fez unicamente o busto do Rei em marmore. Isto não obstante, o Grande *Luiz*, nos oito mezes que esteve o Artista na sua Corte, mandou-lhe dar cinco Luizes por dia (desenove mil e duzentos réis) para os seus gastos domesticos: no fim lhe fez hum presente de cincoenta mil escudos de França (sessenta



ta mil cruzados), humna pensão annual de seis mil libras (noventa e sessenta mil réis) e outra de quinhentos escudos ditos (duzentos e quarenta mil réis) para hum filho, que levára consigo.

Ultimamente finalizou este Artista a vital carreira cumulado de honras, e riquezas. Dizem deixára humna herança de quatrocentos mil escudos Romanes (quatrocentos mil cruzados) e dando esta noticia á Grande Christina, Rainha de Suecia, que então rezidia em Roma, ésta singular Princeza respondeo: *Se Bernini tivesse vivido no meu Serviço, eu teria pèjo de se lhe achar tão pouco.*

\* *Pellegrino Pellegrini Tibalde*, tendo acabado os Serviços que fez a Filippe II. no Escorial, se retirou com as riquezas, que lhe deo aquelle Monarca, avaliadas em mais de quatrocentos mil cruzados. E além d'isto lhe fez mimo do Territorio de *Valsoia*, sua Patria, erigindo-o em Marquezado para este Artista.

*Paulo Guidoti*, Pintor, Escultor, e Architecto, foi creado Cavalleiro da Ordem de Christo pelo Papa Paulo V.: e nomeou-o Conservador do Capitolio, que he hum dos principaes Magistrados de Roma. E isto por hum gruppó de marmore de seis figuras, de sua invenção, e de que elle fez presente ao Cardeal *Burguezzi*.

Para não ser prolixo deixo os *Rubens*, os *Ticianos*, os *Dureros*, e outros, feitos Embaixadores, Condes, Grandes do Sacro Imperio, Aposentadores Mõres, etc., e remetto quem quizer mais individuaes, e amplas noticias, a todos os Authores já n'esta Nota citados; a Obra intitulada *Vies des Architectes; a Vasari; a Fr. Andre Ximenes*, no fim á sua *Descripção do Escorial*; e aos Dictionarios das Artes, e dos Homens Grandes.

A estimação, e Protecção a éstas Artes ainda hoje se acha em alguns Principes, e Grandes, que se prezão de ser Protectores não só de hum homem abalizado, mas ainda mesmo de qualquer mancebo, em que achão disposições, que alentem esperanças. Mas ha tambem pessoas ao contrario, que não só deixão de proteger, mas até parece fazerem timbre de abater o merecimento, não só onde apparece d'elle algum relampago, mas ainda mesmo onde brilha sem intervallos.

He verdade que não póde, nem deve ser honrarem-se, e felicitarem-se os Artistas todos sem escolha. As distincções devem-se com effeito conferir aos que tambem se distinguem em talentos, e bons costumes; porém julgar a Corporação de qualquer d'estas Artes na Ordem mecânica, he manifesta estupidez.



Os Príncipes de Alma Grande communicão os reflexos da sua Grandeza a todas as Instituições dos seus Estados. Na *Grecia* chegarão as *Bellas Artes* ao seu auge no tempo de *Alexandre*. Em *Roma* fizerão os seus progressos em tempo de *Augusto*. Em *França* no de Luiz XIV. Em *Italia* forão os *Medicis* os que as resuscitarão. E que não devem os Portuguezes esperar no feliz Reinado, em que ao presente vivem?

#### ART. IV.—

Senhores Redactores do Jornal de Coimbra.

Tenho lido com prazer as muitas observações, e reflexões do seu Periodico a respeito das moléstias, que tem grassado desde o fim do anno de 1811. A' vista do que no seu Jornal tenho lido, parece-me que poderá n'elle ter lugar a pequena relação, que lhe remetto, sobre o tratamento das Dysenterias praticado no Hospital Militar d'Abrantes pelo Doutor Halliday.

No anno de 1811 grassarão fortemente as Dysenterias nos Hospitaes, e fóra d'elles; os mēzes de Janeiro, Fevereiro e Março forão bem funestos para a Guarnição d'Abrantes. Halliday ali appareceo. S. Excellencia o Senhor Marechal Commandante em Chefe passando por aquella Praça, e visitando o Hospital recomendou ao Governador da mesma que chamasse os Medicos, e em seu nome lhes participasse quanto ia satisfeito da boa marcha do Hospital, e do seu arranjo; e que esperava que todos continuassem com o mesmo zelo, e actividade.

O Dr. Halliday ali appareceo então dizendo que queria pôr em prática hum novo tratamento da Dysenteria para o que tinha sido mandado para ali. Não duvidou o primeiro Medico que elle sem perda de tempo começasse a tratar dos doentes, que soffrião Dysenterias e Diarrhéas. Era então primeiro Medico, Diogo José de Sequeira (estimavel em sciencia e probidade, e hoje defunto), este encarregou o Medico Pimenta do atrenjo de hum Enfermaria, e da escolha de doentes para ella, da qual Halliday se devia encarregar. Porém o dito Medico Pimenta não escolheo doentes, mas sim tirou de hum Enfermaria todos os que tinham Dysenterias, e os entregou ao Doutor Halliday.

Na primeira visita, que este lhes fez, assistirão com elle todos os Facultativos do Hospital, começou a escrever a historia das moléstias, e com ella os seus diários, que prometteo publicar, e dar a todos os que assistião, o que não me consta que satisfizesse até agora. Receitou hum panacéa; quero dizer, mandou que todos tomassem no primeiro dia hum onça de sal de Glauber. No segundo dia prescreveo para todos os mesmos remedios, e



dieta, que fôrão os seguintes. Para o almôço hum caldo feito de leite, ovos, açúcar, e huma pequena porção de Rum: passadas duas horas huma onça d'água de canella com laudano liquido de Sydenham, ou com hum grão d'ópio. Seguia-se o jantar, que constava de galinha cozida com presunto; de tarde água de cal com leite; á cêa o mesmo que ao jantar; á noite água de canella com ópio. Taes fôrão os seus remedios, que nunca variáram, á excepção de alguns dias, em que se repetia a todos o sal de Glauber, fôsse qualquer que fôsse o seu estado. Passados dous dias morreo hum dos seus doentes; no dia immediato morreo segundo; seguiu-se o terceiro morto no seguinte dia, e continuou a morte pelos restantes, fazendo alto ao pé de dous mais robustos que apenas restavão. Vendo Halliday mal succedidos os seus esforços, desamparou aquelles dous, e mais não tornou a visitallos. Vendo o Enfermeiro este abandono o foi procurar, e encontrando-o lhe respondeo que = já tinha feito as suas observações, que não voltava lá; e que entregasse os que restavão ao Medico Pimenta para tratar d'elles. = Assim o fez o Enfermeiro, que logo foi chamar aquelle Médico, o qual quando chegou só vio na Enfermaria hum vivo, e outro que acabava de viver. Mudou de tratamento ao que restava; e por acaso curou-se a Dysenteria.

Fallando-se d'Halliday não se julgará fóra de proposito que hum Médico Portuguez conte tambem o seguinte mui verdadeiro facto. Tratava o Medico Pimenta de hum Soldado do Regimento d'Arouca, que estava com hum forte Typho; estava no treze para quatorze dias, e tinha na sua papeleta escriptos os remedios, que tomava; Halliday passando por ali vio que o doente escarrou, e parecendo-lhe que era sangue, examinou, e achou hum grumo de sangue denegrido. Na madrugada d'este dia tinha sobrevindo huma hemorrhagia do nariz ao doente, que jazia de costas. Halliday vê receitado cozimento de quina compôsto, camphora, almisca, etc. etc. etc., tira a papeleta, e vai procurar o tal Pimenta, e apresentando-lhe a papeleta lhe diz = Vocemece tem hum doente com huma Pneumonia, e dá-lhe estes remedios?... Mande immediatamente sangrallo, e faça-lhe tomar os Calomelanos. = O Médico Pimenta responde com toda a tranquillidade = pôde o Senhor Dr. Halliday mandallo sangrar, mas não respondo pelo resultado; = E sabe o Senhor Halliday a differença do sangue que sahe do pulmão, para o que sahe das fauces? = Halliday ateima que o vio escarrar: então Pimenta lhe conta com toda a franqueza que o doente tivera huma hemorrhagia, que o sangue era do nariz, e que a moléstia tinha sido hum Typho, de que n'aquelle dia começava a convalescer. Halliday com ingenuidade confessa, que se enganou: Oxalá todos tivessem ésta sinceridade para não dizerem tanto mal dos Medicos Portuguezes. Deos Guarde a VV. Junho. 12. de 1813.



## ART. V.—

Collecção d'Estatutos, Leis, e Alvarás, relativos a Medicina, Cirurgia, etc. remetida por Antonio d'Almeida, Medico de Penafiel.

(Continuada do Num. XVII. pag. 73.)

*Lei XIII. Do tempo de Estudo que teerão os Medicos.*

Ordenou El-Rei dom João III. que dehi em diante letrado algum em medecina, posto que fosse Bacharel, não podesse curar em seus regnos e senhorios, senão despois que fosse licenciado em artes, e tiuesse oito annos de estudo em medecina na Uniuersidade de Coimbra, os seis annos, que pelo statuto da Uniuersidade se requirem para poder ser Bacharel formado, e os dous annos para veer e aprender a practica de curar, andando em companhia de algum doctor physico, que curasse na dita cidade. E que o que o contrario fizesse pagasse pela primeira vez cinquenta cruzados, a metade para quem o accusasse, e a outra ametade para a arca da Uniuersidade. E pela segunda vez pagasse a mesma pena, pela dita maneira. E alem de tornar aa dita Uniuersidade, e cumprir o tempo que lhe falecesse para cumprimento dos ditos oito annos, estudasse mais hum para serem noue. E que os que studassem fóra da dita Uniuersidade, passado o primeiro de Junio de 1546 não lhe fosse leuado em conta o tempo. E que a dita lei não tivesse lugar nos que já tivessem começado vsar e praticar a medecina. Per hum aluara de 4 de Nouembro de 1545. fol. 186. do Liuro 4.

*Lei XVIII. Dos cursos e exame dos Cirurgiões.*

Manda ElRei nosso Senhor, que d'aqui em diante pessoa alguma não cure em seus Regnos e Senhorios de cirurgia e anatomia, nem vse da dita arte, sem primeiro cursar dous annos cumpridos na dita arte e sciencia no hospital de todos os Sanctos da Cidade de Lisboa, excepto as pessoas que o cursarão nas Uniuersidades de Coimbra, e Salamanca, e no hospital de Guadalupe. Os quaes ha por bem que sejão examinados pelo seu Cirurgião-moor. E sendo per elle hauidos por sufficientes, não serão obrigados a cursar os



ditos dous annos, e poderão vsar de sua arte. Ao qual Cirurgião moor mande que examine as pessoas sobreditas, e assi aquelles que no dito hospital cursarem os ditos dous annos, conforme a este aluara. E os que achar sufficientes e taes como conuem, lhes passe disso suas certidões authenticas, para delhi em diante poderem curar pela dita maneira, e em outra não. Per hum aluara de 26 de Julio de 1559, e a postilla de 30 de Dezembro de 1560. fol. 171. do liuro 4.

*Lei XVII. Dos Physicos que teem parceria com os Boticairos, ou curão sem cartas.*

Manda ElRei nosso Senhor, que nas cidades, villas, e lugares de seus regnos e senhorios, onde houuerem mais de hum Physico, e houuer mais Boticairos que hum, nenhum Physico dee, nem venda meezinhas simplezes, nem compostas de sua casa, para os enfermos que curar, nem recepte com Boticairo que seja seu parente dentro do segundo grao, ou com que tiuer parceria sobre as meezinhas, posto que não seja seu parente. E o Physico, que assi o não cumprir, seraa preso, e degradado por dous annos para Africa, e pagaraa cem cruzados, ametade para quem o accusar, e a outra ametade para os captiuos.

1. Item manda o dito Senhor aos Corregedores das Comarcas de seus regnos, e senhorios, que em cada hum anno, quando fizerem correição nos lugares dellas, se informem se ha nos taes lugares Physicos, ou pessoas que curem de Physica, e quantos, e os mandarão todos vir perante si, e os constranção a lhes mostrar as cartas que teem para curarem. E não lhas mostrando, e constando-lhe per summario de testemunhas, que curão de Physica, farão disso autos, e os emprezarão para em certo tempo conueniente parecerem na corte perante o Physico moor, para se liurarem das culpas. Ao qual enuiarão o traslado dos autos. E o dito Physico moor procederaa contra elles conforme o seu regimento. Per hum aluara de 7 de Julio de 1561. fol. 210. do liuro 3.

*Lei XIX. Dos Cirurgiães, ou Sangradores, que curão sem cartas.*

Manda ElRei nosso Senhor aos Corregedores das comarcas de seus regnos e senhorios, que em cada hum anno, quando fizerem correição nos lugares dellas, se informem se ha nos taes lugares Cirurgiães, ou Sangradores, ou pessoas outras, que curem de Cirurgia, ou que sangrem, e quantos: e os mandarão todos vir perante si, e os constrançerão a lhes mostrarem as cartas ou provi-



sões que tiuerem para poderem curar e sangrar. E não lhas mostrando, e achando per sumario de testemunhas, que sobre isso perguntarão, que curão, e vsão de cirurgia, e que sangrão, farão disso autos, e os emprazarão que em hum certo termo conueniente, que lhes assinarão, pareção em sua corte perante o seu Cirurgião moor, para se liurem da culpa que nisso tiuerem. Ao qual enuiarão o traslado dos autos ditos. E o Cirurgião moor procederaa contra elles conforme o seu regimento, como for justiça. Per hum aluará de 3 de Março de 1565. fol. 229 do liuro 4.

*Lei XV. Porque se confirma e declara a lei precedente.*

Manda ElRei nosso Senhor, approuando o aluara precedente d'ElRei seu avo, e os statutos da Uniuersidade de Coimbra, e húa determinação, que se tomou pelos Deputados da mesa da consciencia, per mandado de S. A. sobre húa differença entre o Physico moor e o Rector e Conselheiros da dita Uniuersidade, que os Medicos, que tiuerem feitos os cursos de theórica e practica na dita Uniuersidade conteudos nos ditos aluara e statutos, e sendo Bachareis formados na faculdade de medecina, possam liurementemente curar, sem interuir outro algum exame do Physico moor, sem embargo de seu regimento. Per hum aluara de 20 de Março de 1566. fol. 142. do liuro.

**ART. VI.—**

Nos primeiros Num. do presente Jornal publicarão-se algumas Relações de Livros modernamente impressos em Inglaterra. Não continuámos, porque vimos que muito por acaso se encontraria hum particular em proporções de encommendar Livros para Inglaterra.

Os Negociantes de Livros prover-se-hão facilmente dos que se forem publicando, se acharem quem lhos compre; os Litteratos comprarão, se acharem a quem. A's duas grandes lojas de Livros em Lisboa de Bertrand, e Martin chegou ha pouco hum pequeno sortimento de preciosos Livros Francezes, alguns publicados em Paris já este anno de 1813. São por alto preço; mas estão quasi extinctos.

Os Livreiros prôvão as suas lojas de bons Livros, nós lhes assegurámos a venda ainda que sejam caros. Os Litteratos comprem os bons Livros que se publicarem, nós lhes assegurámos que



as lojas se prôvão bem a seu gosto. Pela qualidade e quantidade de Livros nas lojas de qualquer Nação se pôde concluir a qualidade e quantidade de Litteratos, que ella possue. Pelo sortimento e manipulação das Boticas se pôde avaliar o merecimento dos Medicos do districto. Pelas lojas de mercadores, capelistas, modistas, etc. se pôde avaliar o luxo da Nação, etc.

Nós estimaremos ter para publicar repetidas vezes grandes Relações de Livros bons e modernos, que cheguem a algum dos Livreiros de Portugal, os quaes nollas podem dirigir, com declaração dos seus últimos preços. He isto o que nós fizemos em o Num. XVI. pag. 406 a respeito da loja de Martin em Lisboa, e vamos a fazer agora a respeito da de Bertrand.

*Relação dos Livros modernos, que se achão de venda em Lisboa, na Loja da Viuva Bertrand e Filhos, ao pé da Igreja de N. S. dos Martires, Num. 45.*

Mathematica. Arte Militar.

Esprit du système de guerre moderne destiné aux jeunes Officiers Militaires par un ancien Officier Prussien traduit de l'Allemand par Tranchant Laverne. Com 58 estampas. 8.<sup>o</sup> Paris, 1801. Encadernado 1:600 rs.

La Croix. Cours de Mathématiques. 8 vol. em 8.<sup>o</sup> Paris, 1807. Brochura 9:600 rs.

Monge. Traité Elémentaire de Statique à l'usage des écoles de la Marine. 5.<sup>e</sup> Edition revue par Hachette. 8.<sup>o</sup> Paris, 1810. Brochura 900 rs.

Cornibert. Table des portées des Canons et Caonnades en usage dans la Marine; com estampas. 8.<sup>o</sup> Paris, 1809. Brochura 1:440 rs.

Campagne des Armées Françaises en Prusse, en Saxe, en Pologne, &c. Sous le Commandement de l'Empereur et Roi en 1806 et 1807. on y a joint des notices biographiques sur ceux qui ont péri dans cette Campagne &c. Cet ouvrage est orné de 20 portraits et la bataille d'Jena. 8.<sup>o</sup> 4 vol. Paris, 1807. Encadernado 6:400 rs.

Biot. Essais de Geometrie analytique. 4.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> Paris, 1810. — 1:320 rs.

Joseph Anastase da Cunha. Principes Mathématiques trad. du Portugais par J. M. d'Abreu. 8.<sup>o</sup> Bordeaux, 1811. Brochura 1:440 rs.

Clairaut. Elémens d'Algèbre. 6.<sup>e</sup> Edition, avec des notes et des



- additions très étendues par Garnier avec figures précédés d'un traité d'Arithmétique par Theveneau avec une instruction sur les nouveaux poids et mesures. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1801. Brochura 2:400 rs.
- Jomini. Traité des grandes opérations militaires. 8.<sup>o</sup> 6 vol. et atlas. 2.<sup>e</sup> Edition. Paris, 1811. Brochura 12:000 rs.
- Reynaud. Elémens d'Algèbre précédés de l'introduction de l'Algèbre. 3.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1810. Brochura 2:400 rs.
- Saint-Paul. Elémens de fortification. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1812. Brochura 6:400 rs.
- Instruction de détail sur l'Exercice et la manoeuvre de la Cavalerie. 12.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1805. Encadernado 2:640 rs.
- Poisson traité de Mécanique. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1811. Brochura 3:360 rs.
- La Caille. Leçons Élémentaires de Mathématiques. 5.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> Paris, 1811. Brochura 1:680 rs.
- Develey. Elémens de Géométrie. 8.<sup>o</sup> Paris, 1812. Brochura 1:600 rs.
- Lefevre. Nouveau traité d'Arpentage. 3.<sup>e</sup> Edition considérablement augmentée. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1811. Brochura 3:360 rs.
- Bourget. Traité élémentaire de calcul différentiel et de calcul intégral indépendans de toutes notions de quantités infinitésimales et de limite; ouvrage mis à la portée des Commensans &c. &c. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1810 et 1811. Brochura 3:840 rs.
- Memoire de l'Officier d'Infanterie présentant la collection méthodique de tout ce que les Réglemens aujourd'hui en vigueur et les Loix non abrogées, contiennent de particulier à cette arme. par l'auteur du Manuel d'Infanterie. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1809. 3:600 rs.
- Le Gendre. Elémens de Géométrie avec des Notes. 9.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> Paris, 1812. — 1:680 rs.
- Ruggieri. Pyrotechnie Militaire, ou traité complet des feux de guerre, et des bouches à feu. 8.<sup>o</sup> Paris, 1812. Brochura 1:600 rs.
- Renaud. Instruction sur la fabrication de la poudre. 8.<sup>o</sup> Paris, 1811. Brochura 640 rs.
- Mandar. De l'Architecture de Fortresses. 8.<sup>o</sup> Paris, 1801. Brochura 2:400 rs.
- Suzanne. Elémens théoriques, et pratiques de la manoeuvre des Vaisaux. 8.<sup>o</sup> Paris, 1806. Brochura 1:600 rs.
- Manoeuvres des Bateriaes de Campagne pour l'artillerie de la garde impériale. 2.<sup>e</sup> Edition. 12.<sup>o</sup> Paris, 1812. Brochura 320 rs.
- Guide de l'Officier particulier en Campagne par Cessac Lacuée nouvelle Edition revue et augmentée avec l'agrément de l'auteur par Mellinet. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1805. Encad. 3:600 rs.
- Cours élémentaire de fortification; rédigé d'après les ordres du General Bellavène. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1806. Encad. 3:200 rs.



- Hayne. Elémens de Topographie Militaire. 8.<sup>o</sup> Paris, 1806. Encad. 1:800 rs.
- Lloyd. Memoires Militaires et politiques de ce Général. 8.<sup>o</sup> Paris, 1801. Encad. 1:800 rs.
- Biot. Analyse du Traité de Mécanique Céleste par La Place. 8.<sup>o</sup> Paris, 1811. — 400 rs.
- Mouzé. Traité de fortification souterraine, suivi de quatre mémoires sur les mines. 4.<sup>o</sup> Paris, 1804. — 4:800 rs.
- Memoires d'Artillerie, contenant l'artillerie nouvelle ou les changemens faits dans l'artillerie française en 1765 &c. par Mr. de Scheel. 2.<sup>e</sup> Edition. 4.<sup>o</sup> Paris, an. 3.<sup>e</sup> — 4:000 rs.
- Gay de Vernon. Traité Élémentaire de art militaire et de fortification. 4.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1805. — 8:400 rs.
- Moitte. Cours complet de Topographie, 5 Num. 4.<sup>o</sup> Paris, 1806. 3:000 rs.
- Hutton. Nouvelles Experiences de Artillerie ou l'on déterminé la force de la poudre &c. &c. trad. de l'Anglois par Villantrays. 4.<sup>o</sup> Paris, 1802. — 2:400 rs.
- Wronski. Refutation de la Theorie des fonctions analytiques de Lagrange. 4.<sup>o</sup> Paris, 1812. — 1:600 rs.
- La Place. Traité de Mécanique Céleste. 4.<sup>o</sup> 4 vol. Paris, 1805. 16:800 rs.
- Vial du Clairbois. Traité Élémentaire de la construction des Bâtimens de mer. 4.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1805. — 8:400 rs.
- Puissant. Traité de Topographie de Arpentage et de Nivellement. 4.<sup>o</sup> Paris, 1807. — 5:200 rs.
- La Grange. Leçons sur le calcul des fonctions. 8.<sup>o</sup> Paris, 1806. Brochura 1:800 rs.
- Règlement concernant l'exercice et le manœuvre de l'Infanterie du 1.<sup>er</sup> Août 1791. en 12.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1811. Brochura 1:800 rs.
- Règlement portant instruction sur l'Exercice et les Manœuvres de la Lance du 24 Septembre 1811. 12.<sup>o</sup> Paris, 1811. Brochura 140.
- Tables Astronomiques publiées par le Bureau des longitudes de France; nouvelles tables de Jupiter et de Saturne calculées d'après la theorie de Laplace et Suivant la division decimale de l'angle droit par Bouvard &c. 4.<sup>o</sup> Paris, 1808. Broch. 2:000 rs.
- Histoire de l'Astronomie depuis 1781 jusqu'à 1811 pour servir de suite à l'histoire de l'Astronomie de Bailly. 4.<sup>o</sup> Paris, 1810. 3:200 rs.
- Le Gendre. Calcul integral sur divers ordres de transcendentes et sur les quadratures. 4.<sup>o</sup> Paris, 1811. — 4:800 rs.
- J. Monteiro da Rocha. Memoires sur l'Astronomie pratique traduits du Portugais. 4.<sup>o</sup> Paris, 1808. Broch. 2:000 rs.
- Traité de la Resolution des Equateurs numeriques de tous les de-



grés; avec des notes sur plusieurs points de la theorie des equateurs algebriques par Lagrange. 4.<sup>o</sup> Paris, 1808. — 2:880 rs.  
 Legendre. Essai sur la theorie des nombres. 4.<sup>o</sup> 2.<sup>e</sup> Edition. Paris, 1808. — 4:800 rs.

Ramond. Memoires sur la formule barometrique de la mecanique celeste et les dispositions de l'atmosphère qui en modifient les propriétés; augmentés d'un instruction elementaire destinée à servir de guide dans l'application du Barometre à la mesure des hauteurs. 4.<sup>o</sup> 1811. — 2:880 rs.

Monge. Traité élémentaire de Statique à l'usage des E'coles de Marine. 5.<sup>e</sup> Edit. revue par Hachette. 8.<sup>o</sup> Paris, 1810. — 900 rs.

Manuel de l'Infanterie, ou resumé de tous les reglemens, decrets, usages, et renseignements &c. par l'auteur du Memorial de l'Officier d'Infanterie &c. 3.<sup>e</sup> Edition. 12.<sup>o</sup> Paris, 1812. — 960 rs.

Traité Élémentaire d'Astronomie Physique par Piot, avec des additions relatives à l'Astronomie Nautique par Rossel. 2.<sup>e</sup> Edit. destiné à l'enseignement dans les Lycées imperiaux et les Ecoles secondaires. 8.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1811. — 6:400.

Geographia.

Guthrie. Nouvelle geographie universelle descriptive, historique, industrielle et commerciale des quatre parties du monde, traduit de l'Anglois. 8.<sup>o</sup> 9 vol. encad. Paris, 1807. Sem Atlas.

14:400 rs.

Nouveaux Elemens de Geographie moderne et universelle extraits de la 7.<sup>e</sup> Edit. de l'abrégé de la Geographie de Guthrie par l'auteur du même ouvrage avec trois Cartes. 12.<sup>o</sup> Paris, 1811. Broch. 1:000.

Bertholon. Atlas moderne portatif composé de 30 cartes sur toutes les parties du Globe terrestre et de 3 Cartes d'Astronomie &c. 4.<sup>o</sup> Lyon, 1804. Broch. 2:880 rs.

Dictionnaire de Poche Geographique, traduit de l'Anglais sur la 13.<sup>e</sup> Edition de Laurent — Echard par Vosgien orné de 3 Cartes Geographiques. 12.<sup>o</sup> Paris, 1802. — 960 rs.

Dictionnaire Geographique, ou Description des quatre parties du monde par Vosgien. 2.<sup>e</sup> Edition augmentée et entièrement refondue par Girard. 8.<sup>o</sup> Broch. 2:640 rs.

Itineraire de Paris à Jerusalem et de Jerusalem à Paris en allant par la Grece et revenant par l'Espagne, la Barberie et l'Egypte. 8.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1812. Broch. 4:800 rs.

Nicolle de la Croix. Geographie moderne et universelle précédée



- d'un traité de la sphère et d'un précis d'astronomie avec un abrégé de la Géographie ancienne, sacré, ecclésiastique &c. par Comeirás. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1800. — 3:600 rs.
- Abrégé de Géographie moderne par Pinckerton et Wälckenaer précédé d'une Introduction à la Géographie Mathématique et à la Géographie Physique ornée de figures par La Croix &c. &c. 2 vol. Paris, 1811. — 3:600 rs.

Medicina. Chirurgia. Chymica. Physica. Botanica.

- Charpentier Cossigny. Recherches Physiques et Chimiques sur la fabrication de la poudre à Canon. 8.<sup>o</sup> Paris, 1807. Encadrado 1:600 rs.
- Mémoires de Physique et de Chimie de la Société d'Arcueil. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1807 et 1809. Broch. 3:200 rs.
- Médecine expectante par Vitet, et matière médicale. 8.<sup>o</sup> 6 vol. Lyon, 1803. Broch. 6:000 rs.
- Morveau. Traité des moyens de désinfecter l'air, de prévenir la contagion et d'en arrêter les progrès. 3.<sup>e</sup> Edition avec des planches et des additions considérables relatives sur tout à la fièvre jaune. 8.<sup>o</sup> Paris, 1805. Broch. 1:280 rs.
- Bell; Traité théorique et pratique des ulcères, trad. de l'Anglois par Bosquillon. 8.<sup>o</sup> Paris, 1803. Broch. 1:800 rs.
- Hanin, Cours de Botanique et de Physiologie végétale, au quel on a joint une description des principaux genres dont les espèces sont cultivés en France, ou qui y sont indigènes. 8.<sup>o</sup> Paris, 1811. Broch. 1:600 rs.
- Latour fils, Essai sur le Rhumatisme. 8.<sup>o</sup> Paris, 1803. Broch. 720 rs.
- Bouillon-La Grange. Manuel d'un Cours de Chimie. 5.<sup>e</sup> Edition avec 25 Planches et des Tableaux. 8.<sup>o</sup> Paris, 1812. Broch. 5:760 rs.
- Essartz. Mémoire sur le Croup. 8.<sup>o</sup> Paris, 1807. Broch. 360 rs.
- Lewis. Connaissance pratique des médicamens, trad. de l'Anglois. 12.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1804. Encad. 4:000 rs.
- Sebathier. De la Médecine Opératoire. 2.<sup>e</sup> Edition entièrement refondue, augmentée, présentée, sur le un nouvel ordre; revue et corrigée par l'auteur. 8.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1810. — 5:400 rs.
- Mérat-des-Vaumartoife. Dissertations sur la Collique Métallique des Plombiers d'Plomb &c. 8.<sup>o</sup> Paris, 1803. Broch. 480 rs.
- Système des Plantes contenant les classes, ordres, genres et espèces les caractères naturels des genres &c. &c. &c. Extrait et traduit des ouvrages de Linné par Mouton Fontenelle 8.<sup>o</sup> 5 vol. Lyon, 1804. Broch. 7:000 rs.



Haüy (Abbé) Traité Élémentaire de Physique. 2.<sup>e</sup> Edition revue et considérablement augmentée. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1806. — 3:360 rs.

Libes. Histoire philosophique des progrès de la Physique. 8.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1810 et 1812. Broch. 4:000 rs.

Breislak. Introduction à la Geologie, ou à l'histoire naturelle de la terre; traduit de l'Italien par Bernard. 8.<sup>o</sup> Paris, 1812. Broch. 1:800.

Thomasini. Recherches pathologiques sur la fièvre de Livourne de 1804 &c. trad. de l'Italien. 8.<sup>o</sup> Paris, 1812. Broch. 1:320 rs.

Fourcroy. Philosophie Chimique. 12.<sup>o</sup> Paris, 1806. Broch. 1:000 rs.

William Henry. Elémens de Chimie expérimentale trad. de l'Anglois sur la 6.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1812. Broch. 3:840 rs.

Gasc. Recueil de plusieurs memoires et observations sur divers points de doctrine de l'art et science des accouchemens. 8.<sup>o</sup> Paris, 1810. Broch. 900 rs.

Capuron. Nouveau Dictionnaire de Medecine, de Chirurgie, de Physique, de Chimie et de Histoire Naturelle. 8.<sup>o</sup> Paris, 1806. Encad. 1:800 rs.

#### História.

Tableau historique et politique de l'année 1806. avec des Portraits. 8.<sup>o</sup> Paris, 1807. Encad. 1800 rs.

Anquetil. Histoire de France depuis les Gaulois jusqu'à la fin de la Monarchie. 12.<sup>o</sup> 14 vol. Paris, 1805. Broch. 8:960 rs.

Histoire de Fenelon composée sur les manuscrits originaux par de Bausset 2.<sup>e</sup> Edition, revue, corrigée et augmentée avec portrait &c. 8.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1809. Broch. 4:320 rs.

Mentelle. Cours complet de Cosmographie, de Chronologie et d' Histoire ancienne et moderne; avec 166 Tableaux et un Atlas de 20 Cartes enluminées dressées d'après les deshiers traités de Paris, 2.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> 4 vol. et Atlas. Paris, 1804. Broch. 9:000 rs.

Damaze de Raymond; Tableau historique, géographique, militaire et morale de l'Empire de Russie. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1812. Broch. 3:600 rs.

Bory de St. Vincent. Essai sur les Isles Fortunées et l'antique atlantique ou précis de l'histoire générale de l'Archipel des Canaries. 4.<sup>o</sup> Paris, an 9.<sup>e</sup> — 2:400 rs.

Anquetil. Précis de l'histoire universelle. 12.<sup>o</sup> 12 vol. Paris, 1811. Broch. 8:640 rs.



## Viagens.

Relation du voyage à la recherche de la Perouse par Labillardière. 8.<sup>o</sup> 2 vol. et atlas. Paris, 1800. Encad. 10:800 rs.

## Jurisprudencia.

Quillet. Etat actuel de la Legislation sur l'administration des troupes. 5.<sup>e</sup> Edition. 8.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1811. Broch. 4:320 rs.  
Pardessus. Elémees de Jurisprudence Criminelle. 8.<sup>o</sup> Paris, 1811. Broch. 1:800 rs.

Perrier. Guide des juges militaires, ou recueil des Loix arrêtés et avis du Conseil d'Etat sur la Legislation Criminelle maritime &c. 8.<sup>o</sup> Paris, 1811. Broch. 1:680 rs.

Code général par les Etats Prussiens, traduit par les membres du bureau de legislation étrangère, et publié par ordre du Ministre de la Justice. 8.<sup>o</sup> 5 vol. Paris, 1812. Encad. 6:400 rs.

Commentaire sur la Loi des Douze Tables par Bouchaud. 2.<sup>e</sup> Edition. 4.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1813. — 5:400 rs.

Code, et Guide des Notaires publics par Guichard. 4.<sup>o</sup> 3 vol. Paris, 1803. — 1:080 rs.

Institutions au Droit Français Civil et Criminel &c. par Bernardi. 8.<sup>o</sup> Paris, an. 8.<sup>o</sup> — 1:200 rs.

Loix fondamentales du Code Pénal de la Chine, avec le choix des Statuts &c. traduite du Chinois par Staunton, et avec des notes par Felix Renouard de Saint Croix. 8.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1812. — 2:400 rs.

## Commercio.

Dictionnaire Universel de Commerce, Banque, Manufactures &c. &c. &c. 4.<sup>o</sup> 2 vol. Paris, 1805. Broch. 9:600 rs.

La Porte. Le Nouveau valin, ou Code Commercial Maritime, accompagné 1.<sup>o</sup> du Commentaire de Valin sur les Dispositions de l'Ordonnance de la Marine qu'ont été conservés dans le Livre. 2.<sup>e</sup> du Code de Commerce, 2.<sup>e</sup> de la Doctrine d'Emerigon sur les contrats &c. &c. par Boucher. 4.<sup>o</sup> Paris, 1809. — 3:200 rs.

Bourguet. Traité de Navigation ouvrage approuvée par l'Institut de France &c. 4.<sup>o</sup> Paris, 1808. — 5:200 rs.



Chateaubriand. *Les martyres, ou le triomphe de la Religion Chretienne.* 8.<sup>o</sup> 3 vol. 1810. Broch. 3:840 rs.

Númerotage (le) des Cottons filés & autres fils, ou l'art de les classer &c. par Peuchet. 8.<sup>o</sup> 1807. — 300 rs.

Na mesma Loja de Bertrand se acha tambem a maior parte dos Livros annunciados em o Num. XVI. pag. 406 do *Jornal de Coimbra*.

*Lista de alguns Livros, que se imprimirão em Portugal, e se publicão nos dous mezes de Junho e Julho do anno corrente, 1813.*

*Pela Academia Real das Sciencias.*

Dissertações Chronológicas e Críticas sobre a História e Jurisprudencia Ecclesiastica e Civil de Portugal; por João Pedro Ribeiro. Tom. III. Part. I. Em 4to. pp. 220. Preço 400 rs. — O Tom. I. d'êsta Obra publicou-se em o anno de 1810; em 4to. tambem; pp. 404. — Tom. II. publicou-se em o anno de 1811; em 4to. pp. 292. — O preço d'estes dous tomos he 1:600 rs.

Collecção de Notícias para a História e Geographia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios Portuguezes, ou lhes são visinhas. Tom. II. Num. VII. em 4to. pp. 394. Os Num III. até VI. do mesmo tomo publicão-se em 4to. tambem no anno de 1812. pp. 230. Os Num. I. e II. publicão-se no mesmo anno de 1812, em 4to. pp. 106. Preço d'este II. Tom. ou de todos os 7 Números, 800 rs. — O Tom. I. d'êsta Obra publicou-se no dito anno de 1812 em dous folhetos, hum d'estes tem o I. II. e III. Números, em 4to. pp. 178. Outro folheto he o Num. III. em 4to. pag. 118. Preço do I. Tom. 600 rs.



Hippólito, Tragedia de Séneca, traduzida em verso por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso. *Com o Texto.* Em 4to. pp. 133. Preço 300 rs.

Opusculos sobre a Vaccina. Em 4to. pp. 128. Preço 240 rs. — São IX. Num., a saber:

I. Regulamento da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias.

II. Conta dada na Congregação dos Membros da mesma Instituição pelo Director Bernardino Antonio Gomes em 15 de Outubro de 1812.

III. Breve Instrucção do que ha mais essencial a respeito de Vaccina.

IV. Conta do que houve digno de observação no mez de Outubro de 1812, dada á Instituição Vaccinica por Francisco de Mello Franco, Director do dito mez.

V. Conta dada na Congregação dos Membros da Instituição pelo Director José Pinheiro de Freitas Soares: em 15 de Dezembro de 1812.

VI. Conta dada na dita Congregação em 15 de Janeiro de 1813 pelo Director, que foi no mez de Dezembro, José Maria Soares.

VII. Conta do Director, que foi no mez de Janeiro, Francisco Elias Rodrigues da Silveira, dada aos 15 de Fevereiro de 1813.

VIII. Conta de Wencesláo Anselmo Soares, Director que foi no mez de Fevereiro, dada aos 15 de Março.

IX. Conta de José Feliciano de Castilho, Secretário da Instituição, desde o seu Estabelecimento até o fim de Novembro de 1812, dada em Sessão de 19 de Dezembro seguinte.

*Impressas na Régia Officina Typographica, e outras.*

Oração funebre nas Exequias do Dr. Francisco José da Costa recitada por João Rodrigues Lima de Sequeira na Igreja do Seminário Real do Patriarchado da Villa de Santarém em 10 de Maio de 1813. Em 4to. pp. 26.

Adoração devotissima a N. S. Jesus Christo caminhando nos seus Adoraveis Passos a ser crucificado pela nossa Redempção. Em 16. pp. 32.

Novena ao Santissimo Sacramento, com Meditações para o visitar no Sagrado Lausperenne, etc. Preço 100 rs.

Novena do Glorioso Patriarcha S. Caetano. Em 12. pp. 48.



**Exposição Anatômica do Utero Humano grávido, e dos seus conteúdos :** com várias reflexões theoricas, e mesmo observações práticas, sobre o estado da prenhez, e o manejo dos partos. Traduzida do Original Inglez do Dr. Guilherme Hunter, por Antonio Lopes de Abreu, Cirurgião. Preço 600 rs.

**Memorias Analyticas,** e observações da virtude da Agua das Caldas. A esta obra se ajunta o Catalogo de todas as plantas medicinaes descobertas em Portugal por differentes Professores. 1 vol. em 4to. Preço 1:200.

**Mappa Militar intitulado = Campanha do Immortal Lord Wellington em 1813 =**

Este Mappa consta de 6 folhas de papel imperial unidas em huma só; e contém as estradas, pontes, rios, serras, Cidades, Villas, e lugares, por onde passou o nosso Victorioso Exército desde que sahio de Freinêda até onde presentemente se acha. Vende-se illuminado, e em caixa por 3:800 rs.

**Grande Mappa Militar do Theatro da Guerra do Norte em 1813 e 1812.** Preço 2:400 rs.

**Grande Estampa da batalha dos Arapiles.** Preço 960 rs.

**Grande Mappa Geographico do Norte,** que signalla a linha, e as Cidades, rios e terras nomeadas no Armisticio. Preço 2:400 rs.

**Estampa da famosa batalha de Victoria,** ganhada pelo Immortal Lord Wellington em 21 de Junho de 1813. Preço 600 rs., illuminada.

**Heroínas Portuguezas (folheto)** antigas e modernas. Preço 120 rs.

**Diccionario Portatil Portuguez-Francez, e Francez-Portuguez.** Preço, encadernado em hum só vol. 1:800 rs.; em dous 1920.

**Compendio de Rhetorica,** ou Arte de aprender a fallar com acerto e perfeição a Lingua Portugueza. Preço 240 rs.

**Diccionario de Agricultura Portugueza,** extrahido, e traduzido do Curso de Agricultura de Rosier, acha-se completo em 2 vol. em 4to. grande. Preço 600 rs.: em papel.

**Ode a S. M. Imperial, Alexandre I.,** pelo Decreto, em que determina se edifique em Petersburgo hum Templo a Deos em reconhecimento das Victorias que alcança. Por José Agostinho de Macedo.

**Ephemérides Astronómicas** calculadas para o meridiano do Observatorio Real da Universidade de Coimbra para o uso do mesmo Observatorio, e para o da Navegação Portugueza. Vol. X. para o anno de 1814.



*Periódicos de Portugal.*

*De todos os dias.* = Gazeta de Lisboa. — Mercurio Lusitano.

*Duas vezes por semana.* = Telégrapho Portuguez. — Gazeta de Agricultura e Commércio.

*Humas vezes por semana.* = Semanário d'Instrucção e Recreio.

*Mensaes.* = Jornal de Coimbra.

ART. VII.—

*Approvação nos Estudos Subsidiarios na Universidade  
de Coimbra em Julho de 1813.*

Latim.	3. <sup>a</sup> Aula	—	—	—	—	—	—	—	96
Dito.	1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> Aula	—	—	—	—	—	—	—	6
Rhetórica	—	—	—	—	—	—	—	—	115
Philosophia Racional e Moral	—	—	—	—	—	—	—	—	113
Grego	—	—	—	—	—	—	—	—	5
Geometria	—	—	—	—	—	—	—	—	35

ART. VIII.—

Pela Directoria Geral dos Estudos e Escólas d'estes Reinos, e seus  
Senhorios estão a Concurso de 60 dias, que começarão no 1.<sup>o</sup>  
de Outubro em Lisboa perante o Dr. Francisco Manoel Trigo  
de Aragão Morato, Oppositor em Canônes, Commissario da  
Côrte e Provincia da Extremadura, as seguintes

Cadeiras de Grammatica Latina das Villas de Maravilla, Lourinhã, Sobral de Monte agraço, Cadaval, Alemquer, Arruda, Olhalvo, Castanheira de Ribatéjo, Alhandra, Aldêa galega da Mercêana, Bellas, Palmella.



MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro), e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4. <sup>tos</sup> de lin.	1. <sup>to</sup> de gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.		
1	m. 10		27	9		14	2	78	2		s. n.
	t. 5		27	9		12	2	81		NO.	p. n. v.
2	m. 9		27	9	2	12	2	81		N.	m. n. v.
	t. 4	15	27	10		11	2	73	2		a. n. v.
	6		27	10		8	2	86		NO.	a. n.
3	m. 8		27	11		11	1	80	2	ESE.	s. n.
	t. 4		27	10	1	12	2	77		OSO.	p. n.
4	m. 10		27	7	3	12		80		S.	c. ch.
	t. 6	30	27	7	3	11	2	83			m. n.
5	m. 7		27	9		11	1	82		E.	a. n.
	t. 4	15	27	9	2	14		71	2	NE.	
6	m. 8		27	9	1	12		79	2	ENE.	s. n. v.
	t. 4	15	27	8		14	3	68		NE.	a. n. v.
7	m. 8		27	8	1	12	1	79			a. nev.
	10		27	8	2	13	3	76	2		s. n.
	t. 4		27	9		14		78		NO.	a. n.
	5		27	9		13	3	80			
8	m. 7	30	27	9	3	12		82		SSE.	s. n.
	t. 3		27	10		14		77		E.	a. n.
9	m. 8		27	9	3	12	3	81		SE.	c.
	t. 3		27	9	2	14		78		S.	m. n.
	5		27	9	1	13		79	2	SE.	
10	m. 10		27	9	1	14		83		SO.	
	t. 6		27	10		13		86		ONO.	p. n.
11	m. 8		27	11		13	3	84		NO.	m. n.
	12		27	11		14	2	85			
	t. 5		27	11	1	13	3	85			
12	m. 10		27	11	3	13	3	83	2	N.	
	12		27	11	3	14	1	84			a. n.
	t. 6		27	11	2	13	3	86			



Dias do mez.	Hor.	Min	Barómetro.			Thermo- metro.		Hygró- metro.		Anemó- metro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr.	4. tos de gr.		
13	m.8		27	11	2	14		85	2	NE.	a. n.
	t. 3	15	27	11		15		79		S.	p. n.
14	m.10		27	11	2	15	1	81		E.	a. n.
	12		27	11	2	16	2	72		NE.	a. n. v.
	t. 4		27	11	2	15		78	3	N.	p. n. t. ch.
15	m.12		27	11	1	15		74			p. n.
	t. 3	30	27	11	2	14	3	80	2	NE.	m. n. t. ch.
16	m.10		27	11	2	15		77			a. n. v.
	12		27	11		16		72			
	t. 7		27	10	2	15	2	78			s. n.
17	m.10		27	9	2	15		73		N.	a. n.
	t. 3		27	8	2	16	2	64		E.	p. n. v.
18	m.8		27	9		15	2	78	2	ENE.	m. n.
	12		27	9		16	2	70			c.
	t. 5		27	9		15		74		N.	
19	m.12		27	9	3	17		72		SE.	p. n.
	t. 6	30	27	9	2	16		79			m. n. v.
20	m.10		27	9	2	17		80			p. n.
	t. 4		27	9		18		78		N.	p. n. v.
	6	30	27	8	2	16	3	81	2	NNO.	p. n.
21	m.10		27	8	2	16		83	2	N.	
	t. 1		27	8	3	17		81	2		a. n. v.
	3	30	27	8	2	17	1	82		NO.	p. n. v.
	5		27	8	2	16	2	85			
22	m.10	30	27	8	2	17	2	82			p. n.
	t. 6	30	27	7	3	16	3	83		NNO.	a. n.
23	m.10	30	27	7	3	17	3	79	2	SO.	
	t. 6	30	27	7	2	16	2	85			p. n.
24	m.6	30	27	7	2	15	3	85		SE.	m. n.
	t. 4		27	7	1	17		77		N.	a. n. v.
25	m.8		27	7	1	16	2	85		S.	m. n. ch.
	12		27	7	2	16	3	80			m. n.
	t. 6		27	8	3	15		79	2		p. n.
26	m.7	30	27	9	3	14	3	80	2		
	t. 3	15	27	9	1	15	2	76	2	ONO.	
	7		27	8	2	13		77	2	NO.	a. n. v.
27	m.7	30	27	4	2	13	2	80	2	S.	m. n. ch.
	10		27	3	2	15	2	81	2		m. n. v. ch.
	12		27	3	2	15		84	2		m. n. v.



Dia, do mês.	Hor.	Min	Barômetro.			Thermô- metro.		Hygrô- metro.		Anemô- metro.	Estado do Ceo.
			Poi	linh	tos de linh.	gr.	tos de gr.	gr.	tos de gr.		
28	m. 9	15	27		2	14		85		O.	c. ch. v.
	11	15	27		3	14	2	84		SO.	
	t. 6		27	6		13		83		O.	m. n.
29	m. 7	30	27	5	2	13		84		S.	c. ch.
	t. 3		27	5	2	14	3	81		OSO.	a. n.
30	m. 7	30	27	7	2	13	3	82		SE.	m. n.
	t. 4	15	27	6	2	14	2	79	2		p. n.
	7		27	6	3	13	2	82		SO.	a. n.

*Explicação do Mappa.*

O *Thermômetro* he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

*Anemometro.* — N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este, etc. — N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

*Estado do Ceo.* — a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — r. = relampagos. — t. = trovoada. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou número, em que estiver o substantivo seguinte.



ABRIL, 1813.

*Corollarios, e Notas.*

I. *Barómetro.* — A maxima pressão da atmosphera n'este mez foi de 27 pol.  $11\frac{3}{4}$  lin. no dia 12 ás 10 e 12 hor. da manhã. Vento n'aquella hora N. A minima de 27 pol. e  $\frac{1}{2}$  lin. no dia 28 ás  $9\frac{1}{4}$  hor. da manhã. Vento O.

II. Nos dias 1, 4, 14, 18, 29 não variou o Barómetro; no 1.º d'estes cinco dias não passou a marcha d'aquelle Instrumento de 27 pol. 9 lin.: no 2.º de 27 pol.  $7\frac{3}{4}$  lin.: no 3.º de 27 pol.  $11\frac{1}{2}$  lin.: no 4.º de 27 pol. 9 lin.: no 5.º de 27 pol.  $5\frac{1}{2}$  lin.

III. Em todo este mez nem se quer hum dia chegou a marcha do Barómetro a 28 pol.

IV. *Thermómetro.* — A maxima temperatura da atmosphera foi de 18 gr. no dia 20 ás 4 hor. da tarde. Vento N. A minima de  $8\frac{1}{2}$  gr. no dia 2 ás 6 hor. da tarde. Vento NO.

V. No dia 2 foi notavel a mudança da temperatura da atmosphera, que houve em tão pequeno espaço de tempo; porque ás 4 hor. da tarde era a marcha do Thermómetro de  $11\frac{1}{4}$  gr., e ás 6 hor. observou-se em 8 gr. Em nenhum outro dia appareceo humma mudança tão consideravel de temperatura.

VI. Em todos os dias do mez variou este Instrumento, ora mais ora menos.

VII. Fizerão-se observações thermométricas ao Sol em todos os dias, que elle esteve descoberto. A maxima temperatura foi de 25 gr. nos dias 1, 18; e a minima de  $22\frac{1}{2}$  gr. nos dias 5, 7, 8, 11, 12.

VIII. *Hygrómetro.* — A maxima humidade da atmosphera foi de 86 gr. nos dias 2, 10 e 12 ás 6 hor. da tarde. Vento no dia 2 á mesma hora NO., e no 10 tambem á mesma hora ONO. A minima foi de 64 gr. no dia 17 ás 3 hor. da tarde. Vento E. Todos os dias variou este Instrumento.

No dia 2 choveo de dia; mas em pequena quantidade; porque ás 10 hor. da manhã cahirão algumas gótas, e tambem de tarde depois das 5 hor. De noute choveo pouco.

No dia 3 cahio alguma chuva ás 11 hor. da manhã, que du-



rou cousa de 8 m'. choveo tambem de tarde pelas 3 hor. cahindo por alguns m'. em gótas miudas accompanhadas de vento.

No dia 4 começou a chover ás 7½ hor. da manhã, continuou até ao meio dia, com alguns intervallos, ora maiores, ora menores, cahindo a chuva em gótas miudas. De tarde tambem choveo, principiando a cahir ás 2½ hor., que durou até ás 3, então parou, e voltou ás 5, continuando até ás 6, pouco mais ou menos.

No dia 9 cahio de noute alguma chuva em quantidade, que foi indicada pelo Pluvímetro.

No dia 10 choveo sómente de manhã desde as 7½ até ás 8 hor. cahindo as gótas da chuva humas vezes mais, outras menos. A's 10 hor. e 40 m' tornou a vir mais chuva, que cahio em pequenas gótas por alguns m'.

No dia 11 sómente choveo de tarde. Começou a cahir ás 3½ hor. em gótas grossas, que durarão cousa de 6 a 7 m'.

No dia 13 tambem choveo sómente de tarde: a chuva em gótas grossas foi accompanhada de trovoadas, esta durou ½ hor., aquella 4 m'.

No dia 14 houve chuva e trovoadas: principiou ás 3½ hor. da tarde, durou 15 m', e forão grossas as gótas que cabirão.

No dia 15 houve trovoadas accompanhada de chuva, ora grossa, ora miuda; que durou desde as 3½ hor. até ás 4¾.

No dia 18 ás 4 hor. da tarde cahio alguma chuva em gótas grossas, que parou passado algum tempo; depois voltou da mesma maneira, e continuou até ás 5 hor.

Choveo na noute do dia 20, e na madrugada do dia 22 em muita quantidade.

No dia 24 tambem choveo de noute, mas pouco.

No dia 25 começou a chover ás 8½ hor. da manhã, durou cousa de ¼ de hor. pouco mais ou menos; depois voltou ás 10 hor., e durou alguns m': de ambas as vezes forão grossas as gótas, que cabirão: de tarde tambem choveo ás 3½, e 6 hor.

No dia 26 choveo ás 5 hor. da manhã, mas foi por pou-



co tempo: tornou a vir ás 10½, e aturou cousa de ¼ de hor. pouco mais ou menos. Choveo tambem de noute.

No dia 27 choveo ás 7, 9½, e 10 hor. da manhã; mas de cada vez pouco: ás 11 hor. cahio chuva em grande quantidade, e foi aturada cousa de 9 m' pouco mais ou menos. Cahio tambem de noute alguma chuva.

No dia 28 choveo toda a manhã ora mais ora menos, de tarde e noute aconteceu o mesmo; mas houverão intervallos, em que não cahio chuva alguma.

No dia 29 choveo de manhã: começou ás 8 hor. e durou 15 m' pouco mais ou menos: n'este dia tambem cahio alguma chuva de noute.

Choveo finalmente no dia 30 ás 8½ hor. da manhã, durou então 8 m': ao meio dia tambem choveo.

IX. *Anemómetro.* — Os ventos Nortes forão aquelles, que reinarão mais n'este mez, a saber: N. NO. NE. NNO. Tambem soprarão alguns dias os ventos S. E. SE. SO. Sómente no dia 8 de manhã soprou o vento SSE., e o vento O. de manhã, e tarde no dia 28.

X. *Pluvímetro.* — Aquantidade de chuva foi n'este mez de 12 pol. 2½ lin.

XI. *Evaporação* á sombra foi de 1 pol. 3 lin. — ½ lin. em cada dia do mez.



Abril de 1813.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS  
feitas na Villa de Mont'Alegre (as do Thermómetro,  
e Anemómetro) em todo o mez.

Dia do mez.	Hor.	Min	Thermó- metro.		Anemó- metro.	Estado do Céo.		
			gr.	4 <sup>ta</sup> de gr.				
1	m.7	10	8		SO.	a. n.	v.	
2	m.9	15	4	2	NO.	a. n.	neve.	
	t.10	45	0-1			a. n.	graniso.	
3	m.9	15	3	2	N.	a. n.	a. nev.	
4	t.10	15	1	4		c. n.	neve.	
5	m.10	15	3	1	NE.	a. n.	sol.	
6	t.11	5	3	2		s. n.		
7	m.8	10	5	1		s. n.	sol.	
	t. 3	5	5		ENE.	a. n.		
8	m.7	45	6		NE.	a. nev.	sol.	
10	m.11	5	7	2	SE.	c. n.	a. ch.	
	t.10	15	6			c. n.	ch.	
13	t. 4	15	10	2		a. n.	ch. v. trovoad.	
14	m.8	37	9		E.	s. n.	v.	
	t.11	8	8	2		s. n.		
19	t. 9	8	8	2	ENE.			
20	t. 4	20	15			a. sol.	trovoad.	graniso.
21	m.8	5	11		E.	a. sol.	a. n.	
	t. 5	30	14	2				
22	m.11	5	14	3	ES.	a. n.	sol.	
	t. 6	15	11	2	E.	a. n.	a. ch. trovoad.	
23	t. 5	15	12	2	NE.	s. n.	sol.	
24	m.8	30	6			a. n.	v.	
	t. 7	30	7	2		c. n.	v.	
25	m.7	45	6	3	NO.	s. n.	v.	
	t.11	30	4			a. n.	neve.	
26	m.8	5	8		N.	a. n.	trovoad.	
27	m.10	15	7		SE.	a. nev.	neve.	
	t. 5	8	6	2	OS.	nev.	m. v. a. ch.	
28	m.8		4	2		nev.	m. ch. a. v.	
29	m.11		6			a. nev.	v. a. sol.	
30	t. 7	5	4	2		c. n.		



Abril de 1813.

Observações Thermométricas feitas  
em Vianna do Minho.

Por F. M. B. J.

Dias	Hor.	Min.	grãos	Dias	Hor.	Min.	grãos	Dias	Hor.	Min.	grãos
1	9		59	9	9	30	60	17	9		68
	10		58		8		62		2		72
2	9		56	10	2		62	18	6		66
	6		52		10		60		1	45	71
3	9		52	11	9		60	19	9		69
	8		53		2		62		10		68
4	9		53	12	9		62	20	9		67
	45	30	49		2		63		2		71
5	9		51	13	12		64	21	9		70
	5	15	57		10		63		10		69
6	9		54	14	12		67	22	9		66
	2		60		9		65		2		68
7	9		55	15	12		67	23	2	30	70
	2		58		11		65		10	30	66
8	12		60	16	8		66	24	6	15	62
	10		59		2		68		10		67



Dias.	Hor.	Min.	grãos	Dias.	Hor.	Min.	grãos	Dias.	Hor.	Min.	grãos
25	2	45	60	27	9	15	55	29	9		59
			58				57				56
26	9		57	28	12		55	30	12		57
			59				54				56

N. B. — O Thermómetro he o de Caprani e Burney. — A linha média horizontal de cada dia separa a manhã da tarde.

#### Corollarios e Notas.

A maxima temperatura da atmosphaera foi de 72 gr. no dia 17 ás 2 horas da tarde. A minima de 49 gr. no dia 4 ás  $5\frac{1}{2}$  hor. da tarde.

A maxima variação foi igual nos dias 5 e 6: n'aquelle de 51 gr. ás 9 hor. da manhã para 57 gr. ás  $5\frac{1}{2}$  hor. tarde; n'este de 54 gr. ás 9 hor. da manhã para 60 gr. ás 2 hor. da tarde: ésta foi mais rápida.

Em todos os dias do mez variou este instrumento ora mais ora menos. Todavia foi notavel a constancia da temperatura atmospherica no dia 1.º e 21 desde as 9 hor. da manhã até ás 10 hor. da noute, e no dia 13 desde as 11 hor. da manhã até ás 10 hor. da noute. N. B. N'este dia não houve observação de manhã antes das 11 hor.

A maxima temperatura diaria foi de tarde na maior parte dos dias.

Em todo o mez tem havido trovoadas principiadas perto de nós: muitas tem-se desvanecido; a explosão porém tem sido em outra parte. Desde a noute do dia 26 tem chovido copiosamente.

Os ventos forão N. e NE.



## ART. X.

Lista das Embarcações, que entrarão, e sairão, em vários Pórtos do Reino de Portugal no mez de Junho (quasi todas) de 1813: na qual se declara a qualidade, nome, e Nação da Embarcação; e (nas entradas) Pórtos d'onde vierão, carga que trouxerão, e para quem, e dias de viagem: e (nas saídas) Pórtos para onde vão, carga que levão, e para quem: com todas as mais circumstancias, que nas listas originaes se encontrão. Quando se não fallar em carga, deve entender-se que vierão ou fôrão em lastro. Quando se não fallar em mez, deve entender-se Junho.

*Caminha. — Governador, D. João de Amorim Pereira.*

Comprehende desde 19 de Maio até 26 de Junho.

Entrarão. Maio. — 31. *Hiate, Alegria*, Port., do Porto, 3 dias de viagem. *Hiate, Fama de Vianna*, Port., de Viana, com caixas de Assucar para José Pereira Torres: 1 dia. — Junho 3. *Hiate, Inveja*, Port., de Viana: 1 dia. *Hiate, Nova Alliança*, Port., de Cadis, com sal para Tui: 25 dias. *Hiate, Senhor dos Passos*, Port., de Setubal, com sal para Antonio José de Carvalho: 10 dias. *Hiate, Harmonia*, Port., de Setubal, com sal para vender: 10 dias. *Hiate, Senhor do Bom-Fim*, Port., de Setubal, com sal para vender: 7 dias. — 4. *Rasca, Conceição e Almas*, Port., do Porto, com bacalhão e pipas vazias: 2 dias. *Hiate, Mondega*, Port., da Figueira, com sal para vender: 3 dias.

Sairão. Maio. — 20. *Hiate, Boa-Nova*, Port., para Lisboa, com madeira commissionada a Carlos Fernandes do Couto. — 25. *Hiate, Senhor dos Navegantes*, Port., para Setubal. *Rasca, S. Sebastião e Santa Anna*, Port., para o Porto, com milho commissionado ao Mestre José Luiz. — 26. *Lancha, Santa Roza e Almas*, Hesp., para a Corunha, etc.

*Espôsende. — Governador, o Coronel José Maria de Araujo Bazelar.*

Entrarão. — 2. *Lancha, Bom Jesus e Almas*, Mestre, Cactano Gomes, Port., da Cidade do Porto, 1 dia de viagem.



*Chabasca, Santo Antonio e Nossa Senhora da Soledade*, Mestre, Manoel Moraes, Port., de Viana, com breu e bacalhão para Francisco da Silva: 1 dia. *Lancha, N. Senhora da Lapa*, Mestre, João Fernandes Neiva, Port., do Porto, com carvão: 1 dia. *Hiate, Espirito Santo*, Mestre, João Bernardo Dias, Port., de Villa do Conde: 1 dia. *Hiate, Bom Jesus de Paó*, Mestre, Francisco Xavier Contente, Port., de Setubal, com sal para Ursela, Viuva de Paó: 9 dias. — 3. *Hiate, Senhora da Conceição e Santo Antonio*, Mestre, Antonio da Costa Barbosa, Port., de Setubal, com sal para Manoel Pessoa: 5 dias. — 6. *Lancha, S. Pedro*, Mestre, Miguel de Carvalho, Port., de Galiza, com seis vacas por sua conta: 2 dias. — 8. *Hiate, Bom Conceito*, Mestre, João José Mesquita, Port., de Setubal, com sal para Antonio Caetano: 5 dias. *Hiate, Dourado*, Mestre, Manoel Xavier, Port., de Viana, com sal para Estevão de Araujo: 1 dia. — 14. *Lancha, Bom Jesus e Almas*, Mestre, Manoel José Gonçalves, Port., de Galiza, com sardinha e gado por sua conta: 2 dias. — 15. *Lancha, Menino Deus*, Mestre, Manoel Pinto, Port., de Viana: 1 dia. — 17. *Chabasca, N. Senhora da Conceição*, Mestre, Manoel de Villas-Boas, Port., da Galiza: 2 dias. — 21. *Lancha, Bom Jesus e Almas*, Mestre, Manoel André, Port., da Cidade do Porto: 2 dias. *Hiate, Espirito Santo*, Mestre, João Bernardo Dias, Port., de Galiza, com sardinha por sua conta: 2 dias. — 22. *Hiate, N. Senhora da Soledade*, Mestre, José Ribeiro Barros, Port., de Galiza: 2 dias.

Sahirão. — 1. *Lancha, N. Senhora da Bonança*, Mestre, Miguel Gonçalves, Port., para Galiza, com louça por sua conta. *Hiate, Inveja*, Mestre, Joaquim Bernardo, Port., para Caminha. — 2. *Chabasca, N. S. da Conceição*, Mestre, Manoel de Villas-Boas, Port., para Galiza, com taboado por sua conta. — 5. *Hiate, N. S. da Arrabida*, Mestre, João José Boim, Port., para Setubal. — 6. *Lancha, Bom Jesus e Almas*, Mestre, Caetano Gomes, Port., para Galiza. — 7. *Hiate, Espirito Santo*, Mestre, João Bernardo Dias, Port., para Galiza, com taboado por sua conta. — 15. *Hiate, Bom Conceito*, Mestre, João José Mesquita, Port., para Setubal. *Hiate, Dourado*, Mestre, Manoel Xavier, Port., para Setubal. — 16. *Ercuna, Santa Rita*, Mestre, Antonio José Ferreira, Port., para Villa do Conde. *Hiate, N. S. da Conceição e Santo Antonio*, Mestre, Antonio da Costa Barbosa, Port., para Setubal.

Faro. — Governador, o Coronel Francisco José da Fonseca.

Comprehendem desde 16 de Maio até 15 de Junho.

Entrarão. — 16. *Cahique, Senhora das Dóres*, Hespanhol



de Cartaya, com esparto para vender: 4 dias de viagem. *Bergantim*, Wilam, Inglez, de Cadiz: 7 dias. — 20. *Rasca*, *Senhora ao pé da Cruz*, Portuguez, de Cadiz: 1. dia. — 21. *Bote*, *Senhora do Carmo*, Port., de Gibraltar, com pipas vazias e madeira: 3 dias. *Cahique*, *Ligeiro*, Port., de Gibraltar, com trigo e cevada para Lisboa: 3 dias. — 22. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., de Gibraltar: 3 dias. — 23. *Cahique*, *S. José*, Hesp., da Figueirita: 1 dia. — 25. *Faluxo*, *S. José*, Hesp., da Figueirita: 1 dia. — 30. *Faluxo*, *Senhora do Rosario*, Hesp., da Figueirita, 1 dia.

Junho. — 1. *Cahique*, *Maria*, Ing., de Almeiria, com esparto para Lágos, arribou no 1.º de Junho: 10 dias de viagem. — 6. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., de Cadiz: 3 dias. — 8. *Barca*, *Santo Christo de Alcarão*, Hesp., do porto de Santa Maria, com pipas vazias: 5 dias. *Barca*, *Senhora do Carmo*, Hesp., do porto de Santa Maria, com pipas vazias: 5 dias. — 9. *Bote*, *Santo Antonio e Almas*, Hesp., da Figueirita: 1 dia. — 11. *Calão*, *Santo Antonio e Almas*, Port., de Cadiz: 3 dias. — 13. *Faluxo*, *Santo Agostinho*, Hesp., da Figueirita: 1 dia. — 14. *Bote*, *Santo Antonio e Almas*, Port., de Cadiz: 3 dias. *Bote*, *Senhora do Carmo*, Hesp., da Figueirita: 1 dia.

Sahitão. Maio. — 18. *Bote*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Cadiz, com ovos e obra de palma. — 19. *Hiate*, *Alleluia*, Port., vindo de Lisboa, foi para Cadiz, com queijos, carne, e algodão. — 21. *Cahique*, *Santos Reis*, Hesp., para Cadiz. — 22. *Bergantim*, Wilam, Ing., para Londres, ás Ordens. — 24. *Cahique*, *l. Fortuna*, Hesp., para Gibraltar, com couves, sebola, e obra de palma. — 26. *Bote*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Gibraltar. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Sevilha, com 250 arrobas de atum. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para a Figueirita, com 232 arrobas de atum. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para a Figueirita, com 202 atuns. *Hiate*, *Senhora da Guia*, Port., para Cadiz, com queijos e pão do Brazil, vindo de Lisboa. — 28. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para a Figueirita, com 141 atum. *Cahique*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para a Figueirita, com 161 atum.

Junho. — 1. *Cahique*, *Senhora do Carmo*, Port., para Larache, com sal. — 4. *Cahique*, *Maria*, Ing., para Gibraltar, com atum salgado. *Cahique*, *Senhor do Bom Fim*, Port., para Gibraltar. — 5. *Calão*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Cadiz, com ovos e obra de palma. *Laucha*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Cadiz, com ovos e obra de palma. — 8. *Faluxo*, *S. José*, Hesp., para Cataluña, com 26 pipas de atum. *Faluxo*, *Senhora do Rosario*, Hesp., para Cataluña, com 26 pipas de atum. — 14. *Barca*, *Santo Christo del Grão*, Hesp., para Cataluña, com 57 pipas de atum. *Barca*, *Senhora do Carmo*, Hesp., para Cataluña,



com 58 pipas de atum. *Rasca, Senhora ao pé da Cruz*, Port. para Cadiz, com cebólas.

*Figueira. — Governador, o Tenente Coronel João Pedro da Maia e Mello Brandão.*

Entrarão. — 2. *Cahique, Senhora da Gloria*, Port., de Cezimbra, com 15 pipas de Azeite a José Fernandes: 2 dias de viagem. *Bergantim, Triunpho das 3 Nações*, Port., de Lisboa, com 300 barricas de farinha para vários: 8 dias. *Hiate, Voador*, Port., de Lisboa, com farinha e arroz ao Commissario Portuguez: 8 dias. *Escuna, Luzitana*, Port., de Lisboa, com 110 moios de milho e 100 barricas de farinha a José Luiz de Navaes, e filho: 3 dias. *Transporte, marca O. P.*, Inglez, de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. *Transporte, marca K.*, Inz., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — 5. *Escuna, Deligente*, Port., da Ilha de S. Miguel, com 200 moios de milho a José Luiz de Navaes: 8 dias. — 6. *Hiate, Santo Antonio e Almas*, Port., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Portuguez: 3 dias. *Escuna, Activa*, Port., de Lisboa, com 233 barricas de farinha, 60 de arroz para a Praça: 3 dias. *Rasca, N. Senhora do Aballo*, Port., de Peniche, com cavalla a elle Mestre: 1 dia. *Cahique, Senhor Jesus da Piedade*, Port., de Lagos, com sardinha e cavalla a elle Mestre: 4 dias. *Transporte, marca, I. J.*, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. *Transporte, marca, A. U.*, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — 7. *Hiate, Santa Rita*, Port., da Ilha de S. Miguel, com 170 moios de milho a Joaquim Antonio de Oliveira: 8 dias. *Hiate, Conceição e Almas*, Port., do Porto: 4 dias. — 10. *Cahique, Senhora do Carmo e S. Leão*, Port., de Lagos, com cavalla a elle Mestre: 3 dias. *Rasca, Senhora das Chagas e Almas*, Port., de Larache, com sardinha a elle Mestre: 3 dias. — 13. *Rasca, Senhora do Rosario*, Port., de Cezimbra, com sardinha a elle Mestre: 3 dias. — 14. *Rasca, Senhora da Boa Vingem*, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 10 dias. *Hiate, S. José Deligente*, Port., do Porto, com 50 quintaes de bacalhão a José Luiz de Navaes: 2 dias. *Lancha, S. José e Almas*, Hesp., de Marim, com 130 fangas de trigo e milho a elle Mestre: 2 dias. *Bergantim, Delfim*, Port., do Porto: 2 dias. — 15. *Hiate, Senhora do Amparo*, Port., do Porto, com encomendas para a Praça: 2 dias. — 17. *Rasca, Conceição e Almas*, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 6 dias. — 18. *Lancha, Santo Antonio Amor da Patria*, Port., do Porto para Aveiro: 2 dias. *Escuna, Estrella do Norte*, Port., do



Pôrto para Londres, com vinho e fruta, arribado: 3 dias. — 19. *Hiate*, S. Trocato, Port., do Pôrto, com 6 caixas de assucar, e 15 pipas vazias a Manoel Pedro: 1 dia. — 21. *Hiate*, Assumpção, Port., do Pôrto, com 5 caixas de assucar, e 15 pipas vazias a Manoel Pedro: 1 dia. *Hiate*, Senhora da Agonia, Port., do Pôrto: 2 dias. — 23. *Hiate*, Senhor dos Afflitos, Port., do Pôrto: 2 dias. *Hiate*, Santo Antonio Vencedor, Port., do Pôrto: 2 dias. — 25. *Rasca*, Conceição, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 8 dias. *Rasca*, Senhora do Livramento, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 5 dias. *Rasca*, Santa Anna e Almas, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 8 dias. *Hiate*, Conceição e Almas, Port., de Lisboa, com fazenda da Praça: 3 dias. *Hiate*, Sacramento, Port., de Lisboa, com farinha, e farellos ao Commissario Portuguez: 4 dias. *Transporte*, marca, C.J., Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. *Transporte*, marca, C.O., Inglez, de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. *Transporte*, marca, W.J., Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. *Transporte*, marca, A.K., Inglez, de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. *Transporte*, n.º 258, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — 26. *Transporte*, n.º 324, Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — 27. *Bergantim*, Sociedade, Port., da America Ingleza, com milho a Lionardo Pinto Corrado: 36 dias. *Rasca*, Santo Antonio e Almas, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 6 dias. — 28. *Rasca*, Santa Anna e Almas, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 7 dias. *Rasca*, Conceição, Port., de Larache, com cavalla a elle Mestre: 6 dias. *Hiate*, Senhora das Mergês, Port., do Pôrto: 2 dias. — 30. *Cahique*, Senhora da Piedade e Almas, Port., de Lagos, com cavalla a elle Mestre: 9 dias. *Transporte*, marca, B.L., Ing., de Lisboa, com mantimentos ao Commissario Inglez. — 31. *Sahirão*. — 2. *Transporte*, marca, U.R., Inglez, para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, marca, F.E., Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, n.º 187, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 3. *Hiate*, Santo Antonio Vencedor, Port., para o Pôrto, com 12 barcos de pedra a Francisco Roiz. *Hiate*, Prudencia, Port., para Lisboa, com 249 duzias de madeira a elle Mestre. *Transporte*, n.º 389, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 4. *Rasca*, Senhora das Necessidades, Port., para Peniche, com 24 moios de sal a elle Mestre. *Rasca*, Santo Antonio e Almas, Port., para Peniche, com 8 moios de sal a elle Mestre. *Escuna*, Voadora, Port., para a Ilha de S. Miguel, com 110 duzias de madeira a elle Capitão. *Transporte*, marca, L.R., Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 5. *Hiate*, Cabo Mondego, Port., para as Barrias do Reino, com 48 moios de sal vermelho a elle Mestre. — 8. *Cahique*, Senhora da



*Gloria*, Port., para o Pôrto, com fardos para o Hospital Militar Portuguez. — 11. *Hiate*, *Paquete da Villa*, Port., para Villa de Conde, com 130 barricas de sal, e 120 duzias de louça a elle Mestre. *Transporte*, *marca*, *F. O.*, Inglez, para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, *marca*, *C. U.*, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 13. *Rasca*, *Senhora do Aballo*, Port., para Peniche, com sal de resalga. *Transporte*, *marca*, *C. N.*, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, *marca*, *R. Z.*, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, *n.º* 78, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 14. *Hiate*, *Esperança*, Port., para as Barras do Norte, com 80 moios de sal a elle Mestre. *Escuna*, *Lusitana*, Port., para a Irlanda, com 10 milheiros de Limão a elle Capitão. *Rasca*, *Senhora das Necessidades*, Port., para a Ericeira. *Cahique*, *Senhor Jesus e Senhora da Ajada*, Port., para Lagos, com sal de resalga. — 15. *Bergantim*, 3. *Amigos*, Port., para Lisboa, com madeira a elle Capitão. *Transporte*, *n.º* 255, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 16. *Rasca*, *Senhora do Rosario*, Port., para a Ericeira, com sal de resalga. — 19. *Hiate*, *Conceição e Almas*, Port., para Lisboa, com 240 duzias de tabuado a elle Mestre. *Rasca*, *Conceição e Almas*, Port., para Peniche, com 12 moios de sal a elle Mestre. *Transporte*, *marca*, *O. P.*, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 20. *Transporte*, *marca*, *K.*, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, *marca*, *I. F.*, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 21. *Escuna*, *Estrella do Norte*, Port., para Londres, com a carga, com que entrou arribada. *Hiate*, *Senhor Jesus dos Afflictos*, Port., para Lisboa, com 200 duzias de tabuado a elle Mestre, e 6 prezos. *Hiate*, *Voador*, Port., para Lisboa, com tabuado a elle Mestre. — 22. *Escuna*, *Lusitana*, Port., para Irlanda, com a carga, com que entrou arribada. *Hiate*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Lisboa, com madeira a elle Mestre. — 23. *Rasca*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para Larache, com sal de resalga. *Rasca*, *Senhora da Boa Viagem*, Port., para a Ericeira, com sal de resalga. — 27. *Transporte*, *n.º* 215, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Chalapa*, *Eliza Baird*, Ing., para Liverpool, com 50 quintaes de sumagre, 100 ditos de cortiça, 20 milheiros de limão, 800 couros a elle Capitão. — 28. *Bergantim*, *Alavante*, Port., para o Rio de Janeiro, com 241 pipas de vinho, e 35 caixões de vidros a elle Capitão. *Hiate*, *Senhor dos Afflictos*, Port., para o Algarve, com 36 moios de sal a elle Mestre. *Bergantim*, *Conceição flor de ...*, Port., para a America Inglesa, com 80 moios de sal a elle Capitão. *Rasca*, *Santa Anna*, Port., para a Nazareth, com sal a elle Mestre. *Rasca*, *Conceição*, Port., para Peniche. *Hiate*, *Senhora do Amparo*, Port., para o Porto, com 7 barcos de pedra, e 27 caixões de vidros. *Escuna*, *Triumpho das tres Nações*, Port., para Lisboa, com ma-



deira a elle Mestre. *Transporte*, n.º 55, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, n.º 274, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, n.º 285, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, n.º 477, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. *Transporte*, n.º 181, Ing., para Lisboa, ao Commissario Inglez. — 29. *Rasca*, *S. do Livramento*, Port., para a Ericeira, com sal de resalga. — 30. *Hiate*, *Aurora*, Port., para a Ilha de S. Miguel, com 70 moios de sal a elle Mestre. *Hiate*, *S. Trocato*, Port., para o Porto, com 34 moios de sal, e 22 caixões de vidros a elle Mestre.

---

*Pôrto*. — *S. João da Foz*. — *O Capitão Commandante do Castello*, Francisco José Rezende de Vasconcellos.

*Entrarão*. — 1. *Hiate*, *Senhora do Carmo*, Port., de Lisboa, com farinha, carne, e biscouto para o Assento: 12 dias de viagem. *Bergantim*, *Elizabet*, Ing., de Liverpool, com fazendas a Soares: 11 dias viag. *Hiate*, *Diligente*, Port., de Setubal, com sal a Joaquim José Felix: 8 dias. *Escuna*, *Ater*, Ing., de Lisboa, com milho e biscouto ao Commissario Inglez: 17 dias. *Quezo*, *Senhora da Junqueira*, Gall., de Corcovião, com pedras de mós a Domingos de Castro: 4 dias. — 2. *Hiate*, *Perola*, Port., de Setubal, com sal a Manoel José Fernandes: 7 dias. *Hiate*, *S. Anna*, Port., de Setubal, com sal a Thomaz Antonio: 5 dias. *Hiate*, *Senhora das Mercês*, Port., de Lisboa, com mantimento para o Exercito: 7 dias. *Hiate*, *Boa Nova*, Port., de Lisboa, com mantimento para o Exercito: 7 dias. *Transportes*, 9 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Hiate*, *Senhora do Rozario*, Port., de Setubal, com sal a José Bernardo: 7 dias. *Bergantim*, *Aurora*, Port., de Lisboa, com farinha e milho ao Commissario Inglez: 10 dias. *Sumaca*, *Fragatinha*, Port., sahio no dia 29 de Maio, e no dia 31 foi tomada por huma Escuna Franceza, que a roubou, cortou-lhe o mastro grande, e deixou-a. *Hiate*, *Senhora da Piedade*, Port., do Algarve, com azeite e sal a José Rodrigues: 13 dias. — 3. *Hiate*, *Senhora da Conceição*, Port., do Algarve, com azeite a Rodrigo da Silva: 8 dias. *Hiate*, *Boa Paz*, Port., de Setubal, com sal a Antonio Joaquim: 6 dias. *Hiate*, *Boa Esperança*, Port., de Lisboa, com trigo, centeio, e arrôz a Joaquim Ferreira: 7 dias. *Transportes*, 2 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Bergantim*, *Teneque*, Ing., da Terra-Nova, com bacalhão a Nume: 20 dias. *Bergantim*, *Guerreiro*, Port., de Lisboa, com assucar e arrôz a Luiz Martins da Costa: 22 dias. *Hiate*, *Sr. dos Martyres*, Port., de Lisboa, com cevada e medicamentos ao Hospital Real: 4 dias. — 4. *Hiate*, *Senhora das*



*Dores*, Port., de Aveiro, com sal a Manoel Martins: 2 dias. *Hiate*, *Santo Antonio*, Port., de Lisboa, com assucar e arrôz a José Luiz: 6 dias. *Hiate*, *Flôr de Setubal*, Port., de Lisboa, com cevada para o Assento: 8 dias. *Escuna*, *Flôr de Aveiro*, Port., de Aveiro, com sal a Manoel Francisco de Freitas: 2 dias. *Lancha*, *Jesus, Maria*, Port., de Vianna, com biscoito a Filippe José: 2 dias. — 5. *Hiate*, *Santo Antonio Vencedor*, Port., da Figueira, com farinha e pedra para cal a Claudio Pereira: 3 dias. *Hiate*, *Senhora d' Agonia*, Port., da Figueira, com sal a João Baptista: 8 dias. *Hiate*, *Santa Anna*, Port., de Setubal, com sal a João Ferreira: 10 dias. *Escuna Feliz*, *Santo Antonio*, Port., de Lisboa, com cevada a José Ferreira: 8 dias. *Lancha*, *Bom Jesus*, Port., de Vigo, com sardinha a Manoel Francisco: 3 dias. — 6. *Hiate*, *Caçador*, Port., de Caminha, com milho a José Pereira: 3 dias. *Hiate*, *Senhora da Saudade*, Port., de Sevilha, com azeite a Francisco Fernandes: 8 dias. *Hiate*, *S. Cruz*, Port., de Lisboa, com fardamento para o Exercito: 4 dias. *Bergantim*, *Rover*, Port., de Lisboa, com centeio e arrôz a José Corrêa: 6 dias. *Transportes*, 8 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Hiate*, *Boa Fé*, Port., de Lisboa, com arrôz e assucar a Manoel José Fernandes: 8 dias. *Hiate*, Port., de S. A. R. *Bergantim*, *Frini*, Ing., de Lisboa, com cevada e sal a Vanzeler: 3 dias. *Hiate*, *Restaurador*, Port., de Setubal, com sal a Sebastião José Contente: 5 dias. — 7. *Bergantim*, *Gustavo*, Suec., de Stockolm, com ferro e aço a Vanzeler: 30 dias. *Escuna*, *Hoque*, Ing., de Gibraltar, com farinha a Guilherme Matté: 12 dias. — 8. *Bergantim*, *S. Caetano*, Port., de Lisboa, com fardamentos e mantimentos para o Exercito: 5 dias. *Bergantim*, *Trocador*, Port., do Rio de Janeiro, com assucar, arrôz e aguardente a Joaquim José Gonçalves: 78 dias. *Lancha*, *Santo Antonio e Almas*, Port., de Peniche, com cavallas a Antonio de Carvalho: 2 dias. — 9. *Rasca*, *Senhora da Glória*, Port., da Figueira, com roupas e louças para os Hospitales Reaes: 2 dias. — 11. *Hiate*, *Conceição de . . . . .*, Port., de Lisboa, com mantimento para o Exercito: 3 dias. *Hiate*, *Portugal Invencivel*, Port., de Lisboa, com mantimento para o Exercito: 4 dias. *Galéra*, *Tres Reis*, Port., do Pará, com arrôz, cação e aguardente a Joaquim Fernandes: 77 dias. *Hiate*, *Senhor do Alivio*, Port., da Ilha de S. Miguel, com milho e tremôços a Manoel Antonio Pinto: 20 dias. *Lancha*, *S. Antonio*, Port., de Vigo, com sardinha a Manoel Gonçalves: 2 dias. *Hiate*, *S. Antonio*, Port., de Vianna, com milho, trigo e centeio a Manoel de Sousa: 10 dias. *Bergantim*, *Pérula*, Port., de Pernambuco, com assucar, algodão e aguardente a Francisco José Pereira: 78 dias. *Rasca*, *S. Antonio*, Port., de Lagos, com cavallas a Gregorio José Rodrigues: 8 dias. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Hiate*, Port., de S. A. R. — 14. *Es-*



*cuna*, *Rozaria*, Port.; de Bristol, com ferro, queijo e serveja a Diogo da Fonseca: 13 dias. *Hiate*, *Ave Maria*, Port., da Corunha, com trigo, milho e centeio a Manoel Ferreira: 3 dias. *Hiate*, *Defensor da Patria*, Port., de Caminha, com milho para o Assento: 2 dias. *Queexo*, *Senhora do Carmo*, Galleg., de Rivadeu, com milho a Joaquim Ferreira: 7 dias. *Lancha*, *Senhora da Lapa*, Port., de Vianna, com milho e sardinha a João Fernandes: 1 dia. — 15. *Queexo*, *S. Luiz*, Galleg., de Vigo, com milho a Romão Alcaide: 2 dias. *Queexo*, *Gratitu*, Galleg., de S. Thiago da Fós, com milho a Diogo Lhano: 5 dias. *Lancha*, *Bom Jesus*, Port., de Vianna, com milho e trigo a Manoel André: 1 dia. *Lancha*, *S. Francisco*, Galleg., de Vigo, com trigo a Francisco de Cores: 2 dias. *Navio*, *S. Gualter*, Port., da Bahia, com assucar, arrôz e couros a Luiz José Martins da Costa: 78 dias. — 16. *Lancha*, *Sam Campio*, Galleg., de Noia, com milho a Ignacio Fernandes: 2 dias. *Lancha*, *S. José*, Galleg., de Darqueiros, com milho a Roque Garcia: 3 dias. — 17. *Transportes*, 8 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Galéra*, *George*, Ing., de Portsmouth, com ferro, linho e fazenda a Brum.: 15 dias. *Escuna*, *Alerta*, Ing., de Portsmouth, com cerveja, queijo e manteiga a Guilherme Rocha: 15 dias. *Bergantim*, *João*, Ing., da Terra Nova, com bacalhão a Noble: 16 dias. *Bergantim*, *Guardião*, Ing., de Portsmouth, com fazendas a Camo: 15 dias. *Galéra*, *Federica*, Suec., de Portsmouth, com ferro e linho a Bul: 15 dias. *Bergantim*, *Delfina*, Ing., de Falmuth, com ferro a Maia: 11 dias. *Bergantim*, *Darca*, Ing., de Portsmouth, com carvão e garrafas a Suance: 15 dias. *Bergantim*, *Hora*, Ing., de Portsmouth, com fazendas a Co-frete: 15 dias. *Bergantim*, *Fenite*, Ing., de Portsmouth, com fazendas a Soares: 15 dias. *Bergantim*, *Asiques*, Ing., de Portsmouth, com azeite de peixe e fazendas a Suance: 15 dias. *Rasca*, *Sacramento*, Port., de Peniche, com cavallas a Leonardo Franco: 4 dias. *Queexo*, *Senhora da Angustia*, Galleg., de Rivadeu, com milho a Romão Branco: 4 dias. — 18. *Escuna*, *Telamance*, Ing., da Terra Nova, com bacalhão a Nume: 17 dias. *Escuna*, *Chufra-ne*, Ing., de Portsmouth, com bacalhão a Luiz Pereira: 14 dias. *Lancha*, *S. Antonio*, Galleg., de Arouça, com milho a Francisco Milhares: 2 dias. *Lancha*, *Senhora do Carmo*, Galleg., de Vigo, com milho a José Peres: 2 dias. *Queexo*, *Senhora O Forte*, Gal., de Lisboa, com assucar e arrôz: arribou, que vai para Garnache: 6 dias. *Queexo*, *Santa Anna*, Gal., de Lisboa: arribou, que vai para Garnache: 5 dias. — 19. *Rasca*, *Senhora da Conceição*, Port., de Caminha, com milho a Diniz de Castro: 2 dias. *Lancha*, *S. Antonio*, Gal., de Arouça, com trigo e centeio a Manoel Joaquim: 2 dias. — 21. *Bergantim*, *Guilherme*, Ing., da Terra Nova, com bacalhão a Nume: 26 dias. *Galéra*, *Victoria*, Port., de New-York, com milho, trigo e centeio a Francisco Machado: 40 dias.



*Escuna*, S. Rita, Port., de Nev-York; com milho, farinha e carne a Francisco Machado: 30 dias. — 22. *Hiate*, *Invéja*, Port., de Caminha, com milho a Joaquim Bernardo: 2 dias. *Petaíxo*, S.ã Thomé, Gal., de Corcobião, com milho a Francisco Carnota: 3 dias. *Hiate*, *Senhor dos Passos*, Port., de Caminha, com milho a Joaquim José da Silva: 2 dias. — 23. *Lancha*, S. Antonio e Almas, Gal., de Santa Eugénia, com milho a Custodio José de Sousa: 1 dia. *Hiate*, *Senhora da Piedade*, Port., de Vianna, com milho a Joaquim José da Silva: 1 dia. *Lancha*, S. Antonio, Port., de Caminha, com milho a Manoel Pereira: 1 dia. — 24. *Navio*, *Almirante*, Port., do Rio de Janeiro, com assucar, arrôz e aguardente a Antonio Ribeiro Braga: 100 dias. *Rasca*, S. Antonio, Port., de Peniche, com cavallas a Januario dos Santos: 5 dias. — 25. *Bergantim*, *Hete*, Ing., de Liverpool, com fazenda e ferro a Thomaz Nil: 10 dias. *Bergantim*, *Martinho*, Ing., de Dowellim, com trigo, centeio e cevada a Matheos Errim: 9 dias. *Lancha*, *Senhora do Carmo*, Gal., de Marim, com sardinha a Manoel José da Silva: 3 dias. *Bergantim*, *Commercio*, Ing., de Corck, com cevada a Nume: 10 dias. *Bergantim*, *Harmonia*, Ing., de Waterford, com cevada a Nume: 10 dias. *Rasca*, *Senhora da Conceição*, Port., da Ericeira, com cavallas a Matheus Ferreira: 3 dias. *Rasca*, *Senhora das Necessidades*, Port., da Ericeira, com azeite a Manoel Cypriano: 2 dias. *Rasca*, *Senhora da Conceição*, Port., de Peniche, com azeite a José Ignacio: 2 dias. *Rasca*, S. Antonio, Port., de Peniche, com cavallas a Silvestre de Sousa: 2 dias. — 26. *Rasca*, *Bom Jesus*, Port., de Peniche, com cavallas a José Pereira: 3 dias. *Hiate*, Port., de S. A. R. *Hiate*, *Leal Portuguez*, Port., de Lisboa, com arrôz e barro a Luiz Antonio Borges: 4 dias. *Hiate*, *Patrocinio*, Port., de Lisboa, no Serviço de S. A. R. *Transportes*, 7 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Hiate*, *Boa Fortuna*, Port., de Lisboa, no Serviço de S. A. R. *Hiate*, *Boa Paz*, Port., de Setubal, com sal a Antonio Joaquim: 5 dias. *Hiate*, *Bizarria*, Port., de Lisboa, com tabaco e sabão para a Fábrica: 4 dias. *Hiate*, *Voador*, Port., de Setubal, com sal a José Luiz Guerra: 12 dias. — 27. *Hiate*, *Tres Reis*, Port., de Develim, com carne e carvão a Manoel da Silva: 15 dias. *Rasca*, *Senhora das Necessidades*, Port., de Larache, com cavalla a Manoel da Costa: 13 dias. *Transportes*, 3 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britanica. *Hiate*, *Bom Fim*, Port., de Setubal, com sal a Joaquim Antonio Aldiano: 10 dias. *Bergantim*, *Greu*, Ing., da Terra Nova, com bacalhão a Nume: 24 dias. — 28. *Hiate*, *Agonia*, Port., de Vianna, com milho, trigo e centeio a Antonio Rodrigues: 2 dias. — 29. *Lancha*, *Perigrina*, Gal., de Arouça, com milho a Ignacio Fernandes: 2 dias. *Escuna*, *Innocencia*, Port., de Lisboa, com arrôz e barro a Antonio da Silva: 8 dias. *Bergantim*, *Eiro*, Ing., da Terra Nova,



com bacalhão a Nume : 26 dias. — 30. *Escuna, Constituição*, Hesp., de Lisboa, com azeite e arroz a Manoel Vereno : 6 dias. Transporte, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica.

Sahtão. — 1. *Bergantim, S. Anna*, Port., para o Maranhão, com carga da Praça a Caetano José Teixeira. *Hiate, Espírito Santo*, Port., para Lisboa, com madeira a José Diniz Pereira. *Hiate, S. Rita e Almas*, Port., para Lisboa, com madeira a Manoel Gonçalves Flores. *Lancha, Perigrina*, Gal., para Arouça. *Hiate, Hum*, Port., de S. A. R. — 2. *Bergantim, Gosport*, Ing., para Terra Nova. *Bergantim, Amizade*, Port., para Petersbourg, com vinho e café a Dionizio Pedro. — 3. *Lancha, S. Francisco de Borges*, Gal., para Arouça, com ferro a Francisco de Cores. *Lancha, S. Martinho de Hols*, Gal., para Galliza, com encomendas a Romão Assis. *Pinaça, N. S. do Carmo*, Gal., para Marim. Transportes, 2 *Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. — 4. Transporte, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. — 5. *Lancha, S. Antonio e Almas*, Gal., para Galliza. *Hiate, Senhora da Piedade*, Port., para Vianna, com alcatrão a Faustino José Machado. *Hiate, Senhora da Conceição e Almas*, Port., para Lisboa, no Serviço de S. A. R. — 6. *Rasca, Senhora da Conceição e Almas*, Port., para Caminha. — 7. *Bergantim, Pensamento feliz*, Port., para Lisboa, com taboado a João Francisco. *Escuna, Emilia*, Port., para Setubal. — 9. *Hiate, Pai Manoel*, Port., para Petersbourg, com vinho, fructa e café a Dionizio Pedro Lopes. *Pinaça, S. Pedro e Almas*, Gal., para Corcovião, com breco e alcatrão a Jacob Cazaes. — 11. Transporte, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Bergantim, Têjo*, Port., para Riga, com fructos do Reino a José Lopes da Costa. *Bergantim, Amazona*, Port., para Petersbourg, com vinho e café a Dionizio Pedro Lopes. *Bergantim, Raio do Sol*, Amer., para a Alexandria, com fructa a Guilherme Mack. — 13. Transporte, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Galêra, Pexelim*, Ing., para Terra Nova. *Bergantim, Delfina*, Port., para a Figueira. *Hiate, Sacramento*, Port., para Setubal. *Hiate, S. José Diligente*, Port., para a Figueira. *Hiate, S. José Diligente*, Port., para Setubal. *Hiate, S. Anna e S. Joaquim*, Port., para Setubal. *Hiate, Pérola*, Port., para Setubal. *Hiate, Boa Paz*, Port., para Setubal. *Hiate, Não sei*, Port., para Lisboa, com taboado e encomendas a José Fernandes Lourenço. *Quexo, Senhora da Junqueira*, Gal., para Setubal. — 14. *Hiate, Restaurador*, Port., para Setubal. *Hiate, Senhora do Rozario*, Port., para Setubal, com madeira a José Bernardo. *Rasca, S. Antonio e Almas*, Port., para Peniche. Transporte, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. — 15. *Hiate, Senhora do Amparo*, Port., para a Figueira, com bacalhão e linho a varias pessoas. *Hiate, Triunpho*, Port., para Lisboa, com vinho a Cesario José Cardeal. *Lancha, Jesus*,



*Maria, José*, Port., para Vianna. — 16. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Bergantim, Aurora*, Port., para Setubal. *Hiate, Estrella do Norte*, Port., para Londres, com vinho e fructa a João Diniz. *Hiate, S. Anna e S. Joaquim*, Port., para Setubal, com taboado a João Ferreira. *Lancha, S. Antonio Amor da Patria*, Port., para Aveiro. — 17. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Hiate, Boa Esperança*, Port., para Setubal, com linho a Trelada. *Rasca, Senhora da Glória*, Port., para Faro, com madeira a José Rafael Pinto. — 18. *Rasca, S. Antonio e Almas*, Port., para Peniche. — 19. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Hiate, Senhora do Carmo e Harmonia*, Port., para S. Martinho. *Hiate, S. Trocado*, Port., para a Figueira. *Bergantim, Trant*, Port., para Petersbourg, com vinho e assucar a Dinizio Pedro Lopes. *Hiate, Livramento*, Port., para Lisboa, no Serviço de S. A. R. *Hiate, S. Cruz*, Port., para S. Martinho. *Escuna, Flôr de Aveiro*, Port., para Aveiro, com milho a Jeronymo Fernandes da Silva. *Bergantim, S. Antonio Firme*, Port., para Santos, com carga da Praça a Francisco Antonio d' Oliveira. *Hiate, Bom Fim*, Port., para a Figueira. — 20. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Hiate, Senhora da Pauta*, Port., para Vianna, com encomendas a varias pessoas. *Queixo, Senhora da Vigonha*, Gal., para a Corunha, com couros a Joaquim Fernandes. *Bergantim, Apparencia*, Suec., para Setubal. *Hiate, S. dos Martyres*, Port., para Lisboa, com vinho a José Joaquim da Silva. *Lancha, N. S. do Rozario*, Gal., para Pontevedra. *Hiate, Boa Nova*, Port., para Lisboa. *Hiate, Senhora da Piedade*, Port., para Villa Nova de Portimão, com madeira a José Rafael Pinto. *Hiate, Ascensão*, Port., para a Figueira, com carga da Praça a varias pessoas. — 21. *Hiate, Senhora da Soledade*, Port., para Vianna, com azeite a Pedro Rodrigues Lima. *Queixo, S. Anna*, Gal., para Garniche, com assucar e arroz a Mattinho Torres Moreno. *Queixo, N. S. O Forte*, Gal., para Garniche, com assucar e cacaõ a D. Francisco Euanna. *Bergantim, M.<sup>a</sup> do Funchal*, Port., para Dublin, com vinho a Soares e Irmão. *Hiate, Senhora d'Agonia e Esperança de paz*, Port., para Aveiro. *Rasca, Sacramento*, Port., para a Ericeira. — 22. *Hiate, Senhor dos Afflicto*, Port., a Figueira. — 23. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. *Hiate, S. Antonio Vencedor*, Port., para a Figueira. *Bergantim, Pania*, Ing., para Waterford. — 24. *Hiate, Alleluia*, Port., para Caminha. *Lancha, N. S. do Carmo*, Gal., para Vigo, com encomendas a José Peres. *Transporte*, 1 *Bergantim*, Ing., no Serviço de S. M. Britânica. — 25. *Hiate, Hum*, Port., no Serviço de S. A. R. *Lancha, N. S. do Rozario*, Gal., para S. Eugénia, com sal a D. Antonio Vidal. *Galeão, Providencia*, Amer., para Setubal. — 26. *Transportes*, 2



*Bergantins*, Ing., no Serviço de S. M. B. Navio, *Gustavo Adolfo*, Suec., para Setubal. — 27. *Hiate*, S. Bento, Port., para Vianna, com arrôz e assucar a João José Fernandes. *Hiate*, *Flôr de Setubal*, com vinho a Antonio Victorino. *Hiate*, *Senhora das Mercês*, Port., para a Figueira. — 28. *Escuna*, S. Antonio e Felicidade, Port., para Setubal. — 29. *Bergantim*, *Guerreiro*, Port., para Lisboa. *Hiate*, *Conceição de . . .* Port., para Lisboa. *Hiate*, *Ave-Maria*, Port., para Setubal. *Bergantim*, *João Isabel*, Ing., para Setubal.

**Lagos.** — Governador, o Coronel Henrique Pereira da Cunha  
Azevedo Corte Real.

Entrarão. — 2. *Hiate*, Manoel Bento, Port., de Lisboa, com encomendas para esta Cidade: 2 dias de viagem. — 17. *Cahique*, João Nepomeceno, Port., da Figueira, com sal por conta do Mestre: 3 dias. *Rasca*, Manoel Ferreira, Port., de Lisboa, com encomendas para as lojas d'esta Cidade: 3 dias. *Cahique*, Julião Bonasco, Hesp., da Figuerita, com pipas varias para atum: 2 dias. *Cahique*, Pedro Moranhos, Hesp., da Figuerita, idem: 2 dias. — 18. *Cahique*, José Ribeiro Castello, Port., de Lisboa, com encomendas para as lojas d'esta Cidade: 2 dias. *Rasca*, João de Azevedo, Port., de Lisboa, idem: 2 dias. — 27. *Rasca*, Baptista Saborates, Hesp., da Figuerita, com pipas varias para atum: 2 dias. *Cahique*, Joaquim Neto, Port., de Lisboa, com encomendas para as lojas d'esta Cidade.

Sahirão. — 3. *Cahique*, João Nepomeceno, Port., para a Figueira, com cavalla salgada por conta do Mestre. — 4. *Cahique*, Agostinho Rebeler, Hesp., para Cataluña, com 40 pipas de atum. *Cahique*, Francisco Portela, Hesp., para Cataluña, com 24 ditas. — 7. . . . Francisco Mares, Hesp., para Cataluña, com atum salgado. *Cahique*, Agostinho Guelles, Hesp., para Cataluña, idem. *Cahique*, José Ribeiro Castello, Port., para Lisboa, com cavalla salgada. — 11. *Rasca*, Christovão Martins, Port., para Lisboa, idem. — 15. *Lancha*, João Ventura, Hesp., para Cadiz, com atum salgado. *Rasca*, Jeronymo dos Santos, Port., para a Figueira, com cavalla salgada. — 16. *Cahique*, Joaquim Neto, Port., para Lisboa, dita. — 17. *Cahique*, Joaquim de Jesus, Port., para a Figueira, dita. *Cahique*, André Pereira, Port., para Lisboa, dita. *Cahique*, Manoel Lourenço, Port., para Lisboa, dita. — 19. *Cahique*, Manoel Pereira, Port., para Lisboa, dita. — 21. *Rasca*, Jeronymo da Costa, Port., para a Figueira, dita. — 28. *Cahique*, Pedro Muralho, Hesp., para Cataluña, com atum salgado. *Cahique*, Julião Belaque, Hesp., para Cataluña, dito. — 29. *Cahique*,



José Braz, Hesp., para Cataluña, dito. — 30. *Cahique*, João Ribeiro Pãncas, Port., para Lisboa, com cavalla salgada.

*Peniche*. — Governador interino, o Major Garcia Manoel da  
Durão Padua.

Entrarão. — 5. *Rasca*, Senhora d' Ajuda, Port., da Figueira, com sal para contrato: 2 dias de viagem. Hiate, Bem parecido, Port., de Lisboa, com carga para a Feitoria de Peniche: 3 dias. — 7. *Rasca*, Senhora das Necessidades, Port., da Figueira, com sal para contrato: 3 dias. *Rasca*, N. S. do Carmo, Port., da Figueira, idem: 1 dia. — 8. *Rasca*, Conceição e Almas, Port., da Figueira, idem: 1 dia. — 14. *Rasca*, Senhora do Aballo e Almas, Port., da Figueira, idem: 2 dias. *Rasca*, Senhora do Carmo, Port., da Figueira, idem: 2 dias. — 18. *Rasca*, N. S. das Necessidades, Port., da Ericeira: 2 dias. — 21. *Rasca*, Conceição e Almas, Port., da Figueira, com sal para contrato: 2 dias. — 23. *Rasca*, S. Antonio e Almas, Port., de Cezimbra: 4 dias. *Rasca*, Bom Jesus e Senhora da Boa Viagem, Port., de Lagos, com peixe para contrato: 10 dias. — 25. *Rasca*, Conceição e S. Antonio, Port., de Larache, com azeite para contrato: 10 dias.

Sahirão. — 8. *Rasca*, Senhora d' Ajuda e Almas, Port., da Figueira, com sal para pescaria. *Rasca*, N. S. das Necessidades, Port., da Figueira, com sarda para contrato. — 12. Hiate, Bem parecido, Port., de Lisboa. — 16. *Rasca*, Senhora das Necessidades, Port., da Figueira. — 19. *Rasca*, Senhora das Necessidades, Port., da Nazareth, com pescado de Larache. Hiate, S. Antonio e S. Anna, Port., de Lisboa. — 20. *Rasca*, Senhora do Aballo e Almas, Port., da Figueira, com sal para contrato. — 22. *Rasca*, Conceição e Almas, Port., de Larache; idem. *Cahique* da carreira, Port., de Lisboa. — 26. *Rasca*, Conceição e S. Antonio, Port., de Larache, com sardinha para contrato. — 28. *Rasca*, N. S. do Carmo, Port., da Figueira. — 30. *Rasca*, Senhora da Conceição e Almas, Port., da Figueira, com sal para contrato.

*Portimão*. — Governador, o Coronel Francisco José de Moura.

Entrarão. — 2. *Cahique* de coberta, A Fortuna, Mestre Francisco Parra, visinho de Gibraltar, Ing., de Lepe, a Antonio do Nascimento, da Mixoloeira da Carregação: 3 dias de viagem. Hiate de coberta, Divina Providencia, Mestre Bento da Veiga, visinho de Portimão, Port., do Porto, com encomendas para esta



Villa e Lágos, para mercadores: 8 dias. — 3. *Cahique destroncado*, N. S. da Conceição e Almas, Mestre Manoel Antonio, visinho de Tavira, Port., de Tavira, por conta do Mestre: 2 dias. — 8. *Barco de coberta*, S. Anna e bem cazados, Mestre Manoel Alvares, visinho de Ferragudo, Port., da Ilha da Madeira, por conta do Mestre: 9 dias. — 14. *Hiato de coberta*, Divina Providencia, Mestre Manoel Vicente, visinho de Portimão, Port., de Faro, por conta do Mestre: 2 dias. — 16. *Cahique de coberta*, N. S. do Livramento, Mestre José Ramos, visinho de Olhão, Port., de Larache, com peixe salgado por conta do Mestre: 7 dias. — 17. *Rasca de coberta*, S. Antonio e Almas, Mestre João Varella, visinho de Portimão, Port., da Bagueiriba, por conta do Mestre: 2 dias. — 19. *Cahique de coberta*, Divina Providencia, Mestre Antonio Martins, visinho de Ferragudo, Port., de Gibraltar, com 60 fardos de fazenda secca, 300 vaquetas por conta do mercantes. — 20. *Polva de coberta*, N. S. da Soledade, Capitão Jorge Dias, visinho de Cadiz, Hesp., de Cadiz, com cevada para a Tropa Britanica: 14 dias. *Hiato de coberta*, N. S. das Neves, Mestre Francisco Luiz da Silva, visinho de Ferragudo, Port., de Larache, com pescaria salgada: 6 dias. — 22. *Cahique destroncado*, S. Antonio e Almas, Mestre Polycarpo José, visinho de Ferragudo, Port., de Cadiz, por conta do Mestre: 3 dias. *Barco de coberta*, N. S. da Piedade, Mestre Manoel José do Carmo, visinho de Faro, Port., do Porto, com encomendas por conta de José Rafael Pinto, para esta Villa, e para Faro: 4 dias.

*Sahirão*. — 4. *Hiato de coberta*, Divina Providencia, Mestre Manoel Vicente, visinho de Portimão, Port., para Faro, com 50 moios de sal para José Coelho de Carvalho. *Rasca de coberta*, N. S. das Necessidades, Mestre Antonio Moreira, visinho de Ferragudo, Port., para o Porto, com 20 moios de centeio, 10 milheiros de boias de cortiça, por conta do Capitão Mór de Silves. — 6. *Cahique destroncado*, N. S. da Conceição e Almas, Mestre Manoel Antonio, visinho de Tavira, Port., para Gibraltar, com 11 moios de sal por conta do Mestre. — 7. *Rasca de coberta*, S. Antonio e Almas, Mestre João Varella, visinho de Portimão, Port., para Cadiz, com 2500 ovos, 30 galinhas, 25 frangas, 20 frangos, por conta do Mestre. — 8. *Cahique de coberta*, Senhor Jesus de Alvor, e S. Antonio e Almas, Port., para Faro, com 43 moios de sal para José Coelho de Carvalho, Administrador das armazens de pescarias de Faro. — 10. *Cahique destroncado*, S. Antonio e Almas, Mestre Polycarpo José, visinho de Ferragudo, Port., para Cadiz, com 1000 ovos, 23 galinhas por conta do Mestre. — 17. *Cahique de coberta*, Aze Maria, Mestre João Viegas, visinho de Olhão, Port., para a Ilha da Madeira, com 13 pipas de azeite com 341 alqueires, 1 dita de vinagre de 17 almudes, 17 barris de 70 milheiros de sardinha salgada, 1790 barris de farinha de milho, 73



artobas de fgo, 100 dúzias de bacouras, 66 capachos, 1 pipa com 30 atrebas de atum; por conta de Antonio do Nascimento Fernandes. *Cahique de cobertura*, N. S. do Livramento, Mestre José Ramos, visinho de Olhão, Port., para Lisboa, com a mesma carga com que entrou. — 19. *Calão de cobertura*, S. Antonio e Almas, Mestre João Machado, visinho de Olhão, Port., para Larache, com 10 moios de sal por conta do Mestre. — 21. *Calão de cobertura*, N. S. da Conceição e S. Antonio e Almas, Mestre Theodoro José Norberto, visinho de Ferragudo, Port., para Cadiz, com 8:000 ovos, 130 galinhas, e 30 frangos por conta do Mestre. — 22. *Hiate de cobertura*, N. S. das Neves, Mestre Domingos da Silva, visinho de Ferragudo, Port., para Lisboa, com a mesma carga com que entrou. — 23. *Barco de cobertura*, N. S. da Piedade, Mestre Manoel do Carmo, visinho de Faro, Port., para Faro, com parte da carga com que entrou. — 26. *Hiate de cobertura*, Divina Providencia, Mestre Bento da Veiga, visinho de Portimão, Port., para a Ilha da Madeira, com 60 moios de sal, 37 barricas de farinha de trigo, 33 ditas de milho, 1:000 alqueires de milho, 199 artobas de feijão, 25:480 de cavalla salgada, 44 dúzias de pescadas, 60 dúzias de taboado de pinho da terra, 4 milheiros de telha, 30 artobas de cêra, por conta de Antonio do Nascimento e Irmão. — 29. *Cahique destroncado*, S. Antonio e Almas, Mestre Joaquim Gonçalves, visinho de Ferragudo, Port., para Cadiz, com 6:000 ovos, 50 galinhas: 30 frangos por conta do Mestre.

*Povoa de Varzim. — O Sargento Manoel Gomes de Amorim.*

Entrarão. — 3. *Lancha de cobertura*, Boa Nova, Port., da Figueira, com 18 moios de sal, para José Moreira, d'esta Villa.

*Torre de Outão da Barra de Setúbal. — O Major Commandante, Vicente Ferreira de Saldanha.*

Entrarão. — 1. *Coineira*, Soledade, Port., de Lisboa: 1 dia de viagem. *Navio*, George, Ing., de Gibraltar: 10 dias. *Navio*, Concordia, Hesp., do Ferrol: 6 dias. *Navio*, Chopinase, Amer., de Lisboa: 1 dia. *Navio*, Mevalime, Amer., de Lisboa: 1 dia. *Navio*, Pologaly, Amer., de Lisboa: 1 dia. *Hiate*, Senhor dos Afflictos, Port., de Galliza: 5 dias. — 2. *Hiate*, Voador, Port., de Caminha: 6 dias. *Barco*, Senhor dos Navegantes, Port., de Lisboa, com mercaria: 1 dia. *Hiate*, Senhora da Conceição, Port., de Galliza: 4 dias. *Hiate*, Boa Esperança, Port., de Gal-



liza: 6 dias. Barco, Bem Pôsto, Port., de Lisboa: 1 dia. Barco, Augusto Cesar, Port., de Lisboa: 1 dia. Navio, Venus, Port., de Lisboa: 1 dia. — 7. Hiate, Senhora d'Arrabida, Port., de Galliza: 11 dias. Barco, Voador, Port., de Villa Conde, com madeira: 4 dias. — 8. Hiate, Fama, Port., da Ilha da Madeira: 7 dias. — 9. Hiate, Conceição, Port., de Cadiz: 12 dias. Barco, Providencia, Port., da Ilha da Madeira: 11 dias. Navio, Hoque, Ing., das Asturias: 11 dias. — 10. Navio, Anna, Suec., de Lisboa: 1 dia. Barco, Atalaia, Port., de Lisboa: 1 dia. — 11. Barco, Atalaia, Port., de Villa do Conde: 2 dias. Barco, Bem parecido, Port., de Peniche: 1 dia. Hiate, Dous Amigos, Port., de Villa do Conde, com taboado: 2 dias. — 12. Navio, Borberada, Suec., de Inglaterra: 9 dias. Hiate, Senhora d'Arrabida, Port., d'Espôsente: 10 dias. Barco, Senhora da Conceição, Port., do Porto: 3 dias. Hiate, Bem parecido, Port., do Porto: 3 dias. Barco, Boa paz, Port., do Porto: 3 dias. Hiate, S. Antonio e S. Joaquim, Port., do Porto: 2 dias. Barco, Sem Segundo, Port., de Villa do Conde: 2 dias. — 13. Caixa Marim, S. da Junqueira, Hesp., do Porto: 3 dias. — 14. Hiate, Senhor dos Passos, Port., d'Espôsente: 2 dias. Hiate, Conceição, Port., de Espôsente: 2 dias. Barco, Senhor do Bom fim, Port., de Galliza: 3 dias. Barco, Bem Pôsto, Port., de Lisboa: 1 dia. Barco, Senhor dos Passos, Port., de Lisboa, com mercaria: 1 dia. Hiate, Rabeca, Port., de Galliza: 3 dias. Hiate, Senhora da Conceição, Port., do Porto: 3 dias. — 15. Hiate, Paquete, Port., de Vianna: 4 dias. Barco, Senhora dos Martyres, Port., de Galliza: 4 dias. Hiate, S. José, Bem parecido, Port., de Galliza: 4 dias. — 16. Hiate, Bem feliz, Port., de Galliza: 4 dias. Hiate, Principe de Portugal, Port., de Galliza: 3 dias. Hiate, Esperança, Port., do Porto: 2 dias. Hiate, Rio Minho, Port., de Galliza: 3 dias. Hiate, Senhor do Bom fim, Port., de Galliza: 7 dias. — 17. Hiate, Inchelim, Port., de Galliza: 7 dias. Barco, Senhora dos Martyres, Port., de Lisboa, com mercaria: 1 dia. Navio, Stockolmo, Suec., de Inglaterra: 20 dias. Navio, Teque, Suec., de Londres: 15 dias. Navio, Marreio, Ing., de Lisboa: 1 dia. Navio, Estofoce, Suec., de Londres: 21 dia. — 18. Navio, Rendy, Suec., de Inglaterra: 16 dias. Navio, Teleperberto, Pruss., de Inglaterra: 14 dias. Navio, Queus, Ing., de Gibraltar: 15 dias. Navio, Juno, Ing., de Lisboa: 1 dia. Navio, Preserverance, Suec., do Porto: 2 dias. Navio, Fenis, Hesp., de Villa Gracia: 3 dias. Caixa marim, 2 Irmãos, Hesp., de Vigo: 3 dias. Navio, Die, Alem., de Lisboa: 2 dias. — 19. Navio, Pensamento feliz, Port., de Lisboa: 1 dia. — 20. Maria Carolina, Suec., de Lisboa: 2 dias. Navio, Handre, Suec., de Gottembourg: 15 dias. Navio, Fillimine, Suec., da Suecia: 15 dias. Hiate, Sacramento, Port., de Galliza: 3 dias. — 21. Cacilheiro, Conceição, Port., de Lisboa,



com mantimentos para as Tropas: 1 dia. *Hiate, Bom conceito*, Port., de Lisboa: 1 dia. *Barco, Senhora d'Atalaia*, Port., de Lisboa: 2 dias. — 28. *Barco, 2 Amigos*, Port., de Lisboa: 1 dia. *Barco, Senhora das Barracas*, Port., de Lisboa: 1 dia. — 29. *Navio, Enjone*, Amer., de Lisboa: 1 dia. *Navio, Rebeca*, Ing., de Lisboa: 1 dia. *Navio, S. Francisco*, Hesp., de Viveiro: 6 dias.

Sabirão. — 1. *Barco, Augusto Cesar*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de Francisco Romão. *Barco, Boa paz*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Barco, Boa Viagem*, Port., para Galliza, idem. *Barco, Boa Viagem*, Port., para Espôsende, idem. *Hiate, Conceição*, Port., para Galliza, idem. *Hiate, Promptidão*, Port., para Galliza, idem. *Barco, Senhora das Barracas*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de Joaquim José. *Hiate, S. João Baptista*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Hiate, Restaurador*, Port., para Galliza, idem. *Barco, Sem Segundo*, Port., para Galliza, idem. *Barco, Bom Sucesso*, Port., para Galliza, idem. *Batel, Bom fim*, Port., para Cezimbra, com sal por conta de Antonio José. *Navio, John*, Ing., para Inglaterra, com sal por conta do Sobre-carga. — 2. *Navio, Senhora do Rozario*, Hesp., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Barco, Atalaia*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de João Baptista. *Barco, Senhora dos Martyres*, Port., para Lisboa, com lenha para Henrique Teixeira de S. Paio. — 3. *Navio, Margarita*, Russ., para o Baltico, com sal por conta do Sobre-carga. — 4. *Barco, Augusto Cesar*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de Manoel Ramos. — 5. *Barco, . . .* Port., para Lisboa, com a Botica da Fazenda Real. *Hiate, Conceição*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Batel, Senhora da Conceição*, Port., para Lisboa, com trigo, por conta de Luiz dos Santos Pacheco. *Navio, Apollo*, Suec., para Gottembourg, com sal por conta do Sobre-carga. *Navio, Santo Nome de Jesus*, Hesp., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Navio, Grand. Senh.*, Amer., para Neco-Haven, com sal por conta do Sobre-carga. *Navio, Caledonia*, Ing., para o Baltico, idem. — 6. *Hiate, S. Antonio Portuguez*, Port., para a Ilha da Madeira, com sal por conta da Equipagem. — 10. *Hiate, Conceição*, Port., para Lisboa, arribou, com a mesma carga. *Barco, Senhora da Piedade*, Port., para Lisboa, com trigo a Francisco José de Brito. *Barco, Bom fim*, Port., para Lisboa, arribou, com a mesma carga. — 11. *Barco, Correio de Setubal*, Port., para Barras, com sal por conta da Equipagem. *Hiate, Ramalhete*, Port., para Galliza, idem. *Hiate, Dous Amigos*, Port., para Galliza, idem. — 12. *Hiate, Voador*, Port., para Galliza, idem. *Barco, Bom fim*, Port., para Lisboa, com carvão para Luiz de Amaral. *Barco, Senhora dos Martyres*, Port., para Lisboa, com lenha para o Exm. Marquez de Alvim. — 14. *Barco, Senhora d'Atalaia*, Port., para Lisboa, com lenha para



Luiz de Amaral. *Barco*, *Senhora das Barracas*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de Manoel Domingues. *Hiate*, *Voador*, Port., para a Ilha da Madeira, com sal por conta da Equipagem. — 16. *Barco*, *Bem pôsto*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de Francisco Romão. *Barco*, *Bom fim*, Port., para Lisboa, com carvão por conta do P. Fr. José. *Barco*, *Senhora da Piedade*, Port., para Lisboa, com lenha para Manoel Domingues. *Hiate*, *Senhor dos Navegantes*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Hiate*, *Bom fim*, Port., para Galliza, idem. *Hiate*, *Bom fim*, Port., para Galliza, idem. *Hiate*, *Flôr da Murta*, Port., para Galliza, idem. *Hiate*, *Dito e feito*, Port., para Galliza, idem. *Hiate*, *Nova Esperança*, Port., para Galliza, idem. *Hiate*, *Fama*, Port., para Galliza, idem. *Barco*, *Triumpho*, Port., para Barras, idem. *Navio*, *Estrella*, Port., para Galliza, idem. *Barco*, *Senhora d'Atalaia*, Port., para Lisboa, embargado. — 18. *Barco*, *Atalaia*, Port., para Lisboa, com carvão por conta do P. Fr. José. *Barco*, *Conceição*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de José Antonio. *Barco*, *Sacramento*, Port., para Lisboa, embargado. *Navio*, *Mohacoh*, Amer., para Necoz, com sal por conta do Sobre-carga. *Navio*, *Mocent*, Amer., para Necoz, idem. *Navio*, *John*, Ing., para Inglaterra, idem. *Navio*, *Ligeiro*, Ing., arribou, com a mesma carga. *Navio*, *Parnaso*, Amer., para Necoz, com sal por conta do Sobre-carga. — 19. *Barco*, *Sem Segundo*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Barco*, *Pérola*, Port., para Barras, idem. *Hiate*, *Diligente*, Port., para Lisboa, embargado. *Hiate*, *Senhora d'Arrabida*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Barco*, *Boa paz*, Port., para Galliza, idem. — 21. *Barco*, *Bom conceito*, Port., para Espósende, idem. *Hiate*, *S. Anna*, Port., para Villa do Conde, idem. *Barco*, *Augusto Cesar*, Port., para Lisboa, com trigo por conta de Manoel de Mattos. *Navio*, *Concordia*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Navio*, *S. Joanna*, Suec., para Suecia, com sal por conta do Sobre-carga. — 22. *Navio*, *Oak*, Ing., para Terra Nova, idem. *Barco*, *Rozario*, Port., para Barras, com sal por conta da Equipagem. *Hiate*, *Restaurador*, Port., para Barras, idem. *Barco*, *Vencedor*, Port., para Galliza, idem. *Barco*, *2 Amigos*, Port., para Lisboa, embargado. *Barco*, *Senhora das Barracas*, Port., para Lisboa, com lenha por conta de Francisco Romão. *Barco*, *S. de Fam*, Port., para Espósende, com sal por conta da Equipagem. — 23. *Barco*, *Veloz*, Port., para Barras, idem. *Barco*, *Bom fim*, Port., para Barras, idem. *Hiate*, *Conceição*, Port., para Galliza, idem. *Hiate*, *Conquistador*, Port., para Galliza, idem. *Barco*, *Atalaia*, Port., para Espósende, idem. *Barco*, *Bem pôsto*, Port., para Barras, idem. — 26. *Barco*, *Dourado*, Port., para Espósende, idem. *Barco*, *Bom fim*, Port., para Lisboa, com carvão por conta do P. Fr. José. *Hiate*, *Senhora das*



*Martyres*, Port., para Galliza, com sal por conta da Equipagem. *Caixa Marim*, 2 *Irmãos*, Port., para Galliza, idem. — 27. *Hiante*, 2 *Amigos*, Port., para Galliza, idem. — 28. *Navio*, *Senhora da Junqueira*, Hesp., para Galliza, idem. *Navio*, 4 *Irmãos*, Suec., para Gottembourg, com sal por conta do Sobre-carga. — 29. *Navio*, *Mukecen*, Alem., para Casloham, idem.

Sines. — Governador, Antonio Garcez de Araujo Palha.

Entrarão. Junho. — 1.º *Cacilheiro*, *Nossa Senhora da Piedade*, Portuguez, de Lisboa, mestre Francisco da Silva: 1 dia de viagem. — *Catraia*, Port., de Setubal, mestre Joaquim de Santa Anna: 1 dia. *Cacilheiro*, Port., de Lisboa, mestre Joaquim dos Santos: 1 dia. — 3.º *Cacilheiro*, Port., de Lisboa, mestre João Caetano: 1 dia. — 6.º *Hyate*, Port., de Lisboa, mestre João da Silva: 1 dia. — 7.º *Bateira*, Port., de Lisboa, mestre José Pereira de Jesus: 1 dia. — 12.º *Cacilheiro*, Port., de Lisboa, mestre Francisco da Silva: 1 dia. — 13.º *Bateira*, Port., de Lisboa, mestre Bernardino de Moura: 1 dia. — 14.º *Cacilheiro*, Port., de Villa-Nova, mestre Joaquim dos Santos, com carvão e trigo para Ignacio José da Silva: 1 dia. — 15.º *Fragata de Guerra Inglesa*, do mar. — 16.º *Cacilheiro*, Port., de Villa-Nova, mestre João Caetano, com trigo a Jeronymo Gonçalves: 1 dia. *Cacilheiro*, Port., de Porto Cavo, mestre Francisco da Silva, com carvão a Luiz de Amaral: 1 dia. — 17.º *Rasca*, Port., de Setubal, mestre João Vaz: 1 dia. *Catraia*, Port., de Larache, mestre Silvestre de Sousa, com pescaria: 6 dias. — 19.º *Rasca*, Port., de Larache, mestre Manoel Franco, com pescaria: 8 dias. *Caïque*, Port., de Faro, mestre Manoel Gomes, com pescaria: 7 dias. *Cacilheiro*, Port., de Lisboa, mestre Francisco da Silva, 1 dia. *Bateira*, Port., de Villa-Nova, mestre José Pereira de Jesus, com trigo para Jeronymo Gonçalves: 1 dia. — 20.º *Rasca*, Port., de Larache, mestre José da Matta, com pescaria: 10 dias. *Bateira*, Port., de Villa-Nova, mestre Bernardino de Moura, com trigo para Jeronymo Gonçalves: 2 dias. — 21.º *Hyate*, Port., de Villa-Nova, mestre João da Silva, com carvão para o povo: 2 dias. — 22.º *Rasca*, Port., de Larache, mestre Manoel da Costa, com pescaria: 13 dias. *Caïque*, Port., do Algarve, mestre Antonio da Silva, com pescaria, 5 dias. *Cacilheiro*, Port., de Villa-Nova, mestre João Caetano: 2 dias. — 24.º *Rasca*, Port., de Lisboa, mestre José Victorino: 1 dia. — 27.º *Catraia*, Port., de Setubal, mestre João Antonio, com sal para pescaria: 1 dia. *Cacilheiro*, Port., de Lisboa, mestre Francisco da Silva: 1 dia. — 28.º *Rasca*, Port., de Larache, mestre Apolinario Luiz, com pescaria: 8 dias.



*Tavira. — Governador, o Coronel Belchior da Costa  
Corrêa Rebello.*

Entrarão. Junho. — 1.<sup>o</sup> *Hiate, Providencia, Portuguez, de Villa-Nova*, com 30 moios de sal para mercador: 2 dias de viagem. — 5. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Lagos, com sardinha por conta do mestre: 1 dia. — 8. *Caïque, Conceição e Almas, Port.*, de Gibraltar, com 13 barricas de farinha de centeio, 14 sacas de farinha de pão, 2 volumes de fazenda para sellar, e 11 quintaes de prégos, por conta do Mestre: 1 dia. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Sevilha, em lastro: 2 dias. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Cadiz, com 130 barricas de farinha de centeio para mercador: 2 dias. — 11. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Sevilha, em lastro: 3 dias. — 14. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Tarifa, com fazendas de algodão para sellar por conta do mestre: 2 dias. *Caïque, Conceição e Almas, Port.*, de Cadiz, em lastro: 2 dias. — 17. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Gibraltar, com 8 moios de milho, e 14 barricas de trigo por conta do mestre: 3 dias. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Gibraltar, com 5 volumes de fazendas para sellar por conta do mestre: 3 dias. *Caïque, Senhora do Bom-fim, Port.*, de Gibraltar, com 12 sacas de arrôz, e 5 volumes de fazenda para sellar por conta do mestre: 3 dias. *Caïque, Senhora do Livramento, Port.*, de Gibraltar, com 260 vaquetas, e 2 sacas de arrôz por conta do mestre: 3 dias. — 19. *Caïque, Senhora dos Martyres, Port.*, de Faro, com 5 barricas de farinha para o Assento, e encomendas para as lojas: 2 dias. *Caïque, Conceição, Port.*, de Faro, com 40 sacas de arrôz para mercador: 1 dia. *Caïque, Senhora do Carmo, Port.*, de Cartão, com 100 fanegas de trigo para vender ao povo: 3 dias. *Caïque, Jesus Maria, Inglez, de Gibraltar*, com tabaco para ir para Lisboa: 3 dias. — 23. *Caïque, Conceição, Port.*, de Gibraltar, com tabaco para ir para Lisboa: 2 dias. *Caïque, Conceição, Port.*, de Gibraltar, com tabaco para ir para Lisboa: 3 dias. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Gibraltar, com tabaco para ir para Lisboa: 2 dias. — 24. *Caïque, Senhora do Livramento, Port.*, de Villa-Nova, com 9 moios de sal por conta do mestre: 2 dias. — 25. *Caïque, N. Padre e Jesus, Hespanhol, de Golva*, com 200 fanegas de trigo por conta do mercador: 2 dias. — 28. *Caïque, Santo Antonio e Almas, Port.*, de Villa-Real, em lastro: 1 dia. *Caïque, Esperança, Port.*, de Villa-Real, em lastro: 1 dia. *Caïque, Senhora da Solidade, Port.*, de Faro, com 350 fanegas de trigo para vender ao povo: 2 dias.

Sahirão. Junho. — 1.<sup>o</sup> *Caïque, Santo Antonio e Almas, Portuguez, para Cadiz*, em lastro. — 3. *Hiate, Penha de França, Port.*, para Lisboa, com 132 feixes de cana, e 7 pipas de azeite para



mercador. *Hiate, Senhora do Livramento*, Port., para Villa-Nova, com 60 sacos de alferrobas para mercador. — 8. *Caique, Conceição*, Port., para Gibraltar, com 100 galinhas, 1300 ovos, 6 arrobas de feijões verdes, e 2 milheiros de amejoas por conta do mestre. — 14. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Cadiz, com 30 sentos de cebollas por conta do mestre. — 19. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Cadiz, com 800 ovos, 260 milheiros de amejoas, 10 galinhas, e 400 cebollas por conta do mestre. *Caique, Senhora do Bom-fim*, Port., para Faro, com 7 volumes de fazendas Inglezas por conta do mestre. — 24. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Villa-Real, com 121 atuns frescos para mercador. — 26. *Caique, N. P. e Jesus*, Hespanhol, para Golva, em lastro. *Caique, Senhora do Carmo*, Port., para Villa-Real, com 129 asuns frescos para mercador. *Caique, Senhora da Eucarnação*, Port., para Villa-Real, com 9 pipas de atum salgado para mercador. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Villa-Real, com 128 atuns frescos para mercador. — 27. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Villa-Real, com 120 atuns frescos para mercador. — 28. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Sevilha, com 400 arrobas de atum salgado para mercador. — 29. *Caique, Santo Antonio e Almas*, Port., para Villa-Real, com 154 atuns frescos para mercador.

*Vianna do Minho. — Governador, Francisco Antonio d'Araujo d'Azevedo.*

Entrarão. Junho. — 2. *Hiate, Bom Jesus de Fam*, Portuguez, do Porto, em lastro: 2 dias de viagem. *Rasca, S. Fernando e Santa Anna*, Port., de Lisboa, com 20 barricas e 60 sacas de arrôz, para Antonio José Gonçalves Coelho. *Hiate, Senhora do Rozario*, Port., de Lisboa, com 40 barricas e 240 sacas de arrôz para várias pessoas: 7 dias. — 3. *Hiate, Dourado*, Port., de Setubal, para Espozende, arribou aqui com carga de Sal: 7 dias. — 4. *Hiate, Jupiter*, Port., de Setubal, com carga de sal para Jacintho José Machado: 11 dias. *Hiate, Nossa Senhora da Piedade*, Port., de Lisboa, com 200 barricas e 300 sacas de arrôz, e várias encomendas para varios Negociantes: 8 dias. — 5. *Hiate, Senhora da Piedade*, Port., do Porto, com alcatrião, linho, e pipas vazias para João Márques Guimarães: 1 dia. *Hiate, Senhor do Bom Fim*, Port., de Setubal, com carga de sal para João José Fernandes: 9 dias. — 6. *Lancha, Santo Antonio e Almas*, Port., do Porto, com hum pouco de bacalhão, lona, e pipas vazias para varios Negociantes: 1 dia. *Hiate, Paquete de Vianna*, Port., de Setubal, com carga de sal para Pedro Rodrigues.



Lima: 8 dias. — 10. *Hiate*, *S. Gonsallo*, Port., de Gibraltar, com 300 pellas de esparto, e 500 quintaes de chumbo, para João Márques Guimarães: 18 dias. *Hiate*, *Nova Restauração*, Port., de Lisboa, com 50 barricas, e 150 sacas de arrôz, e 15 caixas de sabão, para a Administração: 4 dias. — 12. *Lancha*, *Senhora da Graça*, Port., de Caminha, com 1 barril de graixa, caixões e baús com vidros, para José de Moura: 1 dia. — 16. *Lancha*, *Bom Jesus*, Port., de Gátiza, com 200 alqueires de trigo: 2 dias. — 20. *Escuna*, *Emília*, Port., de Vigo, com chumbo, ferro, e várias miudezas para Jeronymo José Soares: 1 dia. — 22. *Lancha*, *Jesus Maria José*, Port., do Porto, com 10 quintaes de ferro, e cadeiras: 3 dias. — 23. *Hiate*, *Senhora da Payta*, Port., do Porto, com 50 quintaes de bacalhão, 100 sacas de arrôz, 20 valoins de linho, e pipas vazias para varios Negociantes: 3 dias. *Lancha*, *Senhora da Graça*, Port., de Caminha, em lastro: 1 dia. — 24. *Hiate*, *Senhora da Saledade*, Port., do Porto, com 20 pipas de azeite doce para Pedro Rodrigues Lima: 3 dias. — 26. *Hiate*, *Felicidade da Patria*, Port., de Lisboa, com 54 barricas, e 12 sacas de arrôz, 9 caixas de assucar, 45 valoins de fazendas secas, e 10 pipas de azeite, para varios Negociantes: 4 dias. — 27. *Lancha*, *S. João Baptista*, Hespagnol, de Galliza, em lastro: 3 dias. — 28. *Hiate*, *Alegria*, Port., de Galliza, em lastro: 2 dias. — *Lancha*, *Senhor dos Paços*, Port., da Corunha, em lastro: 3 dias. — 30. *Hiate*, *S. Bento*, Port., do Porto, com pipas vazias e encomendas: 3 dias.

Sahião. Junho. — 3. *Lancha*, *Santa Anna*, Port., para Galliza, em lastro: *Hiate*, *Inveja*, Port., para Caminha, em lastro: 6 dias. *Lancha*, *Jesus Maria José*, Port., para o Porto, com a mesma carga de biscoito com que entrou arribada. — 6. *Hiate*, *Dourado*, Port., para Espôsende com a mesma carga de sal com que entrou arribado. — 11. *Lancha*, *Senhor dos Paços*, Port., para a Corunha, com 40 milheiros de laranjas. — 13. *Rasca*, *Senhora da Piedade e Almas*, Port., para Lisboa, com carga de taboado e presunto. *Rasca*, *S. Fernando e Santa Anna*, Port., para Lisboa, em lastro. *Hiate*, *Primavera*, Port., para Setubal, em lastro. *Hiate*, *Senhora do Rosario*, Port., para Setubal, em lastro. *Hiate*, *Santo Antonio e Almas*, Port., para o Porto, com 540 alqueires de milho, e 13 barricas de biscoito. *Lancha*, *Nossa Senhora do Portal*, Hesp., para Lisboa, em lastro. — 15. *Hiate*, *Dois Amigos*, Port., para Setubal, em lastro. *Hiate*, *Paguate de Vianna*, Port., para Setubal, em lastro. — 19. *Hiate*, *Bom Jesus de Eam*, Port., para Lisboa, com 250 alqueires de milho, 50 eixos de sobreito, 2 barricas de pregagam, 3 caixões de pedra jasper, e presunto. — 20. *Lancha*, *Bom Jesus e Almas*, Port., para Espôsende, em lastro. — 21. *Hiate*, *Nova Restauração*, Port., para Villa do Conde, em lastro. *Lancha*,



*Santa Anna e S. Joaquim*, Port., para Castilhinha, com 12 caixas de assucar, arroz, e mióderas. — 22. *Hiate, Senhora da Piedade*, Port., para o Porto, com 1838 alqueires de milho. — 27. *Hiate, S. Gonçallo*, Port., para Espôsende, em lastro. *Hiate, Deligente*, Port., para o Porto, com 27 pipas, e 9 cartolas de azeite de peixe, 21 pipas de agoa-ardente da terra, e 1180 alqueires de milho.

*Villa do Conde. — Governador, Ellippe de Vasconcellos  
Cardoso de Menezes.*

Entrada. — 1. *Hiate, Os dous Amigos*, Port., de Setubal, com 70 moios de sal graúdo, e 6 saccos de arroz, a vender: 7 dias de viagem. *Hiate, Senhora da Atalaia*, Port., de Setubal, com 60 moios de sal graúdo a vender: 8 dias. — 6. *Hiate, Sem Segundo*, Port., de Setubal, com sal graúdo a vender: 5 dias. — 7. *Carreteira, Senhora da Piedade*, Port., de Vigo, com pedras de amollar para vender: 2 dias. — 16. *Carreteira, Senhora das Neves*, Port., de Marim, com 300 alqueires de trigo, e 100 de milho grosso a vender: 2 dias. *Carreteira, S. Antonio e Almas*, Port., de Marim, com 15 ferrados de trigo, e 15 de milho grosso, a vender: 2 dias. — 21. *Lancha, São José*, Port., de Vianna do Minho, com 200 alqueires de trigo a vender: 1 dia. — 23. *Hiate, S. Anna*, Port., da Corunha, com trigo e milho grosso, a vender: 12 dias. — 26. *Hiate, Correio de Setubal*, Port., de Setubal, com 85 moios de sal grosso: 12 dias. — 28. *Hiate, Bem posto*, Port., de Setubal, com 55 moios de sal grosso a vender: 3 dias. — 30. *Hiate, Senhora das Necessidades*, Port., do Algarve, com 20 moios de centejo, 2 ditos de trigo, e 10 milheiros de cortiça para boias, a vender: 25 dias. *Hiate, Sem Segundo*, Port., de Setubal, com 80 moios de sal grosso, a vender: 5 dias. *Hiate, Triunpho*, Port., de Setubal, com 95 moios de sal grosso, a vender: 5 dias. *Hiate, Paquete d'esta Villa*, Port., da Figueira, com cal e louça para João José de Faria, d'esta Villa: 2 dias.

Saída. — 3. *Hiate, Triunpho de Setubal*, Port., para Setubal, com 200 duzias de taboado de pinho da terra, e 60 feixes de arcos para vender. — 13. *Hiate, Os dous Amigos*, Port., para Setubal, com 100 duzias de taboado de pinho da terra para vender. *Hiate, Senhora da Atalaia*, Port., para Setubal. — 14. *Hiate, Sem Segundo*, Port., para Setubal. *Hiate, Senhora da Guia*, Port., para Lisboa, com 258 duzias de taboado de pinho e barrotes, e feixes de arcos, tudo a vender. — 19. *Hiate, Santa Cruz*,



Port., para Lisboa, com taboado de pinho e madeira, para o Arcenal. — 29. *Hiate, Boa Hora*, Port., para Lisboa, com 300 duzias de taboado de pinho, e 52 páos e pranchões, tudo a vender. — 30. *Hiate, Correio de Setubal*, Port., para Setubal.

*Villa-Real de S. Antonio. — Governador, Antonio José de Vasconcellos da Silva.*

Entrarão. — 6. *Cahique, S. Antonio e Almas*, Hesp., de Cadiz, com 130 barricas de farinha a Ricardo Antonio: 3 dias de viagem. — 12. *Cahique, S. Pedro*, Hesp., do Porto de S. Maria, com 40 moios de trigo, por conta do Mestre: 3 dias. — 23. *Escuna, Fortuna*, Ing., de Gibraltar, com 100 bois por conta do Capitão, Póblo Parmiro: 3 dias. *Bombarda, S. Francisco de Paula*, Hesp., de Cadiz, com 50 pipas vasia a José Solter: 2 dias.

Sahirão. — 7. *Cahique, S. Pedro*, Hesp., para Cadiz, com 3 milheiros de cebola por conta do Mestre. *Cahique, Monte Calvario*, Hesp., para Cadiz, com 50 arrobas de cebola por conta do Mestre. — 26. *Cahique, Senhora do Rozario*, Ing., de Gibraltar, com 35 duzias de taboas, por conta de Manoel Nunes.



## ART. XI.—

## VACCINA.

*Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias  
de Lisboa, em Julho.*

Director. — José Feliciano de Castilho.

Secretario. — Francisco de Mello Franco.

Bernardino Antonio Gomes.

Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

Membros. — José Maria Soares.

José Pinheiro de Freitas Soares.

Wenceslão Anselmo Soares.

Seis d'entre os muitos e mui dignos Vaccinadores, Correspondentes d'aquella Instituição Vaccinica, foram reputados dignos de premio (huma Medalha de prata), e são os seguintes:

Antonio Pereira Xavier, Médico no Crato.

João Gervasio de Carvalho, M. no Cartaxo.

José Fradesso Bello, Cirurgião Mór em Elvas.

José Francisco de Carvalho, M. em Lágos.

José Nunes Chaves, M. em Villa Nova de Portimão.

Manoel José de Carvalho Azevedo Monteiro, M. na Mealhada,

Comarca de Coimbra.

Na Exposição da situação da França apresentada ao Corpo Legislativo na Sessão de 25 de Fevereiro pelo Conde de Montolivet, Ministro do Interior; depois de se terem referido as circumstancias mais respeitaveis de hum Imperio, diz-se = he a estas mesmas causas, e á influencia da Vaccina, que se deve attribuir o augmento da População. =

Messieurs Bertholet, Perce, Halé, Philosophos da primeira reputação apresentarão á Classe das Sciencias Physicas do Instituto Imperial hum Relatorio, em que se affirma que de 2:671:662 pessoas, que foram propriamente vaccinadas em França, sómente apparecerão sete casos, em que depois houve bexigas; que vem a ser 1 em cada 381:666.



Em Caracas na America Meridional, em Milão, Vienna, Genebra, Rouen, e várias outras grandes Cidades, aonde o systema Jenneriano não foi limitado pelos prejuizos populares, as bexigas já não são conhecidas.

A Vaccina introduzio-se no Imperio Russiano em 1804; e desde aquelle tempo tem-se vaccinado nas suas várias Provincias 1:235:637 pessoas, e tão uniformemente bem succedida tem sido a Vaccinação, que se lhe tem dado n'aquella Lingua o nome de *Bexiga de segurança*. São éstas as informações do Dr. Crighton, Médico do Imperador de todas as Russias.

Na Ilha de Ceylão desde a primeira introdução da Vaccina se tem vaccinado mais de 200:000 pessoas: sómente no anno de 1811 se vaccinarão 30:491, como mostrou Mr. Anderson: havendo hum só caso, em que a Vaccina não prevenio as bexigas (as circumstancias d'este caso fazem-no muito duvidoso).

No Cabo da Boa Esperança se temem tanto as bexigas, como a peste. Entre 12 de Março e 4 de Julho seguinte cahirão com bexigas ordinarias 233 pessoas, e d'este número morrerão 100. O resto dos habitantes sujeitos á enfermidade fôrão salvos por hum a activa Vaccinação.

Jaime Sanders Dr. em Medicina publicou ha pouco em Inglaterra que as verdadeiras bexigas nunca occorrerão mais de hum a vez em alguma pessoa, e nunca depois da Bexiga Vaccinica.

A Vaccina começa a entrar nos systemas geraes de Matéria Médica. C. J. A. Schwilgué no seu = *Traté de Matière Medicale* = faz hum a ordem, e he a 2.<sup>a</sup> da secção 3.<sup>a</sup> do seu systema = Dos meios proprios a destruir a disposição organica especifica a contrahir o contágio de certas molestias = N'esta ordem não ha por ora se não o *Especifico para preservar das Bexigas*, isto he, a Vaccina.

Na pág. 264 d'este Nuñ. annuncião-se as Obras dos Membros da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa publicadas este anno pela mesma Academia: n'ellas se acha quanto convém saber para se praticar e accreditar a Vaccina.

Mr. Auber, Médico Francez, conservou activa por 18 mezes a matéria vaccinica vedando as laminas de vidro com mucilagem de gomma arabica espessa, embrulhando-os depois em seda preta, mettendo-os em hum a caixa, cheia de serradura inodora, e isecca, que se mette em outra caixa cheia de carvão em pó.

Mr. Bretonneau, Cirurgião Francez, a fim de conservar a matéria vaccinica fresca, applica hum tubo capillar de vidro a hum a incisão circular na bexiga, da qual, chupando, extrahе a materia, depois lacra, ou tapa com cera immediatamente, o tubo.



## ART. XII.—

Recebemos pelo Correio hum Escripto datado em 8 de Maio do anno corrente, assignado com as letras iniciaes *C. A. J.*, com a seguinte Epigraphe.

*Felix, qui potuit rerum cognoscere causas.*

Virg. Georg. Liv. II. 3. 492.

Agradecemos a materia dos primeiros paragraphos, mas pedimos licença para os omittir: n'elles o A. nos previne de que vai tratar da Correspondencia entre os dous Medicos de Lisboa *F. E. R. da S.*, e *A. P. d' A.*, a qual faz o principio do Num. XIV. do nosso Jornal. O A. persuadindo-se de que o objecto, aliás mui interessante, era de facil decisão para o Medico pratico, todavia no caso, que deo occasião á dita correspondencia acha que se não devia applicar nem Opio, nem Calomelanos, nem Rhabarbaro. — Segue-se o Escripto.

Passo pois a mostrar segundo me permitem as minhas poucas forças, que o Opio se não deve temer nas diarrheas, huma vez que se queirão sistir, sem receio, de que elle faça o effeito de purgante dado em maior dóse, objecto principal da questão entre os dous benemeritos Professores; que em estado de torpor, qual era o que apresentava o doente, he contraindicado, e nunca o devemos dar, ainda que tenhamos percisão de sistente da diarrhea, e ainda que seja combinado com os outros medicamentos, que nos parece serão capazes de vencer a virtude sopiente do Opio; e que na presença d'aquella se devem evitar Calomelanos, e Rhabarbaro, este em dóse purgativa muito principalmente, e muito mais sem ser torrado.



Ainda se não descobrio o modo de obrar dos medicamentos *a priori*, e sómente pela longa serie de observações presenciando resultados he que temos vindo no conhecimento das virtudes dos differentes medicamentos: logo que nos afastarmos d'esta regra, isto he, de conhecermos as suas virtudes *a posteriori*, e pertendemos erigir theorias, e explicar phenomenos, cuja causa a sábia natureza nos escondeo, e cujo véo, segundo penso, será de certo ponto por diante impenetravel pelos homens, nós não faremos mais que cançar a nossa paciência, gastar o nosso tempo, e nada utilisarmos aos nossos semelhantes.

Sabemos que o Opio possui huma virtude narcotica, isto he, tem o poder de entorpecer os nervos, e diminuir-lhes a sua sensibilidade: não entro aqui na questão se faz isto directa, ou indirectamente; sei que em casos de entorpecimento se deve fugir d'elle, porque ainda que possua a propriedade de maximo estimulante, quero concedello, como não temos na nossa mão a escalla da irritabilidade de cada sujeito, póde muito bem ser, que pequenas doses, que vamos a dar, e que nos parecem sufficientes para o estimularem, sejam mais que sufficientes para o abaterem, muito principalmente no nosso caso, em que se pertendião dar grandes doses: d'isto ha muitos exemplos, e por isso a prudência pede que lancemos mão de outros medicamentos, que a experiencia tem mostrado que entrão na classe dos estimulantes, e dos adstringentes para obtermos hum feliz resultado, sem o receio dos damnos, que nos póde causar o Opio, e este mesmo temór acompanhava o Sábio Professor, cujas letras iniciaes são = F. E. R. da S. = na sua segunda carta em resposta, á que lhe enviou o outro seu Collega, cujas letras iniciaes são = A. P. d'A. = contrariando as proposições da primeira carta escripta por F. E. R. da S. = onde diz que certamente não lançaria mão do Opio por temer o estado torporoso, ao menos, que não fosse combinado com a camphora, huma vez que não quizesse diminuir a disposição á diarrhéa, cuja disposição o doente já tinha no estado de saude. Parece-me que seria menos prejudicial não só a disposição á diarrhéa, mas ainda mesmo a diarrhéa, do que dar o Opio para sistir esta na presença de torpor das visceras do baixo ventre, quanto mais, que temos adstringentes proprios para aquelle fim, sem o receio de nos perjudicarem ao nosso doente em taes circumstancias, como são as raizes de Bistorta, e Tormentilla, Cato, Sangue de Drago, e outros mais, que igualmente servirão para dar o tom a estas partes entorpecidas; porém abstrahindo estas idéas de proporção se devia deixar de dar o Opio sómente pelo receio de que era purgante em doses maiores, porque em todos os Catalogos de Materia Medica, segundo bem mostra o mesmo A. na sua primeira carta não se tem como purgante, mas sim como sistente das evacuações alvinas. Isto he o que sempre se tem obser-



rado, isto he o que dizem grandes homens, isto he o que a serie de tantos annos de experiencias tem confirmado, e que nós todos os dias estamos presenciando. Como pois attribuir-se-lhe huma virtude purgante, porque em alguns casos elle promoveo o fluxo do ventre; casos em que o sistio hum espasmo, como bem nota o mesmo A. da primeira Carta? Huma sangria tem feito muitas vezes erigir a debilidade; por ser a causa que a produzio hum gravamen de liquido no systema sanguineo; por isso diremos, que a sangria he hum estimulante em geral, porque neste caso deo forças ao nosso doente? Dous dedos que arrancarão huma agulha fixa em huma parte do corpo de humia criança, e que fizerão por isto ceder huma grande febre, que lhe causava este corpo estranho que velicava os seus nervos, serão chamados por isto antifebris? Porque huma, ou outra vez o mercurio curou intermitentes, cuja causa era o Virus Venereo, dir-se-ha por isso que o mercurio he antifebril? E porque a quina as não curou, ainda que tivessem sómente por causa a debilidade, dir-se-ha que a quina o não he? Em quantas peripneumonias temos nós observado ser a quina expectorante n'aquellas em que pela debilidade o doente se não podia ver livre do gravamen dos liquidos, que carregavão o seu bófe; e por isso diremos, que a quina entra na classe dos expectorantes? Muitas pessoas ha a quem o queijo faz vomitar; por isso diremos, que o queijo he hum emetico? Para se authorisar huma substancia como certo medicamento he preciso hum grande numero de factos, que constantemente próvem que ella he capaz de produzir tal, ou tal effeito, e ainda que algumas vezes deixe de o produzir, nem por isso a devemos desauthorisar, porque circumstancias particulares, que nos escapão, humas vezes por falta de exame, outras porque nos são occultas, fazem variar a sua virtude: assim como tambem, porque huma, ou outra vez produzio hum effeito differente, que era devido constantemente a outras, não o devemos authorisar, como capaz de produzir sempre este effeito; porque, ou idiosincresias particulares, ou muitas vezes causas differentes das molestias, tem motivado este effeito: se assim fizessemos seria huma confusão na Materia Medica, e a todas as horas o Medico se veria em hum labyrintho, de que não poderia sahir. Os argumentos de analogia tem sido muitas vezes prejudiciaes; nós não podêmos sómente por elles, sem que nos sujeitemos a immensos erros, classificar as substancias medicamentosas; e por isso o Professor A. P. d'A. se precipitou por se lembrar, que sendo o Alcool, e o Opio igualmente estimulantes, e igualmente embriagantes devião produzir muitas vezes os mesmos effeitos a respeito de outros resultados, e porque o Alcool algumas vezes foi purgante, o Opio o devia ser igualmente huma vez que fosse tomado em grande dóse, assim como tinha sido tomado aquelle pelas pessoas, em que produzio



este effeito. Não podem tirar-se semelhantes conclusões. Aqui he que as theorias nos tem precipitado, aqui he que o Empirico brilha, aqui he que muitas vezes o charlatão dá as leis ao Professor, applicando cegamente aquillo, que a sua experiencia lhe tem ensinado, e que ouvio dizer aos seus antepassados sem arredar hum só passo da sua rotina, e assim he que muitas vezes se presentão effeitos saudaveis nos doentes, que o Professor não pôde conseguir pelas suas muitas theorias fundadas tão sómente na delicadeza do seu engenho, e na sua imaginação, e que o charlatão despresando, porque as não sabe, e sendo simplesmente guiado pela observação, vai remediar casos, que o Professor não tinha podido remediar com vilipendio seu.

As substancias ainda que tenham alguma semelhança nas suas qualidades sensiveis, ainda que appareçam na analyse principios identicos, a sábia natureza juntou estes de tal modo, e tal foi o seu particular arranjo, que muitas vezes produzem effeitos differentes, pelo contrario substancias, que não tem semelhança alguma com outras produzem os mesmos resultados. Ha, por exemplo, dez substancias estimulantes, mas cada huma d'ellas estimula de seu differente modo, e seu differente órgão, basta sabermos isto, conhecermos estas substancias, estarmos certos qual he o órgão affectado, de que maneira, que causa produzio a sua affectação, e qual das substancias será appropriada para desembaraçar este órgão da affectação, que o opprime. Pertender explicar a priori estes phenomenos, he querer-se metter o Medico em hum labyrintho, de que não pôde sahir; a este respeito não tenho visto mais do que invenção de palavras, trocadilha de pensamentos, obscuridade no fallar, e por fim virmos a confessar com os antigos que ha especificos.

Os Calomelanos são purgantes, porque o mercurio o he, o Rhabarbaro he purgante em certa dóse, porque a experiencia o tem mostrado. Como pois dar Calomelanos, e Rhabarbaro na presença de diarrhéa, ou disposição para ella, huma vez que ésta he só filha de debilidade? Se tivermos alguns encalhes nas visceras abdominaes, não nos esqueçamos das grandes theorias a este respeito do famoso Mestre de Leyde, o Grande Boerhave, e outros, não despresemos os medicamentos desobstruentes, os chamados incidentes, não devemos pôr no catalogo do esquecimento as gómmas, ammoniac, galbano, sagapeno, o famoso dente de leão, e ferro ammoniacal, e outros: não digo por isto, que de nada vale o mercurio, he hum grande atenuante da lymphá espessa, poderá applicar-se como desobstruente, quando tivermos experimentado os outros, que possuindo taes qualidades não tenham, por serem mais brandos, produzido o effeito desejado, tendo sempre attenção ao estado do doente, não havendo algumas complicações, que embaracem o seu uso, lembrando-nos que elle costuma pro-



duzir muitas vezes diarrhéas, vigílias, irritações, febres; que penetra ainda as partes mais internas do corpo, tanto assim, que até se tem achado nas cavidades dos ossos, tendo-se dado em fricções nas côxas; muitas vezes tem causado convulsões, entendido muito com o systema nervoso, etc. e por isso no presente caso de grande disposição á diarrhéa, e de tal affecção nervosa, a não serem effeitos produzidos pelo Virus Venereo, e assim mesmo seria preciso muita circunspecção, não se devia applicar semelhante medicamento, nem ainda o Rhabarbaro, pôsto que fosse em pequenas dóses, porque ás vezes ha sujeitos de temperamento tal, ou adquirido, que pequenas porções dos medicamentos vem a produzir effeitos, que em outros não produzem, e por isso mesmo ainda que pequenas fossem as porções do Rhabarbaro podião aqui fazer o effeito de purgante, assim como as mesmas porções dos Calomelanos; pelo menos a prudencia pede que lancemos mão de outros, em quem não haja este receio: nem nos deve animar a mistura, que fazemos destes medicamentos com os seus correctivos, por isso que não sabemos se o serão sempre, e em todos os casos.

#### ART. XIII.—

##### *Novo específico para as molestias venereas e lymphaticas.*

Entre as Obras Francezas, que ultimamente chegarão a Lisboa, veio hum nova edição das Observações práticas sobre a effiacia dos remedios administrados pela via da absorpção cutanea, Obra que o seu Author, *Mr. Chrestien*, intitula *Methodo iatroleptico*.— Procuraremos na primeira occasião opportuna dar ao Público alguma idéa dos remedios e casos observados por *Mr. Chrestien*. Não queremos porém reservar para mais tarde a publicação do novo remedio específico das molestias venereas e lymphaticas, o que faz o objecto de hum como Appendix d'aquella Obra.

*Mr. Chrestien* fez segredo do seu remedio por alguns annos, o que deo occasião á críticas, que o A. rebate mostrando que não era prudente declarar o remedio, em quanto não tivessees sufficientes observações para comprovar a sua effiacia, e o melhor modo de o preparar e administrar: o que sendo finalmente conseguido, depois de fazer hum breve historia da sua descoberta, declara que as preparações, com que alcançou tão prompta e effiacamente a cura de rebeldes molestias venereas, de escrophulas, de scirros do utero, etc. forão o amalgame d'ouro, o oxydo d'ouro, e o mu-



riato d'ouro. Este metal, que se achava banido das Materias Medicas, torna pelas observações de *Mr. Chrestien* a occupar não o seu antigo lugar, mas talvez hum mais distincto, á vista dos grandes prodigios, que obrou administrado por aquelle Medico.

*Mr. Chrestien* servio-se primeiro do amalga<sup>ma</sup> d'ouro, de que fazia evolutilizar o mercurio para deste modo conseguir o ouro em pó mais subtil, e para não haver receio de que os effeitos se attribuissem áquelle. O resultado da applicação foi o desejado. Como porém (segundo nota *Fourcroy*) o mercurio jámais se separa inteiramente, escolheo outra preparação, e foi o oxydo de ouro precipitado, da sua dissolução no ácido nitro-muriatico, pela potassa, ou pelo estanho. Qualquer d'estas preparações forão coroadas do melhor successo, e o A. veio a persuadir-se de que o mercurio pouco teria figurado nos casos anteriores. Lembrou-se passados alguns annos de preparar e applicar o muriato d'ouro, evaporando até á secco<sup>ra</sup> a dissolução deste metal; porém o muriato ficava mui deliquescente, e passou a usar de hum muriato de duas bases, ajuntando á dissolução d'ouro o muriato de soda. Esta preparação pela sua causticidade percisava unir-se a outras substancias, e taes forão o carvão, o amido<sup>n</sup>, e a laca dos pintores. A energia do remedio correspondeo á esperanza do A.

O modo mais ordinario de administrar estes remedios era o methodo de *Clare*, fazendo com elles fricções na parte interna da bôca. A dóse do amalga<sup>ma</sup> era 1, 2, e 3 grãos para cada fricção, A do oxydo 1, 1½, até 2 gr. A do muriato  $\frac{1}{12}$ ,  $\frac{1}{10}$  gr., pouco mais. As fricções fazião-se huma, duas, até tres vezes por dia. O tempo, que duravão as curas, variava segundo o grão e antiguidade da molestia: aos 5 dias já muitas vezes as melhoras erão sensiveis: aos 15 muitos forão curados: o mais ordinario erão 40 - 60 dias: algumas vezes se prolongarão a 9 e 22 mezes. — Estes remedios administrados prudentemente não produzirão inconvenientes: não excitão salivacão. He facil de conhecer, e o A. re<sup>com</sup>menda, quanta perfeição he necessaria para os preparar.

L I S B O A:

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença.



# JORNAL DE COIMBRA.

AGOSTO DE 1813.

Num. XX.

*Sequimar probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

## ART. I.—

Collecção d'Estatutos, Leis, e Alvarás, relativos a Medicina, Cirurgia, etc. remetida por Antonio d'Almeida, Medico de Penafiel.

(Continuada do Num. XIX. pag. 255.)

### DOCUMENTO NUM. 9.º

§. do Regimento do Mordomo Mor onde dá os Boticarios por Mechanicos, cujo Regimento foi feito em 1572 pelo Senhor Rei D. Sebastião.

§. 31. = **P**rove o Modomo Mor ao Porteiro da Camera.... e todos os mais officiaes mecanicos da Caza Real como são ourives do ouro, e da prata.... boticarios, e os mais desta qualidade.... =



1596. Setembro 23. Lx.<sup>a</sup>

= Alvara Reg. ao Corregedor da Comarca de Coimbra para mandar entregar ao Dr. Rodrigo de Reinozo, seu Físico, Lente Cathedratico de Prima da Universidade, os corpos dos que nella fossem justicados, que elle pedir para a Anathomia, sendo de Estrangeiros, ou de pessoas de que por isso se não siga escandallo. =

Outro da mesma data dirigido ao Provedor do Hospital de Coimbra á cerca dos que fallecessem no mesmo Hospital, para o mesmo fim, e com as mesmas clauzullas.

Cartorio da Fazenda da Universidade Património Ant.<sup>o</sup> Gav. 5.<sup>a</sup>  
Maç. 1.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup>

1597. Agosto 15. Lx.<sup>a</sup>

— Provisão da Meza da Consciencia para que os Lentes de Vespóra Prima, e Avicena da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra fação per si a visita do Hospital da mesma Cidade, porque leva cada hum das visitas pela sua Terça doze mil rs.

Cartor. da Fazenda da Universidade.

DOCUMENTO NÚM. 10.<sup>o</sup>

Estatutos da Universidade de Coimbra na parte pertencente a Medicina confirmados no anno de 1597 por Philippe I.

Liv. 2.<sup>o</sup> Tit. 20 §. 18. = Ordeno, e mando que o Reitor tenha especial cuidado de se informar quaes são os Estudantes... que não tem textos, e mandará ao Conservador da Universidade, que vá em pessoa á caça dos taes Estudantes, sem que seja entendido nem sabido delles; e achando que os não tem os despedirá logo da Universidade, e mandará riscar da matricula, sem outra prova:.... e com os Medicos que não tiverem os Livros de Galeno que se costumão ter na Cadeira de Prima, e Hippocrates que se le na de Vespera, e Avicena que se le na de Terça: = &c.

Liv. 2.<sup>o</sup> Tit. 28 §. 38. = O Conservador será obrigado a devassar cada anno, sobre os Medicos, e mais Letrados, que uzão



de suas Letras contra forma dos Estatutos: e sobre os que se nomeão ou assiuão em maior grau do que tem... E procederá contra os culpados na fórma das devassas, condenando-os nos encoutos, e mais penas, que lhe parecer.

Liv. 3.<sup>o</sup> Tit. 24 §. 1.<sup>o</sup> = .... Os Doutores Medicos que forem Mestres em artes terão os Capellos de velludo amarello, forrados de outra seda raza azul, e a borla será de amarello, e azul. E os que não forem Mestres em artes terão os Capellos de velludo amarello forrados seda raza da mesma cor, e a borla será toda amarello.

Liv. 3.<sup>o</sup> Tit. 5.<sup>o</sup> §. 20. = De Medicina haverá seis Cadeiras, em que se lerão as materias seguintes: na Cadeira de prima em todo o curso de seis annos se lerá: s. o Tegnè de Galeno, e os Livros de Locis affectis, nos tres primeiros annos: ao quarto anno o Livro de morbo et symptomate, e ao quinto os dous Livros de differentiis febrium: e ao sexto os tres Livros de simplicibus, terceiro, quarto, e quinto, com huma breve declaração dos simplices, e terá por anno duzentos e quarenta mil reis.

§. 21. = Outra de Vespera, na qual em sinco annos se lerão as materias seguintes. Os Aforismos de Hippocrates em dous annos: o nono ad Almansorem, que he a practica no terceiro anno: nos quarto e quinto os livros de Hippocrates de ratione victus, Epidemias, e Prognosticos: e terá por anno cento e sessenta mil reis.

§. 22. = Outra de Avicena, que se lerá antes da lição de Vespera: na qual em sinco annos se lerão as materias seguintes. s. nos tres primeiros, a Fen prima quarti, e a quarta primi: e nos outros dous annos, a Fen prima primi, e segunda primi: e terá por anno cem mil reis.

§. 23. = Outra de Noa de Anathomia, em que se lerão os Livros de Galeno de usu partium: e lerão cada semana duas lições de Cirurgia. A qual se lerá da hua as duas, ou depois da lição de prima na hora da Cathedrilha maior, como parecer mais conveniente em Conselho de Reitor, e Conselheiros. E juntamente o Lente desta Cadeira fará anathomia de membros particulares seis vezes cada anno, e tres geraes: pelas particulares levará mil reis por cada hua: e pelas geraes a dous mil reis. E assim em huas como em outras, e no modo de ler a dita Cadeira, se guardará o regimento que para isso lhe será dado pelo Reitor e Conselho, e averá por-anno cem mil reis. Estas Cadeiras se averão por maiores na Faculdade.

§. 24. = Averá mais duas cathedrilhas de Galeno: na maior se lerão as materias seguintes. s. os Livros de crisibus, et diebus criticis, em dous annos: os Livros de naturalibus facultatibus, de



pulsibus, ad tyrōnes et de inaequali intemperie, nos outros tres annos: e terá esta cathedrilla por anno sincoenta mil reis. §. 25. = Outra cathedrilla se lerá depois da licção de vespera, e nella se lerão as materias seguintes: s. os Livros de methodo medendi, começando do setimo ate ao duodecimo; e o Livro de Sanguinis missione em dous annos: e os Livros de temperamentis, e a arte curativa ad Glauconem, e o Livros, Quos et quando purgare convenit, nos outros tres annos: e averá por anno quarenta mil reis.

§. 26. = Os Lentes de Prima, e Vespera, e Avicena em Medicina, serão obrigados a visitar o Hospital as terças do anno, como se dispoem no Titulo 55 deste Livro: e averão pelo seu trabalho doze mil reis cada hum.

Liv. 3.º Tit. 7.º = Nenhua pessoa sera admitida á opposição de Cadeira alguma... Nem em Medicina sem ser Bacharel Formado, e ter mais provado o sexto anno.

§. 1.º do mesmo Tit. = ... E o Bacharel em Theologia ou Medicina, que levar Cadeiras menores nas ditas Faculdades, será obrigado receber os ditos Grãos de Licenciado e Doutor, tanto que tiver o tempo cumprido que lhe falta: e levando as maiores, se fará a sufficiencia dentro de hum anno: e não se fazendo perderá a Cadeira...

Liv. 3.º Tit. 38 §. 22. = O Cancellario nestes exames privados, e nos Grãos de....: e nos de Leis e Medicina, que se dão auctoritate Regia, he meu lugar Tenente...

#### Liv. 3.º Titulo 49.

##### Dos Ouvintes em Medicina.

Nenhum Estudante poderá cursar em Medicina, sem primeiro ser Licenciado em Artes, ou Bacharel por esta Universidade, e ter ouvido nella todo o tempo que se requiere para se fazer Licenciado. E o mesmo se guardará com os Estrangeiros, que a esta Universidade vierem ouvir Medicina, conforme ao que se dispoem neste Livro no Titulo dos estrangeiros. E Luns, e outros serão mais obrigados pera fazer curso, a ter (passado o anno da intrancia) os Livros, que se lem nas cadeiras ordinarias desta Faculdade, como fica dito no Titulo da matricula, e no titulo do Officio do Reitor no §. final do Livro segundo, e neste Livro terceiro no titulo 42 §. todo. E porem os naturaes deste Reino, ainda que sejam graduados em Artes, e tãhão cursado em outra Universidade, e estudo geral, não lhe valerão nesta os taes Grãos, nem o mais para poderem cursar nesta Faculdade.



§. 1.º O anno da intrancia sera contado aos Estudantes de Medicina por curso, ouvindo nella a lição de Prima, e Terça. E no segundo anno, e terceiro pera fazerem curso serão obrigados a ouvir manhaã e tarde as lições grandes, e cathedrillias: e dahi por diante ouvirão somente as lições grandes: salvo que no sexto anno não serão obrigados a mais que ouvir a lição de Prima.

§. 2.º A tres de Novembro se fará Congregação dos Doutores em Medicina, que o Reitor mandará ajuntar pelo Bedel da Faculdade: e nella o dito Bedel dará por rol todos os Estudantes de Medicina, que tiverem ao menos ouvido dous Cursos: e por elles repartirá a Faculdade os dias, em que hão de sustentar as Conclusões ordinarias de exercicio, começando pelos mais antigos Mestres em Artes, e logo pelos Licenciados, que se precederão pela antiguidade dos Grãos: e sendo do mesmo tempo e licença, precederão pela ordem das sortes que lhe couberão para os Magisterios: e não tendo cada hum dellés as concluzões nos dias, que lhe forem assignados, pagarão a pena declarada no titulo das concluzões de Theologia. Porem os Bachareis formados, e os Estudantes, que não tiverem recebido o grão de Licenciado em Artes, não serão nomeados neste rol: porque os formados são escuzos destes actos de concluzões: como tãobem são escuzos dellas, depois de terem a primeira tentativa: e os outros não podem ser admitidos sem o dito grão de Licenciado, ainda que sem elle possam ouvir e cursar, como fica dito.

§. 3.º Estas Conclusões de exercicio serão tres, da Leitura ordinaria, que o Lente ler: e serão assignadas por elle: e terse hão todas as quintas feiras, que forem assuetos: e começar-se hão a hora da lição de Prima: e o Bedel será obrigado a por as ditas Conclusões na porta do Geral de Medicina tres dias antes, que he a segunda feira: e assi as dará aos argumentantes, pondo nas costas dellas como cada hum argumenta. E não o cumprindo assim, guardar-se ha com elle, o que esta disposto nos Bedeis Juritas no Titulo das repetições.

§. 4.º Prezidirão nestas Conclusões os Doutores Lentes por turno, precedendo sempre o Lente de Prima e logo o de Vespera: e os mais correrão por antiguidade de seus Grãos. E os argumentantes serão ao menos quatro, dos mesmos ouvintes, que hão de responder por ésta maneira: os quatro que na ordem assentada pela dita Congregação se seguirem depois do sustentante lhe argumentarão: e por este modo hirão em roda: e os que não argumentarem pagarão a pena declarada no dito Titulo das Conclusões em Theologia: e o que nesse Titulo se disser sobre os argumentos dos Doutores, e gastos, e propinas destes actos se guardará nestas Conclusões de Medicina.

§. 5.º Os Estudantes Medicos que houverem de fazer Bachareis,



e uzar de suas Letras fora das escolas, terão os actos seguintes: s. no fim do terceiro anno a primeira Tentativa, que he hum acto de nove Concluzões somente: e no fim do quarto anno a segunda Tentativa, que tera outras tantas Concluzões, e não poderão ser mais: e no fim do quinto anno, terão o acto de Bacharel, em que se lhes da o grão, e ficarão formados. E no fim do sexto farão hum acto de practica, com o qual poderão curar, e sem elle não, conforme ao §. 6.<sup>o</sup> deste Livro Titulo 51.<sup>o</sup>, e neste acto de practica se votará por penitencia, e depois por A. A. e R. R. conforme ao Titulo 51 §. 6.<sup>o</sup>, e nas Tentativas, e Bacharelamento se ha de votar por A. A. e R. R. sómente. E guardar-se ha em todos estes actos, o que se diz abaixo no Titulo 51, e o que fica disposto nestes actos na Faculdade de Theologia. E porem os que se ouverem de graduar a Licenciados nesta Faculdade, não serão obrigados a ter o acto de practica.

#### Titulo 50.

##### Dos que querem receber Grão de Medicina.

No tempo, e dia que parecer conveniente a Faculdade se apresentarão todos os Estudantes, que aquelle anno ouverem de fazer algum acto para receber Grão em Medicina: e supplicarão em Latim com o barrete fora humildemente ante a dita Congregação que sejam admittidos aquelle acto, ou actos, que ouverem de fazer. Para o que mostrará cada hum dos apresentados, como tem já feita a tentativa que se requiere para o acto que pertende fazer: e se porão os editos ordinarios como nas outras Faculdades se poem pela ordem destes Estatutos, quando as Congregações se fazem pela semelhantes cazos.

§. 1.<sup>o</sup> Nesta Congregação, tanto que se acabar a dita oração, sahidos os ouvintes para fora, se tractará dos costumes, e sufficiencia dos taes apresentados por votos secretos, que cada hum hirá dar ao Reitor conforme ao que se dice na apresentação para os Licenciados Theologos, e Juristas. E não achando algum dos ditos apresentados habeis, e suficientes nas Letras, ou nos costumes: dilatar-lhe hão o dito acto, ou actos: ou será excluido delles segundo bem parecer a Faculdade: e os que acharem habeis serão admittidos.

§. 2.<sup>o</sup> Por se não perderem tantas lições, estes actos, e os que se seguem desta Faculdade, não se farão senão desde o mez de Abril por diante: e assi da maneira que esta disposto nos de Theologia no §. 3.<sup>o</sup> titulo 28. deste Livro. E qualquer dos apresentados que não fizer seus actos no dia que lhe assinaem, pagará dous cruzados para a Arca da Faculdade: e o Bedel della terá cuidado de os arrecadar: e sem embargo disto, paga a dita pena, a propria Fa-



culdade lhe poderá assinar outro dia pera o tal acto sem prejuizo das partes. E advertir-se ha que em huma semana, em quanto for possivel, não se fação dois actos.

§. 3.º Acontecendo que algum dos ditos Estudantes tivesse legitima causa para senão poder apresentar no dia desta Congregação, dará disso conta ao Reitor, que mandará ajuntar a Faculdade, e achando que a cauza he sufficiente, lhe asinará os dias que forem necessarios: conformando-se com tudo o que os Estatutos dispoem neste cazo na Theologia, Canones e Leis, e em todo o mais.

#### Titulo 31.

#### Dos Grãos de Medicina.

Todo o Estudante que houver de fazer tentativa em Medicina, provará como he Licenciado em Artes, e tem cumpridos, e feitos os cursos, e os mais exercicios que acima ficão declarados no titulo 49. §. 1.º e §. final, e que tem pagas todas as penas, se em alguma encorreo por não arguir, ou responder sendo a isso obrigado: que tudo mostrará por certidão do Secretario, e Bedel na forma destes Estatutos.

§. 1.º O Respondente da primeira e segunda tentativa, fará as nove concluzões que he obrigado, como fica dito no §. final de materias difficultozas mais theoricar que practicas, e cada concluzão terá dois pontos. E provará cada parte dellas com huma só razão, e authoridade, sem se dilatar na materia dellas. E esta maneira de concluzões assim no numero como na prova se guardará em todos os actos de Medicina tirando a Vespera, de que se abaixo fará menção.

§. 2.º Estas nove concluzões em cada hum destes actos dar-se hão ao Padrinho quinze dias antes taes actos, e aprovando-as as ensinará: e estas assinadas dará ao Bedel com traslados que bastem para os argumentantes. E as assinadas será obrigado fixar nas portas das escolas tres dias antes do acto: e os traslados dará pessoalmente aos Doutores, e Bachareis que ouverem de arguir, e o sustentante levará as suas ao Reitor.

§. 3.º O Padrinho impugnará todas as nove concluzões pondo contra cada huma dellas hum so argumento, tocando somente o ponto. E o Respondente repetirá logo, e responderá a cada hum per si tanto que se lhe propozer o argumento, segundo he dito na tentativa dos Theologos.

§. 4.º Argumentarão nesta tentativa todos os Bachareis, assim correntes como formados com hum só meio. E os formados terão capello deitado sobre os hombros, sob pena de hum tostão pera a arca da Faculdade se o não tiverem. E todos os Doutores argumentarão, e replicarão com hum só meio, assim como fazem os



Mestres Theologos em semelhantes actos: e acabando de argumentar, ou replicarse poderão saber.

§. 5.º Os Doutores que não arguirem nestes actos e nos mais que ouverem de argumentar, não averão propina. E o que se seguir em ordem poderá arguir eleva-la: e em cazo que nenhum argumente em seu lugar, ficará a propina para a arca da Faculdade. E o Bacharel que faltar neste acto, ou nos mais em que he obrigado arguir, pagará por cada vez hum tostão para a mesma arca: e não será admittido a acto algum sem que primeiro pague estas penas em que tiver incorrido.

§. 6.º O Bedel terá cuidado de apontar as faltas dos ditos Bachareis, e arrecadar as ditas penas na fórina declarada no Tit. 27. deste Livro, e tomar-se lhe ha conta dellas, e do mais dinheiro, que sobre elle for carregado, de que he obrigado a dar a dita conta, dando-lhe sobre isso juramento: e ficando devendo alguma couza, pagalo ha pelo ordenado do seu Officio. E o dinheiro desta arca se despenderá pela maneira que se despende o dinheiro da arca da Faculdade de Theologia. E nestas tentativas se votará por A. A. e R. R., como fica dito no §. final do titulo 49. deste Livro. E com estes actos fica o sustentante Bacharel corrente nesta Faculdade.

§. 7.º No fim do quinto Curso o Bacharel corrente, fará o acto de Bacharel em que se lhe da o Grão, com que fica Bacharel Formado, como fica dito no §. final do Tit. 49. E assi provará tres cursos de pratica do Hospital da Cidade, que serão os derradeiros: porque para os primeiros dous cursos não lhe valerá a practica ainda que a tenha. E fará no fim do sexto anno huas concluzoes mais practicas que theoreticas: e o Padrinho as não assinará, senão forem mais de practica, sob pena de pagar hum cruzado em que será multado da sua propina. E ter-se ha neste acto a ordem que se teve na Tentativa: salvo que os Bachareis augmentarão com dous meios; como se faz nos Theologos: e nelle antes de se votar por A. A. e R. R., se fará huma aprovação de penitencia. Para o que se porá diante do Reitor e Padrinho huma meza com sua alcatifa, e caixa: e o Secretario dará dois papeis a cada Doutor: hum limpo, e outro em que diga por letra, anno, que significará hum anno de penitencia pera o Sustentante uzar de suas Letras: e o papel branco significará que pôde logo com aquelle acto uzar de suas Letras: e estes papeis hirá cada Doutor deitar na dita Caixa: o que farão com segredo apartando-se huns dos outros. E regulados estes votos pelo Reitor e Padrinho, presente o Secretario, se a maior parte for de papeis de anno, ficará penitenciado para o que dito he: e sendo a maior parte de papeis brancos ou iguaes, ficará aprovado como acima he dito: de que o Secretario fará assento nos livros nomeando os Doutores que votarão: e será ass nado o tal assento pelo Reitor e Padrinho. E as



despesas neste acto se farão da maneira que se fazem na formatura dos Theologos tirando as luvas: porque estas se darão na formatura da maneira que se faz na formatura dos Theologos. E com este acto se lhe dará carta feita pelo Secretario, e assinada pelo Reitor com o Sello da Universidade, em que declare como he Bacharel Formado, e tem feito o acto da practica com o qual poderá curar sem ter mais necessidade de ser examinado pelo Fizico Mor, nem outra alguma pessoa. E mando ao dito Fizico Mor que assim o cumpra, e não passe, nem dê licença a outras pessoas para curarem.

§. 8.º Neste acto, e nos mais de Medicina, estarão os Respondentes com as cabeças descobertas, assentados em hum escabello sem terem meza diante; salvo nas Licções de Sufficiencia de Licenciados, em que a terão, estando o Prezidente em a cadeira com as suas insignias: e os Bachareis argumentarão outro si com as cabeças descobertas. Em todos estes actos serão os Doutores Medicos obrigados a argumentar: e o que não arguir não haverá couza alguma. E sendo os Doutores argumentantes mais de sinco, argumentarão por turno: de maneira que haja sempre sinco Doutores argumentantes, e não mais. E averão as propinas declaradas no titulo das despesas destes actos.

§. 9.º Os Medicos que estudão com porção, tendo acabado seu estudo pela maneira sobredita, serão obrigados vizitar e curar por turno os Estudantes pobres da Universidade, quando estiverem doentes, sem que por isso lhe levem dinheiro, ou outra couza alguma.

#### Titulo 52.

##### Dos Licenciados em Medicina, e Opposições nella.

Os Bachareis em Medicina que quizerem ser Licenciados, depois de receberem o Grao de Bachareis formados ao quinto anno, conforme ao titulo supra proximo, serão obrigados a uzar, depois da dita formatura, mais quatro cursos: dos quaes o primeiro ouvirão a licção de prima, e practicando no Hospital: e os tres somente rezidindo, e practicando: de modo que com menos de nove annos não se possam fazer Licenciados, nem ler, senão ao setimo. E estes annos se contarão da maior parte do anno: não fazendo em cada anno mais que hum curso, nem tomando de hum anno para outro: porque em o mais tempo de cada hum dos ditos annos, poderão practicar em qualquer parte que quizerem. E em cada anno dos dous, s. setimo, e outavo farão hum acto de Conclusões, e huma licção de ponto, s. a primeira de Hipocrates, e a outra de Galeno, e no nono anno farão dous actos sollemnes a saber o primeiro do Quotlibetos na forma dos Quotlibetos dos Theologos: tirando que não averá argumentos por parte



da Se, Mosteiros, e Collegios: e porém por parte dos Collegios dos Seculares, em que ouver Collegeturas de Medicina averá quem argumente. O segundo se chamará Regio, por se instituir por El-Rei D. João III., meu Senhor, que Deos tem, restaurador, e dotador que foi desta Universidade: em que se guardará a forma da Augustiniana dos Theologos. E em todos os sobreditos actos se farão as despesas, que se declarão neste Livro, no titulo 74.

§. 1.<sup>o</sup> Argumentarão no acto dos Quotlibetos (alem dos que hão de argumentar por parte dos Collegios) oito Doutores: e não os avendo argumentarão Licenciados em lugar dos que faltarem: e para isso lhe darão os Quotlibetos. E não havendo Licenciados argumentarão Bachareis Formados até se cumprir o numero de oito. E o Licenciado levará mea propina da que leva o Doutor, e o Bacharel sincoenta reis: e não vindo ao acto, ou não argumentando, se procederá contra elles com as penas que parecer ao Reitor e Faculda.

§. 2.<sup>o</sup> Acabando o acto Regio dentro de tres dias logo seguintes, o Reitor ajuntará a Faculda pela ordem destes Estatutos: e votarão os Doutores sobre a sufficiencia, e costumes do Respondente pela mesma maneira dos dous papeis que se derão na approvação da segunda Tentativa, para saber se o admitirão para exame privado: e sendo admitido se lhe assinarão os dias. E de tudo fará assento o Secretario conforme ao que he dito nos outros Exames privados, e no votar do acto da dita tentativa.

§. 3.<sup>o</sup> O Ponto para a primeira lição dos exames privados se abrirá em tres partes em todas as obras de Hipocrates: e o segundo no volume quarto de Galeno em outras tres partes: e guardar-se ha em tudo o mais, o que he ordenado no exame privado dos Theologos.

§. 4.<sup>o</sup> Nas oppozições das Cadeiras desta Faculda, dar-se hão os pontos aos Oppozitores se for a Cadeira de Galeno, e Hipocrates pela maneira acima dita. E se for de Avicena dar-se hão em todo o volume de Avicena: e no proseguimento das taes lições se guardará o que estes Estatutos dispoem na Theologia, Canones, e Leis.

#### Titulo 53.

##### Do Licenceamento dos Medicos.

No dia deste Grão e Licença serão presentes o Cancellario, Reitor, e Doutores da Faculda com suas insignias, e os Officiaes: e entre os que assi se acharem presentes se distribuirá o dinheiro da Arca da Faculda, segundo ordenar o Reitor como Cathedratico de Prima. Este Grão, e os mais desta Faculda se dão = auctoritate regia = e o Cancellario quando o der na sua Oração dirá = Creo té Licentiatum, aut Doctorem in saluberrimæ Medici-



na Facultate = e se guardará tudo o mais que se dispõe no Li-  
cenciamento de Canones, e Leis.

#### Titulo 54.

#### Das Vesperias e Doutoramentos dos Medicos.

As Vesperias e Doutoramentos dos Medicos se farão do modo e maneira que fazem os Theologos, e os gastos serão os mesmos: somente que os Estudantes ou Bachareis que tiverem as Conclusões expectatorias, não lhe valerão os taes actos para serem escuzos de algum acto obrigatorio: e por tanto os gastos deste acto pagará o Vesperizando.

#### Titulo 55.

#### Da Practica do Hospital.

Os tres Doutores, Lentes de Prima, Vespera, e Avicena: serão obrigados a vizitar cada dia o Hospital da Cidade (em quanto o não lia da Universidade) para com isso se instruirem os Estudantes na practica: e será as terças do anno, a saber o Lente de Avicena vizitará a primeira terça, visto como nella o poucos doentes: na segunda terça vizitará o Lente de Prima, e na derradeira o de Vespera: e haverá cada hum pelo trabalho doze mil reis cada anno. Esta vizitação durará tres quartos de hora: para que no outro quarto possam hir a tempo a sua lição de Prima as Escolas. E para isso principiará a vizitação no inverno as sette e meia até as oito e hum quarto: vizitando todos os doentes com os Estudantes, e praticando os ditos tres quartos por relógio de area, que entrando o Doutor, e começando a practica, se porá na caza e meza de que abaixo se tracta.

§. 1.<sup>o</sup> E porque n'esta Vizitação ha'ouvintes obrigatorios, que se não podem formar, e usar de suas Letras, sem certo tempo d'esta practica: antes de começar se tangerá huma campã no dito Hospital, que bem possa ser ouvida, para que elles, e os mais que quizerem hir, em a ouvindo se cheguem para a Lição de practica: e os Administradores do tal Hospital serão obrigados mandala tanger. E porque as campas do Hospital se não podem ouvir em toda a Cidade, os ditos ouvintes obrigatorios se regerão pelo sino das escollas quando tange de prima, que he o tempo em que ha de começar esta hora de practica.

§. 2.<sup>o</sup> Tanto que o dito Lente chegar ao Hospital, vizitará com os seus ouvintes todos os Enfermos da dita Caza, tractando, e declarando-lhes as enfermidades, os nomes, e remedios dellas, muito de vagar: e fazendo e dando as receitas necessarias. Ao que tambem serão presentes os Administradores do dito Hospi-



tal, e os enfermeiros para que oução os taes remedios, e tomem as ditas receitas, e dem tudo á execução: e os Enfermeiros hirão escrevendo tudo em humas taboas engessadas de branco.

§. 3.º Acabada esta primeira Vizitação, o Lente hirá com os Estudantes para a Casa deputada para este ministerio, onde estará hum porteiro, que por ordem dos Administradores terá posta hum meza decentemente ornada, com hum Relogio de atea, e hum Cadeira, em que se ha de assentar o Lente, e bancos, em que se assentarão os ouvintes. E allí fará a segunda vizita de todos os Enfermos da Cidade, e fóra della, que acudirem: e lhes verá as agoas, e lhes tomará as informações, praticando e descobrindo aos ditos ouvintes a condição, e qualidade das taes doenças: dando as receitas, e Regimentos necessarios para a cura dellas, em quanto durar a dita vizitação, sem por isso levar interesse algum.

§. 4.º Acontecendo que as enfermidades destes doentes da Cidade, ou de fora, sejão de qualidade que requeirão maior informação, e os doentes forem pobres, que não possão ter Medico que os cure: o dito Lente mandará a hum dos ouvintes obrigatorios (que ao menos será Bacharel corrente) que vá tomar verdadeira informação das ditas enfermidades, e lha venha dar, para com ella ordenar, e prover o que melhor for para os ditos doentes: e o ouvinte será obrigado ao cumprir assim, sob pena de perder o curso da dita practica. E sob a mesma pena não ordenará couza algũa na dita doença, que não seja por mandado do dito Lente, ainda que fora da Cidade: porque em tal cazo aconselhará aos doentes que busquem Medico: no que se encarrega munto a consciencia dos ditos Lentes, e ouvintes.

§. 5.º Tendo estes enfermos da Cidade, e de fóra cada dia necessidade de se lhe verem as agoas, para com a vista dellas se lhe darem remedios: as poderão mandar, ou levar todos os dias á caza em que se faz a practica sobre a vizita geral: e o dito Lente as verá, remediando e provendo aos taes enfermos, como lhe parecer. E mando aos Lentes practicantes e aos Administradores do dito Hospital, que assim o cumprão como acima, e abaixo neste Regimento he ordenado.

§. 6.º Os doentes, que se ouverem de tomar no dito Hospital para nelle serem curados, virão a sobredita caza, e meza da segunda vizita: e não podendo vir sem detrimento da sua saude, o mesmo Lente os irá vizitar pessoalmente, e por seu dito *in scriptis* os receberão os Administradores, ou deixarão de receber: ainda que na repulsa de taes doentes diga o Medico do Hospital o contrario. E porem o dito Lente se conformará sempre com o Regimento do proprio Hospital.

§. 7.º Averá outra vizitação neste Hospital de Cirurgia, que será obrigado a fazer o Lente de Anatomia, em todos os dias a



hora de terça. E curará todos os feridos e chagados, e os mais doentes deste Hospital, que pertencerem a Cirurgia: fazendo tudo o que a seu Officio pertencer, com levidão, e boa graça, sem levar couza alguma por isso. E quando lhe parecer necessario que o Lente de Medicina practicante deve ser prezente a estes cazos, e horas de Cigurgija: o Porteiro, e Officiaes do dito Hospital lho farão a saber, ou o dito Anatomista lho poderá dizer. E mandado ao dito Lente o cumpra assi, e se ache prezente pera concluir ambos o que se hade fazer nos taes cazos. E se ao dito Lente parecer outro si, que na ora da sua practica he necessaria a prezença, e parecer do anatomista, guardar-seha o mesmo: e elle sem ser chamado irá a dita practica, quando lhe parecer necessario: e averá por anno o dito Anatomista doze mil reis.

§. 8.º Os ditos Lentes practicantes, e Anatomista, farão as ditas vizitações no tempo e horas acima limitadas, com o cuidado e caridade que esta obra pede: sob pena de serem multados cada vez nos salarios das cadeiras *pro rata*. E sendo remissos se procederá com outras penas como parecer ao Reitor, e Conselho de Conselheiros.

§. 9.º Averá cada hum dos Lentes de Prima, Vespera, e Avicena, pelo trabalho desta practica, o salario declarado no titulo 5.º deste Livro §. os Lentes de Prima: e o Anatomista haverá outro tanto como acima he dito, e lhe será o tal salario pago com certidão dos administradores do Hospital, de como cumprem com estas obrigações.

§. 10.º O Boticario, e Sangrador, que houverem de servir no Hospital da Cidade, serão recebidos pelo Administrador, e Lentes de Medicina, e Anatomia, que vizitão o Hospital. E quando lhes parecer que não fazem os Officiaes bem seus Officios, os ditos elleutores os poderão despedir, e eleger outros.

§. 11.º Os enfermeiros, quando os mandarem os ditos Lentes terão cuidado de ter na meza a hora da vizitação, as mezinhas que se ouverem de gastar no dito Hospital, bem preparadas. E quando os Boticarios forem chamados pelos sobreditos, achar-se hão tão-bem prezentes as ditas horas, para fazer o que elles ordenarem a cerca das ditas mezinhas sob a pena do §. precedente.

§. 12.º Os gastos que se ouverem de fazer na dita caza da practica, de cadeiras, mezas, pannos pera eltes, bancos, papel, tinta, area, e as couzas desta qualidade, serão a custa do Hospital, onde se a tal practica fizer. E o Administrador mandará ter a dita caza muito bem concertada: pois com a dita vizitação se segue muito proveito ao dito Hospital, sem por isso pagar ordenado algum.

§. 13.º O Reitor do Hospital será obrigado a tomar os doentes, que o Lente que vizitar aquella terça, disser que são pera re-



ceber : e sem seu parecer não poderá aceitar algum : e os Lentes se conformarão nisso com o Regimento do Hospital.

#### Titulo 68.

Dos Estrangeiros que vierem ouvir a esta Universidade, &c.

Os Estrangeiros de outros Reinos que nesta Universidade começarem a ouvir Theologia ou Medicina, regular-se hão como os Naturaes deste Reino em tudo. E tendo já cursado nas ditas Faculdades em alguma outra Universidade geral, ou approvada, levar-lhe hão em conta os tais cursos : reduzindo cada hum a oito mezes, como fica dito no titulo da prova dos cursos : e em tudo o mais farão o que por estes Estatutos são obrigados os Naturaes. E se forem Bachareis em Theologia, ou Medicina, não lhe será admittido o dito Grao, nem acto algum, que para elle tanhão feito : mas começarão da primeira tentativa, e farão tudo o que nos Estatutos he declarado no titulo 28 §. final deste Livro.

§. 1.<sup>o</sup> E sendo os ditos Estrangeiros Licenciados ou Doutores nas ditas Faculdades de Theologia ou Medicina feitos por Universidade Geral, e approvada, serão admitidos por Bachareis formados em Theologia, e approvados em Medicina, pagando primeiro todos os custos dos actos, que por estes Estatutos se requerem para o dito grao : e do tempo desta admissão, e incorporação, se regulará a antiguidade delles : e guardarão em tudo o mais, o Regimento dos ditos Bachareis formados, e approvados. E querendo os taes graduar a Licenciados, cursarão dous annos mais, e farão nelles os actos, que para isso se requerem conforme a estes Estatutos.

#### Titulo 74.

Da despeza dos Actos e Grãos de Medicina.

Na Tentativa se fará o mesmo gasto que na Tentativa dos Theologos.

No acto da Formatura, em que se dará o Grao de Bacharel, se fará o mesmo gasto que no terceiro principio do Mestre das Sentenças dos Theologos : tirando que se não darão mais luvas, que as que forem necessarias para o Reitor, Doutores, e Bachareis argumentantes da mesma Faculdade, e Estudantes della, e Officiaes : e as mais luvas se pagarão a dinheiro pera a Arca da Universidade.

Nas duas licções, e concluzões que se fazem nos primeiros dous annos depois da Formatura se fará em cada hum o mesmo gasto, que na Tentativa dos Theologos.



Nos Quodlibetos, e no acto Regio, se fará o mesmo gasto, que nos Quodlibetos, e Augustiana dos Theologos.

No Exame privado, e Licenças, e Vesperias se fará o gasto, que os Theologos fazem nestes grãos, e actos: e o mesmo será no Doutoramento.

## DOCUMENTO NUM. 11.º

Alvará a favor dos Medicos Christãos velhos.

Eu ElRei faço saber aos que este Alvará virem, que eu sou informado que as minhas Relações e Tribunaes se servem por particulares respeitos de Medicos Christãos novos, em prejuizo do direito que tem aos taes lugares os Christãos velhos, porcionistas, que estudarão Medicina na Universidade de Coimbra, pelos privilegios passados em seu favor pelos Reys meus antecessores, do que resultão muitos inconvenientes, provendo nisto: Hey por bem, e mando, que daqui em diante, quando vagarem os lugares de Medicos das ditas Relações, e Tribunaes, ellas possam eleger, e ter o Medico que quizerem; com tanto que seja Christão velho; e do numero dos ditos porcionistas, se os houver: e que o Regedor da Casa da Supplicação, e Governador da Rellação do Porto com aprazimento, e voto dos Dezembargadores das ditas Casas nomeem os Medicos para ellas, sendo dos ditos porcionistas, como dito he: e que estes sejam sempre preferidos, e antepostos a outros quaesquer, como se lhe deve, por razão do dito privilegio; o qual mando que lhe seja em tudo guardado: e este meo alvará se cumpra, como nelle se contem, posto que não seja passado pela Chancellaria, e o effeito d'elle haja de durar mais de hum anno, sem embargo das ordenações em contrário; e será registado nos Livros das Mezas dos taes Tribunaes, para em todo o tempo se ver, e saber, como o hey assim por bem, e meu Serviço. João da Gama o fez em Madrid a 6 de Agosto de 1600. Estevão da Gama o fez escrever.

R E Y.



## ART. II.—

*Resposta, que dá o Doutor Constantino Botelho de Lacerda Lobo ás novas Observações de Antonio de Araujo Travassos, sobre as experiencias, que elle fez, á cerca da densidade d' água em diferentes profundidades, que vem no Jornal de Coimbra Vol. 1.º pag. 170, as quaes Observações são inseridas no Num. XIII. pag. 80, Num. XIV. pag. 189 do dito Jornal. A dita Resposta he dividida em duas partes.*

## PRIMEIRA PARTE.

§. I. As primeiras, e segundas Observações, que fez o A. para impugnar as minhas experiencias não são fundadas em factos experimentaes; mas em alguns principios, a respeito dos quaes estou persuadido que se enganou, bem como em dizer, que são suas certas descobertas sobre aparelhos distillatorios (1), que erão já muito conhecidas; e muitas d'ellas ha mais de trinta annos. Não duvido que todas éstas lembranças tivesse tambem o A.; porém muito primeiro lembrarão a outros Sabios.

Descobertas, que o A. julga fez primeiro que outros Sabios.

## Primeira.

*Abertura por onde sahe o vapor he muito maior do que em todos os alambiques que até agora se tem feito.—  
J. de C. p. 359.*

§. II. Não póde ser maior, do que abertura de hum dos alambiques de Baumé; porque he igual a todo o comprimento e largura da caldeira, como se póde ver em huma Memória d'este Chymico, que vem no Jornal de Physica do anno de 1778, tom.

---

(1) Carta escripta aos Senhores Redact. que vem no J. de C. Num. V. desde pag. 359 até pag. 364.



12. pag. 1.<sup>a</sup> e seguintes; e no Dicciónario d'Agricultura de Rosier, tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 359, 361, Estampa 10.<sup>a</sup>, fig. 4.<sup>a</sup> (1), que vem a pag. 362, no *Segunda*.

*O capacete e serpentina, em que se costuma fazer a condensação dos vapores, são substituídos por hum tubo muito comprido e largo, a que chamarei condensador, o qual está dentro de outro tubo cheio de água fria, a que chamarei refrigerante.* — J. de C. p. 360.

§. III. Todas estas idéas são do nosso Portuguez João Jacintho Magalhães, que vem na sua obra sobre alambiques, publicada no anno de 1782, Parte 1.<sup>a</sup> pag. 14 §. 19 e 29, aonde não ha outra differença senão em o A. chamar tubo condensador áquelle, que Magalhães chama distillador (2).

(1) Le premier alambic proposé par Mr. Beaumé est une baignoire; elle a douze pieds de long sur quatre de large, et á peu-prés deux pieds et demi de hauteur. (p. 359 ditas.) Les couvercles des deux premiers alambics, dit Mr. Beaumé, ont l'inconvenient de présenter aux vapeurs qui s'elevent de la chaudière, beaucoup de parties pleines entre les chapiteaux, qui retardent les vapeurs dans leur marche, pour enfilet le canal de la distillation; c'est pour remédier á cet inconvenient, que se propose un seul chapiteau de même ouverture que celle de la chaudière, et dans l'intérieur du quel rien s'oppose á l'ascension des vapeurs. (p. 361 ditas)

(2) On a vu dans les reflexions preliminaires qu'on vient de donner sur la distillation en général, quels sont les defauts du serpentin, et comment la petitesse du tuyau dont il est formé, met obstacle á l'introduction des vapeurs, on y a substitué en consequence un large tuyau quarré de métal, de huit á dix pouces sur chaque face, et de dix ou douze pieds, de longueur, qui sert á la fois de chapiteau et serpentín. Ce tuyau, au quel on donnera ici le nom de *tuyau distillatoire*, etc. (Obra dita de Magalhães, §. 19, pag. 14.)

P.C. est le grand tuyau quarré, de feuilles de cuivre étamées, ou des feuilles de fer-blanc, dont il a été question plus haut. Il contient intérieurement un second tuyau, également quarré, qu'on á nommé ci-dessus *tuyau distillatoire*, le quel est proportionné de manière qu'il laisse entre ses parois et celles des tuyau extérieur, un espace vuide d'un demi-pouce, dans le quel circule l'eau refrigerante. (Obra dita, p. 15 §. 29.)

Ha talvez quarenta annos pouco mais ou menos, que existem



**Terceira.** O capacete está sempre pegado e unido á caldeira, ou pá-  
ra melhor dizer, a caldeira não tem capacete. — J. de  
C. pag. 360.

§. IV. Esta idéa he de João Jacintho Magalhães, que vem na  
referida obra: basta olhar para a fig. 3.<sup>a</sup> da Estampa 1.<sup>a</sup>  
Quarta.

Na parte superior da caldeira ha huma abertura que se  
fecha perfeitamente com a sua tampa. — J. de C. pag.  
360.

§. V. Esta lembrança he de João Jacintho Magalhães, como  
consta do §. 97 da dita obra; e se pôde ver na fig. 3.<sup>a</sup> da Est. 1.<sup>a</sup>

**Quinta.** Mas para este fim (isto he, de lançar o vinho) he me-  
lhor soldar-lhe hum canudo, que se abra e feche por  
meio de hum resisto, isto he, huma tarneira, ou chá-  
ve. — J. de C. pag. 360.

§. VI. Esta lembrança he de João Manso Pereira, Professor  
Régio Emérito do Rio de Janeiro, que vem em huma Memoria

dous alambiques no Laboratorio da Universidade de Coimbra, co-  
nhecidos com o nome de Cabeça de Mouro, que servem de vez em  
quando para alguma distillação de vinho em pequeno: cada hum  
d'estes alambiques compõe-se de huma caldeira com seu capacete;  
este está rodeado de hum vaso cylindrico pegado com hum tubo  
da mesma figura, em que se lança água fria, e servem de refrige-  
rante: com o capacete communica hum segundo tubo mettido den-  
tro do primeiro na extremidade do qual sahe a água ardente pro-  
cedida do vinho, que se distilla. Eis-aqui a descripção dos alam-  
biques do Laboratorio da Universidade, que já assim mesmo os vi  
no anno de 1779, em que estudei Chymica: e foi então meu Mes-  
tre o Senhor Doutor Domingos Vandelli. Os alambiques de Ca-  
beça de Mouro foram inventados pelo Abbade Molina como se pô-  
de ver no Jornal de Physica do anno de 1778 tom. 12. pag. 103  
Est. 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>; porém o dito Molina faz communica o referido se-  
gundo tubo com huma serpentina mettida em hum vaso cylindrico  
cheio de água; mas d'este accrescentamento não me consta que se



sobre a refôrma dos alambiques, publicada em Lisboa no anno de 1797, pag. 7 Est. 1.<sup>a</sup> fig. 1.<sup>a</sup> Beaumé já se lembrou de huma abertura, que devia servir para por ella se lançar o vinho para não se tirar o capacete todas as vezes; que se quizesse introduzir aquelle, ou outro liquido na caldeira (1). Magalhães lembrou-se da abertura para lançar o vinho e lavar a caldeira; porém fechada com sua tampa (2). Manso Pereira lembra-se de hum tubo para o mesmo fim. O A. accrescenta que o dito tubo ou canudo se abra e feche por meio de huma torneira ou chave: eis-aqui o que adianta mais que os outros.

#### Sexta.

O tabo condensador, e sea refrigerante pôde ter aquella direcção que for mais accommodada ao local, poderão ser formados em angulo para lhe fazer seguir as paredes da casa, se ésta não for tão comprida que baste huma só parede. — J. de C. pag. 362.

§. VII. Esta idéa he de João Jacintho Magalhães, como se pôde ver na dita obra, pag. 28 §. 84 (3). (Setima.)

Querendo-se tirar ao mesmo tempo differentes qualidades de licores espirituosos de differente grão de força, etc. — J. de C. pag. 360.

§. VIII. O aparelho distillatorio com o qual se separão differentes qualidades de productos; e que tem a applicação, que diz o

tenha feito uso no Laboratorio da Universidade; porque creio que já o Senhor Vandelli julgou desnecessaria a serpentina para as distillações em pequeno, que ali se fazem.

(1) On soude une virole tournée d'un ou deux pouces de diamètre. C'est par cette ouverture qu'on introduit la liqueur dans la chaudière; par ce moyen, on n'a pas la peine de déluter les chapiteaux chaque fois que l'on veut changer la chaudière. (Dictionnaire d'Agriculture de Rosier, tom. 1.<sup>o</sup> pag. 359; e Memória dita de Beaumé.)

(2) R. "R." Ouverture par la quelle la vapeur on introduit la liqueur à distiller; on la ferme ensuite avec un couvercle. (Obra dita de Magalhães, §. 97.)

(3) La longueur de ces tuyaux réfrigérans doit être proportionnée à la grandeur de la chaudière. Lorsque la pièce, dans la quelle



A., he de Marasio, do qual se póde vér a descripção na Chymica de Brugatelli publicada no anno de 1795, tom. 1.º art. 2.º §. 3.º pag. 28 Est. 1.ª fig. 14. Este invento, que he dos mais modernos que o A. conta no número dos seus maquinismos distillatorios, he conhecido talvez ha mais de 18 annos. No Laboratorio da Universidade de Coimbra se fez uso d'este aparelho muitos annos antes que lembrassem ao A.

#### Outava.

*Lança-se ágoa fria na última caixa por hum tubo, que conduz ao fundo, etc. — J. de C. pag. 360.*

§. IX. João Manso Pereira já faz menção de hum tubo para o mesmo fim; mas não como invenção sua: porém de Munier. Memoria sobre reforma dos alambiques pag. 15. (1): serve o dito tubo para por elle sahir a ágoa quente, como menos pesada. (2).

§. X. Dos aparelhos, que servem para fazer a distillação da ágoa do mar a bordo das embarcações o do Doutor Irving foi o melhor, e mais simples, que appareceu de todos quantos para o mesmo fim se tinham imaginado até áquelle tempo; e pelo qual mereceu o premio de quarenta e cinco mil cruzados, que lhe mandou dar o Parlamento de Inglaterra (3), e creio que tambem pela lembrança que teve de sómente serem distilladas tres quartas partes d'aquella ágoa do mar, que tivesse sido lançada na caldeira (4).

on les établit, n'est pas assés longue pour les prolonger autant qu'il est nécessaire on les continue en retour d'équerre, soit en leur faisant faire tel autre angle que les circonstances exigent.

(1) O funil ou cano que conduz a ágoa fria até ao fundo da tina não he superfluo. Rosier, diz que o Público he devedor d'esta invenção a Mr. Munier.

(2) Comme l'eau froide est plus pesante que l'eau chaude qui sort par le tuyau de decharge. (Diccionario d'Agricultura de Rosier tom. 1.º pag. 375.)

(3) Le Docteur Irving a obtenu dit-on du Parlement d'Angleterre 5,000 livres sterlings par une machine distillatoire, qu'il a présentée comme de son invention. (Obra de Magalhães §. 40 Nota.)

(4) Il faut developper à present les avantages de la methode qu'a trouvée le Docteur Irving: on peut les reduire à ceux ci.

Cette methode rend inutiles tous les alambics, les chapiteaux, les serpentins et leurs cuvettes qui occupent un si grand espace, que tout cet attirail est absolument incompatible avec les au-



§. XI. João Jacintho Magalhães propõe hum aparelho distillatorio muito proprio para o mesmo fim : elle he fundado sobre os principios d'aquelle, que inventou Irving ; porém fez-lhe alguns accrescentamentos, e mudanças uteis : como se pôde ver na segunda parte da sua obra desde §. 39 até ao §. 76 : basta só olhar para as condições, a que satisfaz o referido aparelho, para decidir da sua utilidade ; algumas já tinham sido lembradas por Irving, outras accrescentou o dito Magalhães, e constão dos §§. 43, 44, 45, 46. Sendo bem dirigida a distillação pôde por meio d'esta operação ficar doce a água do mar. Nas longas viagens maritimas he muitas vezes necessario este recurso, do qual já tem lançado mão Bougainville, e outros (1).

três meubles necessairés du vaisseau. On se servira en place de ces instrumens de la chaudière, ou de la marmite de l'équipage, au sommet de la quelle on adaptera un simple tuyau que l'on pourra faire aisement en mer en employant pour cela du fer battu des douves de tonneaux ou des feuilles d'étain, de sorte qu'dans toutes les situations possibles où sera le vaisseau, on aura des moyens de distiller l'eau de la mer. Le Docteur Irving a decouvert la maniere la plus simple d'obtenir la plus grande quantité possible d'eau distillée en faisant le tube assez large pour recevoir toute la colonne de vapeur et en la plaçant dans une direction presque horizontale a fin d'empêcher la compression qu'éprouve le fluide d'eau avec le serpentín ordinaire.

On se procure un eau douce et très agreable au gout et en assés grande quantité pour suffire a toutes les besoins des equipages.

On profite de la preparation des alimens de l'équipage pour distiller un grande quantité d'eau, au moyen de la vapeur qui seroit perdue sans cela et il n'est pas necessaire d'augmenter le feu.

Lorsque l'eau commence a bouillir on doit laisser passer librement la vapeur l'espace d'un minute a fin de bien nettoyer le tube, et la partie superieure de la chaudière.

On continuera la distillation jusqu'a ce que les trois quarts de l'eau soient évaporés et pas plus loin. Description du Docteur Irving pour dessaler l'eau de la mer par distillation. (Journal de Physica de 1779, tom. 14 pag. 316.)

(1) = On sait que par une distillation toute simple on peut rendre l'eau de la mer parfaitement semblable a meilleure eau de riviere. = (Enciclopedia Methodique. Marine tom. second pag. 98.)



## SEGUNDA PARTE.

*Responderei agora a algumas observações do A.*

*Diz o A. que no §. 9. da minha Resposta affirmo, que a água por mais pura que seja contém sempre tudo quanto pôde dissolver.*

§. XII. A doutrina do §. 9. não he como diz o A. mas a seguinte: *Toda e qualquer água por mais pura que seja contém o calórico, o fluido eléctrico, o magnetico, o gaz oxygenio, com quem tem muita affinidade.* Digo depois em huma oração separada: *Tem finalmente tudo quanto pôde dissolver.* A água da chave mais pura que a distillada (como adiante direi) de tudo, o que encontra na atmosphera, tem a que pôde dissolver, além d'aquelles corpos, que n'ella ficão sustentados e a que he puramente água contém não só as suas partes constituentes, mas também aquelles fluidos, que são inseparaveis da sua existencia.

*Diz o A. que as minhas experiencias não são sufficientes para estabelecer principios novos, nem para destruir o que digo que passou por Dogma Physico.*

§. XIII. As minhas experiencias mostram que volumes iguaes d'água tem em diferentes profundidades diverso peso, o que não accorderia se a densidade fosse uniforme em toda a altura do fluido; porque então tanto havia de perder o sólido na profundidade de dez pollegadas, como na de trinta ou quarenta. Fallo com toda a moderação: não digo que as minhas experiencias estabeleçam principio algum novo. O Público julgará o que for verdade.

§. XIV. As experiencias de Mongez são muito bastantes para destruir o Dogma Physico estabelecido pelos Academicos Florentinos, que dizião ser a água hum fluido incompressivel; fundados em factos, que bem examinados não provão a sua proposição, mas o contrario. Confirmão pois o principio de Mongez as minhas experiencias, ainda que differentes; das quaes se conclue, que he differente a densidade d'água em diversas profundidades: esta he a minha proposição.



Diz o A. que teria feito melhor em não publicar as minhas experiencias, sem as ter repetido muitas vezes em circumstancias identicas, sem ter obtido os mesmos resultados, e sem poder affirmar que houverão quilates de mais, ou quilates de menos.

§. XV. Comecei a fazer as minhas experiencias no anno de 1801: forão repetidas muitas vezes até ao anno de 1812; e sempre com aquella água, que seromptava; mas nunca achei os mesmos resultados; porque varia a densidade da água, assim como a da atmosphera (1). Forão feitas as experiencias com exactidão: e não se deve argumentar da possibilidade para o facto.

4.<sup>a</sup>

Depois do referido diz, que não dúvida que seja melhor fazer as experiencias com água a mais pura que houver.

§. XVI. O que digo he o seguinte: Não dúvida que seja muito util para o adiantamento da Sciencia que as experiencias d'este genero sejam feitas em água a mais pura que houver. Não sei porque se substituiu a palavra melhor, em vez de muito util. Quem diz que he muito util fazer as experiencias em água a mais pura que houver, não exclue aquellas, que se fizerem em água mais ou menos impura. As experiencias comparativas sempre forão muito proveitosas.

Quando as experiencias sobre a densidade d'água forem tão perfectas como as que se tem feito sobre a do ar, então deduzirá d'ellas o que for justo.

§. XVII. Saussure (2) foi hum dos ultimos, que fez experien-

(1) Já depois das primeiras e segundas observações do A. fiz algumas experiencias. Repeti a da água salgada misturada com água commun: foi baldeada muitas vezes; o ovo mettido dentro d'este fluido conservou-se muito tempo mais ou menos distante do fundo do vaso conforme variava a densidade: era ésta maior desceia aquelle sólido; e subia quando era menor. XX. 2  
40 Julgo que não devo fazer uso d'água distillada; mas antes da chuva, porque ésta he mais pura do que aquella: o Arconterro de Beaumé foi quem decidio a questão fazendo experiencias comparativas de huma e outra na presença dos meus Discipulos no dia 18 de Fevereiro de 1813.

(2) Jornal de Physica do anno de 1790, 1.<sup>o</sup> semestre, pag. 98.



cias sobre a differente densidade do ar : elle se servio de hum methodo semelhante áquelle de que eu usei : pesou hum sólido em differentes alturas da atmosphera, e observou que iguaes volumes d'ar tinham differente peso. Pesei hum sólido em differentes profundidades d'água mettida em hum vaso, e vi em iguaes volumes d'água pesos desiguaes. Os factos são semelhantes aqui e ali : Saussure talvez não faria uso de huma balança mais exacta, do que aquella, de que lancei mão. He verdade que ainda não está descoberta a lei da variação da densidade da água, porque as experiencias d'este genero ainda agora começão, e he preciso que se fação em maiores profundidades.

6.

2. Como pôde haver 60 pollegadas d'água em cima de hum sólido mergulhado dentro de hum vaso de 60 pollegadas?

§. XVIII. A experiencia foi feita na profundidade de 60 pollegadas (se houve alguma differença foi mui pequena) o que não era impossivel praticar; porque o vaso tinha d'altura 60 pollegadas. Vamos a fazer a conta. Veremos se me engano. O sólido tinha de altura pollegada e meia: logo da superficie superior para cima ficão  $58\frac{1}{2}$  pollegadas. Não se pôde determinar o peso de hum volume igual ao do sólido mergulhado, da superficie superior para cima; porque daqui para cima, não ha volume de fluido deslocado, só se fôr o correspondente ao fio (mas deste não se trata) logo o volume de fluido deslocado fica entre a superficie superior do sólido, e a inferior, em que ha de distancia pollegada e meia, que somada com  $58\frac{1}{2}$  faz 60 pollegadas.

§. XIX. Dirá pois o A. que então a superficie inferior do sólido ha de tocar no fundo do vaso: para não tocar basta que haja de distancia couva de meia lin. entre a superficie inferior do sólido, e o fundo do vaso: meia lin. teria de cugúlo a agoa na superficie superior: e ainda que a não tivesse he esta hum pequena differença.

§. XX. Fiz sómente huma experiencia na profundidade de 60 pollegadas; porque enchendo-se muito o vaso d'água tocava na superficie superior do fluido a bacia da balança, quando fazia as suas oscillações. Ainda que não existassem se não as experiencias do anno de 1812, estas provão a minha proposição (§. 14): ellas não forão feitas ás escondidas; mas na presença dos meus Discipulos, que ás virão, e ajudarão a fazer.



Logo no §. 1.<sup>o</sup> disse que achou em todas as suas experiencias que a água he muito compressivel o que de facto não provou.

§. XXI. O A. no §. 19 das suas primeiras Observações diz que as minhas experiencias nas circumstancias, em que foram feitas, mostram que a água he susceptivel de grande augmento de densidade ainda em pequenas profundidades. Se ha augmento de densidade as camadas inferiores tem as particulas d'água mais chegadas, do que as superiores: e como aconteceria este effeito se a água fosse incompressivel, ou quasi incompressivel? A diversa densidade do fluido atmospherico depende muito principalmente da sua compressibilidade. Se temos phenomenos iguaes, porque tambem não hão de ser iguaes as causas? Aqui a diversa densidade hã de proceder da compressibilidade e peso das camadas superiores, e ali não hã de influir nada? O ar he elástico, a água tambem he elástica; a elasticidade d'este fluido he muito sensivel; tambem he muito sensivel a sua compressibilidade e poderá ser mui sensivel a elasticidade, e ser insensivel a compressibilidade? Será o mesmo que dizer, que existe reacção, sem que preceda acção, ou effeito sem causa.

Nem por isso teria respondido ao ponto fundamental das minhas observações.

§. XXII. O fim principal das minhas experiencias he mostrar, como já disse, que a densidade da água he differente em diversas profundidades, e que este effeito depende muito da sua mui sensivel compressibilidade.

§. XXIII. O A. diz nas suas primeiras Observações, e confirma nas segundas, que as minhas experiencias tem hum fim util; mas que os pesos desiguaes de iguaes volumes d'água não procedem da sua mui sensivel compressibilidade; porém de outras causas, a saber, o fluido eléctrico, galvânico, gases, ar atmospherico, temperatura, e outros corpos heterogeneos.

§. XXIV. As causas de que se lembra o A. a saber o fluido eléctrico, galvânico, gases, e ar atmosphérico, caso tenham alguma influencia, não podem produzir augmentos de densidade, como mostram as minhas experiencias; mas diminuições o que mostrei na minha primeira Resposta ás primeiras Observações do A. A temperatura he igual em pequenas profundidades. Os corpos hete-



rogeneos dissolvidos no fluido aquoso, ou lá sustentados, provão a minha proposição, como adiante direi.

§. XXV. O argumento mais forte, com que o A. quer impugnar as minhas experiencias, consiste em dizer que se os augmentos de densidade, que ellas mostrão, dependem sómente da compressibilidade da água, então he ella mais compressivel que o ar atmosferico.

§. XXVI. Já respondi a esta reflexão na minha primeira resposta: agora accrescento que o argumento do A. não he fundado em facto algum experimental; mas era hum principio hypotetico. Pelo contrario a compressibilidade da água no estado de vapor he maior que a do ar, e a mesma liquida he incomparavelmente mais compressivel do que imagina o A., como adiante direi.

9.<sup>a</sup> Não sei se admite em Physica algumas cousas apparentes, que não sejam grandezas, parece que não.

§. XXVII. Disse e digo, que não ha densidades apparentes; mas sim grandezas; porém não accrescentei a palavra *sómente*. Estou intimamente persuadido que não vinha a proposito a explicação de todo o tratado de illusões opticas a saber da grandeza, figura, lugar, distancia e movimento.

10.<sup>a</sup>

Não se segue que água seja compressivel por ter sido diferente a densidade em diversas profundidades de água, ou liquido de que se servio o A., nem ainda considerada em geral.

§. XXVIII. Tenho dito mais de huma vez que a diversa densidade em diferentes profundidades depende tambem muito da sua compressibilidade; que por isso mesmo que he compressivel, as camadas inferiores de hum igual volume tem maior quantidade de materia. O facto seguinte parece mostrar esta verdade. Estando mettida em hum vaso a água da chuva, os corpúsculos, que n'esta cahem, huns ficão mais abaixo, outros mais acima: acontece este phenomeno, porque os ditos corpúsculos descem até encontrarem camadas de fluido de huma gravidade especifica igual a sua, e ahí párao: logo a gravidade especifica não he igual nas diferentes camadas; mas em humas he maior, e em outras menor: e como a água he a mais pura, que podêmos ter, e igual a temperatura, depende sómente este effeito da sua muísensivel compressibilidade.



§. XXIX. Conclue-se também esta proposição das minhas experiências. Quando a variação da temperatura, e os corpos heterogeneos nada influem; procede a maior densidade sómente do péso das camadas superiores. Hum volume d'ágoa de pollegada e meia cúbica na profundidade de trinta pollegadas pesou 16 quilates de mais, do que na de dez; não duvido que n'este péso tenham parte os corpos heterogeneos; mas d'aqui para baixo não passarão estes, nem outros; porque o mesmo volume d'ágoa na profundidade de quarenta pollegadas pesou também 16 quilates de mais, do que na de dez. D'onde vem o augmento que aqui se observa? Dos corpos heterogeneos não; porque não passarão da profundidade de trinta pollegadas; a temperatura he igual em pequenas profundidades: logo não se deve attribuir senão ao péso das camadas superiores sómente. Devemos pois concluir que a variação da densidade da ágoa n'esta profundidade depende unicamente da pressão das camadas superiores, e da sua mui sensível compressibilidade.

§. XXX. A respeito da ágoa considerada em geral, persuadome que na grande massa do fluido aquoso, que faz parte do globo terraqueo a força compressivel está na razão inversa do quadrado da distancia. Se a massa da atmosphera, como elastica, obedece a esta lei, porque não affirmaremos o mesmo da massa enorme da ágoa, que se observa no vasto mar. Negará alguém que ella seja hum fluido elastico?

§. XXXI. Para fazer ver esta verdade de hum modo mais claro: suppomos desde a superficie até ao fundo do mar a ágoa dividida em camadas: a gravidade d'estas tendo huma continuada tendencia para o centro da terra as suas moleculas se hão de chegar, e comprimir cada vez mais umas com as outras á proporção que as camadas d'este fluido se forem aproximando ao fundo do mar: logo a força comprimente da ágoa cresce na conformidade da lei da gravidade, que he na razão inversa do quadrado da distancia. Também as camadas superiores carregão sobre as inferiores com huma força, que cresce igualmente na razão inversa do quadrado da distancia: logo successivamente ha de ir crescendo a densidade e força comprimente da ágoa na dita razão. Logo estas duas causas fazem augmentar a densidade e força comprimente na razão inversa do quadrado da distancia (1).

(1) He esta huma conjectura fundada na lei da gravidade e elasticidade, e parece que deve ter lugar na enorme massa d'ágoa do mar, e sua grande profundidade. Em pequenas massas e distancias terá lugar a mesma conjectura?



11.<sup>a</sup> *E basta supormos que a compressibilidade do ar seja somente 1:000 vezes maior do que a da água para podermos concluir que n'aquellas experiencias do A. todas as outras causas de real ou apparente augmento de densidade não contando com a pressão, ou peso das camadas superiores estiverão para a verdadeira compressibilidade da água cōma 999 para 1.*

§. XXXII. Não sei em que principios ou experiencias se funda o A. para dizer: que a compressibilidade do ar he 1:000 vezes maior que a da água. Não tenho noticia de que já se tenham feito experiencias comparativas da compressibilidade dos dous fluidos. A mesma proposição tambem comprehenderá a água reduzida em vapor?

§. XXXIII. Mostrarei que não tem lugar aquella hypothese, porque a água liquida não tal e qual se encontra na natureza, como a tenho considerado; porém a mais pura que se possa imaginar (examinando agora a questão por outro lado) he incomparavelmente mais compressivel de que julga o A., e aquella que se acha reduzida ao estado de vapor tem huma compressibilidade que he mais que o dobro do ar atmosphérico.

§. XXXIV. A fôrça compressivel dos gazes, que apparecem depois da inflammação da polvora, a saber, o gaz ácido carbónico, o gaz azotio he ao menos igual á do ar atmosphérico, etc. a fôrça compressivel da água reduzida em vapor he mais que o dobro da fôrça compressivel do ar. As seguintes experiencias mostram esta verdade. Couda de 140 libras d'água reduzida a vapor forão capazes de fazer saltar pelos ares huma massa de 7:700 libras: a mesma quantidade de 140 libras de polvora apenas pôde produzir hum effeito semelhante sobre huma massa de 30:000 libras (1): logo a fôrça da polvora, ou dos gazes, que apparecem

(1) La vapeur de la eau devient capable de produire des effets beaucoup plus etonnans par sa force expansive. On trouve dans les Memoires de l'Academie des Sciences pour l'année 1707 des observations communiquées par Vauban d'ou il resulte que 140 livres d'eau convertie en vapeur produisent une explosion capable de faire sauter une masse de 77:000 livres tandis que 140 livres de poudre ne peuvent operer un semblable effet que sur une masse de 30:000 en sorte que la force de l'eau en vapeur sera presque double de celle de la poudre. (Hauy Traité Elementaire de Physique tom. premier pag. 196.)



depois da inflamação, he menor que metade da força compressivel da água reduzida ao estado de vapor; mas suppondo a força compressivel d'aquelles gases ao menos igual á do ar atmosphérico: vem a ser a força compressivel d'este fluido menos que metade da força compressivel da água reduzida ao estado de vapor.

§. XXXV. A natureza da água não muda com a mudança de estado: não ha outra differença senão na maior ou menor dóse de calórico; os seus principios são os mesmos, quer ella seja líquida, quer reduzida ao estado de vapor; porque ha de ser tão compressivel a água n'este estado, e tão pouco n'aquelle? Se ali tem muita influencia o calórico, tambem aqui proporcionalmente.

§. XXXVI. Outra experiencia prôva mais esta verdade. Lancando cousa de libra e meia d'água cominum em huma bexiga, aperta-se esta muito bem, tendo a cautela de expulsar quanto fór possível o ar que lá estiver: huma pessoa a comprime com ambas as mãos, e outra com a ponta de hum alfinete lhe faz hum furo: logo immediatamente sahe huma columna de fluido, que sóbe a huma altura relativa á compressão, que se lhe tem feito, he de Mongez esta experiencia, a qual faço todos os annos; porém no de 1812 foi feita pelos meus Discipulos, que virão subir a columna d'água até á altura de oito péz e dez pollegadas.

§. XXXVII. Este effeito he resultado de huma grande força de restituição das particulas d'água proporcionada á sua compressão; se o fluido aquoso fosse quasi incompressivel não appareceria huma columna d'elle subindo a huma altura tão consideravel: ora aqui nenhuma influencia podem ter os corpos heterogeneos. Se pois em libra e meia d'água he tão sensivel a sua compressibilidade: que admiração pôde causar o mesmo phenomeno nas minhas experiencias, aonde a quantidade de fluido he maior?

§. XXXVIII. D'estas experiencias se conclue, que se a força compressivel da água líquida não he igual á do ar, não he muito grande a differença; ou ao menos he muito mais do que imagina o A. Logo parece arbitraria e destituída de fundamento a hypothese do A., em que affirma que a compressibilidade da água he  $\frac{1}{999}$  da do ar. Em hum tal principio he fundada a taboada das millionessimas das suas primeiras observações, com que pertende mostrar, que são absurdos os resultados das minhas experiencias: e já disse que não tinha applicação alguma (1).

---

(1) Não pareça que tenho em pouca conta a applicação da Mathematica á Physica; mas cumpre evitar o abuso; por isso jul-



12.<sup>a</sup> Hum sólido mettido debaixo d'água embrulhado em huma capa d'ar.

§. XXXIX. Já disse, e digo, que este phenomeno não se explica por principios physicos e chymicos. A experiencia, que lembra o A. para sustentar a sua proposição não tem lugar; porque as circumstancias são diversas. O vaso, em que fiz as minhas experiencias, não estava mettido debaixo do recipiente da máchina pneumática: nem eu sei como aqui se possam fazer taes experiencias (1).

13.<sup>a</sup>

Huma agulha d'aço, e huma chapa ou folha delgada de metal, sustidas em cima da água em virtude do ar, em que estão envoltas.

§. XL. Estas experiencias não provão a proposição do A. Se este effeito dependesse da capa d'ar, então deixando cahir a agulha de huma certa altura deve tambem ficar sustida na água, o que he contrario á experiencia, porque desce sempre para o fundo do vaso: este facto he tão facil, que qualquer pessoa o pôde verificar. Estando em ambos os casos a agulha embrulhada em a sua capa d'ar, porque humas vezes ésta se oppõe á descida, outras não?

§. XLI. A doutrina que hoje em dia corre a este respeito parece-me mais conforme aos factos. Não he a capa d'ar, mas sim a coherencia das particulas d'água, que resiste ao peso d'agulha sem embargo de ser maior do que o da água; mas a gravidade respectiva d'aquelle sólido sendo hum pouco menor que a força da coherencia d'água fica sustida na sua superficie: cahindo de huma maior altura nunca o sólido fica sustido; mas vai sempre para o

go muito a proposito o que a este respeito diz Deluc: *Les mathématisiens ont rendu sans doute et rendent encore des services très essentiels à la Physique, mais c'est lorsqu'en meme tems ils s'appliquent à l'étude des phenomenes.* — Jornal de Physica tom. 36. pag. 451.

(1) No Gabinete de Physica Experimental da Universidade de Coimbra tive eu mais de vinte dias mettida em hum vaso d'água huma chapa de latão, e n'ella nunca vi bolhas algumas de ar, muito menos podião ellas existir no sólido, de que fiz uso nas minhas experiencias, por causa do contínuo movimento, em que elle estava.



fundo do vaso; porque cresce a força augmentando-se a velocidade ainda que se conserve a mesma massa; o que se diz d'agulha he igualmente applicavel á folha delgada de metal. As experiencias de Rumford mostram evidentemente esta verdade.

# ART. III.—

## DIARIO DAS VISITAS PASTORAES

DO

## EX.<sup>mo</sup> D. FR. CAETANO BRANDÃO

### NO SEU BISPADO DO PARÁ.

#### 4.<sup>a</sup> Visita no anno de 1788.

(Continuação da pag. 244.)

Estando persuadido, que de todas as obrigações do Episcopado, nenhuma talvez he mais necessaria, que a de visitar a respectiva Diocese, tanto por ser este o unico meio seguro, por onde o Pastor póde conhecer a face das suas ovelhas, tomar-lhes o pulso, examinar as suas chagas, e applicar-lhes o remedio conveniente; como porque sendo o Bispo na frase dos Santos Padres Sol do seu Bispado, a todos deve esclarecer e beneficiar, sem que algum, por mais barbaro, e despresivel que seja, deixe de ter direito aos influxos do seu zelo: assentei comigo logo do principio da minha Administração fazer todos os esforços para cumprir este dever tão recommendavel, a pezar de quaesquer obstaculos, que se me pozessem diante.

E com effeito informado, de que havião muitas Igrejas na minha Diocese, que nunca até o presente tinhão ouvido a voz do seu Pastor; (isto não por falta de zelo dos outros Prelados, meus Predecessores, mas por carecerem dos meios indispensaveis para vencer as difficuldades, que offerecem viagens tão longas e arriscadas; meios, que DEOS N. S. por effeito da sua misericordia foi servido facilitar-me) logo no primeiro anno concebi o designio de visitar estas mesmas Igrejas, e serem ellas as primeiras, que colhessem a flor dos meus cuidados Pastoraes. Não o pude com tudo conseguir, senão no segundo anno; e ainda então incompleta-



mente por causa da molestia, que me fez retroceder do meio do caminho. Em fim visitados nas tres digressões precedentes os lugares mais visinhos da Cidade; torno a tentar segunda vez a grande, e difficil viagem do Certão, levando em minha companhia o R. Conego Manoel Ramos de Sá (1) meu Secretario, outro Sacerdote para me ajudar nas Confissões, hum Familiar, hum Cirurgião, e o meu Mordomo: os mais são Indios do serviço, e da esquipação, além de tres Soldados, que servem de Cabos das Canôas: por todos fazem o numero de setenta pessoas.

§. 1. Pela meia noute do dia 9 para 10 de Agosto desaferrámos do Pôrto da Cidade. Ao amanhecer estavamos junto de huma Fazenda do Capitão João Manoel Rodrigues, hum dos sujeitos mais abonados do Pará, que me recebeo com huma falla mui judiciosa, e não consentio, que proseguissemos a viagem, senão depois de jantar: hospedou-me com muita decencia, e a várias pessoas de bem Ecclesiasticas, e Seculares, que me fizeram a honra de acompanhar-me até áquelle sitio. He fazenda nova, mas já não tem inveja ás melhores do Estado: sobre tudo o engenho de aguardente, obra em que brillão igualmente a arte, e a magnificencia. Disse-me, que lhe rende cada anno para cima de 200 cruzados. Pelas tres horas da tarde o deixámos.

§. 2. Dia 14. — Continuando a viagem com tenção de nos encaminharmos logo aos lugares mais remotos, soube que n' huma Villa, chamada *Oeiras*, não muito distante, festejavão os Indios o seu Orago, e por consequente, conforme o seu costume, que todos concorrerão á Povoação; o que não seria facil conseguir n' outro qualquer tempo. Esta lembrança, e tambem a necessidade de completarmos a esquipação das Canôas, me fez demandar aquella Villa, onde chegámos n' este mesmo dia pelas 8 horas da tarde. Logo se juntou na praia grande multidão de povo, e nos receberam com todas as demonstrações de contentamento. Dirigimo-nos á Igreja, cantarão-se os Louvores Divinos, e fiz hum breve falla ao povo, instruindo-os do fim, que ali me levava, e do que elles devião praticar n' aquelles dias.

Dia 15. — Pela manhã, celebrado o Santo Sacrificio nos sentámos no Confissionario, d'onde nos levantámos para a meza. Pelas tres e meia da tarde pratica ao povo, e chrismei, cujo acto se estendeo até ás sete horas: isto mesmo foi o que se praticou nos dous dias seguintes; só com a differença de haver mais traba-

(1) Este Venerando Sacerdote accompanhou o Exm. D. Fr. Caetano Brandão, do Pará para Braga, onde se conserva ainda hoje, e he Chantre na Sé Archiepiscopal, Beneficio que lhe foi conferido, não pelo Exm. Arcebispo, mas pela Rainha N. S. immediatamente.



lho, por ser grande o concurso de gente, e acharem-se muitos para chrismar. Não me faltarão aqui motivos de render graças a Deos, e reconheci, que foi inspiração sua a resolução que tomei de ir a *Ociras*, n'aquella conjunctura. Evitarão-se muitos peccados, principalmente da gula, a que os Indios se entregão com excesso n'estas Festividades, e de que resultão as maiores desordens. Houve muita paz, de sorte que os moradores brancos se espantarão, e disserão, que nunca tal se tinha visto. Em todos os tres dias sempre a Igreja esteve cheia de gente de manhã e de tarde; e tive fundamento para julgar, que alguns peccadores abrirão os olhos, e se aproveitarão da visita do Ceo.

Esta Villa he assás populosa: consta de Indios pela maior parte, cujo número se ignora ao certo: embrenhão-se no mato, por escaparem ás Portarias do Serviço, e ali vivem como Pagãos. Disse-me o Vigário (he hum Ecclesiastico de sã conducta) que hum grande parte dos Freguezes morrem no fundo dos matos sem algum dos soccorros Ecclesiasticos, e que lá mesmo os enterrão como cães. Muitos vem procurar o Sacramento do Baptismo homens feitos. A ignorancia das verdades Catholicas he extrema. Os vicios, singularmente da incontinencia, e da bebida não tem mais limites, que os da paixão. Foi n'outro tempo Missão dos Padres Jesuitas. A Igreja he de telha, alta, e espaçosa; porém muito damnificada nas paredes, e em todo o seu ornato. A Villa situa-da em agradável planicie ao longo de hum rio não pequeno: só tem de notavel as casas da residencia do Director, e do Vigário, e as do Mestre de Campo: e mais são pocilgas cobertas de folhas d'árvores, expostas ao ar por todos os lados, irregulares, fêas, e immundas.

Aqui me fizeram os Indios muitos presentes de farinhas, frutas, criação, etc., e como vião, que lhes correspondia com breves, ou cousas semelhantes, cuidei, que me concorressem todas as mulheres da Villa á minha residencia. Achei muita graça em huma, que vendo que lhe não quiz aceitar humas poucas de moedas de cobre, que risonha me offerecia, voltou muito triste e desconsolada, não obstante tälla brindado, como as outras dos baiaios. Entre todas se esmerou a Juiza da Festa, a qual repartio comigo generosamente do seu banquete, que suposto quasi tudo erão iguarias grosseiras, proprias d'aquella rusticidade, para o paladar do meu coração forão bem agradaveis. Nunca me esquecerá a musica desentoadada e fea, com que ouvi aqui louvar a N. Senhora. Pois o ornato das Festeiras? Todo se reduzia a hum monte de poz em pasta sobre a cabeça, e ésta amarrada com hum grande fita. Deixámos aquelle pôrto pelas onze horas da noute.

§. 3. Dia 23. — Achando-nos petto da Villa do *Gurupá* em côsta desabrida, cahio sobre nós hum formidavel trovoad. Era noute escura, estava o horisonte inflammado do contínuo fuzilar



dos relâmpagos, roncões, medonhos e amiudados, vento rijo, e contrário, nós sem abrigo; tudo ameaçava ruína maior; senão quando desfecha n'hum dilúvio d'água, e ficámos salvos. A noute foi algum tanto incómoda por causa da marezia.

Dia 24. — Sahimos á Villa; dissémos Missa, e fiz huma breve instrução ao Povo. Logo embarcámos acompanhados do Commandante, sujeito muito cheio d'urbanidade, que não quiz deixar-nos, senão no dia 26, e ainda para isso foi preciso fazer-lhe violência.

Dia 25. — Navegando o Rio chamado *Urucuricaia*, tivemos a primeira investida da praga do mosquito, e nos incommodou assásmente toda aquella noute: he a mortificação que temos de sofrer d'aqui por diante, achando-se as margens do Amazonas infestadas d'estes insectos volantes, que na verdade causão estranho desasosiego. N'este mesmo dia pelas dez horas da tarde tivemos outra trovada também fea, porém achou-nos mais abrigados. Ao romper do dia 26 avistámos o Rio Amazonas já mais desasombreado de Ilhas, e por elle começámos a subir ao longo da margem austral. Em todos os tres dias seguintes continuarão as trovoadas; he a praga do mosquito cada vez com mais excesso, não só de noute, mas também de dia, que junta com a *mutuca*, outro insecto não menos incómodo, fazia a vida hum pouco desagradavel.

Dia 30. — A noute chegámos ás *Barreiras*, lugar sobranceiro ao Amazonas, onde os Indios de *Monte Alegre* tem as suas roças. No outro dia pela manhã, depois de ouvir Missa, tive o gosto de fallar áquellas pessoas, de que na primeira visita havia recebido tantos peñhores de ternura e affabilidade, por todo o tempo da minha molestia. Algumas Indias nos brindarão com os seus costumados presentes.

§. 4. Dia 1.º de Setembro. — Desde as dez para as onze da manhã entrámos pela boca do Rio *Tapajós*, hum dos mais consideraveis, que desagoão no Amazonas. Logo avistámos a *Villa de Santarém*, situada na margem austral, não muito distante da foz: e porque era preciso fazer alguma demora por conta da lavagem da roupa, e de se completar a esquipação, abri visita, e n'essa mesma tarde entrámos a trabalhar. Comecei pelo Cathecismo dos meninos, que me parecerão sufficientemente instruidos nos Misterios da Religião: sobre isto fiz a prática ao Povo, e conclui pelo Sacramento do Chrisma, que conferi sómente aos meninos. No segundo, celebrado o Augusto Sacrificio da Missa, fez-se a procissão de defuntos, e a visita da Igreja; e depois de huma longa instrução ao Povo, nos sentámos no Confissionario até ao meio dia: de tarde prática e chrisma, que durou até perto da noute.

Dia 3. — Pela manhã confissões: de tarde prática e chrisma, cujo acto se concluiu pelas oito horas. Então, feitas algumas correções, mandei preparar as canoas, para continuarmos a viagem na madrugada seguinte.



Esta Villá he huma das melhores do Estado : compõe-se de moradores brancos e indios, mil trezentas e tantas almas. As casas dos indios estão arruadas, com muito boa ordem e asseio : os brancos porem, que communmente assistem nas suas rôças e caçoães, não se embaraço muito com o ornato das casas, que tem na Villa, á excepção das que servem de residencia ao Commandante, e Vigario, e algumas poucas : tudo o mais he irregular e desalinhado. Tem a Villa sua Fortaleza n' huma Colina sôbre o Rio com hum Destacamento de 20 Soldados, que servem para occorrer aos ataques do Gentio, o qual costuma incommodar as Povoações visinhas. A Igreja he menos má, com o asseio ordinario, mas sem capacidade para admittir o Povo : necessita-se de outra mais espaçosa. Foi Missão dos Padres Jesuitas, com as outras que ficão na margem do mesmo rio. He terra abastada de peixe, serve de escala ás embarcações, que descem do Rio Negro, e Mato Grosso. Tem alguns moradores abonados, cuja riqueza consiste principalmente em cacáo, que he o mais bem reputado de toda a Capitania, juntamente com o das duas Poaões visinhas, *Obidos*, e *Alemquer*. Aqui achei alguns escandalos bem odiosos, que me ferirão vivamente o coração pelas suas funestas consequencias ; erão pessoas, que devendo pelo seu caracter edificar o Povo com huma ajustada conducta, lhe servião de pedra de escandalo. Bem me affligi ! E então ver-me obrigado a conservallas no govêrno das almas, por não ter outras, que as possão substituir. . . . triste necessidade. . . . Aviso, reprehendo, ameaço, mudo de humas Povoações para outras : mas que ha de ser em taes distancias ? Duzentas legoas contão d'aqui á Cidade, falta o medo dos Superiores ; a nudez, a bruteza, a liberdade, o exemplo, o clima, tudo impelle para a prevaricação ; e só por hum effeito singular da Divina Misericordia poderá hum alma conservar a innocencia, rodeada de tantos perigos.

§. 5. Dia 4. — Pela manhã deixando ésta Villa, proseguimos a derrota acompanhados do Commandante, e outras pessoas de bem, que não consenti passassem da boca do rio. Erão oito horas da tarde, quando chegámos a *Pariscatuba*, sitio de hum morador, a quem tinha prommettido de benzer-lhe o seu Oratorio, e Chrismar algumas pessoas da familia. Aportámos : estava a gente disposta, confessamollas : benzeo-se o Oratorio, Chrismei, e, sendo onze horas, nos recolhemos ás Canoas : partimos de madrugada. Todo este espaço de *Santarôm* até *Obidos* vai semeado de Ilhas cobertas de hum pequeno mato viçoso, e não muito cerrado, e alguns cacoães, que fórmão hum espectaculo bem agradável á vista ; mas faltou-nos o vento, e fomos por isso mais perseguidos da praga.

Dia 6. — Perto do meio dia chegámos á Villa de *Obidos*, e querendo continuar a viagem, fui obrigado a de-er-me ali aquella



noute, para satisfazer aos desejos do Vigario, e da sua familia, que me pedirão lhes baptizasse huma menina, sobrinha do mesmo Vigario: o que fiz: e no outro dia, celebrado o Sacrificio da Missa, immediatamente sahimos d'aquelle Porto. Aqui fórma o Amazonas hum estreito, que não chega á 3.<sup>a</sup> parte de legoa, não obstante achar-se junto todo o cabedal das suas ágoas, sem outra mais repartição; por esta causa conserva ali huma profundeza insondavel: alguns Mathematicos tem procurado examinalla, mas inutilmente. Navegando até agora da parte do Sul, passámos para a do Norte, a fim de evitarmos os ataques do Gêntio *Mundurucú*, o qual, segundo as noticias, que tivemos em *Obidos*, infestava aquella margem. He huma casta de Gêntio muito feroz, e cruel: sempre volante, sem ter domicilio fixo, persegue não só os brancos, mas também os outros barbaros; por isso alguns acoçados d'elle tem buscado recurso nas nossas Povoações. Não muito distante d'*Obidos*, ou *Pauxis*, subindo pelo mesmo lado septentrional fica o famoso rio *Trombetas*, onde se diz, que *Orellana* fôra accommettido d'aquellas mulheres, que elle qualificou com o nome de *Amazonas*. Ignora-se ainda a origem d'este rio, apesar de várias tentativas, que se tem feito pela descobrir. No anno de 1787 por ordem do General que presentemente governa o Estado, se repetio esta diligencia, que teve o mesmo êxito: logo depois de alguns dias de viagem, cahirão gravemente enfermos o Chefe da Expedição, e outras pessoas, de sorte, que se virão obrigados a voltar, sem fazer alguma observação consideravel.

§. 6. Cincoenta e tantas legoas contão de *Pauxis* á primeira Povoação que se segue, que he a Villa do *Serpa*, a qual vamos procurando. Quasi no meio d'este espaço se veio agora situar com a sua familia hum sujeito do Pará, e já tem formado alguns principios de estabelecimento: he-lhe perciso pelo menos tres dias para chegar á primeira Povoação, e consequentemente para satisfazer as obrigações de Catholico: e d'estes ha muitos exemplos na minha Diocese. Julgue-se d'aqui quão grande he o desprêso, com que se tratão as cousas d'alma. Vive-se ordinariamente n'estes desertos sem Deos, sem Lei, sem costumes, tudo atropella a desgraçada paixão do interesse. Em humas ribanceiras visinhas d'este mesmo sitio observei, que os pedaços de barro, que se despegavão, apenas cahião na bórda do rio, e erão salpicados da marazia, logo começavão a petrificar-se: toda a margem estava juncada d'aquellas massas, humas já penedos feitos, outras com principio de petrificação.

Dia 12. — Quasi sempre navegámos ao longo de huma enfiada de barreiras, que se elevão sôbre a bórda septentrional. São montanhas altissimas, formadas de hum barro muito fino, de diferentes côres, rôxa, amarella, encarnada, e branca. D'este barro se servem no Estado para pintar canoas, curas, etc. Aqui fórma



o rio diversas correntezas, assás difficeis ás canoas; he preciso pu-  
xallas á corda, para se poderem vencer.

Dia 15. — Das oito para as nove da manhã aportámos na Villa de *Serpa*, onde nos demorámos o resto do dia: sahi á Igreja, e se cantarão os louvores de Deos. De tarde, concorrendo mais al-  
gum Povo, fiz prática, em que procurei dispôr os animos para na  
volta se confessarem de suas culpas, e receberem o Sacramento do  
Chrisma.

Dia 16. — Tendo navegado hum pequeno espaço, avistámos  
sobre a margem direita grande número de Gentiós da Nação Mura.  
Já nos dous dias precedentes, alguns tinham abordado ás nossas ca-  
nôas em pequenas embarcações feitas de casca de pão: aqui porêm  
estava a praia cheia d'elles; e soube que no mesmo lugar tinham  
a sua habitação interina, servindo-lhe de unico abrigo os ramos  
das arvores. Alguns dos meus companheiros sahirão á terra, e ob-  
servarão, que não tinham differença de huma manada de pórcos;  
tudo anda nu: e assim tanto mulheres, como homens, remavão as  
suas canôas, e vinhão ás nossas, sem se lhes dísar algum resto  
de pejo. Trazem furadas as orelhas, e hum e outro labio; e nos  
buracos introduzidos tórnos de pão, que tiravão, quando lhes da-  
vamos signal para isso. Fiz alta diligencia para saber se conhecião  
a Deos, ou mostravão algum sentimento de Religião: e como ne-  
nhum dos nossos entendia a sua lingua totalmente desconhecida,  
vali-me de hum Indio nosso, que tinha sido prisionado por elles;  
e por aquy procurei examinar, se ésta mísera gente dava algum si-  
gnal de Religião. Declarou o lingoa, que não rendião adoração  
nem ao Sol, nem á Lua, nem a pão, nem a pedra, nem final-  
mente a cousa alguma, e que jámais enxergara n'elles acção, por  
onde se descobrisse este sentimento; sendo todas dirigidas á con-  
servação do corpo. Esta Nação foi nossa inimiga jurada, e ainda  
ha pouco tempo era, quem fazia a jornada do Certão summamente  
difficil pelos continuos assaltos; que davão ás canôas; punhão-se  
de espreita nos lugares sobranceiros, onde o rio fórma correnteza,  
e repentinamente cahião sobre os passageiros com huma nuvem de  
flexas, preparados logo arpéos, para afferrarem as canôas, ao passo  
que erão levadas pelo fio da corrente. Agora estão em paz com  
nosco, dizem por se verem acogados de outro Gentio mais pode-  
roso; mas não querem ainda situar-se de todo nas nossas Povoa-  
ções, julgo por conservarem ainda algumas reliquias de desconfi-  
ança; talvez que dissipadas estas, com as repetidas demonstrações  
de affabilidade, que vão descobrindo em o nosso trato, em pouco  
tempo terei a alegria de os ver no seio da Igreja: que presente-  
mente não acho meio para isso, attendida a sua brutalidade, o seu  
desvio, e não haver Sacerdotes que percebão aquelle idioma.

§. 7. Dia 17. — Continuarão a apparecer diversas canoinhas do  
Gentio. Ao romper do dia, deixando o Amazonas á direita, en-



trámos pelo rio *Madeira*, que deságua no mesmo Amazonas, e só be até *Santa Cruz da Serra do alto Perú*: he carreira de Mato Grosso. N'este rio só temos huma Povoação pertencente ao Estado do Pará, a *Villa de Bórba*, que agora vamos buscando, e dista 24 legoas da Fôz do mesmo rio. Ali encontrámos a Expedição dos Naturalistas, que se dirigia para Mato Grosso, e como se demoravão á espera de remeiros, e também para fazerem as suas observações, logo que os tivemos cumprimentado, fomos proseguindo a nossa derrota. Pela huma hora da tarde vimos algumas palhóças sôbre a margem da parte direita: era o Gentio Mura, pacifico, como os outros, que temos encontrado. Apenas avistárão as nossas canoas, concorrêrão á praia homens e mulheres, todos nós; conforme o seu costume, dando várias demonstrações de alvoroço: Fizemos-lhe acenos para que nos viessem fallar. Desatárão logo a correr muitos d'elles para as suas chóças a buscar os remos; e em pouco tempo se juntárão quatro canoinhas ao pé de mim. Tratamollos com muito agrado, e singularmente o Principal, que dizião ser hum da comitiva, ainda que não mostrava outra differença mais, do que hum trapo de algodão grosso, e muito cujo, com que cobria as partes que se não nomêão: com tudo era jovial, entendia algumas palavras da linguagem dos nossos Indios, e por signaes fazia conhecer muitos dos seus sentimentos: vestimollo de calções, colete, miça de chita, e chapéo; pullava de gôsto; e os companheiros espantados a olhar para elle, como estranhando a figura. Bem nós moveo a riso este espectáculo. Prometteo-me de dar na volta dous meninos, para irem em minha companhia, e eu de o visitar na sua Povoação; o que duvido se farei, por não manchar os olhos, e o coração com objectos tão indecentes: que na verdade parece incrível, que as mulheres, sendo hum sexo naturalmente vergonhoso, só entre aquella Nação cheguem ao ponto de desconhecêrem, que lhes he indecorosa a total nudez dos seus membros. Póde-se affirmar com muita verosimilhança, que estes Póvos estão na infancia da Sociedade: como debaixo de hum Ceo benigno nenhuma necessidade tem de repararem as suas carnes contra as injurias do tempo, antes o seu mesmo desmazello os convida a pouparem-se a todo e qualquet trabalho, que lhes não he ordenado por huma necessidade extrema, por outra parte não tendo idéas algumas do luxo, que o costume insensivelmente foi introduzindo entre as Nações; deixão-se ficar n'hum estado de huma absoluta nudez; e só algumas pessoas do sexo masculino se contentão com humas ligeiras tangas de entrecapas de arvores. São porém muito apaixonados estes, assim como os mais Gentios, de outros enfeites, com que ornão os braços, as pernas, o nariz, as orelhas, e beijos, trazendo pendurados d'elles varios fragmentos d'óssos, conchas, palha, etc. outros desenhão na pelle huma multidão de listas de figuras diversas, custando-lhes estas pinturas



muitas dôres, e muito tempo; outros trazem o corpo embuçado de certas tintas, e ainda de lodo; usando d'estas deformidades industriaes, talvez não tanto por aformosearem o corpo, como para lhe dar hum ar impostor, a fim de aterrar os inimigos com a sua presença. De noute vimos varios fôgos em terra, signal de que ali se achava algum corpo de Gentio.

§. 8. Em todo o dia 18, tivemos hum calor insupportavel, sem bafô de vento.

Dia 19. — Armou-se logo de manhã hum grande trovoadá, tornando-se o ar de negro muito escuro: porém felizmente se desfez em água. Serião outo horas da tarde, quando chegámos á Villa de *Bórba*. Logo sahimos á terra, dirigindo-nos á Igreja, onde se cantarão os louvores de Deos, e sómente disse algumas palavras ao Povo, insinuando-lhe o fim da visita.

Dia 20. — Feita a visita da Igreja, e celebrado o Augusto Sacrificio, instrui o Povo com hum fallá dilatada: depois nos sentámos no Confessionario até horas de jantar. De tarde chrisma, e prática.

Dia 21. — O mesmo: e como a maior parte do Povo tinha sido chrisnado o anno antecedente pelo meu Vigario Geral do Rio Negro, para o qual, e juntamente para o das Minas de S. Felix alcancei esta Faculdade da Sé Apostolica, attendida a grande distancia, em que se achão estes lugares da Capital, não se me fez difficil concluir tudo no mesmo dia. Soltámos o ferro pelas outo horas da tarde.

*Bórba* he Villa pequena; consta de 200 almas, entre indios, e moradores brancos, ou mascavados; tem hum Destacamento de Soldados com seu Commandante, que servem para resistir aos ataques do Gentio, de que estão cheios os matos contiguos á Povoação: n' outro tempo forão mui frequentes estes assaltos sempre fataes aos nossos, e he á causa porque a Villa se acha tão despovoadá: hoje porém com a paz dos Mulas vivem em mais repouso. A Villa está situada n' hum alto sôbre o rio, e não deixa de ter vista agradável; porém he toda de palha, á excepção de hum casa destinada para as Consultas relativas á Demarcação dos Dominios Regios Portuguez, e Hespanhol; cujo edificio, que não deixava de ser regular e magnifico, hoje se acha quasi todo em ruinas. A mesma Igreja está coberta de huma ruim palha: as paredes esburacadas e negras; o pavimento terra solta; os Altares nus, e com bastante indecencia; pobrissima de ornamentos e alfaias. E que direi dos costumes dos habitantes? Em tudo a mesma deformidade. O vicio da incontinença domina quasi geralmente.

N'esta Villa se acha retirado hum grande corpo do Gentio Mura, mil e tantas almas; para onde descêrão do fundo dos matos, e conservão harmonia com os moradores: alguns já tem feito suas casas pegadas ás dos nossos Indios, e vão plantando rôças, no que



deixão ver, que sinceramente querem a nossa amizade. Estão ainda muito boças: ninguém percebe o seu idioma; e só se alcança alguns dos seus pensamentos pelo soccorro de hum interprete indio nosso, que captivaráo sendo pequeno, e com elles vive. Conservão os mesmos costumes brutaes, com que forão criados no mato. Os principaes tem sete, oito, e mais mulheres: os outros huma só, porém he livre a cada hum separar-se do seu consorte, quando lhe dá na vontade. Não appareceo mulher na Villa, em quanto lá estive: perguntei a causa: respondeo o interprete, que tinhamo medo de mim, e creio, que feridas das palavras *Pahi assá*, com que os pais noméao o Bispo, isto he, Padre grande; julgavão, que eu era alguma fantasma medonha. Nos dous dias, que ali estive, quiz o Gentio obsequiar-me com o seu brinco costumeado: era huma longa córda de figuras corpulentas, e temerosas, que mais parecião fêras, do que homens: os corpos pintados, ou para melhor dizer, enlamados de diferentes côres; todos embocando tabocas, que são certos canudos mui compridos, e grossos, e fazendo hum tal ruido, que mettia medo. Esta corda era precedida de outros, que levavão nas mãos arcos e flechas; e hum finalmente no coice, que dirigia a procissão, fazendo diferentes visagens. Consistio a dança em darem algumas voltas ao som da confusa e desentoadada vozeria; mas reparei que guardavão certo compasso, e que não tinhamo differença de hum Regimento, quando vai em marcha; senão em deitarem o pé com mais valentia. Como sempre estive persuadido, que não póde haver Nação tão barbara e cega, a quem seja absolutamente desconhecida a primeira causa (que na verdade que se aquelle que ouve tocar citara, ou vê hum edificio regular, e magestoso, logo se lembra da mão habil, que produz estes admiraveis effeitos; parece tambem, que qualquer homem, que tenha o juizo são, não poderá fitar os olhos na belleza do Ceo, e de toda a máquina do Universo; sem presentir, seja embora confusamente, a mão do seu Author, e por hum instincto natural não procure render-lhe alguma especie de culto. Eis-aqui porque não deixo de insistir n'este exame todas as vezes que se apresenta occasião favoravel. Inquirido o lingoa sôbre o mencionado ponto, explicou-se pelos termos do outro, que já referi: accrescentando, que fora elle o primeiro, que tinha inspirado aquelles barbaros algum conhecimento de Deos por occasião das trovoadas, dizendo-lhes, que era a voz do *Topána*: assim chamão a Deos na lingoaagem do paiz. Assás trabalhei com este Indio, e com o Commandante, e Vigario, para que os fossem attrahindo á nossa S. Religião; ao menos os meninos, que procurassem instruillos, e dispollos para o Baptismo: disserão-me, que não era possível arrancallos dos braços das mãis; e que alguns, que se tinhamo baptisado (o que eu prohibi, em quanto não houvessem provas mais seguras da estabilidade d'esta Nação, menos no caso de perigo de



morte) fôra preciso fazer grande violência ás mãs, e que algumas, apenas virão, que o Sacerdote mettia sal na bóca dos filhos, deitáram a fugir com elles, tirando-lhes o sal da bóca a toda a pressa. Com tudo segurarão-me os Principaes, que d'aquí em diante os meninos havião de ir á Doutrina; e que os adultos, logo que aprendessem a lingoa, estavam na resolução de receber o Baptismo. Deos sabe o que será.

Aquí matarão huma cobra de 30 palmos de comprido, e três de grosso. Pedi ao Commandante, que lhe mandasse tirar a pelle, e a levo comigo: outra de 40 palmos, disse o Commandante, que se tinha morto, havia algum tempo; e tambem que hum jacaré, investindo huma moça de 20 annos, que se estava lavando, a arrastára ao fundo d'água, e que depois apparecêra morta na praia.

§. 9. Dia 23. — Pelas onze horas da manhã estavam na bóca do rio *Madeira*; e deixando-a em continente, fomos subindo pelo *Amazonas* em demanda da foz do rio *Negroso*, legoa afastada. Perto da noute chegarão a nós duas canoas de Mura a pedir farinha, offerecendo-nos tartarugas.

Dia 24. — Grandes correntezas: vento contrário: andámos muito pouco. Aquí tivemos o primeiro assalto da praga do *piau*: he hum insecto semelhante ao pequeno mosquito: ferra; logo nodoa vermelha acompanhada de huma comichão insoffrivel: depois chagamos Estamos já bem marcados.

Dia 26. — Tivemos logo de madrugada o desgosto de perder hum fateixa da minha canoa; era fundo alto; pegou em madeiro grosso; e apesar de todas as diligencias não foi possível arrancalla. Hoje temos visto várias palhoças do Mura, algumas pessoas sobre a praia; outras remando nas suas canoinhas; entre as quaes vinhão duas mulheres nuas, segundo o seu costume. Reparei, que estes Indios parecem ser mais affaveis que os nossos; e até se differença d'elles em terem barba, pela maior parte, como os brancos. Pedem muito, mas contentão-se com tudo, que se lhes dá; o seu gosto porém mais essencial são facas, machados, farinha, missanga, etc. Apontava-lhes para o Ceo, batia nos peitos, troncos mudos! O que fazião era pegar-me na tunica, e abrir a bóca, como dando a entender, que querião roupa e farinha. Algum bem lhes tem feito meus companheiros n'esta viagem.

§. 10. Dia 27. — Pelas nove horas da manhã chegámos ao Pesqueiro das Tartarugas, destinadas para a meza da Real Demarcação, onde estavam só tres Soldados, e alguns Indios. Providencia grande he esta das tartarugas, sem as quaes seria nimiamente difficil, por não dizer impossivel, sustentar-se a tropa, e o resto do povo, visto haver falta de gado vaccum por estes lugares, e de outros subsidios, de que abunda a Capitania do Pará; mas as tartarugas suppreem tudo. São monstres: algumas ha, que carregão dous homens: no sabor, e na vista, depois de guizadas, não têm muita



diferença da carne de carneiro: achão-se-lhes 120 ovos, e mais, de que no paiz fazem manteiga para a luz, e tambem para tempero do comer. Quando chega o tempo, em que desovão, sobem do rio ás praias, abrem com as unhas huma grande cóva na areia, onde deixão os ovos bem cobertos, calcando ainda com o peito o mesmo lugar. Depois de alguns dias apparecem na superficie enxames de tartaruguinhas, e vão logo correndo ao rio. Este tempo da desova he o mais favoravel á pesca: estão as praias cheas; correm os Indios; voltão-nas de costas; ficão prezas, sem poderem dar mais hum passo. Anouteceo-nos perto da foz do *Rio Negro*: logo a deixámos á mão direita, e proseguimos pelo mesmo Amazonas (que d'aqui para cima toma o nome de *Solimões*) a demandar a Villa d'Ega, outenta e tantas legoas apartada da bóca do *Rio Negro*.

Dia 28. — Que estragos horrososissimos vai fazendo este rio por toda a margem! Cuidava eu, que seria menos á proporção que se avisinha á sua origem; mas parece, que he mais feroz. A cada passo encontrámos ribanceiras cahidas, troncos de huma massa enorme arrancados pela raiz; em partes estão margens juncadas d'estas ruinas. De tarde vimos outro Pesqueiro pertencente ao Governo do *Rio Negro*.

§. 11. Dia 30. — Apparecêrão logo pela manhã varias canoas do Gentio Mura, e chegando ás nossas, fizerão muita festa. Vinha hum Sargento-Mór dos mesmos, com alguns homens e mulhiêres. Aportámos: fui á Povoação novamente situada n'aquelle lugar; já tinha sua formalidade, e as casas deixavão ver menos immundicia. Estava com elles hum Soldado por ordem do General, Com-missario das Demarcações para os domesticar, e dirigir. A este recommendei muito o ensino principalmente dos meninos; e que estando algum em perigo de morte, o baptizasse. Disse-me elle, que todos desejavão fazer-se Christãos; e eu vou advertido de expôr á nossa Soberana este importantissimo negocio, que presentemente nada posso, senão gemer. Cortou-me o coração ver aquella nudez quasi universal: os homens alguns tinham seu reparo nas partes vergonhosas; mulhiêres só duas vi com elle, todas as mais como sahirão do ventre; e assim se punhão diante de nós rindo, e fallando pela sua lingoagem, sem o menor abalo. Algumas trazião ossos de peixe muito alvos nos beiços, e nas orelhas; outras varios riscos de tinta encarnada pelo rosto e costas; he a sua sêcia. Que fio delicadissimo estava fiando huma d'ellas! Todos pasmámos de ver tal arte em gente tão grosseira. Muito me cancei com huma velha, para me dar o seu *curumim* (assim chamão os meninos na lingua nacional) mas inutilmente: enfurecida punha os olhos em mim, e entrava a rosnar, e a fazer com as mãos não sei que garatuja ameaçadoras: soube que queria dizer, que eu tinha muitos parentes brancos, que me contentasse com elles. Já



fica advertido, e agora novamente me advertio o Soldado, que todas amão perdidamente os filhos, e nunca os largão do collo, em quanto são pequenos. Hum pouco mais adiante vimos algumas palhoças do mesmo Gentio.

Aqui se me offereceo á vista huma cousa bem digna de ponderação. Tinha a correnteza com o tempo minado e destruido hum grande espaço: nada apparecia naquelle sitio, senão água, á excepção de hum grosso e levantado madeiro, que, apezar de todas as furias das ondas, perseverava immovelmente arraigado no leito do rio, quinze braças pouco mais ou menos em distancia da margem: estava descarnado, e muito carcomido: d'onde inferi, que era velho, e ha muitos annos luctava com a corrente, resistindo á sua violencia, como hum penedo, sem perder muito da sua direcção perpendicular. Confesso, que me fez especê este objecto, e por algum tempo não pude tirar os olhos d'elle, parecendo-me, que por aquelle ser mudo e desanimado, queria o Ceo instruir-me de hum dever essencial ao meu Ministerio: quero dizer, julguei, que ali tinha huma imagem bem propria e sensivel da constancia Christã, virtude muito necessaria a qualquer Christão Catholico, mas sobre tudo a hum Bispo, que não deseja ter só este titulo ôco, e infructifero.

Continúa a praga do *pium*, insecto impertinentissimo! Não se poderá crer, quanto incommoda: são picadas de lancetas.

§. 12. Dia 3 de Outubro. — Algumas trovoadas temos sentido, depois de entrar no rio *Solimões*: hoje duas, porém a segunda mais terrivel, quasi toda se desatou em vento; estivemos em grande perigo, não tanto pelo furor das ondas, como por nos acharmos em fundo cheio de páos, e alem d'isso a terra da margem desabando por instantes, e ameaçando-nos com a queda de muitas e grandes arvores, que na verdade he este hum perigo, que quasi sempre levámos diante dos olhos.

Dia 4. — Toldou-se o ar por duas vezes, e se armou trovoadas; huma d'ellas ao cerrar da noite, e por isso mais temerosa; mas não durarão muito. Pelo meio deixámos á esquerda o rio *Pará*, que descendo da Provincia Hespanholla, que tem o mesmo nome, o conserva até perder-se no Amazonas, ou *Solimões*. Na bôca mostra trazer o mesmo volume de água, que este. He rio mui frequentado dos nossos por causa dos excellentes effeitos, que se encontrão na sua margem.

Dia 5. — Logo ao sahir do Sol quiz dizer Missa, por ser festividade da minha devoção: tinha acabado de dar graças; eis começa a cobrir-se o horisonte de nuvens mui grossas e cerradas, as quaes, sem fazerem maior estampido, quasi instantaneamente soltão sobre nós hum chuveiro tão furioso, que pouco faltou para irmos ao fundo; quebrou o braço do leme; a canôa do meu Secretário arrojada do vento esgarrou sobre a minha; e quasi que se despe-



daquãrão ambas; em fim foi Deos servido, que o tufão durou pouco tempo; pois sem govêrno de léme, e com hum só ferro estavamos em grande risco. A' noute fomos ameaçados de outro furacão, mas desvaneco-se logo. Todos vamos cortados de susto no meio de tantos perigos; até o Marinheiro da minha canôa, não obstante ser homem do mar, vai aterrado: pergunto-lhe ás vezes para o ouvir: Por quanto voltaria ao rio *Solimões*? Nem que me dessem cincoenta mil cruzados, responde promptamente: e eu creio que não seria perciso mais, do que acenar-lhe com algum pequeno interesse. A verdade he, que nunca me persuadi, que a navegação d'este rio tivesse tantos incómodos. Só peixe não falta, e óvos de tartarugas, e matrêças, de que estão as praias cheas; já ninguém os quer.

Dia 6. — Tivemos de manhã huma passagem difficil e arriscada. Estava huma ribanceira mui alta, que mais parecia montanha, coroadade de grosso arvoredos, em parte ameaçando eminentê ruina; junto da sua raiz corria o rio com espantosa violencia; por ali havíamos de passar forçosamente, e á corda, por não fazer vento, e os remos em tal conjunctura serem inuteis; tínhamos já vencido a maior difficuldade; senão quando quebra a corda, e somos arrebatados pelo fio da correnteza hum bom espaço. Acodio Deos, e não houve perigo. Pouco adiante deo a canôa em hum banco de arêa, e com assás violencia, que me causou não pouco susto.

Dia 9. — Apertão os calores; a praga cada vez mais desesperada: entrão a adoecer os Indios da equipação, e eu já sinto alguma differença na minha saude. Hoje matarão os Indios hum jacaré; mandei, que o puxassem á terra: era pequeno, não tinha mais, do que 16 palmos de comprido, mas assim mesmo tão duro do ventre, que resistia aos golpes do machado, como hum peneiro.

Dia 10. — Vimos de tarde tres canoinhas do Gentio Mura; huma d'ellas chegou á falla, trazendo hum homem, e hum menino: aquelle nos mostrou muito agrado, offerecendo-nos tartarugas; soubemos, que tinham a Povoação perto, mas não a vimos.

§. 13. Dia 11. — Pelas nove da manhã chegámos á bôca do rio *Coary*, por onde subimos a demandar huma Povoação nossa em distancia de quatro legoas. Este rio corre do Sul ao Norte, baixando das Serranías do *Cuco*: navega-se ágoa arriba por espaço de alguns mezes. Logo que entrámos n'elle, sentimos hum alivio muito consideravel; dissipou-se quasi inteiramente a praga; ar fresco, e sadio: ágoas christalinas, inclinando hum pouco para a côr de alambre; praias de arêa muito alva e limpa. Parece que o Senhor compadecido da nossa fadiga tinha aparelhado de proposito aquelle lugar tão ameno para nosso refrigerio. Era noute cerrada, quando chegámos ao Porto d'*Alvelos*, que he o nome da Povoação.



Dia 12. — Pela manhã, visitada a Igreja, e feito o mais que he do costume, procurei instruir o Povo com huma longa practica. De tarde chrismei os meninos, e como era Domingo, fomos em procissão pelas ruas cantar o Terço de Nossa Senhora; concluiu-se o acto com instrucção ao Povo.

Dia 13. — Celebrado o incruento Sacrificio, houverão algumas confissões. Examinei os meninos da Doutrina Christã, que achei algum tanto atrasados por desmazelo dos pais, por que o Vigario, constou-me, não faltava á sua obrigação; depois instrui o Povo largamente, e com assás força invectivei contra hum escandalo público, e de consequência, que havia no lugar. Graças a Deos, não foi sem fructo: quando menos o esperava, vem ter comigo o culpado, expõe-me a sua miseria com demonstrações de arrependimento: pede, que o ajude a arrancar-se do atoleiro: dispenso com elle sobre alguns embarços, que o retardavão, e não erão alheios da minha jurisdicção: fica saltando de alegria, e assevera por quanto ha de mais sagrado, que d'ahi em diante quer cuidar da sua salvação com toda a efficacia. Depois de jantar chrismei os adultos, que não erão muitos pela razão que fica apontada no §. 8.º, e por estar algum tanto cerrado do peito, pouco fallei ao Povo. Em fim dadas as providencias necessarias, nos recolhemos ás canoas: e n'essa mesma noute sahimos d'aquelle Porto.

*Alvelos* he Povoação pequena: não chega a contar 300 pessoas entre Indios e moradores: está situada em hum bellissimo areal ao longo da grande Bahia, que ali fórma o rio, com vista muito desafogada e alegre. Que gôsto não era ver os pobres Indios da esquipação, depois de tres semanas de trabalho violentissimo, e não menos incómodo dos impertinentes insectos (que n'elles fazem maior estrago, pelos acharem nús, como vão remando communmente), que gôsto, digo, não era vêllos estendidos por aquella praia á sombra de viçosos arbustos, já banhando-se na christalina água, já folgando com os jacarés, e outros peixes! Consolei-me muito, de que tivessem este alivio, e todos o sentimos. Mas tornando á descripção do lugar, as casas são de palha, e muito damnificadas; a Igreja, ainda que tambem muito damnificada, não fóra má, mas presentemente, inclinada toda para huma banda, ameaça grande perigo; trabalha-se em aprontar outra, e já está em boa figura; he muito pobre de ornamentos e alfaias. Os moradores, que ordinariamente forão Soldados vindos do Reino, e casados com Indias, vivem pobremente por falta de braços, para cultivarem a terra, alem de ser ésta muito infestada da formiga chamada *sahuba*; insecto, que, segundo me affirmarão, não deixa vingar alguma casta de plantação. Tem suas cabeças de gado vacum, porém o seu sustento ordinario são tartarugas, de que he abundante. He lugar frequentado do Gentio Mura; trazem tartarugas, flexas, e salsa; e os moradores lhes recompensão com fa-



cas, machados, etc.; porém não ha puxallos á vida social, e me- nos ao gremio da Igreja, sendo o maior obstaculo a ignorancia do idioma.

Dia 14. — Erão sete horas da manhã, quando chegámos á bô- ca do *Coary*; e logo fomos proseguindo a subida pelo rio *Solimões*, procurando a Villa d' *Ega*. He para admirar, quanto a pra- ga infesta as margens d'este rio. Apenas chegámos a elle, quando nos vimos cercados da mesma nuvem de *pium*, que antes nos in- commodava.

§. 14. Dia 19. — Finalmente bem fatigados das trovoadas, cor- rentezas, calores, e praga, que tudo n'estes dias concorreo em abundancia, chegámos á Villa d' *Ega* pelas sete horas da tarde, acompanhados dos dous Commissarios das Reaes Demarcações Por- tugueza, e Hespanholla, que nos tinham vindo esperar nos seus Es- caleres com todos os Officiaes de huma e outra partida. Logo nos encaminhámos á Igreja, e se cantarão os Divinos Louvores. De caminho visitei a familia do Commissario Hespanhol, que nos re- cebeo com extremo jubilo, e civilidade: houve puearo d' água ma- gnifico, depois do que fui conduzido á minha residencia.

Dia 20. — Logo pela manhã nos dirigimos á Igreja; e feito o que he de costume, préguei hum bom espaço. A tarde gastou- se em visitas, e em dar hum passeio, de que muito necessitava.

Dia 21. — De manhã, celebrado o Augusto Sacrificio, fiz huma larga prática, e com bastante vehemencia, por julgar, que assim era preciso. De tarde passeio.

Dia 22. — De manhã confissões, chrisma, e prática; de tar- de correções de alguns culpados.

Dia 23. — O mesmo que hontem: só com a differença d'a instrucção ser mais dilatada e vehemente. De tarde continuarão as correções; derão-se outras providencias, e conclui, despedindo- me, e tirando algumas esmolas para os Pios Estabelecimentos, que estou erigindo na Capital do Estado. Sahimos d' *Ega* na madru- gada do dia 24.

Esta Villa, em si pouco consideravel, presentemente não dei- xa de o ser pela união das duas Partidas Portugueza, e Castelha- na, que n'ella residem para o fim da Real Demarcação dos Domi- nios de huma e outra Coroa. Com tudo está muito bem situada ao longo de huma espagosa Bahia; livre de praga, ar sadio, e far- ta de peixe; consta de 400 e tantas almas, Indios pela maior parte, sem fallarmos nas pessoas pertencentes á tropa. Algum tem- po foi mais populosa, como todas as outras do rio *Solimões*; por- têm com o serviço da Demarcação cada dia vão esvahindo sensi- velmente; e se a Soberana não dá alguma Providencia favoravel, em pouco tempo ficará tudo deserto; por quanto empregados os Indios não só no Serviço Real, mas dos particulares, não tem tempo de fazerem rógas, nem de especarem as casas, nem de co-



habitarem com suas mulheres, de sorte que aborrecidos e desgostosos se entranhão nos matos, sem apparecerem mais, servindo ainda de fazerem odioso ao Gentio o nome Portuguez com a desagradavel noticia, que lhes annunciação da nossa deshumanidade. Em todo o tempo, que me demorei n'esta Villa, recebi obsequios distinctos da tropa Hespanhola, singularmente do Chefe, e da sua familia, pessoas muito civis, e de não menos probidade; sempre me assistirão em todas as acções Ecclesiasticas: as praticas ouvião-nas com exemplar compunção: e muitos se confessarão, como tambem dos nossos. Tenho motivo para dizer, que a minha vinda a Ega foi util a muitas pessoas; pelo menos huma parece que estava esperando por mim, para surgir do pégo profundo, onde muitos annos a retinha o inimigo. Póde-se julgar do estado, em que se achão os costumes d'esta Villa pela qualidade das pessoas, que n'ella existem. Sempre me lembrarei com ternura do agasalho, que devi áquella Snr.<sup>a</sup> Castelhana, mulher do Commissario. Pois a modestia e devoção, com que assistia no Sagrado Templo com suas filhas; a bella educação, que dava a estas, fazendo-as confessar todos os mezes, e conservando-as isentas do luxo, ainda que ornadas decentemente, nunca ociosas, mas entretidas nos serviços mais humildes da casa todo o tempo, que lhe restava do estudo do Francez e Latim, em que as fazia instruir, prouvera a Deos, que este systema agradasse a todas as Senhoras Portuguezas! Engracei muito com huma rapariga India desceida do mato, havia pouco tempo: ouviu-me prégar na Igreja, foi para casa, e pôz-se a instar com a Senhora, que a deixasse, que se queria ir com o Bispo: fallei-lhe depois, e vi, que insistia sempre na mesma piedosa teima, e isto sem me entender palavra, nem eu a ella. A Igreja he pequena, coberta de palha, como todas as casas da Villa, porém limpa, e tem alfaías sufficientes; he dedicada á Gloriosa S. Thereza de Jesus, da qual tem huma bella imagem em vulto. Aqui cantarão as Indias o *Tantum ergo*, e outras letras com tanta graça, que nos causou admiração: soube, que tinham sido instruidas em outro tempo por quem entendia Musica, e que chegá-rão a cantar Missa d'órgão: hoje restão poucas, e essas já idosas.

§. 15. Dia 24. — Pelas dez horas da manhã chegámos ao lugar de Nogueira, situado sobre a mesma Bahia bem defronte d'Ega. Logo nos encaminhámos á Igreja, e se fez, o que he de costume; confessarão-se algumas pessoas; de tarde chrismei; e como tinha chamado alguns moradores d'este lugar á Villa d'Ega, para me informar do que era necessário, e me achava hum pouco indisposto, conclui tudo no mesmo dia.

Nogueira he huma das melhores Povoações do Estado, muito fresca, e alegre; fructa em abundancia, principalmente laranjas; estão os quintaes, e as mesmas ruas cheias de laranjeiras tão co-



padas e viçosas, que he hum gôsto vellas : casas bem reguladas ; a Igreja he melhor que a de E'ga, ainda que mais pobre de alfaia : não ha praga : só os costumes em muita laxidão. Como este lugar fica visinho d' E'ga, concorrem a elle os Militares de huma e outra Partida com o pretexto de desafogo, e vem sómente soltar as redeas, aos seus desordenados appetites. Examinando o Livro dos Baptismos, achei, que a maior parte erão filhos de pais incógnitos. Todavia disserão-me, que desde certo tempo são menos frequentes aquellas digressões. Consta a Povoação, para cima de 400 almas ; porém só me achei com mulheres, por andarem os Indios quasi todos no Serviço.

§. 16. Dia 25. — Pela tardinha aportámos no lugar d' *Alva-raens*, e n'esse dia, por continuar ainda a minha indisposição, não fiz mais, do que visitar a Igreja.

Dia 26. — Confissões, prática, e chrisma : concluiu-se tudo de manhã.

Consta este lugar de 200 e tantas almas : está situado sobre hum lago junto do Amazonas ; por cujo motivo he muito sujeito á praga do *pium* ; presentemente reinava ali a molestia das sezões, especie de epidemia, que lhe fôra communicada do rio *Jupará* não muito distante, onde este mal tem feito os mais horribéis estragos. Ha fartura de peixe, muita salsa, e cacáo ; algumas desordens achei, ainda que não tantas como em *Nogueira*. A Igreja he pequena, e não deixa de estar asseadinha.

Aqui puz termo á visita pelo que toca ao rio *Solimões*. He verdade, que me restavão ainda quatro Povoações ; porém ficando em distancia de mais de hum mez de viagem, e com maiores incommodos e perigos, do que até agora, por outra parte vendo os Indios da equipagem cansados, a familia assás mortificada, e eu mesmo molino, e com receio bem fundado de me impossibilitar para o trabalho, que agora verdadeiramente he que principia, resolvi mandar visitadores áquelles lugares. E no mesmo dia 26 perto da noute voltámos em direitura á fôz do *Rio Negro*. Era para ver a alegria, com que todos festejavão esta descida ; parecia-lhes, que sahião de hum Purgatorio. E então a ligeireza espantosa das canoas, que, levadas da corrente, quasi não tinham precisão do impulso dos remos ! Em fim o espaço, em que tínhamos consumido 21 dias de muita fadiga e trabalho, vencemollo em tres dias e quatro noutes, não obstante ser conjunção de Lua, e termos por essa causa algumas trovoadas.

§. 17. Dia 30. — Erão quatro horas da manhã, quando entrámos pela boca do *Rio Negro*. Logo fomos subindo por elle em demanda da Villa de *Barcellos*, distante algumas oitenta legoas ; he o lugar, onde reside o General Commissario da Demarcação, e assim tambem o Governador d'esta Capitania. Pelas oito horas chegámos ao lugar denominado *Fortaleza da Barra*, tres legoas



acima da fóz. Ali nos estava esperando por ordem do General Commissario o Tenente Coronel João Baptista Mardel, que nos veio receber ao porto. Dirigimo-nos á Igreja; e depois de celebrado o Augusto Sacrificio, estando já em casa do Commandante da Fortaleza, recitou o mencionado Mardel hum bello Elogio, e alguns versos, em que procurou desempenhar judiciosamente a sua Commissão. Logo depois de jantar, proseguimos viagem, reservando para a descida a visita da Povoação.

Este rio não muito espaçoso na sua fóz, vai-se alargando consideravelmente á medida que se afasta d'ella; em partes tem largura de 4 e 6 legoas: he retalhado de muitas Ilhas; o que faz a navegação assás favoravel; limpo de toda a casta de praga; as margens cobertas d'alvos areaes, e de hum arvoredor viçoso não muito alto e espesso. As suas ágoas vistas no rio mostrão hum escuro tão cerrado, que mais parece lago de tinta preta. Não he difficil de conhecer, que unindo-se muitas laminas, ou superficies d'esta ágoa, hão de turbar infallivelmente a sua transparencia, e quanto mais alto fôr o fundo, tanto maior deve ser o escuro; d'aqui vem, que junto da beira, onde o fundo he baixo, a ágoa quasi que mostra a sua côr natural de alambre; creio, que a causa d'isto não póde ser outra, senão as infinitas particulas terreas, salinas, sulphureas, e metallicas, que o rio arrasta consigo das serras, por onde passa: são ágoas mui diureticas, e salutíferas. Está assentado, que o Rio Negro baixando da serra do novo Reino de Granada comunica com o Orinoco: do que se duvidou muito em outro tempo.

§. 18. Dia 3 de Novembro. — Depois de experimentar-mos dous dias calorosissimos; hum de trovoadas, e chuva grossa: alguns choques das canoas em pedras, de que este rio tem juncada grande parte das suas margens, e leito, chegámos ao lugar d'Airão pelas seis horas da tarde. Estava a Povoação illuminada, e a gente na praia esperando por mim. Sahimos á terra, e por entre huma bella arcada de murta fomos conduzidos á Igreja, o Povo entoando o Bendito. Feita a oração, sem mais demora continuámos viagem; e fica tambem este lugar reservado para a volta.

Dia 5. — Das duas para as tres da tarde afferrámos no porto da Villa de Moura: ás quatro sahimos das canoas, e fomos recebidos por todo o Povo, que nos estava esperando na praia, e nos acompanhou até á Igreja por meio de arcos enramados de fresca murta. Ali, feita a visita da mesma Igreja, entreteve o povo com huma larga instrucção; e como havia muitas pessoas, especialmente mulheres, que não entendião Portuguez (que he o que mais me afflige) servi-me de interprete, da mesma sorte que tenho obrado em outras Povoações de Indios. Eis-aqui o modo, de que uso. Prégo hum pouco de tempo, depois volto-me para o interprete, e resumo em breves palavras, o que tenho dito: e he o que elle annuncia ao povo.



Dia 6. — Toda a manhã se gastou em confissões com prática no fim: de tarde crisma, e também prática.

Dia 7. — Confissões, prática, crisma, correcções de culpas. Era huma hora depois do meio dia, quando nós recolhemos ás canoas; e immediatamente levantámos o ferro.

*Moura* he huma das Villas mais populosas, e mais bellas do *Rio Negro*; consta de 1200 pessoas, Indios pela maior parte. Os moradores brancos d'esta, e das mais Povoações da Capitania forão Soldados vindos do Reino, casados depois com Indias; por isso communmente não excedem huma mediocre fortuna, e conservão assás reliquias da antiga rusticidade. Aqui porém achei hum (o Director da Povoação) de muita honra, e civilidade, e além d'isto com zelo pelo adiantamento da Villa; assim no Temporal, como no Espiritual, tem a Povoação hum brinco: casas arruadas com a composição, e alinhio, que he possível. Pois a Igreja? He o objecto das suas complacencias: elle a fez, elle cuida no seu asseio, como se fôra Sacristão; e com effeito ainda que não muito rica, está linda, e tem o ornato sufficiente. Porém o que me causou maior admiração, foi saber, que não obstante ser abonado, e de grosso cabedal, tinha a paciencia de estar ensinando a Doutrina aos meninos da Povoação duas vezes no dia, sem mais interesse que o gosto de promover o bem público. Vigia exactamente sobre os costumes dos Indios; e apenas sabe, que andão mal encaminhados, acode já com avisos saudaveis, já enviando para o Serviço algum dos complices; por isso achei a Povoação limpa de escandalos grosseiros; a gente amiga do trabalho, de sorte que se não fosse o flagello da Demarcação, poderia contribuir muito á opulencia não só d'este lugar, mas de todo o Estado. Chamei flagello a Demarcação; porque na verdade o he, singularmente para esta Capitania. Só da Villa de *Moura*, disse o Director, que andão cento e sessenta e tantos no Real Serviço, e dos outros lugares he o mesmo á proporção. Agradei muito ao mesmo Director o zelo, com que olha para as cousas de Deos, e do bem público; e o animei, quanto pude, para que insistisse no mesmo santo designio. Mas levo mais esta prova da injustiça, que se faz ás Povoações, em privallas de Directores domiciliarios do mesmo lugar, e dos mais abonados, e sisudos, que são os que a experiencia mostra serem mais dignos d'aquelle emprêgo, por olharem com zelo para as cousas do bem commum, talvez por causa da utilidade, que d'ahi lhe resulta, ou ainda pela glória, que esperão adquirir entre os seus Compatriotas. Com tudo poucas vezes se attende a isto; e he a razão, por que tudo se vê em muita desordem: as Povoações na ultima decadencia; as leis Divinas, e humanas calcadas aos pés; as Igrejas n'huma prodigiosa nudez e desamparo, e os Indios summamente desgostosos. Não crimino os Governadores; são homens, por conseguinte sujeitos a enganar:



depois as distancias immensas, em que se achão os lugares, podem bem roubar-lhes o conhecimento de muitas d'estas desordens. A Villa sobranceira ao rio está situada em hum pedregal muito airoso: tem sua fábrica de anil, cacoades, cafezaes, muita fruta, algumas cabeças de gado vaccum, e o peixe necessario. Tratei aqui huma donzella, filha de India, que me encheo de gôsto pela sua innocencia, e outras disposições admiraveis, que n'ella vi transluzir: pareceo-me toda do Ceo.

§. 19. Dia 8. — Pelas onze horas da manhã deixámos á direita o *Rio Branco*, que cortando varios paizes Hespanhoes, e Hollandezes, depois de hum longo curso vem desagoar por duas bocas no *Rio Negro*. N'elle temos hum Forte, e algumas Povoações de Indios recomendadas a dous Sacerdotes, as quaes deixo de visitar, por ficarem em distancia mui consideravel, e além d'isso ser navegação assás arriscada. Pela tardinha desembarcámos no lugar de *Carvoeira*. Logo visitei a Igreja, e com humma breve instrução dispuz o povo, para se aproveitar das graças, que o Ceo lhe enviava pelo exercicio do meu Ministerio.

Dia 9. — Empregou-se a manhã em confissões, chrisma, e prática. De tarde o mesmo. Era noute fechada, quando se concluiu tudo, e proseguimos logo viagem. Consta este lugar de 300 e tantas almas: está situado em humma ilheta, sobranceira ao rio; poucas casas, mas sem ruina, e compostas no seu tanto. A Igreja he pequena, e já muito velha, todavia achava-se caída e limpa. Tambem aqui não achei escandalos maiores, talvez pela razão já declarada de ser o Director hum sujeito estabelecido no mesmo lugar. Ainda que he abundante de peixe, e tem boas terras nas circumvisinhanças, não ha homem rico por falta de braços: tudo absorve a Demarcação.

Dia 11. — Pela tardinha veio encontrar-nos o Vigario Geral, que tenho n'esta Capitania, e reside na Villa de *Barcellos*.

Dia 12. — Podendo hoje chegar bellamente á Villa de *Barcellos*, vi-me obrigado a ceder aos excessos politicos do General Commissario, que me fez entender, tinha gôsto, que eu chegasse no dia seguinte.

Dia 13. — Logo pela manhã appareceo hum soberbo escalor, em que vinhão esperar-nos o General Commissario, e o Governador da Capitania com alguns Officiaes: fomos conduzidos a humma casa de campo, onde residia o mesmo General, e não longe da Villa, e ali tratados com toda a magnificencia.

§. 20. Dia 14. — Erão nove para as dez horas da manhã, quando chegámos ao porto da Villa de *Barcellos*. Estava o Governador na Praça com a Tropa, e o corpo da Nobreza. Fui conduzido de baixo do Palio até hum bello arco, onde hum dos Membros da Camara recitou sua oração, obra do Vigario Geral, muito bem trabalhada. D'ahi passámos á Igreja, que logo visitei: e feito o mais,



que he do costume, conclui com prática ao povo. Em todos os mais dias, que me demorei n'esta Villa até o ultimo, que foi o dia 21, sempre as manhãs se consumirão na Igreja em confissões, chrisma, e prática, não obstante achar-me bem molestado; mas graças ao Senhor, que me fortaleceo, talvez para que algumas almas não ficassem privadas do fructo, que sei tirarão das minhas pobres instrucções. Todavia para me não arruinar, e tambem para satisfazer a outras obrigações Pastoraes e Politicas, deixei de frequentar a Igreja nas tardes.

Dia 21. — Pelas tres horas da tarde acompanhados do mesmo luzido ajuntamento até á praia, embarcámos, e logo seguimos viagem, procurando o *lugar do Moreira*, 16 legoas acima de *Barcellos*.

Esta Villa, que he a Capital da Capitania, está situada em plano alteroso sobre o rio. Tem alguns edificios menos máos, especialmente o dos Quarteis dos Soldados, e o Palacio do General, que foi Hospicio dos Padres Carmelitas, antigos Missionarios de todas éstas Povoações; mas hoje se acha muito damnificado: a maior parte das outras casas são cobertas de folhas d'arvores, como as do resto do Certão. Conta mil e tantas almas, Indios, e alguns moradores brancos, sem fallar nas pessoas, que pertencem á Real Demarcação. A Igreja sobre ser pequena ameaça ruina por diferentes partes; todavia está decente, com especialidade a Capella Mór, a qual adornão muito boas pinturas em panno, e hum bello Sacrario: carece de ornamentos e alfaias para a digna celebração dos Sagrados Mystérios: he dedicada a N. S. da Conceição. Achei aqui maior devassidão de costumes, como he ordinario em todos os lugares, onde assiste algum corpo de tropa: todavia não deixei de me consolar, vendo, que o Senhor tinha n'esta Villa algumas almas, que desejavão servillo em espirito e verdade; sobre tudo duas unidas pelo vinculo conjugal, em que me parece vi transluzir distinctamente o character de predestinação. Outro motivo tive aqui de gosto: estava hum dia prégando, vi n' Assembléa hum dos sujeitos, que davão maior escandalo, pois tinha a concubina em casa, e d'isso fazia alarde, desprezando as correcções do Parocho, e até a chegar a dizer com impudencia aos que lhe fallavão em mim: Que me importa cá o Bispo? Era pessoa assás conhecida pela sua occupação, e prezada de eloquente. Como o apanhei no Auditorio, fui encaminhando insensivelmente o Discurso áquelle alvo; pintei com cores fortes a cegueira do peccador, etc., etc. Graças a Deos! Eu em casa, e elle comigo afogado em lagrimas, deitando-se-me aos pés, pedindo-me remedio para as chagas da sua alma velhas, e já quasi incuraveis. Animei-o, e do modo possivel o dispuz para hum confissão geral, que protestou fazer logo; e d'ali foi lançar de casa o infame objecto da sua paixão. He inexplicavel, quanto devi aos dous Chefes, prin-



principalmente ao General Commissario, que apezar das minhas repul-sas, por duas vezes me brindou com tal grandeza, que passou cer-tamente a profusão.

§. 21. Dia 23. — Pelas dez horas e meia da manhã aportámos no lugar de *Moreira*. Todo o Povo nos veio receber á praia. En-caminhámo-nos á Igreja; fez-se o que he de costume. De tarde confissões, chrisma, e prática, que se estendeo até ás sete ho-ras.

Dia 24. — O mesmo que hontem: e sahimos d'aquelle pôrto pelas onze da manhã, dirigindo-nos á Villa de *Thomar*, 17 legoas afastada de *Moreira*.

Este lugar não chega a ter 300 almas; com tudo he o que na Capitania conta maior número de moradores brancos, ainda que pobres, á excepção de dous. A Povoação está n'hum lugar emi-nente ao rio, que ali espraia consideravelmente; casas de palha mal alinhadas, tirando duas ou tres. A Igreja menos má, pôsto que nua de alfaías: he dedicada a N. S. do Carmo, de que tem huma bella imagem. Não achei escandalos mais notaveis n'este lu-gar. São pessoas, que vierão do Reino em bom tempo; occupa-dos nas suas lavouras conservão parte d'aquella antiga singeleza, de que ainda se divisão não poucos restos nas provincias afastadas da Corte.

Dia 26. — Pelas nove da manhã estavamos no pôrto da Villa de *Thomar*. Logo sahi á terra onde me esperava o Senado com to-do o Povo; e tendo ouvido recitar huma breve Oração, por bai-xo de hum bello arco fomos conduzidos á Igreja, onde nos entre-tivemos até o meio dia nos costumados exercicios. De tarde con-fissões, e prática.

Dia 27. — O mesmo que hontem, só com a addicção do chrisma. Recolhidos ás canoas já de noute, logo partimos para a *Lamalanga*, não muito distante.

Esta Villa assás populosa em outro tempo, e que contava mil e tantos homens capazes de trabalho, hoje pouco mais tem de hum cento, e por todos 500 almas, entre Indios e moradores brancos. Está situada ao longo do rio com vista mui desassombrada, e por se acharem as casas todas caiadas, mostrava de longe hum prospet-o agradável. A Igreja não he má de todo, e coberta de telha, como tambem algumas casas da Villa, por ter Ollaria. Os mora-dores são pobres exceptuando dous ou tres, que agora começam a melhorar com as fabricas do anil, introduzidas novamente n'este rio pelas diligencias do actual Governador, Manoel da Gama. Achei alguns escandalos, ainda que não de maior estampido, os quaes procurei atalhar do modo possivel. Mas deo-me o Senhor aqui gran-de consolação pelo effeito extraordinario que a sua palavra produ-zio em certa alma: vivia totalmente esquecida da sua salvação, e, graças a Deos, ficou mudada; queira o mesmo Senhor, que per-



severe. Também me alegrei muito, vendo os meninos d'esta Povoação excellentemente instruidos nas verdades Catholicas, fructo do incançavel zêlo do Vigario; o qual não se contenta só de ensinar os meninos todos os dias, mas nos Domingos obriga o Povo a repetir em voz alta as orações com os mesmos: além d'isto tem-lhes inspirado varios canticos de muita graça e unção, com que louvão a Deos.

§. 22. Dia 28. — Amanhecemos no pôrto de *Lamalonga*, onde achámos já o Vigario, e o Director (os mesmos de *Thomar*) com alguns moradores da dita Villa, que nos conduzirão á Igreja. Pouco tivemos que fazer, por ser lugar nimamente pequeno. De manhã confessarão-se algumas pessoas, e fiz prática ao Povo: de tarde chrisma, e também prática: o que, concludo, voltámos para baixo, pondo aqui termo á visita dos lugares do *Rio Negro*, não obstante restarem ainda huns poucos encarregados a dous Sacerdotes, os quaes deixei de visitar, por ficarem em distancia de mais de cem legoas, e além d'isto haverem passagens insuperaveis ás canoas, que levámos.

Já fica dito, que *Lamalonga* he Povoação pequena; mas he situada; casas caídas á frente do rio; a Igreja mais alegre e melhor, que a de *Thomar*, pôsto que coberta de palha. Não tem moradores brancos, são tudo Indios.

Dia 30. — Erão cinco horas da tarde, quando tornámos a ver a Villa de *Barcellos*. Estava o Governador esperando por nós na praia, e quanto havia de luzido. Fui á Igreja fazer oração; depois visitei o mesmo Governador, e logo parti para a casa de campo do General Commissario, que me recebeu com todas as significações de alegria, e não permittio, que o deixasse, senão na manhã do dia 2, sendo ainda necessario guerrear muito para o conseguir. He Cavalleiro estimabilissimo; mereci-lhe as maiores attentções; da mesma sorte ao Governador, Officiaes; e geralmente a todos: muitas vezes ouvi esta saudosa palavra = Se havia de ser por tão pouco tempo, fora melhor que cá não viesse = Recitáram-se varios Discursos em louvor do Ministerio, que indignamente occupo; entre elles alguns bem elegantes e judiciosos. Porém nada me tocou tanto o coração, como certas Letras, que na derradeira noute cantarão alguns habéis Militares com tom assás terno e mavioso, acompanhados de varios instrumentos. Erão estas:

Vinde, vinde, ó Pai clemente,  
Vinde bom Pastor zeloso,  
Vinde fazer a alegria  
D'hum rebanho saudoso.



Com que prazer, e doçura,  
 No íntimo vos rebecemos!  
 Lançai-nos, ó Pai benigno  
 A bênção, que merecemos!

Se o caro Pastor s' ausenta  
 Deixando triste o rebanho,  
 Que remedio curará  
 Da saudade mal tamanho?

Mas outros filhos esperão  
 Vossa bênção saudosos:  
 Será preciso fazellos  
 Com vossa vista ditosos.

Seja: mas no Sacrificio  
 Entre preces, e louvores  
 Offerecei vossos votos  
 Por nós tristes peccadores.

Na mais terna despedida  
 De hum tão amante Pai  
 Ficará a alma sentida,  
 Se não der hum triste Ai.

Gostei, especialmente por sahirem de bôcas pouco costumadas a éstas ternuras.

§. 23. Em fim pelas nove horas da manhã do segundo dia de Dezembro, despedido d'aquelles amaveis Chefes, que me quizerão acompanhar o espaço de meia logoa, proseguimos em demanda do lugar de *Poiares*, ao qual chegámos pelo meio dia. A's tres horas fomos para a Igreja, e depois das acções costumadas fiz ao Povo huma larga instrucção. Recolhi-me á canôa algum tanto indisposto; mas n'essa noute declarou-se n' huma grande constipação acompanhada de febre; por esta causa estive recolhido o outro dia, e só meus companheiros trabalharão, confessando as pessoas, que se havião de chrismar. No dia 24 pela manhã chrismeimei mesmo na canôa, por me não achar em terinos de ir á Igreja; e immediatamente partimos.



Consta este lugar de 300 e tantas almas: está muito bem situado: casas ordinarias: a Igreja póde passar reparando-se-lhe algumas ruínas, que a desfigurão: porém, como as outras, acha-se despida de alfaias. O Povo bem instruído nas verdades da nossa Santa Religião; o que se deve em alguma parte ao zelo do Director, homem de bem, estabelecido n'este lugar, onde serve de Director vai em 16 annos. Tambem, como o de *Moura*, ensina os meninos, obrigando a concorrer a este acto todos os machos, e femeas, em quanto não casão: igualmente procura atalhar os escandalos da Povoação, que por isso estava quasi limpa d'elles. He gente pobre; com a plantação do café principião a melhorar.

Dia 5. — Aportámos na Villa de *Moura* ao meio dia: e como vi, que continuava a minha indisposição, recolhi-me ás casas da residencia; tomei hum purgativo, com que experimentei alguma melhora: chrismei no dia 8 perto de cem pessoas; e no dia 9 pelas seis horas da manhã continuámos a derrota.

No mesmo dia pela tardinha chegámos ao lugar d'*Ayrão*. Logo sahio á terra o R. Conego Secretario a fazer a procissão de defuntos, e dispôr os que se havião de chrismar.

Dia 10. — Pelas sete horas fomos para a Igreja: confessáram-se várias pessoas; fiz huma breve instrucção ao Povo; e dadas algumas providencias, sahimos d'aquelle porto ás nove e meia.

He lugar pequeno: só tem cento e tantas almas, não obstante ter sido hum dos mais populosos do rio; mas as bexigas, e sarampão assoláram tudo n'outro tempo. Casas, e Igreja tudo se acha muito damnificado: são pobres, apenas vivem das suas róças. Aqui achei hum escandalo de circumstancias assás aggravantes: chamei o culpado, e o corriji com toda a força, sem que deixasse de lhe misturar algumas gotas de doçura: quio-me com docilidade, e deo signaes de arrependimento, protestando por tudo o que he de mais sagrado, de fazer huma confissão geral, e mudar inteiramente de vida. Segurou-me o mesmo sujeito, que viera para estes Certões innocente n'esta materia; mas que são taes os perigos, e tão graves, e frequentes, que só por graça especialissima do Ceo se podem evitar. E eu conheço, que he assim: mas por outra parte sei, que Deos he fiel, e nunca permite, que sejamos tentados sobre nossas forças: sempre de nós procede a nossa ruína: declarão-se-nos os meios, a que estão ligadas as graças, por exemplo o uso dos Sacramentos, a vigilancia, a oração, a fugida dos perigos, que ameaçã a innocencia, desprezemollos, e diremos então, que queremos salvar-nos: he certamente hum querer bem diverso d'aquelle, com que proseguimos todos os objectos, que allicião os nossos sentidos, o qual sempre abrange os meios, que nos parecem mais conducentes ao fim desejado. O contrario d'isto costumámos chamar-lhe veleidade, e não vontade.

§. 24. Dia 12. — Pela tarde aportámos á Povoação annexa á



*Fortaleza da Barra.* Logo sahimos á terra; fez-se a visita da Igreja, e conclui com prática ao Povo.

Dia 13. — Toda a manhã se gastou no exercicio de confissões, chrisma, e prática: de tarde, feitas algumas correcções, e dadas outras providencias, deixámos aquelle lugar perto da noute.

Compõe-se este de 300 almas, pouco mais ou menos, indios, á excepção de tres ou quatro moradores brancos, e da Guarnição do Forte. He muito alegre por causa da sua situação sobranceira ao rio, e de ter o Horizonte assás espaçoso. As casas, pôsto que o maior número de palha, estão arruadas, e com sua compostura. O Forte não tem mais que o nome, tirado o lugar, que não deixa de ser forte pela sua elevação. Que direi da Igreja? He hum armazem despejado, quasi sem fórma de Templo, sem Sacristia, sem portas; em lugar d'ellas hum indigno cancello, que não apanha o meio do portal; todavia n'esta ultima vez achei-a caiada, e com menos indecencia. Esquecia-me dizer, que nem chave tinha a boa cancella; e o Vigario muito descansado com o Santissimo Sacramento no Deposito, que logo fiz consumir, ordenando, se não conservasse mais no Sacrário, em quanto se não fazião portas seguras.

N'esta mesma noute sahimos ao Amazonas, e começámos a descer por elle, experimentando grandes trovoadas com muita chuva grossa de noute, e no dia seguinte.

Dia 15. — Amanheceo-nos, estando já na Villa de Serpa, onde nos demorámos até á hum da tarde do outro dia; em cujo intervallo quatro vezes fallei ao Povo, chrismeí ponduas, e se confessarão várias pessoas.

Consta esta Villa d'algumas 300 almas entre brancos, e indios; foi muito populosa; porém tem-se desfalcado com as Expedições Régias, e vai isto cada vez a mais; presentemente têm fugido para o mato várias familias, por escaparem á Expedição dos Naturalistas, que se dirige a *Mato Grosso*: He navegação fatal aos indios, onde ordinariamente morre a maior parte, ou se inhabilitam para toda a vida; o que os assusta em tal maneira, que escolhem antes desertar das suas Povoações, do que exporem-se a tamanho perigo. Grande trabalho tive aqui com dous irmãos, pessoas brancas, e das mais abalissdas da terra. Estavão em ódio refinado hum contra o outro armados de parte a parte com papelladas injuriosissimas para se criminareem na minha presença. Chamei-os, instrui, sollicitei, reprehendi; erão penbas duras, especialmente hum d'elles; moerão-me a paciência; quando julgava, que estavão concordes, eis novas queixas, soprando sempre as faiscas do passado incendio, que eu lhes dizia, era preciso suffocar tudo, para se fazer huma reconciliação verdadeira. Em fim, depois de muitas instancias, consegui, que se abraçassem, e promettêrão conservar a paz d'ali por diante: mas vou muito receoso, de



que ésta não seja duravel, vendo os animos pouco dispostos a fazer todos os sacrificios, que requer hum bem tão preciso da vida humana. Tem ésta Povoação mais algum cabedal, que as precedentes; e se não fosse tão grande a falta de braços, chegaria a ser bem consideravel; pois he terreno proprio para café, e tabaco: e além d'isso tem commodidade para se fazerem salgas de peixe, manteiga, e guaraná. A Igreja, quando passei para cima, estava em ôso, negra, e toda esburacada; agora achei-a caiadinha, e já com differente aspecto. Quanto valem as visitas dos Bispos!

§. 25. Dia 17. — Ao raiar do Sol estavamos no pôrto da Villa de *Silves*: logo fomos para a Igreja; e entrámos a trabalhar de manhã, e de tarde até horas de jantar do dia seguinte, que foi, quando deixámos aquella Povoação. Por quatro vezes instrui o Povo; e na tarde do primeiro dia com assás diffusão, prolongando a prática até ás oito horas da noute: o mais he que nenhuma conta fazia de prégar, por me sentir cansado, mas Deos me impellio, e fortaleceo; e creio que houve algum fructo.

Esta Villa foi populosissima: hoje se acha em notavel decadencia: continuamente estão desertando familias inteiras de indios, que he o maior número, de que se compõe a Povoação, sendo poucos os moradores brancos. Certificárão-me pessoas fidedignas, que em menos de dous annos tem fugido mais de 400 almas, e o que fere o intimo do coração, he, que a maior parte d'ellas se misturão com os Gentios, e ficão praticando as mesmas superstições, não obstante serem baptizados: tudo effeito da idéa odiosissima, que ésta gente tem formado das Expedições de *Mato Grosso*. A posição da Villa he huma das mais agradaveis, no alto de huma Ilheta olhando para differentes rios, ou lagos, que recortão o terreno: muito abastada de peixe, e com as mesmas, ou ainda maiores utilidades para a vida humana, do que *Serpa*; porém cheia de mato: as casas negras, e muito defeituosas em ruínas. A Igreja tem boa planta, he alegre, e fresca, ainda que pobrissima de alfaia. Com que amargura do meu coração vi indias descidas do mato ha muitos annos, empregadas no serviço de moradores brancos, parte d'ellas sem Baptismo; outras, pôsto que baptizadas, sem saberem os primeiros rudimentos da Religião Christã! Bem declamei contra este absurdo; porém he cousa, que se trata com a última indifferença, com tanto que tenham braços robustos para servir.

Aqui termina a Capitania do *Rio Negro*, até agora visitada sómente por hum dos meus Predecessores; mas que não fez, senão encaminhar-se em direitura a *Barcellos*, e d'ahi voltar para a Cidade.

§. 26. Dia 21. — Depois de experimentarmos várias trovoadas com chuva grossa, e não pouco trabalho descobrir a Villa de *Fúro*



entranhada na parte austral do Amazonas em distancia assás consideravel, chegámos em fim á dita Povoação já de noute. Estava toda illuminada, e o Povo na praia esperando por nós, para nos receber. Dirigimo-nos á Igreja; cantarão-se os Divinos Louvores, e annuciado o fim da visita, nós recolhemos ás canoas.

Dia 22. — Pela manhã confissões, chrisma, e prática: de tarde chrisma, instrucção, e exame de Doutrina aos meninos, que achei bem disciplinados.

Dia 23. — Confessarão-se ainda muitas pessoas; chrismei, e préguei; depois do que deixámos logo aquelle pórtio erão onze horas da manhã.

Esta Povoação composta de indios tem para cima de 300 almas. Está collocada em hum bello areal fronteiro a hum pequeno rio; he muito farta de peixe, especialmente tartarugas, e peixe boi, de que fazem manteigas, que não contribuem pouco á subsistencia do Estado. Tem Ollaria do commum. A Igreja irregular, e muito velha ameaça ruina no alto, e dos lados, todavia achava-se caída de pouco, e com sufficiente ornato. Não achei escandalos notáveis, nem ainda aquelles excessos na bebida tão triviaes nas Povoações de indios: trabalham, e andão asseadinhos, particularmente as mulheres; até me parecerão mais alegres, e civis, quando as visitei em suas casas. Com que jubilo me não apresentarão as suas *topanoputabas*! (He o nome que dão ás offertas, com que costumão brindar aos Ecclesiasticos). Prendeo-me a alma a risonha, e innocente simplicidade; com que hum indio me pôz nas mãos hum novelinho d'algodão extremamente pequeno; que na verdade não sei, que tenho com estes insignificantes donativos, quando trazem impresso o sello da boa vontade; cuido, que são o testemunho o menos equivoco da singeleza de hum alma, que ainda o luxo não tem corrompido.

6. 27. Dia 24. — Já noute escura chegámos ao pórtio da Villa d'Ovidos, ou Pauzis, que estava coberto de Povo, esperando por nós. Dirigimo-nos á Igreja, onde se cantarão os Divinos Louvores, e fiz hum breve practica sobre o Misterio do Glorioso Nascimento de J. C. A meia noute celebrei o Augusto Sacrificio, e se fez o acto com a possivel decencia, ainda que sem completo Pontifical por falta das cousas necessarias: depois do que cantou o Povo por algum espaço os Louvores da Senhora, que me encheo de consolação: erão tres horas, quando nos recolhemos.

Dia 25. — De manhã visita da Igreja, e prática: nada mais se fez n'este dia, senão juntar-se á noute o Povo na Igreja, e cantar por algum tempo os Louvores de Deos.

Dia 26. — Toda a manhã levámos no Confissionario: de tarde chrisma, e practica assás dilatada.

Dia 27. — O mesmo que hontem sem differença.

Dia 28. — Gastou-se a maior parte da manhã em confissões;



depois prática, chrisma, e benção costumada das casas da Villa. Das tres, para as quatro da tarde, sahimos d'aquelle porto.

*Obidos* he huma das Povoações mais opulentas do Estado: conta para cima de 900 almas entre indios, e moradores brancos. Estes se vão estabelecendo a toda a força: e como a terra he propria para cacáo, nem ha negligencia em cultivallo, vai aqui fazendo este ramo de negocio hum vulto muito consideravel. São pela maior parte moradores honrados, e entretidos nas suas lavouras; e por isso isentos de vicios escandalosos, de que, graças a Deos, achei a freguezia quasi limpa. Todos assistirão com grande prazer ás funcções da Igreja, e muitos se confessarão. Forte gôsto tive aqui, vendo alguns effeitos bem sensiveis da Graça, e da Misericórdia do Senhor! Hum especialmente, que nunca se riscará da minha alma, mas de circumstancias, que só no dia de Juízo devem ser reveladas. Já não he o primeiro caso d'esta ordem, que tenho observado na presente visita. O que posso affirmar com toda a segurança, he, que as instrucções do proprio Pastor, ainda quando são, como as minhas, despidas de ornato, e ás vezes bem languidas e insípidas, tem ligada huma graça singular, que as faz mais fecundas, que os discursos eloquentes pronunciados por huma bôca estranha: creio, não concorre pouco para isto a sincera affeição, que os Póvos tem (guiados do instincto natural do Christianismo) aquelles que Deos tem pôsto á sua frente, para os regerem, e encaminharem nas veredas da salvação; e assim também estarem convencidos do seu desinteresse, e que em todas as suas fadigas Apostolicas não tem outro fim, senão a glória de Deos, e o bem espiritual das almas. Esta convicção, julgo eu, dá mais pêso incomparavelmente ás palavras simples e desalinhadas do Pastor, do que todo o apparato de artificios Rhetoricos, com que os grandes Oradores costumão adornar os seus discursos. Ao menos na experiencia de 3 annos tenho achado provas seguras d'este pensamento, e não duvido, que succederá o mesmo a todos os Prelados, que trilharem ésta carreira. Tambem aqui tive a consolação de reconciliar algumas pessoas, que vivião em inimidade.

A Villa está sobre huma collina, olhando para o Amazonas, com planta assás bella, casas arruadas, e pôsto que cobertas de palha, com seu alinhio: huma formosa praça no meio, seu Forte em maravilhosa posição, mas destituido de todos os recursos para a sua defensa. A Igreja he demasiadamente pequena para o número dos freguezes; está porem aseada no seu tanto, e pôde passar pelo que respeita ás alfaías. Todo este Póvo conserva huma terna devoção á Senhora S. Anna; e o mesmo se vê com pouca differença na maior parte dos lugares do Bispado.

§. 28. Dia 29. — Tendo passado hum rio, que no Paiz chamão *Paranamérin*, muito ameno e apprazivel, por se achar quasi toda a sua margem coberta de cacoães, plantação assás agradável



á vista, cujas folhas tem alguma semelhança com as do castanheiro, quando he tenro; e está na maior força do viço. Chegámos noute escura á Villa d' *Alemquer*, que achámos toda illuminada; e o Povo na praia festejando a nossa chegada com grandes demonstrações de jubilo. Encaminhámo-nos logo á Igreja, cantando entretanto os meninos e meninas a Saudação Angelica, e ali fiz hum breve practica ao Povo.

Dia 30 e 31. — Gastarão-se as manhãs no Confissionario; as tardes em practicas, e na administração do Sacramento da Chrisma.

Dia 1 de Janeiro. Celebrado o S. Sacrificio, e chrismasdas as pessoas que restavão, despedi-me do povo com hum breve instrucção sobre o Mysterio do dia; e partimos logo em direitura á Villa de *Santarem*.

Tem a Villa d' *Alemquer* para cima de 500 pessoas. Indios, e moradores Brancos, alguns assazmente abastados dos bens da fortuna, e tambem, como os de *Obidos*, chãos, e de regular conducta. Está situada sobre a bôca de hum Lago, que em tempo de inverno costuma espraiair muito, mas agora em vazio mostrava hum prodigiosa extensão alcatifada de verde relva, que enleava os olhos. Tem grandes, e boas campinas na visinhança, onde conservão algum gado vaccum de excellente carne: casas cobertas de folhas d' arvore, porém dipostas com sua regularidade. A Igreja, ainda que tambem de palha, he alegre, e está muito asseada e limpa, fructo do zelo do Parocho, que se esmera na decencia das cousas Sagradas, e he Ecclesiastico exemplar, pôsto que sem maiores luzes. Pouco achei que reprehender nos costumes públicos, excepto algumas faltas de Missas; que como vivem em distancia consideravel da Igreja, pegão-se a este pretexto, as mulheres principalmente, e poucas vezes ouvem Missa. Tenho clamado muito contra este abuso; porém he geral e antigo; difficulosamente se decepa. He terra muito incommodada da praga do mosquito, ou *carapaná*.

§. 29. Dia 2. — Achou-nos a manhã no pôrto da Villa de *Santarem*; e como por occasião da Festa tinha concorrido a maior parte do Povo, ali nos demorámos dous dias. No primeiro confessou-se muita gente: no segundo continuárão as confissões; chrismei de manhã e de tarde; e só fiz hum pequena advertencia ao Povo, por estar indisposto.

Dia 4. — Ouvida a Missa, e abençoadas as casas da Villa, continuámos a nossa viagem, subindo pelo rio *Topajós* a demandar *Villa Franca*.

Dia 16. — Tendo-se augmentado consideravelmente a minha molestia, apenas pude chrismar as pessoas de tres freguezias, *Villa Franca*, *Boim*, e *Alter do Chão*, sitas nas margens d'este rio: deixei *Pinhel*, e outro lugar novo, chamado *Aveiro*, por me não



sêntir com forças para fazer aquella navegação; porém mandei o R. Conego Secretario á primeira, para visitar a Igreja, e informar-se dos costumes do Povo: hum grande parte d'este veio chrismar-se a Boim.

*Villa Franca* he lugar populoso: conta mil e tanta almas, tudo indios, ólha para hum vasta e difficil bahia; casas bem reguladas, Igreja boa, e asseada, ainda que falta de ornamentos; tudo se deve ao Director, pessoa de muita honra e probidade. Não ha escandrios na Villa, talvez por não ser habitada de brancos, que ésta he a desgraça mais deploravel, que os que tem todas as razões para edificarem os indios com toda a Christandade, e de ordinario os que os scandalisão, e acabão de corromper com o seu infame procedimento.

*Boim* he Villa pequena: tem pouco mais de 400 almas, também indios; as casas não são de todo ruins; a Igreja pôde passar, ainda que está muito despida de ornamentos. Também aqui não achei escandalos maiores.

De *Pinhel* soube, que terá o mesmo número de pessoas, entre indios e brancos; igualmente me agradarão as informações que tive a respeito dos costumes do Povo.

*Alter do Chão*, outra Villa do mesmo lote, situada sobre hum lago, pouco distante do rio, quasi na falda de hum collina elevadissima por modo de pyramide, cujo pico parece esconder-se nas nuvens; tem boas casas, Igreja hum das melhores do rio, e com sufficiente ornato. Mas sobre tudo o que me encheo de satisfação foi ver a humildade, devoção, e respeito, com que os indios e indias assistião no Sagrado Templo; e assim também a sufficiencia dos meninos nas verdades da nossa S. Religião, fructo do zelo do Parocho, que n'esta parte he incançavel; assim fosse em tudo o mais! Porém deo-me occasião a recordar a fábula do caranguejo, que gritando com toda a força aos filhos, que andassem para diante, elle corria para traz.

He incrível, quanto as indias d'este rio se apostarão a lisongear-me com as suas potabas, e isto com tal ternura e singeleza, que me causou espanto. Eis-aqui o lance de duas velhas do sobre-dito lugar *Alter do Chão*. Alta noute, estando nós para soltar o ferro, sobem á canôa, entrão na minha camera todas festivas e risonhas; começão a abraçar-me, e a dizer-me pela sua linguagem, que me amão, como a Deos, e outras palavras significativas da mais pura e sincera affeição: correspondi-lhe com igual contentamento; dei-lhes reliquias; forão saltando; e da praia não cessavão de fazer votos ao Ceo pelo feliz exito da nossa viagem.

A ultima Povoação d'este rio he *Aveiro*, que se compõe quasi toda de Gentilidade. Já tem Igreja, e vão começando a domesticar-se: mas falta-lhes Parocho, o qual desejão com todo o ardor: brevemente hei de dar providencia.



§. 30. Dia 18. — Estavamos ao amanhecer no porto de *Monte Alegre*. Logo precedidos do Povo, que concorre á praia, nos dirigimos á Igreja: mas por continuar ainda a minha molestia (que consistia n' hum defluxo de peito com alguma febre) não fiz n' esse dia, e nos dous seguintes, que nos demorámos n'aquelle lugar, senão conferir o Sacramento do Chisma, confessar algumas pessoas, e por huma vez só fallar ao Povo.

Dia 20. — Pelas cinco horas da tarde embarcámos não sem viva saudade de *Monte Alegre*, que todo em péso, homens e mulheres, nos acompanharão até ao porto, entoando os Divinos Louvores, deixando-me ver as demonstrações menos equivocadas da sua filial ternura. Com que gosto do meu coração vi conservadas em vigor as mesmas devotas práticas, que tinha observado na primeira visita! Rezas, e Canticos Divinos na maior parte das casas á noute, e de madrugada, modestia exemplar na Igreja, as mulheres particularmente com os olhos fitos no chão, e as mãos erguidas; hum profundo silencio de todo o Povo. Que direi dos meninos? Alguns d'elles achei, que tinham luzes mais que ordinarias, das verdades do Christianismo; todos instruidos sufficientemente: só meninas de Doutrina erão mais de 80. E que vozes! Algumas parecião do Ceo. Nenhuns escandalos grosseiros; huma união admiravel entre todos os Freguezes. Quanto pôde o zelo illustrado d' hum bom Parocho!

Dia 21. — Pelas dez e meia da manhã chegámos ao porto do lugar d' *Outeiro*: immediatamente nos dirigimos á Igreja, e se fez o que he de costume: de tarde reconciliárão-se algumas pessoas, chrismei, e instrui o Povo. Era occasião da festividade do Orago, a mais critica para os miseraveis, que esquecidos de todos os sentimentos de honra e Christianismo, raro he, o que nos taes dias se não entrega ás desordens da bebida. Afeei-lhes este vicio, quanto pude, e até para acabar de persuadir a sua enormidade, ordenei publicamente aos homens (erão os mais notados no referido excesso) que se affastassem da Assembléa, porque se fazião indignos da graça do Sacramento: que quera, ficasse em lembrança de opprobrio sempiterno a toda a posteridade, que o Bispo na visita, que fez d'este lugar, chrismando a todos os Fieis, só não chrisinou os bebados. Disse-o, e lho fiz repetir algumas vezes no seu proprio idioma: e com effeito não conferei o Sacramento senão aquelles, de quem o Parocho, e o Director derão informação menos odiosa. Soube depois, que se lhes fez sensivel este genero de castigo. Que preciosa fonte descobrem os passageiros na faldá d'aquella collina! He hum grosso canal d' água, mui christalina e fria, que bróta d'entre róchias, sem nunca estancar, nem diminuir: não ha outra semelhante em todo o Estado. Sabimos d' ali na madrugada do dia seguinte.

§. 31. Dia 23. — Erão quatro horas da tarde, quando chegámos



a Villa do *Pará* ou *Almeirim*, onde só nos demorámos até á madrugada seguinte, por se achar muito pouca gente na Povoação; effeito do descuido do Parocho, que tanto n'isto, como em tudo o n'ais, deixou ver o pouco abalo, que lhe causava a presença do Bispo. Chrismei as crianças, e os adultos, que se achavão dispostos; e dadas algumas providencias precisas, nos recolhemos ás canoas alta noite. Todos estes lugares da parte Septemtrional do Amazonas desde *Monte Alegre* até *Arraiolos*, por onde agora nos encaminhámos, forão já visitados por mim na primeira digressão: por este motivo me demoro pouco n'elles, e tambem por não estar ainda livre da molestia do peito.

Dia 24. — A's nove para as dez da tarde aportámos na Villa d' *Arraiolos*. No dia seguinte pela manhã confessarão-se algumas pessoas; chrismei, préguei; e feitas outras diligencias necessarias, embarcámos, e proseguimos a viagem. Achei aqui hum escandalo dos mais perniciosos pela qualidade da pessoa, que o dava: era o proprio Parocho do lugar. Corrigi-o, deo signaes de arrependimento; mudei-o para outra Povoação. Terrivel necessidade! Ver-me constangido a confiar o Ministerio Pastoral de Ecclesiasticos, que conforme as regras da mais sã Disciplina deverião ser privados para sempre pelo seu crime até das funcções do Sacerdotio! Eis-aqui ondas mais turbulentas para o espirito, que as do Amazonas. Mas consolo-me hum pouco, com esta maxima de S. Agostinho = Que nas circumstancias, em que me acho, de não ter número sufficiente de Ministros para supprir as necessidades das Igrejas, convém por algum tempo tolerar com paciencia o mal, que não se póde corrigir.

Dia 26. — Tivemos alguma difficuldade em atravessar o Amazonas para a banda Austral, por causa de huma trovoadra, que sobreveio; e nos fez retroceder da bahia, que iamõs vencendo; mas desatou em chuva, e passámos depois felizmente. N'essa mesma noite entrámos pelo rio *Xingú*, que desce, como o *Topajós* das Minas do Brazil, e tem de largura huma legoa; e mais, e por elle fomos subindo a procurar tres Povoações, situadas nas suas margens.

Dia 27. — Foi para nós assás enfadonho: muita chuva grossa, e huma trovoadra ao cerrar da noite, que nos assustou, pela carranca, que mostrava, e além d'isso achar-mo-nos em paragem desabrigada.

32. — Pelas dez da manhã afferrámos no porto da Villa de *Veinõs*; immediatamente fomos para a Igreja, e depois de feito o que he de costume, entretive o Povo, explicando-lhe as graças, que o Senhor lhe enviava por occasião da minha visita: de tarde confessarão-se muitas pessoas, chrismei, e préguei.

Dia 29. — De manhã confissões, chrisma, e prática: de tarde confessámos ainda alguma gente: chrismei; e fiz huma breve falla



ao Povo; e dadas outras providencias, deixámos aquella Villa pelas seis da tarde.

He Povoação muito airosa, assim como as duas que se seguem, por olharem para a dilatada bahia, que fórma o rio em todo este espaço. Tem para cima de 800 almas, quasi tudo indios; casas em boa ordem, ainda que hum pouco desalinhadas; a Igreja espaçosa e limpa com hum retabulo na Capella Mór de talha dourada, menos máo; imagens decentes e ornato soffrivel.

Dia 30. — Tendo vencido felizmente huma travessia assás ariscada, chegámos á Villa de *Souzel* pelas dez da manhã, e fomos recebidos com todas as demonstrações de alegria pelo Director, que he sujeito de muita honra, capacidade, e Religião: logo nos dirigimos á Igreja por entre huma arcada de murta, precedidos de todo o Povo. Fez-se o costumado; e préguei hum bom espaço: de tarde confissões, prática, e chrisma.

Dia 31. — O mesmo que hontem.

Dia 1.º de Fevereiro. — Chrisei ainda algumas pessoas, que restavão, préguei, fiz as correções precisas, e embarcámos das nove para as dez da manhã.

Está situada a Villa de *Souzel* nas raizes de huma Serra, sem outra vista mais, que a da Bahia, que lava as mesmas. Compõe-se toda de indios em número de 800 almas: as casas, que até agora estavão em muita ruina, vão-se reedificando, outras erigindo-se de novo, e com melhor fórma: Ollaria nova; a Igreja he hum brinco, ainda que falta de ornamentos; tem huma imagem devotissima do Senhor morto, a qual se expõe todas as sextas feiras á veneração do Povo, que he exacto n'este obsequio. Aqui achei outro espinho semelhante ao de *Arraiollos*, que me ferio o coração. He lugar sujeito aos assaltos do Gentio *Mondurucá*, gentio soberanamente desalmado e cruel, que mata tudo, sem perdoar a sexo, nem idade. Tres indios vi aqui velhissimos; hum homem e duas mulheres; éstas cadavericas, e já cheirando a terra, porém aquelle mais direito, agil, e sadio. Ainda que não sabião dizer a sua idade, pelas confrontações assentámos todos, que excedião muito o número de cem annos; e assim se tinhão conservado com *ticuára*, isto he, farinha de pão molhada em água, que he a iguaria ordinaria d'esta pobre gente.

Ao meio dia começámos a atravessar para a outra banda, e em pouco mais de duas horas tinhamos vencido a bahia, não sem incómodo, por estar vento fresco, e o mar cavado. Pelas nove da tarde chegámos á Villa de *Pombal*.

§. 33. Dia 2. — Logo de manhã fomos para a Igreja, e se empregou todo o tempo até o jantar em confissões, prática, e chrisma: de tarde o mesmo.

Dia 3. — Confissões, chrisma, prática, correção para alguns culpados. Pelas onze horas da manhã continuámos a derrota.



Esta Povoação estendida ao longo do rio em terreno não muito sobranceiro, tem agradável vista, e mais seria, se as casas estivessem caiadas. A Igreja menos má, ainda que hum pouco inferior ás duas precedentes, exceptuando os ornamentos, que os tem melhores. Conta 800 almas, Indios, gente de boa indole, amiga da paz, e menos sujeita aos barbaros excessos da bebida. Podia certamente por este motivo, e pelas boas terras, que tem para a producção da maniba, ser huma das melhores Povoações do Estado: mas faltão Directores zelosos, que contribuão a este fim.

Dia 4. — A's sete e meia da manhã nos achámos na Villa de *Porto de Mós*. Immediatamente fomos para a Igreja: estava o Povo junto, fiz-lhe huma longa instrucção: de tarde confissões, chrisma, e outra vez prática.

Dia 5. — O mesmo: e depois de algumas diligencias relativas á emenda dos costumes, sahimos d'aquelle porto, passando já do meio dia.

Compõe-se ésta Povoação de Indios e moradores brancos, em número de 400 almas. Commummente são pobres, mas nem por isso deixa de haver luxo nos vestidos, particularmente das mulheres. Achei alguns escandalos, pôsto que combatidos pelo Vigario com todo o valor Apostolico. He hum Sacerdote já ancião, de figura veneravel, instrucção mediocre, porém costumes limpißimos, desinteresse, caridade, e mais que tudo hum zelo invencivel contra os abusos do Sacramento da Penitencia; nada o abala; em quanto não vê provas seguras da emenda, diz elle, que não está para profanar o sangue de J. C. Quero contar huma graciosidade do mesmo Ecclesiastico. He seu costume ordinario, quando falla com alguma pessoa, dizer-lhe na despedida ésta palavra: = Deos te faça melhor, do que teu Pai. = E accudindo algum, como he natural = Meu Pai foi hum homem de bem, foi hum Santo. = Responde elle promptamente = Pois então não queres ser melhor? = De tarde visitei huma Capella particular, que estava bastantemente damnificada; e já noute escura chegámos ao lugar de *Villarinho do Monte*.

§. 34. Dia 6. — Concluio-se tudo até o jantar, por ser lugar pequeno, e terem-se chrisnado algumas pessoas na minha primeira visita. A' noute chegámos a *Carrazedo*, lugar ainda menos populoso, composto só de Indios. Pelas dez da manhã seguinte, tendo acabado de satisfazer á minha obrigação, navegámos para a Villa de *Garupá*, onde estavamos ao cerrar da noute.

Já da primeira vez tinha gostado muito das Indias de *Carrazedo*, e agora não menos vendo-as descer pela montanha em meu seguimento com os seus balaíos á cabeça, pullando de contentamento, e depois, como á portia, subindo á minha canoa, e apresentando-me as suas potabas de fruta, farinha, etc. Não sei, que possa haver espectaculo mais agradável aos olhos da alma. Aqui



chrismei hum Indio, que mostrava ter 100 annos, e mais de idade. D'elle soube huma cousa incrível, senão fosse pública no lugar, que ainda tinha ciumes da mulher, não obstante ser decrepito, e da mesma idade do marido.

Dias 8 e 9. — Demorámo-nos na Villa do *Garupá*, e creio, que se encheo bem o tempo, por haver muito que fazer. He Povoação de brancos em número de 400 almas. Tem hum destacamento de Soldados com seu Commandante, a quem devi os maiores obsequios. Confessárão-se muitas pessoas; chrismei duas vezes, e préguei cinco. Bastantemente me affligi por causa da laxidão, que reinava nos costumes. Avisei, e reprehendi pública, e particularmente, e dei as providencias, que Deos me inspirou, senão para extinguir os vícios, ao menos para afugentar os monstros mais perniciosos, quero dizer, os escandalos grosseiros, e fazellos recolher ás trévas, onde se gerão. Movido de motivos urgentes tinha mandado passar Provisão, para este Parocho ser removido para outra Igreja (unico arbitrio, que me resta na actual conjunctura, e que por muitas vezes tenho posto em uso, depois que sahi da Cidade) senão quando apresenta-se-me a Camara com huma grande parte do Povo sollicitando efficazmente a conservação do seu Vigario. Condescendi sem demora, lembrando-me de alguns exemplos de boa antiguidade, em que por consideração aos votos do público não deixavão os Pastores de adoçar hum pouco a severidade da Disciplina Ecclesiastica.

Dia 11. — A' noute chegámos ao porto da Villa de *Melgaço* onde estivemos os dous dias seguintes; mas porque na minha primeira visita tinha chrisnado quasi tudo, concorrerão agora poucas pessoas, e não houve muito que fazer.

§. 35. Dia 14. — Pelas seis da manhã partimos para a Villa de *Portel* não muito afastada de *Melgaço*, onde chegámos antes do meio dia. Em todo o tempo que aqui nos demorámos, que foi até ao dia 17 pela manhã, confessou-se muita gente, administrei o Sacramento da Confirmação por quatro vezes, e por cinco ou seis instrui o Povo.

Entre as Povoações de Indios ésta he a mais populosa do Estado: mas nem o Parocho, nem o Director sabem ao certo o número das almas, de que consta: a maior parte embrenhados pelo mato quasi nunca apparecem na Villa. Perguntei, qual era a causa d'este desvio: disserão me, que o medo das Portarias, isto he, das ordens do Governador, para serem empregados no serviço; e com effeito soube, que para aqui carregavão com mais força, do que para outra parte. Não apparecião meninos na Doutrina, havendo tantos, que poucos annos atraz, disserão-me, costumavão concorrer áquelle exercicio 800 femeas, e 400 machos. Consternei-me, vendo huma tão pasmosa differença, e ainda mais ponderando as tristes consequencias, que d'aquí resultão; porque de



ordinario, se não aprendem na primeira idade, ficão toda a vida destituídos dos conhecimentos necessários á salvação, por andarem occupados no Serviço, e não terem de si mesmos estímulos, que os movão a sollicitar aquelles conhecimentos. E o peor he, que em quanto a providencia não manda para ali hum Chefe mais prudente e zeloso, não vejo modo de acudir a tamanha calamidade, porque dos gritos dos Parochos faz-se pouco caso; principalmente quando são sustentados da approvaçãõ, e vigilancia dos que presidem na ordem Civil. Tambem aqui achei aquelle motivo, que tantas veses, como roseta agudissima, me tem lacerado a alma n'esta visita: fallo do desconcerto dos Parochos. Proximamente foi assaltada esta Povoação do Gentio *Mundurucú*, que matou algumas pessoas. A Igreja construida ao modo antigo com duas naves de páo, he grande, toda pintada, tecto e paredes; tem tres Altares, e alfaia sufficientes. As casas da Povoação muito negras, arruinadas, e disformes. O sitio porém he dos mais bellos, que tenho encontrado, por estar fronteiro a huma bahia sumamente espaçosa, e amena.

Dia 18. — Achámo nos pela manhã no lugar dos *Breves*, onde se confessarão algumas pessoas; chrismei, e fiz huma breve instrucção ao Povo. Sahimos d'ali pelas dez da manhã.

§. 36. Dia 19. — Chegámos pela tardinha ao Engenho do Capitão Pedro Miguel, d'onde sahimos no outro dia pelas dez da manhã, tendo-se confessado e chrisnado várias pessoas. D'ali passámos á Fazenda do Capitão Agostinho José Tenorio, não muito distante: estava a gente confessada: préguei e chrismei; cantarão-se os Divinos Louvores com maravilhosa graça. Embarcámos pelas nove da nouse.

Dia 22. — Estavamos no lugar do *Limoeiro*, onde existe humma Capella. Disse Missa; confessarão-se algumas pessoas, chrismei e préguei.

Dia 23. — Pela manhã aportámos na Villa do *Camettá*, onde nos detivemos até ao dia 27. De tarde chegámos á Fazenda do Mestre de Campo João de Moraes Bettencourt: ali chrismei hum número consideravel de gente: préguei, e tive a satisfação de tratar aquellas pessoas de tanta honra e probidade. Proseguimos a derrota na madrugada seguinte.

§. 37. Dia 1.º de Março. — Pelas dez da manhã afferrámos no porto da Freguezia de N. S. da Conceição do *Abaytê*. Logo fomos para a Igreja; celebrou-se o Augusto Sacrificio, e préguei hum bom espaço: de tarde confessarão-se algumas pessoas, e tornei a prégar.

Dia 2. — Toda a manhã se gastou no Confissionario: de tarde chrisma, e pratica antes, e depois.

Dia 3. — Dadas algumas providencias para a emenda dos costumes, continuámos a viagem; erão duas horas. Não faltão por



aqui monstros de vícios: que como são lugares visinhos da Cidade, para elles concorrem muitos vadios; escondem-se no mato com a occasião do seu peccado; e n'esta miseria quasi sempre os apanha a morte; porque desprezados os meios ordinarios, de que a Providencia se serve para converter os peccadores, quaes são os Sacramentos, e as Instrucções Pastoraes, esperão, que Deos os salve por milagre. No mesmo dia antes da noute chegámos á Freguezia de S. Anna do Igurapémerim, e por fazer muita chuva, não sahimos a terra.

Dia 4. — De manhã confissões, e prática; de tarde chrisma, e outra vez prática.

Dia 5. — Confessámos ainda algumas pessoas; préguei, chrismei, e feitas outras diligencias necessarias, deixámos aquelle lugar perto do meio dia. Tive aqui algumas provas, para julgar, que a palavra de Deos não deixou de produzir fructo. Ainda que considero, que nem sempre este se faz logo sentir; acontecendo de ordinario o mesmo, que se observa na producção dos fructos naturaes, que lançada a semente na terra, primeiro se desenvolve com o calor e humidade; depois deixa apparecer na superficie hum tenra vergonteia; ésta cresce, ao mesmo passo estende os ramos, cobre-se de folhas, bróta flores; e só então principião a dividir-se os fructos. Ainda, digo, que a palavra de Deos tenha com isto hum certa analogia, e que muito tempo depois, que cahio nos corações, he que se vê ordinariamente produzir os bellos fructos da emenda, e renovação dos costumes, fructos quasi sempre desconhecidos ao proprio sementeiro. E por outra parte sei, que independentemente d'este fructo, sempre o Operario Evangelico he seguro; sendo incontestavel que Deos recompensa o desejo, e o trabalho, e não o effeito, que só pende da sua graça: com tudo isso, não o posso desfargar, sinto hum alegria indizível dentro d'alma, quando nas confissões posteriores vejo certos indícios, de que a palavra de Deos não foi inutil. Quero-me persuadir, que ésta fraqueza he desculpavel, porque a tiverão grandes Personagens.

§. 38. Dia 6. — Ao raiar da manhã estavamos na Freguezia do Espirito Santo do Rio Mejú. Confessada a gente, que havia, chrismei, e préguei por tres vezes. Sahimos d'ali já de noute. He a terceira vez que visito ésta Freguezia; e sendo hum das mais populosas, cheia de moradores brancos, civilizados, e ricos, sempre me acho quasi solitario; apenas concorre á Igreja a vigessima parte. Alguns tem sua desculpa pela distancia excessiva, em que ficão; outros não tem nenhuma. Isto me fez agora gemer entranhavelmente, e em hum das praticas rompi n'aquella expressão do Profeta: *Imple facies eorum ignominia, et quaerent nomen Domine* — desejando, que o Senhor humilhasse aquelles espiritos vaidosos com algum agoute temporal, e o fiz pela persuasão, em que



estou, de que semelhantes castigos, longe de serem funestos a certos peccadores, são pelo contrário o remedio genuino para abrandar a sua dureza, e descarnallos do affecto desordenado dos bens caducos. Deos nos trata, como hum Pai benigno; fugimos-lhe dos braços; acena, convida, sollicita por differentes meios interiores, e exteriores; mas se vê, que apesar de tudo isto corremos á nossa ruína, acode com o açoute: perdas de bens temporaes, enfermidades, aleives, frustração dos mais bellos designios, e outros acontecimentos tristes, em que não deixão de entrar muitas vezes as quedas mais vergonhosas, são os cordeis, de que se compõe muitas vezes o flagello formado pela mão Divina. Então o peccador, como despertando de hum profundo somno, abre os olhos, vê o precipicio, onde ia despenhar-se, treme, beija a mão, que o fere, e corrido, e envergonhado volta ao seio do carinhoso Pai, que o abraça com entranhavel alegria; e nas lagrimas de hum verdadeiro arrependimento lhe costuma dar o testemunho menos equivoco da sua antiga afeição. Quanto he pois saudavel este effeito da Divina Justiça! É como se deve antes desejar, do que huma certa misericordia, com que algumas vezes Deos trata o impio n'este mundo, abandonando-o aos desejos depravados do seu coração! Bem á maneira do Medico perito, e sincero, que tomando o pulso do moribundo, e observando, que são já inuteis os remedios da Arte = Deixem-no comer o que quizer = diz para os assistentes, e vai-se embora. Eis-aqui o susto, que me atormenta, quando vejo muitos peccadores engolfados no pégo dos desejos mundanos sem alguma lembrança da Eternidade. Por isso he, que agora não fiz escrupulo de romper n'aquella especie de imprecação.

§. 39. Finalmente no dia 8 pelas dez da tarde conclui a minha digressão, faltando só hum dia para completar sete mezes, depois que sahimos da Cidade. Todos chegámos com saude, e eu bem convencido da verdade de huma reflexão, que muitas vezes tenho tido occasião de fazer, depois que a Providencia me encarregou do Ministerio Pastoral: he ésta = Por grandes que sejam as difficuldades, que se ponhão diante dos olhos dos que emprehem as obras de Deos, nunca se devem temer com excesso, porque de ordinario a imaginação as engrossa ou multiplica demasiadamente; mas sejam embora taes, como ella as pinta: tudo cede a huma vigorosa constancia. Deos que faz timbre de honrar, os que n'elle confião, não lhes querendo diminuir o trabalho, pelos não privar do merecimento, alarga-lhes o coração á medida que se multiplicão os embarços, de sorte que ás vezes aturdidos não duvidão confessar com huma grande Sentença = Que toda a difficuldade d'estes designios está em emprehendellos = não restando depois mais do que o gosto innocente de contar os anneis da perenne cadeia de maravilhas, de que a Providencia os quiz fazer espectado-



res. Digo isto, porque tendo tentado a precedente digressão com algum receio por causa dos perigos e incómodos, que todos me annunciavão, e eu não deixei de experimentar, felizmente se venceu tudo, e entrei na Cidade mais são, e vigoroso do que tinha sahido.

§. 40. Quero agora, pois que me acho no fim da visita, e não posso ter já receio de que se venha no conhecimento individual da pessoa, attendendo ao grande número de lugares, que abrange hum giro de mais de 1400 legoas; quero, digo, contar o que me acconteceo com certo penitente. He na verdade hum dos lances mais sensiveis, que tenho observado em toda a minha vida.

Tinha acabado de prégar em certa Povoação, e com alguma vehemencia, por ver, que assim era preciso. Estava conversando com várias pessoas, que me tinham vindo visitar na casa da minha residencia; senão quando chega á porta hum homem embuçado na sua capa; procura pelo Bispo, saio fóra: diz-me, que tem comigo negocio de importancia. Encaminho-o a huma sala proxima, e ao entrar reparo, que traz o semblante enfiado, e triste. Então fazendo-lhe signal, para que expuzesse o seu designio, responde com voz surda: mais dentro, Padre. Levo-o a hum gabinete retirado: immediatamente arroja-se no chão, sem fazer mais do que chorar, e lastimar-se com huns suspiros tão profundos, e enternecidos, que me ferião a alma. Sento-me, começo a animallo, sollicitando-o amorosamente, que me explique o motivo de tamanha consternação: mas não ouço, senão esta palavra mal articulada: Senhor estou perdido, não ha já Ceo para mim. Estaes louco, meu filho? Quereis pôr termo ás Divinas Misericordias? Não sabeis, que de todos os peccados a desesperação he o mais odioso á Magestade Suprema, por ser o que combate e aniquila o attributo mais amavel do seu coração? Se estaes sinceramente arrependido, confiai. Estou, Padre, estou; disse elle; e em testemunho d'isso quero já afogar as maldades no sangue do meu Redemptor. Põe-se de joelhos, tira da algibeira hum papel, em que traz notadas as suas culpas, e começa a ler. Logo nas primeiras linhas entrevejo, que he poço sem fundo de miserias: nunca tinha feito huma confissão boa, habitos velhos complicados de circumstancias horrorosissimas..... Mas Bemdito seja o Senhor que estavam chegados os momentos da graça! Por tudo se manifesta a compunção, e a dor. Era para ver a ancia entranhavel d'aquelle coração, que parecia desfazer-se todo em lagrimas e suspiros. Não lia clausula da relação dos peccados, que não fitasse os olhos no Ceo, e apertando as mãos ante o peito, ou levantando-as ao alto, não exclamasse summamente compungido: He possivel, meu Deos, que com luzes tão vivas, do que sois, e do que tendes obrado por mim, vos offendesse tanto! Conhecia o mal, desaprovava-o; e



com tudo isso n'elle me deixava enredar invencivelmente ! Ai ! porque degrãos funestissimos me cheguei a precipitar no abysmo ? Outras vezes pregando em mim os olhos espavoridos, dizia : Senhor, não ha em todo o mundo criatura mais desgraçada. Eu sempre fui amigo de ler bons Livros ; ouvia com gosto os Sermões ; em tudo que era de Deos, achava não sei que attractivo celeste, que me prendia o coração. Ninguem melhor, que eu no exterior, fidelidade aos amigos ; frequencia, e respeito nos Templos ; ensino dos domesticos ; não haverá quem diga, que eu não desempenhei sempre estes deveres do homem de bem ; e então ver-me monstro tão horrendo no interior ? Ceos ! E porque não vibrastes o raio ? Isto dizia com tal fervor, e ímpeto d'alma, que seria preciso ser muito estúpido para desconhecer o dedo de Deos em tão maravilhosos effeitos. Em fim concluiu a confissão sempre interrompida dos mesmos clamores ; e igual effusão de lagrimas, que me deixou bem satisfeito. E depois de o fazer repetir por algumas vezes aquelle acto de humilhação, e de me ter segurado pelo modo possivel da mudança de vida, o absolvi, impondo-lhe a penitencia proporcionada, a qual aceitou com alegre vontade. Disse-me na despedida = Vá, Senhor, e vá muito consolado, porque vejo arrancar ésta alma do inferno ; ainda que não tirasse outro fructo da visita, bastaria este, para dar por bem empregados quaesquer trabalhos, que tenha soffrido. =

#### Fim da 4.<sup>a</sup> Visita.



ART. IV.—

Relação Nominal dos Medicos e Cirurgiões de Partidos, que ha  
 "nas 21 terras,, (1) da Comarca de Pontalegre, com data de  
 8 de Fevereiro do anno corrente 1813, remetida á Intendencia  
 Geral da Carte e Reino por Manoel Antonio Gomes de Brito,  
 Provedor da mesma Comarca, com Officio de 11 de Maio se-  
 guinte, em observancia da Portaria do Governo d'estes Reinos  
 de 24 de Outubro do anno passado.

*Medicos.* Dr. Francisco Grande, Manoel Joaquim Madeira e João Pedro Roxo, de Portalegre. Joaquim Alvares de Araujo, Monforte. Diogo Antonio Risques, Alôr do Chão. Antonio Pereira Xavier, Crato (2). Filippe Joaquim Henriques de Paiva, Niza. Antonio Mósinho Leite, D. Pedro Leonico Carrasco, Castello de Vide. D. Mariano Martins de Cecilia, Arronches, Assumar.

**Cirurgiões.** José Antonio de Carvalho, Antonio Pedro, Alexandrino Soares, João Antonio da Cunha, de Portalegre. Manoel Caetano Menino, Monforte. Antonio Nogueira Leitão, Alôr do Chão. José Rodrigues Leitão, Antonio Justino Tavares, Amieira. Francisco Mendes, João Antonio Ferreira, Crato. Caetano Xavier Franco, Alpalhão. Valeriano José de Mattos, Niza. João Damasceno Dinis, Bartholomeu Dias Semedo, Montalvão. Cipriano José de Oliveira, Castello de Vide. Eustachio José Climaco, Marvão. Antonio Jacintho da Silva, Arronches.

55 (15) Portalegre, Cabeça de Comarca: Monforte: Alter do Chão: Chancellaria: Margem: Gavião: Amieira: Arez: Villa Flor: Crato: Alpalhão: Niza: Montalvão: Póvoa: Castello de Vide: Marvão: Alegrete: Arronches, Assumar: Gaffete: Tellosa.

(2) Este Medico, que o he do Partido da Camara do Crato, não se acha na Relação: talvez que ainda lá não estivesse á data da Relação, que d'aquella Villa se remetteo.



## ART. V.—

## TERCEIRA TABOA CRONOLOGICA

## SÉCULO XIX,

Compreende os successos do anno de 1803.

Remettida por Antonio d'Almeida (de Penafiel) e da qual faz

menção a sua carta inserta no Num. XI. pag. 333.

## Janeiro.

Dia 1.<sup>o</sup> — Por ordem do Vice Presidente da Republica Italiana começa hoje a contar-se o segundo anno da Republica.

Dia 10. — Chegaõ á Ilha de St. Domingos novos reforços Francezes, mas continúa o estado de insubordinação dos Negros.

## Fevereiro.

Dia 2. — Entrega o Imperador de Alemanha ao Duque de Modena o Brisgau em resarcimento das suas perdas na Italia, exceptuando o Friektal, e Ortenau. Tudo conforme as estipulações do Tratado de Luneville, e Convensão de 26 de Dezembro de 1802.

Dia 9. — Manda o Principe Regente de Portugal erigir na Cidade do Porto huma Academia para o ensino de Mathematicas, Commercio, e Linguas vivas, debaixo da inspecção da Companhia da Agricultura dos vinhos do Alto Douro.

Dia 12. — Toma a Deputação Extraordinaria do Imperio hum Conclusum, em que se concede ao Ex-Grão Duque de Toscana a dignidade Eleitoral.

Dia 18. — Prestão juramento de fidelidade ao novo Eleitor de Saltzburg (Ex-Grão Duque da Toscana) as Authoridades constituidas do territorio.

Dia 19. — Buonaparte por hum Acto de Mediação estabelece a nova Constituição da Suissa, e a affiança, designando-se logo o 1.<sup>o</sup> Landamam, e reconhece a independencia da Nação.

N. B. — Como se sujeite ás circumstancias Francezas he Nação livre e independente... á lerta Potencias!!!



milhões de francos (9,600,000) *Março.* d'aquella Potencia o tentos

Dia 2. — Recusa o Commandante Inglez da Ilha de Malta entregar a Ilha ao Commandador encarregado pelo Grão-Mestre da Ordem para este effeito, por motivo de não terem ainda acudido as Potencias convidadas para garantir a independencia da Ilha.

Dia 4. — O Rei de Inglaterra como Eleitor de Hanover manda por hum Editto aos seus Vassallos Honoverianos se guardem os Domingos e dias de Festa, prohibindo toda a casta de trabalho, festins, banquetes, comedias, e bailes, e tudo o que possa distrahir o Povo da assistencia ao Culto Divino; devendo mesmo estarem fechadas as llojas durante o Serviço Divino.

N. B. — Mal vai a moral da Nação, onde hê preciso intervir a Authoridade Secular para obrigar ao cumprimento dos deveres religiosos. E que tarde vão acordando os Governos!!!

— Dia 8. — Communica o Rei de Inglaterra ao Parlamento a necessidade de medidas de precaução contra os preparos militares que se fazem nos portos de França e Hollanda.

Dia 10. — Acaba o Governo Helvético, e começa a Confederação dos Cantões Suíços.

N. B. — Como houve mudança de nome, he quanto basta para contentar o espirito dos innovadores Suissos, o mais fica por conta da Franca.

Dia 16. — Publica-se em Veneza um Edicto do Imperador de Alemanha sobre a divisão politica e territorial do Paiz Austro-Veneziano.

Dia 21. — Sanciona o Corpo Legislativo da França a Lei, que admite o Divorcio.

— Dia 24. — Dá a Deputação Extraordinaria do Imperio Germanico o seu Concluzum geral sôbre as indemnidades, e mais objectos para que fôra convocada.

Diá 29. — Entra em Valence de França a caixa que contém o coração e entranhas de Pio VI., que ali ficão depositadas. 15022

20 Dia 31. — Por hum Decreto dos Consules de França fica a Cidade de Flessinga em estado de cerco sob as ordens de Bonnet, General de Brigada.

[illegible]

Dia 28. — Chega o novo Eleitor de Saltzburgo aos seus Estados.

29. Dia 29. — Rompe no Cairo uma revolta dos Arménios. Occupam a Cidade, apartando-se da obediência da Porta Otomana, e encaminham-se a se assenhorearem do restante do Egypto.

Dia 30. — Assigna-se em Paris hum tratado entre a França, e os Estados-Unidos da America pelo qual esta adquire por sessenta



milhões de francos (9,600,000) d'aquella Potencia o territorio da nova Orleans, e a Luiziana.

Dia 15. — Recusa o Comandante Inglez da Ilha de Malta de prestar a lista ao Comandante Francês da Ilha de Malta.

Dia 16. — Entra em vigor a nova Constituição e Organização dos Estados antigos e modernos do Eleitor de Baden.

Dia 17. — Despedem-se da Dieta de Ratisbona os Ministros das Potencias medianeiras por estar ultimado o negocio das indemnidades.

Dia 18. — Pelo recção da Interrupção dos Francêzes no Hanover propõe-se aos Povos d'elle o armamento geral da Nação em massa.

Dia 19. — Marcha para o Hanover o Exército Francês que está estacionado na Republica Batava commandado por Mortier.

Dia 20. — O Rei de Inglaterra manifesta ao Parlamento os novos motivos do rompimento da guerra com França.

N. B. — No dia 1.º de Outubro de 1806 assigna-se aos Preliminares da paz entre estas duas Nações, e passados somente 19 mezes sabe o Exército Francês a campanha.

Do os Governos tem tão pouca estabilidade nos seus contratos algum defeito essencial ha em algum d'elles.

Dia 22. — A Republica Italiana declara guerra a Inglaterra.

Dia 24. — Põe-se hum embargo geral aos navios Inglezes nos portos da Republica Batava.

Põe-se hum embargo geral aos navios de Inglaterra nos portos da Republica Liguriana.

Dia 25. — Decretão os Consules da Republica Franceza que se tomem todas as embarcações Inglezas, e fiquem prisioneiros todos os Inglezes de idade de 18 até 60 annos que estiverem no territorio Francez em represalia pelos Francezes que forem apprehendidos no territorio Inglez.

Dia 26. — Por ter o Exército Francês atravessado o territorio de alguns Principes pequenos e neutraes d'Alemanha faz Mortier saber que tinha recomendado a sua tropa a boa disciplina na passagem, e que fizessem os ditos Principes memoria dos viveres que dessem para se apresentarem ao 1.º Consul para as verificarem.

N. B. — Aqui está hum territorio neutral violado por hum das Nações medianeiras na grande questão das Indemnidades do Corpo Germanico. Cumpre a todo o Corpo a satisfazer.

Dia 27. — Por morte de Luiz I. Rei de Etruria entra na Regencia do Reino sua mulher Maria Luiza na minoridade de seu filho.

Dia 28. — Declara o Delegado do Papa que o Exército Francês vai atravessar o Ducado de Urbino, mas não hostilmente.

N. B. — Duas violações de territorio neutral!!! Os Francezes não reconhecem este ponto de Direito das Gentes.



Dia 13. — Declara o Príncipe Regente de Portugal querer conservar hum'estreita neutralidade com as Potencias Belligerantes; e por tanto ordena se não de nos seus pórtos entrada a Corsarios, ou Embarcações de guerra, á excepção dos casos, em que assim o exige o direito das gentes.

———— Occupão os Francezes o paiz de Hanover por huma Capitulação, ficando o Exercito Hanoveriano com as honras de guerra, e acantonando-se na parte posterior do Elbo, deixando em poder dos Francezes todas as munições, armazens, e cofres.

———— O General Mortier escreve ao Senado de Bremen para que apprehenda por conta da Republica Franceza todos os Navios, armazens, e pessoas Inglezas, que ali se encontrarem.

Dia 7. — Responde o Senado de Bremen ao General Mortier, que estando a garantia da neutralidade da Cidade afiançada, ficaria elle responsavel pelas consequencias da requisição que lhe fazia.

Dia 8. — El Rei de Napoles declara querer conservar a mais estreita neutralidade entre as Potencias Belligerantes.

Dia 10. — Escreve o Ministro da França Taillierand ao Ministro de Inglaterra Lord Hawkesburi para que o Rei do Reino Unido da Gram Bretanha assigne a convenção de Suhlingem em Hanover.

———— Publicão-se em Corfu os artigos fundamentaes do Acto Constitucional da Republica Jonia.

Dia 15. — Responde o Ministro Inglez ao Francez negativamente sobre a assignatura da Convenção, por isso mesmo que Hanover he hum paiz distincto da Inglaterra.

Dia 17. — Declara Inglaterra guerra á Republica Batava por não querer a França consideralla como paiz neutral.

Dia 18. — Propõe o Rei de Inglaterra ao Parlamento o levantamento de huma força militar grande para segurança e defeza do paiz.

Dia 20. — O Governo da Republica Franceza declara não se admittirá nos seus pórtos genero algum proveniente das Colonias Inglezas, nem mercaderia vinda directa ou indirectamente da Inglaterra, pena de confisco.

Dia 25. — Assigna-se entre as Republicas Francezas e Batava huma Convenção militar relativa a formação, paga, e manutenção de hum corpo auxiliar de 18:000 de tropa Franceza.

Dia 27. — Toma posse da dignidade de Grão Mestre de Malta em Messina o novo Grão Mestre Thomas Eleito pelo Papa.

Dia 30. — Tomão os Ingлезes aos Francezes as Ilhas de S. Pedro, e Miquellon.



## Julho.

Dia 1. — O Governo da Republica Batava decreta a prisão de todos os Inglezes existentes no territorio da Republica da idade de 18 até 60 annos segundo a requisição da Republica Franceza.

—— Tomão os Inglezes aos Francezes a Ilha de Tobago.

Dia 3. — Abre-se em Friburgo a primeira Dieta da Confederação dos Cantões Suissos destinada a ultimar e organizar as relações dos Cantões entre si, e outros objectos politicos.

Dia 5. — Assigna-se entre o General Mottier, e Walmoden General Hanoveriano nova Convenção, pela qual o Exercito Hanoveriano fica prisioneiro de guerra, entregando armas, etc., e retirando-se para sua casa debaixo da palavra de honra de não pegarem em armas contra França.

Dia 22. — Tomão os Inglezes aos Francezes a Ilha de S. Luzia.

Dia 25. — Assigna-se em Londres hum Tratado entre a Inglaterra e Suecia sobre a visita das embarcações no caso de rompimento de guerra de alguma das Potencias contratantes com qualquer Potencia da Europa.

Dia 26. — Sahe de Napoles o Secretario da Embaixada Britanica por terem entrado n'aquelle paiz as tropas Francezas, apesar das reiteradas instancias do Rei.

Dia 29. — Manda o Principe Regente de Portugal acrescentar mais hama Cadeira de Philosophia Racional e Moral, e outra de Agricultura á Academia estabelecida na Cidade do Porto.

Dia 30. — Declara-se em Inglaterra o bloqueio do Rio Wezer em quanto as tropas Francezas occuparem o territorio neutral que banha o dito Rio.

## Agosto.

Dia 4. — Intimão os Inglezes ao Senado de Bremen o bloqueio formal do Rio Wezer.

Dia 14. — Fica integrado aos Estados Unidos da America o paiz da Luiziana.

Dia 17. — El-Rei de Inglaterra authorisa hostilidades contra as Republicas Italiana, e Liguriana.

Dia 18. — Toma posse da Cidade de Wismar o representante do Duque de Mecklemburgo Schwerin por hipoteca feita á Suecia por cem annos, ficando o Duque usufructuario, e ao Rei de Suecia o direito de resgata.

Dia 20. — O Rei de Inglaterra como Eleitor de Brunswick-Luneburgo faz apresentar á Dieta do Imperio hum nota sobre a occupação do Hanover pelos Francezes como offensiva a todo o Corpo Germanico, protestando contra a Convenção de Suhligen.

Dia 22. — São introduzidos no Collegio Eleitoral os quatro novos Eleitores de Wurtemberg, Baden, Saltzburgo, e Hesse.



Dia 26. — Toma a Consulta de Estado da Republica Italiana de-  
liberação hostil contra a Gram Bretanha.

#### Setembro.

Dia 15. — Abre-se a Universidade de Wilna conforme o novo  
Plano de Estudos adoptado por Alexandre.

Dia 16. — Assigna-se em Paris huma Concordata entre o Papa  
e Buonaparte como Presidente da Republica Italiana sobre os ne-  
gocios Ecclesiasticos.

Dia 20. — Declara-se a Porta Ottomana por neutral na guerra  
actual da França e Inglaterra, e prohihe toda a hostilidade entre  
as duas Nações na distancia de três milhas debaixo da artilharia  
das suas fortalezas.

Dia 23. — Alcança o Major Wellesley no Serviço de Inglaterra  
hum victoria completa perto do Rio Kistna na India contra o  
Exercito combinado do Scindia, e Rajah de Berar.

— Occupão os Inglezes o estabelecimento Hollandez de  
Berbice.

Dia 27. — Assigna se em Friburgo o Tratado de Capitulação mi-  
litar, e de alliança defensiva entre a Republica Franceza, e a  
Confederação Suissa, como veio designado de Paris.

#### Outubro.

Dia 17. — Entrega-se aos Inglezes na India a fortaleza de Agra.

Dia 27. — O Corpo Legislativo da Republica Italiana proscreeve  
a diversidade de pêsos e medidas adoptados pelo territorio da Re-  
publica, uniformando-se com medida e peso certo e determinado.

#### Novembro.

Dia 1. — Ganha o General Lake perto de Cassowly no Indos-  
tão hum assignalada victoria perdendo o inimigo toda a sua baga-  
gem e artilharia.

Dia 19. — Capitula o General Francez Rochambeau a entrega  
do Cabo Francez na Ilha de S. Domingos ao General Dessalines,  
sabindo as tropas Francezas com as honras de guerra, e trazendo as  
embarcações necessárias.

Dia 25. — Abre-se em Bolonha a nova Universidade Nacional.

Dia 29. — Ganha o Major General Wellesley nas planicies de  
Argaum hum victoria assignalada sobre os Confederados na India  
Dowlut Rao Scindia, e o Rajah de Berar.

Dia 30. — Capitula o Exercito Francez que sahiu do Cabo, e se  
entrega prizonheiro aos Inglezes.



Dezembro. — Toma a Coroa o Reino de Portugal.

Dia 9. — Entrega-se na India aos Inglezes o Forte de Ganilghar.

Dia 10. — O General Noailles evacua a praça do Cabo molhe S. Nicolau encravando toda a artilharia, e inutilizando tudo o mais; e salva-se no mar tanto dos Negros como dos Inglezes.

Dia 17. — Declara o General Francez em Milam que o Commando do Porto de Liorne fica restituído ao Commandante por Sua Magestade a Rainha de Etruria, mas com algumas restricções.

Assigna-se na India a paz entre a Companhia Ingleza, e o Rajah de Berar cedendo este territorios e fortalezas.

Dia 18. — He eleito o primeiro Magistrado da Republica das Sete Ilhas, e desde então fica em vigor o seu novo Governo Aristocratico.

Dia 23. — Intima Inglaterra ás Potencias neutraes não permitir entre embarcação alguma nos portos entre o Humber, e as Dunas a excepção da Bahia de Yarmouth, e Dunas.

Dia 30. — Assigna-se na India a paz entre a Companhia Ingleza, e Rao Scindia cedendo este territorios e fortalezas.

#### ART. VI.—

#### 3.<sup>a</sup> TABOA BIBLIOGRAPHICA

DO

#### SEculo XIX,

*Comprehende as Produções Litterarias do anno de 1803.*

Por Antonio d'Almeida, etc.

#### OBRAS DE THEOLOGIA, MORAL, E DEVOÇÃO.

##### *Originæes.*

O Acólito perfeito, em que se explica com a maior clareza o modo de ajudar a Missa segundo as ceremonias e Ritos Romano, do Carmo, de S. Domingos, de S. Bernardo, de S. Bento, e da Cartucha. 1 vol. 8.<sup>o</sup>

Parecer sobre os Actos da Fé.  
Explicação sobre a abertura do lado de Jesus Christo segundo o Evangelho de S. João.



**Directorio Christão**, que facilita o modo de fazer Oração mental, ouvir Missa, visitar as Igrejas, preparar a consciência para a confissão e communhão; e fazer a Novena de Nossa Senhora, e das Almas, e dá breves e sólidos dictames para alcançar a perfeição christã. 1. vol. 8.<sup>o</sup>

**Dissertação historico-critica sobre a Communhão frequente e quotidiana**, em que se expõe a doutrina dos Santos Padres, do Concilio Tridentino, dos Summos Pontífices, e dos melhores Theologos e Mysticos, para servir de antidoto á obra intitulada = **O pão nosso de cada dia** = modernamente traduzida em Portuguez.

Seu Author Fr. Caetano da Transfiguração, e publicada pelo Abade de Rebordãos Francisco Xavier Gomes de Sepulveda.

**Dissertação contra o Livro intitulado = Medicina Theologica =** Lagrimas de Nossa Senhora na sua Soledade.

Sermões do Bacharel Francisco de Paula de Figueiredo, Presbitero Secular. 1. vol. 8.<sup>o</sup>

**Sermão da festa do Corpo de Deos pregado na Sé de Braga**, pelo M. R. P. M. Fr. José Pedro da Transfiguração.

**Traducções**, de alguns sermões e orações de Fr. José Pedro da Transfiguração, para o uso da Congregação de S. Agostinho de Braga.

**Tratado sobre a unidade da Igreja de S. Cypriano em Latim e Portuguez**, com annotações Polemico-historico-dogmaticas. Por Luiz Antonio d'Azevedo.

**O Evangelho em triumpho**, ou historia de hum Philosopho desengannado. Traduzido do Hespanhol. Os tomos 3.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup>, 7.<sup>o</sup>, e 8.<sup>o</sup>

**Cartas de huma mãe a seu filho sobre a verdade da Religião**. Traduzidas do Francez. 4. vol. 8.<sup>o</sup>

**Cathecismo da Doutrina Christã da Diocese de S. Maló**. Traduzido em Portuguez para uso dos metinos, e pessoas do campo.

**Elevações a Deos sobre todos os mysterios da Religião Christã**, Traduzidas de Bossuet. 2. vol. 8.<sup>o</sup>

**EM MEDICINA, E CIRURGIA**

**Originac.**

**Bosquejo de Phisiologia**, ou Sciencia dos phenomenos do corpo humano no estado de saude; por Manoel Joaquim Henriques de Paiva.

**Ensaio sobre as Fracturas**.

**Tratado sobre as mortes apparentes**.

**Reflexões sobre a communicação das enfermidades contagiosas por mar**, e sobre as quarentenas que se fazem observar quando reina a peste em alguns paizes.

**Supplementum in Brunonis theoriam**; pelo Dr. Manoel Pereira da Graça.



Ensaio sobre todas as moléstias, e modo de as curar, e atalhar  
com facilidade; do sistema de curar os tumores de qualquer genero.  
Novo systema de curar os tumores de qualquer genero.  
Reflexões sobre a inoculação das bexigas.

Traducções.

Reflexões ácerca da doutrina de Brown feitas pelo Dr. João Pedro  
Frank dirigidas a seu filho José Frank, as quaes servem de con-  
tinuação da chave da Prática Médica Browniana publicada o an-  
no passado por Manoel Joaquim Henriques de Paiva; tiradas do  
Latim em linguagem, e acrescentadas com algumas notas por  
João Henriques de Paiva.  
Medicina Domestica, ou tratado completo dos meios de conservar  
a saúde, de curar e precaver as enfermidades por via do regi-  
men, e remedios simples, etc.; pelo Dr. Guilherme Buchan,  
trasladada em vulgar pelo Dr. Francisco Pujol de Padrelles.  
vol. 8.º

Tratado theorico e práctico das chagas, precedido de hum ensaio  
sobre o tratamento cirurgico da inflammação, e suas conse-  
quencias, e terminado por hum Dissertação ácerca dos tumores  
brancos das articulações; por Benjamin Bell; traduzido por Ma-  
noel Joaquim Henriques de Paiva. 1.º vol. 4.º  
Tratado das doenças Cirurgicas, e das operações que elles conuem:  
escripto em Francês por Chopart, de Dessault; e traduzido em  
Portuguez. 3.º vol. 8.º

#### EM MATHEMATICA.

Taboas para o calculo da Longitude pelas distancias Lunares, se-  
gundo o methodo de José Monteiro da Rocha; por Francisco  
de Paula Travassos.

Taboas de redução para conhecer facilmente a differença de La-  
titude, e apartamento do meridiano, que succede haver em qual-  
quer derrota calculada para todas as distancias desde hum mi-  
lha até 360, e por todos os rumos em qualquer quadrante, etc.  
por José Militão da Matta. 2.ª edição.

Ephemerides Astronomicas do Observatorio Real da Universidade  
de Coimbra para o anno de 1804.  
Compendio de Arithmetica para uso das escolas com hum mappa  
explicativo de todas as moedas correntes de Portugal, e do seu  
valor respectivo.

Licções de calculo differencial, ou methodo directo das fluxões or-  
denadas, e reduzidas a Compendio; por Tristão Alvares da Cos-



ta Silveira, Capitão-Tenente da Armada Real, e Lente da Faculdade de Mathematica na Universidade de Coimbra.

EM PHILOSOPHIA NATURAL, E RACIONAL.

*Originæes.*

Phytographia Lusitaniæ selectior, seu novarum, et aliarum minus cognitarum stirpium, quæ in Lusitania sponte veniunt descriptiones. Auctore Felice Avellar Brotero in Regali Academia Conimbricensi Botanicae Professore.

O amigo da Natureza.

Operação da nossa alma.

Elementos de Chymica, com huma dissertação sobre o calor; por Vicente Coelho Seabra, Lente na Universidade de Coimbra.

Passeios instructivos, ou lições elementares de Mineralogia, Chymica, e Botanica, impressos por Ordem de Sua Alteza Real para uso das escolas 2. vol.

EM TACTICA.

*Originæes.*

Tactica Militar para Infantaria, Cavallaria, e Artillaria.

EM JURISPRUDENCIA.

*Originæes.*

Memoria sobre a avaliação dos bens de prazo, escripta pelo Doutor Vicente José Ferreira Cardoso.

Elementa Juris Emphiteutici; pelo mesmo.

Classe dos Crimes, por ordem systematica, mandado imprimir por Ordem de S. A. R.

As Novas Ordenanças ou Regimentos Militares, a que se ajuntão todas as Regias Resoluções, que até ao presente tem havido sobre este objecto, e se acrescentão os dos Governadores das Armas, dos Crpitães Mores das Ordenanças, Privilegios dos Auxiliares, etc. 2. vol.

EM POLITICA, ECONOMIA, E COMMERCIO.

*Originæes.*

Instrucções sobre a Politica com a Moral.

Sentenças uteis a todos os homens, a que se ajuntão regras para a boa educação da mocidade de ambos os sexos.



Methodo novissimo para cultivar as amoreiras, e criar os bichos da seda. Obra deduzida dos melhores Authores pelo methodo mais claro, e methodico para breve intelligencia das pessoas, que se dedicão á cultura d'esta arte.

Regras para a geral educação da mocidade.

Agricultor instruido, que trata do modo de preparar as terras, as sementes, e suas virtudes, dos arvoredos e jardins, principalmente da cultura das vinhas, e dos gados.

Novo methodo das partidas dobradas ornado com varias estampas, em que se mostra a attenção dos differentes negocios commerciaes, e se dão exemplares de todas as contas e livros de que hum Negociante se póde servir no seu Escriptorio. 1. vol. em 4.<sup>o</sup>

Segredos necesarios para os Offícios, Artes, e Manufacturas, e para muitos objectos sobre a economia domestica, extrahidos da Enciclopédia Geral methodica e pratica. 2. vol. 8.<sup>o</sup>

Tratado da Gravura a água-forte, e a buril, e em maneira negra com o modo de construir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce: escripto por Abraham Bosse, Gravador Régio, e enriquecido com 21 estampa.

Dissertação sobre o melhor modo de evitar e providenciar a pobreza, fundamentada nas memorias que a Sociedade de Bath offerecerão Ricardo Pew, o Senador Gilbert, e João Mac Farlan, augmentada com huns novos Estatutos, e apropriada ao Reino de Portugal; por Ignacio Paulino de Moraes.

Direcções Economicas sobre todos os objectos.

Tratado de Seguros necesarios a todos os Negociantes.

Diccionario das moedas, que facilita o conhecimento e valor de todas as dos Paizes Estrangeiros comparadas com as de Portugal. Guia da mocidade.

Grandeza e Commercio de Exportação e Importação de Lisboa.

#### EM HISTÓRIA, E GEOGRAPHIA.

##### *Originæes.*

Viagem de Santarem.

Pombeiro Interemense illustrado, etc. ou Dissertação critica sobre as dúvidas ácerca de S. Quiteria Bracharense.

Naufragio e captivoiro de Brisson.

A Heroína Americana que salvou da morte huma grande multidão de naufragantes.

Vida de S. Martinho Bracharense, e os seus opusculos impressos pela primeira vez n'este Reino com a traducção em Portuguez, prologomenos, e notas. Vem juntamente as actas do primeiro Concilio Bracharense com illustrações, e dissertações sobre alguns pontos de Disciplina da Igreja das Hespanhas n'aquelle

4.º emp. 1.º vol. 4.º



- O Perigrino. História.  
 Vida de Fr. Antonio das Chagas.  
 Tobias. História.  
 Vida de Fr. Antonio da Cruz.  
 Vida de D. João de Castro. Nova edição.

*Traducções.*

- O Viajante Universal. Os tomos 20, 21, 22, 23, e 24.

EM POESIA.

*Originacs.*

- O Vão. Ode.  
 Castro. Tragedia.  
 Ode ao feliz parto da Princeza Nossa Senhora;  
 Elogio poetico por Bucage.  
 Rimas de Manoel Francisco de Oliveira.  
 Lauso e Lidia. Tragedia.  
 Coro das Musas, ou História de Portugal em verso. 4. vol.  
 Elizaida ou o Amor vencido por Belmiro.  
 Obras Poeticas sobre varios assumptos.  
 Dictionario Poetico, que facilita a boa intelligencia dos Authores Poeticos. 2. vol.  
 Collecção de Obras Poeticas originaes, e traduzidas de hum Portuguez bem conhecido: impressa por Ordem de S. A. R.  
 Odes Pindaricas posthumas de Elpino Nonacriense em louvor de todos os Heroes Lusitanos, Conquistadores, e Descobridores da India, e das Americas Portuguezas.  
 Os Touros. Poema jocoserio.  
 Poesias de Nogueira.  
 Obras Poeticas de Carvalho.  
 O Estalajadeiro. Critica em verso.  
 Sepultura de Lesbia.  
 Poesias de Franco.  
 Epistola em verso de José Agostinho de Macedo;  
 A detracção. Sonho.  
 Idilio de Antonio Joaquim de Carvalho.  
 Orates. Tragedia.

*Traducções:*

- Arminio. Poema.  
 O Primeiro Navegante de Gesner.  
 Eufemia. Tragedia.  
 Georgicas de Virgilio.  
 A Religião. Poema de Mr. de Racine.  
 Mafoma. Tragedia.



## EM RHETORICA, GRAMMATICA, E ORTHOGRAPHIA.

*Originæes.*

- Methodo para aprender a Grammatica Portugueza com muita facilidade.
- Conferencias Orthographicas de Pinheiro para servir de instrucção n'este objecto aos meninos, e Estrangeiros, que quizerem aperfeiçoar-se na linguagem Portugueza.
- Collecção de *Similes*, dividida em duas partes: a primeira da Sagrada Escripura, a segunda de varios Authores; os quaes se podem applicar a differentes materias. Obra utilissima principalmente aos Reverendos Ministros Evangelicos.
- Tratado sobre o exame dos Professores de Grammatica Latina, Rhetorica, Philosophia, e Lingua Grega, e dos Mestres de ler, escrever, e contar, assim para os que se querem oppor ás Cadeiras, ou requerer as que estiverem vagas, como para os que quizerem ensinar pública ou particularmente.
- Nova Grammatica da Lingua Latina para uso do Serenissimo Senhor D. Pedro de Alcantara.
- Collecção de varias obras, ou modellos de Eloquencia Portugueza.
- O Prégador instruido nas qualidades necessarias para bem exercer o seu Ministerio.
- Institutionum Rethoricarum Libri tres* ex M. Fabio Quintiliano de-prompti & a Petro Josepho a Fonseca &c. 2. vol. Nova reimpressão.

## VARIEDADES LITTERARIAS.

*Originæes.*

- Diario Critico sobre os erros dos falsos Philosophos. Periodico. Num. 1.º e 2.º
- Minerva Lusitana. Obra periodica sobre Litteratura, Sciencias, e Artes, com as suas descobertas, e noticia dos Livros tanto Nacionaes como Estrangeiros, e com huma estampa das modas de Inglaterra. Num. 1.º e 2.º
- Dialogos entre Tito Livio e Hanibal sobre objectos politicos, e outros.
- Leituras uteis e divertidas. Num. 102 até 112.
- Dissertação theatral contra os abusos introduzidos no theatro, e modo de os prevenir.
- Novidades Litterarias. Num. 2.º e 3.º
- Barco da Carreira dos Tolos; por José Daniel Rodrigues. Periodico mensal.
- Bibliotheca Universal extrahida de muitos Jornaes, e das Obras



- dos melhores Escriptores antigos e modernos; pelo Author das Viagens d' Athna. Periodico mensal.  
 O livre pensador.  
 O Redactor ou ensaios periodicos de Litteratura, e conhecimentos scientificos destinados para illustrar a Nação Portugueza. Periodico.  
 Arte de tocar viola, e outros instrumentos.  
 Tratado do jôgo de Revezinho.

*Traducções.*

- Conversações do Palacio Real de Paris. Num. 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup>  
 Methodo de ser feliz; por Madame Genliz.

NOVELLAS.

*Originaes.*

- Saudades de Bernardim Ribeiro.  
 Chronica de Clarimundo; por João de Barros. 3. vol. 8.<sup>o</sup>

*Traducções.*

- A boa Mãe.  
 A Mãe injusta.  
 História, e trabalhosas viagens dos infelizes amantes Dalinda e Affonso.  
 A vingança e Euziris.  
 O Pelotiqueiro.  
 A Camponeza exaltada, ou a Virtude perseguida, e coroada por si mesmo.  
 O escravo das paixões.  
 O Caldeireiro.  
 Viagem á ilha do Amor.  
 Collecção de Contos Moraes.  
 Novellas Inglezas.  
 As cheneillas de Albu-Cacen; por Bucage.  
 Selico, ou Amor filial.  
 Verdadeiro modo de praticar a Virtude.  
 A Constancia.  
 O Prodigioso de Sevilha.  
 Os effeitos da saudade.  
 O perigo das paixões.  
 As amigas rivaes, ou Henriqueta e Luiza.  
 Os affectos do ciúme; por Encage.  
 O triumpho da virtude.  
 Os effeitos da soberba.  
 Os dous Robisons. Tom. 1.<sup>o</sup>  
 O Iacharel de Salamanca. Tom. 1.<sup>o</sup> até 6.<sup>o</sup>



- Palemon ou os efeitos da saudade; por Marimontel. Contos Moraes, Dialogos, e Anecdotes pelos melhores Autores Alemães, tirados em vulgar. Folheto 1.<sup>o</sup>
- A ilha incognita, ou memorias do Cavalleiro de Gacrinez. 6. vol.
- As mil e huma noute, contos Arabicos. 8. vol. 8.<sup>o</sup>
- Vida de Rozeli, ou o desgraçado de Napoles.
- Os sonhos dos homens acordados ou as Sultanas de Guzarate. 5. vol.
- Adelia de Sinange. 1. vol.

## ART. VII.—

## VACCINA.

*Instituição Vaccínica da Academia Real das Sciencias  
de Lisboa, em Agosto.*

Director. — José Feliciano de Castilho.

Secretario. — Francisco de Mello Franco.

Bernardino Antonio Gomes.

Francisco Elias Rodrigues da Silveira;

Membros. — José Maria Soares.

José Pinheiro de Freitas Soares;

Wencesláo Anselmo Soares.



# *Erratas do IV. Volume.*

Lida a ultima linha da pag. 105, lêa-se a ultima da pag. 107, depois do que continúa a ler-se da primeira linha da pag. 106. A lição da penultima linha da pag. 107 segue-se a da primeira da pag. 108.

Fr. Manoel do Bom Jesus, Religioso da Provincia da Conceição de Portugal, da Ordem de S. Francisco, Leitor de Theologia Dogmatica no Convento de Santo Antonio de Vianna do Minho, lendo a sua *Memoria sobre a Villa de Vianna do Minho* inserta em o Num. XVIII. do Jornal de Coimbra, desde a pag. 141 até 163, inclusivè, encontrou os seguintes erros typographicos, que emenda, e roga aos Senhores Redactores, queirão fazer d'elles menção no seu Periodico, assim como d'alguns retoques, e mudanças.

## No Texto.

Pag. Lin.	Erros.	Emendas.
145 19	o a Prelasia	o da Prelasia
146 10	a honra da	a honrada
147 3 do §. 2. <sup>o</sup>	no tempo mesmo	ainda no tempo
149 16 do §. 3. <sup>o</sup>	e despedia outros	e despedia outras
150 9 do §. 4. <sup>o</sup>	nos dias mesmo	nos mesmos dias
151 15	o mesmo effeito!	o mesmo effeito:
152 11	e alguns mesmo	e tambem alguns
155 7	do Rio sem	do Rio, sem
157 14 do §. 5. <sup>o</sup>	a do Porto mesmo	a mesma do Porto
ibid 15 e 16 do d. <sup>o</sup>	excedem tambem outras	excedem tambem a outras
159 6	n' huma carta	N' huma Carta
161 7	porque está a coberto	porque está livre
163 28	pois lê	pois se lê
ibid 15	ó homens	6 homens



## Nas Notas.

Pag.	Not.	Lin.	Erros.	Emendas.
144	3	3	e mesmo por motivos	e ainda por motivos
147	1	3	que offerecem	que o referem
149	5	3	anno de 1760	anno de 1560
151	2		supra folh. 181	supra pag. 181
ibid	3	6	plebêins	plebêiens
153	5		no Reinado mesmo	já no Reinado
154	1	4	tit. 90. §. 2.º distin- guem	tit. 91. §. 2.º distin- guem,
155	5	7	Filippe I. e II.	Filippe I. II. e III. (nos primeiros annos)
161	5	3	esta supri eu	esta falta supri eu

Erratas na Memoria de Constantino Botelho de Lacerda Lobo,  
sobre os Pésos, publicada em o Num. XVIII. pag. 173.

			Erros.	Emendas.
Pag. 175	nota 1. <sup>a</sup>	lin. 4	V = P	V = P D
Pag. 178	nota 1. <sup>a</sup>	lin. 5	par Mr. Sigaud de la Fend	La Fond
Pag. 182	Cor. 4. <sup>o</sup>	.....	meio volumosas	mui volumosas

Emendas dos erros, que se encontrão na Memoria, que sobre  
o Concelho de Monte Alegre ou Barroso Escreveo o Bacharel Ma-  
noel Antonio de Moraes Mendonça, publicada no Num. XVI. do  
Jornal de Coimbra, pag. 323.

	Erros.	Emendas.
§. 3 — lin. 18 —	Terra	Terva
§. 4 — lin. 5 —	E. N.	N. E.
§. 4 — lin. 16 —	augmentar	augmentão
§. 6 — lin. 5 —	Leiraneo	Leiranco
§. 6 — lin. 6 —	Terra	Terva
§. 6 — lin. 7 —	Lacanhio	Lazanhio
§. 7 — lin. 6 —	produzir	produzir
Nota do §. 22 — lin. 6 —	Estender	entender



# INDICE DO VOLUME IV.

## AGRICULTURA.

- O**bservações anonimas sobre as Lezírias, e a necessidade de seguir hum methodo para o seu melhoramento . . . 91

## BELLAS ARTES.

- Carta de Joaquim de Carvalho, Dr. em Theologia, e Prior de Ventosa aos Redactores sobre o Desenho e Esculptura 245  
 Dissertação prévia sobre o merecimento de João de Barros, e sobre os Neoterismos, Arcaismos, e Idiotismos da Língua Portuguesa, por Antonio Pereira de Figueiredo . . . 8  
 Vida e Feitos do Excm. D. Fr. Caetano da Annuniação Brandão, Religioso da Congregação da 3.<sup>a</sup> Ordem da Penitencia, Bispo do Pará, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas . . . 19, 105, 240, 335  
 Memoria sobre a Villa de Vianna do Minho por Fr. Manoel do Bom Jesus, Religioso da Provincia da Conceição de Portugal, da Ordem de S. Francisco, Leitor de Theologia Dogmatica no Convento de S. Antonio de Vianna do Minho . . . 141  
 Litteratura Cômica Nacional (anonimo) . . . 93  
 Ode Pindarica ao General Silveira, por José Pinto Rebello de Carvalho . . . 56  
 Advertencias a respeito do Hymno do Sol,  
 Memoria sobre a Cidade d'Aveiro, e do Ms. de M. J. V. 70  
 Prospecto al Periodico titulado El amigo d'el Pueblo (Gazeta de Badajoz) . . . 99  
 Tabella Statistica de Paris no anno de 1812 . . . 204  
 Taboa Chronologica do Seculo XIX., arranjada por A. de A. Medico em Penafiel . . . 377



## BIBLIOGRAPHIA.

<i>Taboa Bibliographica Portugueza do Seculo XIX., remetida por Antonio de Almeida, Medico do Partido de Penafiel . . . . .</i>	3,	384
<i>Lista dos Livros novos Portuguezes . . . . .</i>	102,	263
<i>Catalogo das Obras impressas de José Daniel Rodrigue da Costa . . . . .</i>		95
<i>Relação dos Livros modernos, que se achão de venda em Lisboa na Loja da Viuva Bertrand . . . . .</i>		256
<i>Noticia do Patriota, Jornal do Rio de Janeiro . . . . .</i>		100

## COMMERCIO.

<i>Lista das Embarcações, que entrarão e sairão em quasi todos os Portos de Portugal nos mezes de Maio e Junho de 1813 . . . . .</i>	186,	272
--	------	-----

## ESTUDOS SUBSIDIARIOS.

<i>Relações de Concurso de Cadeiras . . . . .</i>	98,	203,	266
<i>Approvação nos Estudos Subsidiarios da Universidade de Coimbra, em Julho de 1813 . . . . .</i>			266

## HIDRAULICA.

<i>Reflexões dos Redactores sobre muitos dos Rios de Portugal, e alguns do Brazil. . . . .</i>		82
<i>Memoria anonima sobre a Navegação do Têjo . . . . .</i>		86

## MEDICINA.

Continuação da Collecção dos Estatutos, Leis, e Alvarás, relativos a Medicina, Cirurgia, etc. remetida por Antonio de Almeida, Medico de Penafiel . . . . .	71,	253,	305	
Relação dos Membros da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa nos mezes de Maio, Junho, Julho, Agosta . . . . .	98,	203,	297,	392
Relação dos Correspondentes da Instituição Vaccinica, que foram premiados este anno de 1813 . . . . .			297	
Reflexões sobre Vaccina . . . . .			297	
Relação nominal dos Medicos e Cirurgiões de Partidos, que ha nas 21 terras da Comarca de Portalegre . . . . .			377	
Relação dos Delegados e Subdelegados do Physico Mór do Reino, e do Cirurgião Mór do Reino em Portugal . . . . .			96	



Conta de Janeiro de Nicoláo Moral, Medico em Lagos, no Reino do Algarve . . . . .	211
Conta de Janeiro de Antonio Jacinto Vidal, Medico das Camaras de Villa Franca de Xira, e Povos . . . . .	219
Conta de Janeiro de Francisco Gomes da Mota, Medico em Lagos, no Reino do Algarve . . . . .	234
Carta anonima aos Redactores sobre o tratamento das Dysenterias praticado no Hospital Militar d'Abrantes pelo Dr. Halliday . . . . .	237
Extracto da Conta dada por José Antonio Banasol, Medico do Partido da Cidade d'Elvas, e relativo ao mez, que decorreo desde 15 de Janeiro até 15 de Fevereiro de 1813 . . . . .	205
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por João Pedro Alexandre Caminha, Medico dos Partidos de Benavente, e Samóia Corrêa . . . . .	206
Extracto da Conta de José Manoel Chaves, Medico do Partido de Grandôla, Provedoria de Setubal . . . . .	208
Extracto da Conta de Hippolito Urbano Nobre, Medico do Partido d'Alequer do Sal, Provedoria de Setubal . . . . .	210
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por Maaonel Tavares de Macedo, Medico do Partido da Camara de Torres Vedras . . . . .	215
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por Theotonio Pinto da Cunha, Medico do Partido d'Ovar, Provedoria d'Aveiro . . . . .	226
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por Joaquim Pereira de Souza, Cirurgião de Villa Alva, Provedoria de Béja . . . . .	227
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por José Francisco da Costa Herrera, Cirurgião dos Partidos d'Odemira, Provedoria do Algarve . . . . .	232
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por Gaspar Lopes da Trindade, Medico do Partido da Villa do Torrão, Provedoria de Béja . . . . .	233
Extracto da Conta, de Janeiro, dada por Francisco Bento Pedreira de Brito, Cirurgião encarregado dos Partidos de Medicina e Cirurgia de Villa nova da Cerveira, Provedoria de Vianna . . . . .	235
Observações sobre hum prenhez terminada pela putrefacção do feto, por Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Medico do Hospital Militar d'Abrantes . . . . .	213
Observações sobre o uso do fructo do Castanheiro da India <i>Ecus Hippo-Castanum</i> , Linn. pelo mesmo F. X. d'A. Pimenta . . . . .	214
Discurso sobre a causa da Epidemia accoitecida na Praça de Peniche no anno de 1809, e parte de 1810, e das febres da mesma classe, que apparecem todos os annos, por Paulino da Rocha, primeiro Cirurgião do Hospital Militar da mesma Praça . . . . .	223



- Escrepito anonymo sobre a Correspondencia entre os dous Medicos de Lisboa F. E. R. da S. e A. P. d'A., a qual faz o principio do Nam. XIV. do J. de C. . . . . 299
- Carta de Valentim Sedano Bento de Mello, Medico do Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha, aos Redactores, sobre a utilidade da agua das Caldas da dita Villa nas molestias venereas . . . . . 73
- Novo especifico para as molestias venereas e linfaticas . . . . . 303

## PHYSICA.

- Observações meteorológicas feitas no Gabinete de Physica Experimental e no Hospital da Universidade de Coimbra . . . . .
- Na Villa de Mont'Alegre . . . . . 63, 164, 267
- Em Rendufe . . . . . 69, 169
- Em Vianna do Minho . . . . . 170, 274
- Em Santa Cruz do Cima Tamega . . . . . 172
- Em Elvas . . . . . 172
- Em Nisa . . . . . 172
- Relação dos Instrumentos Mathematicos, que fabrica em Lisboa Jacob Bernardo Haas, Artista e Machinista de Sua A. R. o Principe Regente N. S. . . . . 183
- Memoria sobre os pesos, de que se faz uso no nosso Commercio, por Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental na Universidade de Coimbra . . . . . 173
- Nova resposta do Dr. C. B. de L. Lobo a Antonio de Araujo Travassos, sobre a densidade da agua em differentes profundidades . . . . . 320

## TOPOGRAPHIA.

- Extracto da Descripção Topographica da Villa de Monchique no Reino do Algarve, por Manoel Gascon, Medico . . . . . 209

## LISBOA:

## NA IMPRESSÃO REGIA.

Cem Licença.



LISTA DOS ASSIGNANTES  
DO  
JORNAL DE COIMBRA,

NO

1.º SEMESTRE DE 1813.

---

(Continuada do Num. XVI.)

- Senhor *Aniceto Manoel Lopes Salgueiro*. — Médico do Partido da  
Camara da Villa de Porto de Moz, Comarca de Leiria.
- *Caetano José da Costa*. — Estudante do Quinto Anno de  
Medicina da Universidade de Coimbra.
- *Conde de Linhares*.
- *D. Francisco Xavier de Noronha*. — Tenente General,  
Conselheiro de Guerra, Presidente da Meza da Consci-  
encia e Ordens.
- *Fernando Antonio Cardoso*. — Lisboa.
- *Joaquim Baptista*. — Doutor na Faculdade de Philosophia,  
Médico do Partido da Camara de Vouzella.
- *Joaquim Rafael do Vale*. — Provedor da Comarca de Santa-  
rém.
- *João Antonio de Leão*. — Médico.
- *João da Silva Soares de Menezes*. — Médico na Villa da  
Figueira.
- *João Vicente da Silva*. — Médico em Villa Viçosa.
- *Jorge Morse*. — Director do Hospital Militar de Mafra.
- *José Antonio Ferreira Leal*. — Médico do Partido da Cida-  
de de Castello-branco.



— *José Homem de Figueiredo.* — Doutor Oppositor ás Cadeiras de Philosophia, Demonstrador de Physica na Universidade de Coimbra.

— *José Nunes Chaves.* — Médico do Partido da Camara de  
Villa Nova de Portimão, Reino do Algarve.

— *Pocidonio Vicente Vidigal Pinhão.* — Monte Mór o Novo.

— *Sebastião José de Carvalho.* — Médico em Poiães, Comarca de Coimbra.



1  
2

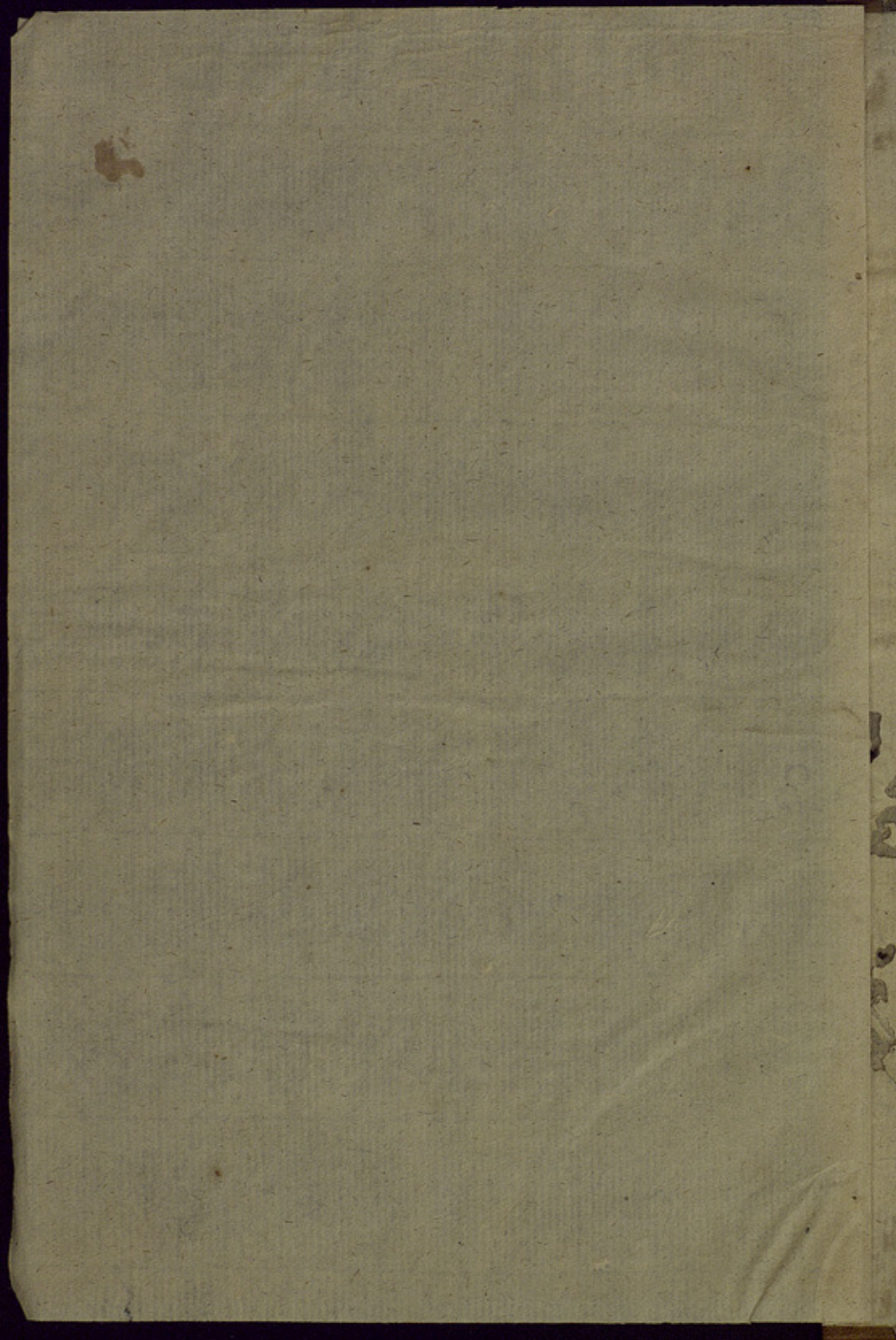


1847  
The first of the year was a very cold one  
and the weather was very disagreeable  
for the first of the year.  
The first of the year was a very cold one  
and the weather was very disagreeable  
for the first of the year.  
The first of the year was a very cold one  
and the weather was very disagreeable  
for the first of the year.

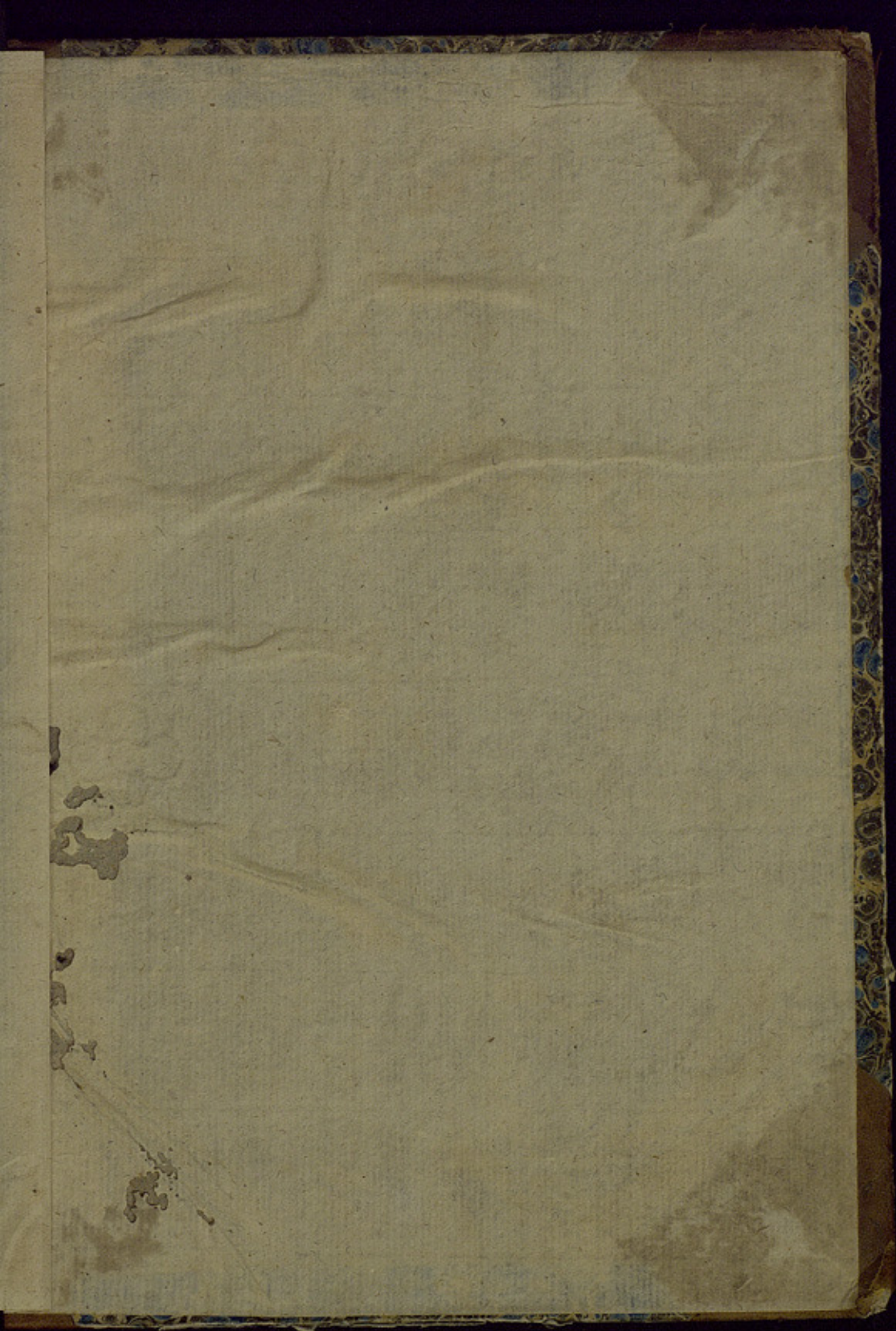


17-5-4















N.º  
17 a 20

JORNAL  
DE  
COIMBRA



VOLUME II  
1813.

